

# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

---

**"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais**

lutando por dinheiro e poder,  
então nossa sociedade poderá  
enfim evoluir a um novo nível."

---

**José Ângelo Gaiarsa**

**Respiração e Angústia**

**1ª Edição**

**1971**



**EDITORA  
ÁGORA**

Nenhuma Constituição garante aos homens o Direito de Respirar.

Nenhum Direito mais necessário: os homens vivem sufocando-se uns aos outros.

Você me sufoca sempre que não digo a você o que penso, sempre que mudo de voz para que você não descubra o que estou sentindo, sempre que falo sozinho dando explicações para meu Juiz Interior — que é você, sempre que diante de você fico me vigiando e controlando.

Minha vingança é exigir o mesmo de você.

Somos todos estrangulados.

Somos todos estranguladores.

Quantos de nossos problemas estariam relacionados com a respiração, algo tão fundamental e, paradoxalmente, tão negligenciado? Ao tratar desse fenômeno, este livro busca ampliar nossa consciência corporal para que possamos lidar melhor com tais dificuldades. Traz exercícios respiratórios, casos clínicos e até mesmo análises etimológicas. Com rica fundamentação teórica, aliada ao conhecimento resultante dos muitos anos de prática profissional do autor, a obra torna-se acessível graças ao modo peculiar de escrita que sempre caracterizou J. A. Gaiarsa.

## **RÉQUIEM PARA GAIARSA**

Enquanto Gaiarsa revia este volume, completou 90 anos; aos 90 anos e dois meses, nos deixou. Passou a vida clinicando, pensando sua prática e observando seus clientes, sem medo de inovar. Enriqueceu sua clínica e ao mesmo tempo todos nós, seus colegas. Seu trabalho tornou-se uma referência de mudança na psicoterapia brasileira.

Já nos idos de 1960, ao nos dar de presente sua ideia inovadora na ciência do comportamento — a união de corpo e sentimento pela via da respiração -, dela nos tornou herdeiros. Seu pensamento foi um passo adiante na linhagem de Freud, Ferenczi, Reich. Gaiarsa nos deu esta pérola de sabedoria: o jeito de respirar pode gerar angústia ou aliviar dores da alma.

Esta obra é um orgulho para nós. Com ela aprendemos a controlar as emoções, tudo dentro do espaço da pura observação científica.

Adeus, Gaiarsa!

*Anna Verônica Mautner*

**O DR. JOSÉ ÂNGELO GAIARSA** é médico psiquiatra, Prêmio Fundação Rockefeller de 1946 da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo.

Já publicou dois “best-sellers”, *A Juventude Diante do Sexo*, sobre sexualidade, amor e família, e *A Engrenagem e a Flor*, sobre psicologia social. Publicou também artigos em revistas e jornais, polemizou em programas de TV, deu cursos populares sobre temas de sua especialidade.

Seu valor na área da divulgação científica tende a obscurecer o fato de que ele é também um cientista, com trabalhos publicados em revistas especializadas; de que ele é um psicólogo clínico com vinte e cinco anos de rica experiência no campo das relações humanas; de que ele é um inovador incansável em seu ramo, criando e testando constantemente novos esquemas teóricos e novas técnicas psicoterápicas; de que ele é um profundo conhecedor das ideias de C. G. JUNG e de W. REICH, tão mal conhecidos em nosso meio e tão importantes para a compreensão do homem.

Freud esqueceu-se de que o homem tem um tórax, no qual existem o coração e os pulmões. Esta omissão vicia todo seu esquema sobre a personalidade humana e seu desenvolvimento.

Movido pelos estudos de W. REICH e pelo conhecimento das técnicas de Yoga,

o DR. GAIARSA passou a aprofundar o tema sistematicamente.

Este livro tenta estabelecer o valor e o significado psicológico da Respiração.

Cada capítulo do livro reúne uma classe de argumentos e de demonstrações da tese, desde seus fundamentos históricos, fisiológicos e embriológicos, até as provas clínicas, culturais e etimológicas.

A linguagem é clara e atraente, desenvolvendo-se “ao modo de alguém que fala com o leitor como se ele estivesse falando sozinho”.

Os relatos clínicos são vivos e humanos.

O relacionamento do terapeuta com o paciente foge a qualquer esquema conhecido, mostrando-se inspirado e provocativo.

Aos olhos de uma pessoa simples, respirar é encher um vazio (o peito) com nada (o ar). Mas se a respiração se detém, a vida acaba. Logo, aquilo que mantém a vida é uma essência invisível. Assim nasceu no homem a noção de espírito.



Direitos desta edição reservados a José A. Gaiarsa

Capa de:

PAULO MARTINS GAIARSA

1.<sup>a</sup> edição

1971

IMPRESSO NO BRASIL — PRINTED IN BRAZIL

**JOSÉ A. GAIARSA**

**Nascimento:** 19 de agosto de 1920, Santo André, São Paulo

**Falecimento:** 16 de outubro de 2010, São Paulo, São Paulo

RESPIRAÇÃO E ANGÚSTIA

EDITORA E LIVRARIA INFORMÁTICA LTDA.

Endereço:

Rua D. José de Barros, 152 — 11º andar — s. III

São Paulo — SP — Brasil

## ÍNDICE

ESTE LIVRO É SÉRIO?

I — TRÊS GRANDES ESPÍRITOS — FREUD, JUNG E REICH

II — NÚMERO DE ESPÍRITOS CONTIDOS NOS SONHOS

III — O LUGAR, A ORIGEM E A FUNÇÃO DO ESPIRITO NO CORPO

IV — CASOS CLÍNICOS

V — ETMOLOGIA:

PENSAMENTO DE DESPEDIDA

## ESTE LIVRO É SÉRIO?

PARA MIM ELE É MUITO SÉRIO, MAS A REAÇÃO DE MUITAS PESSOAS a outras publicações minhas, me obriga a colocar esta pergunta ridícula logo no começo do livro.

Negócio seguinte: para muitos, coisa séria é aquela exposta em ordem didática, em tom autoritativo (evitemos o termo autoritário, que hoje soa mal), que começa pelo começo e termina pelo fim; ainda, é preciso expurgar o texto, com todo o cuidado, de qualquer insinuação pessoal, de qualquer frase bem-humorada e de qualquer pensamento errático ou caprichoso, que possa quebrar a pureza acadêmica do texto.

Se não é assim, não é sério (o que é verdade, tomando-se sério no sentido de *expressão facial* séria). Sub-repticiamente se insinua, porém, outra ideia: se não é assim, então não é verdadeiro — e aqui o sofisma se faz evidente. Pior ainda: se não é assim, então não merece ser levado a sério — é uma coisa sem importância.

Não é preciso ser psicanalista para ver operando nestas transposições de sentido o velho e querido complexo de autoridade de todos — mesmo dos mais libertos. Quem fala de “jeito sério”, não raro carrancudo, pedante e autoritário, é o velho patriarca, seja ele o pai, o professor, o presidente e outros.

Se não foi papai que falou, então não é preciso dar atenção nem se incomodar: esta a puerilidade dos que exigem estilo sério para as coisas *se fizerem* importantes (à custa do estilo!).

Devo confessar outro pecado que faz de mim um autor “não muito sério”: este livro foi pensado, vivido, sofrido e redigido ao longo de vinte anos de vida pessoal e profissional. Seu estilo é muito desigual, acompanhando em certa medida as peculiaridades de cada etapa de minha vida. Nesse sentido ele é ao mesmo tempo a exposição de uma teoria e a história desta mesma teoria.

É um livro vivo.

Uma velha amiga me disse, após a leitura de alguns trabalhos meus: “Gaiarsa, seus livros me confundem sempre; no decorrer da leitura são frequentes os momentos de grande euforia, quando você toca em pontos que despertam algo latente dentro de mim. Então é como se eu própria estivesse criando. Ao terminar a leitura, porém, sinto certa

perplexidade: sou incapaz de reproduzir em linhas gerais o que você disse, e isso é frustrante.”

Eu sei. Sei como é e sei por que é.

Minha linguagem é muito subjetiva, isto é, *imita demais a forma como nós falamos sozinhos, a forma do diálogo interior*. Digamos que eu sofro de um grave defeito profissional: há vinte e cinco anos que meu trabalho me leva a cultivar esta forma verbal oito horas por dia.

Meu trabalho é viver falando com as pessoas como se elas estivessem falando sozinhas.

A lenda do aprendiz de feiticeiro na certa consagra este fato, elevando-o à classe de mito coletivo: fazemos nosso trabalho e na mesma medida ele nos faz.

Por isso, também, muitas das críticas que me são dirigidas podem ser tidas como defesas psicológicas: como estou continuamente falando com o leitor e para o leitor, de modo bem pessoal e íntimo, o conteúdo de meu escrito tende a se infundir, a se propagar ou a contaminar o leitor, *como se ele estivesse pensando a sós*.

Muitos leitores conversam comigo como se estivessem em diálogo com seu superego...

\* \* \*

Diante dos cânones super-rígidos da forma acadêmica, meu pecado maior deve ser a falta de bibliografia. Como não há, na página certa, a esperada lista, e como não há no texto as esperadas chamadas numéricas, conclui-se que eu não li nada; logo, ou não sei nada ou invento o que me apraz — dá na mesma.

Devo dizer: li e leio muito, mas não leio fazendo fichas; escrevo muito desde os quinze anos e nunca fiz um trabalho científico em sentido formal, isto é, projetado antecipadamente, com método e materiais programados e todas as demais etapas. Sou clínico e ensaísta, clínico por força da necessidade e ensaísta por inclinação pessoal.

Só o homem de laboratório pode fazer trabalho científico de acordo com os cânones estabelecidos.

O clínico não é um cientista a mais; ele é *outra espécie* de cientista. É aquele que se dedica a estudar o fato concreto e singular, todo envolto em sua circunstancialidade e historicidade; é o mineiro que colhe da

torrente de realidade aquelas questões significativas que o homem de laboratório tentará isolar e imobilizar, a fim de compreender *de certo modo*, que é obviamente o modo isolado e imobilizado (que outro poderia ser)?

É o clínico que depois absorve *em si, como pessoa e não como cientista* — o achado de seu companheiro de laboratório e assim, melhor equipado, retorna para o concreto, mais apto a modificá-lo.

Só o clínico pode, *agindo profissionalmente como pessoa*, reintegrar e mobilizar a verdade isolada e imóvel que lhe veio do laboratório.

Claro que os dois tipos de cientistas interagem dialeticamente; seria bom se compreendêssemos ambos que somos úteis, mas que compreendêssemos também que *somos diferentes* e que não vivêssemos a exigir o inadequado um do outro; muito melhor ainda se não vivêssemos *a nos criticar por nossas diferenças pessoais, sob o disfarce de nossas diferenças profissionais*. Estas na certa estão em correspondência com diferenças pessoais importantes e, segundo o princípio do aprendiz de feiticeiro, na medida em que cada um se dedica ao que é seu, mais se confirma e mais se desenvolve nesta direção.

A aceitação do outro — com tudo aquilo em que ele é diferente de mim — não é apenas a mais fundamental das virtudes sociais; ela é também vital para que a ciência se desenvolva de modo orgânico, bem unido, bem humano e bem humanizante.

Na verdade, não creio em outro remédio para o especialismo.

Por isso, ainda que não pareça, creio que este livro é muito sério.

De que cuida este livro?

Da Respiração,

De Seu Significado

e de Seu Valor Psicológico.

Este livro é um Ovo de Colombo; mostra insistentemente que a respiração está na base de toda a fenomenologia psicológica, em paralelo com seu valor biológico; a respiração é uma função biológica *urgentemente necessária sempre* — e só ela é urgentemente necessária sempre; já após *alguns segundos* começamos a sentir sua falta, que é sempre muito aflitiva, muito rapidamente aflitiva e muito rapidamente

insuportável. Em relação às demais funções (comer, beber, sexo, dormir), podemos passar várias horas *sem realizá-las e sem sentir a menor ansiedade ou desconforto* — muito menos a sensação de morte iminente que se liga à asfixia.

Não estaria aí a explicação da angústia (como asfixia, consequência de inibições respiratórias) e ao mesmo tempo da permanência do eu? Que outra função se faz em nós continuamente, do nascimento à morte?

A primeira coisa que o recém-nascido humano faz ao nascer, e a primeira coisa que ele faz em sentido próprio, *é respirar*.

Este livro desenvolve estes fatos e muitas de suas consequências. Junto com a respiração cuidamos da palavra, que é um parasita ou um derivado da respiração.

*Se a estrutura do fenômeno respiratório pode ser considerada base da organização do eu psicológico, a palavra pode ser considerada o fundamento do eu como entidade cultural.*

Esquecer a *psicologia* da palavra (não confundir com o significado das palavras) é ignorar o homem, simplesmente.

\*\*\*

Quem queira um resumo do livro poderá lê-lo no início de cada capítulo.

\*\*\*

Este livro não teria sido escrito se eu não tivesse conhecido a Freud, Stekel, Ferezi, Horney, Adler, Klein, Alexander, French, Patanjali, Fisiologia Respiratória, embriologia do pulmão, Semântica, Yoga, Schultze, Cibernética, Psicologia da Gestalt, Pavlov, Skinner, Massermann, Cannon, Sherrington, Aristóteles, Aquino, Sartre, Nietzsche, Uexkul, Lorenz, Timbergen, mas principalmente a

CARL GUSTAV JUNG

e

WILHELM REICH

aos quais dediquei a maior parte de mim mesmo. A meu modo sou eles. Este livro é nosso.

Quem queira se iniciar na nova teoria pelo caminho mais agradável e mais fácil, poderá começar a leitura do livro pelo capítulo IV —

CASOS CLÍNICOS, seguindo depois pelo capítulo V — ETIMOLOGIA; depois lerá sobre os sonhos (Capítulo II), sobre os antecessores (Capítulo I) e, por fim, o capítulo sobre Fisiologia (III).

O livro segue a ordem histórica e lógica — a bem dos acadêmicos...

*São Paulo, outubro de 1970*



**DR. JOSÉ A. GAIARSA**

## I — TRÊS GRANDES ESPÍRITOS — FREUD, JUNG E REICH

Neste capítulo procura-se demonstrar que estes três pioneiros da Psicologia Profunda ao mesmo tempo que ignoraram a importância da respiração, mostraram em seus estudos e análises clínicas que de algum modo a percebiam — de forma inconsciente. Mostra, também, vários erros ou impropriedades nas teorias respectivas, decorrentes desta. Esta análise de analistas não é tarefa muito fácil e a leitura do capítulo exige muita atenção do leitor. A omissão da respiração, que é total em Freud, atenua-se em Jung desaparecendo em Reich. Este reconheceu em princípio o valor central da respiração, mas não se dedicou a pormenorizá-lo. Outrossim, a ligação entre respiração e fala — ou palavra — é frouxa em Reich (quando, a nosso ver, ela é fundamental).

### FREUD

Até onde me é dado saber, Freud nunca se deu conta da fenomenologia respiratória; nunca lhe passou pela mente buscar os possíveis correlatos mentais desta fenomenologia.

Mas, a ser universalmente válida a tese proposta, como pretendemos, então devemos encontrar, nos escritos de Freud, referências a  *fatos*  pertinentes, ainda quando faltem as interpretações correspondentes. Com este propósito em mente, escolhi para exame um sonho clássico do próprio Freud, descrito e interpretado por ele próprio.

Pretendo evidenciar no sonho quais e quantas expressões e alusões existem, referentes à respiração ou à fonação. Citarei textualmente o próprio Freud, acrescentando os comentários, a meu ver pertinentes.

O texto encontra-se nas *Obras Completas* de S. Freud, 1º volume da tradução espanhola, editada por Biblioteca Nova, Madri, 1948, da pág. 312 à pág. 318.

Informação preliminar. Em princípios do verão de 1895, submeti a tratamento psicanalítico jovem senhora à qual tanto eu quanto os meus professávamos carinhosa amizade. A mescla dessa relação amistosa com a profissional constitui para o médico — e muito mais para o psicoterapeuta — fonte inesgotável de inquietude. *Seu interesse pessoal aumenta e, em troca, diminui sua autoridade.* Um fracasso pode arrefecer a velha amizade que o une aos familiares do enfermo. Nesse caso, a cura terminou com êxito parcial: a paciente ficou livre de



sua angústia histérica, mas não de todos os seus sintomas somáticos. Naquela ocasião, não me sentia de todo seguro sobre o critério adequado à terminação do tratamento de uma histeria, e propus à paciente uma solução a seus olhos inaceitável. Em chegando a época de férias, tivemos de interromper o tratamento dentro de tal desacordo. Assim postas as coisas, recebi a visita de um jovem colega e bom amigo, o qual havia visto Irma — minha paciente — e sua família, na sua residência de verão. Quando lhe perguntei como havia encontrado a enferma, respondeu-me: “Está melhor, mas não de todo”.

Estas palavras de meu amigo Oto, *ou talvez o tom em que foram pronunciadas*, me irritaram. Acreditei ver nelas uma reprovação por haver prometido demais à paciente e atribuí — com razão ou sem ela — a suposta atitude de Oto contra mim, à influência dos familiares da paciente, dos quais suspeitava não vissem com bons olhos o tratamento. De qualquer modo, a sensação penosa despertada em mim pelas palavras de Oto não se fez muito clara nem muito precisa e absteve-me de exteriorizá-la. Naquela mesma tarde redigi, por escrito, o historial clínico de Irma, com o propósito de enviá-lo, a modo de justificação, ao Dr. M., então a personalidade a dar o tom profissional em nosso círculo. Na noite imediata, mais exatamente de madrugada, tive o seguinte sonho, escrito logo ao despertar *e o primeiro submetido a uma interpretação minuciosa por mim*.

### **Sonho de 23 para 24 de julho de 1895.**

Um “hall” amplo. Muitos convidados, aos quais recebemos. Entre eles Irma, da qual me aproximo logo, a fim de responder sem perda de tempo à sua carta e reprová-la por não haver aceito ainda a “solução”.

Digo-lhe: “Se ainda tens dores, a culpa é toda tua”.

Ela me responde: “Se soubesses as dores que sinto agora na garganta, no ventre e no estômago! Sinto uma opressão...”

Assustado, observo-a com atenção. Está pálida e intumescida. Penso se não me passou despercebido algo orgânico.

Levo-a para junto de uma janela e disponho-me a examinar sua garganta.

De início resiste um pouco, como o fazem, neste caso, as mulheres que usam dentaduras postiças. Penso que Irma não precisa delas. Por fim

abre bem a boca e vejo, à direita, uma grande mancha branca e, em outras regiões, singulares escaras acinzentadas, cuja forma lembra a dos cornetos nasais.

Chamo pressurosamente ao Dr. M., o qual repete e confirma o achado.

O Dr. M. apresenta um aspecto bem diferente do habitual: está pálido, coxeia e cortou a barba. Meu amigo Oto acha-se agora a seu lado e meu amigo Leopoldo percute Irma, por cima da blusa e diz: “Há uma zona de macicez baixa à esquerda, e uma parte da pele infiltrada no ombro esquerdo”. (Sinto o fato tão bem quanto ele, não obstante o vestido).

O Dr. M. diz: “Não há dúvida, é uma infecção. Mas não há com que se preocupar; sobrevirá uma disenteria e o veneno será eliminado”.

Sabemos também imediatamente, de onde provém a infecção. Nosso amigo Oto deu recentemente injeção em Irma, quando esta se sentiu mal, injeção à base de propil... propileno... ácido propiônico... trimetilamina (cuja fórmula vejo impressa em grandes letras). Não se aplica injeção desse gênero tão levianamente. Provavelmente, além do mais, a seringa estaria suja.

Antes de nos adentrarmos no exame minucioso das associações de Freud a este sonho, façamos um resumo e uma pequena hipótese de orientação, em relação à qual nos seja dado situar cada elemento da análise.

A figura central desse sonho é indiscutivelmente Irma. Gira todo ele em torno da doença da Irma do sonho (logo veremos quão pouco tem esta a ver com a Irma real). A doença está situada exclusivamente na garganta e no tórax, isto é, fonação — respiração!

O próprio Freud atribuiu a este sonho um valor extraordinário; seu livro sobre sonhos é tido, por quase todos, como a mais fundamental de suas obras; este é o primeiro sonho examinado por Freud no livro; e este é, segundo o relato acima, o primeiro sonho submetido por Freud a uma análise rigorosa.

Espíritos levianos, dispostos sempre a “explicar” o inexplicável à custa de coincidências fortuitas, talvez não deem a este acúmulo de “coincidências” o devido valor. Eu dou — inspirado por Jung. Não sei

se nos é dado explicá-las bem — ou todas. Mas elas são importantes, quer sejam explicadas quer não.

Outra “coincidência” deve ser acrescentada a estas, a mais trágica e a mais significativa de todas: Freud morreu de câncer do palato e da mandíbula, praticamente a região focalizada pelo sonho.

Espero concorde o leitor comigo. A escolha deste sonho não é tendenciosa e quase não é minha. Foi feita por Freud e pelo destino.

Voltemos a ouvir o mestre.

Este sonho apresenta, em relação a muitos outros, uma vantagem; revela imediatamente, e com clareza, os sucessos do último dia com os quais está entrelaçado, e qual o tema retratado por ele. A notícia dada por Oto sobre o estado de Irma, e o historial clínico em cuja redação trabalhei até muito entrada a noite, continuaram ocupando a minha atividade anímica durante o repouso. Não obstante, pela informação preliminar e pelo conteúdo do sonho, ninguém poderia suspeitar o significado do mesmo. Nem mesmo eu o conheço por enquanto. *Assombram-me todos os sintomas patológicos dos quais se queixa Irma no sonho, pois não são os mesmos pelos quais ela foi levada a tratamento.*

Aí está, leitor. A Irma do sonho não tem muito em comum com a Irma da realidade. Esta é a primeira diferença; outras existem. A Irma do sonho, pela sua doença, representa a “doença” de Freud.

A ideia desatinada de administrar a um doente injeção de ácido propiônico, e as palavras consoladoras do Dr. M. movem-me ao riso.

Releia o sonho, leitor; não foi o ácido propiônico a substância injetada, mas sim a trimetilamina. Freud comete este *lapsits* três vezes ao longo de seu relato!

O riso é, acima de tudo, um fenômeno respiratório. Até que ponto Freud, enquanto dormia, foi movido, não sabemos por que, ao riso? Ter-se-ia criado assim, no seu sonho, um contrassenso cômico, apto a representar esse riso de origem ignorada. Esta é uma pequena hipótese parcial, pouco provável quando fundada apenas neste fato. Mas posta em paralelo com muitos mais, talvez ganhe evidência maior.

O sonho se mostra, ao se aproximar do fim, mais escuro e comprimido do que no princípio.

Note leitor: o sonho se “comprime”. Pus em paralelo este comentário de Freud com a primeira afirmação contida no sonho: *um grande “hall”*. Usando minha experiência na interpretação de sonhos, posso dizer sejam quase sempre, os espaços amplos, representação alegórica de respiração fácil; do mesmo modo, e em sentido contrário, o estreito representa, quase sempre, uma dificuldade respiratória. Angústia = estreito.

Para averiguar seu significado, deverei submetê-lo a uma análise penetrante e minuciosa.”

**ANÁLISE: Um hall amplo; muitos convidados aos quais recebemos.**

Durante este verão vivemos em uma “vila” denominada *Bellevue*, situada sobre uma das colinas próximas a Kahlenber. Esta “vila” havia sido destinada anteriormente a ser cassino, tendo por isso acomodações de *amplitude superior* à corrente. Meu sonho se desenvolveu em *Bellevue*, poucos dias antes do aniversário de minha mulher. Na tarde precedente, minha mulher havia manifestado a esperança de que viessem jantar conosco alguns amigos, entre eles Irma. Meu sonho, portanto, antecipa esta situação. É o aniversário de minha mulher e recebemos no grande *hall* do *Bellevue* a nossos muitos convidados, entre os quais se encontra Irma.

Dentro da descrição de Freud, vemos bem o quanto o preâmbulo do sonho decorre num momento de certo contentamento, de expansão familiar amistosa, num lugar alto e amplo. Segundo reparo anterior do mesmo Freud, o sonho comprime-se enquanto se desenvolve. O adormecer é acompanhado de um relaxamento maior ou menor da musculatura. Não raro, a cena inicial de um sonho retrata esse fato, baseando-se, primariamente, nas sensações provenientes da respiração; dentro deste relaxamento, esta se faz com maior facilidade, melhor ritmo e maior amplitude do que quando estamos acordados. Não raro, logo após este primeiro movimento de expansão e abandono, o corpo refaz algumas das tensões preexistentes, também retratadas pelo sonho.

Todos nós conhecemos a sensação de queda brusca, precedendo, por vezes o adormecer. Quando, por qualquer razão, relaxamos muito bruscamente, no instante seguinte nos contraímos bruscamente. A sensação de queda é devida, fora de dúvida, ao relaxamento brusco da musculatura. Estou supondo tenha ocorrido, no sonho de

Freud, um movimento de todos semelhante a este, mas *evoluindo em câmara lenta*.

Não tem conta o número de sonhos cuja forma global pode ser compreendida desta maneira: um primeiro movimento expansivo (ligado ao relaxamento) e um segundo movimento constrictivo (ligado ao reestabelecimento de tensões musculares, as quais, evidentemente, alcançam o tórax também, dificultando assim a respiração). Recentes investigações fisiológicas sobre o sonho vêm demonstrando, com evidência crescente, o quanto subsistem e variam durante o sono as tensões musculares gerais ou locais.

Não falta no relato de Freud, no início de seu sonho, assim como nos detalhes a ele acrescentados, um certo cunho de grandeza senhoril, de ostentação orgulhosa, de prazer na grandeza. Estes elementos podem ser postos facilmente em paralelo com um movimento de expansão somática, particularmente respiratória. Mas imediatamente depois emerge a preocupação então dominante em Freud: Irma. Com ela começa a “compressão”.

Recrimino Irma por não haver aceitado ainda a “solução”. Digo-lhe: “Se ainda tens dores, a culpa é toda tua”.

Eu poderia ter dito esta frase a Irma, mesmo na vida acordada; talvez lhe tivesse dito. Naquela época era minha opinião (logo reconheci meu engano), estivesse meu trabalho terapêutico terminado com a revelação, para o enfermo, do sentido oculto de seus sintomas. Aceitasse ou não o paciente esta solução — da qual dependia o êxito ou o fracasso do tratamento — era algo pelo que não se poderia atribuir a mim responsabilidade alguma. Não obstante, sinto-me agradecido por este erro — felizmente retificado logo depois; à custa dele minha existência se viu simplificada em uma época na qual, apesar de minha inevitável ignorância, me era necessário conseguir resultados curativos. Mas percebo, na frase dirigida a Irma no sonho, o fato de não querer ser responsável pelas dores das quais ainda se queixa. Se Irma tem culpa exclusiva por sofrê-las ainda, não pode me responsabilizar pelo fato. Procuraremos nesta direção o propósito do sonho?

Aqui emerge uma das dominantes caracterológicas de Freud. Todos aqueles dados à leitura de seus escritos devem ter percebido,

certamente, a frequência e a força da argumentação de defensiva e autojustificativa de Freud. Muito sumariamente: Freud vivia pedindo desculpas pelo que dizia.

Note, leitor, não é desejo meu, nem meu prazer, apontar o lado pequenino dos grandes homens. Na verdade, compreendo muito bem este fato. Iniciando uma prática s teoria revolucionárias, em certo sentido chocantes; encontrando oposições as mais variadas e certamente as mais malevolentes às suas ideias, nada de surpreender fosse Freud tomado por esse temor contínuo de ser mal compreendido, de ser mal julgado. Fácil compreender seu desejo, sua verdadeira necessidade, de justificar-se a cada passo. Seja qual for a origem deste modo de ser, o fato subsiste. Não devia ser fácil para Freud combinar esse contínuo pedir desculpas com seu temperamento, o qual, segundo nos dizem seus biógrafos, era antes orgulhoso e autoritário. Dentro deste esquema, relativo à estrutura dinâmica de sua personalidade, toma-se fácil compreender o seguinte: *Freud devia odiar-se bastante pelo fato de viver pedindo desculpas, devia envergonhar-se do seu medo. Por isso Freud não ouvia ou não aceitava, como própria, a voz de seu medo, que clamava em todos os seus escritos.*

*Podemos imaginar passasse Freud longos períodos argumentando contra sua própria pusilanimidade, a qual, provavelmente, ele jamais reconheceu em toda a sua extensão.*

Enquanto falava *contra* si, Freud *respirava mal*, como todos nós enquanto fazemos assim.

Penso de mim para mim tenham os grandes homens tanto medo quanto qualquer pessoa, talvez mais. Não está a grandeza em não sentir medo, mas sim em viver e criar apesar do medo. Mas não raro o próprio grande homem mal compreende esta afirmação; não raro se sente, ilusoriamente, senhor de um poder sobrenatural a protegê-lo de todos os males; ou então se sente mais infeliz e miserável que a maioria dos mortais, passando então, como o fez Freud, a justificar-se a vida toda. Independentemente da solução pessoal encontrada pelo grande homem, porém, sua verdade emerge sempre, mais límpida ou mais obscura.

Podemos mesmo avançar um pouco mais, passando da descrição à explicação. Talvez o grande homem seja grande justamente por sentir muito medo. O medo nos faz perceber finamente as coisas ao

transformá-las em ameaças. É o medo, assim, o motor primeiro de todo o ensaio de explicação do mundo. Quanto mais explicado, menos temido. Assim o grande homem, lutando contra o próprio medo, pôde elaborar uma teoria de valor mais ou menos universal. Seu valor de verdade não se confunde com seu valor de pessoa.

Deste contexto, na certa muito genérico, salientemos aquele aspecto relativo à nossa tese: certamente moravam em Freud numerosas vozes, às quais não lhe convinha dar ouvidos, as quais ele temia ouvir.

Irma queixava-se de dores na garganta, no ventre e no estômago e de uma grande opressão.

As dores de estômago pertenciam ao complexo sintomático de minha paciente, mas nunca foram muito intensas. Queixava-se ela bem mais de sensações de mal-estar e de repugnância. A opressão ou a dor de garganta e as dores de ventre, pouco ou nada figuram em sua enfermidade. Assombra-me, pois, a eleição de sintomas realizada em meu sonho, e de momento não me é dado encontrar razão alguma capaz de explicar este fato.

Excetuando-se as dores de ventre, os demais sintomas da Irma do sonho podem ser todos eles ligados ao aparelho respiratório e fonador. Notemos: Freud repete pela *segunda vez* a diferença de sintomas entre a Irma real e a Irma do sonho. Assinalemos também — é muito importante — o fato de Freud *não poder explicar* esta transposição. Consideremos o quanto esses indícios apontam numa direção: os sintomas referiam-se a Freud. Mais: referem-se os sintomas, ou estão ligados, a algo oculto em Freud e oculto para Freud (projetados — fortemente).

Está pálida e tumefeita. Minha paciente apresentava sempre, ao contrário, uma coloração rosada. Suspeito haja se sobreposto a ela, no sonho, uma terceira pessoa.

Rosado e palidez têm muito a ver com a oxigenação do sangue, portanto, com a respiração — como é sabido por todos. Seria legítimo adiantar, a título de hipótese, fosse a palidez de Irma, no sonho, expressão da má respiração de Freud enquanto dormia. A circulação cutânea é um fato fisiológico ligeiramente acessível à sensação direta. Quando ela é boa, se nos detemos a percebê-la, podemos sentir com certa facilidade o calor correspondente ao rubor que os outros vêem.

Curioso também, nesse reparo, a frase de Freud: “uma *terceira* pessoa”. Pergunto: por que terceira? Bastaria falar numa segunda pessoa. Talvez, muito cautelosa e ceticamente, nos seja dado adiantar a seguinte explicação: a segunda pessoa seria a doença de Freud; seria aquilo, nele, não acessível à sua consciência. Se esta for a segunda pessoa, então compreendemos porque foi ela eliminada e posta uma terceira — importuna — no seu lugar.

Penso, com temor, talvez me haja passado inadvertida uma afecção orgânica.

Como se pode compreender facilmente, este temor constante do especialista, que apenas vê neuróticos e está habituado a atribuir à histeria um grande número de fenômenos tratados, por outros médicos, como de origem orgânica. Por outro lado, insinuam-se, não sei por que, certas dúvidas sobre a sinceridade do meu alarme. Se as dores de Irma são de origem orgânica, não me sinto obrigado a curá-las. Meu tratamento não suprime senão as dores histéricas. Dir-se-ia desejava eu pudesse existir um erro diagnóstico, pois assim não se poderia recriminar- -me por fracasso nenhum.

Neste ponto, apenas assinalo de novo a tendência de Freud a sentir-se acusado e a justificar-se.

Conduzo-a para junto de uma janela e me disponho a examinar sua garganta. A princípio resiste um pouco, como costumam fazer nesses casos as mulheres que usam dentaduras postiças. Penso que Irma não precisa de dentadura postiça.

*Nunca tive ocasião de examinar a cavidade bucal de Irma. A ocorrência do sonho recorda o exame recente de uma instutriz, a qual me havia causado, de início, uma impressão de beleza juvenil: logo depois, ao abrir a boca, tentou ocultar o fato de usar uma dentadura postiça. A este caso se enlaçam outros momentos profissionais e outros pequenos segredos descobertos durante os mesmos, para confusão do médico e do enfermo.*

Este é o momento crucial do sonho: visão direta da moléstia principal do principal personagem. Recorde o leitor a etimologia da palavra “angústia” e a derivação de “angina”, a partir da mesma raiz (a Irma do sonho, sofria, evidentemente, de uma angina). Considere o leitor que a cavidade bucal e o lugar onde se situam as amídalas, são, *grosso modo*,



*o lugar onde se forma e se articula a palavra.* FREUD ESTÁ DIANTE DA PRÓPRIA FUNÇÃO FONADORA. Há uma doença grave ocupando a região do corpo onde as palavras se formam. Muito sugestivo, também, o fato assinalado por Freud: *na realidade* a ação nunca foi feita. Trata-se, pois, de uma criação onírica não causada por fatos *exteriores* recentemente acontecidos.

Logo se sucedem reparos bem-humorados a respeito de *embaraços* surgidos durante o exame desta região em outras pessoas, assim como desencantos ligados a estes mesmos exames. Diremos então: Freud embaraça-se ao examinar a origem dos próprios pensamentos e teme desencantar-se ao tentar responder ao enigma da esfinge.

Freud poderia envergonhar-se, desiludir-se e sentir-se doente, se desse voz aos pensamentos provenientes de seus temores. Teme tanto sentir medo como rebelar-se. À luz de seu feito histórico, estes dois pensamentos são de todo compreensíveis e em ampla medida justificados. Freud devia temer as coisas que pensava; de outra parte, reconhecendo o valor de seus pensamentos, não se faz difícil imaginar sentisse ele muitas vezes uma profunda raiva contra a estupidez humana. Talvez fosse de seu gosto dizer, aos quatro ventos, desta sua raiva; talvez fosse de seu gosto dizer a tantos, claramente e sem disfarces, tudo aquilo que pensava de suas reservas tolas e mesquinhas, e tudo aquilo que pensava de seu achado valioso e importante. Aliás, ele o disse, mas *em teoria*.

Como se sabe sua teoria exprime-se em termos altamente pejorativos e degradantes. Todos têm complexo de culpa pelo desejo de ter assassinado o pai e possuído a mãe; todos sentem-se miseráveis com a masturbação; muitos têm preocupações obsidentes com o ânus e as fezes; e assim por diante.

Por que Freud não xingou mais diretamente a Humanidade? Por que constrangeu tanto seu peito e sua garganta, a fim de emprestar boas maneiras — científicas! — aos seus ímpetos tão compreensíveis?

Melhor entenderemos este comentário comparando Freud a Reich. Este, tendo vencido o receio das suas descobertas, pouco a pouco foi mudando de tom nos seus escritos, chegando por fim a afirmar, alto e bom som, sua verdade, sua fé e o valor da mesma; passou Reich, ao mesmo tempo, a invectivar e a criticar asperamente os seus críticos e a

Humanidade toda. Freud certamente desejou fazer o mesmo muitas vezes, mas não se animou a tanto.

Note o leitor mais um fato: os reparos sobre pequenos segredos embaraçosos, descobertos ao longo de um exame médico. Mesmo sem ser freudiano, vejo neles uma primeira onda de alusões *sexuais*, logo seguida por outra — explícita — com a qual nos encontraremos logo mais.

A associação é clara: os pequenos segredos relativos ao corpo do outro, são descobertos apenas em duas situações: exame médico e aproximação amorosa. Nesta, como naquela, com frequência há *nudez* e, por isso, *descobertas inesperadas*.

Meu pensamento de que Irma não precisa de dentadura postiça, é, em primeiro lugar, uma galanteria para com nossa amiga; mas suspeito contenha-se nesta frase outro significado diferente. Dentro de uma análise atenta, sempre nos damos conta sobre se esgotamos ou não os pensamentos ocultos procurados. A atitude de Irma junto à janela me recorda, de repente, outro fato. Irma tem uma amiga íntima que estima altamente. Certa tarde fui visitá-la e a encontrei ao lado da janela, na atitude reproduzida em meu sonho e seu médico, o mesmo Dr. M., comunicou-me; ao examinar-lhe a garganta, havia descoberto uma placa de caráter diftérico. A pessoa do Dr. M. e a placa diftérica retornam na continuação do sonho.

Deste trecho ressalto apenas um detalhe, posto de parte no comentário anterior. Trata-se do estar junto a uma janela. Pelo contexto se faz evidente o motivo desta ação: tratava-se de iluminar melhor uma região a ser examinada. No entanto, em numerosos sonhos, encontro a janela como verdadeiro símbolo de “respiração aberta”. Tal interpretação não é minha: ela é instintiva ou natural. Indivíduos cardíacos, ao sofrerem crises agudas de falta de ar, procuram instintivamente uma janela e a abrem de par em par, na ilusão, certamente ingênua, mas significativa, de assim melhorarem a dispneia. Comportam-se como peixe fora d’água, ao buscar, em convulsões espasmódicas, retornar para o mar. Procuram ampliar sua relação com a atmosfera. Mas devo concordar seja este significado, no sonho, bastante tangencial.

Recordo agora ter tido, nos últimos meses, razões suficientes para suspeitar sofra também essa senhora de histeria. A própria Irma mo

revelou. Mas quais de seus sintomas eu conheço? Precisamente que sofre de pressão histérica da garganta, como a Irma de meu sonho. Assim, pois, substituí, neste, minha paciente por sua amiga. Agora recordo ter acariciado várias vezes a esperança de que também essa senhora se confiasse aos meus cuidados profissionais; mas também terminei por considerá-lo improvável, pois é pessoa de caráter muito retraído. Resiste à intervenção médica, como Irma em meu sonho. Outra explicação será a de que não precisa de tratamento, pois mostrou, até o momento, energia suficiente para dominar seus transtornos, sem auxílio alheio. Restam apenas alguns traços que não posso atribuir a Irma nem à sua amiga; a palidez, o inchado e a dentadura postiça. Esta última despertou em mim a recordação da institutriz antes lembrada. Em seguida, surge uma outra pessoa à qual poderiam ser atribuídos os traços restantes. Tampouco é minha paciente, nem desejo que jamais o seja, pois envergonha-se diante de mim, e não parece uma enferma dócil. Geralmente se a vê pálida, e durante uma temporada, durante a qual gozou de excelente saúde, engordou até parecer inchada. Portanto, comparei Irma com outras duas pessoas, as quais resistiram igualmente ao tratamento. Que sentido pode ter a substituição de Irma por sua amiga em meu sonho? Talvez o fato de eu desejar realmente uma tal substituição, por ser esta senhora mais simpática para mim, e porque tenho ideia mais alta de sua inteligência. Com efeito, Irma me parece agora menos inteligente, por não haver aceitado minha solução. A outra, mais zelosa, cederia antes. Cederia mais depressa.

A esta sequência de associações, Freud acrescenta mais alguns comentários em rodapé. O primeiro refere-se à terceira personagem feminina surgida durante o exame do sonho.

A esta terceira pessoa podem referir-se as dores de ventre até agora inexplicadas, das quais Irma se lamentava no sonho. Trata-se da minha própria mulher, e as dores de ventre recordam-me uma das ocasiões nas quais comprovei sua resistência às minhas indicações médicas. Devo confessar não trato nesse sonho com muita amabilidade nem a Irma, nem a minha mulher; mas sirva de desculpa o fato de comparar ambas ao ideal de paciente dócil e manejável.

Nesta nota aparece mais uma desculpa de Freud e, convenhamos, das piores. Ao tentar corrigir — para quê? — a má impressão causada pelos seus comentários anteriores, sobre a própria esposa, faz “pior a emenda do que o soneto”. Na verdade, ele não compara sua mulher a uma paciente dócil e inteligente. Muito ao contrário. Ele desejaria simplesmente substituí-la, pelo fato de ela não ser uma coisa nem outra. Note bem, leitor. Neste ponto do meu comentário não estou interpretando. Estou apenas discutindo logicamente os comentários de Freud.

A segunda nota, é a seguinte:

Suspeito não tenha sido levada suficientemente adiante a interpretação desta parte do sonho; nem todo o seu sentido oculto foi revelado, mas prosseguir a comparação entre as três mulheres, desviar-me-ia muito do tema principal. Todo sonho apresenta pelo menos um fragmento inescrutável, qual um cordão umbilical a ligá-lo ao inconsciente.

Nova desculpa do mau pagador. Não contendo pudesse Freud desviar-se demais comentando os três personagens femininos; até aqui, muito bem. A desculpa do mau pagador ocorre na frase seguinte. Contrastando com cuidado as suas duas afirmações vemos: na primeira, há explicações a dar (mesmo quando não sejam dadas); na segunda, diz-se que esta explicação *não existe* ou é inescrutável (!). Afinal, a correlação não é conhecida por Freud, ou ele não deseja falar a respeito? Mas, note-se, a alternativa foi tomada explícita por mim. Lendo-se a nota de Freud, sem interrupção, colhemos a impressão de estar ele explicando a primeira pela segunda. Nesta construção sintática vai a desculpa do mau pagador. Portanto, duas “explicações” e duas mentirinhas; espírito... perverso!

“Aquela que está junto da janela” — junto da luz e do ar, aquela mesma é a doente onírica de angina. Reconhece Freud explicitamente sua simpatia por esta senhora. Acredito sejam nossas simpatias governadas, entre outros fatores, pelas nossas *necessidades* íntimas. Direi então, dentro desta hipótese, fosse a preferência de Freud explicável assim: a pessoa reservada e forte, desejada por ele como paciente, talvez apresentasse não só problemas de vida semelhantes aos de Freud, como também *recursos interiores* para resolvê-los.

A ser verdadeira a nossa suposição, novamente pilhamos o mestre mentindo a meias para si mesmo. Posso crer beneficiasse à amiga de Irma um tratamento com Freud; mas creio também beneficiasse *a Freud* o tratamento desta pessoa. Das duas vozes que falavam dentro de si, Freud só ouvia uma. Mesmo desta, ouvia apenas a letra, mas não a música. Não se surpreenderá o leitor se eu disser residisse em Freud a possibilidade de enamorar-se da amiga de Irma; na verdade, creio que ele *estava* enamorado. Mas, pelo menos em seu escrito, Freud refere-se apenas a um interesse profissional, aliado a uma admiração amistosa. Talvez houvesse nesta transposição de sentido, precisamente a supressão da música à qual me referi há pouco. Na música vocal — vimos — canta o sentimento. Pena não possa a palavra escrita transcrever o canto! Mas esta mentirinha, aparentemente compreensível e perdoável, teve consequências consideráveis para Freud, sua vida e sua obra. Negando, deixando de perceber, ou atenuando o valor dos seus sentimentos, Freud terminou por elaborar uma técnica de influência pessoal que pretende ser a mais impessoal possível; uma técnica aplicável, segundo ele, por qualquer pessoa a qualquer pessoa; uma técnica, simplesmente. Neste sentido trabalhou a vida toda, e neste sentido trabalha a maior parte de seus continuadores. Hoje, novos investigadores, com novas ideias, iniciadas por Jung, pensam de outro modo. Colocam o tratamento psicoterápico em termos bem mais humanos. Psicoterapia é relação pessoal tornada consciente e responsável até o limite. Trata-se de um empenho vital da parte de *ambos* os participantes. Freud, na base da mentirinha, da qual examinamos uma das expressões, foi desenvolvendo, qual avalanche, uma “verdade” cada vez mais mentirosa... De novo o mestre deixou de ouvir uma voz interior. Não dando ouvidos a *todas* as vozes que falavam em seu íntimo — modificando de muitos modos sua respiração espontânea — Freud terminou por se fazer parcial e tendencioso.

Mais dois detalhes restam deste longo comentário de Freud ao próprio sonho.

O primeiro qualifica melhor o sentido da palavra “opressão” já por várias vezes empregado. Trata-se de uma opressão de garganta. Diríamos hoje, em português, sofrer a amiga de Irma, de “nó na garganta”. Creio não exista expressão mais pura e mais direta de *inibição da palavra*. Já nos diz Freud ser, essa amiga de Irma,

particularmente discreta. Isto é: pessoa pouco dada a falar inconsequentemente. Pessoa capaz de escolher — eventualmente inibir — as palavras que lhe vêm à mente. Com alguma liberdade podemos generalizar esta análise dizendo: *toda* a doença de Irma, no sonho, resumia-se a um complicado nó na garganta e sua inevitável correlação torácica.

Freud reitera neste comentário sua alusão à dentadura. Sigamos o sonhador. A dentadura é a prótese, isto é, o elemento artificial, mais encontradiço na região bucal. Quem passa a usar dentadura, certamente vê sua dicção alterada pelo uso deste engenho. Mais do que isto: quem usa dentadura, fala muito diferentemente conforme a tenha na boca ou não. Bastem estes reparos para acentuar o valor desta imagem do sonho, e sua referência ao processo da verbalização. Alegoricamente, podemos dizer: quem usa dentadura tem uma voz que não é sua.

Por fim Irma abre bem a boca.

A amiga de Irma me relataria seus pensamentos com mais sinceridade e menor resistência que Irma.

Esta é a única referência feita por Freud a esta ocorrência do sonho. Já vimos o quanto Freud facilmente se faz prolixo. É curioso tenha sido seu comentário, neste momento fundamental, tão parco. Seu comentário, além disso, é *a pura expressão de um desejo de sinceridade*. Não posso deixar de assinalar e dar ênfase toda especial a esta “interpretação” de Freud. Neste momento ele foi tocado pelo mesmo espírito do qual estou falando continuamente. Sua interpretação está inteiramente de acordo com minhas ideias. Neste momento, e só neste momento, Freud vê, na garganta, aquilo que ela é primariamente: origem da palavra. Em matéria de consolidar uma convicção íntima, esta interpretação de Freud se mostrou muito animadora para mim. Estava ele examinando o momento crucial de seu sonho, aquele no qual se revela a moléstia principal do principal personagem. Neste momento Freud, pondo de parte quase toda sua atividade associativa, limita-se a fazer um comentário — *pura analogia* — o qual resume e contém todos os elementos ausentes em sua teoria e em sua vida. Devo dizer, encerrando este comentário, o principal de todos: uma interpretação... inspirada.

**Na garganta, vejo uma mancha branca e escaras de formas semelhantes aos cornetos nasais.**

A mancha me recorda a difteria e, portanto, a amiga de Irma; além disso, recorda-me grave moléstia de minha filha maior, há cerca de dois anos, e todos os sobressaltos daquela triste época. As escaras a cobrir as conchas nasais aludem a uma preocupação minha, com minha própria saúde. Nesta época costumava tomar com frequência cocaína, para aliviar uma rinite molesta; havia ouvido falar, poucos dias antes, a respeito de uma paciente que usava esse mesmo meio, e com ele havia provocado uma extensa necrose da mucosa nasal. A prescrição da cocaína para esses casos, feita por mim em 1885, provocou séria reação. Um querido amigo meu, morto já em 1895, apressou seu fim pelo abuso deste meio.

Começamos com um quase nada de Anatomia. É de todo impossível ver os cornetos nasais examinando a garganta através da boca — e sem auxílio de espelho. Outrossim, podemos dizer seja o nariz a abertura específica para a respiração “pura”. A boca, servindo incidentalmente à respiração, serve muito mais à deglutição e à articulação da palavra. Bastam estes dados de conhecimento corriqueiro, para fundamentar mais uma hipótese: no sonho estabelece-se, na mente de Freud, uma confusão entre boca e nariz, entre palavra e respiração. As associações trazidas por Freud a este trecho do sonho, parecem particularmente significativas do ponto de vista pessoal. Encontramos, primeiro, uma projeção do próprio sintoma no personagem do sonho. Dir-se-ia que, ao dormir, Freud se aliena da região buco-faríngea de seu corpo. O fato, recordemos, pouco tem de incomum. Com notável frequência vemos algum personagem de nossos sonhos manifestando uma dor ou outro sintoma experimentado por nós durante o dia, ou mesmo durante a noite. O surpreendente neste trecho do sonho, não é tanto a transposição descrita, mas sim a soma de associações sombrias anexas. A difteria é moléstia bastante séria, mais séria ainda ao tempo de Freud. A morte por difteria é morte por asfixia. Nas associações de Freud se contém a difteria de uma pessoa querida, a difteria da própria filha; uma necrose grave, nasal, de mais outra pessoa amiga; uma licença recidivante do próprio Freud; ainda, o suicídio pela cocaína de mais um bom amigo; enfim, toda uma série de fatos de destino,

implícitos, ligados à própria cocaína, cujas propriedades anestésicas e aplicações em otorrinolaringologia foram iniciadas por Freud.

Diante desta soma densa de associações altamente significativas, não é difícil sentir, nesse sonho, um prenúncio longínquo da futura moléstia que levaria Freud ao túmulo. Naturalmente, para nós, que examinamos o sonho muitos anos após ter sido sonhado, e mesmo muitos anos após a morte de Freud; para nós não é difícil compreender o sonho desta maneira. Para Freud teria sido praticamente impossível.

De *que* se defendia Freud continuamente? Da morte por asfixia (nó na garganta, difteria).

*Como* se defenderia ele? Falando real ou mentalmente.

Seu superego tradicional — e estreito — tentava continuamente sufocar as palavras e pensamentos iconoclastas sempre a emergir em sua mente. A fim de exprimi-los apesar disso, via-se obrigado a torcê-los e deformá-los continuamente; assim nasciam, mas vestidos em roupagem abstrata, genérica, “científica”...

### **Pressurosamente chamo ao Dr. M., que repete o exame.**

Isto corresponde simplesmente à posição que M. ocupava entre nós, mas o “apressuradamente” é bastante singular, a ponto de exigir explicação especial. Evoca em mim recordação de um triste sucesso profissional. Pela prescrição continuada de uma substância, tida então como totalmente inócua (sulfonal), provoquei certa vez grave intoxicação em uma paciente, vendo-me obrigado a correr em busca do auxílio da maior experiência de meu colega, o Dr. M., mais antigo que eu no exercício profissional. Outras circunstâncias acessórias provam ser realmente este o sucesso ao qual meu sonho se refere. É igual o nome da enferma que sucumbiu à intoxicação e o de minha filha maior. Até o momento não me havia ocorrido este fato, mas agora ele me aparece como uma represália do destino, e como se a substituição de pessoas devesse prosseguir aqui em um sentido diferente: esta Matilde, por aquela Matilde Olho por olho, dente por dente. Dir-se-ia estivesse eu buscando todas aquelas ocasiões pelas quais devo recriminar-me, devido a uma insuficiente consciência profissional.

Continua a série de associações sombrias.



Penosas as recordações e penosos os complementos acrescentados por Freud. A lei de Talião, verdadeiro tema central de sua vida, reafirma-se de novo. É este o motivo dominante do qual as contínuas desculpas são apenas variações superficiais.

É pouco provável tivesse Freud se dado conta de toda a importância de seus achados, e da verdadeira revolução que eles iriam produzir no mundo, assim como, quantos preconceitos, tradições e noções estabelecidas fora ele chamado a destruir.

É pouco provável que aceitasse este papel de “assassino do pai”. Temeroso, talvez, do próprio espírito, Freud refugiou-se no conceito estreito de hostilidade ao pai real, ao invés de esposar a ideia bem mais ousada, bem mais perigosa e rica, contida nesta afirmação: *todo homem deve matar seu pai*. Isto é, cabe a cada homem, em sua vida, rever, criticar e, se preciso for, destruir todos aqueles princípios tradicionais não condizentes com *sua* personalidade, e não mais adequados *ao presente*. O pai, bom ou mau, genérico ou específico, sofre sempre de dois males igualmente mortais: *o pai é o passado e o pai não sou eu*.

Este o drama e a grandeza eterna de Édipo.

Esta a verdade trágica de Talião: primeiro mato a meu pai, depois meu filho me mata. Um pai por outro pai, um filho por outro filho.

Quando o filho não mata o pai, faz-se o pai imortal — e mortífero. Começa o passado a governar e moldar o presente de modo inexoravelmente *anacrônico*; isto é, *fora do tempo*. Pode ter sido boa a lei quando eram as coisas assim e assim. Não sendo mais assim as coisas, então faz-se imperativo *mudar a lei* a fim de que a lei não mate o presente.

Se o filho não mata o pai, o pai mata o filho; o passado se faz eterno e nada nasce no presente.

#### A ETERNIDADE DO PAI É A MORTE DA TRANSFORMAÇÃO

Ê preciso ultrapassar de muito a todas as medidas conhecidas e imagináveis antes de encontrar — ou ser — o pai disposto a, e capaz de, sacrificar-se pelo filho.

Mas só este é eternamente vivo.

Nem está o mal — como Freud jamais o compreendeu, no parricídio.

O mal está no filho que, ao destruir o pai, pretende se fazer pai... eternamente.

Como Freud, sua Autoridade e sua Associação Internacional...

De novo, não temia Freud — como julgava — assassinar o pai.

Desejava ele, isto sim — e sem sabê-lo — substituí-lo para todo o sempre.

Como tantos, Freud não gostava de Deus por achar que o lugar dele era o seu...

Como tantos, Freud temia a morte.

Nenhum pai é imortal.

Em nossa mente, o pai não é apenas a figura de nosso progenitor, mas é também a figura deste verdadeiro espírito ancestral e desta soma de conceitos, normas, costumes e tradições, os quais nos são propostos e impostos por influência de nossos pais, professores, instituições e “superiores” atuais ou pretéritos. Poucos destruíram tanto esse pai quanto Freud. Até onde se apercebia ele do fato, principalmente nesta época precoce de sua atividade teórico-prática, não o sabemos. Mas o Dr. M. deste sonho, um personagem realmente ridículo de começo a fim, nos mostra bem quão pouco precisava Freud da autoridade constituída; de outra parte, é claro no sonho, como se faz claro nas associações, o apego inexplicável de Freud a este mesmo personagem. Freud, tão independente, tão crítico, tão orgulhoso, refugiando-se tantas vezes à sombra deste personagem, na aparência — e provavelmente na realidade — tão medíocre!

**O Dr. M. está pálido, cortou a barba e coxeia.**

O que de verdade se contém nesta parte do sonho, reduz-se ao fato de o Dr. M. apresentar às vezes aspecto tão mau a ponto de inquietar seus amigos. As duas características restantes devem pertencer a outras pessoas. Recordo, agora, a meu irmão mais velho, residente no estrangeiro, o qual também não usa barba, e o qual, se não me equivoco, se parece extraordinariamente com o Dr. M. de meu sonho. Há poucos dias nos chegou a notícia de que um ataque de reumatismo na articulação da anca o fazia coxeiar um pouco. Deve haver uma razão levando-me a fundir estas duas pessoas em uma só. Recordo, com

efeito, minha irritação contra ambos, por motivo análogo: ambos rechaçaram uma proposta que lhes fiz recentemente.

A um representante infeliz da autoridade tradicional, soma-se outro mais, o irmão mais velho. Quero crer vigorasse ainda, ao tempo de Freud, particularmente numa família judia, o direito excessivo do primogênito. Entre os irmãos, o mais velho é a autoridade tradicional. Tão imprópria quanto a escolha de pessoa, é a escolha da maneira pela qual a pessoa de autoridade é ridicularizada. Freud corta a barba do seu “superior”. Já não tão seguro, mesmo assim julgo poder afirmar: ao tempo de Freud, a barba ainda tinha muito a ver com a autoridade convencional. Bem lhe poderíamos dizer, neste ponto: não é a barba que faz a autoridade. Freud sabia disso muito bem; não obstante, deu-se ao prazer, bastante moleque, de cortar a barba da autoridade.

Não esqueçamos o lugar da barba em torno da boca. Cortar a barba de uma autoridade — molecagem sobejas vezes realizada na história da Humanidade — tem um sentido oculto em paralelo com nossa tese: cortar a barba é desvelar a boca, é revelar a origem da palavra “autorizada”, é desmascarar o pai imortal...

Talvez o grande moleque a morar em Freud, como o grande moleque a morar em todos nós, fosse bem maior que o próprio Freud. Foi este moleque de grandes artes o engendrador da teoria psicanalítica e o principal responsável, certamente, pela destruição da autoridade tradicional, provocada por esta mesma teoria.

Deveríamos distinguir em Freud dois moleques: o maior e o menor. O menor apenas se manifesta nestas brincadeiras de sonho: o maior foi o parricida. Ao primeiro, Freud talvez temesse por ter sido, como julgo, habitualmente sisudo e sério. Ao segundo temia por razões bem outras, e bem maiores.

Devo dizer aqui: para mim o moleque, isto é, o “infantil”, é precisamente aquela parte de nós mesmos jovem bastante a ponto de, não estando ainda moldadas pelas normas estabelecidas, ser capaz de perceber e pensar sobre as coisas fora dos parâmetros comuns.

Para mim, o “infantil” é a origem do autêntico e do novo —• da salvação. Por isso fiz esta digressão sobre os moleques de Freud.

Creio não precisar acrescentar: a meu ver, o mais apreciável, em Freud, são os moleques; o menos valioso, em Freud, é a autoridade sisuda, sempre a pronunciar fórmulas muito sérias e sempre a pedir desculpas.

Enfim, releiamos a última frase das associações de Freud: a autoridade constituída não gostava de negociar com Freud. O velho pai certamente pressentia o moleque, ao mesmo tempo arteiro e perigoso.

**Meu amigo Oto encontra-se agora ao lado da enferma, e meu amigo Leopoldo a percute e descobre uma zona de maciez abaixo, à esquerda.**

Leopoldo também é médico e, além disso, parente de Oto. O destino os transformou em competidores, pois exercem igual especialidade e se vêem continuamente comparados. Trabalharam ambos comigo durante vários anos, enquanto fui diretor de um consultório público para crianças neuróticas, e com grande frequência se desenvolviam, durante esta época, cenas como aquela retratada em meu sonho.

Enquanto discutia com Oto sobre o diagnóstico de um caso, Leopoldo examinava de novo a criança, e nos trazia um dado inesperado e decisivo. Entre Oto e Leopoldo existe uma diferença fundamental de caráter. O primeiro sobressaía pela rapidez de concepção, enquanto o segundo, mais lento, era também mais cuidadoso e consciencioso. Se em meu sonho coloco frente a frente Oto e Leopoldo, é minha intenção clara fazer ressaltar o prudente Leopoldo. Trata-se de uma comparação análoga àquela feita anteriormente entre Irma, paciente nada dócil, e sua amiga, a qual tenho por mais inteligente. Apercebo-me também, agora, de mais uma das vias pelas quais se desloca a associação de pensamentos no sonho, a que vai desde a menina doente, até o consultório para crianças enfermas.

Agora Freud encontrou o bom caminho. Apela para os amigos, e não para a autoridade; apela para os irmãos e não para o pai. Sendo da mesma geração, encontrando-se ante *o mesmo presente*, os irmãos podem entender-se muito mais do que com os ascendentes ou os descendentes. Entram na cena onírica a prudência de Freud, tão justamente elogiada por tantos, e a vivacidade intelectual, tão justamente admirada por todos. Leopoldo está no lugar, certamente, da prudência de Freud e de sua consciência profissional, muito grande não obstante todos os seus reparos negativos a respeito. Freud foi

profundamente médico. Dedicar seus 60 anos de atividade profissional a ouvir sete, oito ou nove horas por dia, intermináveis relatos de pessoas que sofrem, é um feito a ser vivido, e bem vivido, apenas por um predestinado. Foi certamente o elemento Leopoldo, em Freud, aquele a lhe garantir tal consciência, tal cuidado e tanta tenacidade. Oto, por sua vez, certamente tem algo a ver com os moleques dos quais falamos acima. É o engenho de Freud a arquitetar planos, ideias e explicações. Também neste campo, Freud, não obstante o seu Leopoldo, mostrou-se capaz de imaginar, supor e compor uma gama infinda de ideias das mais astutas às mais ingênuas, das menores às maiores.

Agora Freud está bem acompanhado. Agora Freud pode cuidar da criança. Da criança doente.

Vimos alhures o quanto a criança, em nós, se manifesta sem o auxílio da palavra. Por isso estou chamando Irma e à sua doença de “a criança doente de Freud”. Estou levando em conta, ainda, a última associação citada.

A zona de macicez abaixo, à esquerda, produz em mim a impressão de corresponder, em todos os seus detalhes, a um caso no qual me deixou admirado a segurança conscienciosa de Leopoldo. De outra parte, surge em mim, vagamente, a ideia de algo parecido com uma afecção metastática; mas pode tratar-se, também, de uma relação com a amiga de Irma. Esta senhora simula, com efeito, pelo que pude observar, uma *tuberculose*.

Já bem amparado pelos seus bons amigos, Freud se aprofunda na direção da origem de seu mal. *Encaminha-se da garganta para o pulmão*. A expressão usada por Leopoldo no sonho só pode se referir ao pulmão. Praticamente, toda a “macicez encontrada à percussão”, na face posterior do tórax, se refere a moléstia pleuropulmonar. Confirmando esta direção do sonho, temos a última associação de Freud: tuberculose. Muito provavelmente, era tuberculosa também a menina à qual se alude no parágrafo anterior. Ao tempo de Freud, a tuberculose ainda era chamada a peste branca, a consunção. Ao seu tempo, era a tuberculose moléstia praticamente incurável; moléstia apta a corroer e destruir o pulmão.

Moléstia capaz de alcançar o próprio coração do espírito.

Falo agora não só de Freud; também à minha mente vêm associações espontâneas. Por que sempre se ligou a tuberculose aos personagens românticos, aos sonhadores e aos poetas de velhos tempos? Não seria precisamente pelo fato de estes personagens serem, por excelência, os inspirados? Não iria a moléstia consumir precisamente a sede de seu espírito? Não se trata de conexões claras; estou aludindo apenas a intuições vagas.

Dirá alguém: mas, no sonho pelo menos, o pulmão não era o de Freud. Vejamos.

### **Uma parte da pele infiltrada, no ombro esquerdo.**

*Caio em mim imediatamente e percebo tratar-se de minhas* próprias dores reumáticas de ombro, dores mais sentidas sempre que permaneço em vigília até altas horas da noite. A letra do sonho confirma esta interpretação, mostrando-se aqui um tanto equívoca... “coisa que sinto como ele”, isto é, *que sinto em meu próprio corpo*. Além disso, estranho os termos nada habituais: “uma parte da pele, infiltrada” À frase “uma infiltração póstero-superior esquerda”, estamos acostumados. Esta frase se referiria ao pulmão, e com ele, novamente à tuberculose.

Aí está, leitor. A infiltração no ombro parece, dentro do sonho, bem ligada à afecção pulmonar. Como se não bastasse esta coexistência presumível, logo se sucedem as associações de Freud entrelaçando intimamente a própria pessoa, a infiltração da pele e a presumível tuberculose.

Nestas associações, outra vez Freud se dá conta seja o personagem do sonho um representante de Seus próprios males. A primeira vez foi ao discutir a questão rinite.

Mais uma ambiguidade existe aqui, agora entre o ombro e o pulmão, em paralelo com a ambiguidade prévia, relativa à boca e ao nariz.

Enfim, com muita astúcia, Freud capta a ambiguidade de seu *sentir* durante o sonho. Seu sentir é ambíguo porque o personagem do sonho *apresenta em si sintoma presente em Freud*.

Apreciemos o modo ardiloso pelo qual o sonho vai levando Freud, passo a passo, na direção de si mesmo. Vejamos o que acontece nesta iminência de descoberta.

### **Apesar do vestido.**

Este trecho não é, evidentemente, senão uma interpolação acessória. No consultório costumávamos, como é natural, desnudar as crianças a fim de examiná-las; detalhe que se opõe à forma segundo a qual devemos examinar as nossas pacientes adultas. De um excelente clínico, costumava-se dizer, jamais examinara suas enfermas, a não ser por cima das roupas. A partir deste ponto, minhas ideias se fazem obscuras, ou, dizendo francamente: *não me sinto inclinado a aprofundar mais esta questão.*

Muita atenção na leitura desse trecho, leitor. Reparemos, desde o começo, no esforço de Freud, altamente contraditório, de desvalorizar este elemento do sonho. Sua primeira frase associativa diz ser o trecho “evidentemente uma interpolação acessória”. No entanto, a fim de analisar o sonho, isolou esta “mera interpolação” constante de apenas quatro palavras, quando em muitos trechos anteriores colocou, isolado dos demais, conjuntos enormes de palavras, e grupos por vezes grandes de pensamentos. Logo a seguir vem um “evidentemente” incompreensível e, depois, suas associações se fazem excepcionalmente rasas, meras anedotas clínicas, capazes de divertir médicos daquela época. No passo seguinte, Freud hesita ante nova mentirinha e a verdade, optando logo por esta: prefere não falar no assunto.

Fosse eu o próprio Freud a examinar sonho parecido de terceiro e, nesse momento, certamente me ocorreriam fundadas suspeitas relativas a conteúdo erótico. Trata-se de examinar um tórax de mulher vestido ou nu. No entanto esta linha, aparentemente tão fácil e tão... freudiana, tão justificada ante o escrúpulo manifesto do sonhador, parece-me completamente acessória em nosso contexto. Este trecho do sonho, capaz de despertar em Freud movimentos tão desencontrados é, antes de mais nada, bastante ingênuo. Pelo menos para nós.

Neste momento da análise, o moleque menor de Freud sentiu-se envergonhado. No entanto, se colocarmos este trecho na sua sequência dentro do sonho, veremos imediatamente seu significado fundamental: *Freud não quer “ver” o próprio tórax, não quer saber como respira;* Freud suprime inadvertidamente, ou deforma, a pró- I iria respiração. Por isso, creio eu, não se sente ele disposto a aprofundar a questão.

Estávamos vendo como, passo a passo, a análise do sonho de Freud, pelo próprio Freud, o conduzia lenta e inexoravelmente para o coração do problema: o pulmão.

No momento preciso em que esta conclusão ia se mostrar em toda sua plenitude — o tórax descoberto — Freud prefere “francamente não aprofundar a questão”.

Logo veremos o castigo desta teimosia.

**O Dr. M. diz: Não há dúvida, é uma infecção. Mas não há com o que se preocupar; sobrevirá uma disenteria e o veneno será eliminado.**

Tudo isto me parece, a princípio, absolutamente ridículo. Não obstante, submeterei também estas coisas ridículas, como os demais elementos do sonho, a uma análise cuidadosa. O que se encontrou na paciente foi uma difterite local. Da época na qual minha filha esteve doente, recordo a discussão sobre difterite e difteria. Esta última seria a infecção geral, conseqüente à difterite local. Assim, pois, é tal infecção geral o diagnóstico de Leopoldo ao descobrir a zona de macicez, a qual faz pensar em um foco metastático. Mas parece-me seja precisamente na difteria o caso onde nunca se apresentam tais metástases. Recordar-me-ia, antes de uma piemia.

Aí está, leitor. O espírito tradicional de Freud, a fim de *cobrir* o tórax nu, profere uma frase solenemente asinina. A direção principal do sonho sofre uma inflexão brusca e, como veremos, se desorganiza completamente. A onda de desorganização alcança tal amplitude que o próprio Leopoldo, outrossim tão consciencioso, se vê envolvido em certas dúvidas médicas bastante descabidas, como esta, por exemplo, de supor um foco metastático pulmonar numa difteria. Freud, ainda sensato nas suas considerações, pensa mais razoavelmente numa piemia. A piemia, recordemos, é uma invasão do sangue por germes patogênicos a partir de um foco inflamatório.

Aqui ligamos um quase nada o diagnóstico de Freud à palidez de Irma. A anemia, como a piemia, é um distúrbio global do sangue. Mas parece-me estejam enganados os quatro médicos do sonho. Este exhibe elementos bastante sugestivos, a ponto de nos permitir um diagnóstico razoável e único de tuberculose. Aceita esta hipótese clínica, todo o quadro apresentado pela enferma do sonho ganha certa coerência. E



com esta hipótese clínica acertada ou não do ponto de vista médico, reunimos num só elemento toda a doença psicológica de Freud; fosse de fato uma tuberculose a moléstia de Irma, então teríamos lesões nos órgãos de fonação, lesões no pulmão e intoxicação sanguínea (baixa crônica de oxigênio no sangue); todos os órgãos interessados na respiração e na fonação estariam lesados.

O espírito de Freud estava doente.

Nele se continham uma ideia e um desejo bastante grandes para abalar e talvez destruir o mundo no qual vivia. Freud temia seu espírito, isto é, sua ideia, quase tanto quanto Luís<sup>1</sup> temia viver. Freud amava e temia a própria essência.

### **Mas não há com que preocupar-se.**

Esta é uma frase de alento e consolo, a qual, a meu juízo, se justifica da forma seguinte: o fragmento onírico ultimamente examinado, pretende sejam as dores da paciente procedentes de uma grave afecção orgânica. Suspeito não queria eu, com isto, senão afastar de mim toda a culpa. O tratamento psíquico não pode ser apontado como responsável pela não-cura de uma difterite. De qualquer modo, envergonha-me lançar sobre Irma o peso de uma tão grave enfermidade, apenas para livrar-me de toda recriminação; na necessidade de algo a garantir-me um desenlace favorável, parece-me excelente saída, pôr tais palavras de alento na boca do Dr. M. Mas nesse ponto, ponho-me por cima do sonho — algo a necessitar explicação. Mas por que será este consolo tão desatinado?

Diante de tantas desculpas, estas me parecem francamente demais. O apelo de Freud ao Dr. M. alcança o limite. Deste grupo de associações, as únicas realmente razoáveis são as duas últimas: por que se põem acima do sonho, e por que é tão desatinado o consolo expresso pelo mesmo sonho.

Nós sabemos por que: tendo evitado o principal, Freud simplesmente perde o rumo. Tudo o mais se faz sem importância.

Duvido muito pudesse o Dr. M. realmente consolá-lo nesta época de sua vida. Tempos antes, sendo Freud muito verde na profissão médica, posso crer fosse dado ao Dr. M. prestar-lhe algum apoio moral. Mas toda a descrição feita pelo sonho, referente ao Dr. M., nos mostra

claramente quão inapto era este personagem para alcançar Freud, fosse lá como fosse. Ao elaborar seu livro sobre sonhos, Freud já se divorciara definitivamente do espírito tradicional, já não podia encontrar aí, a segurança antes experimentada. Freud já havia se despedido do pai.

Já era tempo de Freud encontrar o próprio espírito, a fim de substituir por uma fonte interior, a antiga fonte exterior de segurança e certeza. Mas algo o impedia de encontrar em seu íntimo força suficiente para a altura da tarefa a realizar. (Veja-se adiante o parecer de Jung a respeito.)

É verdade que Freud realizou esta tarefa. Seu espírito, pois, bem ou mal, o sustentou. Mas não parece que tenha conseguido paz de espírito. Parece-me antes tenha sido a consciência de Freud dominada ao longo de toda a sua vida por um espírito tirânico, intolerante e intransigente, inspirado muito mais em ressentimentos pessoais e em motivos não raro mesquinhos. Sobre este espírito sombrio e limitado, operava outro, certamente maior e mais claro. Mas parece não tenha sido dado a Freud a felicidade de encontrar este espírito de luz...

Sobrevirá uma disenteria e o veneno será eliminado.

Disenteria! Surge uma representação teórica remota de que os germes patogênicos podem ser eliminados pelo intestino. Proponho-me, por acaso, burlar-me assim da inclinação do Dr. M. de dar explicações um tanto puxadas pelos cabelos, e dado também a singulares conexões patológicas? A disenteria evoca em mim outras ideias distintas. Há poucos meses examinei a um jovem que padecia de transtornos intestinais peculiares e ao qual outros colegas haviam tratado como um caso de “anemia com nutrição insuficiente”. Comprovei tratar-se de um histérico, mas não quis ensaiar com ele minha psicoterapia e lhe recomendei fizesse uma viagem por mar. Há poucos dias recebi do Egito uma carta desesperada deste enfermo, na qual me comunicava haver sofrido novo ataque, diagnosticado pelo médico de disenteria. Suspeito seja este diagnóstico erro de um colega ignorante, a deixar-se enganar por uma das simulações da histeria; mas de qualquer modo, nada posso fazer senão recriminar-me por haver exposto meu paciente a contrair, sobre sua afecção intestinal histérica, uma infecção orgânica.

Disenteria tem som semelhante a “difteria”, palavra que aparece no sonho.

Devo realmente aceitar não tenha sido o prognóstico otimista, posto na boca do Dr. M., senão fruto de minha intenção de ridicularizá-lo, pois agora recorro o fato de me haver relatado ele, há anos, com grandes risadas, uma história análoga. Havia sido chamado para consulta com outro colega, sobre um enfermo grave. E ante o otimismo do médico de cabeceira, o Dr. M. lembrou, para ele, a presença de albumina na urina do paciente. “Não há com o que preocupar-se — respondeu o otimista — a albumina se eliminará sozinha.” Não cabe dúvida, pois, seja esta parte de meu sonho uma brincadeira contra aqueles meus colegas ignorantes a respeito da histeria. A título de confirmação, surge agora em meu pensamento a seguinte interrogação: Sabe acaso o Dr. M. sejam os fenômenos apresentados pela sua paciente — a amiga de Irma — e que o levam a pensar em tuberculose, apenas de origem histórica? Descobriu a histeria ou se deixou enganar por ela?

Mas que motivo posso ter para tratar tão mal a um amigo? Muito simples. O Dr. M. está tão pouco conforme quanto a própria Irma com a “solução” proposta por mim. Deste modo me vinguei, em meu sonho, de duas pessoas: de Irma, dizendo-lhe que se ainda tem dores é por culpa exclusivamente sua, e do Dr. M., com o prognóstico desatinado posto em seus lábios.

Neste grupo de associações, o pequeno moleque de Freud diverte’ -se à grande — mais ou menos inconsequentemente. Questões cotidianas e miúdas substituem as coisas sérias — antes presentes. Questúnculas, ciumezinhos profissionais, a famosa inveja e pretensão médica, todos os pequenos personagens do grande drama dançam à solta. Freud mostra-se neste trecho completamente preso às modas do seu tempo, entre as quais figuravam os diagnósticos retumbantes e a opinião a respeito da histeria — a pior possível; praticamente confundia-se histeria com simulação deliberada. Só uma nota mais séria soa no meio deste rosário de inconseqüências: a alusão ao rapaz em viagem pelo Egito. Mesmo esta se propõe sob ângulo bastante desfavorável; não só giram em torno dela as mesmas questões miúdas, como ainda, e pior, retornam à mente de Freud as recriminações ociosas.

Surgem também — é pena — alusões malevolentes à amiga de Irma, pessoa amada por Freud. Qual a culpa *dela* pela pusilanimidade amorosa de Freud?

Se quisermos, apesar de tudo, encontrar algum senso neste trecho infeliz de comentários, podemos ensaiar dois. O primeiro é este: é provável se manifestassem em Freud crises de ansiedade sob a forma de diarreias. Até onde esta escolha peculiar de sintoma levou Freud a dar tanta ênfase à famosa e discutida fase anal? Devo dizer: de todas as descrições e teorias de Freud, as mais surpreendentes para mim, desde o começo, foram as referentes a esta suposta fase do desenvolvimento da personalidade humana. Não estou discutindo se ela tem algum valor ou não. Estou apenas estranhando o extraordinário valor adquirido por ela dentro da teorificação freudiana.

Nem posso, evidentemente, deixar de manifestar minha estranheza diante desta importância descabida, ao considerar o seu descaso absoluto ante a função respiratória.

Gostaria de não ser tomado como um defensor intransigente de ideias próprias. Estou dizendo apenas: a respiração é um fenômeno extremamente importante e evidente. Muito mais, certamente, do que os fenômenos presentes na extremidade caudal do tubo digestivo. Para tanto, não é preciso ser nem fisiologista nem psicólogo. Basta ver. Diante desta apreensão ingênua dos fatos referentes ao corpo, coloco minha objeção contra Freud.

O segundo reparo relaciona-se com o predomínio do bom humor neste trecho do sonho. Quando a ansiedade se acentua e o processo respiratório se vê tolhido em demasia no correr do sono, não raro surgem sonhos engraçados. No sonho, como na vida social, o riso é ainda uma das poucas maneiras que nos restam de respirar amplamente, quando todas as circunstâncias exigem de nós um controle insustentável. Sabemos quantos momentos “frios” de uma reunião social se aquecem mediante uma boa onda de riso. Sabemos também o quanto é comum, em certos momentos de constrangimento social, apelarmos todos para o riso. Creio exista na base deste fato de verificação tão fácil, um processo natural de defesa respiratória. Quanto mais constrangidos e tolhidos, mais nos asfixiamos; num certo momento, tal asfixia alcança nível crítico e então é preciso respirar *de*

*algum modo*. Surge neste momento a ideia ou a figuração cômica: apreendemos fatos, quiçá banais, sob seu aspecto mais divertido. Então rimos, e ao rir desafogamos a respiração.

Desafogar... Veja o leitor, esquecemo-nos desta palavra ao cuidar da etimologia.<sup>2</sup> Também, são tantas!

Minha hipótese sobre este momento do sonho é a seguinte: a angústia foi crescendo gradualmente ao longo das cenas sucessivas, alcançando seu ponto crítico diante do tórax nu. Neste momento preciso, quase sufocado, Freud apelou para o riso e esta desinibição respiratória foi retratada no trecho do sonho descrito, contendo em si tanto riso reprimido. Com este reparo entendemos inclusive, uma alusão notavelmente enigmática, feita por Freud, na série de associações relativas ao “não há com o que preocupar-se”. Diz ele no fim de seus comentários, “ter-se posto acima do sonho”. Quando nas tais situações constrangedoras, nós conseguimos rir, então realmente nos pomos acima da situação. Esta afirmação é inerentemente obscura, mas o fato correspondente é de observação fácil. Todos os estudos dedicados ao riso assinalam este fato peculiar: aquele que ri, de algum modo está acima ou fora da situação.

### **Sabemos imediatamente de onde procede a infecção.**

Este conhecimento imediato no sonho é algo muito singular. Um instante antes não sabíamos nada, pois a infecção não havia sido descoberta até o momento do exame feito por Leopoldo.

Graças a Deus, retoma a sensatez. Se o leitor acompanhou com cuidado os meus comentários, este trecho do sonho se faz transparente. O lugar de onde procede a infecção é o pulmão e foi descoberto por Leopoldo. Achamos, eu e o sonho, ser esta a verdade que importa. Freud estranhou. Eu e o sonho não estranhamos. A estranheza manifestada por Freud provém, talvez, de restos do bom humor e do riso precedente. Enquanto rimos, perdemos em parte a noção da conversa previamente mantida; não raro são precisos uns bons momentos antes de retomarmos ao caminho primitivo. Durante o intervalo que se sucede à risada, e antes de retomarmos à sensatez, as coisas nos aparecem sob uma luz bastante peculiar. Creio tenha este fato influído sobre Freud, *enquanto ele redigia as associações ao sonho*; isto é, não estou afirmando tenha vigorado este estado durante o próprio sonho.

**Nosso amigo Oto deu, recentemente, uma injeção em Irma, em ocasião na qual esta se sentiu mal.**

Oto me havia dito realmente que durante sua curta permanência na casa da família de Irma, o haviam chamado, de hotel próximo, a fim de aplicar injeção a um indivíduo acometido de mal súbito. As injeções me recordam de novo aquele amigo infeliz envenenando com cocaína. Eu o havia aconselhado a usar internamente esta substância, unicamente durante uma cura de desmorfinização, mas o desventurado começou a dar-se injeções de cocaína.

Agora, parece, não é mais Freud a enganar-se. É o próprio sonho. Havíamos descoberto o foco da infecção: no pulmão. No entanto, neste trecho, o sonho aponta visivelmente noutra direção. Estará Freud enganado, estará o sonho enganado, ou estarei eu enganado?

Vejam. A cocaína é ao mesmo tempo um anestésico e um psicotrópico. Ela atenua a sensibilidade e, ao mesmo tempo, a perverte. O indivíduo não só deixa de sentir dor, como é tomado por fantasias vivas. Freud com certeza conhecia o fato, pois estudara muito bem a cocaína. Estará o sonho aludindo a uma atenuação e perversão da sensibilidade do próprio Freud? Quem sabe?

Suposta verdadeira esta hipótese, qual a sua relação com a respiração?

De momento nada se vê. Poderíamos lembrar, ainda que forçando os fatos, a influência considerável do oxigênio sobre os processos cerebrais; os indivíduos, quando respiram numa atmosfera pobre em oxigênio, apresentam uma série de fenômenos psicológicos peculiares, de algum modo comparáveis aos efeitos das drogas psicotrópicas. É minha hipótese sofresse Freud, frequentemente, de períodos de anóxia relativa. Dentro desta hipótese, estes estados podem emergir, mas ela me parece bastante remota.

Assinalo apenas o retorno, nestas associações, daquele elemento sombrio examinado. Ressurge o suicídio do amigo. Prossigamos.

**Com um preparado à base de propyl... propileno... ácido propiônico.**

Como pôde incluir-se tal elemento em meu sonho? Naquela mesma tarde em que redigi por escrito o historial clínico de Irma e tive o sonho do qual estou me ocupando, minha mulher abriu uma garrafa de

licor, em cuja etiqueta se lia a palavra “Ananás”, presente dado por Oto. Tem este o costume de aproveitar todas as ocasiões possíveis para dar presentes, costume do qual talvez o cure algum dia, uma mulher. Desenvolvida a garrafa, do licor emanava um tal odor anílico, que me neguei a experimentá-lo. Minha mulher propôs dar a garrafa de presente aos empregados, mas eu, mais prudente, me opus, observando humanitariamente: nem eles mereciam ser envenenados. O odor anílico despertou em mim, sem dúvida, a recordação da série química amil- -propyl-metil, etc., e esta recordação proporcionou ao sonho o preparado à base de propyl. De qualquer modo, realizei aqui uma substituição. Sonhei com o propyl, depois de haver cheirado ao amil, mas tais substituições talvez encontrem justificativa precisamente na química orgânica.

A este trecho do sonho, Freud acrescenta duas notas igualmente significativas. Ao falar em “ananás”, acrescenta em rodapé.

A palavra “ananás” mostra, além disso, uma semelhança muito clara com o apelido de Irma, minha paciente.

Ao falar de sua esperança seja Oto curado, por uma mulher, da mania de dar presentes, Freud acrescenta em rodapé:

Sob este ponto concreto, meu sonho não se mostrou nada profético. Em outro sentido sim, pois as dores de estômago das quais se queixava Irma no sonho, dores a respeito das quais eu queria afastar toda a responsabilidade, e para as quais não foi possível encontrar explicação alguma, eram precursoras de uma grave afecção hepática.

Muitas coisas importantes se contêm neste grupo de associações. A primeira delas traz à minha mente a figura de Luís — lembra-se, leitor? Luís temia cheiros. Sabemos bem o quanto esta série de produtos apontada por Freud tem um cheiro extremamente penetrante e característico. Com este elemento em mãos, nossa hipótese de que a injeção tenha alguma referência ou relação com a respiração ganha bastante plausibilidade. A causa presumível da doença de Irma, relaciona-se, na mente de Freud, com um produto altamente odorífero. Poderíamos quase dizer fosse suspeita de Freud, tivesse sido Irma envenenada por um odor violento. Não posso garantir, mas parece-me que o ácido propiônico não é um tóxico perigoso para o organismo. Nem importa, pois se lermos com atenção o sonho, veremos que o

produto injetado não foi o ácido propiônico, mas sim a trimetilamina. Desta cuidaremos logo mais. Poderíamos ver, neste trecho do sonho, um novo esforço daquela instância produtora do sonho, no sentido de levar Freud para onde era necessário: cheiro, ar, respiração. Algo interferiu, e novamente ocorreu uma mudança de direção, determinada pela trimetilamina.

Todos os produtos lembrados na série são altamente odoríferos; mais do que isso, seu odor é certamente a sua característica principal, ante uma apreensão ingênua das coisas. Não me parece nada forçado concluir fosse o odor o elemento principal desse trecho do sonho. Mesmo na vida acordada, este cheiro se mostrou bastante forte e penetrante a ponto de levar Freud a desistir do licor; mais do que isso, muito humanitariamente, impediu que os seus empregados fossem “envenenados”. Mesmo sob o evidente bom-humor transparece com clareza o cheiro e a aversão de Freud por ele.

Como se não bastassem estes elementos intrínsecos, contidos nos sonhos e nas associações, lá está a nota em rodapé. A palavra “ananás” é muito semelhante ao apelido de Irma. Se Irma representa de vários modos a doença principal de Freud, então, segundo estas correlações, a doença principal de Freud está ligada ao cheiro. Do cheiro passaríamos muito facilmente, seguindo o caminho já percorrido ao longo do sonho, para o nariz, a garganta e o pulmão.

Agora podemos responder à tripla pergunta feita há pouco: quem está errado, o sonho, Freud ou eu? Devo concluir, muito modestamente, que o errado é Freud. Mesmo quando o sonho se refira a uma injeção como à causa principal da moléstia de Irma, ele está se referindo evidentemente à respiração. Encontraremos adiante um sutil elemento a mais confirmando esta opinião. A sequência de palavras, todas elas alusivas ao odor, é finalizada com um último termo com relações definidamente sexuais (v.i.).

Em menor escala, o sonho repete o grande ciclo anterior: vai levando Freud gradualmente para a respiração, e no momento crítico algo acontece e a linha principal é interrompida.

Curiosa a nota inserida por Freud a respeito da moléstia hepática real de Irma. Na verdade, ele inclui a chamada para esta nota, ao falar de sua esperança em relação à “regeneração” de Oto, relativa à sua mania



de dar presentes. Não sei como uma coisa possa se ligar à outra. Existiria entre Oto e Irma alguma relação ignorada por Freud, ou a respeito da qual Freud não quis dizer nada? Talvez. Nesta nota ele refere-se a um duplo sentido da frase, e devo confessar, não me foi dado ver esse duplo sentido. Releia o leitor, com paciência, o trecho das associações e a nota, e não lhe será difícil concordar comigo. Dentro desse quadro, devo assinalar seja a segunda alternativa contida na nota, *uma desculpa real* diante de seu insucesso com Irma. A tão procurada desculpa orgânica capaz de absolvê-lo de seu relativo insucesso terapêutico, mostrou-se real. Freud *não precisava* lembrar este fato. Tendo-o colocado em rodapé, dá-nos o direito de imaginar tenha sido esta associação uma reflexão *posterior* à redação imediata das associações ao sonho. Neste sentido ela não era necessária. Venceu o desejo de confissão e absolvição.

Note-se, enfim, o cunho superficial das reflexões sobre os compostos da química orgânica.

Em livro no qual pretende mostrar quão importante e significativos são os sonhos, apela o mestre, a fim de explicar este trecho, para associações puramente convencionais. Lembrou junto porque aprendeu junto. Mecânica pura! Mas se todo seu livro procura mostrar exatamente o contrário!

Com a associação insignificante conseguiu Freud eliminar o cheiro do seu sonho!

Onde havia uma pista sugestiva, suas recordações puseram apenas algumas frases feitas sobre química orgânica.

### **Trimetilamina.**

Em meu sonho vejo a fórmula química deste produto, testemunho do grande esforço de minha memória, e a vejo impressa em grandes caracteres, como se se quisesse fazer ressaltar sua especial importância, dentro do contexto no qual está incluída. Para onde pode levar- -me a trimetilamina, sobre a qual minha atenção é chamada desta forma tão ostensiva? Para uma conversação com outro amigo, o qual desde há muitos anos conhece todos os meus trabalhos em preparação, como eu conheço os seus. Por aquela época ele havia-me comunicado certas ideias sobre química sexual; entre outras, esta: a trimetilamina parecia ser um dos constituintes destes produtos do metaholismo

sexual. Este corpo me conduz, pois, à sexualidade; isto é, aquele fator ao qual atribuo importância máxima na gênese das afecções nervosas, cuja cura me proponho. Irma, minha paciente, é uma viúva jovem. Se me vejo na necessidade de desculpar o mau êxito da cura em seu caso, devo seguramente apelar para este fato, ao qual seus amigos dariam facilmente remédio — com muito prazer. Mas observemos quão singular pode ser a construção de um sonho! A outra senhora à qual eu desejei ter como paciente, no lugar de Irma, é também uma viúva jovem!

Eros e Tânatos!

No momento preciso em que Freud ia defrontar-se com a morte do espírito, a cena é ocupada pela vida do corpo. Parece evidente ocupe neste contexto a trimetilamina, a mesma função que as vestes sobre o tórax no ciclo precedente. Mas lá Freud não se animou a dizer-nos nada sobre suas associações. Aqui, animou-se muito mais.

Demais.

Por achar tão encantadora a ingenuidade de Freud, quase me desvio do meu propósito, limitando-me a aplaudir calorosamente esse grande amoroso. Quase aceito sem querer sua dualidade central entre amor e morte.

Mas passada a primeira impressão, das melhores, logo surge em mim explicação mais melancólica. Freud talvez não fosse um grande amoroso. Não devia ser — a considerarmos seu decantado e evidente pessimismo. Provavelmente Freud usava do amor para lutar contra alguma coisa, e não apenas para vivê-lo. O amor é bom, mas não é uma arma; na verdade, o amor é tão bom que pode se fazer inclusive uma arma e das mais mortíferas.

O sonho mostra com extraordinária clareza as raízes da teoria freudiana. *Freud pôs o sexo no lugar do espírito.*

Posso ver, apreciar e até aplaudir esta ideia. Ela é linda. Mas talvez não seja verdadeira. Espírito e amor certamente se relacionam, e muito profundamente. Mas é preciso distingui-los.

Talvez se possa dizer: o amor anima o espírito, isto é, a sexualidade aviva a respiração e anima a voz; mas é o espírito, em correlação íntima com o amor, aquele capaz e digno de orientá-lo. Concordam

todos seja o amor, se destituído de espírito, algo degradante; igualmente degradante — ainda que não bem sabido por todos — é o espírito desligado do amor. O de Lúcifer é o protomodelo do espírito sem amor. Os sentimentos pessoais de Freud eram governados, na sua conduta real, pelo espírito tradicional, restritivo, severo e sombrio, cheio de obrigações e pobre de alegrias.

Mas retornemos ao sonho. Consideremos primeiro a fórmula da trimetilamina, tão acentuada no sonho. A trimetilamina é representada estruturalmente pelo símbolo do nitrogênio, no centro, ao qual se prendem, por três ligações monovalentes, três radicais metílicos:



Ao tempo de Freud pouco se usava o termo nitrogênio. Usava-se muito mais o termo azoto, cujo símbolo é Az. Talvez se recorde o leitor signifique azoto “sem vida”, ou “impróprio para a vida”. Quero crer soubesse bem Freud deste significado da palavra, bastante familiar para todo conhecedor, mesmo incipiente, de Química e de Biologia. Teria importância particular este símbolo gráfico? Talvez.

A serem verdadeiras as considerações supra, o amor de Freud não era muito vivo. Era bastante vivo para fazê-lo sofrer, mas não o suficiente para fazê-lo viver. A trimetilamina, com o “sem vida” no centro, e figurando no sonho como um composto próximo aos hormônios sexuais, trazia clara esta ideia: o amor é impróprio para a vida.

Forçada ou não em relação ao sonho, esta interpretação é profundamente válida para a vida de Freud. Diz ele, nas suas associações, o tenha levado esta fórmula “àquele grande fator na determinação da neurose” e, certamente, na determinação de toda a vida humana. Diz ele ainda o quanto esta fórmula impressa em letras graúdas demonstrava o veemente esforço de sua memória. Seria tao fácil ver neste sonho uma inspiração para as suas teorias ou uma confirmação para elas: a morte no centro do amor!

Como o leitor vê, caminho em direção oposta. Vejo *no sonho a origem da teoria*. Freud universalizou as próprias dificuldades pessoais — como é inevitável. Continua válida sua teoria para todos aqueles vítimas de dificuldades análogas e temperamento semelhante.

Mas não parece fácil relacionar o trecho de sonho e as associações correspondentes, com o tema da respiração. Talvez se pudesse dizer, tentativamente, vivesse Freud de um amor não de todo reconhecido nem aceito, apesar disso forte bastante para inspirá-lo numa luta sem tréguas e para animá-lo numa batalha sobremodo difícil.

Suspeito por que a fórmula da trimetilamina adquiriu tanta importância neste sonho. Neste palavra se acumula um grande número de coisas, bastante significativas. Não só é uma alusão ao poderoso fator “sexualidade”, como também alude a uma pessoa cuja aprovação recorde com agrado, sempre que me sinto isolado em meio a opiniões hostis ou indiferentes a minhas teorias. E este bom amigo, que tão

importante papel desempenha em minha vida, não haveria de intervir no conjunto das ideias de meu sonho? Possui ele especialíssimos conhecimentos sobre as afecções que se iniciam no nariz ou nas cavidades vizinhas, e trouxe para a ciência o descobrimento de singularíssimas relações dos cornetos nasais com os órgãos sexuais femininos. (As três escaras acinzentadas que vejo na garganta de Irma.) Pedi-lhe para examinar esta paciente a fim de comprovar se suas dores de estômago podiam ser de origem nasal. Mas dá-se o caso de sofrer ele mesmo uma afecção nasal que me inspira algum cuidado. A esta afecção alude, sem dúvida, a piemia, cuja dúvida surge em mim associada à metástase de meu sonho.

A trimetilamina teria sido a injeção responsável pela intoxicação de Irma. Parece claro atribua o sonho os males de Irma à sexualidade — de acordo com interpretação de Freud. Irma estaria “envenenada” pela sexualidade. Não duvido tivesse Freud esta ideia em mente. Tampouco duvido fosse a “solução” proposta por ele a Irma, algo referente a um retorno desta a sua atividade sexual.

Mas, convenhamos: o sonho não contém absolutamente nenhum elemento ostensiva ou claramente sexual. Gira, todo ele, em torno de uma moléstia obscura e complexa, indiscutivelmente centrada e organizada em torno do aparelho respiratório e fonador. Em meus termos, há uma grave doença do espírito. Teria sido Freud um doente do amor ou um doente do espírito?

Opto, definitivamente, pela segunda alternativa.

E qual era a moléstia de seu espírito? Primariamente seu medo ao pai, isto é, ao espírito tradicional. Vimos de sobra o quanto Freud se desculpa de suas ideias, diante de todos e para todos; podemos supor — muito plausivelmente — o quanto, sob estas desculpas, se esconde uma vergonha básica pelos seus próprios desejos.

Vemos com ofuscante clareza o desejo persistente, em Freud, de “não ser responsável”. Ele é o primeiro a repetir, sempre que pode, a noção que se faz aos poucos realmente monótona: a Psicanálise só cura a neurose. Até aí, muito bem. Mas continuando este pensamento, logo vemos o quanto Freud colocava a neurose, pelo menos na época deste sonho, dentro daquele conceito superficial, ignorante e tolo, mantido

pela Medicina de então, segundo a qual a neurose não passava de manha, sem-vergonhice e simulação.

Fechemos o silogismo e a conclusão aparecerá evidente. Em seu solilóquio, Freud afirma implicitamente: eu trato de tolices. Consequência da conclusão: não me levem a sério.

### **Não se deve dar injeções desse gênero tão levianamente.**

Acuso aqui diretamente a leviandade de meu amigo Oto. Realmente, creio ter pensado algo semelhante na tarde anterior ao meu sonho, quando me pareceu ver expressa em suas palavras ou em seu olhar, uma recriminação contra minha atuação profissional com Irma. Meus pensamentos foram, aproximadamente, como se segue: “com que facilidade se deixa Oto influir por outras pessoas e quão inconsequente é em seus juízos”. Esta parte do sonho, alude, além disso, àquele meu amigo, falecido, o qual, com a mesma inconsequência, decidiu injetar-se cocaína. Como já disse antes, ao lhe prescrever o uso dessa substância, não pensei pudesse a mesma, jamais, ser administrada em injeções. Ao recriminar a Oto sua leviandade no emprego de certas substâncias químicas, observo-me a roçar de novo com a história daquela infeliz Matilde, da qual se deduz uma recriminação análoga, desta vez contra mim. Claramente se vê reúnem aqui exemplos de minha consciência profissional, mas também exatamente do contrário.

A primeira parte das associações de Freud, referentes a seu amigo Oto, me parecem marcadamente desligadas do sonho. Na verdade, nem no sonho, nem na realidade, havia dado qualquer injeção em Irma. A injeção dada por ele, num personagem desconhecido, não teve nenhuma consequência funesta. Toda a *realidade* conhecida por Freud contradiz esta associação.

À medida em que redigia associações a seu sonho e recordava as numerosas ocorrências registradas, Freud mais e mais se aprofundava nos sentimentos evocados pelas associações; já quase ao final do sonho preponderava nele, muito plausivelmente, a mágoa reiterada em relação a Oto. Estas entraram, então, a título de associação ao sonho, quando, na verdade, não me parecem pertencer a ele. De outra parte, recordando o conteúdo da injeção — trimetilamina com os hormônios sexuais; recordando, enfim, uma possível associação amorosa entre Oto e Irma, então as associações de Freud se fazem mais cabíveis,

ainda quando não tenham o sentido visto por ele. Se Oto despertou amor em Irma — hipótese; então sua recriminação a Freud, real, não teve o sentido apreendido por Freud, mas bem outro. Neste caso, a recriminação de Oto seria mágoa de amor. Esta hipótese, aparentemente além de todos os fatos, encontra a seguinte confirmação: Freud sabia muito bem deverem-se os males de Irma à falta de amor, e o quanto ela discordou de sua “solução”. Dito de outro modo, sabia Freud da sua incapacidade para avivar suficientemente a capacidade de amar de Irma. A esta luz, e recordando sempre a função crítica da trimetilamina, estes comentários ganham alguma força.

Logo depois, nas associações, retorna o amigo da cocaína. Recordo ao leitor o modo de administração da cocaína; no início ela era aspirada, ao modo de rapé. É provável fosse a única maneira de administração conhecida por Freud. Aqui esbarramos com outra evidente alusão respiratória. É claro que toda droga, tomada por aspiração, depende da respiração para atuar. Aqui encontramos ainda outra fina correlação entre a trimetilamina e a cocaína. Aceitando-se, como acreditava Freud, tivesse a trimetilamina algo a ver com a sexualidade, então ela e a cocaína se fazem dois afrodisíacos, ou melhor, dois psicotrópicos, capazes de despertar nas pessoas uma certa anestesia para as coisas e uma certa exaltação da fantasia.

Reaviva-se depois a figura de outra mulher, também ela dada ao abuso da cocaína, e por isso condenada a uma necrose grave da mucosa nasal. Aí temos, antes de mais nada, uma confirmação de fato: a cocaína era aspirada, indo ter imediatamente às fossas nasais.

O significado desta associação é transparente: cuidado com... odores; cuidado com aquelas coisas envolventes e insinuantes presentes no... ar; cuidado com as grandes inspirações; cuidado com o enamoramento e os desejos sexuais (cocaína — trimetilamina — sexo). Cuidado com as substâncias misteriosas (cocaína, sulfonal, trimetilamina), a entrar inadvertidamente em nosso corpo, nele produzindo o sono, o sonho, o desejo e a morte!

Oto talvez enamorado de Irma é... inconsequente; o amigo infeliz matou-se por *não* aspirar — mas sim *injetar-se* cocaína: quis o amigo, alegoricamente, *controlar e dominar a substância mágica* ao invés de se *entregar* a seus efeitos...

Podemos concluir esteja Freud preocupado com todos os enamorados e com o próprio enamoramento; podemos concluir ainda esteja temeroso e envergonhado dos seus sentimentos amorosos.

De novo receia Freud lhe suba o amor à cabeça, fazendo-o perder o respeito e o temor ao espírito do tempo. De novo impede Freud ao amor de animar seu espírito.

**Além do mais, a seringa, provavelmente está suja.**

Uma nova recriminação contra Oto, mas de procedência distinta. Ontem encontrei casualmente o filho de uma senhora de 82 anos, à qual administro diariamente duas injeções de morfina. Atualmente ela se encontra veraneando e chegou até mim a notícia de que padece de uma flebite. Imediatamente pensei dever tratar-se de uma infecção, provocada por falta de limpeza da seringa. Posso vangloriar-me de não haver causado um só acidente deste gênero, durante os dois anos ao longo dos quais cuidei dela diariamente. É bem verdade constituía a assepsia total da seringa minha preocupação constante. Nestas coisas sou sempre muito consciencioso. A flebite me recorda de novo minha mulher, a padecer dessa enfermidade durante uma gravidez. Depois surge em mim a recordação de três situações análogas, das quais foram protagonistas, respectivamente, minha mulher, Irma e a defunta Matilde; situações cuja identidade é, sem dúvida alguma, aquilo que me permite substituir entre si estas três pessoas em meu sonho.

Depois de tanta coisa séria, vamos dizer algo bem-humorado. Lesse Freud este seu escrito hoje, e certamente rir-se-ia gostosamente da associação situada no centro de todas elas: sua mulher sofrendo de flebite durante uma gravidez. Combinando-se este fato com aquelas comparações tão queridas a Freud, do pênis com quase tudo, concluiríamos, desta vez também, fosse a seringa suja um símbolo de pênis. Neste caso, ele teria “infectado” sua mulher durante uma troca de carícias, tendo resultado dessa infecção uma gravidez e a flebite.

Não pense o leitor pese muito em minha mente este tipo de interpretação. No entanto, temos, em outras associações, curiosa confirmação para ela, não mais baseada numa remota e discutível semelhança de forma ou de funcionamento, mas sim baseada numa profunda semelhança de conteúdo. Refiro-me de novo à trimetilamina, pois era esta a substância contida na seringa e, segundo o próprio



Freud, tida por ele como relacionada aos hormônios sexuais. No mesmo passo, e sempre seguindo o próprio Freud, veríamos no seu cuidado com a desinfecção da seringa, um ato sintomático, um escrúpulo sexual.

Pena não nos houvesse Freud esclarecido algo mais sobre o fato comum às três mulheres, Irma, sua esposa e a falecida Matilde.

Assinalamos enfim, na primeira parte das associações, a inclusão de mais uma droga psicotrópica e oniriogênica: a morfina. Durante dois anos, duas vezes ao dia, Freud injetou morfina sem consequências malélicas! Sugestiva associação.

Durante muitas dezenas de anos Freud injetou em tantos... trimetilamina — com seriíssimas complicações pessoais e sociais! A maior parte dos sonhos da maior parte das pessoas provém de... injeções desse tipo (estímulo sexual)!

Dir-se-ia houvesse Freud, temeroso de experimentar pessoalmente, vivido para mostrar a tantos de seus pacientes — e à Humanidade em geral — o medo que eles tinham de amar e de se realizarem sexualmente!

Com estas associações termina Freud a análise de seu sonho. A seguir faz desta análise um resumo. Do mesmo salientaremos somente alguns pontos — e fora da ordem proposta no texto.

... mas todo ele pode ser reunido em um só círculo de ideias capazes de receber um só rótulo: preocupações com a saúde, tanto alheia quanto a própria, e consciência profissional.

Pela terceira vez, Freud comete um lapso ao dizer tenha sido a injeção do sonho, um “preparado à base de propileno”. Desta vez, o lapso baseia-se definitivamente no cheiro do licor.

(No sonho) vingo-me de Oto não só por sua parcialidade no caso de Irma — atribuindo-lhe uma leviandade no exercício da profissão (injeção) — *como também pela má qualidade de seu licor* capaz de empestar o ambiente com seu cheiro, e encontro uma expressão apta a reunir as duas recriminações em uma só: a injeção com um preparado à base de propileno.

Repetem-se no resumo todas as conjunções conhecidas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, etc., etc. E não falta, do começo ao fim da

melodia, o tema básico: o sonho é realização de desejos.

Com esta chave mestra, julga o mestre que pode conter (conter e não abrir) todas as forças que se manifestam nos sonhos. Não se dá conta de sua contradição de raiz:

“O sonho é uma realização alucinatória de desejo”, e na consecução deste propósito o processo onírico deforma, transpõe, deturpa, rearranja, desorganiza, nega e substitui toda a “realidade”. Esta, uma das premissas; a outra, em seus próprios termos, reza assim:

seguindo o método de interpretação onírica aqui indicado, descobrimos que o sonho tem realmente um sentido e não é, de forma alguma, como pretendem os investigadores, *expressão de uma atividade cerebral fragmentada*. Uma vez levada a cabo a interpretação completa (!) de um sonho, este se nos revela como uma realização de desejos.

Faz diferença dizer seja o cérebro ou o inconsciente quem fragmenta a realidade? Movido por alguns de seus desejos (auto-justificativa principalmente), Freud interpreta generosamente na linha desses mesmos desejos. (Até — creio — *produz* associações condizentes.)

Esquece o essencial: a doença foi produzida pela trimetilamina (sexualidade). Estranhíssimo esquecimento do mestre magno da sexualidade humana!

*O sonho, em seu conjunto, descreve a repressão sexual de Freud, produzida pelo seu temor ante a ordem e a autoridade estabelecidas.*

Ao suprimir Eros, suprime Freud, no *mesmo* movimento, ao próprio Espírito.

Veja-se, logo adiante, a apreciação pessoal de Jung em relação a Freud.

Enfim, encontrando-se dentro de sua posição defensiva, Freud só apreende com clareza os elementos de sonho concordantes com essa posição. Limita-se e parece mesmo comprazer-se na captação do *velho* sentido das *novas* imagens. Freud precisava justificar-se e queria provar suas teorias. Assim movido, viu no sonho tudo aquilo já conhecido e aceito. Pouco ou nada viu, no mesmo sonho, de realmente original ou novo *para ele*. Este procedimento, apesar de ser o mais comum, mostra-se sempre fatal — a longo prazo.

Quando, de uma nova figuração emergente, captamos apenas o velho sentido, os novos sentidos, *deste modo mantidos à distância da*

*consciência*, não têm ou mal têm a oportunidade de influir sobre ela, modificá-la. A consciência permanece tal qual era; apenas, faz-se um pouco mais ela mesma, sofrendo sua estrutura básica um certo reforço e consolidação. Na verdade, este é o método natural segundo o qual se forma o caráter, pelo adensamento das tendências preponderantes. O caráter, de momento, definamo-lo como o conjunto das disposições habituais da personalidade.

A tendência preponderante capta o novo objeto pelos seus aspectos *conhecidos* — sempre existem aspectos conhecidos, mesmo nas coisas mais novas; capta ao modo como a órbita externa de um átomo capta os elétrons de outro átomo — e a velha molécula cresce até se fazer, de tão grande, muito instável... Então surgem as compulsões. Ou a radioatividade...

Em seu sonho, segundo parece, Freud descobriu muito pouco *de novo*. Revendo com atenção seu esclarecimento prévio e, depois, lendo nas entrelinhas de suas associações “livres”, faz-se claro tenham sido suas “descobertas”, relativas ao inconsciente, bastante modestas.

Uma ou outra recordação (o amigo suicida, o amigo otorrinolaringologista) lampeja com certo vigor espontâneo; mas o significado trazido pela emergência ou é velho ou é *jeito velho pelo...* analista; entra logo para o “moinho de lamentações”...

Sobremodo típico é o tratamento dado por Freud à série química. Cindiu-a como lhe aprouve — levado, agora deveras inconscientemente — pela sua posição prévia (valor da sexualidade).

Contraprova desta descrição pode tê-la o leitor nos meus comentários. Teorias e divergências de personalidade à parte, alguns dos fatos assinalados por mim ressaltam — quero crer — com bastante força, e se mostram aptos a despertar bastante curiosidade.

Aliás é notável a quase completa ausência de perguntas e dúvidas ao longo do relato freudiano. Posto um fato, ele *logo o interpreta* em função de sua disposição atual e teórica.

Freud, no relato, não dá ouvido a seu espírito; fala em vez de ouvir, afirma, em vez de perguntar; conclui, em vez de duvidar. Assim Freud e seu sonho, sonhado para mim...

Mas não posso despedir-me de Freud sem reiterar... justificativas.

Sei bem quanto é fácil criticar a verdade precária de ontem, à luz das consequências e de novos achados hoje evidentes. Muito fácil.

Não menos fácil é haurir certa glória ambígua, quando nos damos à crítica das grandes doutrinas e dos grandes mestres.

Se apesar de tudo dei-me a tantos comentários geralmente adversos e por vezes veementes, foi meu propósito colher do passado advertência para o presente, isto é, criticar a Psicanálise *de hoje*.

Nem quero deixar implícita a pendência fundamental: não gosto de Freud.

Testemunho adicional a favor de algumas interpretações propostas, temo-lo em Fromm.<sup>3</sup>

Comentando uma carta de Freud, que estava em férias, a sua esposa, que não o acompanhava, diz Fromm:

É notável quão cego estava Freud, não obstante sua autoanálise, ante o verdadeiro problema de seu matrimônio e como racionaliza sem dar-se conta alguma de fazê-lo. A expressão mais clara da natureza problemática do amor de Freud possivelmente pode ser encontrada em um sonho publicado na *Interpretação dos Sonhos*. Ei-lo: “Havia escrito uma monografia sobre certa planta. O livro estava diante de mim e naquele momento eu virava uma página colorida. Encadernado com cada exemplar ia um espécime seco da planta, como se saída de um herbário.” O sonho desperta em Freud lembranças e comentários de duas espécies: sua mulher, o gosto desta por flores, o esquecimento usual de Freud em levar-lhe flores; sua ambição científica ligada à descoberta da cocaína.

Conclui Fromm: O sentido do sonho é perfeitamente claro (embora Freud não o veja em sua interpretação). O *espécime seco* da planta é o ponto central e expressa o conflito interior de Freud. Uma flor é símbolo de amor e de alegria, especialmente quando é a favorita de sua mulher — e que ele raras vezes lhe leva de presente... Já a planta da coca representa seu interesse científico e sua ambição.

Que fez com as flores, com o amor? Primeiro as preme e depois as põe em um herbário. Isto é, primeiro deixa secar-se o amor e depois o submete a um exame científico. Freud fez exatamente assim. Transformou o amor em tema científico, mas em sua vida permaneceu

seco e estéril. Seus interesses científico-intelectuais eram mais fortes do que seu Eros: asfixiaram a este e ao mesmo tempo se converteram em substitutivos da *experiência* de amor.

Segundo Fromm, sua análise vale tanto para os sentimentos quanto para os instintos de Freud.

Este livro já estava sendo composto quando me veio ter às mãos *Reich speaks of Freud*<sup>4</sup> que contém dados muito significativos para a tese que propomos. Limitamo-nos a transcrevê-los, pois eles são bastante claros.

“Freud fumava muito, muito. Sempre senti que ele fumava mas não era por nervosismo não. Era porque ele queria dizer alguma coisa que jamais chegou a seus lábios... Como se ele tivesse que “engolir” alguma coisa desagradável. Morder, engolir, não exprimir jamais. Ele era muito polido, “incisivamente” polido às vezes. Incisivo... Meio frio, mas não cruel. Aí ele desenvolveu o câncer. Se se morde com um músculo durante anos, os tecidos começam a deteriorar e aí surge o câncer. Freud era infeliz de vários modos. Primeiro, sentia-se preso pelos seus discípulos e pela Associação. Não podia mais mover-se. Estava preso também pessoalmente. Não podia aparecer em lugar nenhum. Permanecia em casa. Era infeliz no casamento e só tinha dois amigos. Tratava muito formalmente a seus discípulos... (págs. 20 e 21).

“De que modo começou a se manifestar o câncer? Pela dificuldade na fala. Freud era um orador maravilhoso. Suas palavras fluíam com clareza, com simplicidade, com lógica. Aí surgiu a doença e o atingiu justo lá, no órgão da fonação!”

## **JUNG**

Em Jung encontrei referências numerosas ao espírito, a manifestar-se sob a forma de visões, de frases ou de vozes. Jung é um enamorado do espírito tanto quanto da alma, mas pouco ou nada disse sobre o corpo humano. Sua psicologia, não obstante a amplitude, equilíbrio e profundidade, sofre, como todas as psicologias dinâmicas contemporâneas, de uma acentuada ausência ou desvalorização do corpo. A alma de Jung, como a alma de Freud, são quase desencarnadas.

Gostaria de demonstrar esta afirmação citando casos concretos. Nas páginas 140, 141 e 142 do 16º volume de suas obras completas, em inglês, lemos o seguinte relato (sublinhei por minha conta os tópicos relacionados com nosso tema):

Certa vez fui consultado por homem proeminente; sentia-se *ansioso* e inseguro. Queixava-se de tonturas, chegando por vezes à *náusea*, peso na cabeça e *constrição do tórax*. *Um estado que poderia facilmente ser confundido com o mal das montanhas*. *Havia tido sucesso extraordinário em sua carreira; havia se elevado (risen) por força de sua ambição, indústria e talento nativo, partindo de origem humilde, como filho de um pobre camponês*. *Havia subido (climbed) passo a passo, atingindo por fim posição de liderança, na qual se continham todas as promessas de um progresso social ilimitado*. Agora, na verdade, havia alcançado o *trampolim* do qual lhe seria possível iniciar seu *voo no empíreo*, não fosse a intervenção súbita de sua neurose. Neste ponto de seu relato, o paciente não pôde impedir-se aquela expressão tão familiar, começando com as palavras estereotipadas, “e agora, quando tudo ia tão bem...” *O fato dele ter todos os sintomas do mal das montanhas, parecia muito apropriado como ilustração drástica de seu impasse peculiar*.

Havia trazido para a consulta dois sonhos da noite anterior. O primeiro: “Estou de volta à pequena aldeia onde nasci. Algumas pessoas, provavelmente camponeses, meus antigos companheiros de escola, estão parados na rua. Passo por eles *fazendo de conta que não os conheço*. Então escuto um deles dizendo, enquanto aponta para mim: “Ele raramente volta para a nossa aldeia.”

Não é difícil ver neste sonho uma referência ao início humilde do sonhador e entender o significado desta referência. O sonho diz muito claramente: “você esqueceu completamente de onde começou”.

O segundo: “Estou muito apressado, pois preciso viajar; continuo procurando as coisas para fazer as malas, mas não consigo encontrar nada. O tempo passa, o trem logo partirá. Conseguindo enfim arrumar todas as minhas coisas, *corro* ao longo da rua, apenas para descobrir que esqueci uma mala de mão contendo documentos importantes. Retorno *correndo, quase sem fôlego*, encontro a pasta e procuro voltar para a estação; mas parece-me muito difícil conseguir chegar a tempo.

Com um *esforço final*, alcanço a plataforma, apenas para ver o trem deixando a estação. O trem é muito longo e corre numa curva em forma de “S”, muito curiosa. A meu ver, se o maquinista não prestar atenção e *abrir muito o vapor*, quando alcançar a reta, em ganhando velocidade a composição, os vagões traseiros, ainda fazendo curva nesse momento, serão arremessados para fora dos trilhos. E acontece exatamente assim. O maquinista *dá vapor* à máquina; tento *gritar* para avisá-lo, mas os vagões traseiros, com um ruído horroroso, descarrilam. Há uma catástrofe terrível e eu acordo apavorado.”

Aqui, de novo, nenhum esforço é necessário a fim de entender a mensagem do sonho. O sonho descreve a *pressa* frenética do paciente em avançar cada vez mais; mas enquanto o maquinista, na frente, dá à máquina cada vez mais vapor, a neurose acontece atrás. Os últimos vagões oscilam; logo depois descarrilam. Parece claro: na presente fase de sua vida, o paciente alcançou o *ponto mais alto* de sua carreira. O esforço da longa *ascensão*, desde sua origem tão *baixa*, exauriu suas forças. Ele deveria ter-se contentado com sua realização; ao invés disso, sua ambição continua a empurrá-lo mais e mais, cada vez mais *para cima, na direção de atmosfera muito tênue* para ele e à qual não está acostumado. Por isso, sua neurose lhe acontece a título de aviso.

As circunstâncias me impediram tratar desse paciente; além disso, meu modo de considerar seu caso não o satisfiz. A verdade é que o seu destino, retratado nos sonhos, aconteceu em sua vida real.

Aí está.

Jung descreve com muita precisão clínica todos os elementos necessários para caracterizar *uma forte insuficiência respiratória*.

Recordo para o leitor a etiopatogenia do mal das montanhas. Quanto mais subimos na atmosfera, mais rarefeito é o ar e menor a quantidade de oxigênio por unidade de volume. Para o homem em ascensão, cresce a sensação de asfixia em função da altura alcançada.

Ao invés de verificar como era a respiração do paciente, Jung se satisfiz com o valor alegórico da sintomatologia.

Podemos inclusive, com os elementos oferecidos por Jung, descrever com bastante precisão a *atitude habitual* do paciente — principal responsável pela sua insuficiência respiratória. Esta é devida muitas

vezes a uma hipertonia dos músculos intercostais e da coluna dorsal — elementos integrantes da *atitude do orgulhoso*. A atitude de superioridade tem como característica não só a cabeça levantada, mas também peito inflado, os ombros altos, para trás e para fora — posição de *inspiração forçada persistente*. Aliada ao desdém ou ao desprezo — associação extremamente frequente — aparece claramente insinuada no primeiro sonho, onde o paciente despreza os seus antigos companheiros, passando por eles como pavão diante de frangos.

Na primeira metade do segundo sonho, vemos, com igual clareza, o paciente mantendo uma atitude crônica de alerta. Parece estar sempre se preparando para algo urgente. Ponha-se o leitor na atitude de quem, já atrasado, espera algo importante, capaz de acontecer a qualquer momento, e ser-lhe-á fácil perceber o tórax mantendo-se quase imóvel durante toda a duração da espera. De novo, pois, a atitude de inspiração crônica.

Reveja o leitor quantas vezes se lê “pressa” na segunda metade do sonho. Recorde a seguir a etimologia de pressa (pressão, opressão, compressão...).

Na segunda metade do sonho, elemento importante é *o excesso de pressão* na locomotiva. Parece bastante fácil aliar este fato a um tórax habitualmente em posição de inspiração forçada. Igualmente fácil ligar esse excesso de pressão à mesma atitude previamente descrita, de espera ou de impaciência (sempre pronto paia desabafar; isto é, sempre ansioso por não conseguir *expirar*).

Tivesse Jung pedido uma contagem de glóbulos vermelhos do sangue deste paciente, e encontraria, muito provavelmente, uma hiperglobulia, indício de que o paciente respira habitualmente mal.

A hipóxia crônica, consequência da insuficiência respiratória funcional igualmente crônica, *pode acarretar um aumento do número de glóbulos vermelhos do sangue*. No mal das montanhas acontece exatamente a mesma coisa.

O aumento do número de glóbulos vermelhos ocorre quando a atmosfera se rarefaz, mas ocorre também na atmosfera comum quando respiramos insuficientemente durante longo período.



Podemos dizer: esta pessoa era levada por um espírito forte, um espírito incapaz de dobrar-se, isto é, uma coluna vertebral pouco apta a flectir-se e um tórax pouco apto a expirar. O movimento de expiração é passivo e sugere entrega. Indivíduos com tal coeficiente de atividade e iniciativa, como o paciente de Jung, são pessoas dispostas a lutar até o amargo fim; são incapazes de desistir, mesmo quando a desistência se impõe. Nada horroriza mais a estas pessoas do que o abandono e a entrega. Por isso, entre outras razões, estes pacientes expiram muito mal.

Proponho ao leitor a releitura do caso, com atenção especial aos termos e trechos sublinhados. O elemento respiratório — agora elucidado — ressaltará melhor.

Tendo ouvido uma explicação como essa, preliminar e genérica, teria desistido o paciente do tratamento, como de fato desistiu?

Não consegue tal explicação eludir a quase todas as dificuldades iniciais da psicoterapia? É-nos dado, por esse caminho, mostrar quanto o paciente é responsável pelos seus sintomas e, ao mesmo tempo, o quanto ele *não é* responsável por eles. Seu “gênio” ou temperamento é seu, reconhecido, e em certa medida desejado. A expressão somática (atitude) e a consequência fisiológica (insuficiência respiratória) são inconscientes e, certamente, não desejadas.

Mas vê-se *em ato* — e pode-se mostrar para o indivíduo — a relação *necessária* entre as duas séries de fatos.

Talvez se sinta, a vítima, ao mesmo tempo culpado e absolvido. “Eu quis”, mas... “não tive culpa”.

É fácil perceber o quanto é adequada esta abordagem, o quanto ela navega entre o Cila do “Você é culpado” e o Caríbidis do “Culpada é a vida”.

Consideremos outro caso estudado por Jung.

O material foi colhido da revista *Spring*, publicada pelo *Analytical Psychology Club*, de Nova Iorque, número de 1963, págs. 102 a 147: “The interpretation of visions. Excerpts from the notes of Mary Foote” (IV.<sup>a</sup> parte).

São 45 páginas densas de conteúdo, comentários de Jung feitos oral e dialogadamente, em seminário clínico, relativos às fantasias de certa

paciente previamente tratada por ele mesmo; os seminários foram taquiografados por Mary Foote.

Não pretendo reproduzir todo este excelente ensaio, exorbitante em relação a nosso tema. Limitar-me-ei a transcrever e comentar as fantasias da paciente (todas) e alguns reparos de Jung, os mais pertinentes. (Os grifos e os parênteses são meus.)

Poderíamos, como no caso de Freud, proceder indutivamente, examinando os fatos um por um, elaborando depois hipóteses parciais até chegar a uma afirmação central capaz de explicar todo o “enredo”.

Mas desta vez julguei de melhor aviso, a bem da clareza, proceder de modo inverso. Primeiro situaremos o tema dominante; depois analisaremos a fantasia trecho por trecho, relacionando-a com aquele tema e com a respiração-fonação.

O tema principal, na verdade são dois. Até o aparecimento do ovo — na fantasia — a paciente ainda se vê lidando com o problema da individuação, a conseqüente responsabilidade de escolha e o inevitável sentimento de solidão.

Ela tenta rever criticamente, ou tenta situar-se, ante a massa de noções presentes em sua mente e aí enxertadas pela máquina socio-pedagógica, destinada a fabricar bons costumes e ideias sensatas. Desta atividade extrai a verdade simples: nenhuma regra boa para todos serve para mim. Qual, pois, a minha lei? Depois do ovo — na fantasia — esta autonomia recém-conquistada é posta à prova na realidade social. Ainda quando o texto contenha alguma ambigüidade, é de todo evidente que a prova é sua capacidade de comprometer-se afetiva e sexualmente com um homem — em condições extralegais.

Para uma mulher provavelmente muito orgulhosa e digna, cônica de si e dos valores tradicionais, esta prova se fazia crucial. Jung, tido, tanto por simpatizantes quanto por detratores, como o homem do espírito, da ética e da religião, mostra-se neste ensaio, de fato inspirado, o que sempre foi: um homem espiritual, sim, mas profundamente ligado ao presente e buscando neste o melhor caminho a seguir. Com uma graça e força admiráveis, ele demonstra o quanto era importante e vital para esta mulher... pecar!

No clímax humano de seus comentários, Jung evoca a figura de Cristo e da pecadora; mas aí do leitor indolente, disposto a ouvir sempre as mesmas verdades sedições — nas mesmas circunstâncias. Tal leitor sentirá a cadeira lhe fugir de sob o corpo ao ouvir de Cristo-Jung a mesma frase clássica, com o sentido *totalmente invertido*.

“Vai mulher, e não tornes a ser pura. Teu pecado te salvou! Antes pura e orgulhosa, os homens não eram teus irmãos, mas estranhos para ti. Agora és um deles — voltaste a pertencer ao corpo místico da Humanidade!”

Nem preciso dizer o quanto recomendo a leitura deste ensaio excepcional para nos mostrar como pensa e como age Jung ante o *indivíduo concreto* — coisa não muito comum nos seus escritos.

Nada é mais abominado por Jung que o princípio eterno universalmente válido. Nada serve menos ao indivíduo e ao momento. Por isso, com a graça de um jogral e a precisão de um espadachim, ele vira e revira, investe e recua, cede e avança, até fazer viver o momento eterno. Adiante veremos, ao examinar o primeiro sonho lido pelo próprio Jung em sua infância, a origem e o símbolo deste modo de ser.

#### *Introdução pelos editores*

As visões são de uma mulher americana de inteligência superior, cujas dificuldades psicológicas decorriam de seu desenvolvimento intelectual unilateral.

Os excertos de 1962 referiam-se principalmente ao *caráter vegetal* do desenvolvimento espiritual retratado pelas visões. Ao fim deste período ela defrontou-se com uma parede negra — o futuro desconhecido — na qual apenas eram discerníveis um olho e uma estreia. Ao perguntar ao olho “como poderei transpor esta parede?”, o olho voltou-se para dentro. Então ela voltou o seu olhar para dentro e *lá viu uma árvore crescendo*. Voltou a olhar para fora, na direção da parede, vendo lá também uma *árvore crescendo*. Esta *árvore a colheu em seus ramos e a elevou sobre o muro*.

Muitas coisas em nosso corpo se assemelham a uma árvore: a árvore arterial, a árvore venosa, a árvore linfática, a árvore (ou rede) nervosa, a árvore traqueobrônquica (ou respiratória).

Excluindo a penúltima (a rede nervosa), as demais pertencem todas ao aparelho oxidrômico. Lembremos o quanto funcionam indissolúvelmente ligadas circulação e respiração. Na verdade, funcionalmente, estes dois aparelhos são um só. Podemos, pois, compreender um pouco, baseados no corpo, por que “todo desenvolvimento espiritual tem caráter vegetal” — como foi dito pelos editores.

Mas de todas as “árvores” do corpo, só uma pode “elevar” alguém *em poucos instantes*, como aconteceu na fantasia.

Antes, parada ante um muro (guarde o leitor este detalhe), dentro de si e além do muro a mulher via uma árvore e outra árvore.

Via a estrutura da circulação dentro e fora de si; descobria em figura (logo esclarecida pelo velho sábio), a verdade a fazer-se mais e mais clara ao longo das fantasias em progresso: *dentro e fora de nós* há movimento, circulação, processos ordenados, vida organizada; há ar dentro e fora de nós, condição de toda vida evoluída, de todo processo organizado, de todo o calor e movimento.

Visse a mulher tudo isso de uma só vez e provavelmente entraria em pânico. Sendo inteligente (e provavelmente metódica), tal riqueza de fluências a assustaria demasiado.

Por isso viu só o esquema; só as árvores — fluências imobilizadas, repuxos cristalizados.

Que fez ela a fim de atenuar — ou não sentir — a vida do universo e sua própria vida?

Muito provavelmente, parou de respirar, enrijecendo-se (o defunto de Reich) — daí o muro. Ela fez algo a fim de separar as duas fluências — interna e externa; a fim de cristalizar o manancial — as duas árvores. Deve tê-lo feito num momento de *surpresa*, *antes* de ver o que viu: muro de pedras totalmente imóvel e morto, com árvores imóveis — mas já vivas — retratando esta parada e insinuando o movimento seguinte. Logo respirou e então sua árvore a elevou por sobre o muro. Respirou o suficiente *para ver*; será preciso respirar mais para compreender, sentir e fazer. Ou respirar melhor.

No muro, um olho e uma estreia, símbolos perenes de desejo remoto. Só os olhos vêem este objeto distante; nem as mãos podem tocá-lo,

nem o corpo senti-lo. Daí o dito: *respirou para ver sua meta longínqua*. Só a contemplação e o desejo lhe eram permitidos no momento.

Visões comentadas por Jung.

### 1 — “Nos olhos do ancião”

**Visão: Do outro lado do muro havia um ancião. Olhando em seus olhos, neles vi um grande rio cheio de corpos a se contorcere. Havia alguns homens na margem clamando em alta voz para a massa a agitar-se na torrente. A água jogou algumas almas na margem. Então os homens que ali estavam as levantaram e lhes mostraram uma estrela e o sol. Isto eu vi nos olhos do ancião. O velho disse: “você viu” — e mergulhou na terra. Alguns pequenos animais e flores, crescendo em sangue apareceram no lugar onde ele havia estado.**

... Jung: aqui se vê a vida como um rio onde os seres humanos nadam e são levados — de todo inconscientes — pois estão submergidos em água, isto é, *no* inconsciente.

O velho sábio — sabedoria inconsciente — explica a visão e desaparece. Mas não explica a árvore e sim *o rio*. Começou o processo, o movimento, a... circulação. Um rio é uma árvore viva!

Aqueles “salvos das águas” vêem o olho e a estreia; isto é, começam a desejar uma direção, passam a sentir um *anseio orientado*.

A reta que reúne os olhos dos homens às estreias, sempre foi e continua sendo, com certeza, a primeira bússola humana.

O leitor provavelmente não sabe a origem etimológica da palavra “desejo”.

Provém do latim: “desiderio”; a raiz do termo é SID, do zenda, e significa... estreia. Dela, além de “desiderio”, nasceu “*sideral*” ...

Desejar é, pois, buscar com afã a própria estreia (olhos!) e segui-la com fidelidade!

Só o desejo nos orienta.

Sidarta Gautama — o Buda — estava errado; só o desejo nos salva, mesmo quando — ou talvez porque — nos faça sofrer.

É o desejo ou é a dor que nos desperta?

A mulher compreendeu — ou podia ter compreendido: só saímos da grande torrente de todos, quando uma direção individual se desenha, quando um desejo nasce e um sofrimento começa.

Não é bem o dito de Jung em seus comentários; Jung explica as árvores, não o rio; procura compreender a organização, em vez de seguir a fluência. (Seu comentário — o registrado — é apenas um pequeno trecho de seu discurso.)

Não fala ele — nem uma vez em todo o estudo — de respiração nem de circulação. Como todos — eu inclusive — isola e explica aquilo que mais o toca e prende. Segue sua estreia...

Fique claro, pois: *todas* as relações apontadas, das fantasias com as funções fisiológicas, são minhas, exceto aquelas explicitamente apontadas como sendo de Jung (há algumas, veremos).

Quanto ao rio, Jung de novo se atém à simples analogia: o rio é a vida.

No rio podemos nos afogar — acrescento. Ninguém pode respirar dentro da água e o perigo maior e sempre presente na água é o afogamento — asfixia por enchimento do pulmão com água.

Estará este fato contido na fantasia?

Sim, mas de forma certamente peculiar.

Quando pensamos, falamos e agimos *de acordo com a maioria* (quando estamos *no* rio), respiramos em uníssono com a multidão; não respiramos como, quando e quanto nos convém; não pensamos (palavras) de acordo com nossa letra interior, nem com nossa música própria. Pensamos estatisticamente e dançamos “conforme a música toca” — conforme flui o rio.

A estatística, sabemos, *jamais* serve ao fato particular — salvo por acaso; o particular é único por definição e não é possível fazer estatística com um fato.

Pensar com a maioria é ignorar-se completamente.

Estará este “afogamento” pressuposto na fantasia? Certamente, tanto na letra quanto na forma literária (a qual procuramos traduzir o mais fielmente possível).

a) Na letra:

“Alguns homens na margem *clamando em alta voz...*”

É o clássico chamado, a vocação — o nascimento da própria voz, fruto do próprio espírito (libertação respiratória).

A segunda “bússola” humana é a direção orelha-voz; esta já é “espiritual”, pois a voz é o som do espírito invisível.

“Alguns pequenos animais e *flores crescendo em sangue...*”

A grande circulação primitiva — movimento de massas, água — se define individualmente: o sangue — sangue *fecundo*, pois dele nascem coisas vivas.

O “organismo” social, por mais organismo que seja, *não tem sangue*, sangue mesmo, vermelho, quente e vivo.

Só o indivíduo tem sangue — circulação própria: a sociedade não.

b) No estilo:

“... cheio de corpos a se retorcerem”.

“... a massa a agitar-se na torrente”.

Ê a própria descrição literária da estatística: eles, os outros, todos, a massa convulsa e informe, a indiferenciação original.

À luz de meu comentário, inclusive o de Jung ganha clareza: “Aqui se vê a vida como um rio onde os seres humanos são levados — de todo inconscientes, pois estão submersos em água, isto é, *no* inconsciente.”

Quem fala como todos, pensa como todos e faz como todos, não tem consciência de si; está submerso na massa comum e só em função dela tem sentido. Sua respiração — ritmada pela de todos — é a própria respiração do organismo social, que vive à sua custa qual enorme e sutil parasita; enorme pelo número, sutil pelo controle.

Logo veremos o quanto era difícil para a mulher pensar seus pensamentos.

Comenta Jung:

Devido a seus problemas (a mulher) afastou-se da atmosfera de sua família e amigos, das convicções de seu meio e por isso sentia-se solitária. Naturalmente dir-lhe-ão ser neurótico e errado viver isolada (a voz de todos), mas o inconsciente afirma ser esta, precisamente, sua condição de vida.

Em seus termos, Jung repete o que eu disse...

**2 — Depois que o ancião falou, minhas vestes se fizeram verdes e em seguida brancas. Em torno de minha cabeça dan- savam chamas brancas. Caminhei através de campos ondulantes de trigo.**

Jung vê nesta sequência a “Iluminação”; elabora sobre o conceito na sua versão oriental. Depois estende-se bastante sobre o trigo enquanto símbolo, passando por alto o fato de a paciente apenas *passar* pelo campo de trigo.

Esta vivência seria expressa, na filosofia chinesa, como um momento de Tao completo — isto é, a mais alta iluminação íntima e a máxima fertilidade no mundo...

Jung não se detém no “ondulante”; no entanto, neste ondular do trigo reside, precisamente, o espírito do processo, o “vento interior” sempre invisível — como na fantasia. Objetivamente: a paciente respira serena e plenamente, comunga com o Grande Espírito de Todos (bem diferente, este, do Grande Espírito do Coro). Mas espírito e movimento são quase idênticos e facilmente a brisa se faz ventania — logo veremos.

É sempre assim a influência do vento. Vemos o efeito — trigo a ondular — mas não a causa.

O vento, como o espírito e o desejo, é sempre dirigido ou orientado. Não existe vento a soprar de direção nenhuma. Semelhante é o efeito da palavra e de seu sentido; por isso se preocupam tanto os homens com as palavras. Elas atuam, informam, deformam, orientam — e desaparecem.

A mais frequente das frases humanas é esta: “Mas ele disse!” No texto encontramos depois um inciso dos editores, ligeiramente comentado por Jung:

**3 — (A mulher) “contempla a face do sofrimento” sobre o chão; a face transforma-se em uma criança morta. Quando mergulha esta criança em um riacho, ela revive e lhe coloca no pescoço uma corrente na qual há um coração de pedras preciosas; o coração lhe queima o peito. Então a criança se faz (um homem específico) e a deixa só, a fim de comungar com face risonha surgida em chama emergente da água”. (Previamente, um anel de fogo havia queimado**



**sua frente, o que significa: uma convicção intelectual havia se feito nela.)**

Muito genérico, Jung afirma: sempre que um passo avante se faz possível, logo se avulta o peso do passado e faz-se preciso lidar com ele.

Diz mais: o coração-joia significa vida afetiva tocada, convicção emocional. Este o *élan* a animar o próximo passo, a avivar o passado.

Jung poderia ter dito — como o diz bem mais adiante: um novo modo de ser implica na destruição de um velho modo de ser; o velho modo é o passado, o qual atua sempre em oposição dialética ao futuro.

Deve prosseguir a reavaliação das determinantes sociopedagógicas pregressas.

Jung não examina a fantasia por parte; mas há figuras sobremodo interessantes, inclusive a criança morta *a reviver* quando imersa em água. Temos aqui a própria noção dogmática do batismo: nascimento do homem novo a partir do homem velho *afogado*. Devemos estar lidando com novo entrave respiratório, com *novas vozes do passado* a impedir o progresso.

Talvez seja, a voz do passado, a mesma voz a repetir incansavelmente, na Salve-Rainha, a expressão “Vale de Lágrimas”.

Não nos apercebemos de quão negativa é nossa educação e o quanto ela nos prepara para *sofrer a vida* indefinidamente.

A resignação é a maior das virtudes quando a forma social exige, a fim de manter-se, o sacrifício da individualidade — a criança morta.

A “face do sofrimento” estava no chão. Só podia ser vista por alguém *a olhar para baixo* — olhar do deprimido (v.i.).

Pouco depois, surge um homem — um homem específico — certamente o homem que a mulher começou a amar, no preciso momento da ressurreição da criança.

É preciso entender a fantasia ao contrário, do aparecimento do homem à face do sofrimento.

O amor — não sei de quem o tenha dito — é o *sentimento do outro*. É o sentimento que nos leva a pressentir o valor da individualidade. “Ele” é... único. O amor é a primeira lição espiritual da natureza;

através do amor — talvez só através do amor — descobrimos o próximo e o semelhante; antes eram todos idênticos.

Tão sabido quanto ridicularizado é o fato de que dois amantes dispensam o mundo.

Este encantamento, bem usado, transforma-se na descoberta mais letal para a sociedade: só indivíduos existem, importam e valem. Nem classes, nem castas, nem famílias — nem nenhum grupo determinado; só indivíduos.

Só entre indivíduos existe felicidade. Talvez fosse — a criança — esta felicidade, aquela *em que* se transformou, ao ressuscitar, a “face do sofrimento”.

Talvez a essência do sofrimento humano se contenha no fato de ser alguém um número em uma estatística.

Porque — ato de fé — dentro do gênero humano, cada indivíduo é uma espécie; ser despersonalizado corresponde a uma certa espécie de inexistência.

Não há ciência — nem regra social — relativa àquilo que não se repete; os indivíduos humanos não se repetem.

Por isso, talvez, fosse o menino ressurreto a própria felicidade — a sorrir depois, dentro da chama viva, da água nascida.

Mas a felicidade deixou presente: um coração-joia, certamente cintilante, a doer sobre o peito. Se sou único, se ninguém mais existe semelhante a mim, então serei só pelos séculos dos séculos. Dói.

Começa o coração a pulsar com mais veemência — como joia a brilhar. Estua o peito, queimando aos primeiros haustos do novo espírito — o próprio, enfim nascido.

Qual criança a nascer, e, por vez primeira, a respirar. Logo gritará esta criança.

#### **4 — “O gigante do passado”**

**Contemplava um gigante deitado no chão. Era horrível. Sua pele era branca e flácida. Ele exclamou para mim: “Você me temerá, pois esfregarei tua face no pó e flagelarei teu corpo com chicotes”. Respondi-lhe: “Por Deus, não me assustas”. Então todas as coisas se fizeram escuras e agitadas, com formas e faces assustadoras. Eu**

**estava em um rio de sangue em ebulição. O gigante se punha diante de mim e projetava sombra tão grande que eu não podia ver as estreias ou o céu. A grande torrente borbulhante me atraía incoercivelmente e eu gritei em agonia. O gigante desapareceu e eu vi um grande ovo de brancura ofuscante.**

O grito de agonia a salvou! É exatamente o primeiro grito da criança! Com esse grito rompeu-se o muro: do simples contemplar e desejar de longe, passou a mulher a experimentar o contato entre o de dentro e o de fora; a grande torrente vermelha, borbulhante e tumultuosa — amor veemente — quase a absorve e anula.

Veja-se nesta, a repetição da fantasia anterior: lá, imersa era a criança; aqui é a própria mulher. Veja-se mais: na primeira, era uma grande torrente d'água com uma pequena fonte de sangue surgindo no fim; agora a grande torrente é de sangue — toda ela.

O processo — sabe Deus qual — está alcançando as árvores... circulatórias.

E respiratória. É um grito, verdadeira explosão respiratória, o elemento salvador; dele parece nascer a paz e... um ovo. Com ele se destrói o velho — o passado.

Pudesse o leitor ver o desenho anexo a esta fantasia, surpreender-se-ia pelo tamanho do gigante, dez vezes a dimensão de um homem; surpreender-se-ia também com a rampa áspera palmilhada pela mulher, *a carregar nas costas* o gigante imenso e flácido (o desenho não reproduz fielmente a fantasia).

É a mulher, assim, a própria figura da depressão; sente-se ela esmagada pelo peso e exausta pela subida.

Dado o desenho e a fantasia, pergunto para mim mesmo até que ponto era, a mulher, a própria encarnação da Grande Vítima. Então compreendo a face do sofrimento e a voz da resignação. Certamente havia em sua mente — e em seu peito — a sensação de um destino: sendo superior, não devo esperar compreensão nem auxílio; meu destino é suportar tudo e sofrer calada.

Estou, nestes últimos parágrafos, tentando recompor a atitude preponderante da mulher, baseando-me no conteúdo e na linguagem da fantasia, nos raros dados sobre sua vida e em seus desenhos. Muito

apraz à mulher representar-se, nos seus desenhos, hirta e hierática, envolvida nos grandes mantos caídos do personagem trágico.

Note-se a linguagem e o tom do gigante ao ameaçar: é bem Jeová, na forma e no estilo.

Note-se a resposta da mulher: é bem Perséfone. Longos mantos também na voz — e no peito.

É o Espírito Tradicional a despertar uma Atitude Tradicional. Duas falsificações em presença. Nenhum indivíduo presente. Diálogo entre ninguém. Os opostos se encontram e paralisam-se mutuamente; logo a torrente viva de sangue fervente engole os dois. Enquanto ela afunda e se agita, ele se agiganta ainda mais e assim se rarefaz...

Então *ela* acorda — e grita.

Ela e o ovo.

De Perséfone resta a mulher; do gigante nasce o ovo.

E Jung, que diz?

Prossegue comentando o passado (genérico) e traçando analogias eruditas.

Não serei pretensioso dizendo de nosso acordo — ele com suas ideias, eu com as minhas.

Na verdade, o expresso por ele em linguagem filosófica e mitológica, é dito por mim em termos fisiológicos e sociológicos. Por exemplo:

“... o desenho... representa o passado, no sentido de o mundo como ela o vê”.

Aí está Perséfone.

A seguir o mestre estende-se sobre o problema da paciente e sua relação com as tarefas do mundo contemporâneo. Separando-se do passado, tenderia ela a refugiar-se na solidão, movimento igual àquele que levou à criação de mosteiros.

Mas acrescenta em boa hora:

“é preciso sujar as mãos se quisermos fazer um trabalho sério.” Por isso a mulher deve entrar em contacto com o mundo — a “matéria” — a fim de realizar as transformações internas de personalidade, previamente ocorridas.

Tudo depende do tempo, se é tempo de retirar-se, se é tempo de aproximar-se.

Tendo assinalado o valor do mosteiro e do monge, em um mundo onde preponderava a negação do espírito, Jung acrescenta:

Mas quando os tempos mudam, quando o poder do espírito está amplamente demonstrado e a Humanidade se sente convencida de suas vantagens (como hoje), retirar-se do mundo se faz inútil e se torna uma reação obsoleta. Pois agora precisamos do outro lado: chegam os tempos em que o poder da matéria deve ser demonstrado.

Recorde-se o leitor, a fim de melhor compreender Jung, da natureza do caso clínico: mulher de bom intelecto e por isso unilateralmente desenvolvida...

A seguir põe-se Jung a divagar sobre os dois princípios primeiros da filosofia Taoísta, Yin e Yang.

Excelente apanhado, vivo, bem informado e lúcido. Entre os dois princípios, muito precariamente traduzíveis por Matéria e Espírito, encontra-se a mulher. Quando um domina incondicionalmente, a vida se faz estéril e o outro emerge, a fim de fazê-la fecunda novamente.

Poderiam ser Jeová e Perséfone.

Do longo apanhado, cito apenas um trecho de todo paralelo, tanto aos comentários de Jung ao caso, quanto aos meus.

Mas vale a pena:

Para os romanos, por exemplo, os cristãos pareciam os piores vermes que um demônio poderia ter inventado, pois perturbavam suas famílias. Convertia-se o filho e logo fazia-se ele um perfeito maçante a tentar converter seu pai. A principal razão para a perseguição aos cristãos foi a perturbação da vida familiar. O próprio Cristo diz ter vindo não em paz, mas com a espada; separar famílias era parte do seu programa.

... Para o velho Yin o novo Yang era diabólico e contra ele lutavam.

Hoje a situação é idêntica, mas ao contrário...

Assim esta mulher experimenta todos os terrores e dúvidas do novo caminho (da intelectualidade estoica para a sensualidade afetiva, do abstrato para o concreto, do genérico para o específico). Sente como se fosse tudo errado... pecaminoso... destrutivo... impossível. Mas aos

poucos... sob a pressão contínua do inconsciente compensador... grandes lampejos a iluminam... Surgem sentimentos de realização... e contra sua vontade se vê convencida seja o caminho de Yin a própria salvação.

Não esqueça a realidade, leitor. A mulher estava envolvida em uma ligação amorosa contra a qual lutava.

Não faltam comentários sobre a equivalência fundamental e a necessidade dos dois princípios. Não há bem em um deles e mal no outro. Qualquer um quando predomina, se tem na conta de “bem” e chama ao outro “mal” — e assim se intensifica o conflito.

Quando ambos são aceitos, a personalidade se enriquece e equilibra.

Depois Jung acrescenta reparos sobre a individualidade e a sociedade estabelecida. Diz, em seus termos e alegorias, aproximadamente o que eu disse sob a figuração respiratória e vocal.

Muito me apraz, naturalmente, poder transpor os mesmos fatos para duas linguagens equivalentes; aumenta, assim, a probabilidade de ser verdadeiro, aquilo capaz de ser dito de vários modos concordantes.

Jung assinala — a mim havia escapado — o fato de o gigante ter escondido o céu quando cresceu. Interpreta a figura como perda de toda orientação. É preciso concordar, evidentemente. Não há mais estrelas para serem vistas. Só os olhos subsistem na escuridão da torrente vermelha.

Convém citar os reparos de Jung relativos ao ovo (que era o muro no começo); logo os usaremos.

Digamos um pouco mais sobre o ovo... pois ele é o exemplo eterno do gérmen perfeito, em condição potencial, adormecido. Em joias gnósticas antigas, frequentemente aparece o ovo circundado pela cobra. Este é um símbolo importante, ocorrendo também na filosofia tântrica (hindu), onde a serpente envolve o ovo, o ponto criador chamado Bindu. O ponto é tido como o deus masculino; é o ponto Shiva, sendo representado frequentemente pelo falo, símbolo das forças geradoras. A serpente em torno dele seria o princípio feminino, a receber ou envolver o ponto criador; é chamada Shakti, sendo Shakti a deusa feminina. Pela interinfluência do ponto Shiva com Shakti, cria-se Maia ou a ilusão do mundo.

Ora, quando este sistema começa a operar, a filosofia tântrica o simboliza pelo desenrolar-se e elevar-se da serpente Kundalini. Na medida em que se eleva, da serpente mana o sistema de aparências ao qual chamamos mundo, mas ao qual eles chamam ilusão. Menciono tais detalhes porque, ao progredirmos em nossa interpretação das visões, veremos a tendência indisfarçável, do inconsciente da paciente, a aproximar-se de tais ideias orientais, não obstante sua total ignorância consciente a respeito.

Por motivos desconhecidos, seu inconsciente tenta exprimir este aspecto particular da verdade.

Tais ideias, contudo, são arquetípicas e encontramos-las distribuídas pelo mundo todo. Encontramos a mesma simbolização nos mistérios órficos da Grécia...

\* \* \*

Em Stekel — *Interpretação dos Sonhos*, a ser examinado logo mais — encontrei um claríssimo exemplo para estas afirmações de Jung.

Trata-se de um sonho longo, do qual isolo apenas o interessante.

**Um conferencista e uma conferência; em certo momento o auditório ri, pois a calça do orador, desabotoada, deixava o pênis à mostra. Este, com calma, começa a arrumar-se; mas não era fácil pois “seu pênis estava envolvido em tiras de pano azul escuro, as quais haviam afrouxado; era preciso, então, enrolar cuidadosamente as tiras.**

Aí estão Shiva e Shakti, versão moderna.

\* \* \*

Deixemos os hindus por ora.

Não escapou a Jung a importância do grito, na fantasia.

É seu grito estridente que mata o monstro; sua agonia o vence. Assim se demonstra o valor criador do sofrimento.

Logo descreve personalidades tão alienadas de si, tão afastadas do próprio espírito, que só o sofrimento agudo consegue chamá-las a si. Por isso infligem — às vezes — sofrimento a si mesmas.

Logo estende suas considerações aos mártires, mostrando como estes, a fim de transpor o “eu” e alcançar o *self* —. espírito pessoal profundo

— se opunham diretamente, pelo sofrimento e pela morte, aos instintos do eu, o de sobrevivência em primeiro lugar.

Cito extensamente seus dizeres, pois eles retratam, frequentemente, a mitologia, a dogmática, a moral e a filosofia... da respiração. Isto é, quais as figuras, as leis e as lendas encontradas pela Humanidade, a fim de captar e representar o espírito.

Observando-se a atitude da mulher ante o ovo, como aparece em desenho no trabalho original, notamos os braços levantados, posição clássica de invocação e ofertório; e ao mesmo tempo, de inspiração ampla e profunda, “total”. Notamos o próprio ovo: com muita facilidade, dado o fundo homogeneamente negro e o ovoide totalmente branco (sem sombras a sugerir esfericidade), com muita facilidade podemos ver, na figura, uma caverna com um orifício aberto para o sol, o dia, a luz, o ar... Deste modo, o gesto e o local se harmonizam particularmente bem.

Saberá o leitor da legitimidade destas inversões, quando estudarmos desenhos com fim terapêutico. Saberá o leitor o quanto, muitas vezes, o principal do desenho (o porvir), se contém em formas negativas — “vazio” — surgidos *sem intenção*. Além disso concorda tal visão do desenho com o muro desfeito (primeira fantasia), com o ovo a romper-se, com o templo a ruir e com a caverna final. (v.i.).

Prossigamos com as fantasias.

**5 — Eu disse: “Abre-te, a fim de que eu possa conhecer o que conténs”. A seu tempo, o ovo abriu-se e dentro dele vi uma estátua antiga, representando a cabeça de um negro. Retirei-a e limpei dela o pó das idades. Enquanto o fazia, línguas de fogo saltavam de seus lábios e a face disse: “Beija-me, mulher”. Eu disse: “Não posso; queimar-me-ei.” A face ordenou novamente e eu a beijei. Senti então o fogo difundindo-se pelo meu corpo todo. Levantei-me e a cabeça caiu ao chão, quebrando-se em pedaços.**

De meu, sobre esta fantasia, muito pouco. Jung diz quase tudo. Assinalo apenas as línguas de fogo, o beijo e o fogo a difundir-se pelo corpo.

Muito facilmente lembramos a boca a comer e a beijar; bem menos — paradoxalmente — a vemos *falando*. Suas funções materiais absorvem



sua função espiritual — sempre que *pensamos* nela; já ao *falar*, 9 vezes em 10, usamo-la sem nos darmos conta de sua existência — em paralelo com Adão e Jeová, este insuflando vida naquele. Podemos, nesta fantasia, ver o nascimento da *palavra*, da aptidão de falar ou da capacidade de elaborar as próprias palavras, os próprios pensamentos. Ainda, a capacidade de gerar ideias adequadas, *ao mesmo tempo*, a mim e ao mundo presente. O mundo me fecunda e eu gero; logo meu filho (meu pensamento), vestido de palavra, influi sobre o mundo e o modifica e fecunda. Dialética. Jung esclarece melhor este lado da questão. Ao comentar previamente o gigante, referiu-se a certas figuras mitológicas nas quais se vêem gigantes sem cabeça. Desta vez, há uma cabeça sem gigante.

No presente, somos nós a cabeça do passado (o gigante). Somos literalmente a cabeça do passado — sua parte — mais avançada; somos seus olhos a ver o futuro, seu cérebro criador. Pelo menos, deveríamos ser. Se não nos afirmarmos, se não criarmos uma nova cabeça, então o passado se faz um corpo enormemente pesado a nos esmagar. Mas se pusermos uma cabeça no corpo, então emprestamos sentido ao processo todo. O caso se complica por não sabermos qual a cabeça adequada; o passado é uma árvore a crescer e não sabemos que frutos dará, qual o desenvolvimento conveniente...

Podemos dizer: enquanto não há palavras formando-se e saindo desta cabeça, não podemos saber bem, nem podemos comunicar nada de nós ao presente; não conseguimos ter cabeça. Falta inspiração...

Prossegue Jung examinando o cunho ambíguo do novo espírito, a cabeça negra do gigante branco; o fogo ardente, luciferino — a aparente inadequação do novo espírito à velha mulher.

O fogo a difundir-se nela é a essência da visão; é inspiração, força dinâmica instigando-a a agir e a realizar.

Um novo espírito!

Não assinala Jung a muito provável conexão entre esta fantasia e um beijo real; nem lembra ele o quanto um beijo autêntico, se é prazer e alegria instintiva, é também comunhão de espíritos. As mucosas sensíveis emitem sensações aprazíveis; mas a boca é também — através da palavra — o *locus* da comunhão *espiritual*.

Aliás, pergunto: por que nasceu o beijo entre os homens? Não é o beijo ação instintiva em sentido próprio; nem é ele particularmente prazenteiro *per se*.

Não estará na oferta da boca — através de sua função verbal — a oferta do espírito?

Não falta à fantasia o “pó das idades” — lembremos de Luís. Vejo concretamente, no romper do ovo, a emergência de um novo modo respiratório. O pó talvez seja retrato, apenas, da dificuldade em respirar, inicialmente, da nova maneira...

O fogo a difundir-se pelo corpo nos lembra, ele também, o sangue das demais fantasias: a árvore, depois torrente de água, depois torrente de sangue, definitivamente a própria torrente circulatória da mulher, rica de sangue e de oxigênio, ao mesmo tempo alimento “espiritual” do corpo e “substância espiritual” da palavra...

**6 — Vi-me em uma grande planície onde encontrei uma serpente e lhe supliquei me levasse embora. A serpente conduziu-me através de um capinzal fresco, à margem de um rio. No rio vi a bela forma de um homem. Entrei na água e o segui. Tomou-me da mão, subimos para a margem e entramos em um templo. Eu disse: “Tire o fogo de mim”. Ele mandou-me ajoelhar aos pés do altar e deu-me água para beber; mas eu disse “o fogo dentro de mim queima ainda”. Ele puxou da espada e acutilou as paredes do templo; com ruído de trovão as paredes ruíram até seus fundamentos. Então o homem pôs a mão sobre minha fronte e disse: “Mulher, estás perdoada. Levanta-te e comunga com as gentes”. Vi muitas pessoas em torno de nós. Caminhei para eles e eles me tocavam com suas mãos. Por fim eu disse: “Não há mais fogo em mim. Estou purificada”. Levantei meus braços para o céu, enquanto os raios do sol desciam sobre mim.**

Estranho um pouco o fato de Jung não estabelecer a *continuidade* de sequência das fantasias.

Já vimos a torrente de água, mais a de sangue, se fazerem uma só; vimos as árvores se avivando; vimos o muro, o ovo e a cabeça rompendo-se. Nesta, rompe-se o templo, e a mulher faz consigo aquilo que fizera antes com a criança nascida da face sofredora: mergulha na água — com o homem.

Se lá nasceu o amor — como supomos — aqui ele se realiza. Nada mais semelhante a um banho comum, do que a troca de carícias amorosas, quando os corpos ondulam como a água.

Nada como a realização amorosa da sexualidade — fora da lei — para romper tantos liames sociais (o templo a ruir com fragor); e para criar — se sabedoria houver — tantos liames pessoais. Jung também pensa assim — logo veremos.

Por isso, por sua possibilidade imensa de romper a ordem estabelecida e criar uma nova ordem orgânica nas relações sociais; por isso, se vêem o amor e a sexualidade tão impiedosamente oprimidos e degradados em nosso mundo.

Outro espírito poderia nascer assim na Humanidade, mais genuíno talvez, mais humano certamente.

Ouçamos o que diz Jung:

A serpente é uma indicação de que a mulher deve proceder com cautela e atenção. A bela forma masculina encontrada por ela, refere-se ao homem que é a pedra de toque na sua história pessoal.

Agora ela entra na água; confia-se ao curso dos acontecimentos e segue o homem.

Ela lhe pede para apagar o fogo. Primeiro ele tenta o meio comum: ele a conduz do rio para um lugar fechado, onde ela está protegida pelas espessas muralhas e pelo maná do templo. Dá-lhe água para beber com a ideia, assaz razoável, de apagar o fogo com a água... Mas há certas situações nas quais a razão não ajuda muito; ela se vê obrigada a confessar que o fogo ainda queima... Agora ele compreende que não podem apagar tal fogo nenhuma santidade e nenhum sacramento. Ao invés de pô-la para fora, ele destrói o recinto sagrado, o lugar protegido de repouso; depois o lugar sagrado não mais é sagrado, mas sim profano; o efeito final, naturalmente, é o encontrar-se ela, de novo, dentro do rio, praticamente. Isto é muito importante. O homem lhe diz mais ou menos as palavras ditas por Cristo à prostituta. Sabemos, pelos fatos anteriores, tratar-se aqui de algo semelhante.

Sentimos algo queimando dentro de nós, quando este algo é incompatível com nosso sistema prévio de adaptação; se mudarmos o sistema, então a coisa ígnea pode entrar em nós sem nos destruir; mas

se deixarmos como está, então o fogo se apagará, ou então nossa carne será queimada — deixando depois uma cicatriz terrível. O rito no templo serve, pois, ao propósito de unir duas coisas até então incompatíveis; há uma noção de adultério nesta fantasia, que deve ser aceita por todo o seu sistema de adaptação sem queimá-la. Ela simplesmente não pode destruir a ideia toda, porque esta é a vida proveniente do fogo eterno; portanto, ela deve mudar seu sistema de adaptação.

O mesmo, mas ao contrário, aconteceu com a mulher adúltera ao encontrar-se com Cristo.

... quando aceitamos a nós mesmos, então o mundo nos aceita. Comungar com as pessoas significa: reconhecer que somos todos semelhantes, sofrendo todos dos mesmos problemas; então não permanecemos mais isolados, mas nos sentimos humanos entre humanos.

É tremendamente importante possam as pessoas aceitar a si mesmas. De outro modo, a vontade de Deus não pode ser vivida; sentem-se eles de algum modo estéreis ou mutilados; na verdade, não realizam a si mesmos e então não exprimem a totalidade da vontade criadora neles residente; presumem ter julgamento superior ao de Deus, julgam saber como o homem deve ser. Deste modo excluem numerosas qualidades pessoais. O que o Senhor fez com a mulher adúltera, foi mudar seu sistema, a fim de que ela pudesse aceitar o fato e assim sentir-se redimida. Não somos redimidos pelo arrependimento; permanecemos o velho Adão, pois pelo arrependimento não mudamos; podemos ser batizados ou algo assim, mas tampouco isto constitui mudança real. Deve haver uma transformação do sistema de adaptação e uma aceitação de coisas antes não aceitas.

Aí está, leitor. Citei Jung em pequenos fragmentos, interrompendo frequentemente o curso geral de suas ideias, a fim de salientar o mais importante para o nosso tema. Note o leitor o quanto minha expressão favorita, “um novo espírito”, diz estes mesmos fatos de um modo, a meu ver, ao mesmo tempo preciso e... inspirador.

Para mim o trecho mais difícil da fantasia foi a destruição do templo. Lembrando os paralelos prévios, o muro, o ovo, a cabeça, podemos compreender um pouco melhor esta figura algo inesperada, e de algum

modo excessiva. No templo a ruir creio se contenha a atitude prévia da paciente. É o seu “sistema de adaptação”, como o chama Jung. Já vimos: a cada atitude física, corresponde inerentemente uma atitude respiratória. Por isso, o afrouxamento de qualquer atitude habitual traz consigo uma renovação na maneira se respirar. Avançando um pouco a comparação, podemos dizer: a atitude da paciente era “fechada” e assim era seu peito também. Ela só “deixava entrar” a voz do Grande Espírito de Todos, a fluir através dos livros doutos e das normas sábias; só saía dela a verdade “pura”, isto é, a verdade despersonalizada, a verdade de todos — que não serve a ninguém.

No templo só havia ela e o homem; depois aparece gente, gente que a tocava, isto é: restabelecia-se o contato entre ela e os demais.

Antes havia as paredes do templo a limitar o espaço; depois havia um campo ilimitado. Ampliou-se o espaço, passou a mulher a comungar do verdadeiro espírito de todos, a atmosfera.

Por fim ela disse: “Não tenho mais fogo em mim. Estou purificada.” Levantou os braços para o céu e os raios do sol desceram sobre ela. O pequeno fogo de um pequeno espírito ascendeu aos céus, confundindo-se com o grande fogo de todos os espíritos: o sol.

A chama da vida, limitada por um peito humano fechado, queima ardentemente por um instante de eternidade, apagando-se logo depois. O fogo precisa queimar num lugar aberto.

Veja-se o quanto a consideração da função respiratória nos permite elaborar quase versículos de livros religiosos, sem com isso perdermos apreciável objetividade.

Note-se o quanto esta linguagem permite exprimir, quase em forma de poesia natural, todos aqueles conceitos fisiológicos e sociais previamente propostos por Jung — e também por mim.

**7 — Vi um negro deitado sob uma árvore. Havia frutos em suas mãos. Ele cantava com voz gutural e cheia.**

Em relação a esta fantasia, Jung estende-se profusamente a respeito de numerosos mitos e personagens mitológicos, relacionados com a fertilidade da terra e sua capacidade inerente de renovação e renascimento.

Desta fantasia destacamos apenas o trecho sublinhado. Tão importante era o canto, que a mulher julgou necessário bem caracterizar a voz: era gutural e cheia.

Bem vimos, alhures, o quanto a canção é o próprio ritmo primário da respiração, tornado audível — espírito puro, sem palavras.

Depois da queda do templo, nada de surpreendente começasse algo a cantar dentro da mulher.

Esta voz, agora cançãoeira, certamente se relaciona com a voz daqueles que clamavam à margem do rio. Clamavam antes a força e certamente com aflição, a fim de chamarem as almas perdidas imersas na torrente. Agora, recém-batizada a mulher, a voz não clama, mas canta.

A respiração é plena, profunda e forte.

**8 — Eu disse ao negro: Devo conhecer-te?**

**Ele respondeu: conhecendo-me ou não, eu sou.**

**Perguntei-lhe: Ó negro, que cantas?**

**Ele respondeu: Pequena menina branca, canto para a escuridão, para os campos flamejantes, para as crianças em teu útero.**

**Enquanto ele cantava, sangue fluía de seu coração, em pulsações lentas e rítmicas. Fluía em torrente cobrindo meus pés.**

**Segui a torrente de sangue...**

Jung prossegue desenvolvendo a ideia do sacrifício natural e do renascimento, vendo na figura do negro a própria encarnação da natureza, sem mais. De minha parte, veria no negro o espírito da natureza. Porque a natureza não canta, nem fala; só a natureza humana pode cantar e falar.

Tampouco o seguiremos aqui. Assinalo, na fantasia, não só o diálogo como também o coração a pulsar lentamente. A meus olhos, certamente preconcebidos, esta pulsação lenta do coração pode confundir-se com as pulsações respiratórias. Recordo apenas a ligação inextricável entre a respiração e a circulação. Talvez houvesse se estabelecido, em minha mente, ligação entre as pulsações lentas e o canto.

**9 — A torrente descia e descia. Por fim encontrei-me numa caverna rochosa sob a terra. Estava muito escuro. Vi uma fogueira**

**luminosa. Sobre a fogueira havia uma ave fênix, a voar continuamente para o alto e a bater a cabeça no teto da caverna. O fogo criava pequenas serpentes que desapareciam. Criava também homens e mulheres. Perguntei à ave: “Para onde vão aqueles?” A ave respondeu: “Para longe, para longe”. A ave disse: “Põe-te sobre o fogo, mulher!” Eu disse: “Não posso, queimar-me-ia”. De novo a ave ordenou. Obedeci e as chamas cresceram queimando minhas vestes. Por fim fiquei nua.**

Continua Jung pouco preocupado com a continuidade da fantasia que é muito bonita e elucidativa. A caverna, derivada do templo, é o próprio tórax — logo veremos. As vestes também, em paralelo com o muro e o ovo, são a última muralha, isto é, a representação das atitudes sociais mais fundamentais, mais próximas do corpo, as mais “íntimas”. Já na segunda fantasia as vestes mudavam de cor.

Apreciada cinematograficamente, esta série de fantasias nos mostra um verdadeiro desvelamento ou um desabrochar contínuo. Sucedem-se atitudes nascendo de atitudes, como botão emergindo da corola; de uma caixa — torácica — sai outra caixa e mais uma, como em brinquedos de criança.

Reich, se não o demonstrou, pelo menos insinuou com bastante clareza esta sequência. A resolução adequada de uma dificuldade, prepara caminho para a emergência e a resolução da seguinte, e assim sucessivamente, em numerosos ciclos ou etapas. Ao longo da sequência, a pessoa é levada a aprofundar-se cada vez mais em si mesma; assim se diz habitualmente, dentro da linguagem comum a todas as psicologias dinâmicas.

A pessoa se aproxima cada vez mais do próprio corpo e o sente cada vez melhor, cada vez mais unificado e integrado.

Considere-se, por exemplo, o muro da primeira fantasia e a caverna desta última. Temos algumas razões plausíveis para acreditar representem ambas alguma coisa da caixa torácica. Lá, na primeira, um muro, uma árvore dentro, uma árvore fora; dentro, ainda, um par de olhos — apenas. Um corpo completamente desarticulado, espalhado no espaço; a própria pessoa presente ou consciência, apenas, *dos próprios olhos*. Tudo o mais, “fora de si”.

Nesta última, a pessoa marcadamente “dentro de si”, — dentro da própria cavidade torácica — a caverna; bem junto do próprio coração — o fogo. Todas as partes no lugar.

A ave, tenho para mim, é uma representação do próprio *movimento respiratório, continuamente tolhido*. O topo da caverna, por coerência funcional, só pode ser a laringe.

Palavra não dita — nó na garganta.

Anseio contido.

Pensamento ansiando por expressão, ansiando... inspirar a consciência.

Conhecemos Luís, leitor.<sup>5</sup> Ele temia o poder criador do oxigênio, assim como seu poder destruidor. O fogo desta caverna — combustão orgânica, essência da vida — cria serpentes e seres humanos a todo instante. Mais modestamente, cria pensamentos, palavras, imagens e ideias de animais, de gente e de coisas.

“Para longe, para longe.”

Onde é o longe?

O ar, a atmosfera, o outro — qualquer outro.

“Põe-te sobre o fogo, mulher” — vive a tua verdade, — mostra-te como és. Manifesta a tua forma.

“Queimar-me-ei” — Tenho medo de mim, tenho medo do que sou.

Sou tão diferente do que os outros esperam; sou tão diferente de mim mesma, depois de ter olhado para mim com os olhos dos outros.

Quando nua não sei quem sou.

Meu corpo nu — não sei o que é, não sei quem é. Tenho medo.

As roupas eu pus porque os outros queriam. Depois minha roupa se fez minha pele. Se o fogo queimar minha roupa, restará carne viva.

Tenho medo.

Este é o meu dizer, leitor; momento de inspiração poética.

Gostaria fosse meu livro todo assim. Ou talvez não. Talvez se fizesse monótono.

É preciso alternância. É preciso palmilhar o deserto bem deserto, bem quente e bem árido — bem viril; depois o oásis é bem feminino — bem água e bem palmeira.



Outra continuidade existe, não assinalada por Jung. Lembra-se, leitor, da face sorridente a surgir da chama emergente da água? Agora, a própria mulher se integra à chama. *Ela se faz a face sorridente.*

A face da felicidade? Como chegou a mulher até a caverna? Seguindo o sangue, seguindo a torrente, primeiro de água, depois vermelha, quente e ondulante. Em relação a este trecho da fantasia, pela primeira vez, eu e Jung quase concordamos. Diz ele:

A mulher é levada para a... cavidade abdominal, apreendida como um lugar psicológico: dir-se-ia lhe tenha sido dado alcançar, com sua intuição, aquela região sob a consciência; ali encontra ela um fogo queimando... O que é este fogo? Durante muito tempo eu também não sabia. É o fogo da serpente — o Kundalini Ioga. Há ideias peculiares na filosofia tântrica hindu, descobertas através da prática da Ioga, e encontramos, praticamente, sempre o mesmo simbolismo nestas visões, como já insinuamos antes, ao nos referirmos ao ovo.

Descendo na caverna do inconsciente, o ioguim tântrico descobriu uma série de centros corporais, iniciando-se bem baixo no abdômen, através dos quais, dizem eles, a Kundalini — isto é, a força da serpente — sobe pouco a pouco e passo a passo, uma vez tendo sido despertada. A mais baixa dessas regiões é “muladhara”, no períneo, junto à base da pequena bacia. Este é o centro raiz, por onde começa todo o movimento e onde reside a serpente Kundalini, enrolada em torno do Bindu Shiva. A região seguinte, acima de Muladhara, é a região da água, a região da bexiga, na entrada da bacia. Não há evidência de valor algum, além do fisiológico, ligando ambas essas regiões. Mas a terceira região abdominal, corresponde ao plexo solar e chamada a região do fogo, parece ser claramente um centro psicológico. Ainda existem selvagens africanos *dispostos a asseverar nasçam seus pensamentos no estômago*. Com certa facilidade podemos sentir certas emoções nesta região. Dizemos o quanto nos é difícil, às vezes, digerir certa ideia, ou então dizemos tenha sido nosso estômago perturbado quando não conseguimos nos haver bem com certas emoções ou problemas. O centro seguinte, mais acima, corresponde à região do diafragma. A palavra diafragma provém do grego *phren* e significa mente — quase espírito. Este centro confunde-se com o coração, o qual, naturalmente, é uma espécie de centro afetivo; é também um

centro emocional, mas de natureza diferente, *pois acima do diafragma parece iniciar-se ou começar a possibilidade de consciência e de reflexão*. Uma espécie de continuidade moral se inicia aqui. Depois, acima do coração, outro centro existe, na região da laringe, e mais um, na cabeça. Seis ao todo. Compreendo sejam estes centros simplesmente alegorias. Há às vezes quem afirme sejam eles reais de algum modo, mas o próprio hindu assevera apenas que tudo se passa “como se” estes centros existissem; não seria razoável concebê-los literalmente. Mas é interessante notar ocorram sintomas quando, de acordo com o que se diz, a Kundalini sobe através desses centros localizados, sintomas em paralelo notável com os fatos fisiológicos; realmente, tudo se passa “como se” existissem centros como estes, influenciando sobre certos órgãos. Pessoas nas quais a serpente Kundalini alcançou a região do coração, provavelmente sofrerão sintomas neuróticos referentes ao coração; enquanto a serpente é de todo inconsciente, sofrem eles de dificuldades abdominais. Como já disse, dificilmente encontraremos um caso de histeria não acompanhado por distúrbios abdominais, assim como por excitações sexuais peculiares. Quando a Kundalini começa a mover-se, ocorrem distúrbios sexuais e logo a seguir distúrbios da bexiga urinária, como a micção compulsiva. Depois vem o estômago, o coração, e mais tarde as regiões psicológicas superiores.

Chegamos então ao centro do fogo, no centro do abdômen, e o fogo está vivo, mas ainda adormecido. Nos mitos mais primitivos, esta é a fogueira feita pelo herói no ventre da baleia-dragão.

Leia com atenção o seguinte parágrafo, leitor; veja o quanto, em sua linguagem própria, Jung se aproxima daquela outra referente à respiração.

Assim, encontra esta mulher o fogo já aceso e vê uma fênix voando continuamente para cima, batendo sua cabeça contra o teto da caverna.

A fênix é um símbolo do renascimento, *como a águia ou outras aves emergentes do fogo, tanto na alquimia quanto dentro de qualquer visão mística*. Esta imagem significa: deste centro luminoso de paixão e de emoção, situado em baixo, no plexo solar, algo pode elevar-se para o reino do ar, para a consciência; é o gérmen de uma consciência mais alta aquilo que se contém originalmente no fogo inferior; mas esse algo

pode se fazer *semelhante ao ar* e subir até a cabeça, talvez mesmo acima da cabeça.

Aí está, leitor. Fala Jung — algo inadvertidamente, do canto do negro, expressão daquelas emoções apaixonadas, a subirem lentamente e a moldarem-se lentamente em palavras, até alcançarem a região do ar — palavras!

Na verdade, esta é a ideia central da qual nasceu tanto o sistema tântrico, quanto o nosso sistema alquimista de filosofia medieval. Mas neste caso a ave está presa, debatendo-se continuamente contra o teto da caverna; quer isso dizer está a ave mantida sob o diafragma, pois *o diafragma é precisamente o teto da caverna*.

O mestre me desculpará, mas eu discordo. Tanto o mestre quanto os hindus descrevem muito bem os fatos interiores, como eles aparecem aos olhos da consciência; descrevem as sensações interiores com muita precisão, através de imagens muito oportunas. Mas a realidade anatômica é um pouco diferente. Reich não se cansava de descrever os mais variados complexos sintomáticos ligados ao bloqueio do diafragma. *É* bem verdade seja o diafragma uma perfeita abóbada para o *abdômen*. Mas ao mesmo tempo ele é assoalho para o tórax e, mais do que a realidade anatômica, prevalece a realidade funcional: o diafragma é o principal motor, quase vegetativo, da respiração.

Mas na verdade toda distinção referente a esta região, sobremodo crítica, do corpo, é algo precária. Num pequeno volume corporal estão reunidos o plexo solar, o diafragma e o próprio coração. Dada a quase fusão anatômica, toda a confusão psicológica se faz plausível e, a bem dizer, pouco importante na prática. Fiz o reparo apenas procurando mostrar que tenho razão, tanto quanto Jung, ou vice-versa.

Acrescentemos: dentro do que se sabe a respeito de Fisiologia, o plexo solar não pode gerar calor em sentido próprio; ele pode, isto sim, produzir dilatação de todas as artérias abdominais, produzindo assim uma viva sensação de calor. O método de relaxamento de Schultze aproveita muito bem este fato. Outrossim, esta sensação de calor não pode se manter muito tempo, se a respiração, mais a circulação, não a mantiverem. Digamos, usando uma distinção consagrada, seja o plexo solar a causa formal do calor; mas a sua causa substancial é cardiorrespiratória.

Vale a pena traduzir mais algumas afirmações de Jung, assim como alguns reparos feitos pelos seus discípulos, durante sua exposição. A todo instante Jung se aproxima bastante dos fenômenos respiratórios e vocais, sem chegar a dizê-los explicitamente. É fascinante vê-lo *tentar dizer* algo que é muito fácil em meus termos; porque eles lhe faltaram, Jung gira e regira em torno do tema, incapaz de enquadrá-lo adequadamente, e incapaz, ao mesmo tempo, de abandoná-lo de todo. Vejamos.

Dado seja o teto da caverna o próprio diafragma, então que seria a ave? Eu a denominei o gérmen de uma consciência mais alta, algo realmente destinado a alcançar maior altura.

Alguém do auditório diz: “é o espírito”.

Digo eu: é a palavra.

Prossegue Jung.

Mas que significa realmente o mito da ave fênix? Em linguagem psicológica, este centro de fogo é o centro da paixão e do entusiasmo e é ele, precisamente, o centro emocional dos primitivos; e situa-se em baixo, no abdômen, é pré-psicológico. Qualquer coisa que pudesse ser chamada espírito ou alma, origina-se nesta espécie de fogo situada no nível pré-psicológico. A consciência nasce da paixão.

A paixão é o canto do negro com seus dizeres enigmáticos, semelhantes aos do pajé. Apesar de enigmáticos, *já eram palavras*.

Ora, o produto daquele fogo, ou o produto da paixão neste caso, não pode passar para a consciência; está preso no inconsciente. Por que não pode ele subir pelo ar, fazer-se visível?

Bastaria trocar uma palavra e ficaria tudo claro: em vez de visibilidade, audibilidade.

Obviamente a consciência não está pronta para aceitá-lo; mas por que não? Uma Fênix parece ser algo muito bom e bonito.

Alguém no auditório responde para Jung — porque ela vem da região abdominal. Prossegue Jung:

Certo; por isso, aos olhos da mulher, o proveniente de tal origem não é admissível. Ainda existe um remanescente da velha consciência em nossa paciente, o qual não permite *esta espécie particular de mente ou espírito de aparecer*.

Em suma, a paciente não aceita um novo espírito.

“Mas é o próprio inconsciente aquele a impedir a ave de voar para fora” — diz alguém.

Perfeitamente verdadeiro, prossegue Jung. O inconsciente não tem oportunidade de alcançar a consciência, enquanto esta não cria uma abertura pela qual ele possa chegar até ela.

Parece tão mais claro dizer: A paciente, cheia de ideias (palavras) aprendidas desde pequena, não sabe o que fazer com as novas palavras em formação dentro de si. O curso das fantasias e o curso da vida desta mulher, estavam se desenvolvendo em forma tão inusitada, em termos tão inesperados, que o desacordo destes com todas as noções aprendidas certamente funcionava como oposição. Era pois o espírito de todos lutando contra o espírito da mulher. Era, pois, a soma das coisas aprendidas e das regras feitas, opondo-se à verdade individual emergente. Não fica mais claro assim?

Mas aqui sua visão concentra-se em torno do fogo e ela diz: “Vi o fogo criar pequenas serpentes que desapareciam”. É por fatos como este, certamente observados por eles, que os hindus chamam a esta força de serpente Kundalini ou serpente do fogo.

Não era melhor dizer representem as pequenas cobras “maus pensamentos” nascentes na paciente? Melhor: não são tais pensamentos emergentes tidos como ruins precisamente pela sua alta formação intelectual? Não é o julgamento dos novos pensamentos pelos velhos o que transforma os novos pensamentos em serpentes? Uma cobrinha a sair do fogo e a sumir na sombra parece, a meus olhos, uma excelente representação do pensamento fugidio, ao mesmo tempo tímido, insinuante e malevolente. Mas palavras nascendo na mente. Quem não tem destas “minhocas” na cabeça? Sublinhamos apenas, agora inteiramente de acordo com Jung, dois pontos: os nossos “maus” pensamentos recebem o qualificativo de maus, apenas ante a estimativa dos “bons pensamentos” tidos e aprendidos na escola, no catecismo, com papai e mamãe. Todo o tirano chama de traidor ao herói capaz de comprometer sua posição ... Em seus termos, Jung diz a mesma coisa:

O fato de não poder a ave alcançar a consciência, deve-se, talvez, ao fato de sua consciência partir do princípio de que só serpentes podem

morar “lá embaixo”, porque as serpentes são perigosas e venenosas.

Bem mais adiante, comentando a nudez da mulher, diz Jung:

Na condição pré-psicológica, dentro da qual não queremos ou não podemos ser razoáveis, quando nos rendemos completamente e nos damos inteiros aos movimentos do sofrimento e da emoção, então nos purificamos, então nos tornamos nós mesmos através o fogo da paixão. Esta é a prova do ouro: o ouro verdadeiro mostrará sua qualidade no fogo. Esta é também uma ideia alquimística: ela se transformou na substância verdadeira. Então o fogo se apaga e a ave é ela mesma. Esta consciência mais alta é a consciência do *Self*, e ela encontrou o fogo transformador ao falar com o negro...”

É preciso dizer seja esta última passagem a conexão mais importante para mim.

Ao ler este trecho não entendi bem a que passagem se refere Jung. Relendo com cuidado a frase, lá encontrei uma expressão redundante — *black-negro*; refere-se Jung à cabeça do negro contida no ovo.

Leitor, deixe-me fazer uma pequena parada a fim de fazer efeito. Na fantasia da mulher, entre ela e a cabeça da estátua negra, foi feito algo idêntico ao que fiz com Luci.<sup>6</sup>

No momento preciso em que os lábios se encontram, o espírito passa de um para outro: as línguas de fogo do negro alcançaram a mulher. *O novo espírito começava a infundir-se nela*. Não mais barro da terra, mas sim espírito vivente. Fascinante paradoxo: o barro a insuflar na mulher. O espírito da terra — da matéria — animando Eva...

**10 — A seu tempo ouvi o negro descendo. Cantava: “Canto para ti sobre a escuridão e os campos flamejantes”. Ele abriu a porta da caverna. Ao me ver, riu. Ele disse: “Agora estás casada comigo”. Subimos os degraus para a luz do dia. Ele repetiu: “Agora estás casada comigo”.**

O comentário de Jung a estes dois trechos é bastante sumário, mal completando linhas precedentemente desenvolvidas.

De minha parte, tenho algo a acrescentar. Releia o leitor: — “Cantava”, “abriu a porta”, “subimos para a luz do dia”. Mesmo tosca, é de toda válida a comparação: Cantar é abrir o peito. Menos tosca e mais usual é a expressão: a voz sai da garganta. Se juntarmos estas duas ideias,

então teremos a consequência final desta longa série de fantasias: a paciente começava a dar ouvidos e a dar voz ao próprio espírito.

“Depois ele riu.” O riso também sai do peito, não raro como um quase cântico de libertação.

O espírito do homem gosta de rir.

Com este acréscimo final, a frase de despedida desta fantasia é inteiramente transparente. Estava a mulher casada com o próprio espírito, eterna e completamente.

Mas a canção do negro, convenhamos, é bastante exótica. Cantar a escuridão e os campos flamejantes, é positivamente uma frase de sentido completamente obscuro.

Terá sentido este absurdo?

Creio que sim. As palavras ditas pelo meu espírito para mim mesmo, no íntimo, são inteiramente minhas e não têm sentido algum para mais ninguém.

*Nem para mim* têm sentido, no momento em que são ditas. Quando nasce o novo, ninguém sabe o que ele seja, nem mesmo aquele onde o novo nasceu.

É preciso ouvir finamente este sussurro cósmico; é preciso demorar-se sobre sua música — talvez dançá-la; é preciso colher um a um, com muito cuidado, os fonemas e as palavras a germinar; é preciso meditá-las, contemplá-las, brincar com elas, sofrê-las, espantar-se, duvidar e discutir com elas; aos poucos começamos a amá-las e então seu sentido nos ilumina e fortalece. Bem mais tarde, nosso espírito aprende sintaxe.

Só depois de lhe ensinar um pouco de sintaxe, consigo dizê-lo para os outros. Mas então ele não é mais o mesmo; já vestiu roupa. Ainda assim, se meu espírito for assaz forte, terá muito a dizer à custa da própria roupa. Sairá vestido, sim, mas à sua moda. O estilo será tão original quanto o conteúdo.

Poucos compreendem este paradoxo, alma de todo paradoxo: o novo é absurdo.

O habitual se faz inexoravelmente inconsciente e, com isso, perdemos a pouco e pouco, a noção viva de existência. É a monotonia, a rotina, a gradual coisificação do mundo; vendo no vivo apenas o

comportamento regular, passa o vivo (o de dentro e o de fora) a ser apreendido como coisa inanimada. Com a monotonia nasce a insatisfação, o enfado, o enjoo, e por fim, o desespero.

Dentro deste contexto sempre igual, o novo surge, sempre, como “perturbador”, sendo chamado de exceção, “engraçado”, “bobagem”, heresia, subversão ou sacrilégio.

Estabelecida a ordem do desespero monótono, só o novo, finalmente percebido, seriamente examinado e cuidadosamente experimentado pode nos salvar. Mas à luz dos velhos hábitos, o novo, em nada se relacionando com o velho, é geralmente percebido e qualificado como “absurdo”.

Qual o “sentido” de um transístor no Império Romano?

No entanto só a fé e a fidelidade ao novo podem retirar o homem da roda infinda dos hábitos.

Orígenes estava certo. *Credo qui absurdum!*

\* \* \*

Voltemos. Lembrar-se-á o leitor dos comentários feitos por mim em torno do desenho do ovo. Lá estava, preludiada, inadvertidamente, uma caverna. Saíram a mulher e o negro pelo... orifício do ovo! Não é verdade que Orígenes está certo?

Encerrado este caso, examinemos outros — sempre de Jung.

### **A VOZ DE DEUS**

Na sua autobiografia<sup>7</sup> existem numerosos elementos úteis ao nosso tema, sem contar o estranho fascínio exercido pela autenticidade destas “confissões”, sua linguagem direta, seu conteúdo a um tempo ingênuo e profundo.

Primeiro, um caso sintético.

Certa ocasião tratei de uma esquizofrênica idosa, na qual me era dado ver, distintamente, o fundo de personalidade “normal”. Esta pessoa não podia ser curada; só era possível cuidar dela. Todo médico, afinal, tem pacientes sem esperanças, em relação aos quais só lhe é dado aplinar o caminho para a morte.

Ela ouvia vozes distribuídas pelo seu corpo inteiro e *uma destas vozes, situada no centro do tórax, era a “Voz de Deus”*.



Devemos confiar nesta voz, disse-lhe — atônito ante minha própria coragem. De regra, a voz emitia comentários muito razoáveis, e com seu auxílio me era dado lidar muito bem com a paciente. Certa vez a voz disse: “Deixe-o pôr-te à prova sobre a Bíblia”. Ela trouxe consigo uma velha Bíblia, puída de tanto manuseio, e a cada visita cabia-me apontar-lhe um capítulo para ler. Na vez seguinte, fazia-lhe perguntas a respeito. Procedi assim durante 7 anos, uma vez cada 15 dias.

De início sentia-me muito esquisito neste papel, mas após algum tempo, compreendi o significado destas lições. Deste modo mantinha-se alerta sua atenção, salvando-a de mergulhar mais fundo em seu sonho desintegrador.

Após 6 anos, o resultado foi o seguinte: as vozes, previamente espalhadas pelo corpo todo, confinavam-se agora à metade esquerda, enquanto a direita mostrava-se de todo silenciosa; tampouco havia o fenômeno mórbido duplicado à esquerda; permanecia como originalmente.

Daí devemos concluir tenha a paciente se curado a medias! Foi este um sucesso inesperado, pois de mim mesmo não teria imaginado pudessem tais exercícios de memória produzir este efeito terapêutico, (págs. 126-7).

Nenhuma ilustração sintética melhor para nossa digressão prévia. Não só a “voz de Deus” no centro do peito como, ainda, esta voz permitindo o diálogo entre médico e paciente; mais, dirigindo o processo terapêutico.

Não seria *mesmo* a voz de Deus?

Assinalemos bem a coragem de Jung em “fazer-se de louco”, surpreendente para ele mesmo. Voltaremos a ela, como também ao modo de seu movimento intelectual, retratado em seus comentários às fantasias da mulher.

Cito agora impressões de Jung sobre Freud, resultantes de um convívio longo, íntimo e significativo. A fim de não repetir comentários, sublinharei todos os elementos concordantes com a análise previamente realizada em torno do sonho freudiano.

As ideias expressas por mim na *Psicologia da Demência Precoce*, não encontraram muita simpatia. Na verdade, meus colegas riam de mim.

Mas foi através deste livro que encontrei Freud. Convidou-me a visitá-lo; nosso primeiro encontro realizou-se em Viena — fevereiro de 1907. Encontramo-nos à 1 hora da tarde e falamos virtualmente sem parar ao longo de 13 horas a fio. Freud era o primeiro homem realmente importante encontrado por mim; em minha experiência anterior, ninguém podia lhe ser comparado. Nada havia de trivial em sua atitude. Pareceu-me extremamente inteligente, esperto e de todo notável. Contudo, minha primeira impressão a seu respeito permaneceu algo confusa... (p. 146)

Acima de tudo, *a atitude de Freud ante o espírito* parecia-me altamente discutível. Sempre que numa pessoa ou numa obra de arte surgia uma expressão de espiritualidade (no sentido intelectual e não sobrenatural), logo punha-se ele a suspeitar tratar-se de sexualidade reprimida. Não podendo interpretar tudo diretamente como sexualidade, empregava então o termo “psicossexual”.

Protestava eu dizendo: fosse esta hipótese levada às suas últimas conclusões lógicas, e redundaria ela em um julgamento aniquilador sobre a cultura. Esta apareceria então como pura farsa, consequência doentia de sexualidade reprimida. “Sim” — confirmava ele, “assim é, e lidamos com maldição de destino contra a qual nada podemos fazer”. Não me sentia de modo algum disposto a concordar ou a deixar o assunto neste pé, mas tampouco sentia-me, então, competente para argumentar contra ele.

Algo mais pareceu-me significativo neste primeiro encontro. Relacionava-se com fatos a respeito dos quais só me foi dado pensar e compreendê-los após o término de nossa amizade.

Sem dúvida alguma, estava Freud emocionalmente envolvido com sua teoria sexual em grau extraordinário. *Ao falar a respeito, seu tom de voz fazia-se urgente, quase ansioso, e desapareciam todos os sinais de seu modo de ser, normalmente crítico e cético. Expressão estranha surgia em sua face, profundamente comovedora, para a qual eu não encontrava explicação...* (p. 147)

Uma de suas características preocupava-me acima de todas as demais: a amargura. Impressionara-me ela desde nosso primeiro encontro, mas permanecera inexplicável para mim, até quando me foi dado relacioná-la com sua atitude frente à sexualidade. Ainda quando para Freud,

fosse indubitavelmente a sexualidade um “numinoso”<sup>8</sup>, *sua terminologia* e teoria pareciam defini-la exclusivamente em termos biológicos.

Apenas a emoção ao falar sobre a mesma revelava os elementos profundos a reverberar em seu íntimo. Basicamente pretendia ensinar — ou assim me parecia — incluísse a sexualidade, vista por dentro, um sentido intrinsecamente espiritual.

*Mas sua terminologia concretista era estreita demais para exprimir tal ideia. Dava-me a impressão de, no fundo, estar trabalhando contra sua própria meta e contra si mesmo; e ao cabo, não há amargura mais amarga do que esta: ser alguém o pior inimigo de si mesmo. Em suas próprias palavras, sentia-se ameaçado pela “maré negra de lama”; totalmente ameaçado justamente o homem mais disposto a dirigir suas mangueiras sobre estas profundezas negras. Freud jamais se perguntou por que se sentia compelido a falar continuamente sobre sexo, por que esta ideia o possuía a tal ponto.* (p. 149)

Jung descreve nesta página, a “doença” de Freud — Irma tuberculosa. Consideremos com vagar e ordem estes juízos de um mestre sobre outro; eles são sobremodo importantes no sentido de confirmar nossa análise do sonho de Freud.

Para Freud, a sexualidade era sentida, quiçá intuída, como algo divino, algo fortemente atuante e inspirador, conforme se vê na descrição feita por Jung sobre o aspecto que assumia ao falar sobre o tema; ainda, pelo “sentido intrinsecamente espiritual” suposto por Jung no centro do magistério freudiano.

Mas a “terminologia concretista, estreita demais” era inadequada “para exprimir esta ideia” — completa Jung.

Freud, hoje, é moda ou é hábito; a poucos é dado lê-lo ao mesmo tempo com inteligência e ingenuidade. Mas Freud primeiro *escolheu e depois lutou ferozmente* pela manutenção de uma *nomenclatura* não só obscura (este pecado comete todo aquele interessado nos primórdios, seja lá do que for); mas uma nomenclatura excelente para criar oposições violentas ou, reciprocamente, péssima para persuadir.

Não confunda o leitor as palavras (a elas estamos nos referindo) e os princípios.

Um bom espírito, o de Freud — usando as *palavras* do Espírito do Coro, gera monstruosidades. Para a solteirona, a vizinha malevolente e a mulher demasiadamente honesta, qualquer relação sexual fora da lei permite qualificar imediatamente a mulher interessada de vagabunda, ou de mulher à-toa. Pouco ou nada mais importa àquelas três lídimas representantes do sexo frágil; a classificação, sobre basear-se exclusivamente no fato (é rigorosamente jurídica...) põe o fato acima de qualquer outro, relativo ao mesmo personagem.

Este comportamento verbal de cochichos (ou exclamações!) maledicentes, é precisamente o comportamento *verbal* de Freud.

Conhecendo bem os sentimentos humanos, e mostrando por eles, não raro, excelente e fina apreciação e discriminação, basta a Freud pôr-se de professor a falar de teoria e lá vêm seus termos de sentido vago, conotação popular extremamente negativa e emprego desnecessário; nem tal desnecessidade reconhecia Freud — muito ao contrário!

O amor de tal paciente por tal pessoa era de “fundo — evidentemente homossexual”; “*Tem que ser sexual*” — continuava o mestre; “não quero *diluir* o sentido *exato* das coisas” — prosseguia.

Que significa “sexual” quando deixamos o campo da conduta reprodutora propriamente dita e o de sensações específicas? Que significa “sexual” *exatamente, sem diluições?*

Amor incestuoso à mãe, ódio homicida ao pai, temor de castração, destruição oral canibalista, sadismo anal e quanto mais: são termos necessários ou bem escolhidos?

Não existem termos necessários — não há palavra com sentido “objetivamente” determinado, pois todo o sentido verbal é convencional; lidamos, pois, com termos escolhidos.

Escolhidos a fim de *descrever melhor* os fatos?

Duvido muito; a mim e a muitos outros não iniciados, estes termos, antes de parecerem chocantes, parecem brincadeira ou tolice; aos iniciados, vejo-os repetindo tais nomes a torto e a direito, com pouco ou nenhum sentido dentro do contexto.

As definições dos teóricos são válidas (toda definição é válida); mas, de novo, logo após a definição, quando se expõe o campo clínico supostamente coberto por ela, de novo caímos no vago.

Serão tais definições “definições de essência”, de algo fundamental ou central? Não — definidamente.

Todos os estudos psicanalíticos — os de Freud inclusive — são muitas vezes ótimos enquanto descrevem e interpretam o imediato, sem referência alguma ao esquema dito “fundamental”.

Depois lembram a este — deferência ao mestre e suas peculiaridades — momento no qual o estudo se faz raso, monótono e obscuro.

Sempre senti um distanciamento notável entre teoria e técnica psicanalítica. Reich também sentia. Elaborou então a “técnica adequada ao momento presente”! Genial! Apenas, não convém chamar de técnica a isso, pois o momento presente é único; não se repetindo, não pode haver técnica para ele; para o momento presente só pode haver arte. Todos os teóricos da técnica que se lhe seguiram, seguiram o mesmo “princípio”.

A teoria freudiana é o sonho de Freud, um gênio concretista, sensual e instintivo, eternamente a sonhar e eternamente convicto fosse seu sonho a própria — e única — realidade.

É realmente estranha a escolha freudiana dos termos. Estes, bem mais do que a teoria, levantaram e levantam ainda algumas vagas de oposição; mas hoje, vencida a estranheza, bem maior é a vaga de incompreensão pura e simples logo seguida da pergunta clássica: que é isso?

Enfim, mais um detalhe, a ser usado quando examinarmos os sonhos de Jung.

Discutia ele com Freud sobre fenômenos parapsicológicos, frente aos quais Freud mantinha a mais negativa das atitudes. Durante a discussão, certamente acalorada, em certo momento diz Jung:

Enquanto Freud prosseguia deste modo, senti curiosa sensação; era como se meu diafragma fosse feito de ferro e se tomasse rubro — uma abóbada luminosa, (p. 152)

Logo depois explode violento estalido em uma das estantes de Freud, com grande surpresa — e susto — de ambos os personagens. Logo Freud apela para coincidências. Jung — zombando — prevê, sem saber absolutamente por que ou como, um novo estrondo no momento seguinte.

E há.

Freud começou então a desconfiar de Jung...

Após consultar a *opinião* de Jung a respeito de tanta coisa, consultemos a opinião de Jung sobre Jung.

Jovem recém-saído do curso médio, decide-se Jung a estudar Medicina.

Logo se pôs a dolorosa questão: de onde viria o dinheiro? Meu pai respondia por uma parte apenas. Requereu à Universidade de Basel uma bolsa de estudos e, para minha vergonha, a bolsa foi concedida. Envergonhava-me não tanto pelo fato de assim se fazer manifesta a todos nossa pobreza, mas sim porque secretamente me convencera estavam todos os “grandes” do mundo mal dispostos em relação a mim. Jamais esperara tal bondade deles. Obviamente, a concessão devia-se à reputação de meu pai, pessoa simples e boa. Contudo, sentia-me totalmente diferente dele. Na verdade, eu tinha duas concepções totalmente diferentes de mim mesmo. Com os olhos no número 1 via-me como um rapaz moderadamente dotado, antes desagradável, com ambições montantes, temperamento indisciplinado, maneiras dúbias, alternando entre entusiasmo ingênuo e acessos de desapontamento pueril — em sua essência mais íntima um eremita e um obscurantista. De outra parte, o n° 2 considerava o n° 1 tarefa moral inglória, lição a ser aprendida de qualquer modo, complicada por uma série de defeitos tais como surtos de preguiça, desânimo e depressão, entusiasmo inepto por ideias e coisas que não interessavam a ninguém, dado a amizades imaginárias, limitado, cheio de preconceitos, estúpido (matemática!), com falta de entusiasmo para com as pessoas, vago e confuso em relação a ideias filosóficas, nem cristão honesto nem coisa nenhuma no lugar. O n° 2 não tinha caráter definível; era *vita peracta*, nascido, vivendo, morto — tudo num só; uma visão total da vida.

Mesmo quando impiedosamente claro sobre si mesmo, o n.º 2 não conseguia exprimir-se através do meio denso e escuro do n.º 1 — ainda quando muito o desejasse.

No n° 2 havia continuidade histórica, em forte contraste com a incoerência fortuita do n° 1, sem pontos reais de contacto com seu meio. O n° 2, de outra parte, sentia-se em acordo secreto com a Idade Média, enquanto personificada no “Fausto”, com o legado do passado que havia obviamente agitado Goethe até o fundo de si mesmo.

...Fausto — descobri com espanto — significava mais para mim do que meu bem-amado Evangelho segundo São João. Havia algo em Fausto capaz de atuar diretamente sobre meus sentimentos. O Cristo de São João era um estranho para mim, e mais estranho era o Salvador dos demais Evangelhos.

... Por esse tempo tive um sonho que ao mesmo tempo me assustou e me deu coragem.

Era noite — em um lugar desconhecido; eu avançava lenta e penosamente contra um vento poderoso. Névoa espessa ondulando por todos os lados. Minhas mãos, em taça, envolviam pequena chama, ameaçada de apagar-se a todo instante. Tudo dependia de poder eu manter viva a pequena chama. De repente, senti algo vindo atrás de mim. Voltei a cabeça e vi uma figura,

negra e gigantesca, a seguir-me. Mas ao mesmo tempo sabia, a despeito do meu terror, que devia manter acesa minha chama através da noite e do vento, não importando qualquer perigo.

Ao acordar descobri logo que o gigante era um “espectro de Brocken” — minha própria sombra projetada na névoa flutuante, criada pela pequena luz que eu levava.

Sabia, também, ser esta luz minha consciência, minha única luz — meu próprio entendimento e meu único tesouro e o maior. Mesmo sendo infinitamente pequena e frágil, comparada aos poderes das sombras, ainda assim é luz, minha única luz. (págs. 92-93).

\* \* \*

Belo sonho, certamente.

Gostei demais, quando o li.

E não era só apreciação estética ou orgulho pelo meu “pai”. Senti, ao lê-lo, o orgulho do discípulo que, em certo momento, ultrapassa o mestre.

Vento poderoso e chama de vida!

É o próprio resumo deste livro!

Mas Jung enganou-se na interpretação — em parte. Aproximadamente um ano antes de ler este sonho, tive uma fantasia bastante semelhante. Era preciso cuidar da chama de uma pequena vela, levada por mim; eu

temia pudesse a chama apagar-se ou a vela terminar — seria minha morte. Não havia vento poderoso contra mim, nem tampouco névoa.

Meu fantasma — meu medo — era o fim da vela.

Perdurou o medo algumas horas — enquanto sentia depender a chama de *meus* cuidados, de *minhas* mãos.

Depois, qual aurora, a luz se fez.

— Que é esta chama? — perguntei-me.

— Minha vida.

— Eu a fiz?

— Não.

— Eu a mantenho?

— Não.

— Cuido para que ela não termine?

— Em parte, sim.

— De onde vem minha força e minha capacidade de cuidar?

— Da chama!

— Então é ela que cuida de mim! Enquanto ela arder *eu* estarei salvo, fortalecido pela sua força, aquecido pelo seu calor e iluminado pela sua luz.

Vê leitor quão mais sábio foi o discípulo que o mestre?

Jung, corajoso demais, era, ao mesmo tempo, fatalista e estoico. Para os corajosos *é preciso* que haja grandes perigos e grandes sofrimentos; ao defrontar-se com grandes perigos (fatalidade), maior se faz o herói; ao encontrar-se com grandes sofrimentos, melhor se tempera a coragem. Por isso oscilava Jung continuamente, na vida e na clínica, na teoria e na prática, entre a sensação do valor decisivo de suas ações, e a sensação de um destino gigantesco e impessoal, de todo inacessível ao controle humano.

Jung, no momento vivido, era o próprio herói das decisões e dos pensamentos inesperados e salvadores; fora do tempo, ao meditar a sós, era o profeta da eternidade a repetir-se eternamente igual — o arquétipo!



Jung, como minha esquizofrênica, lutou até o fim contra o grande vento — sem muita esperança. Podemos dizer tenha sido o defensor do espírito individual contra o espírito coletivo, que é, hoje, mais forte do que nunca. Com tantos meios de comunicação e influência, pode hoje o Grande Espírito do Coro alcançar, avivar e controlar os pequenos espíritos, mais do que nunca.

Vento poderoso!

Pequena chama.

Mas não pensou Jung no poder da pequena chama; só ela, *alimentando-se do grande vento, pode aquecer e iluminar.*

Onde reina, solitário, o Vento Poderoso, só há negrume atroz e frio gélido.

Louvado seja o vento poderoso que alimenta a pequena chama! A pequena chama não pode viver sem ele. É próprio da pequena chama, é sua própria essência, viver do vento.

Alegremo-nos pois. Quanto maior o vento, maior a chama — maior a luz e calor!

Começará o milênio de ouro ou explodirá a bomba H?

Quem sabe?

Pouco tempo antes, ainda hesitante sobre sua vocação, Jung tivera mais dois sonhos.

**Encontrava-me em um bosque sombrio ao longo do Reno.**

**Cheguei a pequena colina, antiga sepultura, e comecei a cavar. Após algum tempo, para surpresa minha, surgiram alguns ossos de animais pré-históricos. Interessei-me enormemente e logo soube: “devo conhecer a natureza, o mundo no qual vivemos, as coisas que os cercam”. Logo veio outro sonho. De novo no bosque; era o bosque percorrido por córregos e, no lugar mais sombrio, vejo um lago circular, cercado de denso raizame. Semi-imerso na água, estava uma criatura estranha e maravilhosa: um animal redondo, brilhando em tons opalescentes e composto de inúmeras células pequenas, ou orgânulos, semelhantes a tentáculos. Era um radiolário gigante, com mais ou menos um metro de diâmetro. Parecia-me indescritivelmente maravilhoso pudesse estar tal criatura, imperturbada, neste lugar escondido, na água clara e**

**profunda. Despertou em mim um intenso desejo de saber e acordei com o coração palpitando. Estes dois sonhos levaram-me a optar decididamente pelas Ciências Naturais e afastaram todas as minhas dúvidas, (págs. 90-91).**

Faça um pequeno teste, leitor: será possível ver a respiração nestes sonhos?

No primeiro, dificilmente, exceto pelo “estar no bosque”, onde — não sei por que — melhor nos damos conta da respiração; perfume agreste, talvez, farfalhar de folhas, quem sabe?

Há algo enterrado também — mas são ossos e ossos não respiram.

São, talvez, arquétipos!

Os ossos são o esquema do corpo, determinantes de toda a forma do conjunto, assim como da distribuição de todas as partes. Além disso, os ossos são uma das partes mais velhas de nossa herança biológica e das mais características.

Somos vertebrados — temos esqueletos.

Bem podem ossos de animais pré-históricos (os nossos são semelhantes) representar os arquétipos.

Este seria, ao gosto do leitor, um sonho profético (previsão de futuro) ou um sonho determinante (fator do futuro).

Mas lembremos: o outro veio logo depois. Podemos imaginar estejam ambos relacionados. Além disso, o próprio sonhador não apenas os põe em seguida, quanto os interpreta do mesmo modo: interesse pela natureza. É evidente o contraste entre as duas figurações: terra e ossos de um lado, secos, rígidos, sem vida; de outro, riachos, lago, protoplasma.

Passado e presente da vida!

E o radiolário gigante?

Antes dele e junto com ele, outra figura existe, paralela e maior, contendo a menor no centro: o lago circular cercado de raizame. É o lago semelhante ao radiolário, e o *raizame* semelhante a seus tentáculos.

Jung era médico. Certamente conhecia a estrutura do pulmão, certamente o havia visto em autópsias, “brilhando em tons

opalescentes”; o pulmão “brilha” exatamente assim quando o retiramos do cadáver fresco.

O pulmão tem estrutura anatômica definitivamente radial. Do hilo partem os brônquios e os grandes vasos, em todas as direções, “quais pequenos tentáculos”. Depois de cortado, então aparecem “como que pequenas células” — grupos de alvéolos. Tudo líquido, viscoso, brilhante. Esta estrutura explica a ambiguidade da descrição junguiana: são pequenas células ou são tentáculos? Afinal estas duas formas são assaz diferentes; concludo contivesse o radiolário *a ambas*.

Ao tempo do sonho, Jung ainda não havia estudado Medicina. Minhas reflexões — que não levaram em conta esse fato — perdem algo de seu valor. Teremos de supor em Jung a visão de figuras anatômicas — a fim de compreender o sonho.

Enfim, seguindo o sonho com vagar, tem-se a impressão estivesse o lago no *centro* dos *riachos*: coração! O sonho provocou intensa palpitação! A “abóbada” deste coração — (tórax) é vegetal (v.i.).

Jung achegou-se, como a mulher na caverna, ao próprio centro de sua vida orgânica.

Por que não se fez Jung um naturalista?

Por que não deu ele ao *corpo* humano a importância devida?

Por que elaborou os ossos pré-históricos em plano psicológico (arquétipos), ao invés de estudá-los concretamente e, depois, compreender a relação entre o esqueleto e a consciência?

Ambiente cultural, receio do corpo, quem sabe?

Seu radiolário, como sua personalidade n? 2, permaneceu “imperturbada” no recesso do bosque!

No entanto, o par onírico é bastante claro: comunique vida ao esqueleto.

Mesmo as formas orgânicas mais pétreas — os ossos — *são* vivas. Mas para vê-las assim é preciso olhar para elas, assim.

Entre os complexos de Freud e os complexos histórico-filosóficos de Jung, vai muita semelhança.

Em parte, estudaram ambos “ossos pré-históricos”, como *paleontologistas e arqueólogos*: têm ambos seu museu particular...

Fatalistas ambos.

Estoicos ambos.

*Biólogo, nenhum.*

\* \* \*

Conheçamos, enfim, o tesouro escondido de Jung. O sublinhamento é meu.

Após descrever — de modo tocante — seu encontro com uma pequena camponesa, seu entusiasmo e *o recolhimento subsequente*; após relatar o insignificante do episódio e *seu efeito interior profundo*, prossegue Jung:

Este período de minha vida (adolescência), mostrava-se cheio de pensamentos conflitivos, De um lado, cristianismo e Schopenhauer não podiam concordar; de outro, o n° 1 desejava livrar-se da opressão ou melancolia do n°2. Não era o n° 2 o deprimido, mas sim o n° 1 quando lembrava do n°2. Justamente nesta época, do choque entre opostos, *nascia a primeira fantasia sistemática de minha vida.*

Surgiu peça por peça e teve sua origem, até onde me é dado recordar, em uma experiência *que me agitou profundamente.*

Certo dia, *um vento noroeste* chicoteava o Reno levantando ondas espumejantes. Meu caminho para a escola era ao longo do Reno.

De repente vi, aproximando-se pelo Norte, *um barco com grande vela mestra, subindo o rio contra a tempestade.* Era algo completamente novo para mim — um barco a vela no Reno! *Minha imaginação ganhou asas!*

Se ao invés do rio veloz, toda a Alsácia fosse um lago, teríamos barcos a vela e navios. Basel seria um porto: seria tão bom quanto viver à beira-mar. Tudo seria diferente, viveríamos em outro mundo e em outros tempos. Não haveria ginásio, nem a longa caminhada para a escola: eu seria adulto e capaz de dispor de minha vida a meu gosto.

Haveria uma colina ou um rochedo emergindo do lago, ligado por um estreito istmo ao continente, interrompido por um amplo canal com uma ponte sobre ele, levando a um portal flanqueado de torres e abrindo-se para uma pequena cidade medieval, construída sobre as colinas circunjacentes.

Sobre o rochedo repousaria um castelo bem fortificado, com sua alta torre de vigia.

*Seria minha casa.*

Não conteria “halls” elaborados e nenhum sinal de magnificência.

Os aposentos seriam simples, forrados e pequenos.

Haveria uma *biblioteca* (espírito em conservai) excepcionalmente atraente, na qual poder-se-ia encontrar tudo aquilo digno de ser conhecido.

Haveria também uma coleção de armas e os bastiões *seriam guarnecidos de canhões pesados*.

Além disso, haveria no castelo um destacamento de 50 guerreiros. A pequena cidade contaria com várias centenas de habitantes, sendo governada por um prefeito e um conselho de anciãos locais. Eu mesmo era Juiz de Paz, conselheiro e árbitro, aparecendo em público apenas uma vez, no tribunal.

Do lado da terra, a cidade tinha um porto, no qual se encontrava meu veleiro de 2 mastros, *armado com alguns canhões pequenos*.

**O centro nervoso e a razão de ser todo o conjunto era o segredo do lugar — conhecido só por mim.**

O pensamento me ocorrera como um choque. **Dentro da torre-mestra, estendendo-se desde as ameias, em cima, até a adega abobadada, embaixo,** havia uma coluna de cobre ou um **cabo de arame grosso, tão calibroso quanto o braço de um homem,** dividindo-se no topo em ramificações as mais finas, **como uma árvore, ou — melhor ainda — como raiz mestra com seus minúsculos filamentos inserindo-se ao contrário, isto é, voltados para cima.** Do ar, os filamentos retiravam algo inconcebível, que era levado pela coluna de cobre abaixo até a adega. Aqui eu tinha outro aparelho inimaginável, espécie de laboratório, no qual se produzia ouro daquela substância misteriosa, haurida do ar pelas radículas.

Era realmente um arcano cuja natureza eu não podia conceber — nem desejava. Nem se preocupava minha imaginação com a natureza do processo transformador. Com tato e certo nervosismo, eu procurava permanecer de lado em relação ao que ocorria neste laboratório. Havia uma espécie de proibição interior: supunha-se a

ninguém fosse permitido olhar de perto, nem perguntar, qual espécie de substância era extraída do ar.

Como diz Goethe das Mães: “O próprio falar sobre elas enfraquece os mais rijos”.

“Espírito”, naturalmente, significava algo *inefável, mas, bem no fundo, não o considerava como essencialmente diferente de ar muito rarefeito*. O absorvido pelas radículas e transmitido pela coluna de cobre, era uma espécie de essência espiritual a fazer-se visível, lá na adega, sob a forma de *moedas de ouro*. Não era, certamente, *nenhum artifício de conjuração*, mas sim *um segredo venerável e vitalmente importante da natureza*, chegado a mim não sei como; era preciso escondê-lo não só *do conselho dos anciãos*, mas, em certo sentido, *de mim mesmo*. (págs. 86-87).

Será preciso comentar?

Valha o sublinhamento para alertar o leitor e... pô-lo no bom caminho.

Limitar-me-ei a discutir alguns pontos obscuros ou contraditórios da fantasia, quando a consideramos, entre outras coisas, representação do pulmão e da respiração.

O pulmão está invertido: bronquíolos para cima e para fora.

As moedas de ouro, presumivelmente, representavam pensamentos e palavras preciosas, emergentes de seu “interior e temidas por Jung (como Luís), pois permaneciam como moedas de ouro, isto é, valor genérico; tais moedas nasciam “embaixo”, ao invés de nascer no alto, na laringe — boca.

“Não dizia nem a mim mesmo, nem queria dizer...”

Ora, senhores mestres!

Primeiro Freud: “Francamente, não sinto vontade alguma de aprofundar a questão.”

Agora Jung: “Falemos de outro assunto!”

Não sei se os invejoso pela suposta pusilanimidade, ou se lhes agradeço pela oportunidade deixada em aberto — para mim.

Desculpem mestres! *Eu* vou falar a respeito.

Voltemos: uma inversão talvez explique a outra.

Adolescente ainda, *seu* pensamento encontrava-se em elaboração tímida, “escondido” naquela região crítica — o epigastro. Aí havia uma “boca” informe a balbuciar palavras inefáveis. Desde cedo teve Jung consciência de seu valor — as moedas de ouro.

Mas consciência negativa, isto é, desde cedo sabia ele *aquilo que não lhe importava*; a sua verdade foi-se gestando lentamente.

*Se a boca está “embaixo”, então o espírito sopra às avessas (o espírito da palavra real sopra do pulmão para a boca).*

Pessoalmente, estranho pouco esta inversão, por dois motivos.

O primeiro é anatômico: vimos já o pulmão como um enfisema fisiológico, soma de bolhas de ar contidas no tórax. Fosse *nossa árvore brônquica e os capilares alveolares (radicelas) voltados para fora* e teríamos um pulmão tão bom ou melhor do que o atual (melhor para respirar). Na verdade, uma brânquia é isso e existem, em certos animais, verdadeiras brânquias externas em forma de árvore. Em segundo lugar, vimos no capítulo sobre Embriologia, a marcada falta de separação entre o ar de dentro e o ar de fora.

Além destes argumentos, mais outro existe.

As pessoas, as crianças em particular, sentem — eventualmente ouvem — o ar entrando pelo nariz; mas já não percebem tão bem a sensação muscular ligada à expansão torácica (respirar é um hábito tão velho que dificilmente o percebemos claramente). Daí a noção presente em crianças, adultos, desenhos e mitos, de *um espírito a soprar ar dentro de nós*.

Este, se existisse, “viria” de cima.

A fantasia de Jung permanece no meio.

Os bronquíolos mais os capilares estão “fora”, mas são eles que *extraem* a substância vivificadora. São, pois, *ativos*.

Na verdade, o “pulmão” da fantasia junguiana é mais eficiente e prático do que o real. *Basta uma rede capilar exposta ao ar e temos um pulmão*. O mais é um trabalho ingente da natureza:

- Para proteger esta rede capilar, pondo-a dentro do corpo, a fim de que ela não seque;
- Para arrumar, depois, modos de conseguir uma grande *atmosfera dentro do corpo*.

O pulmão oniroide de Jung é a “essência” do pulmão!

Mas este pulmão essencial não poderia *falar*...

Jovem demais para saber quais fossem suas ideias próprias ou, porque jovem, temeroso das próprias ideias, opostas à montanha pétrea... das verdades estabelecidas, Jung suprimia — ou gestava — o próprio pensamento.

Servia o ar para alimentar-lhe a vida, mas *não podia* servir para moldar suas palavras.

Seria perigoso!

Jung também temia ao próprio espírito — e ele o diz muito claramente. Foi preciso um quase cataclismo interior para que esse espírito, rompendo a abóbada da adega, pudesse alcançar a atmosfera — fazer-se palavra.

Está muito claro no livro.

Depois, dentro de tal castelo, tão firmemente plantado na rocha, como podia Jung perceber sua respiração? Fosse ele percebê-la, e imediatamente começaria o castelo a ruir, pois suas paredes e as tensões musculares defensivas são uma coisa só.

Veremos adiante imagem mais do que sugestiva para as tensões musculares do pequeno Jung — já que não podemos repetir, aqui, a descrição de todos os modos de ser e de todas as contingências da vida responsáveis por essa... fortaleza.

Muitos canhões!

Jung era dado a desabafos, raros mas estrondosos.

Aquele acontecido com Freud, tive o cuidado de registrá-lo *ipsis literis*.

“Diafragma qual abóbada de ferro ao rubro!”

Depois de esclarecer o *locus* espiritual, busquemos a continuidade.

Será o leitor capaz de achar, nesta fantasia ou em seus comentários, a origem do sonho relativo à chama?

“Um barco a vela subia o rio contra a tempestade.”

Vento — fogo — vela (de barco) — respiração; lembra-se da etimologia, leitor?



O radiolário está, em parte, nas ramificações “como tentáculos” dos fios de cobre.

Donde nasceu a fantasia de Jung?

Por que relata ele, um parágrafo antes, a gentil historieta da pastorinha?

Muito fechado, fechou-se Jung ao amor real de alguém — não querendo se deixar influir por outro espírito — foi seu espírito influído apesar do castelo fortificado.

Nasceu-lhe outra alma — a fantasia.

A fantasia e os sonhos de Jung foram suas amantes a vida toda; amantes exigentes, imperativas e absorventes, mas, ao mesmo tempo, mães fecundas ante este homem viril.

Viril porque forte ao amar o que amava: as fantasias e os sonhos. Jung entre 3 e 4 anos de idade, primeiro sonho do qual se recorda:

**Estava em um campo de trigo. Descubro inesperadamente um buraco no chão, negro, retangular, revestido de pedra. Corro para ele, curioso, e espio para dentro. Vejo uma escada de pedra descendo. Com medo e hesitante, vou descendo. No fundo havia uma arcada, fechada por uma cortina verde. Era grande e pesada, feita de tecido semelhante a brocado, parecendo muito suntuosa. Curioso para ver o que poderia estar oculto atrás dela, afasto-a. Vejo diante de mim, à luz fraca, uma câmara retangular com cerca de 10 metros de lado. O teto era arqueado e de pedra cunhada. O piso era recoberto de pedra polida e, no centro, corria um tapete vermelho, desde a entrada até uma plataforma baixa. Sobre a plataforma havia um trono de ouro maravilhosamente rico. Não tenho certeza, mas talvez houvesse uma almofada vermelha sobre o assento do trono. Um trono magnífico realmente, um trono de rei, como o vemos nos contos de fadas. Algo havia sobre o trono, e inicialmente julguei tratar-se de um tronco de árvore, com 3 a 4 metros de altura e 60 a 70 centímetros de diâmetro. Era algo grande, alcançando quase o teto. Mas sua composição era curiosa: era feita de pele e de carne nua; no topo havia algo semelhante a uma cabeça arredondada, sem face e sem cabelos. No alto da cabeça havia um só olho fitando, imóvel, o alto.**

**Havia bastante luz na sala, embora não se vissem janelas nem outra fonte aparente de luz.**

**Sobre a cabeça, contudo, havia uma aura de claridade.**

**A coisa não se movia, mas, mesmo assim, eu sentia que ela poderia a qualquer momento rastejar para fora do trono, como um verme, e arrastar-se até mim. Eu estava paralisado de terror.**

**Neste momento ouvi, vindo de fora e de cima, a voz de minha mãe.**

**Eia gritava: “Sim, veja-o bem. Este é o comedor de homens!” Com isto meu terror aumentou; acordei suando e mortalmente assustado.**

Por muitas noites, a seguir, temia ir dormir, receando outro sonho semelhante.

Este sonho perseguiu-me durante anos. Somente muito mais tarde descobri tratar-se de um falo.

... o significado abstrato do falo se faz manifesto pelo fato de haver ele posto a si mesmo no trono, “ictfalicamente” (ictos, ereto). O buraco no campo de trigo, provavelmente representa uma sepultura. A sepultura, ela mesma, era um templo subterrâneo, cujas cortinas verdes simbolizavam o próprio campo de trigo; em outras palavras, o mistério da terra com sua cobertura verde. O tapete era *cor de sangue* (sublinhado de C. G. J.).

E a abóbada?

Haveria visitado eu, em Munot, a cidadela de Schaffhausen? Não é provável, pois ninguém levaria uma criança até lá. Não se trata, pois, de uma percepção esquecida. Do mesmo modo, não sei de onde possa ter vindo o falo anatomicamente correto. A interpretação do meato ureteral como olho, com a fonte de luz aparentemente sobre ele, aponta para a etimologia da palavra falo (falos = brilhante, luminoso) (págs. 25-26-27).

Além dos comentários transcritos, muitos outros faz Jung a seus sonhos, impossíveis de resumir.

Sugestivos, mas vagos.

Aliás, este é um sonho inexaurível, tão inexaurível quanto o significado do próprio pênis, sem contar o trono, a caverna, a cortina e

tudo mais.

É um sonho para se ouvir e calar.

Algo imprudente, Jung tenta esclarecê-lo e o parágrafo transcrito, com exceção da primeira e da última frase, é uma pequena soma de irrelevâncias.

Sepultura por quê?

Templo? Provável.

Cortina igual a verdor da natureza; vá lá. Podia ser pulmão. Como as cortinas, agita-se o pulmão com o vento e por isso, nos sonhos, muitas vezes surge um no lugar do outro.

A abóbada? Essa não!

O falo anatomicamente correto — de onde? Ora Mestre! Restam o ictifálico e a etimologia do falo, realmente inspiradoras. Depois destas inconseqüências, Jung se faz mais sério e fala de coisas mais importantes, mas obscuras.

O leitor há de supor qual minha interpretação para a sala abobadada, em paralelo com a adega da cidadela na ilha: cavidade torácica. Havia o terror a manter o *templo e o falo* eretos; representam ambos, ao lado de muito mais, *a imobilidade tensa e asfixiante da criança a sonhar*. O temor ao afrouxamento e ao rastejar do falo, é igual a temor de relaxar e expirar. De fato, quando começa a expiração (mamãe gritando), a criança acorda. Neste contexto — sala igual a pulmão — o falo seria a *coluna vertebral* (dorsal), tão capaz de se pôr ereta quanto o falo, e tão capaz de dobrar-se quanto ele.

Bem orgulhoso era Jung!

Se a ereção do pênis é motivo de orgulho pessoal para cada homem, a ereção da coluna é o orgulho *da espécie*: a posição ereta fez do homem o animal diferente de todos, o “mais alto”, “superior”; nossa espinha ereta nos entronizou no mundo... É a força da vida — entenda-se como a cada qual aprouver — a força entronizadora do pênis na mulher e do homem no cosmos.

Se a abóbada era o tórax, pelo seu conteúdo podemos ver, então, o quanto Jung era um homem de muita coragem — muito viril. Em seu peito se continha o mais natural dos símbolos que representam a força criadora da natureza.

Digamos de outro modo: era no espírito (no peito) que residia o poder criador de Jung.

Nos genitais não reside, a rigor, a criação, mas sim a reprodução; o homem na sexualidade se reproduz, repete a si mesmo. Se nascem pessoas diferentes, não é a diferença trabalho, intenção nem vontade do indivíduo, mas da espécie, do acaso, destino ou o que seja.

O poder criador da sexualidade é uma força cósmica impessoal. Tende ela estatisticamente para o medíocre — a média; cria a massa.

Convém traçar este paralelo entre as criações da sexualidade e as do espírito; são criações diferentes. O sonho de Jung parece falar no poder criador *do espírito* (tórax).

Fala no mesmo sentido sua fantasia alquímico-medieval; aceitando adegas no sentido de piso inferior, algo semelhante a porão, então estamos no abdômen, bem “embaixo” — nos genitais.

Da força do ar (torre) mais a força da sexualidade (adega), gerava-se ouro. Jung fez sua a sua sexualidade. Freud, aparentemente, sempre lutou contra a sua, desejando, de outra parte, com força e tenacidade, dar-se totalmente a ela — “entregar-se à mãe”.

Por isso sua teoria é bem mais reprodutiva (nos efeitos) e bem pouco criadora; tende a criar, no paciente, o senso do comum, do genérico — do instinto. A dissolvê-lo no coletivo, como tão bem o diz Jung.

Científica, sim. Como toda ciência, só apta a explicar e responder ao regular, *ao que se repete* (ao não criador); por isso, *quando aplicada, apenas capaz de gerar o idêntico* — produção em série. Paradoxalmente, a descoberta de uma lei científica — ato criador — é a morte da criação subsequente. A fórmula mata a natureza tanto quanto a letra mata o espírito.

A força de Jung, além disso, não está na teoria — como sucede com Freud; a força de Jung está em Jung. Não é a *palavra* de Jung a salvação, mas sim ele mesmo, sua pessoa.

Sua vida é um modelo de fortaleza de espírito.

Não fosse a alquimia do castelo, e Jung seria apenas um macho — tinha tudo para sê-lo. Mas do tubo de cobre descia para o seu peito, e lá se combinava com o “numinoso”, certa substância inimaginável.

E do mistério não investigado desta transformação fabricava-se Jung — o homem.

Só o homem pode salvar o amor e só de um modo: amando. Jung amou muito — eu sei.

## REICH

Dentro da Psicanálise, as principais referências à respiração encontrei-as em W. Reich. Em muitas passagens de seus escritos deparamos com esta afirmação curta e incisiva: as inibições respiratórias são o elemento fundamental de toda neurose. A dissolução destas inibições é absolutamente essencial à cura. Está implícito, mas nem sempre é afirmado explicitamente: toda e qualquer atitude crônica contém em si, inerentemente, inibições respiratórias específicas a serem descobertas e desfeitas.

“Não existe repressão” — no sentido freudiano do termo — “sem alguma espécie de inibição respiratória”.

Afora estas proposições genéricas (e tendo lido e relido praticamente todas as publicações de Reich), não sei de nenhum estudo seu dedicado especificamente à respiração. É nos relatos clínicos que melhor se vê a ideia.

De há muito, guiado por ele, passei a prestar atenção especial ao modo de respirar de meus pacientes; hoje dou razão e confirmo plenamente a Reich: a imensa maioria das pessoas respira mal, seja quanto ao ritmo, quanto à amplitude, quanto à forma, quanto à suficiência.

Indiscutivelmente, as pessoas sofrem, regra geral, *de uma extensa e profunda inconsciência no que se refere à sua maneira de respirar*. Enquanto fato clínico e sintoma essencial de neurose, a inibição respiratória pode ser vista por todos aqueles dispostos a se darem ao trabalho de observar.

Outrossim, posso afirmar com segurança: Reich nunca ligou intimamente respiração e fonação, ainda quando tenha estudado e percebido separadamente a importância dos dois fatos.

Com ele aprendi, ainda, a reparar nas maneiras peculiares de dicção, sintaxe e fonação de meus pacientes.

Mas muito ingrato eu seria, e cego, se não reconhecesse sua influência absolutamente fundamental, sobre meu interesse relativo à respiração,

e sobre este livro todo.

Muito de minha inspiração proveio de seu espírito...

Terá certo valor ilustrativo considerarmos um fragmento de relato clínico redigido por **REICH** antes, da... encarnação de seu espírito.

Extraímos o fragmento do livro *Character Analysis*, **WILHELM REICH**, M. D., The Noonday Press, New York; 3<sup>il</sup> ed., 2ª impressão, 1961, págs. 106 e seguintes.

Ao tempo da publicação desta obra, Reich iniciava a somatização do psicológico; nela se estabelece o conceito de caráter e sua expressão somática, a couraça muscular.

O problema específico da respiração ainda não havia sido isolado por ele.

O sonho escolhido para ilustração pertence a longa e minuciosa análise de um paciente, rotulado de “caráter passivo-feminino”.

Nem sequer tentarei exame minucioso; limitar-me-ei a algumas apreciações comparativas em relação a sonho. O sublinhamento é do próprio Reich.

**Estava no hall de um castelo onde o rei e sua corte encontravam-se reunidos. Faço pouco do rei e sou atacado por várias pessoas. Derrubam-me e recebo vários golpes mortais. Meu corpo é arrastado para fora. Sinto de repente estar ainda vivo, mas mantenho-me muito quieto a fim de levar os coveiros a crerem esteja eu morto. Há uma fina camada de terra sobre mim e minha respiração é impedida. Continuo completamente imóvel a fim de não ser descoberto. Pouco depois estou livre. Volto ao palácio com uma arma formidável na mão — relâmpagos talvez. Todo aquele que se me opõe é morto.**

Reich exprime todas as suas interpretações sobre o caso, em jargão psicanalítico. Diz ele:

O paciente já reconhecia conscientemente, na época do sonho, seu amor incestuoso pela mãe e o correspondente medo de castração, mas não conseguia aceitar estes fatos.

A análise prosseguia rapidamente na direção da cena primitiva e este movimento foi impulsionado pelo sonho.

O sonho pouca atenção recebe do próprio Reich, exceção feita dos sublinhamentos.

Estes são efetivamente bastante significativos, em linha com a noção de defesa caracteriológica.

O paciente conseguia *não sentir* certos sentimentos à custa de duas técnicas claramente retratadas no sonho — “fazia pouco” do Rei (Reich!) e brincava de defunto — isto é, de imóvel e insensível.

Tivesse o paciente procurado Reich cinco anos depois, e dele ouviria apenas duas “interpretações”:

— Você *não está* respirando.

— Você *não está* se mexendo.

Tivesse o mesmo paciente procurado Reich dez anos depois e este certamente *o teria feito respirar e mexer-se*, em lugar de explicar-lhe tantas coisas tão interessantes — para Reich.

Tivesse o paciente me procurado hoje e eu lhe diria:

— Você não tem espírito.

Depois de um certo silêncio eu acrescentaria:

— Você não pensa o que diz.

\* \* \*

Por amor ao enquadramento simétrico, reduzi os comentários figurados ao mínimo. Em situação clínica geral, muito mais seria dito e feito, claro.

Retoma, quanto a este sonho, algo afirmado por mim quando examinamos o sonho de Freud.

*O terapeuta escolhe o trecho do sonho que mais lhe interessa.*

Veja-se, por exemplo, a indiferença de Reich relativa aos seguintes elementos:

Por que um palácio, um rei e uma corte? Existem tais coisas hoje em dia? Teria visto o paciente algo semelhante em sua vida?

Tais perguntas — e as respostas — encantariam a Jung.

\* \* \*

“Sou ferido mortalmente”, “meu corpo morto é arrastado”, “de repente sinto estar ainda vivo”; não são tais fenômenos dignos de atenção e

exame?

Não se contêm neles — pergunto a Reich — entre outras coisas, uma transparente e incisiva representação de passividade?

Ressalto apenas este sentido pela sua pertinência em relação ao caso.

\* \* \*

— As duas armas terríveis — talvez relâmpagos; não é sedutora a figura? Não é a única *ação* do sonhador — outrossim passivo? A mão... instrumento-símbolo do poder dado ao homem *de fazer* tantas coisas...

\* \* \*

Deixei para o fim o mais importante para mim: “há uma  *fina camada de terra* sobre meu corpo e minha respiração é impedida”.

Isto é: “Não tenho ânimo nem para respirar! Meu medo é tanto que me impede a respiração!”

Na verdade, certa é a inversa: “a respiração inibida  *me põe em pânico*”. Veja o leitor aquela que lutava contra o vento.<sup>9</sup> “Como posso escutar e responder, se todo meu ser se concentra na supressão das vozes a emergir em mim?”

Não consigo impedir-me de dar lições: veja-se o quanto Reich, na época totalmente absorvido pela Psicanálise, deixa de perceber ou assinalar tudo o que é diferente e novo em relação à posição teórica.

Em vez destes aspectos, dúvidas e perguntas, ouçamos o Reich de então e seu rosário de frases feitas.

Logo após citar o sonho, prossegue Reich:

O paciente pensou estivesse a ideia dos coveiros ligada de algum modo a seu medo de catástrofes. Pude mostrar-lhe — agora — serem este medo, o medo de má herança biológica e o medo pelo seu pênis, uma só e mesma coisa. Adiantei a pressuposição: o sonho talvez contivesse aquela cena da infância, da qual nascera o medo pelo seu pênis.

Ele impressionara-se pelo fato de “brincar de defunto” a fim de não ser descoberto. Em relação com isto, recordou suas fantasias masturbatórias, nas quais era sempre espectador e perguntou-me explicitamente se não poderia ter experimentado “algo semelhante” com seus pais.



Mas rejeitou imediatamente a ideia, dizendo jamais ter dormido no quarto dos pais.

Senti-me desapontado por estar convencido, baseado em material onírico, de sua participação na cena primitiva.

Desejei citar e silenciar. Mas não é possível.

Reich, movido pela sua expectativa, não entendeu nem a impressão sofrida pelo paciente ante o “fazer-se de morto” e muito menos o sentido *atual* das fantasias masturbatórias e a pergunta correlata.

É óbvio estivesse o paciente “brincando de defunto” *diante de Reich*. Óbvio, ainda, fosse Reich o *espectador* (como o paciente ita fantasia). Espectador *passivo* e não participante da “cena primordial”!

— DR., O SENHOR NÃO VÊ QUE EU ESTOU MORTO?

\* \* \*

Assinalei a contradição (entre minha expectativa e sua afirmação de jamais ter dormido com os pais) e disse da não conveniência de desistir logo; com o tempo a análise resolveria o caso.

Ainda na mesma sessão, o paciente pensou que poderia ter visto certa empregada com seu namorado. Depois recordou duas ocasiões nas quais poderia ter observado seus pais. Lembrou que seu leito era removido para o quarto dos pais quando havia hóspedes. Ainda, em seus anos pré-escolares, havia dormido com os pais durante as férias de verão... Neste contexto, evocou seus vários sonhos sobre verões no campo e a representação, em um deles, da cena primitiva sob a forma de matança de galinhas.

Não vou prosseguir, leitor. Creio seja suficiente a amostra.

Como já disse, o Reich “respiratório” — como espírito — nasceu bem depois desta tragicomédia.

Se o leitor quiser saber “como se faz” com a respiração, leia o último capítulo deste mesmo livro — nesta edição. Aí encontrará Reich lidando brilhantemente com a respiração de uma esquizofrênica.

*TIO*

Seria ocioso reproduzir este caso; implicitamente, ele está inteiro neste meu livro; na verdade, talvez tenha sido ele a inspiração primeira deste

estudo, porque foi aí que aprendi a lidar com minha esquizofrênica. Nada parecia capaz de ajudá-la — até o dia em que li o estudo citado.

“Minha esquizofrênica” era aquela que lutava contra o espírito.

\* \* \*

Não obstante o acordo, devo assinalar diferenças:

— a voz de Reich não tem espírito;

— o espírito de Reich não tem voz.

Reich não fundiu — como parece tão necessário e natural falar — a respiração e a voz.

Tampouco parece tê-lo conseguido em sua vida, bastante atormentada; Reich morreu na cadeia, nos EE. UU., sob a acusação de charlatanice — sem julgamento.

Não me impressiona tanto sua morte quanto sua vida e sua personalidade, bem retratadas no seu *estilo* de redação.

Reich nunca falava *com* nem *para* (exceto ao se dirigir a seus pacientes); Reich falava sempre *contra*, para defender-se de, ou para justificar-se perante. Enquanto Freud vivia pedindo desculpas, Reich vivia xingando o... Juiz.

Só ao falar de sexualidade — da *sua* noção de sexualidade, realmente bela e grande, só então Reich falava *com*, e falava *para*.

Falava com Deus e para o Homem.

## II — NÚMERO DE ESPÍRITOS CONTIDOS NOS SONHOS

Usando um livro de STEKEL, fazemos uma estatística sobre o número de representações oníricas da respiração e da fonação; de suas ações e inibições. A hipótese de orientação é que se estes fatos forem psicologicamente importantes, deverão aparecer com frequência nos sonhos.

Além da estatística, aproveitamos para isolar, apontar e comentar numerosas figuras de sonho nas quais os fenômenos respiratórios aparecem de algum modo analisados, pois muitos de seus sentidos são elucidados pelo próprio sonho, ou pelas correlações clínicas. Este capítulo, além de provas, pode servir para os não iniciados se familiarizarem com a linguagem natural do símbolos respiratórios, que é muito rica e sugestiva.

O capítulo se encerra com a apresentação de breves relatos clínicos de casos pessoais centrados em sonhos, reunidos sob o título de FUMAÇA: FORMA DO ESPÍRITO.

Depois de considerar exemplos isolados, ocorreu-me — bem contra meus hábitos — tentar uma estatística relativa à presença de alusões à respiração, ou à palavra, em série apreciável de sonhos, de preferência alheios.

Após algumas hesitações, escolhi Stekel, o simpático Stekel, inspiração e estímulo para todos os neófitos em psicoterapia. Seus livros, recheados de atraentes e incisivas ilustrações clínicas, permitem ao principiante criar seus primeiros quadros de orientação ante o caso concreto. Devo muito a Stekel, à sua coragem e flexibilidade, a seu engenho e senso de liberdade.

Mas na verdade, meu estudo presente não tem muito a ver com Stekel. Usei seu livro apenas como fonte de material para um exame estatístico, o qual se revelou, a um segundo exame, pseudoestatístico.

Vou pôr em números uma porção de coisas que não cabem em números. Espero não se iluda o leitor com esta transposição. Usei apenas o segundo volume do livro *The Interpretation of Dreams*, de Wilhelm Stekel, editado por Liveright Publishing Corporation, Nova Iorque, edição americana de 1943. Deste livro examinei todos os sonhos, num total de 140.

Dos 140 sonhos examinados, 69 pertencem, únicos, ou em grupos de 2 ou de 3, a indivíduos diferentes, praticamente todos eles pacientes em tratamento psicanalítico com Stekel, sua esposa ou seus discípulos. Este grupo de sonhos seria considerado, provavelmente, amostra dotada de certa validade para exame estatístico. Mas junto com eles estão incluídos 56 sonhos, por sinal muito longos, de um só indivíduo, cujo caso é examinado a fundo por Stekel.

Além disso existem 15 trechos muito curtos de sonhos relatados por outro autor e citados por Stekel com finalidade específica, de certo modo divergente em relação ao conjunto. Considerei cada um desses trechos como um sonho.

Exprimindo em percentagem estas considerações, 49% dos sonhos citados compõem, em grupo, amostra estatística válida; os restantes 51% já não obedecem ao mesmo critério, ainda quando, sob outro ângulo, também possam ser considerados boa amostra.

Mas como não estamos interessados em quantificações rigorosas de utilidade discutível, usarei todos estes sonhos como “material homogêneo”.

Começemos a quantificação de acordo com o critério mais simples: sonhos falados e não falados. Como a palavra falada é indício indiscutível de ação respiratória, podemos usá-la como primeira presença a ser constatada.

Noventa e três dos 140 sonhos (63,5%) eram falados; estimativamente 1/3 dos mesmos continha uma ou mais frases, literalmente reproduzidas pelo sonhador ao acordar, ditas ou ouvidas no sonho; nos 2/3 restantes, havia evidentes referências a frases ou diálogos não citados textualmente. Primeira conclusão sugestiva: 2/3 dos sonhos contêm o elemento palavra falada ou ouvida. Seria válido, diante destes números, perguntar:

— Qual a diferença respiratória entre os sonhos nos quais falamos e os sonhos nos quais ouvimos?

— Fossemos nós registrar os movimentos da laringe num e noutra destes grupos de sonhos, assim como ao longo daqueles onde aparentemente nada é falado nem ouvido, e o que encontraríamos?

— Mesmo quando o registro eletromiográfico dos movimentos laríngeos se mostrasse negativo ao longo dos sonhos falados, como por vezes sucede quando pensamos em palavras, mesmo assim, será possível haver palavras nos sonhos, sem alteração do ritmo e da forma da respiração?

— Enfim, bem dentro da fenomenologia de nossa tese, o que “fala” em nós, quando ouvimos palavras em sonhos? Não é bem este o caso mais simples, mais puro e mais direto de nosso espírito a nos falar? Não valeria a pena investigar com cuidado este fato de certo modo tão banal?

Procuramos depois, nos sonhos, representações de túneis e cavernas, lugares limitados, não raro estreitos, escuros e abafados, possivelmente representativos do estado de angústia.

Encontramos em nossa série 8 túneis ou cavernas, isto é, 5,5% de representações desta ordem. Tais figuras são interpretadas, pela maior parte dos psicoterapeutas, como imagens do útero materno. Este qualificativo não se opõe ao meu. No útero o feto não respira, e ele é um lugar bem estreito, cuja saída é a mais angustiosa das passagens humanas.

Procurei depois representações de voo nos sonhos. Podemos filiar esta figuração à fenomenologia respiratória, baseados em dois critérios: quem voa, não só está *no ar* como também está em *suspense*, isto é, numa posição de marcada instabilidade corporal, muito condizente com apneia mantida; de outra parte, e em sentido contrário, é grande o número de relatos, colhidos de indivíduos dados a exercícios de relaxamento, nos quais a consciência da respiração encontra-se ligada espontaneamente à formação de figuras de voo, à ação de pairar nas alturas ou de subir e descer em atmosfera gasosa. Estes relatos, além do mais, concordam perfeitamente com a percepção usualmente deturpada que temos dos fenômenos respiratórios. A maioria das pessoas não tem noção de seus músculos respiratórios enquanto trabalham e por isso não sentem muito que inalam ou aspiram ar; sentem o ar entrando nelas movido, seja por força própria (vento), seja, como é fácil imaginar, ao modo de quem estivesse voando através do vento. Enfim, todas as representações de espírito o representam no alto, acima, superior — no ar. Por todos estes motivos, parece plausível

ligar os sonhos de voo à fenomenologia respiratória. Encontramos em nossa série 5,5% de sonhos relativos a voo, desde descrições simples e diretas, até outras, tais como “abandono-me e deslizo ao longo de um declive acentuado e dele parto voando, dirigindo-me a seguir para um bosque”, “um piloto roubou um dirigível e fugiu”, e outros semelhantes.

Procuramos a seguir, nos sonhos, descrições de tempestades, considerando fossem elas figurações de acentuada agitação visceral, da qual faria parte distúrbio ou agitação respiratória. Também em relação a este sinal encontramos praticamente 5,5% de figuras, isto é, um total de 8.

Por vezes, a figuração de tempestade incluía elemento mais específico, relativo ou presumivelmente relativo à respiração. Por exemplo: “havia nuvens carregadas no ar; no momento seguinte, as nuvens explodem”, como se vê, há um *suspense* de eminência de tempestade e há nuvens explodindo; veja-se a *etimologia de explodir* — no último capítulo.

“Vejo-me subindo por um caminho muito estreito, com mar bravo de um lado e abismo do outro; há vento intenso”. Veja, leitor, numa só frase, quantas indicações quase diretas de fenomenologia respiratória: primeiro a agitação do mar — a respiração é uma onda perfeita; depois o “vazio” do abismo; a seguir o *suspense* sentido quando percorremos caminho estreito e, por fim, o vento.

Em toda esta série estatística, não contei sinais dobrados, como seria o caso do exemplo citado; poderia dizer contenham-se neste trecho de sonho quatro alusões respiratórias, mas contei uma só. Com a classe seguinte, começam as complicações.

Incluí nela todos os sonhos com defuntos, os sonhos com sensação de paralisia geral do corpo e os sonhos nos quais eram vistas, ou o sonhador se sentia, em atitudes peculiares, atitudes capazes de perturbar ou alterar mais ou menos seriamente a respiração. Como um grupo, ele se compõe de 19 trechos de sonhos, perfazendo 13,5%.

Consideremos alguns exemplos, primeiro os mais simples:

“Meu marido estava morto, depois ressuscitou”; “Devo olhar para uma mulher morta — mas não consigo”; “Estou num cemitério, deitado em

uma cama; sinto sangue dos mortos, frio, exsudando do colchão para meu corpo; sinto-me paralisado”.

Das atitudes peculiares aponto as seguintes, a título de exemplo:

“Eu estava dormindo em uma espécie de jaula bastante estreita.”

“Dormia abraçado estreitamente a outra pessoa”; parece fácil imaginar não nos seja dado, nestas condições, respirar muito fácil nem muito amplamente.

“Briguei com outra pessoa, mas a briga limitava-se a um agarramento tenso e imóvel.”

“Havia uma fêmea de coelho, a qual, a fim de evitar o coito com o macho, pressionava-se fortemente contra o chão.” Alguém ou algum ser vivo, nessa posição, perturba mais ou menos seriamente a própria respiração.

‘Trocava agrados homossexuais com um companheiro; estávamos os dois sentados, eu contra o encosto da cadeira e ele no meu colo, pesando sobre mim, tanto sobre o meu colo como contra meu peito; era incômodo”; temos aí posição pouco favorável à respiração livre.

Aliás, inclusive sonhos simples de relações sexuais em posição dita normal muitas vezes podem indicar dificuldade respiratória, principalmente quando sonhados por mulher; é evidente que na posição usual de relações sexuais, se o homem não tiver algum cuidado, ele pesa muito sobre o tórax da mulher, dificultando-lhe a respiração.

Além das posições, havia os trajes peculiares: “Estava eu usando dois agasalhos, pesados, firmemente abotoados”. Não é difícil imaginar a dificuldade de respirar dentro de tais envoltórios.

“Visto na criança um manto dourado muito pesado, de abotoar de cima abaixo. A criança estava morta.” Aqui, não só existe a dificuldade inerente à roupa pesada, como também o sinal mais direto de imobilidade — a criança morta.

Dentro de toda essa classe e a fim de melhor enquadrá-la em nosso esquema, lembremos o sonho citado por Reich, do rapaz a fazer-se de morto (v.i.). Sonho desta categoria, em especial aqueles referentes a atitudes peculiares, mostram-se muito úteis ao longo do tratamento psicoterápico, pois conseguem caracterizar, por vezes com grande

felicidade, inibições específicas muito peculiares, as quais dificilmente descobriríamos mediante simples exame clínico.

Procuramos isolar depois um terceiro grupo, no qual incluímos todas as situações de equilíbrio difícil, de esforço físico intenso, inclusive o de natação. É claro influam todas estas situações, acentuadamente, sobre a respiração. As situações de equilíbrio tenso ou difícil põem-nos fortemente prevenidos, num *suspense* acentuado; as situações de esforço físico nos trazem intensa aceleração e ampliação dos movimentos respiratórios; a natação, enfim, não só deve ser considerada exercício forte, como, ainda, realizando-se na água, traz consigo dificuldade respiratória específica. Contamos, destes elementos, um total de 21, ou seja 15%.

A fim de familiarizar o leitor com figurações desta classe, cito aqui uma série de exemplos.

“Subo com dificuldade por um caminho estreito, muito íngreme.”

“Devo subir uma longa subida, sabendo, além disso, que alguém me espera de tocaia ao longo desta subida.”

Veja de novo o leitor dois sinais numa frase só: a subida — sempre um esforço forte; a tocaia — sempre um *suspense*.

“Devia fazer parte de uma patrulha na montanha; nevava e estava escuro.” Veja-se quanto esforço e cuidado ao mesmo tempo; caminho montanhoso, frio, escorregadio e no escuro.

“Após uma corrida forte, mergulhei no rio.”

“Sentia-me muito cansado, pois no meu trabalho devia subir escadas o dia todo.”

“Havia um vento muito forte, como o produzido pela hélice de um avião, e várias pessoas corriam contra ele; eu também. No meu esforço, caía e devia levantar-me várias vezes, apelando inutilmente para o auxílio dos demais; cansava-me muito.”

“Estava no exército e era obrigado a fazer exercício de fadiga.”

Tenho para mim sejam estes sonhos uma das representações mais simples e diretas da respiração perturbada durante o sono; como, após qualquer espécie de exercício forte, todos nós ficamos com algum grau de falta de ar, no correr do sono, quando nossa respiração se perturba,



seja a causa qual for, tende a surgir no sonho cena relativa a exercício forte, subida de escadas, corrida, mergulho etc.

O grupo seguinte é dos mais curiosos; apenas para simplificar a referência chamemo-lo o grupo das “fásias” (de fas = palavra).

A família mais simples, dentro deste grupo complexo, inclui as discussões veementes, as situações simples de exame (onde há perguntas e respostas particularmente importantes), os diálogos particularmente enfáticos (nos quais predomina, diríamos, a música da palavra) e, enfim, aqueles trechos de sonhos nos quais existe uma evidente e intencional falsificação de palavra.

Dentro de sonho no qual certo personagem encontrava-se em tristíssima situação, o sonhador *toma o particular cuidado de dizer algo encorajador*, sem levar em conta se o dito e o sentido concordavam ou não.

Fragmentos deste tipo são numerosos não só nos sonhos, como, e principalmente, na vida cotidiana. Com muita frequência falsificamos nosso pensamento ou a entonação de nossa voz, a favor de um propósito, bom ou mau, nem sempre concordante com nossas inclinações momentâneas.

Digamos, antes de aprofundar a análise, o número de tais alusões: são 36, isto é, 26%. Um quarto, portanto, dos sonhos examinados, continha figurações deste tipo.

Aproveitemos a rica messe colhida por Stekel, a fim de ilustrarmos as maneiras pelas quais surgem nos sonhos as inumeráveis falsificações de espírito de que somos vítimas todos, em maior ou menor grau. É no grupo dos sonhos fásicos que elas mais nitidamente aparecem.

**Vou assistir a uma conferência, e logo na entrada me apercebo, não era o conferencista aquele esperado por mim; apesar disso, permaneço no recinto e escuto o início da palestra. O orador se estende sobre filologia teutônica e história da linguagem.**

Veja, leitor: o conferencista é, sem dúvida nenhuma, excelente roupagem para nosso espírito, quando ele se dispõe a falar conosco em nossos sonhos. O sonhador não ouviu o que pretendia; este trecho do sonho sugere que, na vida acordada, não está disposto o sonhador a ouvir seus próprios pensamentos. Ele quer — dizendo em outros

termos — ouvir o que lhe apraz ou convém (escolhe o conferencista); mas não se dispõe a ouvir aquilo mais condizente ou verdadeiro sobre ele mesmo. Quase a título de confirmação, o sonho a seguir emenda uma conferência sobre... filologia e história da linguagem. Dir-se-ia fosse o sonhador um completo ignorante em relação à sua própria linguagem interior, ou indivíduo completamente desconhecedor das palavras geradas pelo próprio espírito. Dito, enfim, de um último modo: o sonhador não conhecia nem o princípio, nem o modo de formação de seus próprios pensamentos, da sua linguagem interior. Surdo para si mesmo.

**Ao longo da conferência, o conferencista vai se transformando, gradualmente, em mulher e sua voz se faz cada vez mais efeminada e afetada.**

Este trecho é continuação do anterior. Veja-se com quanta clareza o sonho propõe a presença de um evidente elemento feminino na personalidade do sonhador — que era homem. Veja-se também como e quanto pode o sonho ajudar, seja ao paciente, seja ao terapeuta. Se nos referirmos à “parte” feminina de um homem, estamos usando linguagem inerente e irremediavelmente vaga; mas se levamos o paciente a reparar em sua voz, a qual, certamente, em certos momentos, se faz mais aguda, mais afetada e mais efeminada, então o estaremos levando à percepção direta de um fato relativamente fácil de constatar. Tenho como certo fosse este o caso do paciente. Apontada a manifestação “feminina” — a manifestação e não o “complexo profundo”, de todo hipotético; apontada a manifestação, faz-se questão de gosto saber se “atrás” dela existe um “complexo profundo”, ou se o complexo profundo *ó idêntico* à manifestação, isto é, à voz afetada e efeminada. Com Reich, opto definitivamente por esta segunda alternativa. Os fenomenologistas também.

**Entro em um grande salão, supondo tratar-se de uma sociedade de debates; logo a seguir fico em dúvida se não se trataria, antes, de um teatro, no qual seria representada uma tragédia de Sófocles, por estudantes de universidade.**

Este já é outro sonhador. Temos aqui uma confusão análoga, não mais de conferencista, mas, sim, de diálogo; é grande a diferença entre um debate, presumivelmente entre contemporâneos, com tema de interesse

coletivo, e um diálogo pertencente a uma tragédia grega clássica. Se nos fosse dado observar e ouvir o sonhador, em sua voz distinguiríamos, com certa facilidade, o polêmico e o ator; dito de outro modo, por vezes falaria o sonhador como alguém a discutir; em outros momentos assumiria tom mais solene e mais elaborado, comparável, como se diz no sonho, a um personagem de tragédia grega. É fácil completar esta descrição clínica — hipotética — com um pressuposto psicopatológico: haveria neste indivíduo conflito entre dois espíritos, representados ambos no sonho. São bem diferentes as atitudes, os pensamentos e as intenções daquele preparado para discutir e daquele interessado em recitar. Na eventualidade de coexistirem em nós dois espíritos, um sempre disposto a discutir e outro sempre disposto a recitar, muito mal decorrerá nosso diálogo interior!

Veja o leitor o quanto é fácil passar das figurações oníricas para expressões do paciente e, destas, para seus conflitos interiores, expressos todos eles em termos de divisão de espírito e oposição do indivíduo a si mesmo.

**Encontro-me numa reunião na qual devo discursar; não encontro o texto e começo a improvisar; de início hesito, depois vou ganhando ímpeto e entusiasmo, tornando-me no fim francamente agressivo.**

Qual o conflito representado neste sonho? O moço é certamente um pouco ingênuo, precipitado e impulsivo; nas horas certas não sabe o que dizer de acertado; sempre perde ou não encontra o texto adequado; mete os pés pelas mãos nas palavras! Logo depois, ele é “tomado” por um espírito, certamente próprio, mas evidentemente impetuoso, improvisador e, por isso mesmo, nem sempre adequado — supõe-se. Guerreiam, na mente do sonhador, o espírito da espontaneidade e o espírito da inibição; o impulsivo e o tolhido.

Por vezes, de tão claros, os sonhos se fazem cruéis.

**Estou sendo examinado. Um dos examinadores me pergunta o que é um libertino. Respondo: é aquele que não tem direito à palavra própria.**

Refere-se o sonhador, evidentemente, ao meio-escravo romano, alguém sobre o qual o senhor não tem mais o direito de vida ou de morte. O escravo tem direito a existir — mais nada. Ouçamos de novo o sonho: libertino é aquele que não tem direito à palavra própria! Basta uma

frase assim para nos encaminhar, em linha reta, na direção de problemas fundamentais. Tratava-se, com alta probabilidade, de um indivíduo fortemente suprimido pelo pai, pela mãe ou pelos professores, eventualmente pela esposa; ou senão, de um indivíduo manifesta e intensamente incapaz de afirmar-se diante dos demais, um “libertino contemporâneo”. Poderia tratar-se, ainda, simplesmente, de um medíocre; alguém completamente sufocado pela soma de lugares-comuns ouvidos a todo instante, de todo incapaz de elaborar pensamentos próprios ou juntar três palavras à sua maneira, criando assim um juízo pessoal. Qualquer um desses três caminhos poderia ter se mostrado fecundo na investigação clínica de um caso, representado pelo sonho citado.

**Sou chamado ao telefone e ouço, do outro lado da linha, uma voz de mulher dizendo ser minha mulher; acho impossível e o digo. Minha mulher tem voz agradável e musical, enquanto a pessoa a falar comigo tem voz desagradável e áspera.**

Aqui, de novo, encontramos dupla regência da voz; de novo, atentássemos nós para a voz habitual do paciente, e certamente isolaríamos na sua música global, trechos com certa suavidade e melodia e outros com asperezas desagradáveis. Acompanhando os primeiros, certamente nos seria dado observar uma respiração bem integrada e fluente; nos segundos, nos seria dado perceber, muito provavelmente, hipertonia do tórax, do pescoço ou da boca. Passando da expressão clínica às hipotéticas entidades interiores, poderíamos adiantar, baseados neste sonho, fossem os *sentimentos* do paciente (regra geral, a mulher nos sonhos do homem representa os sentimentos do homem), igualmente divididos entre suavidade acolhedora e aspereza desagradável. Certamente encontraríamos, na história da pessoa, momentos correspondentes a estas duas formas típicas de sentir e de falar — e de respirar.

**Sinto que meus lábios se movem mas nada dizem; julgo fosse a palavra incompletamente articulada “assassino”.**

Este trecho do sonho, como praticamente todos os demais, é apenas um trecho, isto é, estava originalmente incluído em contexto mais amplo. Não pretendo discutir cada trecho no contexto, mas sim comentar correlações respiratórias. Vai muito de artificial nesta maneira de

interpretar sonhos, mas, se o leitor se lembrar, não é propriamente a interpretação dos sonhos que nos importa, e sim o aparecimento, no sonho, de elementos respiratórios ou fonadores.

Qual o comentário neste caso? Temos aqui um personagem hamletiano a esconder dos outros — quiçá de si mesmo — um pensamento acusador muito sério. A um segundo exame poderíamos encontrar, como em Hamlet, um grave pensamento acusador contra si mesmo. Poderíamos dizer, quase indiferentemente, estivesse tal pessoa em guerra profunda contra si mesma — contra o próprio espírito; ou estivesse o espírito desta pessoa em oposição radical ao “eu” habitual. De qualquer modo, um sonho sério.

### **Vejo um gato miando em todas as direções.**

Este sonho me traz à mente um curioso momento de meu aprendizado médico. Certa ocasião examinávamos, na enfermaria da Santa Casa, um paciente com presumível moléstia pulmonar. Coloquei o estetoscópio sobre seu peito e logo depois tirei as auriculares do ouvido a fim de ouvir melhor; o som ouvido parecia o canto do passarinho pousado *na janela* da enfermaria, situada a menos de dois metros do leito. Demorei bastante antes de perceber que o canto do passarinho era um chiado contido no peito do próprio paciente. Não sei como me foi dado transpor para tão longe um ruído situado imediatamente sob meu ouvido. Talvez o cunho completamente inesperado do ruído contribuisse para este deslocamento. O ruído que ouvi, proveniente do peito do paciente, nada tinha de humano; jamais teria imaginado pudesse se gerar em nosso tórax. Por isso, ao ouvi-lo, supus que proviesse de outra fonte. Poderíamos ainda considerar o seguinte: dada a multiplicidade de canais e superfícies refletoras contidas no tórax, é muito provável produzam, as numerosas reflexões sonoras, sensações completamente despolarizadas: daí a dificuldade de localizarmos com precisão a origem do ruído. Eu atribuiria este sonho primariamente a um ruído pulmonar ouvido pelo próprio sonhador durante o sono. Naturalmente, nada impede possa ele ter significado psicológico também.

**Devo ler um trecho da Bíblia, projetado em grandes letras na parede; mas as letras se confundem e não consigo lê-lo.**

Esta parte do sonho pode ser posta em paralelo com o sonho do rapaz que não encontrava o texto do seu discurso. O espírito do sonhador, ao invés de manifestar-se como voz a falar, manifesta-se como letra a ser lida, e, supõe-se, entendida; no limite, cumprida. Poderíamos dizer represente este sonho um movimento de rebeldia do sonhador contra o próprio espírito; mais exato, porém, considerando o texto bíblico, seria dizer rebelava-se o sonhador contra o espírito coletivo. A Bíblia, enquanto livro sagrado de tantos, é uma ordem exterior obedecida por muitos e por muitos imposta a outros; haveria neste paciente, desejo de cumprir a lei comum, mas ao mesmo tempo, evidente rebeldia. Esta força oposta à obediência manifesta-se no sonho pelo embaralhamento das palavras projetadas na parede. Na vida acordada, é bem provável fosse este personagem dado a momentos de súbita desorientação durante a palestra; a perdas súbitas de rumo durante o diálogo. Enfim, na sua vida, era muito provável estivesse ele bastante hesitante, com força suficiente para se opor à lei coletiva, mas sem força para compor e cumprir a própria lei.

### **Recebo uma carta, abro-a, mas não a leio.**

Aqui também o sonhador reage contra o próprio espírito, o qual se manifesta sob a forma de uma carta. Mas agora não se trata de um livro universalmente conhecido, aceito ou imposto; uma carta, sabemos todos, é algo bastante pessoal e não raro muito íntimo. O paciente, pois, não quer ler as palavras ditadas pelo seu espírito.

Outrossim, bem podemos ver neste sonho representação pura da supressão da letra. Há letra na carta; isto é, há um pensamento a ser pensado — eventualmente dito. Mas a pessoa não empresta alento a este pensamento. Representaria o sonho o *mutismo* do paciente — teimosia em não falar?

Sob outro ângulo, podemos ver neste sonho a emergência, a quase declaração de uma intenção íntima.

Fosse este sonho sonhado no início de um tratamento e o entenderíamos como supressão — aliás, periclitante (a carta é aberta); fosse ele sonhado mais tarde e indicaria progresso.

**Em certo momento do sonho, agarro a língua do cavalo que me perseguia tão insistentemente e sinto-a curta, pontuda e dura;**

**puxo-a com força e neste momento ela sai da boca do animal, como um pedaço de carne podre que se desfaz facilmente.**

Não é pequeno o número de pessoas a se queixarem de uma dificuldade súbita no falar, uma falta da palavra adequada na hora certa. As pessoas costumam dizer não lhes vir “à mente” a palavra azada. Não vem à mente ou não passa à língua — por encontrá-la dura?

Muito provavelmente este sonhador sofria de momentos assim. Para a imensa maioria das pessoas, o mecanismo fonador e articulador da palavra não é muscular, no mesmo sentido em que o braço ou a coxa são musculares. Como o resultado final de todas essas contrações musculares sincronizadas é um som significativo, o significado absorve praticamente toda nossa atenção, e não nos damos conta da movimentação muscular subjacente a esta música. Mesmo pessoas capazes de nos dizer em um certo momento, “senti as pernas moles”, “senti o queixo duro”, mesmo pessoas capazes de perceber alterações de tensão muscular no corpo, dificilmente nos relatariam — porque jamais perceberam — variações bruscas de tônus ou de tensão muscular na língua. No entanto, elas existem continuamente, enquanto falamos e, inclusive, quando estamos sem falar. Lembro-me bem de simpática senhora idosa da qual cuidei ligeiramente, a *qual inquietava-se consideravelmente quando deixava de fazer força com a língua contra o véu do paladar*. ela precisava sentir continuamente a língua contraída e oposta a esta região dura da boca. Ao tempo em que este sintoma me foi relatado, nada soube dizer a respeito. Hoje, ele me parece ter o seguinte significado: enquanto mantenho minha língua tesa e imóvel, ela não está falando tolices; impeço assim o meu pensamento de se manifestar a mim mesma; não permito interferir minhas ideias com minha vida.

Algo semelhante poderia estar acontecendo no sonho do cavalo. Mas note-se que o trecho citado faz parte de contexto muito amplo; seria ingenuidade pretender compreendê-lo bem sem atentarmos para o restante. De qualquer forma, o gesto apontado no sonho se refere, evidentemente, a um elemento vital da fonação e articulação da palavra: a língua. Se agarram minha língua, não posso falar.

Este sonho, como o do libertino, descreve provavelmente um indivíduo interiormente amordaçado.

Mas há aspectos peculiares a comentar. Primeiro, o “agarrar com a mão”. As ações feitas com a mão mostram-se, certamente, como as mais deliberadas e voluntárias. Suporemos por isso esteja o paciente mui intencionalmente segurando a própria língua.

Em português e em inglês existem expressões usuais com esse sentido: “segure a língua” ou “dobre a língua” e *hold your tongue*. O sonho provavelmente foi sonhado por um alemão; não sei se existem tais expressões nessa língua.

Depois, há a curiosa transformação sofrida pela língua ao ser segurada; tal transformação será sentida por muitos como “nojenta” ou “repugnante”. A língua fica mole como carne podre. Este sonho é um dos 56 tidos por um mesmo personagem, um homem cujo distúrbio mais evidente era a homossexualidade. Este cavalo é figura frequente em seus sonhos e representa — para Stekel — seu instinto rebelde. Mas é preciso ler todo o caso a fim de compreender este paradoxo: como pode a figura do cavalo representar inclinação homossexual? Tal leitura nos mostraria bem — como o sonho da língua — a chave do mistério: o paciente se mostra duro (como a língua) e impetuoso (como o cavalo), a fim de impedir que transpareça em seu comportamento o efeminado; em sua mente, o pensamento passivo e, em suas palavras, a doce moleza putrefata (assim considerada por ele). Na verdade, o principal desta neurose *estava na fachada marcial, dura, intransigente e intolerante*; surgia a homossexualidade, evidentemente, como necessidade de compreensão, abandono e ternura, tão negadas pelo paciente (língua mole, mas podre).

**Na festa, diante da mesa de docinhos, eu comia, infindavelmente, doce após doce.**

À primeira vista o leitor surpreender-se-á com a inclusão deste sonho na série em exame. Trata-se, evidentemente, do ato de pôr na boca, mastigar e ingerir alguma coisa; não se percebe de que maneira este ato possa ter algo a ver com a respiração, ou a articulação da palavra. No entanto, este sonho de algum modo continua o tema anterior — mesmo não sendo da mesma pessoa.

No momento da deglutição, a via aérea, isto é, a laringe, é obstruída por um instante, enquanto o boio alimentar passa da boca para o



esôfago. Neste momento preciso, existe uma interrupção instantânea e muito breve da respiração.

Já este fato, na aparência insignificante, tem certo valor clínico. Tratei longamente de um indivíduo o qual, na hora da alimentação, sofria dúvidas penosas e ficava muito aflito com o temor: não poderia a comida ir para o pulmão em vez do estômago? Este temor, baseado, entre outros fatores, também neste processo fisiológico de base, levava o indivíduo a mastigar com altíssima consciência de cada movimento e a deglutir com infinito cuidado, sempre temendo pudesse falhar subitamente a mecânica da garganta e da língua.

Acompanhei esta pessoa ao longo de mais de 10 anos de vida, irregularmente.

Nele residiam estranhos pensamentos, descobertos por nós ambos muito devagar. De início propunha-se ele como um quase modelo de normalidade e ajustamento social — mas vivia engasgando.

Pouco a pouco, na medida em que eram admitidos, pensados, falados e realizados os pensamentos estranhos, o engasgo se resolvia.

A conclusão é inequívoca: pensamentos não falados perturbavam a deglutição.

Incapaz de pôr na boca (na consciência) mastigar, engolir e assimilar certas ideias (palavras), viam-se sua mastigação e deglutição perturbadas pelo esforço inibidor.

De sua respiração pouco me disse o paciente; mas bem via eu sua dispneia suspirosa e suas longas apneias.

Ainda quando represente esta percepção em imagens altamente elaboradas e não raro inadequadas, só o esquizofrênico mostra esta sensibilidade para os fenômenos respiratórios. Os exemplos mais bonitos deste livro, em matéria de respiração, os mais nítidos e indiscutíveis, provieram todos de personalidades altamente esquizoides. Os outros exemplos pude filiá-los à fenomenologia respiratória *depois* de ter ouvido de personagens esquizoides o que deles ouvi.

Os psicanalistas falam frequentemente de uma certa relação entre fase oral e fala. Até hoje não tive a sorte de ler, nem sei se existe, um estudo

dedicado especificamente a esta questão. Falam os psicanalistas, ainda, de “agressão oral” à custa de palavras ou de silêncio.

O que permite aos psicanalistas esta liberdade de trânsito é precisamente o seguinte fato: os movimentos que fazemos ao ter comida na boca, ao mastigá-la, ao mudá-la de posição na boca e ao degluti-la enfim; estes movimentos devem ser de algum modo semelhantes aos numerosos, delicados e precisos movimentos feitos ao articular palavras. A comida vem de fora, é finalmente desintegrada na boca e depois engolida; a palavra nos vem de dentro, sob a forma de som indiferenciado, ao qual os músculos buco-faríngeos emprestam forma sonora adequada. Temos, portanto, na boca e na faringe, passagem comum da comida quando entra e do som quando sai; além disso, função semelhante — mas inversa — na desintegração da comida e na composição da palavra, ou da frase.

Creio seja esta semelhança a base para as interpretações do psicanalista. Ela nos permite, ainda, compreender nosso sonho e filiá-lo à nossa hipótese. Evidentemente uma pessoa que esteja a comer continuamente, estará continuamente impedida de falar. Se quiséssemos passar do sonho a uma descrição do personagem, imaginaríamos ou um personagem obeso comendo continuamente a fim de não dar voz ao próprio espírito, ou um personagem extraordinariamente loquaz e completamente vazio, isto é, uma pessoa falante demais a fim de ser pensante de menos.

Temos aqui duas maneiras notavelmente comuns de supressão das expressões do próprio íntimo. Aliás, diga-se de passagem, a ligação entre obesidade e distúrbios emocionais é visivelmente grande; mas até hoje não li nem ouvi de ninguém explicação realmente clara e convincente para o fato. Dos comentários feitos a este sonho, e nele mesmo, vai um bom caminho a ser explorado; até que ponto são obesas as pessoas por comerem demais e até que ponto comem continuamente a fim de não permitir a expressão do próprio espírito? A maior parte das pessoas obesas, sabidamente, é antes bonachã, dócil e conformada; é muito provável que “engulam” uma porção de coisas desagradáveis, sem dar de volta, sem revidar, sem rebelar-se.

Convido agora o leitor a fazer pequena experiência divertida, mas de grandes consequências: vamos procurar saber se enquanto mastigamos

e deglutimos nos é dado, ao mesmo tempo, pensar com palavras bem formadas em nossa mente. Sem ter feito a experiência, tenho para mim seja a resposta definitivamente negativa.

Luís foi bem explícito, em certa ocasião, a esse respeito. “Durante minha doença, eu temia que os outros ouvissem meus pensamentos. Na hora de comer, sempre me vinham à mente palavras desagradáveis, “fezes”, “diarreia”, “vômito”; então eu procurava mastigar e engolir depressa a fim de “atrapalhar” as palavras”...

Outra interpretação plausível existe: enquanto mastigo e engulo a comida, encontro fundamento motor para uma certa ilusão, segundo a qual vejo-me *aniquilando* pensamentos, sufocando as vozes renitentes ou destruindo os personagens interiores responsáveis pelos pensamentos.

É um modo oral de agressão — agora com algum sentido: é um modo de destruir... o espírito. Não é esta, quase sempre, a tarefa pretendida ou necessária?

Consideremos agora três sonhos nos quais a voz do espírito não é ouvida, por se fazer presente dentro de notável confusão de línguas, verdadeira torre de Babel. O primeiro e o mais simples é o seguinte:

**Devo participar de uma reunião entre três populações vizinhas, cada uma delas falando língua diferente; há dúvidas sobre a possibilidade de realização dessa reunião.**

Evidentemente! Qual a provável manifestação clínica deste sonho? Ao meu ver, é a seguinte: trata-se de um desses indivíduos dados a falar de coisas absolutamente desinteressantes para eles mesmos, às quais se atêm por certo senso de obrigação, de dever. Com frequência pais e professores assumem este ar e falam deste modo, para seus filhos ou alunos.

Língua estranha — outro mundo. O mundo dos grandes princípios e das sagradas obrigações não cumpridas por ninguém. O indivíduo é um concílio de partidos divergentes. Penso em concílio e partido, por se tratar de reunião entre três populações.

Brigam três grandes princípios coletivos dentro da pessoa, provavelmente inconciliáveis — “há dúvidas sobre a viabilidade da

reunião”. Vejam-se quantas sugestões fecundas para um interrogatório clínico!

Outro sonhador:

**Eu estava no exército e havia sido encarregado de missão secreta; devia levar mensagem para o supremo comando. Mas ao mesmo tempo, sabia de outros soldados, do mesmo exército, encarregados de levar, ao mesmo supremo comando, uma mensagem falsa.**

Evidentemente, um verdadeiro tema de espionagem, tão complicado a ponto de se poder presumir mau fim, no sentido de não podermos mais determinar quem seja o mocinho e quem o bandido. Mesmo assim, subsiste clara a noção de dois cursos de pensamento, um tido como verdadeiro, mas secreto; outro tido como falso e igualmente secreto. Em presença deste paciente seria conveniente afinasse o terapeuta seus ouvidos ao máximo; pouco a pouco ser-lhe-ia dado distinguir variações de tonalidades da voz, em paralelo com as duas mensagens. Mas não seria tarefa muito fácil.

Trata-se, muito provavelmente, de indivíduo bastante desconfiado, sempre a guardar para si mesmo seus pensamentos mais íntimos e dizendo, para os demais, apenas o conveniente, o não-comprometedor, o não revelador. Duas mensagens secretas!

Ouçamos o sonho seguinte, de algum modo continuação do precedente.

**Eu havia sido encarregado pelo rei de tomar conta da execução de certo trabalho, em certo lugar. Quando lá cheguei, minha função foi posta em dúvida pelas pessoas; a fim de persuadi-las, sugiro que telefonem para o rei, para ouvirem a confirmação de meu mandato. Como ninguém o faz, tomo eu mesmo do telefone e ligo para o chefe, mas enquanto aguardo a resposta penso que não acreditarão em mim os meus subalternos; poderiam supor houvesse eu combinado com alguém para falar da outra ponta do telefone, confirmando minhas pretensões. Mas felizmente um dentre os funcionários conhecia a voz do rei por telefone.**

Veja-se que extraordinária desconfiança toma conta desta pessoa! Que significa esta trama de suspeitas?

Apressaremos nossa compreensão destas figuras, acrescentando a elas... a língua do cavalo! O sonhador é o mesmo. Há no livro dados

numerosos sobre este caso (o dos 56 sonhos). Por isso podemos confiar bastante nas interpretações propostas. Mas adiante examinaremos por inteiro um último sonho deste sonhador, no qual apreciaremos a extensão, a profundidade e a complexidade das inibições respiratórias deste indivíduo.

Nelas reside, certamente, o temor persecutório e a desconfiança. Imagine-se o leitor dentro de um pulmão de aço — nos primeiros dias!

Pior: *sinta-se* o leitor dentro de um pulmão de aço — *sem* pulmão de aço!

*Quem* está me sufocando?

*Quem* respira por mim? Contra mim?

A explicação psicológica — à custa de pensamentos mais ou menos verbalizados — completa aquela decorrente do modo respiratório.

Era, vimos, um homem marcial, duro e intransigente. Certamente terminara assim por influência exterior, pois seus sonhos denotam fantasia rica, muitos sentimentos e bastante inteligência. Dele poderíamos dizer, como de Ricardo,<sup>10</sup> que reprimia o melhor de si, vivendo e exibindo o menos bom. Basta este esquema e o principal dos três sonhos se faz claro. Ele mesmo não acredita em seu segredo (primeiro sonho) nem em sua missão (segundo sonho).

**Sonhei que ia ouvir um concerto musical sob a regência de um maestro determinado; chegando ao local do concerto, vejo surgir um regente desconhecido.**

Se o primeiro sonho deste grupo, referente à conferência sobre a origem da linguagem, mostra uma transposição de regência em relação à letra da palavra (o conferencista), este sonho mostra a mesma transposição de regência, *agora relativa à sua música*. Naquele primeiro sonho, onde o indivíduo ia para ouvir certo conferencista e ouvia outro, continha-se a seguinte noção: os pensamentos a surgir em minha mente, muitas vezes não consigo reconhecê-los como meus (conferencista desconhecido). No sonho ora em exame a frase é muito semelhante: não reconheço a tonalidade da minha voz e a expressão emocional a ela inerente. Este sonho e o fato nele contido são de extraordinária importância devido à sua frequência. É enorme o número de desentendimentos humanos nascidos de um mau tom de voz

— música má — não percebida pelo indivíduo; preso, como de hábito, ao *conteúdo* das frases, a pessoa não se apercebe da voz áspera, do tom de desprezo ou de pouco caso, a estridência, o desespero ou o medo de caminhar na música da voz. Mas o outro ouve tanto a palavra quanto a música, sendo impressionado por ambas. Se convidássemos a pessoa a gravar em alta-fidelidade a própria voz e se a fizemos ouvir a gravação, provavelmente a voz não seria depois reconhecida. O leitor deve saber para quantas pessoas esta experiência daria resultado semelhante. (Não me refiro, evidentemente, àquelas variações inevitáveis da percepção da voz, decorrentes do fato de eu ouvir minha voz, vinda de dentro de mim e a voz do outro, vinda de fora.) Tal o conteúdo da orquestra, cujo regente era outro... Prossigamos.

**Estou fendo um livro em voz alta; nunca o havia feito bem. Aos poucos, não há mais palavras no livro, mas apenas letras soltas e então acordo.**

O paralelo com o sonho da Bíblia projetada na parede e o da carta recebida e não lida é evidente. Mas o específico deste sonho é o fato de o indivíduo estar lendo bem pela primeira vez: o indivíduo está “ouvindo” pela primeira vez a voz do próprio espírito. Mas muito de longe, sob a forma de palavra impressa. Podemos dizer das relações dos olhos com a palavra algo muito semelhante ao dito sobre as relações da mastigação com a palavra: se estou lendo livro ou qualquer outra espécie de palavra impressa, tendo em mente as palavras vindas de fora, não posso e não consigo apreender ou dizer as palavras vindas de dentro. Vimos bem o quanto era assim no caso de Luís e no caso de Luci.

Talvez o final do sonho, a dissociação das palavras em letras, seja bom prognóstico: talvez desapareça aos poucos da mente do indivíduo a lei escrita — exterior: o livro — que sempre governou sua vida; talvez neste momento lhe seja dado ouvir por vez primeira a voz de sua própria lei, voz viva, sonora, e não a voz vazia de toda palavra escrita.

**Estou sentada na minha máquina de escrever, no escritório onde trabalho; atrás de mini está o Dr. M., advogado.**

Aqui temos algo talvez semelhante ao anterior. Parece tratar-se de uma pessoa na iminência de escrever algo a lhe ser ditado por outrem. Parece a sonhadora, na sua função de datilografa, uma verdadeira

“médium” entre seu espírito (representado pelo Dr. M.) e os outros, presentes no papel a ser escrito. Quero dizer o seguinte: o papel escrito pode ser lido por todos; é palavra congelada, mumificada e por isso “eterna”. Não tendo mais espírito, ela não vive mais — é um produto em conserva. Pode ser armazenada até o fim dos séculos como pode ser usada por qualquer um.

A moça ia escrever à máquina. Se afinarmos um pouco nossa comparação, e se não temermos as aproximações ousadas, diremos: este sonho é uma definição do profeta. Segundo o ensino dogmático da Igreja Católica, o profeta é exatamente igual a esta datilografa: ele ouve a voz de Deus — inspiração — e a comunica aos homens, emprestando sua voz, sua respiração e seu espírito a Deus. Ele escreve no papel — ou na pedra — a mensagem divina gerada em seu íntimo pela voz de Deus. Muitas vezes, não sabe o sentido de seu dizer. Ele é apenas um meio ou um intermediário. No caso do sonho, a profecia é mais estrita do que a religiosa, pois, segundo os estudiosos da Igreja Católica, o profeta conserva diante de Deus certa liberdade de estilo; Deus comunicar-lhe-ia o sentido a revelar e o profeta daria, a este sentido, a forma mais conveniente a seus olhos. Em nosso sonho, a datilografa nem sequer o estilo pode escolher. Ela está pronta para escrever o que lhe foi ditado — tal qual.

Seria esta moça alguém sempre disposto a cumprir a letra — escrita — sem cuidar do espírito? Seria esta pessoa um perfeito fariseu ou um perfeito medíocre?

Tal e tanta obediência a uma voz interior pode significar integração quase perfeita da personalidade, como pode significar, no extremo oposto, a mais perfeita mediocridade vivida, isto é, a mais completa desagregação de personalidade. Tudo depende da figura do Dr. M. e sobre esta nós nada sabemos.

Encerrando este grupo das fásias, tomo a liberdade de relembrar números ao leitor: encontramos, no conjunto dos sonhos examinados, 36 trechos ou alusões que tais; 26% dos sonhos continham uma ou mais alusões deste tipo.

O penúltimo grupo contém em si todas as afirmações explícitas dos sonhadores, relativas a sentimentos vivos experimentados durante o sonho; contém também, e esta é uma escolha minha, todos aqueles

trechos de sonhos marcados por um acentuado *suspense* emocional avaliado pela textura da trama. Não confundir *suspense* situacional com o *suspense* das posições instáveis, já computadas.

Poucos exemplos bastarão para caracterizar este grupo: “Estava terrivelmente assustada”, “após muito temor e ansiedade...”, “constrangido, deprimido e ansioso”, “apavorado”, “mulher que chora desesperada”, “grande excitação sexual”, “grande excitação interior”, “chorava soluçando”, etc.

Ao todo, encontrei 38 alusões deste tipo nos 140 sonhos examinados; temos aqui a proporção de 27%.

O último grupo a ser considerado é aquele dos sinais diretos de perturbação respiratória, a saber, afogamento, estrangulamento, asfixia, fumaça densa, odor evidente, riso forte, suspiro profundo, tosse e gritos. Vejamos vários exemplos desta categoria, pois às vezes eles são elaborados e indiretos.

“Cheguei ao farol e então pude soltar um suspiro de alívio após caminhada difícil e perigosa.”

“Ouvi um grito de terror.”

“Havia uma coluna de fumaça, proveniente de queima de lixo.”

“Algo tenta sufocar-me apertando lentamente a minha garganta.”

“Sinto um odor adocicado de putrefação.”

“Eu gritava de dor.”

“Muitos ficaram soterrados sob as ruínas.”

“Numerosos afogados.”

“Empurravam contra mim um grande volume de roupa, sob o qual eu iria ficar.”

“Durante a briga ele cai deitado sobre mim.”

“Era um lugar baixo, sujo e úmido, não sabia como seria possível viver ali, de tão confinado.”

“Cubro-me com um manto grande e pesado, cabeça e tudo, a fim de não ser visto.”

Este nos faz lembrar, muito definidamente, o cliente de Reich. Para encerrar os exemplos desta categoria vou alinhar aqui seis trechos de



sonhos com algo em comum, além do fato de se referirem todos a fenômenos respiratórios.

“Saí pela rua com um cão amarrado a uma coleira (primeira alusão a estrangulamento); logo depois chegam outros dois cães e começam a brigar com o meu (segunda alusão a estrangulamento, pressuposta pelos esforços do cão amarrado a brigar com os outros dois); agarro os dois cães agressores e os estrangulo (terceira alusão a estrangulamento, desta vez dupla.)”

“A égua pega o cavalinho pelo pescoço, com os dentes, ameaçando estrangulá-lo.”

“Pego o animal — cavalo — pelas narinas, e dou-lhe murros no focinho.”

“Há vários porcos caminhando sobre espessa camada de feijão, que alcança até a altura de seus focinhos.”

“Vejo um arreio passando pelo pescoço de um cavalo; alguém — não sei quem — vai apertando lentamente o arreio; os olhos do cavalo começam a soltar das órbitas e ele se mostra enormemente apavorado. Nesse momento eu grito e acordo com violentas palpitações e... tossindo.”

O último trecho citado torna patente aquilo contido de modo não convincente nos demais trechos registrados: o estrangulamento dos animais representa de algum modo uma sensação de sufocação do sonhador.

Muito fácil aqui, como alhures, esconder o problema sob o termo “projeção”. Estou esperando o dia no qual os psicólogos se apercebam seja o termo projeção descritivo e não explicativo.

Como nos é dado, nos sonhos quando menos, sentir *em outrem* sensação a ocorrer *em nós*? Não só alheia é a figura, como ainda *de animal*, como nos casos citados (todos!)?

Já no termo inspiração, quando nos referimos à ação das musas ou do espírito divino fluindo sobre o profeta, se contém esta curiosa noção: entra o espírito na pessoa, vindo de fora. Não se diz, nesses casos, tenha a pessoa inalado o espírito. Nestes dois momentos, sobretudo característicos do... espírito humano, bem se vê o quanto está presente na mente de quase todos a noção: é o vento que, por força própria,

entra em nós. Dito de outro modo, estas noções consagradas mostram quanto somos todos inconscientes do esforço e do trabalho muscular ligados à respiração. Em forma mais modesta, mas em certo sentido experimental, encontramos no relaxamento de Schultz confirmação ampla — mas indireta — deste modo de ver; quando, no exercício deste método, nos referimos à respiração, o autor aconselha o uso da seguinte frase autossugestiva: “algo respira em mim”. Percebeu o autor, com finura, o quanto “somos respirados” ao invés de respirarmos. Mais claramente, o quanto existe em nós a noção de que a respiração se faz sozinha, mais ou menos independente das nossas contrações e esforços musculares — de nossa intenção.

Temos, pois, ação profundamente significativa e extremamente importante para a conservação da vida; nossa sensação subjetiva é a de que ela simplesmente acontece, quando, na verdade, ela é feita. Creio já nos seja dado ver, nessas considerações preliminares, o principal da projeção. Se sofro de perturbações respiratórias e tenho como certo e líquido seja a respiração um acontecimento puro e simples, então, se ela se perturba, algo a perturbou — não eu. Se não eu, então o outro. Ou algo. Eles. É bem o começo de um delírio persecutório.

É grande o número de “projeções” respiratórias feitas por todos; melhor diríamos, a ocorrer em todos. A todo instante nos dizemos mais ou menos perturbados por amigo cacete, companhia aborrecida, ou mil e uma outras coisas, desde opressivas até enfadonhas; na verdade, estas coisas nos sufocam. Outrossim, parece que nada nos pode sufocar à distância — exceto gases asfixiantes! Na realidade nós estamos nos sufocando. Mas esta ação minha, sobre e contra mim mesmo, não é percebida por mim; já seu efeito é percebido, deixando-me inquieto e aflito.

*Como se faz esta asfixia a distância?*

*Pela expectativa de diálogo.*

Ante a autoridade injusta, preparo-me para justificar-me — ou criticá-la; ante o amigo cacete, esforço-me para acompanhá-lo na palestra; se é aborrecida a companhia, forjo um tema a fim de não deixar apagar-se o simulacro da conversa. Assim, em cada situação com intenção diferente, mas em todas elas *preparado para dialogar* e ao mesmo tempo impedido de dialogar, perturbo, sem perceber, minha respiração.

*Somos sufocados pelas palavras pensadas mas não ditas ou ditas sem pensar — sem espírito. O outro se faz, com plena evidência, meu inimigo mortal!*

É este jogo de forças, provavelmente, o campo essencial para a formação de uma projeção. Na certa muito antes, muito mais ampla e profunda do que a mãe a dar-me alimento, existe a noção e a expectativa da mãe boa a dar-me alento; analogamente, muito antes da mãe má negando-me alimento ou impondo-me solidão, existe a noção da mãe má sufocando-me, não me deixando respirar. Lembremos bem este fato, em paralelo com investigações mais ou menos recentes da escola inglesa de Psicanálise: na vida intrauterina a mãe dá também a respiração do feto. E é inegável, mesmo a um exame muito superficial, o quanto o ar é mais urgentemente necessário do que o alimento. *A respiração continua sendo urgentemente necessária sempre, a vida toda e a todos os instantes da vida. Temos, portanto, nestes fatos, a possibilidade de fundamentar todas as projeções ocorridas e ocorrendo na fenomenologia respiratória do indivíduo.* Todos os demais significados da projeção seriam de algum modo secundários e não existiriam, se não existisse essa projeção primária e potencialmente mortífera: se estou aflito e não sei ou não percebo o quanto a minha aflição é produzida pelo fato de eu não estar respirando, então alguém está impedindo minha respiração. Sinto-me, na verdade, vítima de meus próprios músculos! Vítima de minhas hipertônias inconscientes e involuntárias. “Algo” me sufoca, assim como “algo respira em mim”. Algo e não eu; portanto, o outro.

A esta luz, os sonhos com animais sofrendo ação de estrangulamento, se mostram como os mais honestos de todos; é uma função profundamente animal aquela em sofrimento. Em faltando o ar, é quando melhor aparece o elemento vegetativo da respiração, seu elemento automático mais “animal” ou “mais vivo”; então se manifestam seus elementos menos voluntários. No último sonho citado, a vontade — se podemos dizê-lo — está representada no arreio a apertar lentamente o pescoço do cavalo; parece claro, dentro da figuração onírica, seja este arreio a progressiva *constricção reflexa da laringe*, primeira resposta ao estímulo produtor da tosse. Sob a forma de uma coisa — arreio — na verdade está um processo, ou uma ação. Quem “me” sufoca é *minha* laringe.

Deste e de outros modos, são criadas situações subjetivamente ambíguas em relação ao processo respiratório; este é o modo reflexo. Ocorrendo em nós contrações musculares reflexas — respostas motoras em certa medida inevitáveis — logo surgem perguntas sugestivas: *quem me moveu?* Fui eu, foi o outro, é “ocorrência”, é um pouco de tudo?

Tentamos nos apropriar também de nossas contrações reflexas. O piscar de olhos quando um inseto nos incomoda, o desviarmo-nos de uma bola, o súbito levantar de cabeça quando, sentados e cochilando, nossa cabeça cai para a frente; aí estão movimentos cotidianos durante os quais o reflexo e a vontade se fazem indistinguíveis. Assim com os movimentos respiratórios.

Mas não esqueçamos nunca: a maneira mais fina inventada pelos homens a fim de sufocar o próximo foi a palavra; com ela influi um espírito sobre outro espírito, atua uma respiração sobre outra respiração. Logo mais, voltaremos a esta questão melhor armados para resolvê-la.

Contadas, nos 140 sonhos examinados, todas as alusões do tipo exemplificado, encontramos ao todo 60; 43% dos sonhos continham elementos classificáveis como diretamente respiratórios.

Se agora fizermos a soma dos números achados, encontraremos o seguinte: existem, diretas ou indiretas, 211 alusões à respiração nos 140 sonhos examinados, o que perfaz um total de 151%. Esta anomalia percentual é apenas aparente. Como existe um bom número de sonhos bastante extensos, neles se contêm com frequência mais de uma alusão respiratória, ocorrendo não raro duas ou três, de um, dois ou três tipos diferentes. Note-se: dentro dos últimos números citados, não foi computado nenhum daqueles casos simplesmente de frases ditas ou ouvidas ao longo do sonho.

Qualquer que seja o valor exato destes números — e parece-me muito difícil estabelecê-lo — algo subsiste: já vi algumas estatísticas sobre sonhos; em nenhuma um elemento isolado figurava tão abundantemente quanto a fenomenologia fonorrespiratória nesta série de sonhos que examinamos. Psicanalistas e psicoterapeutas, psicossomaticamente orientados, fazem estatísticas com sonhos de retorno uterino, sonhos de conteúdo sexual, sonhos nos quais figura o

sintoma psicossomático e assim sucessivamente. Se maior número significa maior verdade, então a verdade fonorrespiratória é a maior de todas!

Após este exame global, vamos examinar, aproveitando a oportunidade, um sem-número de outras alusões contidas nos sonhos citados, não computadas na estatística, por me parecerem duvidosas; mesmo assim, examinadas uma a uma, talvez possamos nos persuadir contenham elas algo da respiração ou da fonação. Já não me interessa agora o número; pretendo apenas ilustrar o tema de todos os ângulos possíveis, assim como orientar o leitor a ponto de lhe ser dado descobrir, nos próprios sonhos ou nos sonhos de seus pacientes, todas as figuras capazes de conter ou representar a respiração.

**Comecemos com uma figura realmente bela. O sonhador vê um imenso plano inclinado estendendo-se em todas as direções e limitado, em todas as direções, pelas nuvens. Em relevo sobre este plano inclinado, havia como que células hexagonais grandes e, em muitas delas, havia jovens nus com os membros de tal modo dispostos que se ajustavam às faces do hexágono correspondente, parecendo bailarinos da Ilha Bali. Estes jovens deslizavam esporadicamente de uma célula para outra e o sonhador dedica, a fim de explicar bem este deslizamento, muitas linhas de sua redação a uma comparação entre este movimento e os de folha levada pelo riacho, deslizando aqui, parando acolá, movendo-se de novo.**

Esta soma de hexágonos podia ser os lóbulos pulmonares; o movimento de deslizamento dos jovens nus poderia ter nascido da sensação de deslizamento das pleuras parietal e visceral uma em relação à outra. Verifique, leitor, o desenho de nossa capa e veja lá alguma coisa dos planos hexagonais perdendo-se nas nuvens. O leitor já deve ter percebido quão pouco fantasiosa é esta bela figura. Progredindo gradualmente no conhecimento da estrutura pulmonar, pudemos nos persuadir da notável fidelidade desta concepção inspirada. Lá temos, portanto, na inspiração do artista, figura análoga à surgida neste sonho. Acrescentemos mais um argumento: cada pulmão já é, podemos dizê-lo, um poliedro irregular; compõe-se de lobos e estes de lóbulos e assim sucessivamente, havendo, entre cada um

desses elementos, septos conjuntivos, nos quais certamente se contêm terminações sensitivas. Esta soma de poliedros firmemente justapostos os torna relativamente regulares. A forma do pulmão, portanto, não discorda de todo de nossa interpretação.

Stekel considera este sonho como um sonho vesical! Vê ele, nas figurinhas nuas, espermatozoides deslizando pelas pregas da bexiga! Não se perguntou o simpático mestre como é possível a alguém ter consciência de seus espermatozoides. Que eu saiba nenhum espermatozoide tem nervos ou corpúsculos sensitivos, muito menos está ele ligado ao sistema nervoso. Não sei mesmo como é possível ter a sensação dos próprios espermatozoides — ainda mais se livres na bexiga. Como chegaram à bexiga? Luís certamente entender-se-ia muito bem com Stekel!

Mas as pleuras podem despertar sensações muito numerosas, pois sua inervação é apreciável. De outra parte, é inegável deslize uma pleura sobre outra com boa lubrificação, e não seria exagero dizer deslize uma pleura em relação à outra como folha sobre água de riacho. Dispomos, portanto, de elementos morfológicos, neurológicos e sensoriais suficientes para fundamentar nossa impressão. Não raro as pessoas pouco dadas ao exame de sonhos divertem-se, surpreendem-se e por vezes ficam indignadas ao ouvir coisas como estas. Para tais pessoas, devolvo o problema: caso o leitor julgue marcadamente descabida minha interpretação, eu o desafio a encontrar outra mais razoável. Mas não diga “acaso”, pois assim qualquer um “acerta”!

Bem sei quão pouco vale, logicamente, este argumento. Muito bem pode o leitor dizer-me: é melhor deixar um fato sem explicação do que forjar explicação a qualquer preço. É verdade.

Mas considere bem nossa digressão e verá quão sugestivo é o número de indícios.

A seguir temos outro sonho, na aparência muito diferente, mas na verdade muito semelhante.

**Entro numa sala muito grande dividida em pequenos cubículos por cortinas.**

Se o leitor, de novo, consultar as figuras relativas à estrutura do pulmão, principalmente aquela referente ao tecido reticular, não lhe

será difícil ver o grande quarto dividido em cubículos por cortinas. Insisto: todas estas estruturas têm receptores sensoriais bem conhecidos; todas elas certamente emitem alguma espécie de sensação para a consciência. Portanto, estas figuras de sonho têm sobre o que se decalcar, ou têm modelos sensoriais sobre os quais formar-se.

Vejamos outro sonho bonito:

**Vejo diante de mim, sobre a escrivaninha, um envelope com larga tarjeta preta em todo o seu perímetro e, no centro, desenhado, um botão de rosa.**

Neste caso, a analogia esquemática com o tórax parece-me bastante sugestiva. O botão de rosa seria o coração, a tarjeta preta seria a própria parede torácica. Entre esta e o coração, o branco do papel, isto é, o vazio do pulmão. Além do argumento relativo à semelhança de forma, outro existe, bem mais íntimo, relativo à função. Vimos há pouco, ao examinar o grupo de sonhos fásicos, com quanta frequência nosso espírito comunica-se conosco através de uma carta onírica, a qual podemos ler ou não. Uma carta contém palavras íntimas.

Nosso peito certamente contém, pois que as forma, palavras íntimas.

Nosso peito é bem um envelope com mensagem, secreta ou não. Agora vamos fazer uma prova, leitor. Consideremos os dois sonhos seguintes.

**“Sinto que minha calça está aberta até o primeiro botão de cima”;**  
**“não consigo pôr minhas duas pistolas na cintura.”**

Qual o elemento respiratório implícito?

Estes dois sonhos de sonhadores diferentes têm em comum a referência ao diafragma, livre no primeiro caso, preso no segundo.

Para mim, esta explicação é bastante convincente; sei bem, clinicamente, da fabulosa importância do diafragma, não só na respiração, quanto na formação de sintomas, distúrbios e sonhos relativos à respiração.

Consideremos outro grupo de sonhos, igualmente de três sonhadores diferentes.

**“Vejo um personagem com um vestido dividido ao meio, cada metade de uma cor; metade esquerda e direita.”**

**“Muitas pessoas estão sentadas em cadeiras que têm o assento dividido ao meio longitudinalmente; estas duas metades se alternam com movimento próprio.”**

**“Vejo no chão meio cavalo; o cavalo está vivo e quer levantar-se, mas não consegue porque só tem uma pata.”**

Sonhos deste tipo se mostram por vezes muito úteis em clínica. Eles podem nos levar a assimetrias de posição global do corpo, as quais contêm, regra geral, assimetrias importantes de movimentação respiratória e de ventilação pulmonar. Se o leitor examinar a figura nº 6, referente aos movimentos do diafragma, num caso de dor pleural intensa, lá poderá ver o quanto o diafragma pode funcionar quase como se fosse composto de duas metades diferentes. O sonho das cadeiras, pois, pode conter alusão respiratória.

O vestido de duas metades contém alusão respiratória, com certeza, mas incluída numa divergência mais radical: discordância de movimento entre as duas metades do corpo.

Já o sonho do cavalo deitado me parece tocante, quase trágico. Não é só meio cavalo mas lhe falta ainda uma pata. Este sonho contém, na certa, alusão à acentuada diferença de respiração torácica alta, dos dois lados do corpo, isto é, aquela respiração que se realiza bem junto ou sob a cintura escapular (braço igual a “pata” dianteira).

O sonho seguinte é extraordinário.

**A fim de não sermos vistos por alguém que entrasse na caverna estreita, ficamos todos suspensos no ar, à custa de um esforço brutal de braços e pernas, aplicados contra as paredes laterais da caverna.**

Não sei se o leitor imagina claramente a cena. Para este sonho estranhíssimo tenho, de minha experiência pessoal, um sonho paralelo. De paciente meu, um dos indivíduos mais “molengas” que Conheci até hoje, certo dia ouvi o seguinte sonho: “Havia um ataque de índios e eu estava dentro de uma cabana; a fim de não ser visto por eles, eu ficava sob a cama, mas agarrado às travessas do estrado, sem encostar no chão.” Como se vê, o sonhador de Stekel fazia esforço de expansão contra paredes, ao passo que meu paciente agarrava-se a um quadrilátero. Mas nos dois casos, a posição é extraordinariamente tesa



e incômoda, além de por demais cansativa. Posso imaginar o paciente de Stekel um indivíduo muito rígido de corpo; alguém sempre na defensiva, à custa de veemente contratura muscular difusa. Aqui, de novo, a respiração não está diretamente assinalada, mas na certa se contém e se vê prejudicada por esta hipertonia difusa acentuada. Por isso mesmo, o sonhador se vê numa caverna estreita, isto é, num lugar onde fácil e rapidamente o ar se faria viciado; um lugar dentro do qual muita gente se sentiria sufocada.

Os dois trechos seguintes foram sonhados pela mesma pessoa, na mesma noite.

**“Verificamos que a casa onde nos encontrávamos era construída de material muito frágil e resolvemos fazer outra melhor.” “Na nova casa havia um furo grande no assoalho e outro na parede dos fundos; deste modo por ela podia passar frio.”**

O primeiro sonho dificilmente poderia ser tomado como respiratório se o segundo não o fosse e se ambos não houvessem sido sonhados na mesma noite. O furo inferior e o posterior do segundo sonho referem-se, muito provavelmente, à metade inferior da traqueia, onde deixamos de sentir a sensação de ar frio quando respiramos; e às fossas nasais, onde podemos sentir a mesma sensação, quando inspiramos. Há de curioso, no sonho, uma inversão: o furo estava na parede posterior da sala; na realidade, as fossas nasais estão em posição anterior, isto é, na face. Não me surpreende muito esta inversão, considerando a inconsciência de todos nós em relação a estas coisas e considerando, mais especificamente, a localização exata da sensação de frio quando inspiramos: esta sensação não é bem anterior nem posterior, é superior. Nós a sentimos “no fundo” das fossas nasais, no alto da faringe. Aceitando refiram-se ambos os sonhos à caixa torácica, como entenderemos a sequência? Parece tratar-se de um indivíduo com *poucas* inibições respiratórias: “as paredes da casa e todo o material, de que ela fora construída, mostravam-se frágeis”. Pode muito bem esta frase significar um tórax relativamente desimpedido e livre para respirar. Pessoas nestas condições, não raro dizem o que lhes passa pela cabeça e ouvem coisas desagradáveis de volta. Não me surpreenderia muito quisesse o sonhador reformar sua casa e torná-la mais sólida — consolidar inibições respiratórias, isto é, melhorar a

inibição dos próprios pensamentos, tolher melhor a voz do próprio espírito. O problema do espírito — recordemos — não se resolve libertando-o de vez, tão pouco prendendo-o sempre.

É preciso tê-lo certo e tê-lo bom.

Mais nada...

### **Sou vítima de grave inflamação na garganta.**

Logo a seguir, o paciente se estende na descrição dos vários sintomas correspondentes a esta inflamação. Deparando com sonhos referentes a dor de garganta, devemos, de início, perguntar ao paciente se ele está com dor de garganta. Caso não esteja, podemos ter certeza de que o sonho lida com problemas de fonação, de palavras pensadas ou não pensadas, ditas ou não ditas etc.

Por vezes, o sonhador não consegue encontrar figura banal, como a de uma angina, recorrendo então a representações bem mais exóticas.

### **O doutor retira do pescoço de meu filhó uma longa pele.**

Aí está. Não sei qual possa ser o significado de tal sonho; se procuro ver nele algo referente à fonação, deve-se o fato, exclusivamente, à *localização*, seja da parte anatômica anômala, seja da ação inusitada do médico. Será alguém com pigarro crônico? Quem sabe?

Muitas vezes não temos certeza se determinada imagem de sonho refere-se ou não à respiração.

### **Vejo a cabeça e o pescoço de uma criança flutuando em uma frigideira; a criança está chorando. Num certo momento, para de chorar, enquanto chupa um dos botões de minha roupa. De- \_ pois morre.**

Temos aqui uma figura bastante paradoxal. Em havendo choro, faz-se evidente, através dele, a presença da respiração, em forma especial. Mas a criança não tem pulmão. Estará o pulmão representado sob a forma da frigideira? Muito estranho certamente. Para muitos, influenciados pelas ideias de Freud, o choro da criança seria primariamente uma frustração oral, como se vê logo depois: a criança procura mamar, aceitando mesmo um botão de roupa na ausência de algo melhor. A frustração é tanta que a faz morrer. De minha parte, impressiona-me muito mais o choro sem pulmão. Eu tenderia a ver nesta figura a representação de um choro não chorado. O paciente, a

meu ver, sente-se frequentemente inclinado ou disposto a chorar, mas não dá respiração ao seu choro. Dito de outro modo, ele inibe a respiração a fim de não chorar. Com isto fica praticamente suprimido, de sua percepção interna e de seu controle, o tórax. Por isso, talvez, a criança “termine” no pescoço... Se é estranho ouvir chorar quem não tem tórax, não menos estranho será alimentar quem não tem estômago... De qualquer modo, uma figura onírica extremamente exótica.

**Colho grandes ramos de lírios; em seguida embrulho-os em jornal. No instante seguinte, eles se fazem rígidos e transformam-se em uma estátua egípcia, dedicada àquele que me curará.**

Em relação a este sonho, eu pensaria em respiração, considerando a forma definitivamente arboriforme da... árvore traqueobrônquico. Veja o leitor algumas das figuras deste livro (figura n? 1). Lembremos a inervação abundante da árvore traqueobrônquico, a qual torna possível a formação de sensações para a consciência, para a mente ou para o cérebro — como se queira. Assim com a sensibilidade da pele: se de olhos fechados nos submetemos a uma série de excitações cutâneas, depois podemos desenhar, com certa precisão, a figura destas excitações sobre nosso corpo. Assim sendo, não vejo razão para que seja diferente nossa sensibilidade interna, relativa às mucosas dos órgãos contidos na cavidade abdominal ou torácica. Quando estes têm forma bem determinada, como é o caso da árvore traqueobrônquica, não vejo por que, durante o sono, com a sensibilidade interior exaltada, não nos será possível conceber, e até visualizar, a forma do órgão interno. Se o leitor consultar a figura n? 5 da pág. 6 de figuras, talvez compreenda porque o ramo de lírios se fez rígido. Talvez a paciente tivesse tido, no momento exato em que sonhava, a sensação da constrição e encurtamento dos brônquios, movimentos presentes, habitual e normalmente, durante a expiração. Parece claro levem estes dois movimentos a um enrijecimento da árvore traqueobrônquica. Se até aqui foi plausível nossa interpretação, então o jornal representa a pleura. Não obstante, muito permanece obscuro neste sonho. Por que se enrijecem os ramos apenas depois de terem sido embrulhados? Por que se transforma o conjunto de ramos rígidos, numa estátua egípcia? Por que lírios, precisamente? Devido a estas incertezas, este sonho foi lembrado; para assinalar dúvidas.

Vejamos outro exemplo ambíguo, também sonho de mulher.

**Tenho um ramo de uma planta de flor. Um amigo, de passagem, julga tenha eu deixado os ramos da haste crescerem demais. Dando-lhe um par de tesouras, digo-lhe: muito bem, pode podar a haste como lhe parecer melhor. Ele corta um dos ramos da haste, bem junto à junção e depois disto a planta reaviva-se consideravelmente. A haste encurva-se convulsivamente, infla-se como um pênis quando entra em ereção e se faz de um vermelho odioso. De vários furos esguicha deia algo semelhante a sangue. Depois um pequeno gatinho preto rasteja . para fora dela, andando em todas as direções.**

Segundo Stekel, este sonho recorda o trauma principal sofrido por esta pessoa. Tendo cuidado de seu pai durante longa moléstia vesical, era obrigada, diariamente, a cateterizá-lo. Certo dia, seguindo inclinação interior, e estando sozinha, ela acariciara os genitais paternos; logo após a ejaculação, teria sentido a urina escorrendo sobre a mão, saindo da bexiga sem necessidade da sonda. Pouco depois o pai morria. Diante deste fato, parece incontestável a interpretação de Stekel. No entanto, esta interpretação mostra-se bastante insuficiente em vários pontos.

Primeiro, o sonho faz supor uma haste da qual partem *vários* ramos; há depois o episódio da poda; em seguida, esguicha sangue de *vários* orifícios; enfim, do conjunto sai o gatinho preto andando em todas as direções. Estes quatro elementos não são explicados pelo trauma central. O trauma só explica o trecho no qual a planta se comporta de modo semelhante ao pênis. Todos os demais detalhes apontados permanecem fora da noção central. De outra parte, com exceção da poda, os outros três detalhes cabem perfeitamente bem dentro de uma interpretação “torácica” do sonho. Os muitos ramos a partir da haste — árvore traqueobrônquica; sangue esguichando de vários orifícios — o próprio coração e os grandes vasos da base; o gatinho miando em todas as direções — ruídos respiratórios, como vimos alhures.

A fim de atenuar a estranheza despertada pela comparação entre fenômenos genitais e respiratórios, lembro ao leitor o seguinte: quando o tórax se infla na inspiração, podemos, com certa facilidade, dizer tenha o tórax se posto ereto em duplo sentido: não só a coluna vertebral se põe mais ereta durante inspiração profunda, como também

se põe mais tesa toda a parede tóracoabdominal. Outra semelhança existe: durante a ereção, os corpos cavernosos recebem sangue sob pressão e esta pressão é contida pela *fascia pênis*; quando inspiramos, não há nenhuma força a insuflar ar no peito; bem ao contrário, como já vimos. Mas o resultado final é semelhante, ante a sensação interna. No caso do pênis, é a distensão da *fascia pênis* o estímulo capaz de levar até a consciência do homem a *sensação* de ereção; no caso da inspiração, é o retesamento das fascias, músculos e pele do tórax, o estímulo apto a levar à consciência, a sensação de inspiração plena.

Outras vezes, certos elementos obscuros do sonho são esclarecidos pouco a pouco, à custa do desenvolvimento do próprio sonho. Vejamos um exemplo. É o prometido caso do homem a sonhar com cavalos, mensagens secretas e serviço do rei.

**Estava no exército e devia fazer exercícios de fadiga. Como não gosto deles, resolvi esconder-me. Deitei-me entre capim alto, mas, temeroso de ser visto por um guarda, passei para um campo de trigo. No meio deste havia um monte de palha, sobre o qual sentei. Decidi passar a noite ali. No dia seguinte, pretendi esconder-me em uma caverna subterrânea conhecida só por mim. Mas ao entardecer encontrei um velho empregado, o qual me disse conhecer melhor esconderijo, um depósito claro e arejado. Aceitei a sugestão por achar melhor sentir-me acompanhado. Entramos no depósito afastando umas tábuas. O lugar era espaçoso e estava vazio, o que não me agradou, porque não havia canto onde alguém pudesse se esconder. Em velhos tempos grandes barris eram deixados no depósito — mas haviam sido removidos. Enquanto nos arrastávamos para dentro, notamos um buraco que levava para o interior. O empregado passou por um segundo buraco; este era tão estreito que não permitiu minha passagem com suficiente rapidez — e percebi que havia sido visto. Corremos então para o Danúbio, tentando atravessá-lo a nado, pois na outra margem vi uma caverna subterrânea, onde ninguém poderia nos encontrar. Além disso, eu sabia não estavam nossos perseguidores dispostos a mergulhar na água fria... Luta a tiros com dois policiais... Não longe dali o rio era muito fundo e mergulhei. No fundo do rio, instalei alguns tubos, os quais tinham suas aberturas disfarçadas, na margem. Assim eu podia respirar através deles. As aberturas eram de tal forma, que a água**

**não podia entrar. Depois ocorreu-me o seguinte pensamento: como era inverno, o ar exalado por mim ao emergir dos tubos podia chamar a atenção (por sua condensação). Decidi aproveitar a primeira oportunidade para esconder os orifícios dos tubos em ocos de árvores.”**

Ao ler este sonho pela primeira vez, todos os trechos sublinhados por mim desde o começo, me pareciam conter potencialmente alusões respiratórias. Mas confesso ao leitor minhas dúvidas durante a leitura refletida e lenta. Receava estar em demasia dentro de minhas ideias, exagerando-lhes o valor e a importância. Mas quando cheguei ao final do sonho, vendo lá evidentes e gritantes representações de respiração, de asfixia e de pulmão, perdi meus escrúpulos...

Além disso, este sonho nos ilustra um ponto importante de nossa estatística. Mesmo pondo de parte toda alusão incerta e considerando só as mais seguras, do tipo natação, mergulho no fundo do rio, caverna subterrânea, passagem por orifício estreito e tubos no fundo do rio, já temos aí cinco, seis ou mais alusões respiratórias claras contidas em um sonho só. E não se pode dizer formem elas um conjunto isolado; antes, pertencem a trechos diferentes do sonho, a cenas diferentes, a contextos diferentes. Cada uma delas tem valor próprio.

Não há dúvida seja o tema principal deste sonho o esconder-se. É em função dele que a respiração alcança o paroxismo final, verdadeiro espasmo de fuga: esconder até a névoa capaz de se formar — bem longe! — quando exalamos em manhã fria. O indivíduo quer esconder tudo de si, até a respiração. Pelo menos, este seria o pensamento mais imediato ao lermos este sonho desprevenida-mente. De minha parte, vejo nele algo um pouco diferente. Este homem pretendia esconder principalmente a emanção da respiração — que é a palavra e não a fumaça. Tratava-se de um militar homossexual. Parece-me evidente pretendesse ele esconder, acima de tudo e de todos, a sua inclinação; parece-me evidente sentisse como ofensa mortal ouvir dentro de si ou de outrem a palavra infamante.

Havia nele o contínuo temor de ser descoberto, certamente; mas havia nele, bem maior, o temor de ser visto e de ser chamado de homossexual.

Se o leitor se der ao trabalho de reler o sonho, nele verá o escalonamento das numerosíssimas inibições respiratórias, assim como suas formas igualmente numerosas. Raramente nos é dada tal mostra, tão compacta. Elas justificam de todo qualquer sentimento de perseguição e desejo de esconder-se ou fugir — conforme postulamos páginas atrás.

Por vezes, a alusão respiratória é de todo implícita, segura mas escondida.

**Um quarto com várias pessoas além de mim mesmo. Uma velha mulher, cujos dias parecem contados, dirige-se para um quarto próximo e todos os presente despedem-se dela. Sou o último a fazê-lo e tomo um cuidado especial em dizer-lhe algo encorajador, ao lhe desejar melhor saúde.**

Aí está, leitor. Onde a alusão respiratória? Na falsificação do pensamento. Visivelmente o sonhador sabia do estado desesperador da figura do sonho, mas, muito bem educado, inclusive no sonho, diz a ela coisas nas quais não acredita, falsifica a própria palavra, falsifica o próprio pensamento, deturpa a própria respiração. Assim fazemos todos, mais ou menos frequentemente, em situações sociais. A vida social, pelo menos nos moldes como a concebemos, parece basear-se, em proporção demasiadamente grande, de mentiras, de palavras não pensadas, de pensamentos não sentidos, de sentimentos não expressos. Vão aqui numerosas oportunidades para falsificar o próprio espírito, para inibir ou perturbar a própria respiração.

Consideremos, para encerrar o assunto, mais três sonhos paralelos, cada um deles de pessoa diferente.

**“Há uma cobra no sonho, cuja baba poderia ter alcançado minha boca; temo seja venenosa.”**

**“Beijo um morto e temo, no instante seguinte, ter sido envenenado por esse beijo.”**

**“Jogam um cálice contra meu rosto; o cálice quebra-se e um dos fragmentos corta meu lábio; temo estivesse o copo envenenado.”**

Sabidamente, os sonhos e principalmente os temores persecutórios, moldados ou organizados em torno da ideia de envenenamento, são

bastante frequentes. Qual será o significado genérico deste temor, suposto que exista?

Não seria difícil, nem parece muito absurdo, o seguinte pensamento: o temor de envenenamento, quando relativo à boca, a algo ingerido, pode muito bem referir-se a palavras envenenadas, a maus pensamentos vindos à nossa mente e ditos ou não por nós. A fim de melhor iluminar este sentido, convém recordar alguma coisa. Com demasiada frequência, o desentendimento entre pessoas se prolonga por anos a fio; nenhuma das duas pessoas interessadas se anima *a falar* a respeito; quando este falar surge, aquele a falar primeiro é acusado pelo outro de ter envenenado a relação entre ambos, “porque você disse...” “Mas você também disse...”

Podemos facilmente observar em nossa sociedade civilizada este fato estranho: enquanto as coisas não são ditas de modo explícito, regra geral elas são toleradas indefinidamente. Enquanto o ladrão não se confessa ladrão, ou enquanto o advogado não prova caiba ao ladrão o nome de ladrão, o ladrão não é ladrão, mesmo quando todos estejam completamente convencidos de que ele foi e continua sendo ladrão. O adultério não é adultério enquanto alguém não o confessa ou demonstra, mesmo quando ele esteja presente, perfeitamente evidente e visível, de há muito, para todos os interessados. Enquanto as coisas não são ditas, elas podem ser ignoradas. Por que acontece assim, eu não sei; mas que é assim, não há dúvida. Anos e anos sofrem as pessoas, sofrem as famílias e sofrem os povos sob ou dentro de relações interpessoais altamente insatisfatórias, roídos de profundo descontentamento, sem que ninguém se anime *a dizer* o que está acontecendo.

Palavras ditas às vezes, palavras não ditas outras vezes, atuam sobre o próprio ou sobre o outro, a modo de baba de cobra, beijo de defunto ou veneno de cálice...

Fase oral?

Sim.

Palavras ditas sem espírito ou com falso espírito; ainda, palavras não ditas por falta de ânimo...

Veneno lento.



Baba de cobra.

Beijo de defunto...

### **A MULHER QUE NÃO QUERIA PERDER A CABEÇA**

A seguir examinamos com vagar e profundidade alguns sonhos de uma só pessoa, a quem conheci pessoalmente.

São muito singulares e sugestivos para o nosso tema.

Estão fora da estatística feita até aqui.

**Sonhei que eu era cirurgia e operava uma menina. Amputava gradualmente seus membros um a um, pedaço a pedaço. A menina, inteiramente consciente e tranquila, mostrava confiança total em mim, confiava-se totalmente ao meu juízo e às minhas ações. Já muito mutilada, a menina propunha-se no sonho à amputação final: a cabeça. Ao longo do sonho horrorizo-me cada vez mais e no fim acordo muito angustiada. Por muitos dias me ficou este sonho em mente, e cada vez que o lembrava me sentia muito mal.**

A sonhadora é mulher madura, impulsiva, imperativa e violenta. Com frequência emite julgamentos sumários, incisivos e definitivos, que “lhe vêm à mente” sem que ela saiba como nem por quê. Mas ai de quem lhe disser que e assim! Há algum tempo esta mulher vem trabalhando duramente consigo mesma; na verdade, contra si mesma, contra esse seu modo de ser ao mesmo tempo espontâneo mas descontrolado, natural mas irrefletido, eventualmente perigoso.

“Cortava os membros da menina pouco a pouco...”

Aqui está, no sonho, o trabalho da pessoa consigo mesma. Para alguém tão instintivo e de certo modo tão primitivo, o trabalho de reflexão e controle de si mesmo aparece, aos olhos da própria consciência, como algo acentuadamente mutilante. Personagem da natureza, qualquer ação feita à custa de pensamento e deliberação lhe parece altamente artificial, ou “técnica”: uma intervenção cirúrgica.

Além das grandes opiniões definitivas, a mulher imperativa, quando desocupada, fala frases miúdas e numerosas, despertadas em sua mente por este ou aquele objeto visto, esta ou aquela frase ouvida, cabeçalho de jornal, reparo da empregada... Nada de extraordinário; frases que todos dizem a toda hora e que nada significam. Mas mesmo sendo

inconsequentes, estas pequenas frases tampouco pertencem à mulher, tampouco nascem de seu espírito. Apenas “passam pela sua cabeça”.

Conversa fiada telúrica...

Quando apreensiva, vê-se que sua fronte e seus olhos ficam “olhando” pensamentos: fica ela obcecada por ideias que desfilam diante ou dentro de sua mente, movidas por força própria e absolutamente impossíveis de serem detidas. Mesmo de olhos fechados, suas pálpebras “piscam” como se eles estivessem abertos. Nestas horas pode ficar longos segundos inteiramente sem respirar. Ela parece, então, alguém absorvido por um espetáculo fascinante: concentra-se por inteiro nos olhos e esquece tudo o mais. Enquanto “a cabeça que não é sua” fia pensamentos, a mulher olha para estes pensamentos e esquece de respirar.

Não sei se olha. É bem mais o caso de estar fascinada. É bem mais o caso de não conseguir deixar de pensar.

Afinal, quem não conhece estados assim — vez por outra? Em todos os casos, das frases veementes, das frases inconsequentes, do pensamento que se pensa sozinho, em todos estes casos é fácil constatar a completa dissociação entre cabeça e tórax. A cabeça da mulher pensa pensamentos que não são dela; a cabeça da mulher pensa pensamentos que não são animados pelo seu espírito — pelo seu sopro. Quando a cabeça da mulher não é dela, sua respiração para. Seu espírito não quer, não consegue ou não pode animar as palavras que lhe vêm à mente. E o silêncio cheio de palavras não suas a sufoca.

Portanto, no sonho, não se trata, na verdade, de amputar a cabeça; trata-se muito mais de reconhecer que a cabeça *não está ligada ao corpo*.

Trata-se, dito de outra forma, de perceber que pensamentos tidos como próprios não o são e que o próprio espírito não anima os pensamentos da cabeça.

Era bem o caso de perceber-se regida e levada pelos pensamentos dos outros. No sonho parece bem claro que a cabeça significa pensamento. A comparação é tradicional e clássica porque, segundo o testemunho de quase todos, os nossos pensamentos parecem estar na cabeça. Já não reparamos tanto que na cabeça estão os órgãos da fonação e da

articulação da palavra — estão a garganta e a boca. O sonho propõe, segundo parece, que se separe a cabeça do tórax, isto é, os pensamentos do espírito, isto é, as palavras do sopro que as anima; enfim, os pensamentos da cabeça, da inspiração respiratória.

Mas como vimos clinicamente, é exatamente assim que sucede com a pessoa.

Por que então o sonho propõe seja feita uma operação que já existe há tanto tempo — como estado permanente?

Não será o caso de pensarmos queira o sonho comunicar à sonhadora justamente este seu estado? Não estará o sonho apenas *mostrando-lhe* como ela funciona?

Para completarmos a boa compreensão deste sonho, resta-nos acrescentar alguns detalhes sobre a respiração do personagem e sobre alguns de seus sintomas.

A mulher sofre de inibições respiratórias ostensivas, intensas e antigas. Muitas vezes ficou literalmente sufocada devido à completa incoordenação de movimentos respiratórios; levou anos para conseguir algum controle destes movimentos. Sufoca-se quando muito apreensiva, quando muito enraivecida, ou quando muito preocupada. Para quem a tenha visto, torna-se fácil compreender a seguinte descrição: sempre que lhe vêm à mente pensamentos particularmente violentos, horríveis ou torturantes, a primeira coisa que estes pensamentos fazem é tolher-lhe a respiração. Creio que vai neste gesto da pessoa, certamente inconsciente, um movimento de defesa benéfico. Fosse ela dizer — na verdade, gritar — tudo o que lhe vem à mente nessas horas, e seria tomada por todos como alguém extremamente desagradável e perigosa. Creio que esta mulher, grandemente instintiva, tolhe a respiração no momento preciso em que o pensamento iria ser gritado e iria, neste ato, comprometê-la seriamente.

Muito difícil saber, nestas horas, se o pensamento é seu ou não. Como todo personagem impulsivo, a mulher sofre de um controle igualmente forte, cru e primário.

Este controle adota, para exprimir-se, as normas sociais aceitas, igualmente fortes, cruas e primárias (a adúltera apedrejada, a virgem expulsa, o ladrão enforcado). Não que a mulher acredite nestas normas.

É demasiado realista — a pesar seu — para chegar a tal estultice. Mas em horas críticas agarra-se espasmodicamente a estas fórmulas a fim de não explodir de fúria.

Ante esta elucidação, nossa pergunta de há pouco encontra resposta: os pensamentos que lhe vêm à mente são seus (impulsos); a inibição respiratória não é sua e se faz por amor (!) ou em nome das convenções estabelecidas.

Como a moça da balsa.<sup>11</sup>

Para completarmos o caso da cabeça que não era da pessoa, assinalemos um fato e um sintoma sobremodo significativos em relação ao sonho.

A mulher descreve, por conta própria, a “maquininha de pensar” que existe em sua cabeça, muito ativa em noites de insônia, muito incômoda às vezes e de todo independente de sua vontade. Além disso, a mulher sofre, periodicamente, de enxaquecas violentas, que a inutilizam durante um ou dois dias. Nestas horas, sua cabeça é tida por ela mesma como seu maior inimigo.

Vendo-a desesperada na vigência desta síndrome dolorosa, faz-se claro para mim — de modo trágico — a profunda verdade do sonho: “Minha cabeça não é minha.” Nesta hora da cabeça que dói violentamente, que continua a doer ante qualquer espécie de cuidado ou tratamento que se faça, nesta hora se faz de todo realidade a cena sombria do sonho.

Nestas horas difíceis, a pessoa está disposta a reconhecer que sua cabeça, sobre não ser sua, está de todo separada, seja do corpo, seja da vida, seja de tudo mais. Nesta hora terrível sua cabeça existe — e só ela — como dor pura.

A dor do abstrato, do desligado, do impessoal!

Já nas outras horas dos maus pensamentos, muitas vezes a mulher não consegue reconhecer que eles não são seus. Tampouco reconhece como não sendo próprios aqueles pensamentos inconsequentes e volúveis de todo instante.

Como se vê, a mulher ainda tem que avançar bastante no sentido de perceber quão pouco sua cabeça é sua. Quando a mulher se dispuser a perder a cabeça, ela certamente se encontrará.

E aqui surge em nós, muito naturalmente, um pensamento que por certo não é nosso mas é bonito: “quem quiser salvar a própria alma, perdê-la-á; mas quem se dispuser a perder a própria alma, encontrá-la-á”.

Para encontrar a cabeça é preciso perder a cabeça — quem compreender esta insensatez é um bem-aventurado; quem não a compreender é um... acéfalo.

Com alguma facilidade poderíamos entender o restante do sonho em linhas paralelas. A mulher é extremamente diligente, trabalhadora, incansável, pessoa incapaz de parar cinco minutos sem fazer nada. Bem podemos perguntar, diante desta descrição, até que ponto seus membros tampouco são seus, movendo-se continuamente por ordem tirânica, intransigente e intolerante de uma cabeça impessoal — que é multidão!

Chegaríamos então a este retrato algo tétrico da pessoa: uma substância viva contida dentro de uma armadura quase mecânica, dirigida por um cérebro automático. Quase nada do que a pessoa pensa, assim como quase nada do que ela faz é realmente dela.

Mas se eu não sou os pensamentos de minha cabeça, nem as ações de meus braços, nem os passos de minhas pernas, então quem sou eu?

Se me dispo de tudo aquilo que me foi proposto, imposto, insinuado e incutido, se abandono todas as obrigações do fazer e do estar, que resta de mim?

\* \* \*

O que é esta substância ninguém sabe; ela não tem nome. Tudo o mais em nós tem nome. Todo o mais em nós não é nosso.

Eu sou um anônimo. Eu sou único. Não há ninguém igual a mim, acima de mim, abaixo de mim, ao lado de mim.

Só eu.

Na verdade eu, o mundo e os outros. Mas entre nós nada em comum; nada certo, nada determinado, nada garantido. Tudo para ser feito, definido, conquistado e perdido, a cada passo, a cada instante, a cada gesto, a cada sopro.

Compreendamos bem a hesitação da mulher. É muito difícil amputar a própria cabeça.

Em verdade voz digo: é muito difícil.

\* \* \*

“A protodepressão... decorre do sentimento de uma situação ligada com a não-existência, isto é, a redução ao nada. É a experiência do aniquilamento ou extinção, cuja representação psíquica se relaciona com a ideia de morte” (Durval Marcondes, “Rev. Brasileira de Psicanálise”, volume 1, nº 1, pág. 7).

A melancolia, na fórmula feliz do mesmo autor, decorre da destruição imperfeita de objetos interiores, de cuja imperfeição nasce a impossibilidade de assimilá-los.

Perder a cabeça bem pode ser a expressão onírica deste inexistir.

Após as enxaquecas, a sonhadora acusa dor ou dolorido na musculatura respiratória. Proviria tal dor do esforço persistente em não deixar o tórax esvaziar-se? Esta cessação do esforço respiratório não traria consigo, inerente, a noção de “vou deixar que meu espírito morra?”

Ou, na frase de Cristo: “*não quero* perder minha alma”.

Na verdade, aquilo que a paciente mais sente como sendo a própria alma é exatamente o contrário disso: é aquilo dentro dela que não é ela nem é dela. Mas quem viveu 40 anos com alma alheia já não sabe mais o que é seu em si.

### **O PULMÃO E O CORAÇÃO**

Da mesma pessoa ouvi também este sonho.

**Sonhei que estava em minha casa — uma casa que era só minha. Tinha dois andares; o de baixo era maior e nele havia dois quartos; em cima, havia dois quartos também, mas menores e ao lado deles mais dois, bem pequenos. Minha casa não tinha cantos nem arestas, era tudo curvo e arredondado. Todas as janelas estavam abertas e eu tinha uma viva sensação de tempo. Precisava fechar todas as janelas para que não entrassem meus inimigos e para que, ao mesmo tempo, não saíssem meus amigos.**

Quem sonha é uma mulher, médica, a mesma que não queria perder a cabeça.

— Penso que sua casa é seu pulmão.

— Não pensei nisso. Pensei que era o coração — porque é tudo redondo e as acomodações são iguais às do coração, em baixo dois ventrículos, em cima dois átrios com as aurículas.

— Pela forma, não tão esquematicamente, poderia ser também o pulmão.

— Talvez. Mas na noite em que eu sonhei havia adormecido apreensiva com meu coração, que apertava muito. Como eu estava com flebite, receava muito ter uma trombose coronária.

— Fechar a casa, fechar o coração... Coração fechado igual a casa fechada, só com você dentro e mais ninguém. Coração fechado quer dizer distanciamento de todos, não aceitação de quem quer que seja. Quer dizer sozinho. Talvez queira dizer morta. Se não há ninguém em nosso coração, de quê e para que viveremos nós?

— Mas havia amigos dentro.

— Havia. Mas era importante — e a meu ver difícil — separar amigos de inimigos. Você em sua vida — sabemos bem — com receio de ser explorada, enganada ou traída, costuma excluir de seu convívio todos aqueles que fazem alguma coisa contra você. Mas com sua intransigência, você exclui pessoas demais e corre o risco de ficar sem ninguém. Você sabe que não há nem pode haver ninguém tão perfeito — ou inofensivo — que de algum modo não nos consiga ferir, mesmo sem querer e mesmo contra a vontade.

Ela silencia, teimosa. Continua disposta a encontrar o amigo perfeito... ou aquele tão desprotegido e frágil que não se anima nem mesmo a olhar para os outros...

— Naqueles dias estive muito preocupada. Sabe, quando surge uma flebite sem causa aparente — trauma, infecção, gravidez — a suspeita é sempre de metástase cancerosa. Eu estava com medo...

— O aperto de coração seria devido a trombos ou a este medo? Nunca se sabe...

— Depois, tenho tido reais dificuldades e estou muito desanimada em relação a pessoas que possam fazer parte de meu mundo. Difícil encontrar e conservar pessoas com quem a gente se entenda. O lugar onde me sinto melhor é no trabalho, mas mesmo lá vivem me dando “conselhos” contra minha espontaneidade com as pessoas, e me

“avisando” de que eu me deixo explorar muito facilmente. Meu marido também vai seguindo seu caminho e me deixando de lado; sinto por ele admiração — quando está longe — e rancor — quando está perto. Não sei se nossos mundos jamais voltarão a se sobrepor.

— Janelas todas abertas... Você se considera pessoa aberta ou fechada?

— Depende. Em meu trabalho sinto-me espontânea e sou tida como tal. Com minha família, com minha mãe e com meu marido em especial — que vivem comigo — acho que não sou. Minha mãe é muito amargurada e não gosto de contar coisas para ela.

— Pessoalmente acho que você é muito aberta, se tomarmos “aberta” no sentido de impulsiva, de incapaz de esconder emoções súbitas — às quais você me parece muito sujeita. Principalmente indignação, cólera, compaixão, despeito... Seu coração está aberto, isto é, dele saem facilmente todos os seus sentimentos — seus amigos?

— Não sei se meus sentimentos são meus amigos.

— Mas ainda defendo a ideia de que o sonho se refere também a respiração. Neste contexto, “viva sensação de tempo” significaria tempo de respirar. Você já percebeu bastante suas paradas respiratórias, quantas vezes e durante quanto tempo você permanece sem respirar — indo cada vez mais longe e ficando cada vez mais aflita.

— Mas por que amigos e inimigos?

— Pensamentos. Lembra-se de quanto já dissemos sobre suas enxaquecas? Elas parecem estar ligadas a um violento esforço seu no sentido de conter “maus pensamentos”, os quais, uma vez claramente expressos, se mostrariam catastróficos para você e para todo o seu esquema atual de vida. Pensamentos de violência final contra os outros ou contra si. Sabe?

— Sei.

— São os inimigos que “não podem entrar em sua casa” — no caso, em sua mente, em sua consciência.

— E que tem isso a ver com a respiração?

— Impedindo a respiração impedimos que a palavra soe com clareza. Sabe que sem o sopro respiratório nós não emitiríamos som algum.

— Mas no caso trata-se de falar “para dentro”.



— Sim. Eu sei. Mas é muito provável que exista uma correlação bem estreita, talvez certa espécie de identidade, entre pensar para si — falar sozinho — e falar para outrem. É bem provável. Veja mais: coração não tem “janelas” a não ser alegoricamente; já o pulmão *é* uma janela, um órgão que nos põe em contato com o ar e pelo qual o ar entra e sai — como uma janela. Mais importante do que isso, é com o ar da respiração e pelo ar da respiração que nós falamos, “abrindo” assim nossa alma para os outros, comunicando para eles nossos pensamentos, é por elas que deixamos “entrar ou sair amigos e inimigos”. Há mais: que adianta ter uma “viva sensação de tempo” em relação ao coração se nós não temos nenhuma influência sobre o ritmo cardíaco? Já quanto ao pulmão é de todo possível e até fácil controlar seu tempo — seu ritmo. Já falamos também da música da voz e vimos o quanto ela faz parte integrante de nosso *pensamento* e o quanto esta música é respiratória.

— É... Falamos, mas não me persuade.

— Pense nisso — em todo caso. Mas quase concordo com você em que a ideia de coração é mais verdade no momento.

Há uma pausa longa entre nós. Do silêncio emerge, quase autônomo, meu pensamento em voz alta: — para quem tenha o coração parado — vazio ou cheio, tanto faz — a morte está próxima, a morte dos sentimentos e das relações afetivas com as pessoas e o mundo — talvez a morte mesmo. Ele foi feito para encher-se e esvaziar-se ritmicamente, do primeiro ao último instante — de sangue, que é vida. Há muita amargura que nos leva a querer fechar o coração, há muita felicidade que nos leva a abrir o coração (a fim de guardarmos para nós *e para sempre* aquele momento e aquela pessoa); são os dois mortíferos, fazem ambos parar a vida — parar o coração, vazio ou cheio, tanto faz.

Ao reler este caso, o trecho muito enigmático sobre amigos e inimigos, se fez de súbito claro. A mulher tem uma *música vocal* muito nítida e de regra muito “inimiga”, isto é, capaz de exprimir, com enorme clareza, ressentimento, ódio, desconfiança, ciúme, inveja. E o tom de voz, nestas horas, tem pouco ou nada a ver com o assunto da frase! *Qualquer* frase sai “inimiga”. De outra parte, em raros momentos de abandono, a mulher se exprime com voz de doçura e maciez sem igual, voz “amiga”. O que *saía*, pois, da casa *era a voz*.

Vamos encerrar nosso exame sistemático dos sonhos respiratórios com um subcapítulo sugestivo:

### **FUMAÇA: FORMA DO ESPÍRITO**

Sob este título quero propor e discutir alguns problemas clínicos relativos a cigarros — principalmente.

Primeiro alguns sonhos.

De paciente madura, excepcionalmente apreensiva e preocupada com quase tudo e todos, ouvi certa vez curioso relato.

**Doutor, de vez em quando tenho um sonho repetido. Em noites tranquilas, sonho que estou fumando; dou grandes baforadas de fumaça com muita satisfação! Este meu jeito de fumar, no sonho, traz à minha mente a figura de papai, que fumava muito e gostosamente. Como o Sr. sabe, eu não fumo, nunca fumei e não gosto de fumar.**

Este sonho quase dispensa comentários. Evidentemente o cigarro, nele, é simples figura ou maneira de representar a respiração desimpedida e fácil.

Próximo deste, mas evoluindo em outra direção, encontramos o sonho de um adolescente de 12 anos de idade.

**Tinha nas mãos um maço de cigarros e tentava fumá-los um após outro. Embora não gostasse de forma alguma de seus ensaios, continuava tentando; suas tentativas, inclusive, levaram-no a ficar bastante enjoado — sempre no sonho.**

Na vida acordada, este rapaz nunca tentou fumar nem parece interessar-se pelo fumo; parece antes desgostar do mesmo — positivamente.

Este mocinho é meu filho mais velho.

Veza por outra queixa-se ele das famosas “dores de barriga”, tão frequentes na infância e na primeira adolescência.

Tenho poucas dúvidas esteja este sonho relacionado com tais dores de barriga, durante as quais ele se queixa de estado nauseoso.

Muitas vezes, na vigência deste estado, recomendei-lhe fizesse respiração diafragmática; segundo parece, este modo de respirar trazia algum alívio ao seu mal-estar.

Mas tentemos compreensão mais aprofundada do sonho. Digamos, transpondo apenas o seu conteúdo: “Quero inalar um espírito não meu; quero tomar minha uma inspiração não minha, e neste trabalho, provoco intensa reação minha contra este outro espírito.” Qual seria a aspiração imprópria que o mocinho, a meias, pretende fazer sua?

Eu fumo bastante, há muito tempo, e o fumo tem sido muito importante para mim. Com frequência comento, com meu filho, este meu vício, desgostoso, convicto de estar me prejudicando ao dar-me a este hábito, e dialogamos lucidamente a respeito. É certamente por influência minha que se formou e persiste nele aquela atitude entre negativa e indiferente em relação ao fumo. De onde seu esforço, então, por adquirir o hábito — pelo menos no sonho?

Sobre muitas outras coisas conversamos; de muitos modos exerço influência intelectual sobre ele, nem tanto — quero crer — pela intenção direta de moldá-lo, mas por uma certa semelhança ou afinidade de temperamento entre nós dois.

Neste sentido, seu enjoo no sonho é muito salutar; pelo fato de haver, entre nós dois, semelhanças mais ou menos evidentes, não quer isso dizer deva ele aceitar e fazer suas todas as minhas ideias e inclinações.

Aliás, na maior parte das vezes, durante nosso diálogo, sua atitude é crítica, e não de aceitação indiscriminada.

É provável sinta-se o rapaz dentro deste problema comum, se lhe fosse dado “inalar” inteiro o meu espírito, as coisas ficariam bem mais fáceis para ele; ter-se-ia identificado com o espírito paterno, evitando assim o problema sempre difícil de criar, reconhecer e obedecer a própria individualidade. Felizmente, nele como em todos os demais, opera também inclinação inversa, precisamente aquela tendente a fazer de alguém ele mesmo. Daí, plausivelmente, o enjoo, isto é, um primeiro movimento destinado à rejeição daquela aspiração imprópria.

Após o filho, consideremos o pai.

O seguinte sonho é meu.

**Tinha nas mãos um maço de cigarros — novo; abria o maço e levava um dos cigarros aos lábios, acendendo-o. No instante seguinte, movido pela certeza de que dentro do cigarro havia uma bombinha, arremessava-o longe para, de fato, vê-lo explodir logo**

**após, ainda no ar. Em seguida, a cena se repete inteira, com novo cigarro. De algum modo acredito — não sei por que — estivessem os restantes cigarros isentos de bombinhas.**

Este sonho é quase uma demonstração experimental das ligações entre as figuras referentes a fumar, nos sonhos, e a respiração. Tive esse sonho cinco noites após uma intervenção cirúrgica de herniorrafia bilateral, à qual me submeti ainda com alguns resquícios de bronquite gripal, alimentada pelo hábito de fumar. No pós-operatório, ocorreram surtos de tosse, ligeiros, mas extremamente desagradáveis. O brusco aumento da pressão intra-abdominal, produzido pelo abalo da tosse, refletia-se na região operada sob a forma de dor aguda e “explosiva”.

Muito rapidamente se estabeleceu em mim um conflito neurológico bem definido, uma concorrência entre excitação e inibição. O reflexo da tosse, incoercivelmente ativado pela presença de catarro nos brônquios, via-se, de outra parte, inibido pelo sistema nociceptivo. Mais simplesmente: dada a dor violenta provocada pela tosse, tendiam estas sensações dolorosas a inibi-la.

Mas o processo, neste caso, foi inteiramente apreendido; isto é, não se tratava de nenhuma associação “natural” entre tosse e dor, mas sim uma associação accidental.

Depois de sofrer durante algum tempo as alternativas desse processo neurológico, vencendo por vezes a tosse, outra vezes a dor, o resultado final foi mais ou menos o seguinte: despertada a tendência à tosse, muitas vezes ela era inibida de todo, mais, depois de se propor várias vezes, conseguia realizar-se de forma atenuada.

A fim de bem apreender o valor do sonho, é importante sublinhar o caráter definitivamente explosivo da dor.

Mesmo o fato de no sonho serem apenas dois os cigarros com bombinhas, talvez encontre explicação na descrição supra; não só um pequeno surto de tosse ocorrida após reiteradas tentativas frustradas (o maço de cigarros), como também a própria realização de um, ou no máximo dois acessos de tosse, estimulava fortemente a inibição do reflexo. O restante dos cigarros do maço, sem bombinhas, provavelmente representa as várias tentativas de tossir, inibidas pela previsão da dor explosiva. Aliás, vai aqui um detalhe de certo interesse: não bastava eu saber ou recordar a dor — só por isso a tosse

não era inibida. Fazia-se necessário tossir um pouco ou fracamente, e com isso despertar dor efetivamente; esta mostrava-se então assaz poderosa para inibir o reflexo da tosse.

Após a operação mencionada, deixei de fumar. Oito meses depois, sonho o seguinte.

**Enquanto converso com um amigo, fumo cigarro após cigarro. Durante todo este fumar desordenado, penso: “à noite vou sentir meu pulmão em mísero estado”.**

O estímulo imediato para este sonho foi uma bronquite gripal que se manifestava, durante o dia, apenas por expectorações raras e pobres, sem nenhum constrangimento torácico; entretanto, era bem sentida durante o sono, tendo gerado, além do sonho citado, um pesadelo bastante penoso, sem imagem, pura sensação de apreensão e opressão torácica.

Espírito oprimido...

Consideremos agora exemplo de fundamentação psicológica mais ampla.

**Foi um sonho feliz.**

**Antônio, meu ex-marido, voltou! Voltou sorridente, agradável, amoroso, como nunca o foi na realidade.**

**Levou-me para uma casa sombria mas gostosa, cheia de recantos acolhedores. Ao entrar na casa, meu filho, alegre, também chegava. Fiquei mais feliz ainda. Tudo voltava... e voltava diferente.**

**Alguém me disse que a “outra” tinha acabado de ir embora. Pensei então que agora eu teria capacidade para ser uma boa mulher. Repentinamente fiquei triste, pois lembrei-me de que teria que deixar o cigarro, pois Antônio não lhe suportava o cheiro. (Redação da sonhadora).**

Margarida, a sonhadora, é mulher madura. Há três anos desquitou-se; em seu matrimônio sempre representou papel marcadamente passivo, sempre resignada, enquanto o marido mostrava-se autoritário, arbitrário e indiferente. Deste matrimônio houve um filho, agora adolescente.

Nos meses seguintes à separação efetiva, Margarida aprofundou-se mais e mais em depressão. Nesta época nos conhecemos. Após

psicoterapia individual muito breve, aceitou ser incluída num grupo meu, constituído de pessoas casadas; aí faz progressos extraordinários. Há pouco tempo, após numerosos ensaios prévios, não muito bem sucedidos, Margarida encontrou oportunidade de trabalho que viria a lhe garantir razoável independência econômica, de muitos modos bem-vinda.

O sonho ocorreu precisamente no dia seguinte à visita ao seu futuro lugar de trabalho, onde conhece o futuro patrão e demais companheiros de serviço.

Há muito se mantém Margarida distante, tanto de seu marido quanto de seu filho; a presença de ambos no sonho não pode, pois, ligar-se à presença atual deles em sua vida.

O sonho, então, deve ser posto em paralelo com seu ambiente de trabalho, no qual Margarida se sentiu bem acolhida. Sua casa própria, seu marido e seu filho, no sonho, representam, todos, um novo lugar e novas pessoas, em relação às quais poderá desenvolver novas raízes.

Toda a sua alegria do sonho — “sonho feliz!” — liga-se, portanto, à reconquista de um novo lugar e de novas relações pessoais, preludiadas pela visita do dia anterior e prometidas para o futuro próximo.

Quanto custam novas raízes?

“É preciso deixar de fumar!”

Na verdade, em seu ambiente de trabalho, nada lhe foi exigido quanto ao fumo.

Apenas Margarida, sempre muito dócil e necessitada da aceitação dos demais, dispunha-se, desde a véspera, a aceitar bem demais tudo quanto viessem a exigir dela; Margarida, na sua ânsia de convívio humano, estava pronta a pagar quanto lhe fosse cobrado. Sentindo possibilidades e a promessa de se ver integrada a um novo grupo, desde o começo dispõe-se a respirar em uníssono com ele. Não mais lhe será dado respirar por conta própria e pensar seus próprios pensamentos! A fim de sentir em si o espírito do grupo. Margarida precisa deixar de fumar!

Nosso exemplo seguinte refere-se à fumaça; é mais difícil de todos. O personagem em questão é o mais elaborado de quantos examinamos até agora.

**Sonhei. Realizava-se uma cerimônia em homenagem a mim, cerimônia bastante peculiar. Sobre uma mesa, coberta por toalha, havia uma porção de coisas que eu não sabia o que fossem. Tiro a toalha e, em vez de comida, como esperava, vejo pessoas indefinidas e desconhecidas, todas elas em posições muito naturais. Em seguida, devo retribuir a atenção dada a mim. Deito-me na mesa, de costas, e prometo terminar um cigarro com uma só inalação. Consigo fazê-lo, e depois sopro longamente a fumaça sobre os presentes; esta seria a minha resposta cerimonial.**

A fim de melhor insinuar o rico tipo a ser examinado, registro mais um sonho do mesmo personagem, muito curto, anterior ao precedente.

**Sonhei que me via soprando sobre moscas; meu hálito as matava.**

Sem a menor sombra de dúvida, um espírito envenenado!

Ou venenoso.

Na verdade, ambos.

À luz da classificação funcional de Jung, este personagem de alto coturno seria classificado, indiscutivelmente, como introvertido de grande profundidade, no qual reinava uma intuição completamente tirânica e arbitrária, capaz de manter ocupada sua inteligência e a de outros dez gênios iguais a ele, durante dez séculos.

Incapaz de dominar, fosse da maneira que fosse, sua intuição ao mesmo tempo inquieta, profunda e caprichosa, via-se Fausto — chamemo-lo assim — obrigado a pensar e a falar o dia inteiro consigo mesmo; a refinar, polir, elaborar e afinar todo um fabuloso vocabulário e toda uma peculiar sintaxe, a fim de conseguir pôr em palavras, para si e para os outros, quanto lhe era dado experimentar diante das coisas. Fausto sofria de uma inspiração profundíssima — como está no sonho. Inalava um cigarro com uma só aspiração!

A seguir exalava sobre os outros o produto dessa inspiração profunda. Fausto fazia poemas muito peculiares e muito estranhos. Seu linguajar habitual era bastante elaborado e fino. Mesmo assim, sua aptidão de captar a situação e o momento, ia além de toda a sua capacidade de compreender e de verbalizar.

Daí talvez a pequena multidão de pessoas cobertas por um pano — no sonho.

Abafadas!

Abafado vivia Fausto com sua própria inspiração — garantido!

Fausto, como Paulo — o das epístolas — certamente sentia em si o gemido das coisas em busca de redenção.

Certamente sentia, e sofria — que eu sei, e sei bem — com o estado de abafamento de tantos em torno de si.

De tantos!

Certamente desejava Fausto desabafá-los — descobri-los, levá-los a descobrirem-se, levá-los a melhor expressão e maior expansão de si mesmos.

E dele ao mesmo tempo — de Fausto.

Por isso, na segunda parte do sonho, ao retribuir a homenagem, Fausto inala o espírito do fogo — um cigarro. Em um instante e de uma só vez, absorve toda a fumaça — figura do espírito nascida do fogo, que é luz e calor.

No instante seguinte, Fausto insufla sobre tantos Adões de barro, postos em torno de si, esta mesma fumaça — espírito agora visível!

Grato — apesar de ser contra sua vontade — de poder participar do sofrimento de todos, Fausto retribui dando de si para todos.

Belo destino, certamente.

Pena não fosse ele muito verdadeiro — nem o Destino nem Fausto.

O meu Fausto, como o outro Fausto, não queria saber da pobre Humanidade, para a qual olhava com grande superioridade e marcado desprezo.

Não lhe faltava, contudo, muito amor por esta Humanidade desprezada.

Mas Fausto não queria cumprir sua missão nem viver seu destino.

Por isso mesmo, em vez de insuflar em torno de si a luz e o calor do próprio espírito, Fausto insuflava sobre os demais o calor e a luz... do seu cigarro.

É bem verdade: onde há fumaça há fogo. Mas quão pequeno é o fogo de um cigarro — e quanta fumaça!

Como o de Goethe, o meu Fausto acreditava muito pouco em si mesmo. Na verdade tinha de si noção lamentável, aliás, a noção



expressa naquele pequeno sonho das moscas: “Meu espírito é veneno.”  
Fausto certamente temia envenenar os demais com o próprio espírito.  
Então seguia um atalho: participava filosófica e poeticamente do sofrimento dos demais e devolvia seu consolo, seu espanto e sua solidariedade em... poemas enigmáticos.

Fumaça de cigarro!

Quando o Conheci, Fausto — o meu — ainda estava longe de Fausto, o outro. Não acreditava pudesse a substância sua alimentar seus irmãos. Pior: temia pudesse sua substância envenená-los.

Bem pensadas as coisas, naquela época provavelmente a razão o assistia.

**Eu o Conheci azedo e amargo contra o mundo, não obstante todo o seu imenso orgulho.**

Inflado de fumaça de cigarro, Fausto participava de um cerimonial de brincadeira, que continha, não obstante, um pressentimento de futuro — ao qual eu assisti.

Depois dos sonhos recordemos de novo Freud. O velho mestre fumava vinte charutos por dia!

### III — O LUGAR, A ORIGEM E A FUNÇÃO DO ESPÍRITO NO CORPO

No tórax o processo vital ocorre de forma eminente.

No reino dos símbolos, Sangue é Vida e Ar é Espírito.

No peito, Espírito e Vida se confundem — os dois em movimento. O peito é o lugar do mistério.

Angústia é a oposição entre o Espírito e a Vida.

ANGÚSTIA É INIBIÇÃO RESPIRATÓRIA

O mundo da palavra é rico pelo que tem de anseio,  
de ênfase — de MÚSICA.

É erro atribuir ao significado da palavra o que pertence à música da voz.

A música da voz é o som da respiração.

Este é o capítulo mais importante e o mais difícil do livro; difícil porque lida com fisiologia respiratória e embriologia do pulmão e da respiração. Quem tenha conhecimentos de nível universitário a respeito destas coisas, não terá grandes dificuldades.


Para mim, que sou médico e por vocação naturalista, as provas da teoria contidas neste capítulo são as mais importantes e decisivas. Elas sugerem com muita força que poderemos investigar *experimentalmente* as protoformas do ego, estudando com cuidado o aparecimento e o desenvolvimento da respiração.

As mesmas reflexões tornam muito-claros certos achados da Psicanálise que até hoje não podiam ser outra coisa senão suposições precárias — principalmente as afirmações de M. Klein sobre fases precocíssimas do desenvolvimento do eu.

Para facilitar a leitura incluímos figuras com texto próprio bastante extenso e elucidativo. Convém começar por elas.

Image

A música é o som da respiração. A música é fruto de uma inspiração e precisa de uma expiração para nascer.

Image

O fim da respiração é a música.

O fim do homem é transformar o mundo em música.

(E depois dançar—eternamente)

O desenhista da revista “Life” representou neste desenho, com rara felicidade, tudo o que é importante na respiração, tanto em matéria de anatomia como em matéria de fisiologia — mas tudo, note-se, com muito significado psicológico.

A partir da traqueia e do coração, e vindo para o primeiro plano, vão se sucedendo as estruturas pulmonares em aumento cada vez maior. Nos dois terços esquerdos da base temos, da esquerda para a direita: a rede dos capilares perialveolares — os vasos sanguíneos que em forma de rede envolvem todas as vesículas aéreas; logo depois estão esquematizados — mas com bastante fidelidade — os alvéolos pulmonares, sob a forma de uma espécie de água-viva transparente que avança para o coração como se fosse uma série de bolhas de ar na água; no interior do alvéolo o artista representou moléculas de gases respiratórios (bolinhas gêmeas) e os glóbulos vermelhos dentro dos capilares (parecem pequenas salsichas).

Do lado direito da base vemos o pulmão confundir-se com nuvens — com a atmosfera. Não há de fato separação material entre o ar da atmosfera, que é o ar de fora, e o vazio pulmonar, que é a atmosfera de dentro.

A flauta na certa representa o som da voz humana e nossa capacidade de articular sons, transformando o sopro em palavras e frases,

No interior do coração podem ser vistos, de forma muito ampliada, gases sanguíneos e glóbulos vermelhos.

Image

1 — Prancha anatômica “Ciba” mostrando o pulmão. À direita, os vasos sanguíneos; à esquerda, a árvore bronquial.

Image

2 — Figura de um encarte de propaganda de xarope — A respiração é a função de relação entre o meio interno e a atmosfera; entre o pequeno e o grande espírito também. No grande espírito acontece a luz e a treva, o relâmpago e o trovão, o azul e o vento, a chuva e o calor, o frio e a tempestade. No pequeno espírito acontece a palavra — no fim. Antes acontece o medo e o amor, o ódio e a fantasia, a ideia e a vontade.

Mas é preciso considerar que no grande espírito há mais coisas além daquelas da natureza. Há a conversa cósmica, a conversa de cada um com todos os próximos, a conversa de cada um com o que lê no jornal ou revista, com o que ouve no rádio e vê na TV, a conversa de cada um consigo mesmo — que não é exatamente um falar sozinho.

Quando falamos conosco mesmos, estamos falando com todos aqueles que influíram e influem sobre nós.

É mesmo como se houvesse um grande espírito fora de nós e um equivalente deste grande espírito dentro de nós. Jung chamava ao grande espírito dentro de nós de Inconsciente Coletivo, ou de Psique Objetiva porque de muitos modos nos transcende e na mesma medida nos governa, independentemente de nossa vontade e de nossos planos.

Há, pois, tantas palavras fora de nós quantas dentro de nós. Além das palavras expressas e claras, muitas outras existem dentro de nós e fora de nós, sob a forma de insinuações, sugestões e expectativas de serem ditas.

Só ao se fazer palavra a coisa se faz humana — esteja ela dentro ou fora de nós. Só então ela reúne dois ou mais; só então, e por isso, ela *faz* humanidade. Não basta a palavra certa para que a coisa passe a existir no mundo humano; é preciso que ela soe com música adequada. Caso contrário, o dito poderá se confundir com outras coisas.

Sem música certa a palavra é letra que mata.

A respiração é o sopro que anima a palavra e a faz viver, tornando humano tudo o que é dito.

1 — Árvore traqueobrônquica evidenciada pela insuflação de uma substância opaca aos raios X. Radiografia das duas metades do tórax justapostas.



## **O PULMÃO É UMA ÁRVORE**

inteiramente oca — inclusive as folhas. O tronco é a traqueia, os ramos são os brônquios, as folhas são os alvéolos — que respiram; o restante da árvore não respira.



2 — Caixa torácica e pulmões vistos por transparência; em cima, vistos de frente; em baixo e à esquerda vistos por trás; à direita, vistos aos raios X. (Atlas CIBA).



3 — Como 1, mas mostrando áreas mais limitadas e uma fase mais adiantada do enchimento do pulmão com substância radioopaca. Estas duas figuras estão intencionalmente de cabeça para baixo, a fim de melhor evidenciar a semelhança com a árvore. Fig. 1, 3 e 4: “Radiologic Exploration of the bronchus”, S. di Rienzo Charles C. Thomas Publishers, Springfield, III. USA, 1949, págs. 43-44.

## O PULMÃO É UM VAZIO



1 — Constituição do pulmão vista em um modelo “real”, isto é, desenvolvido no espaço, segundo Maximow e Bloon, *Textbook of Histology* (7.<sup>a</sup> ed., Saunders Co., Philadelphia, London, 1957). As vesículas brancas em rosários irregulares são os alvéolos, dispostos ao longo e aos lados dos bronquíolos terminais; os tubos cinzentos são ramúsculos das veias pulmonares (que contêm sangue arterial, oxigenado) e os tubos pretos são ramúsculos das artérias pulmonares. As faixas que abraçam os brônquios maiores são tecido elástico. Na margem inferior, veem-se as três camadas histologicamente distintas que constituem a pleura visceral. Em torno de alguns alvéolos poder ver a rede vascular que o envolve (pág. 440).

2 — Corte histológico real do pulmão. Como se vê, o esquema é bastante fiel ao órgão.

3 — Corte esquemático da estrutura prévia (n? 1).

4 — Corte espesso de pulmão de macaco visto com pequena ampliação. (pág. 438).

5 — Corte de pulmão de recém-nascido que não chegou a respirar — pequeno aumento (pág. 439).

6 — Idem, grande aumento.

7 — Bolhas de sabão.

8 — Alvéolos pulmonares (macaco) vistos em corte espesso, e coloridos eletivamente a fim de evidenciar fibras elásticas (pág. 441).

9 — Corte de pulmão de recém-nascido que respirou — mesmo aumento

da figura 5.

10 — Idem, grande aumento, igual ao da figura 6.

A diferença entre “substância” e “vazios” é flagrante quando comparamos as duas figuras.





## OS GERADORES E OS MOTORES DO ESPÍRITO

São os movimentos voluntários que fazem a respiração e, na origem, que fazem o pulmão.

O pulmão é fruto de uma intenção, talvez de uma pessoa ou de um personagem; o pulmão é fruto de um esforço voluntário, dirigido e organizado. De início, esta intenção é “contra” a estrutura física do pulmão (que é elástico e tende a se retrair); depois esta intenção se faz “expansiva”, quando a cavidade torácica adquiriu em definitivo um volume maior que o do pulmão.

O “eu” pode governar minha relação com o Grande Espírito — que é a atmosfera; o “eu” — a consciência — talvez não seja outra coisa senão esta relação. No recém-nascido é assim demonstravelmente; no adulto se faz assim, sempre que estamos angustiados.

1 — Tronco dissecado a fim de evidenciar a musculatura (Sobotta — Atlas de Anatomia).

2 — Músculos escalenos, atuantes na inspiração forçada (Testut, Tratado de Anatomia).

3 — Músculo pequeno peitoral, atuante na inspiração forçada (Idem).

4 — Músculo grande dorsal, auxiliar da inspiração forçada (Idem).

5 — Músculos intercostais, principais músculos da respiração tranquila (Idem).

O diafragma é o mais importante músculo respiratório e o de funcionamento mais automático. Tendo aproximadamente 500 centímetros quadrados de área, cada centímetro de deslocamento vertical do diafragma injeta ou expelle do pulmão meio litro de ar. Na respiração forçada, o diafragma pode facilmente deslocar-se cinco ou mais centímetros, ao modo de um êmbolo dentro de um cilindro — que é o tórax.

As duas figuras seguintes foram compostas imaginativamente na sua metade superior. A metade inferior é anatomicamente exata.

6 — O diafragma aparece como estria branca separando em forma de abóbada o tórax do abdômen. Note-se que *dentro* do diafragma, como se ele fosse uma bacia de cabeça para baixo, estão de todo *contidos* o

fígado, o estômago, o pâncreas, o duodeno, a vesícula biliar, o plexo solar e a maior parte do baço. Esta correlação anatômica explica muitos sintomas presentes nesta região sempre que o diafragma é vítima de inibições afetivo-respiratórias. (Prancha anatômica de Abbot).

7 — Nesta figura se vê bem a forma de abóbada que é a do diafragma.

Vimos neste livro sintomas e sonhos ligados a esta abóbada, nos relatos de Jung (Sobotta, Atlas de Anatomia).

É importante recordar que todas as vísceras do organismo têm movimentos dependentes do sistema nervoso autônomo, involuntários, e realizados por fibras musculares lisas. A respiração é caso único da economia orgânica: uma função visceral — ou assim dita — é realizada inteiramente por musculatura estriada, voluntária e de todo atuada pelo sistema nervoso central. O termo regulação nervosa da respiração, que se encontra em todos os textos de Fisiologia, é falso; o sistema nervoso não regula a respiração: *ele a faz* — inteira.

## **O HOMEM SE EXPANDE EM TODOS OS SENTIDOS**

1 — Limites pulmonares projetados sobre a face lateral do tórax. Texto didático de Anatomia de Superfície. (Appleton, Hamilton S. Tchaperoff — v.i.).



2 — Cavidade torácica direita esvaziada do pulmão. Vê-se bem a abóbada diafragmática. (De Sobotta, Atlas de Anatomia).



3 — Idem, esquerda. O coração foi deixado no seu lugar. Idem 4 e 5: radiografias das regiões acima representadas; enchimento da árvore traqueobrônquica com substância radioopaca.



6 — Várias formas de respiração, baseadas em radiografias. *The human Lung*, (H. v. Hayek, Hafner Publish Company, inc., N. York, 1960, pág. 15, perfis inspiração e expiração). a) Respiração com série costal superior, b) costal global, c) respiração de flanco fraca, d) respiração de flanco.





Ham<sup>12</sup>, apresentando ideias recentes sobre a histogênese do pulmão, acaba concluindo, pouco mais ou menos, *que o pulmão é um enfisema fisiológico*.

O revestimento dos alvéolos pulmonares é descontínuo, e, ao final do processo de maturação do pulmão, o que resta é *uma esponja conjuntivo ricamente vascularizada cheia de cavidades determinadas por bolhas de ar*. O que impede ao enfisema pulmonar de se expandir, por contiguidade, até as estruturas próximas e para o corpo todo, são as lâminas conjuntivas densas que o limitam. O pulmão não é um órgão nem mesmo embriologicamente. Demonstra o autor que o próprio crescimento do pulmão se faz apenas à custa da proliferação do tecido conjuntivo frouxo. Quanto mais abundante este, maior a oportunidade para a formação de bolhas alveolares. Por simples pressão do ar, essas bolhas tendem a se fazer poliédricas e a adquirir uma espécie de revestimento que não seria epitelial nem específico.

Só o epitélio do revestimento interno dos brônquios e bronquíolos se diferencia no pulmão fetal. Os alvéolos que existem no pulmão fetal não proviriam de diferenciação histológica; formar-se-iam à custa do líquido amniótico que os *movimentos respiratórios* aspiram para o pulmão fetal.

A primeira moldagem do pulmão é embriológica, ligada à divisão e diferenciação celular. A segunda moldagem é feita pelo líquido amniótico e já *depende de movimentos respiratórios*; a terceira moldagem é aquela realizada pelo neonato, a moldagem aérea, propriamente dita. Neste sentido, quem “fabrica” o pulmão é a musculatura torácica e o movimento expansivo que elas produzem.

**A EXPANSÃO É VITAL PARA O HOMEM**

**A ANGÚSTIA É A SENSAÇÃO E O SENTIMENTO DE EXPANSÃO TOLHIDA.**

1 — A figura, de um livro didático sobre anatomia superficial, representa a posição do diafragma em dois tipos físicos diferentes, mas serve muito bem para se visualizar as excursões do diafragma na respiração. (“Surface and Radiological Anatomy”, A. B. Appleton,

Hamilton and Tchaperoff, 4.<sup>a</sup> ed., W. Heffer S. Sons Ltd., Cambridge, 1958).



2 e 3 — Radiografia de uma mesma pessoa mostrando o tórax em inspiração forçada (2) e em expiração forçada (3). (Idem, pág. 109).



A expansão é vital para o homem. Esta frase não é uma proposição metafísica, nem um ideal de progresso ou fórmula política; é a definição concreta e a descrição simples da respiração.

Neste sentido, toda angústia se confunde com *inibição respiratória* (REICH).

Angústia é a sensação e o sentimento de espírito sufocado.

Libertar o espírito é tanto dizer os próprios pensamentos quanto respirar livremente.

4 — Caixa torácica vista de frente: sua forma e dimensões na inspiração forçada (sombra mais clara) e na expiração forçada (forma mais escura).



5 — Forma e dimensões da árvore traqueobrônquica na inspiração forçada (sombra mais clara) e na expiração forçada (forma mais escura).

Esta figura pode esclarecer o sonho da paciente de Stekel que via um ramallete de flores que desabrochava.



A finalidade deste capítulo é correlacionar alguns achados anatomofisiológicos referentes à respiração, com sua fenomenologia consciente. Em todos os comentários tentarei ligar uma noção de Fisiologia com sua provável expressão consciente, ou sua influência sobre a consciência. Não sei se estou explicando uma coisa pela outra. A meu ver, estou apenas dizendo o fato em duas linguagens diferentes. Estou, ainda, tentando estabelecer uma analogia entre o somático e o psicológico, analogia que nos permite passar reversivelmente de um para outro.

Aqui vai um exemplo do método. Vou registrar duas frases para mim sinônimas:

— **é a vontade que se relaciona ativamente com o espírito e forma em nós o seu templo.**

— **a musculatura estriada do tórax, mais o centro inspiratório cerebral (vontade), criam o pulmão, a forma do tórax (templo) e a respiração (espírito).**

Com este método, procuraremos demonstrar que a primeira “fase” do desenvolvimento psicológico do homem é respiratória e não oral (FREUD).

O movimento respiratório tem tudo o que é necessário para se fazer “ego”: ele é executado por músculos obedientes às nossas intenções e ao realizar-se desata sensações tanto nessa musculatura, quanto no próprio pulmão.

**Ele começa com o nascimento, é dado com a consciência do mundo e se constitui em primeira forma da consciência de si.**

No neonato a respiração é o primeiro ato intencional, ou de vontade dirigida, a primeira experiência da função reguladora da consciência e a primeira experiência de sensação significativa. Todas estas coisas que são ditas em muitas palavras são um ato só.

A sensação significativa é a de angústia, sempre que a insuficiência da ação respiratória ameaça levar o neonato à asfixia; neste momento os mecanismos neuro-humorais da regulação respiratória atuam — na certa reflexamente — sobre os músculos respiratórios, cuja atuação dissipa a sensação sobre toda penosa de asfixia (morte respiratória). Mas os músculos respiratórios são, histológica e funcionalmente, iguais aos músculos que levam ao choro, à sucção e à deglutição. Logo, temos na ação respiratória a primeira “educação da vontade”, entendida esta como ato intencional, de algum modo proposital — aquele que dissipa a angústia.

Não digo que os músculos respiratórios são voluntários no neonato; digo que é o processo respiratório *que forma em nós a sensação de “vontade”* e assim se faz o fundamento do protoego enquanto ato, atividade ou resposta. A outra face do ego é o ser sensação, de certo modo passividade, sofrimento, desamparo.

Está implícito em quanto dissemos que não acreditamos em uma *sensação inconsciente de asfixia* no neonato.

Digo que os dois elementos primeiros do ego são a sensação de angústia asfíxica — de todo verdadeira! — e a reação muscular que ela provoca e que ao mesmo tempo a dissipa. Este o primeiro modelo de sistema autorregulado, sobre o qual se decalcarão todos os demais esquemas operacionais cuja soma constitui o ego. A Cibernética, última das ciências aparecidas, estuda precisamente os sistemas autorregulados e seu arquimodelo subjetivo — o primeiro e o mais universalmente experimentado — é o da regulação respiratória.

O primeiro modelo cibernético inconsciente está aí, em todos, operando sempre e desde o começo.

Há um voluntário que se define e conhece, e há um voluntário que se experimenta. *Digo que o primeiro voluntário experimentado por todos nós está ligado à respiração.* Ela é uma ação cuja urgência se sente e que desata movimentos “voluntários” capazes de atenuá-la. Trata-se de uma ação complexa bem coordenada, oportuna e adequada; uma ação com comando a seu modo consciente, como é consciente no neonato o chorar quando surge a sensação de fome. Mas em relação à fome é inútil uma vontade, pois o neonato nada pode fazer para atenuá-la. Há apenas desejo e frustração, caso ninguém o alimente. Com a respiração é diferente. *A necessidade instintiva de oxigênio eu mesmo a satisfaço à custa de meu próprio esforço: o espírito é autônomo.*

Se considerarmos tanto a respiração realizada pela musculatura voluntária do tórax, quanto a hipertonia muscular difusa que existe no neonato, podemos adiantar: o ego psicológico, fundado na angústia e nos movimentos voluntários da respiração, apresenta-se no neonato *como uma pulsação periódica — inspiração e expiração — emergindo e desfazendo-se* dentro do quadro estável do tônus muscular exaltado. O mesmo acontece com este ego no ciclo dia/noite: de dia há um ego, à noite, quando dormimos sem sonhar, não há ego nenhum.

*O ego é uma estrutura dinâmica e não uma coisa.*

**O conflito entre o pulmão que tende ao colapso e a musculatura torácica, atuada pelo centro inspiratório, deve ser tido como o primeiro conflito do ser humano individualizado (pós-natal).**

Com estes fundamentos sensoriais e motores, fica estabelecido, do nascimento até o último suspiro, nossa relação com a atmosfera, relação dinâmica, contínua, bastante variável *e sempre urgentemente necessária* (isto é, não se permite interrupção nessa relação por tempo superior a *segundos*).

No neonato, o cérebro, muito mais celular do que o do adulto (menos mielinizado), consome a metade do oxigênio inalado a cada instante. Por isso, entre outros fatores, a insuficiência respiratória neonatal tem efeitos incomparavelmente mais graves do que a fome ou do que a própria falta de água.

Outro fator que torna a respiração urgentemente necessária *sempre* é o fato de *não haver reserva de oxigênio no corpo* (como há para todas as demais substâncias necessárias à vida). Temos cerca de 750 cc de O<sub>2</sub> no sangue circulante e outro tanto no pulmão. Este litro e meio de oxigênio, que serve para 6 minutos de vida em repouso, mal basta para *um minuto* de marcha forçada.

Prova adicional a demonstrar o quanto a respiração é incerta no neonato, *o quanto ela deve ser aprendida*, nós a encontramos na frequência da respiração periódica. Para desespero de todos os pais de primeiro filho, sempre acontece uma noite em que um dos pais se detém, perplexo, diante da criança no berço, completamente imóvel. Depois, pouco a pouco, com alívio para o pai, a criança começa a respirar devagarinho, respira cada vez mais amplamente, chega por vezes a resfolegar sonoramente e a seguir a respiração vai diminuindo pouco a pouco, até que termina cessando outra vez. Parece claro que a respiração periódica é um sinal de imaturidade funcional da respiração, do seu “infantilismo”...

A expansão pulmonar e a formação do tórax são feitas com cuidado nas primeiras horas, nos primeiros dias e nas primeiras semanas de vida. A transição da vida intrauterina, aquática, para a vida aérea, é mais gradual do que usualmente se imagina.

Fator a mais nessa gradação é a hemoglobina fetal. A uma tensão de 40 mm de mercúrio, a hemoglobina adulta sai do pulmão saturada a 70%, enquanto a hemoglobina do feto sai da placenta saturada a 90%. É esta hemoglobina a responsável pela icterícia do neonato, tanto a normal, quanto a patológica. Ainda que uma parte importante dessa

hemoglobina seja destruída *nos poucos dias que se seguem ao nascimento*, ainda existem vestígios dela no sangue da criança, até quatro meses após o nascimento. A permanência dessa hemoglobina é certamente vital para o neonato. Tudo sugere que o pulmão do recém-nascido é um órgão de funcionamento precário. Não fosse a hemoglobina fetal o que é, certamente o infante humano não subsistiria. Mais do que isso, parece haver uma certa coincidência entre o gradual desaparecimento da hemoglobina fetal na criança de 2 ou 3 meses de idade, e a gradual atenuação da hipertonia inicial da mesma criança. Só quando o tórax já foi moldado e o pulmão inteiramente expandido é que esta hemoglobina desaparece de todo.

Diante das qualidades tão peculiares e favoráveis da hemoglobina fetal, ocorre sozinha a pergunta: por que não continuamos nós, os adultos, e tê-la em nosso sangue?

### **O NASCIMENTO DO ESPIRITO**

Consideremos a embriogênese da respiração.

Os primeiros movimentos respiratórios do ser humano *formam* o pulmão e o tórax.

O pulmão e o tórax pré-natais não servem à respiração. Ao respirar as primeiras vezes, o neonato está experimentando ao vivo uma formação a seu modo voluntária.

Compreenderemos melhor esta formação partindo do dispositivo nervoso que a inicia e organiza.

Segundo Samsom Wrightf,<sup>13</sup> o “coração” da regulação nervosa da respiração é o *centro inspiratório*, situado no bulbo. O centro inspiratório, isolado de *qualquer* influência, emite *continuamente* impulsos nervosos, produzindo assim um esforço *que se mantém indefinidamente* — *apneusis*. Todas as demais influências, inclusive humorais, atuam indiretamente, alterando a ação deste centro, em torno do qual organizam-se vários circuitos de influência nervosa e humoral, baseados no princípio da retroalimentação (*feed back*).

O *centro expiratório*, também situado no bulbo, não emite impulsos espontaneamente; só atua por influência vagal, quando a respiração é forçada.

O sistema vagal inibe periodicamente o centro inspiratório, à custa do reflexo de Hering-Breuer. Quanto mais o pulmão se expande, maior o número de impulsos ascendentes que percorrem o vago, os quais têm a propriedade de inibir o centro inspiratório.

Basta que a ação deste centro seja inibida para que a elasticidade pulmonar, atuando sobre a musculatura agora revelada, tenha força suficiente para fazer com que o pulmão diminua de volume e o ar seja expelido de seu interior.

Além destes três centros, mais um existe, o chamado *centro pneumotáxico*, situado no mesencéfalo, também capaz de emitir impulsos de modo espontâneo — *mas periódico*. O centro pneumotáxico é, em essência, um inibidor periódico do centro inspiratório, com o qual está unido em retroalimentação.

O centro inspiratório e o expiratório, ambos próximos à extremidade caudal do sistema reticular, são os únicos elementos nervosos em conexão direta com os músculos respiratórios.

Quando compreendemos bem a ação dessas várias influências, logo se propõe a pergunta: por que o centro inspiratório não é organizado, por exemplo, como o centro pneumotáxico, a alternar entre excitação e quietude? A observação da respiração no-la mostra como fenômeno periódico, no qual uma fase é ativa e outra passiva. Por que então o centro primário de comando emite *continuamente* impulsos nervosos?

Só a consideração das circunstâncias próximas ao nascimento nos permite compreender com clareza a organização peculiar do sistema regulador da respiração — que não vi explicada em nenhum dos textos consultados.

O centro inspirador no adulto serve apenas à inspiração. *No neonato, ele molda o tórax e forma o pulmão*. É preciso que no ser humano exista uma poderosa influência nervosa capaz de *manter o tórax continuamente ampliado*, logo após o nascimento; caso contrário, *o pulmão entraria em colapso a cada expiração*. Se não existisse um centro inspiratório mantendo o tórax *sempre em expansão forçada*, a criança apenas encheria e esvaziaria a traqueia e os grandes brônquios; o ar provavelmente não chegaria aos alvéolos e a criança morreria asfíxiada. Na certa é por isso que a regulação nervosa da respiração obedece ao esquema que descrevemos.

A fim de esclarecer, antecipemos um pouco algumas noções que adiante esmiuçaremos. *O pulmão em colapso natural mal enche a cavidade torácica do feto, sem que seus elementos elásticos se mostrem em tensão* e sem que haja ar algum dentro dele. Os alvéolos presentes, pouco numerosos, estão cheios de líquido amniótico. Por isso o pulmão do neonato que nunca respirou *afunda na água*; o pulmão que já respirou, *flutua*.

Se logo após nascer, a criança respirasse de modo semelhante ao do adulto, o ar inspirado mal daria para encher o sistema bronquial (que não respira). Mesmo que a criança, qual pequeno Hércules, realizasse uma inspiração superprofunda, conseguindo assim aspirar ar até os alvéolos, mesmo então, se ao expirar ela fosse “até o fundo” (expiração completa), *seu pulmão entraria novamente em colapso*.

Ora, uma coisa é o colapso fisiológico do feto, outra coisa é o colapso do pulmão *que já respirou*. Este segundo caso é uma doença aguda muito grave. Não basta inspirar fundo para encher de ar uma zona de colapso. A criança, pois, muito provavelmente morreria se fizesse assim.

Os textos autorizados pouco dizem do valor do choro nesta situação. O grito, com cordas vocais tensas e fenda glótica reduzida, aumenta consideravelmente a pressão intrapulmonar, *criando assim numerosos alvéolos*. É possível ainda que as minúsculas bolhas de ar, assim semeadas no pulmão, não se esvaziem de todo, conservando o ar aprisionado dentro delas apesar do movimento expiratório.

Se nos fosse dado experimentar de novo o que sentimos logo após o nascimento, a experiência certamente mereceria relato, admiração e temor, e nos traria à memória, rica de significado concreto, toda a sutil etimologia que examinaremos no fim do livro. Como é fundamental para a vida a expansão, a aspiração, a inspiração, a tensão (torácica) e tantas outras...

Na consciência do neonato, certamente obscura, deve imperar com força ímpar esta sensação de expansão forçada e mantida. É esta com certeza a raiz da ambiguidade de significado do termo expiração. Para o neonato, expirar todo o ar é morrer. Subsiste em toda neurose, como Reich o demonstrou, o temor de deixar a expiração “ir até o fundo”.



“Deixar ir” porque a expiração é um fenômeno passivo; ele não é *feito*, ele apenas *acontece*.

Mais um modo de dizer: se considerarmos vários estados funcionais do centro inspiratório; se atribuirmos valor zero à sua inatividade completa e valor 100 à sua atividade máxima, podemos dizer que, no adulto, a atividade do centro inspiratório varia de 0 a 100. Usando a mesma escala e aplicando-a ao neonato, podemos garantir que neste a atividade do centro inspiratório só pode variar de 30 a 100. No neonato o centro inspiratório não pode *cessar* de funcionar. *Por isso* o centro inspiratório tem aptidão inerente a produzir uma inspiração que *persiste*.

*O tônus torácico (ou respiratório) do recém-nascido existe para que o pulmão não entre em colapso.* Depois de um certo tempo, o tórax da criança, agora certamente com alguns meses de idade, tendo já assumido consistência óssea e forma relativamente rígida, pode permitir que a musculatura respiratória relaxe amplamente.

*A expansão torácico que no neonato era puramente muscular, agora se faz óssea: o tórax consolidou-se na posição de expansão forçada. Em decorrência disso, os músculos que moldavam o tórax podem repousar e o centro inspiratório também.*

Conversemos um pouco com a escola psicanalítica inglesa. Diz ela que a primeira posição — ou estrutura — inconsciente do neonato humano é “esquizoparanoide”; meses depois, sobrevêm a “fase depressiva” (M. Klein).

Da tensão muscular difusa do neonato nasceria a sensação (muscular) de “não me solto” e daí “não me dou”, “resisto”, “faço força para conservar meu modo de ser e estar”. No limite “oponho-me”, “sou contra”. Este o primeiro núcleo do Ego; nasce o “esquizado”, o dividido, o separado.

Da segunda fonte — respiração — nasceriam, mais elasticamente, ideias que soariam assim: “eu *me dou* vida” ou “*sustento* minha vida”, “meu espírito me anima”. Também: “estou em comunhão — e *governo* a comunhão — com o Invisível”, “minha relação mais vital e mais minha é com o Invisível”. Daí o paranoide enquanto sensação de magia, de poder maravilhoso.

A fim de penetrar um pouco mais estes significados vagos e esotéricos, acrescentemos algo sobre a disposição subjetiva que eles pretendem caracterizar, e o modo como o infante a percebe. Durante semanas ou meses o neonato respira precariamente; é de supor que ele seja vítima frequente da *sensação de asfixia* (ou falta de respiração); no pior momento da crise algo intervém, algo “amigo” e próximo da vontade. Essa intervenção é seguida de *alívio imediato*. A consciência infantil — o que quer que ela seja — está continuamente banhada por essas ondas e por elas se molda — supõe-se. Daí “os pensamentos”.

Mais: veja-se no capítulo deste livro, “Etimologia”, o caso daquela que resistia ao vento. Com ela poderíamos aprender bibliotecas sobre as vivências primárias. Ela *vivia atenta* à respiração. É assim que eu imagino o neonato. Não que *ele* viva atento; nem há, ou mal há “ele”. Mas algo nele está sempre “atento” e esse algo é o *senhor absoluto do palco*. Porque ele — e só ele — pode evitar ou atenuar a angústia frequente (asfixia). Na certa, “ele” é o centro do *self* (si mesmo) de Jung e do superego de Freud.

Quando o tórax, já moldado e firme, se mostra capaz por si só de manter um certo grau constante de expansão torácica, então o tônus se atenua: fase depressiva. Não há depressão sem tônus pastoso ou atenuado; nesse período o eu infantil sente pela primeira vez que cede, que se “dá”, se entrega ou se desfaz (morre).

Podemos dizer ainda que o neonato está constantemente ameaçado de asfixia e que só consegue evitá-la à custa de um esforço contínuo. Ao seguir sua tendência para a retração elástica o próprio pulmão tende a sufocá-lo.

**O neonato luta continuamente contra seu pulmão. Com um pouco mais de realismo diríamos: a consciência bastante precária do neonato sente-se continuamente oscilando no centro da luta travada entre o pulmão, que tende continuamente à retração, por força elástica, isto é, impessoal, inanimada, cega, física; e os músculos mais os centros respiratórios, vivos, “intencionais”, em atividade constante.**

Haverá descrição mais perfeita para o “inimigo interior” ou para o “perseguidor” implacável, postulado pela escola inglesa de

Psicanálise? Haverá núcleo melhor — ou mais precoce — para a cristalização das relações entre o eu e o inconsciente — e o mundo?

O inimigo interior é o pulmão, que sendo constantemente nossa vida, pode se fazer a qualquer instante — e sempre — nossa morte.

É fácil imaginar expressões paralelas, mas agora mais próximas de nossa experiência consciente: a soma de sensações que compõe o ego é oscilante, e o protoego do neonato forma-se e se desfaz a cada movimento respiratório. As sensações mais fundamentais do ego seriam então formar-se e fundir-se, integrar-se e desagregar-se. Bem sabe o ego de sua fraqueza e por isso, na certa, tanto se protege no sentido de permanecer, de se fazer estável, seguro, “sempre o mesmo”.

Por isso a definição fundamental da neurose é rigidez de comportamento, reiteração inoportuna e inadequada cuja finalidade está em “dizer” para alguém — para quem? — “você é sempre o mesmo”, “você está sempre vivo”, “você não precisa recear a aniquilação”.

Nesse sentido, toda defesa psicológica é uma defesa contra a morte, contra a sensação de desaparecer, de desfazer-se, de desintegrar-se.

Em termos bem positivos, que são o contrário da neurose, poderemos dizer que o protoego sabe muito bem que viver é transformar-se, é oscilar entre inspiração e expiração, entre criação e destruição.

O motor primeiro da respiração, que é o centro inspiratório, deve fazer mais do que aquilo que estamos dizendo. É pouco provável que seja coincidência o fato de esse centro ser praticamente a terminação da formação reticular. Hoje em dia, atribui-se a esta

formação um papel fundamental no funcionamento de todo o sistema nervoso central. É, em uma palavra, o centro da vigilância ou do alerta. Depende da atividade dessa região a excitabilidade de grande parte do córtex cerebral. É a sua excitação que põe o indivíduo desperto, presente e pronto. Ora, na cauda dessa formação, isto é, na sua região filogeneticamente mais antiga, está o centro inspiratório e sua capacidade de excitação contínua.

“Espírito”, quando não é respiração, é presença viva. É preciso “despertar” o espírito, dizem todos. Mais exato seria dizer: é preciso

*despertar* apenas. Estar desperto é a ação própria e a mais característica da presença ou da atuação do espírito.

Além da relação anatômica, existe com certeza a relação funcional. O centro inspiratório é aquele que primeiro funciona no neonato e seu funcionamento se inicia de um modo relativamente rápido e intenso, mantendo-se depois sua atividade intensa durante muitas semanas. *A primeira “atenção” do recém-nascido se dirige compulsoriamente à respiração.* Alternativamente: o primeiro e mais constante “objeto” da atenção é a respiração.

Das relações onto e filogenéticas entre a região respiratória do bulbo e o sistema reticular, podemos concluir, muito plausivelmente, que os distúrbios respiratórios ativam parte ou todo o sistema reticular. Este argumento seria um fundamento a mais para aqueles que acreditam, como eu, que a angústia respiratória é a angústia fundamental, aquela que mais desata *defesas*, na terminologia tradicional da Psicanálise.

**É aquela que mais põe o indivíduo alerta, aquela que mais agudamente o chama para si ou o faz consciente.**

Pena, realmente pena, que toda nossa educação nos impeça de perceber este fato — e ao deixar de percebê-lo nos perdemos.

Sempre aflitos, buscamos a causa ou o motivo da aflição. Fazemos assim habitualmente; habitualmente é assim que se faz na maior parte dos consultórios e confessionários do mundo.

**Claro que a aflição tem causas e motivos; mas, se, aflitos, tentarmos antes regularizar nossa relação com a atmosfera, a ansiedade se abate e então podemos pensar tranquilamente. Antes não.**

Digo apenas que a *causa imediata* da angústia é o distúrbio respiratório; o remédio imediato está em acertar a respiração. Depois investigaremos contextos outros. Não procedendo assim nos perdemos e fazemos teorias vazias.

A necessidade de oxigênio do feto cresce em progressão geométrica.

Diante deste fato pergunto: até que ponto é a necessidade de oxigênio um dos limites biológicos da gestação? Poderíamos perguntar também: até que ponto o feto, nas últimas semanas de gestação, já começa a sofrer de alguma espécie de hipóxia? Até que ponto essa hipóxia

favorece seus movimentos respiratórios iniciais (os que moldam o pulmão intrauterino)?

Não quero deixar nosso tema sem antes explorar certas correlações com ideias nascentes em Psicanálise sobre o “psiquismo fetal” — como as li em Rascovsky<sup>14</sup> (i:).

Detenho-me apenas em um aspecto da questão. Segundo estes investigadores, o mundo de tipo fetal é *bidimensional*, em oposição ao mundo interior maduro, que seria tridimensional. Não se iluda o leitor; Rascovsky fala baseado na psicoterapia de adultos e crianças, não em investigações realizadas com fetos. Sua linguagem é, pois, alegórica.

Parece que os autores atribuem o processo de maturação aos olhos.

Em minha longa experiência com o psiquismo fetal daquela que lutava contra o vento,<sup>15</sup> colhi a seguinte intuição crua: provavelmente é do pulmão que obtemos a primeira impressão sensorial de “vazio” ou “espaço interior”. Podemos argumentar objetiva ou subjetivamente.

Objetivamente: não há quase “vazios” no corpo, exceto as bolhas de gases do estômago e intestinos, e o vazio pulmonar. Tudo o mais em nós é *cheio*. Os primeiros vazios, os do aparelho digestivo, nós não os sentimos senão como borborigmos (gargarejos intestinais), arrotos e emissões gasosas pelo ânus. Pode haver, nos últimos dois casos, precedendo a emissão gasosa, certa sensação de plenitude ou de avolumamento local. Mas nós — quando os sentimos — nada podemos fazer a respeito; e mal os sentimos.

Já o vazio pulmonar é constante na presença, variável no volume e contido numa estrutura tal — o tórax — que nos é dado *fazê-lo variar* mais ou menos à vontade, ao mesmo tempo que o *sentimos*; enfim, ao mesmo tempo “*sabemos*” da importância fundamental desse vazio.

Com isso passamos para a experiência subjetiva. Com a soma de sensações previamente descritas, não parece difícil elaborar a noção: o “mundo interior” é... o pulmão. Só nele existe um lugar vazio para “coisas” evanescentes tais como ideias, imagens, afetos. Esta noção concorda demais com a ideia de *inspiração*; neste caso pulmão = cérebro, ou cabeça, onde “as ideias vêm” de modo misterioso, como é misteriosa a “vinda” do espírito (vento) para *dentro*.

Se o feto não respira, então seu mundo é bidimensional. Se alguém não percebe a respiração, também. O mistério está na inconsciência respiratória.

Por esse caminho talvez cheguemos a demonstrar: o espaço *da consciência* é concebido *em analogia* com o vazio pulmonar. O espaço da inconsciência seria o restante.

Claro que os alimentos, por exemplo, “entram” no corpo. Do corpo saem coisas. Mas tudo o que entra e sai do corpo — pulmão excetuado — é material, é substancial.

O que entra e sai do pulmão — *como o que entra e sai da consciência* — não parece material. Daí mais uma fonte para a noção cultural de espírito — elaboração da experiência concreta da respiração.

\* \* \*

De todas as influências que se exercem sobre a respiração, a mais importante do ângulo psicológico é a da voz, seja a voz quando falamos com o outro, seja a voz quando “pensamos”, isto é, quando “falamos sozinhos”.

Nos dois casos a respiração se altera, mas não do mesmo modo. O que influi sobre a respiração não é tanto a palavra articulada como *a música da voz*.

Em todos os casos clínicos do livro, dá-se atenção especial a este fato e seria ocioso repetir aqui quanto já se disse ou se dirá sobre esta influência.

Basta uma fórmula geral: todo aquele que fala sempre do mesmo modo, com o mesmo tom e sintaxe musical na voz, está manifestando desse modo um enquadramento rígido da respiração. Ele respira dentro de limites sempre os mesmos. Não importa a qualidade da entonação, se alta ou baixa, suave ou estridente, se melódica ou sincopada. Importa o ser sempre igual.

É difícil descrever o tom da voz e a forma da entonação (o leito musical das frases). O “como se” ajuda bastante. A pessoa fala “como se” estivesse zangada, admoestando, suplicando, ordenando etc.

## **O FUNCIONAMENTO DO ESPÍRITO**

O pulmão não é um órgão, é um lugar, ou um vazio.

A respiração não é uma função de relação intraorgânica; é um ato da vida de relação com o mundo, relação concreta com a atmosfera (gases respiratórios), relação sinalética com os outros (voz/palavra).

O pulmão é uma árvore oca, inclusive as folhas, inteiramente cheio de ar.

O pulmão se compõe de “galhos” ou tubos — os brônquios — e de “folhas” — os alvéolos pulmonares.

É certo que os tubos não têm função outra senão ligar a boca e o nariz às “folhas”. Função estritamente de adutores de ar. Sua função fisiológica, por isso, não é fisiológica, é física. Eles não *jazem* a função, como por exemplo, as artérias; estas, músculo- -elásticas, intervêm ativamente na função de manter a pressão arterial e distribuir o sangue desigualmente pelas várias partes do corpo, conforme a necessidade do momento.

Muito menos se pode comparar brônquios com intestino, por exemplo, que atua vivamente sobre seu conteúdo, alterando-o quimicamente, ao mesmo tempo que o agita e conduz segundo o gradiente digestivo (lise-seleção-absorção-eliminação).

Pode-se atribuir à árvore brônquica, devido à presença abundante de tecido elástico em suas paredes, uma importante função respiratória: a de produzir a expiração por retração elástica.

Mas aqui também é fácil ver que a função não é fisiológica nem ativa, é física e passiva. Uma vez diferenciado histologicamente, uma vez produzidas as fibras elásticas e as cartilagens, estas atuam de acordo com suas propriedades físicas apenas.

Restam os músculos dos brônquios. Estes podem representar um papel ativo e fisiológico na respiração, no sentido de *regular a quantidade de ar que chega ou sai dos alvéolos*, mas isto é só preâmbulo à respiração.

\* \* \*

Por que existem os brônquios?

Por que o pulmão não é uma simples bexiga abrindo-se na traqueia?

A resposta é unívoca: o pulmão é uma árvore para conciliar a necessidade de oxigênio do organismo (que é grande), com a área de absorção de oxigênio.

Nos pulmões cabem 6 a 8 litros de ar. Se eles fossem simples garrações lisos, teríamos uma árvore respiratória com superfície de mais ou menos 1/5 de metro quadrado.

Ora, estimativas atribuem ao pulmão uma superfície respiratória (alveolar) de 70 a 100 m<sup>2</sup>.

Se o pulmão fosse um garração liso, nós teríamos que respirar, ao invés de 20, cerca de 6.000 vezes por minuto.

Que são os alvéolos histologicamente? Uma delgada membrana constituída de células achatadas, em mosaico, mantidas no lugar por finas fibras elásticas e reticulares.

A membrana alveolar é delgada e permeável a gases, e todas as trocas gasosas da respiração externa admitem uma explicação *física*, baseada nas leis conhecidas e coeficientes de difusão de gases.

O alvéolo pulmonar não funciona como uma cápsula de Bowman ou um túbulo renal, tampouco como as glândulas e vilosidades intestinais, muito menos como um lóbulo hepático. Todos estes orgânulos elementares *fazem ativamente* alguma coisa, secretam, excretam, absorvem, compõem ou decompõem substâncias.

O alvéolo nada mais faz senão existir como membrana limitante de um “lugar” do corpo, onde o ar pode existir sem se confundir ou “misturar” com esse corpo. As células do parênquima pulmonar — que não tem parênquima — agem como as lamelas ósseas, agem por existir no lugar onde estão, pela forma e pela consistência que têm.

Há quem pense hoje que o pulmão é um enfisema fisiológico — igual ao que poderíamos obter injetando ar sob a pele.

O pulmão seria uma esponja de vasos sanguíneos semeada de bolhas de ar, mais nada. Seu parênquima seria o tecido conjuntivo.

Esclareçamos o fato morfológico com uma experiência:

Vamos colocar um indivíduo numa atmosfera pobre de oxigênio, digamos oxigênio a 10% (normal: 21%). Vamos injetar lentamente numa veia do seu braço oxigênio puro. Desse modo, o sangue que passa pela veia se arterializa completamente. Este sangue ao chegar nos alvéolos pulmonares tem mais oxigênio do que o oxigênio existente nos alvéolos. Neste caso, de acordo *com tudo que sabemos até hoje sobre a respiração, o oxigênio passaria dos capilares para os*



*alvéolos*, e em seguida seria eliminado na expiração. *O pulmão estaria servindo para eliminar o oxigênio do corpo.*

Com este pequeno exemplo, fica bem claro o que nós poderíamos chamar a indiferença dos alvéolos pulmonares aos gases que atravessam suas paredes.

Se a respiração é uma função de relação, fácil se torna admitir que esta relação — como as demais relações ditas “objetais” pelo psicanalista — possa ser perturbada mais ou menos e de vários modos. Fácil se faz passar dessa afirmação para a noção de complexo respiratório ou fase respiratória no desenvolvimento da personalidade.

Dado que o pulmão é um lugar, os sintomas neuróticos referentes a espaço — agorafobia e claustrofobia — podem ser melhor compreendidos. Se o pulmão é um lugar, a amplitude deste lugar é absoluta, contínua e vitalmente importante. Daí com certeza e de novo a sutileza da etimologia. Angústia é “estreito”. O único lugar do corpo onde a “restrição” pode significar a morte é o pulmão. Ao respirar pouco — mesmo que não o perceba claramente — o indivíduo sabe, com aquele conhecimento instintivo que orienta os animais, que está vitalmente ameaçado. Ele teme morrer; que ele tema ficar louco não me surpreende. Dada a relação entre a taxa de oxigênio do sangue (oxemia) e as funções cerebrais, qualquer alteração na primeira se retrata em alterações bastante graves na segunda; estas alterações corticais podem e devem ser sentidas, subjetivamente, como um começo de loucura.

A respiração não é necessariamente automática. Se alguém estivesse interessado nisto, poderia fazer da sua respiração uma função pura e continuamente voluntária. Fina e continuamente presente a si mesmo — como aquela que lutava contra o espírito<sup>16</sup> — a cada período lhe seria dado captar a *sensação aflitiva de vontade inibida de respirar*; no instante seguinte, ele respiraria o suficiente, “matando” esta vontade — até sua ressurreição alguns segundos depois. A consciência se faria um elo entre a sensação de asfixia e a movimentação respiratória: regressão voluntária ao neonato.

Mas é preciso convir que nós respiramos, a maior parte do tempo, sem perceber que respiramos. É preciso convir que habitualmente a respiração é uma função automática e inconsciente.

Sabemos também que ninguém consegue suicidar-se inibindo voluntariamente a respiração. Este fato, junto com o anterior, demonstra que a respiração, não sendo automática, é extremamente compulsiva, por estar em correspondência com uma *necessidade* permanente e contínua.

Quero dizer o seguinte: os reflexos víscero-viscerais que governam, por exemplo, as pulsações cardíacas, os movimentos intestinais ou vesiculares e outros, se fazem à custa de circuitos nervosos amplamente exteriores à consciência e à vontade; quando funcionando a contento, estes reflexos, ou não emitem sinais sensoriais para a consciência, ou emitem sinais cuja percepção exige um treino apurado. Mas os reflexos pneumomusculares que intervêm na respiração, mais os reflexos que poderíamos chamar hemomusculares, passam pela consciência necessariamente como sensação de “*vontade consciente*” de respiração, ou como consciência de *falta de respiração* (e não falta de ar). Não há nem pode haver “consciência de falta de ar” em sentido próprio. Dado que a musculatura respiratória é estriada, podemos de outra parte garantir que ela emite continuamente sinais para a consciência, sinais de natureza proprioceptiva; podemos acreditar com segurança que a consciência da movimentação do tórax está continuamente entrelaçada e confundida com a da movimentação das demais partes do corpo. Por estes dois caminhos, a respiração pode chegar à consciência e frequentemente chega.

A respiração não é naturalmente inconsciente. *Nós aprendemos a ignorá-la.*

Estes reparos tornam muito plausível a proposição de uma fase respiratória no desenvolvimento instintivo do homem.

Mais um ângulo muito importante deve ser assinalado. A única substância necessária à vida, que o corpo não *consegue armazenar*, é o oxigênio; e o único metabolito endógeno do que o corpo *tem* que livrar-se *depressa* é o gás carbônico. Daí que a respiração seja *sempre urgentemente necessária*. Não pode haver na respiração atrasos ou deficiências funcionais por mais de *segundos*. Ocorrida a disfunção, em poucos segundos *não conseguimos pensar em mais nada*, pois a necessidade de regularizar a respiração se impõe com uma força realmente ímpar no mundo das exigências biológicas.

Enfim, todas as células do corpo consomem oxigênio e produzem gás carbônico *continuamente*. Daí que as variações funcionais da respiração ocorram, elas também, continuamente, havendo a todo instante deficiências ou excessos respiratórios ligeiros.

Por tudo isso cabe a criação do termo “fase respiratória”.

E por um elemento ainda, o mais decisivo: nenhuma vontade visceral é sentida como tão nossa quanto a vontade de respirar.

Das “vontades” de evacuar, urinar, comer, manter relações sexuais, dormir, posso dizer facilmente que *não são minhas*; sou impelido por elas, obrigado, levado. Há uma proposta à espera de uma decisão; sinto facilmente que “aquilo” — a vontade — está em mim, mas a rigor não é “minha”. Com a respiração é diferente. Podemos exprimir o mesmo fato dizendo que a urgência respiratória ocupa, sempre que surge, o centro do “eu” ou que o “eu” se identifica fácil e totalmente com ela; as demais são remotas. Claro, por serem vitalmente menos urgentes.

Os casos clínicos mostram que a respiração pode sofrer alterações consideráveis por força de experiências infelizes. Estas experiências podem “perverter” o “instinto” respiratório tanto quanto pervertem os demais. As disfunções respiratórias crônicas são muito comuns e têm esta base. Pode-se e deve-se falar em repressão respiratória. Tenho para mim — com Reich — que não existe angústia sem alguma espécie de distúrbio respiratório.

Para aqueles que creem necessário basear a conduta presente do homem na sua infância e na sua constituição biológica, a fim de compreendê-la, aí estão elementos mais do que suficientes.

Além dos fundamentos anatomofisiológicos propostos, com um pouco de imaginação poderemos ir além. Tão velha como a necessidade de comer, ou mais velha do que ela, existe no homem a necessidade de acreditar no espírito, em algo que nos anime e vivi- fique. Parece tão fácil, mas tão fácil passar de uma fase respiratória precocíssima do homem, para a noção de espírito nascendo naturalmente... em seu espírito. O espírito é o invisível que nos anima. Nosso medo é medo de que nos falte o espírito. De que nos falte o oxigênio, “aquele que alimenta a chama...”

Por que a esse espírito sempre se o chamou “grande espírito” e por que reside ele sempre “no alto”?

É a própria descrição da atmosfera.

Por que sempre invisível?

É o próprio ar.

Por que sempre senhor da vida e da morte?

É a respiração. Sem ela morremos.

Provavelmente toda a magia — tão importante na história da Humanidade — tem seu fundamento na respiração.

Que pretendeu sempre a magia?

Relacionar-se com, e influir sobre, os espíritos — todos invisíveis (daí, erroneamente, todos imateriais).

Não teria Freud deixado de ver a fase respiratória no desenvolvimento humano, devido às suas graúdas pré-noções e preconceitos contra o espírito humano? Muito do seu trabalho não mostra que Freud, de algum modo, abominava o espírito? O espírito que Freud abominava não se mostrou a Freud, e na sua teorificação falta, vejo-me tentado a dizê-lo — falta o principal, falta a respiração. De há muito me surpreende em todos os esquemas freudianos, a referência exclusiva ao aparelho digestivo e ao aparelho sexual. Eu estava começando a ver, e não foi fácil ver, que o homem freudiano não tinha tórax. Aliás, parece que o homem freudiano tampouco tem cabeça. Apesar de tudo, tem voz. Não sei como pode nascer voz no homem freudiano, sem tórax e sem cabeça!

A voz que fala no homem freudiano é muito mais espírito do que qualquer espírito conhecido ou primitivo: do vazio nasce um som e um sentido!

Vejamos um pouco de fisiologia respiratória nos sonhos.

### **A BOLA MÁGICA**

**Havia uma bola de plástico fino, cúbica, cheia de ar, com bordas levemente arredondadas; uma criança a segurava.**

**Depois a bola subiu com uma força desproporcionada, parando no alto. De algum modo a bola estava próxima de mim e eu devia esvaziá-la a fim de que a criança descesse.**

## **Não havia medo.**

Não há nenhum outro “cubo gasoso” em nossos corpos a não ser o pulmão. Aliás, nem fora de nós existem cubos gasosos. Dada a propriedade que têm os gases de se expandirem igualmente em todas as direções, sempre que haja gás em um recipiente de paredes facilmente deformáveis e de resistência uniforme, o recipiente tende a assumir a forma esférica.

O pulmão pode se deformar com facilidade, mas pelo fato de manter com a cavidade torácica uma relação de colagem deslizante, praticamente não se deforma durante a respiração. É verdade que sua forma não é, como está no sonho, cúbica. Mas nem no sonho havia cubo. Ao descrever a forma da “bola”, a paciente a modelou no ar com as mãos. Na impossibilidade de dar nome a essa forma devido à sua irregularidade, usei a expressão “cúbica”, a fim de introduzir a ideia. Mais exatamente, a pessoa sonhou com uma bola elástica de conteúdo gasoso e *formada* (não esférica).

Aí estão os motivos que me levaram a ver no sonho a figura do pulmão.

Um vazio modelado e limitado.

Outras características existem, confirmadoras.

O volume não apenas subiu (inspiração) como, permanecendo no alto, “de algum modo estava próximo de mim” e “eu devia esvaziá-lo para que a criança descesse”.

Se o volume *for o pulmão*, estas afirmações, *em qualquer outro contexto absurdas*, se fazem compreensíveis.

Pessoalmente ciou grande valor a este tipo de explicação que torna plausível o que antes parecia impossível; também o fato de uma ideia reunir todos ou grande número dos elementos do sonho.

Dirá este sonho algo sobre a personalidade que o sonhou?

Diz muito, mas agora não consigo ser tão persuasivo quanto espero ter sido até aqui.

Este sonho retrata um modo de ser muito evidente e frequente da sonhadora — é mulher. Ela é “levada” por suas “inspirações” de modo muito ostensivo, não raro incômodo.

Quero dizer que se trata de uma personalidade marcadamente intuitiva; inúmeras vezes eu a vi “subir” de repente, olhos fixos, tórax imóvel, e permanecer “lá no alto”. Ao voltar, trazia consigo uma nova compreensão disto ou daquilo.

Ao esvaziar a boia, a criança, o novo, “descia”.

Há a bola, a criança e ela. A bola é sua respiração; a criança, sua capacidade infantil — bendita seja a infância — de compreender o velho de *outro modo e sem palavras* (infante: aquele que ainda não fala); ela enfim, seu “eu”, estava no sonho e na realidade, principalmente nos olhos, os quais, durante o mesmo, “subiram” acompanhando a bola.

Era característico da pessoa essa posição de olhar para cima e para a direita. Ela se punha assim sempre que algo diante dela não a agradava. E só descia após ter recebido a “inspiração”, isto é, com uma ideia nova ante o mesmo contexto previamente desagradável.

É o *movimento do olhar* — ocorrido durante o sonho — que a fez ver a bola subir “com rapidez inusitada”.

Para esta explicação as experiências de Kleitmann oferecem prova direta. Acordando pessoas adormecidas quando nelas ocorriam *movimentos oculares* (verificados eletromiograficamente), Kleitmann ouviu a descrição de sonhos nos quais havia movimentos da cena em correspondência com os movimentos dos olhos — como estes que descrevi.

Como o leitor pode verificar, só usei, para compreender o sonho, *elementos sensoriais*, viscerais (pulmão) e musculares (movimentos e posições típicas).

O esquema assim obtido foi depois *descrito em termos de consciência* ou de personalidade (modos de ser).

## **O PALETÓ ASSASSINADO**

**1 — Havia assassinado alguém. Vejo a vítima: é um paletó cuidadosamente arrumado sobre o encosto de uma cadeira, de frente e abotoado. Eu e mamãe nos preocupamos em nos desfazer do cadáver. Mas eu sei que é inútil disfarçar. Quando vier a polícia eu confessarei.**

**2 — Numa sala, muita gente que vai e vem como que esperando algo sério. Entra minha namorada. Só a vejo da cintura para cima. Leva apenas uma blusa leve, aberta de todo, expondo os seios. Está muito à vontade.**

**Tento avisá-la. Ela parece não estar percebendo.**

Estes dois sonhos foram sonhados numa mesma noite por um homem jovem; antes de deitar, fez alguns exercícios de presença à respiração, recomendados por mim. Creio que estes reparos já foram suficientes para colocar o leitor na pista do “crime”.

Parece difícil fugir à conclusão de que o paletó representa o tórax.

O paciente era um *poseur* nato, mantendo continuamente sua bela figura “dentro” de uma postura impecável — de oficial nazista.

Com isto completamos a imagem onírica tão exótica e, ao mesmo tempo, tão hábil.

Não raro ouvimos descrições semelhantes: fulano está sempre “de casaca”. Na verdade, basta pôr-se de peito inflado e coluna ereta para *sentir* o paletó do sonho — soma de tensões musculares que mantém o tórax armado. Se fosse necessária uma confirmação (para nós não seria, mas para o paciente era), lá está o segundo sonho com tripla reiteração da ideia.

— *Só a via da cintura para cima.*

— *Blusa leve.*

— *Os seios descobertos.*

Reparemos num fato a mais: um exercício muscular inusitado, respiratório no caso, tende a provocar nos músculos interessados uma congestão e uma certa sensação, misto de dolorido e fadiga, capaz de se prolongar por várias horas. Faz-se plausível pensar tenha tido o exercício solicitado muito a ver com o sonho.

Com isto, a tese principal para mim está demonstrada.

Mas vale a pena ir além; o material que se oferece é demasiado sugestivo para ser sacrificado a bem de uma teoria.

*Qual o “crime” que se pode cometer contra o tórax?*

Impedi-lo de respirar livremente. Assim se mata o espírito. Inútil disfarçar o crime; a vítima é invisível, mas está em todo

lugar. Será tão difícil assim esconder um paletó? Não parece, mas é. O paletó que o paciente *sempre* usava era permanentemente *visível*.

“Eu e mamãe nos preocupávamos em nos desfazer do cadáver.” Entre o paciente e a mãe existia de há muito uma relação inteiramente formal, muito bem educada, polida ao extremo e completamente morta.

O problema deste rapaz era variação de velho tema.

Não tendo encontrado substância, ele vivia de formas.

De formas.

Vazias.

Fazia sempre o que se deve fazer e jamais o que é preciso fazer. Por isso falava e só disso falava. Vivia justificando-se por tudo o que não fazia, à custa de tudo o que *devia fazer*. Muito infeliz. Não fui capaz de ajudá-lo. Ele vivia preso ao Grande Espírito das leis e normas sociais, às mil e uma fórmulas que ouvimos a cada instante. Vivia escravo das... aspirações e... anseios coletivos.

Um filho deve...

Um rapaz deve...

O namorado deve...

Mas os outros devem...

Mas a namorada deve...

Este o seu crime.

“Estava disposto a confessá-lo.” Estava mesmo; muito, mas errado. Quando lhe sobrava um pouco de fôlego na sua ladainha, ele logo o aproveitava para confessar o “muito” que “devia” ter feito e não fizera.

Era só uma fôrma vazia.

Um paletó.

Agora aparece melhor o assassinato do espírito. A inibição respiratória também aparece melhor. Nunca era ele que falava, mas nele ou através dele falava o Grande Espírito de todos.

“Você deve”.

O único remédio para esse rapaz era assassinar o Grande Espírito.

Difícil tarefa.



No segundo sonho parece que “algo sério está para acontecer” — essa a... atmosfera.

Logo acontece, ainda que não pareça lá muito sério.

Entra sua namorada com os seios à mostra. Ele se preocupa (não é grande novidade, o rapaz vivia preocupado); ela não.

Seria a hora do psicanalista.

E o “seio mau” que só tem forma e não tem leite, que ilude de substância e logo frustra de vazio. Por isso o rapaz, não amado, se fez difícil de amar.

Parece plausível. É razoável. Digo apenas que talvez não seja a história toda.

Esqueceu-se agora o psicanalista que sob os seios estão os pulmões. Difícil separá-los, certamente. Afinal, o neonato não sabe Anatomia. Mas sabendo ou não, tanto ele quanto a mãe têm pulmões.

Por ter vivido, mesmo sem ter mamado ao seio, como poderia ter vivido minha mãe, mesmo sem ter me amamentado.

Mas nem eu nem ela teríamos vivido sem respirar.

Depois, um paletó não tem mamas.

Sejamos fiéis a Freud. Disse ele que os sonhos de uma mesma noite costumam se referir ao mesmo tema e, com o progredir da noite e do sonho, o tema mais e mais se expõe.

Kleitmann também acha, e o demonstra com técnicas objetivas. Retenhamos, pois, o que Freud e Kleitmann nos legaram.

*Como ligar o paletó ao seio mau (ou bom, tanto faz)?*

Mas seio-blusa-tórax (“só a via da cintura para cima”) e paletó ligam-se assaz satisfatoriamente. Talvez a namorada estivesse dizendo para o nosso amigo: “você não sabe que tem peito; veja em mim primeiro, veja bem; é fácil ver. E *preciso* que seja *evidente* senão você vai achar que *não deve* ver e não verá”. (O rapaz no sonho queria levá-la a esconder os seios.)

Convenhamos: quem representa a percepção do próprio tórax na forma de paletó-vítima de um assassinato, não pode ter *nenhuma* consciência da própria respiração.

E que significa, afinal, tomar consciência da própria respiração? E por que será tão importante esse fato?

No caso, *a respiração servia quase que exclusivamente à palavra, e a palavra não era sua.*

Quero dizer: não só falando comigo ou com outros, como também durante o tempo que o rapaz passava falando mentalmente consigo mesmo (provavelmente o dia todo), durante todo esse tempo as palavras a lhe passarem pela mente não consideravam nem sua pessoa nem sua vida. Eram estas vozes as vozes dos outros, continuamente julgando, criticando, condenando, vingando, solicitando, suplicando, impondo. Tomado pela voz de muitos, sempre presentes à sua mente, o rapaz não conseguia ouvir *sua própria voz.*

Aí estava seu espírito assassinado.

Espírito assassinado e não assassino. Porque ele, o criminoso, não era alguém. Quem é todos não é ninguém.

*Continuamente* assassinado, não de uma vez só.

Por isso o rapaz sentiu no sonho, e sentia o dia todo e todos os dias, o famoso “temor persecutório” de que tanto nos falou Melanie Klein.

Vivia ele não só assassinando de modo contínuo seu espírito, como também, mais concretamente, sua respiração.

Vejamos como, através de uma analogia.

Suponhamos seja eu soprador de vidro. Passo horas governando minha respiração em função da forma e do volume a insuflar na massa pastosa. Pouco ou nada posso me dar ao “luxo” de respirar *como é preciso*, como me convém.

Assim acontece com as vítimas do Grande Espírito do Coro. Passam a vida toda buscando um momento de respiração livre. *Passam a vida toda com a contínua e penosa sensação de que “algo” as sufoca.* Passam a vida toda com o anseio de se expandirem e com medo de fazê-lo; respirar fundo seria abandonar o Grande Espírito — e ficar só.

Deixemos este lugar onde só há choro e ranger de dentes. Vamos para outro pior.

Trata-se de uma mulher madura, casada, mãe de filhos.

São dois sonhos havidos em noites diferentes.

Nenhum exercício foi aconselhado.

## **GASES ASFIXIANTE**

Fui à cozinha verificar algo ato fogo. Havia uma panela queimando; a cozinha foi-se enchendo de fumaça e fui ficando sufocada.

Bem mal já, algo em mim diz com força: “reaja! reaja!” Fui movendo os braços e acordei.

A própria paciente comenta: “acho que este sonho dependia da posição de braços em que eu estava. Acordei ainda aflita e, ao virar de costas, melhorei. Já aconteceu parecido outras vezes; me ponho de braços e me sinto aflita e não posso dormir”.

— Por que se põe assim se é tão desagradável?

— Para evitar de me encostar em meu marido, ou ele em mim. Basta encostar para que ele se inflame e tenho verdadeiro horror dele, e de relações sexuais com ele.

— Sei... como você fica exatamente?

— De braços quase, braços bem fechados junto ao corpo, bem encolhida, com medo. Com medo até de respirar, para não encostar nele.

Aí está, leitor. Não é pior que o outro?

Mas deixemos a compaixão e examinemos o caso de perto.

Cozinha — panela queimando.

Somos cozinhas ambulantes, pois em todas as nossas células estão sendo queimadas coisas. Combustões orgânicas. Calor animal, lembre-se do livro do ginásio?

Mas não era tanto a queima que incomodava a paciente; a queima só a alertou, pelo cheiro.

Como Luís, a paciente só sabia que respirava às vezes, quando havia algum cheiro no ar. Faro.

Não existiria olfato, nem faro, se não houvesse respiração. Mas cheiro sufoca só alegoricamente (salvo o caso — de todo excluído — de um tóxico malcheiroso e volátil).

No caso era a fumaça. O cheiro de queimado, quando vem da cozinha, até que não costuma ser desagradável.

Não era pois o cheiro que sufocava, mas sim a fumaça.

Qual é a “fumaça” das combustões humanas?

O gás carbônico.

Está claro agora?

Sem respirar, nos incomoda mais depressa o acúmulo de gás carbônico do que a falta, ainda que modesta, de oxigênio.

A paciente estava se sentindo *fortemente estimulada a respirar*, pois este é o efeito específico e precoce de qualquer acúmulo de gás carbônico no sangue. *Resistindo* a esse estímulo, ela foi ficando cada vez mais aflita. (Mesmo dormindo temia respirar.)

Veja-se o famoso *deslocamento* de Freud, em ação.

O sonho começa pelo *cheiro* que leva a paciente à cozinha (nariz). A paciente vai *ver* o que há (olhos); logo começa a fumaça (início de asfixia) que progride até o anseio incontrolável. Então se reanima a respiração, primeiro sob a forma de voz, “reaja! reaja!”, depois, com o oxigênio assim inalado, “acorda-se” a córtex cerebral (reação de alerta).

O corpo na medida em que precisa da consciência, “vai buscá-la” e a “desloca” até onde é necessário.

Parece muito? Então vejamos o segundo sonho da mesma pessoa.

**Estou em um quarto de minha casa (não parecia), com meus dois filhos. uma névoa de gases tóxicos invadia a habitação. Havia um tubo pelo qual entrava ar puro, mas este não era suficiente para os três. Tentamos fugir, mas estávamos muito alto. De telhado a telhado há uma escada de pedreiro, posta horizontalmente. Nem a fuga adiantaria porque o gás nos persegue. Acordo angustiada.**

Esclareci à paciente a provável origem respiratória deste sonho e logo a ajudo a respirar 7 ou 8 vezes. Recostada, inspira ao máximo; logo digo-lhe que solte o ar e, com a mão espalmada sobre seu esterno, ajudo-a a esvaziar o tórax o mais possível. Logo após, ela senta-se. Está bem relaxada e bem mais presente do que de hábito; não a mim, mas a si mesma.

Com participação profunda que antes não havia (preponderava então a pergunta da escolar ante o professor), passa a falar bem mais para si do que para mim, mas bem do fundo, de dois temas que lhe importavam demais, numa bela linguagem misto de poesia e contemplação. Ficou inspirada visivelmente. Isto ocorreu com a paciente. Quanto a nós, temos mais por aprender.

Um sonho de *suspense* duplo: os gases e a altura.

Durante o *suspense* ficamos todos parados em posição de inspiração. Este era um modo frequente e ostensivo da paciente. Só o tórax ficava em *suspense*, o rosto não. Este era notavelmente desdenhoso. A paciente sempre olhava e sempre sorria para o interlocutor de *cima para baixo*. Poucas vezes na vida me senti tão humilhado como me senti algumas vezes ao lado dessa pessoa. Ela era francamente superior.

Quanto a seu sonho, direi antes de mais nada: bem feito! (Também para ela eu disse.)

Poucas dúvidas quanto ao gás tóxico. Não podia ser outro senão o gás carbônico. O tubo de ar puro, adivinhem:

— A traqueia!

— Muito bem!

Os lugares altos? Inspiração mantida que oscila um pouco (*ar*, no tubo, *insuficiente mas presente*); mas inspiração que não cede (lugares altos, *suspense* e gás tóxico que *continua* perseguindo; portanto, renovação precária do ar). Na consulta *eu* e não ela foi quem fez a expiração completar-se.

Como pode uma pessoa perceber estes fatos enquanto dorme? O “gás tóxico” é uma dedução; a que existe realmente é a *vontade de respirar* (esta, sente-se diretamente).

O tubo (traqueia, faringe, nariz) podia ser sentido através das diferenças de temperatura do ar que entra (frio) e sai (quente).

Com atenção podemos todos perceber estas sensações. Dormindo, muito melhor.

Agora precisamos adiantar alguns pormenores sobre o gás carbônico a fim de completar a plausibilidade da interpretação.

O gás carbônico é o *mais pesado* dos gases respiratórios; portanto, é maior sua tendência a *permanecer* nos alvéolos pulmonares quando os fluxos respiratórios são de baixa velocidade, quando a pessoa respira pouco por vez e devagar; pior quando respira de pulmão bastante cheio do que quando respira de pulmão meio cheio a quase vazio.

O gás carbônico é o gás respiratório de maior coeficiente de difusão. Este fato milita contra a nossa tese. O gás carbônico “sai sozinho” e facilmente, do sangue e do pulmão. Mas se a pessoa está de boca fechada ou de bruços, e respirando pouco, não é provável seja fácil esta eliminação. A diferença de volume entre o gás venoso e o alveolar é de 58 para mais ou menos 5,5 (ml por 100 ml de sangue). Portanto, o gás tenderá a sair rapidamente do sangue.

Mas a diferença homóloga entre ar alveolar e ar atmosférico é praticamente igual a 5,5: 10 vezes menor, portanto. (Números arredondados; os dois variam bastante, mesmo em condições fisiológicas.)

Só a experiência poderá determinar o valor relativo destas duas grandezas (peso específico e coeficiente de difusão).

Permanece verdade, contudo, que em um pulmão mal ventilado o acúmulo de gás carbônico ocorre fácil e rapidamente.

Certas respirações aconselhadas pelos hindus, cuja característica é a expiração rápida e intensa, provavelmente visam o arrastamento de gás carbônico, muito mais que a inalação de oxigênio.

## IV — CASOS CLÍNICOS

Este é o capítulo mais agradável de se ler. Vários casos clínicos são descritos, em linguagem quase literária, com muitos pormenores de diálogo, de descrições precisas de atitudes e gestos, de técnicas psicoterápicas (em ação).

Em todos eles se salienta o valor e a importância da respiração na compreensão da vida, dos sintomas e das técnicas curativas.

Sintomas, sonhos e desenhos são os principais elementos estudados.

### **PERVERSÃO... DE ESPÍRITO**

Jorge mostrava-se excepcionalmente sério e preocupado.

— Esta semana foi difícil, Dr. Voltaram aquelas preocupações filosóficas, agudamente aflitivas, sobre quem sou eu. Na movimentação espontânea senti-me pela primeira vez nitidamente uma mulher e fiquei depois muito envergonhado. O Sr. sabe que muitas vezes eu me senti ante uma presença feminina — mas eu era homem. Esta vez eu era mulher...

— Como é que você sabe disso?

— Pelos movimentos de corpo que eu fiz; meu tronco começou a mover-se em curvas, bamboleios lentos e insinuantes, sensuais...

— E você sentiu vergonha depois?

— Sim.

— Foi depois, mesmo?

— ?

— Ou o próprio movimento curvilíneo foi de pessoa envergonhada? Seu modo, lá, não era o de alguém acanhado?

— Sim! Certamente sim.

— Os movimentos de acanhamento, tão semelhantes aos sensuais, foram, para mim, o principal. Na verdade, creio tenham sido a única realidade. Prêsa destes movimentos, creio que surgiu depois a noção “sinto-me mulher” como se fosse para explicá-los — na verdade, para integrá-los, para reunir as “ondas” numa “coisa”...

— É possível...

— Pelo seu modo de falar, entendo que estas torções e bamboleios de tronco apareceram *pela primeira vez* em sua movimentação espontânea. Certo?

— Sim. Anteriormente —• como lhe disse — havia posições mantidas, ou movimentos lentos, quase rituais, ou tentativas deliberadas disso ou daquilo. Desta vez, não só o movimento foi diferente, como também era... mais espontâneo, vinha quase sozinho.

Pausa.

— Sonhou?

— Sim. No fim da semana. Eu havia projetado um prédio e ele havia sido construído. Vinham dizer-me que ele ameaçava ruir. Duvidei. Achei que não era possível. Vou com o proprietário ao local; o prédio de fato está fendido e, provavelmente, não poderá se manter de pé.

— **Ótimo.**

— ?

— Ótimo, sim. Este prédio só pode ser sua empertigação convencional, da qual tanto falamos aqui, seu formalismo rígido. Parece que ocorreram em você movimentos sísmicos e a casa caiu — ou vai cair. Lembra-se de seus primeiros desenhos, bem ao início do tratamento? Prédios recém-ruídos em cujos escombros jazia uma mulher...

— Lembro!

— Acho que a mulher é quem vai fazer ruir a casa e não ao contrário. Lembra-se da mulher que você desenhava embutida em paredes ou dentro de caixões e altares?

— Lembro.

— É a mesma. São os movimentos coleantes — próprios de todo desejo vivo — aquilo que figura nos seus desenhos como “mulher”. São eles — ou é ela — que estão rompendo o caixão de seus hábitos estabelecidos, enraizados, retilíneos e uniformes. Por isso achei ótimo ver a casa cair. Você percebe o paralelo entre essa casa caindo e suas dúvidas sobre “quem sou eu?” Você, até hoje, foi a soma de seus hábitos estabelecidos. Estes tendem, agora, a fundir-se. Então você se confunde. (Repare as palavras: “fundir- -se”, “confundir-se”, desejo “profundo” — todas da mesma família.) Você é de geometria e pedra



ou de carne e pele? Você é um robô com “programa” embutido ou você é gente que busca, erra, encontra, perde, tenta, sofre, vive?

É...

.....

— Vamos ver os desenhos?

Regra geral, Jorge me entregava os desenhos logo ao chegar. Eu os via com vagar, um a um. Depois Jorge me dizia o que tinha a dizer. Frequentemente voltávamos aos desenhos e os víamos juntos. Também desta vez fizemos assim.

— Sabe, seu primeiro desenho (fig. 1), de início, me pareceu meio cru, meio pornográfico. Depois consegui vê-lo de outro modo e então me pareceu juvenil, ingênuo e alegre. De onde veio a ideia?

Image

— Não sei. Copiei de uma figura que de há muito me prendia. Só que no original os personagens estavam vestidos. Tive que despi-los...

— De cópia, então, o desenho tem muito pouco...

— Efetivamente...

— Quanto mais olho, mais gosto, e menos sexual o desenho me parece. Jorge se sente aliviado com meu comentário. De algum modo acertara com sua intenção — que nem ele sabia bem qual era — e evitara o sentido mais óbvio, que era falso.

Ele aguardava, quase ansioso, que eu prosseguisse. Seus comentários aos muitíssimos desenhos que fazia eram quase sempre parcos, pouco consequentes e vagos. Na verdade, ele desenhava como se movia em casa: ia fazendo...

Melhor: ia deixando que algo se fizesse, que algo trabalhasse com ele, compondo ou esculpindo, aos poucos, uma história, uma estátua.

Jorge me procurara — dois anos antes — devido à iminência de uma acentuada dissociação de personalidade. Várias vezes entrara em estado segundo e em pânico, sentindo-se agudamente desorientado e perdido.

Aos poucos, por tentativas e erros, fomos achando o “método” terapêutico conveniente. Descobrimos juntos que quando ele se dava ao estado segundo, este perdia seu caráter invasor e não perturbava

mais sua vida habitual. De dois modos Jorge se dava ao estado segundo: desenhando e abandonando-se, diariamente, a movimentos e ações espontâneas. Com pouca roupa, em seu quarto, fazia o que lhe passava pela mente. Deixava-se atuar pela personalidade segunda.

O efeito foi clinicamente ótimo desde o início. Mas foram necessários muitos e muitos meses antes de a personalidade segunda se desenhar com suficiente clareza. Agora começava a pulsar o coração deste segundo eu. Sua primeira pulsação definida ocorrera na semana precedente à consulta que estou reproduzindo — o coleio acanhado. O desenho era o verdadeiro retrato desta pulsação.

— Vejo no seu desenho, acima de tudo, surpresa feliz, espontaneidade juvenil. Vê-se que o rapaz foi colhido de surpresa e derrubado — note-se a posição de sua perna esquerda, ainda tentando mantê-lo em pé, quando ele já está deitado; note-se seu braço esquerdo, meio apalermado no ar, também ele tentando equilibrar o corpo que já caiu. O que o rapaz tem de “colhido de surpresa”, tem a jovem de determinação marota e de realização ao mesmo tempo deliberada e graciosa. Enquanto o rapaz caiu, ela já “mergulhou” sobre ele e o abraça com muito calor e muito prazer. Veja as pernas dela. Também elas — as pernas — participam do abraço. Parecem dois jovens enamorados, brincando de amor, de amor maciez. Veja que não há ereção no rapaz. Tudo faz supor que nos momentos anteriores a esta cena, estavam ambos nus, em colóquio amigo — não em preâmbulo sexual. Em certo momento, ela o derrubou e abraçou com muito gosto — mas ingenuamente; muita vontade de estar junto, de sentir ao outro concretamente como corpo e substância, calor e suavidade de pele. Se vencemos nossos calosos preconceitos sexuais, seu desenho me parece realmente alegre, feliz. Ela está feliz — quando menos. Ele está meio abobado — não?

— É...

— Como você: “quem sou eu?” Algo o derrubou — derrubou seus velhos hábitos convencionais. De momento você experimenta um desejo vivo e alegre, mas não sabe o que é isso. Então assusta-se. Repare não só nas curvas vivas da atitude da jovem, mas veja também as curvas macias do divã; só o jeito do rapaz discorda — hirto de surpresa. Parece — ele — uma linha quebrada posta no centro de

muitas curvas. Só ele discorda. Você deve estar se sentindo flexuoso, elástico e macio — feliz! Mas o medo de sentir-se feliz não lhe permite sentir a felicidade...

— Pode ser... pode ser.

Há algo de animado — agora — em Jorge, algo oposto a seu desânimo inicial. É o que sucede quando nasce a esperança.

(Para o leitor digo — a Jorge não disse, porque então não vi: repare que a jovem do desenho está apoiada sobre o *tórax* do rapaz, que ela o *abraça* estreitamente e o *beija* com gosto — três maneiras diferentes de dificultar a respiração dele. Mais uma existe: o “ataque” de surpresa.)

— Não sei por que desenhei isso. (Fig. 2) Me deu vontade.— Acho que eu sei. Você desenhou um rapaz meio interessado e meio perplexo ante uma mulher nua, em cujo tronco está claramente desenhado um rosto.



— Sim. Isto eu fiz de propósito.

— O desenho significa que o *tronco tem expressão*. Você me disse, no começo de nosso encontro de hoje, que se sentia envergonhado por ter se sentido mulher. Logo acrescentou que a vergonha nascia de certos movimentos ondulantes e requebrados que você fez na movimentação espontânea. É a primeira vez que você experimenta esses movimentos que são primariamente de tronco, ombros e bacia — não?

— Certamente.

— Veja o desenho. Os braços completamente fora do lugar: um tórax exoticamente acabado em cima; as ancas tentando avançar em curva impossível sobre as coxas. Bacia e tronco mal feitos e mal reunidos. Até hoje, seu tronco sempre se moveu retilinearmente — “sem expressão” — como um bloco ou um boneco. Certo?

— Certo?

— Agora ele — o tronco — se fez expressivo, adquiriu fisionomia. Esta é a perplexidade apreensiva retratada no rosto do desenho. “Quem sou eu?” Você será a soma do que pensa de si ou a fisionomia nova que se desenhou no seu tronco?

— É...

\* \* \*

— Este é uma estátua (fig. 3). Grande. O escultor vai acabá-la, ainda tem o andaime lá.

— Não está ligada à primeira?



— ?

— Não é um abraço parecido?

— É!

— Mas agora o rapaz está mais de acordo. Só que é estátua. Grande. Pedra. Um beijo eternizado. Quando beijamos, muitas vezes fazemos “boca de peixe” ou boca de quem aspira ou de quem suga.

— Sim.

— Um beijo eterno ou é uma emoção eterna ou uma aspiração eterna.

— É...

— Quem aspira eternamente morre asfixiado — porque não respira.

— O Sr. acha?

— Não acho. Eu sei. Este desenho me é bem mais familiar que o primeiro.

— Por quê?

— Quantas vezes você desenhou figuras humanas assim em dupla, meio fundidas, por vezes monstruosas, com duas pernas, três olhos, quatro braços...

— Bastante...

— É por isso... Por isso gostei do seu primeiro desenho. Além do tema feliz ele está corretamente desenhado. Você está ao mesmo tempo se cindindo e integrando. Veja: há um abraço que lembra o primeiro e um andaime rígido — sua empertigação. Digamos: está-se desfazendo uma associação — imprópria — entre o mole e o duro, e está surgindo outra, mais adequada. Maus abraços e bons abraços...

Silenciamos. Logo prossigo.

— Veja o escultor. O homenzinho tão nosso conhecido, o “Napoleão funcionário público” — lembra-se?

— Lembro. Empertigado, barrigudinho e atarracado como eu — segundo o senhor!

— Ele é o escultor. É seu o trabalho *de se fazer barro* — em casa; de se prestar à inspiração do momento. É seu o trabalho de fazer esboços e projetos — nos desenhos. Você é o escultor e a pedra. Até agora foi pedra. Parece que você já começou\* a se fazer barro — barro da terra — carne. Napoleão virando Adão!

Ele sorri feliz — com discrição.

— Prestar-se à inspiração de momento... Esse é o modo de desfazer uma aspiração eterna — pois não?

— É.

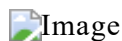
— Não imagino bem como é que você respira.

— Nem eu.

— Seu tórax parece sempre engomado... Veja quais os lugares inacabados do desenho.

— Os braços... Aqui, na bacia, esse bloco triangular de pedra não desbastada — e as pernas... Falta a separação dos dois no pescoço...

— E este agora, que é? (fig. 4)



— Um homem deitado, com um espelho onde se reflete.

— Mas os braços estão ao contrário.

— Como?

— Os da figura refletida. Entre o homem e sua imagem há... um abraço. As duas figuras não estão perpendiculares entre si — como deviam estar. São complementares, como acontece quando nos olhamos num espelho paralelo ao plano frontal do corpo. Mas este espelho não está assim; este é perpendicular àquele plano...

— É...

— Tem mais. Confirmando o abraço impróprio, há algo nos dois corações tangentes. O da direita está completo e parece — pela inclinação — estar empurrando o outro, que é incompleto e aberto. Suas duas metades lembram um esquema muito estilizado de seu primeiro desenho •— ou da estátua. Uma superposição amorosa.

— Há um relâmpago também.

— Sim, “apontado” para os corações. Será suficiente seu calor para fundir as duas metades do coração partido?

— Acho que sim.



A fig. 5 é certamente um desenvolvimento da 4, mas antes esclareçamos algo ao leitor.

Boa parte do diálogo *sobre os desenhos foi forjada*.

Adotei a forma dialogada de exposição, apenas porque a julgo mais agradável.

Devo dizer, a mais, que todos os detalhes que estou alinhando, referentes ao tronco e à respiração, não foram vistos por mim

nesta entrevista. Eles ocorreram em *flashback* depois do momento que logo adiante descreveremos.

A forma de diálogo, contudo, não altera a essência dos fatos nem os detalhes dos desenhos — e só esses nos importam aqui. Estamos fazendo teoria e para esta vale o fato clínico como ele se propõe e não como se o expõe.

A figura 5, dizíamos, agora deixando o diálogo, é uma ampliação da 4.



Agora as figuras — a “real” e a especular — estão erradas de outro modo.

Note-se *que Jorge não havia reparado no erro da figura prévia, no entanto, esse erro foi invertido espontaneamente nesta*. Esse é o “trabalho” do escultor de dentro, capaz de atuar — limitadamente — mesmo sem o auxílio da consciência.

Mas neste desenho, um novo erro surge: o espelho mostra muito mais do que na realidade mostraria. Um espelho posto como está no desenho, mostraria *apenas o tórax e a cabeça*, não o corpo inteiro. A esta confusão na figura refletida corresponde outra na figura “real”: os “braços” do homem *são pernas*. Ou, mais modestamente, as mãos são mais do que mãos; à esquerda, o desenho de um pé é evidente; à direita, o traçado é ambíguo.

Se atentarmos bem para a mulher da figura 2 poderemos ver certa ambiguidade no desenho: a mulher está de frente ou de costas? É preciso vencer um hábito forte para ver a ambiguidade: o hábito de identificar triângulo genital e mamas com face anterior do corpo.

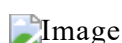
Conclusão, na percepção interna Jorge deve estar confundindo tórax e bacia. Por isso, talvez, tentou isolar um e outro com o espelho. O espelho, colocado presumivelmente sobre a cintura, marca a separação entre o tórax e abdômen (a borda do espelho está sobre a região do diafragma, aproximadamente).

A imagem do espelho teria por função separar o tórax do abdômen; aquele “passaria” para o espelho. *Os olhos poderiam ver o tórax (e os braços) isolado do tronco e da bacia.*

Ensaio fútil, porém. Além da confusão mãos/pés (mais genericamente tórax-bacia, pois é nestes que estão as “raízes” daqueles), outra existe: o espelho aparece refletido no espelho — o que é impossível ocorrer com um espelho só. Talvez possamos intuir, aqui, a existência de outro espelho: a “reflexão” do paciente — seu pensamento.

A posição do espelho — sobre o diafragma — também deve ser sublinhada. Ela aponta uma inibição respiratória tanto topográfica quanto funcional. A funcional é esta: com algo sobre o epigastro (espelho) nossa respiração diafragmática fica prejudicada.

Na impossibilidade de fazer a distinção com este artifício, o paciente recorreu a outro — fig. 6.



Há bastante tempo Jorge se preocupa com figuras e suas sombras — quase tanto ou mais do que com figuras e suas imagens especulares.

A imagem especular de um objeto é sempre bem definida e sempre a mesma, quando comparada com as sombras; estas, conforme o número, posição e natureza dos focos de luz, variam de dimensões e de forma, são fluidas, móveis e mutáveis.

Em sua movimentação espontânea, Jorge muitas vezes havia acendido uma vela e, por muitos minutos, contemplava a chama; depois brincava com a vela, fazendo-a mudar de posição ou mudando de posição em relação a ela. Com isso criava sombras muitas, variadas, exóticas,

curiosas. Como se vê, uma “técnica” excelente para estudar as mil formas e as mil intenções que animam e movem o corpo, que é um só.

O desenho se inclui neste contexto.

Novamente um ensaio de separar tórax e abdômen (ou tórax e bacia — não sei ao certo). Note-se que à figura feminina e sólida da coluna, correspondem duas silhuetas *de rostos*, perfeitamente definidas. Eu diria que estas duas são masculinas; a de baixo demonstravelmente, por ter bigode e/ou barba.

Quase podemos dizer, substituindo *coluna* por *tronco* (anatomicamente a substituição é plausível): o tronco tem duas “faces”. E é bem assim, funcionalmente: o tórax e os braços são a raiz da respiração e da ação voluntária; o abdômen, bacia e pernas são o visceral, o instintivo e o automático. Lá no tórax, reside o espírito, enquanto vento (respiração) e enquanto deliberação (ação intencional). Embaixo, na bacia, mora a distinção biológica primária entre o feminino e o masculino; no abdômen, o “eu” visceral; nas pernas, o apoio automático a toda ação.

É realmente importante distinguir um do outro — para integrá-los. Jorge certamente os confunde ou confunde-se dentro deles.

“Quem sou eu?” Não há dúvida: Jorge precisa aprender a reconhecer bem a “fisionomia” do tronco.

Voltemos ao desenho. Primeiro, uma indicação para o leitor. As duas silhuetas que estão na sombra, tivemos o cuidado de distingui-las *acrescentando ao desenho duas semirretas A e B*, cada uma delas em correspondência com uma das faces. Cobrindo-se a metade horizontal da figura definida por uma das semirretas, a outra face aparece bem; e vice-versa.

Atentemos para a mulher da coluna.

Ela não tem braços — nem lugar para eles; seu tórax é igual à cabeça em volume — portanto muito pequeno. No plano do diafragma está um rolo de pedra. Aí estão os sinais de respiração inibida, em paralelo com os demais desenhos. Aí, ainda, os sinais de “tórax mal concebido”.

A metade inferior do corpo é geométrica e decorativa. Aí vão o abdômen e a bacia concebidos de forma análoga à do andaime do escultor (rígido, pétreo, sem vida).



Quem conheça cariátides clássicas logo reconhecerá a mulher da coluna. A existência de um modelo pré-existente — que Jorge conhece com certeza — subtrai valor à nossa interpretação?

Muito pouco. Mesmo que não tenha inventado metade do desenho, foi ele que escolheu esta figura e sua ordem na série. A presença da sombra anômala é inteiramente original e *retira da figura conhecida* seu caráter usual; mostra, dito de outro modo, que uma figura clássica *foi usada* de modo original.

Na entrevista seguinte alcançamos o ponto que é a razão teórica desta saga existencialista — “quem sou eu?”

Jorge chegou bastante constrangido e embaraçado. Só uma disciplina excelente o levou a dizer o que disse.

— Dr... esta semana... pensei... ou imaginei... alguma coisa... anormal. Continuei a me sentir mulher... em parte. Mas não imaginava direito. Pensei em *fellatio*... em agradar ou aproximar o pênis e a boca...

Deixei-o tranquilo um bom período, para que ele se refizesse da confissão, visivelmente muito penosa.

— Sonhou?

— Sim. Desenhei meu sonho (fig. 7). Eu passeava na rua — envergonhado — só com uma camiseta.

Image

Lembrar-se-á o leitor que a “mulher” começou como movimento misto, insinuante e acanhado. Este sonho sugere que tal movimento, previamente sentido — em certa medida — como estranho, começa agora a ser tido como próprio. Dir-se-ia que a mulher está “possuindo” a Jorge.

Veja-se o tema tórax/bacia em nova forma. A camiseta define o tórax e há, ante a percepção interna, uma viva distinção entre o coberto (camiseta) e o descoberto (bacia/pernas). A camiseta inclui os braços e até as mãos, confirmando o que antes dissemos da relação mãos/tórax.

Repare-se nos braços. Parecem mangas da camiseta — sem braços dentro. O tronco bem empertigado. Os genitais mal integrados à figura. As pernas e a marcha têm algo de trôpegas — ou de embriagadas. *Mas a figura para de pé*, sugerindo que alguma espécie de integração foi conseguida entre ombros-braços-tórax e bacia-pernas.

É difícil dizer algo sobre a sua expressão. Ela parece algo flutuante; nem vergonha, nem receio. Sonambúlica.

Sonambúlica é uma boa descrição, não só da figura mas de Jorge também. Observado com finura, não seria difícil ver nele um certo alheamento persistente, um certo modo de quem está sempre de lado. Creio que sob esta forma — difícil de dizer mas não tão difícil de ver — existia nele, de modo permanente, o estado segundo.

Julgo ver, no desenho em exame, um certo autorretrato de Jorge no mundo; ou de *meio* Jorge. A outra metade aparecia no seu jeito de formalista empertigado, adaptação, afinal, igualmente automática ou “sem-espírito” ao mundo dos usos e costumes cotidianos.

Na figura 8, vê-se uma mulher nua e sentada. Basta um pouco de boa vontade para perceber que esta mulher também tem uma “fisionomia” no tronco. Como na outra, chama a atenção a *ausência* de braços. Notável outra coincidência: na “face” do tronco, tanto numa, como na outra figura, a *boca* corresponde aos *genitais*. *Vai aí a transição para a “fellatio”*.



Mas é inegável que esta figura se mostra melhor acabada que as demais. Mesmo a falta de braços mal é sentida, tal a pose da figura e a quase beleza do torso. Note-se o ângulo das nádegas; compare-se este ângulo com o triângulo não desbastado da estátua. Note-se, enfim, que o pior acabamento é o das pernas — mal definidas.

Aqui também há um olho — esforço para ver, para ver bem, para distinguir. O olho não está numa face, mas sim num retângulo. Não estaria *num espelho*? Não seria a “reflexão” a que já aludimos? Falhando na tentativa de ver o corpo dividido, Jorge tentou separar os olhos do corpo. Pergunta: este olho não sou eu também, o terapeuta? Não espera o paciente que eu o veja diferentemente de como ele se vê? Não se realizou sua esperança no caso da moça viva que abraçava o rapaz desajeitado? Ele fez o desenho temendo que fosse “coisa feia”; eu pude persuadi-lo de que era bonito.

— Dr., aqui (fig. 9), eu procurei representar, meio estilizado, o que estava imaginando. Fiz primeiro o perfil do rosto; depois o pênis, mas em minha mente ele estava num segundo plano, com os testículos escondidos pela face; no fundo fiz a chama da vela, mas imaginei que o

pênis estava escondendo o corpo da vela. Vendo os três objetos com um olhar horizontal, a superposição daria este desenho.



Aceitei de todo a descrição do paciente — que, antes de mais nada, é um modelo de honestidade intelectual.

Depois, porque este desenho é visivelmente impróprio para representar uma *fellatio*.

Enfim, guiado por Jung, nunca parto do princípio freudiano do disfarce inconsciente. Se o paciente me diz que é assim — e se eu aprendi a acreditar nele — então é assim e daí devemos partir.

Aliás, no caso presente, acreditei também devido ao cunho exótico da descrição; porque inventar tal história engenhosa, se o mais embaraçoso já havia sido dito?

Sigamos, pois, a descrição de Jorge.

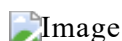
Três figuras independentes, adequadamente superpostas, geraram esta imagem: um perfil de rosto, os' genitais masculinos e uma vela acesa. No perfil do rosto, a sobreposição interessa apenas à boca.

*Este era o modo habitual de Jorge ver as coisas.* Seu “ponto de vista” era sempre peculiar, devido às curiosas sínteses que lhe surgiam na mente — *por superposição*; desta nascia a inclusão e a exclusão. Os elementos dos objetos capazes de compor uma figura eram “verdadeiros”; os que não podiam ser incluídos nela eram “falsos”. Não sei descrever melhor este processo; ele surge em mim proveniente antes de uma intuição obscura que de uma observação de fatos bem isolados. O pensamento de Jorge — seu “espírito” — vivia escondido. O que *ele dizia* era sempre razoável e sensato — apenas e demais. O que de fato ocorria em seu íntimo nem ele sabia dizer ou perceber.

Em plano mais superficial, podemos dizer que o desenho ilustra outra peculiaridade — demasiado humana — de Jorge. Não obstante suas dificuldades de vida, Jorge achava sempre ocasião para enunciar “suas” verdades e julgamentos acacianos, modelos de Ordem e Progresso. Está no desenho: o pênis sai da boca e usurpa a luz de uma vela invisível. Jorge fala verdades “vivas” e “luminosas” — que não são dele — nem são vivas, tampouco luminosas.

É fácil perceber que o pênis parece *sair* da boca. Não sei por que — depois soube — este desenho me fez recordar vagamente uns versículos do Apocalipse, nos quais se fala de uma espada que saía da boca de alguém — de um Arcanjo?

Quando vi o desenho seguinte (fig. 10), tive um choque de surpresa. Faço questão de assinalar este choque. Foi ele que me levou ao *flashback* ao qual aludi páginas atrás. Até o momento eu não havia imaginado nada relativo à respiração; como o leitor pode supor, tendo em vista este estudo e outros publicados por mim, tenho sempre em mente o problema respiratório. No entanto, dentro da sequência descrita, nada me havia ocorrido a respeito. Só ao ver esta figura é que pressenti tudo o que atrás ficou dito e tudo aquilo que a seguir se dirá. Na verdade, boa parte dos reparos prévios sobre respiração foram salientados por mim *durante* a redação — a bem do leitor e da teoria. Se o leitor acompanhou com cuidado minhas descrições, deve ter notado o original sob os acréscimos. Há mais reparos sobre percepção e forma do corpo *em geral*, do que sobre a respiração em particular.



Temos na figura 10 um agudo anticlímax que leva — quase dramaticamente — de uma chamada perversão sexual à respiração.

— É um *narguilé* — diz o paciente. Muitas vezes imaginei que seria agradável usar esta forma de fumar; também me preocupei em saber como se conseguia o resfriamento da fumaça — mas não achei explicação.

O paciente não fuma. Nada disse a ele na ocasião, sobre a estranheza que sinto agora ao considerar o fato.

— Você acha que este desenho se relaciona com o anterior?

— Não sei... não vejo como.

— Refere-se a pôr algo na boca, não? Um tubo, qualquer coisa.

— **É!**

Muita surpresa no “É”!

— No outro desenho o pênis *saía* da boca, não? Como se o movimento fosse *para fora*.

— É.

— Quem sabe o rapaz está perdendo a posição de aspiração crônica e está começando a alternar movimentos do tórax; começando a respirar, em suma. *A “fisionomia” e a “expressão” próprias do tórax, cuja forma varia continuamente, dependem dos movimentos respiratórios. Como varia a sombra ao variar a posição da vela...*

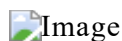
— É...

— Mais: a respiração é aquilo que “mantém acesa” a vela em nós, que nos mantém vivos, que mantém em nós aquelas combustões orgânicas que são a própria essência da vida. Há fogo na base do *narguilé* (no original, na base do aparelho que estava desenhado em azul, havia rabiscos vermelhos).

Mas algo faltava no desenho: a fumaça do *narguilé* não estava sendo inalada, mas apenas subia para o ar. Não acontece assim no aparelho real, que não faz fumaça para fora. Além disso, se observarmos com cuidado, veremos que o *narguilé* provavelmente está *no ar*; repare-se o *tapete* que marca a perspectiva do chão e o fato aparece. Em nossa hipótese, o *narguilé* representa o pulmão. Portanto, é justo que esteja no ar. Note-se ainda a agradável naturalidade da figura humana — cujo rosto lembra o do paciente — e compare-se esta naturalidade com as demais figuras vistas. Quanta melhora! Nada obstante, os braços — em detalhe — se articulam mal com o tronco; todo o tórax está isolado do abdômen (bloqueio diafragmático); as pernas têm acabamento precário. Vê-se que, embora melhorado no conjunto, os velhos defeitos subsistem. Apenas, estão melhor integrados.

Mais um pormenor merece registro: os olhos observam o tubo do *narguilé* — parecendo estudá-lo. Os olhos — os olhos exóticos das demais figuras — agora estão “no lugar”.

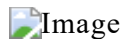
O paciente havia feito a seguir a fig. 11. Esta é definitivamente uma representação adequada de um desejo ou iminência de *fellatio*. Mas há aqui — na face — algo que já havia na outra: a asa do nariz está acentuada demais, como sucede com a pessoa que *inspira* com força ou que *anseia* com força. Também a posição dos lábios, tanto como na outra, é peculiar: são lábios prontos para sugar algo *fino*. Também podemos imaginar, invertendo a direção da ação, que os lábios, como os de Deus ante Adão recém-feito de barro, estão em posição de *sopro*.



Agora Jorge está disposto a receber o pênis — *a ter sua boca fecundada*. Posso dizer que pênis e vela estavam muito ligados na mente do paciente; havia seus exercícios com a vela; e muitos desenhos aproximando ambos; há, enfim, uma coerência tradicional entre os dois elementos. Classicamente o pênis representa a força criadora masculina em sua forma a mais direta e primitiva — táctil, substancial, tensa e prazenteira. A vela, pela forma e pela luz, sempre representou a força masculina “espiritual” (invisível!), intelectual, aquilo que ilumina e orienta. Lembra-se leitor, de claro (declarar, proclamar...)? Lembra-se de orientar (tão ligado ao nascimento e à boca)? Cuidado, pois, com as perversões sexuais. Elas se ligam, todas, com regiões do corpo particularmente vivas e significativas. Seria ingênuo — talvez maléfico — entender estas ações apenas pelo seu valor prazenteiro.

Pode ser que nelas se contenham relações inusitadas, sim, mas ao mesmo tempo significativas e valiosas. Todo o cuidado que dedicamos a *esconder* estas coisas nos faz pensar logo em tesouros, porque só o muito valioso se esconde — de medo. O valor escondido pode ser positivo e negativo — é discutível. Mas é valor. Força.

Novo anticlímax na figura 12.



— Fiz primeiro a mulher com os braços assim. Depois imaginei a cruz.

— Volta a “fisionomia do tronco”, não acha?

— Acho; fiz de propósito também. Como a boca estava em posição de sofrimento (cantos para baixo), fiz os genitais em posição de riso (cantos para cima).

— Os braços estão esquisitos. Dão a impressão final de estar a mulher meio sufocada por eles, que envolvem o pescoço como um “boá”, não acha?

— Acho.

Os braços — quase podemos dizer — estão trocados de lado. O tronco está razoavelmente bom e definitivamente “de frente”. As pernas quase se confundem com a base da cruz.

Parece fácil apreender o sentido do conjunto: a espontaneidade (mulher) presa ao convencional. O sofrimento do paciente durante este

período nascera de movimentos coleantes que ameaçavam seu formalismo. Ainda: seu sofrimento ligava-se ao “nascimento da mulher”, isto é, ao nascimento da capacidade de desejar e receber, de ser fecundado — e gerar — criar. De criar a si mesmo. Re-criar-se (o escultor!). Jorge recreava-se recriando-se... Quero dizer: brincando de movimento e de desenho (recreações — divertimentos), Jorge recriava sua personalidade — transformava-se.

Por que sofre crucificada esta mulher?

Vimos que os sentimentos do paciente eram, antes, inversos; seu modo de ser convencional estava angustiado e perplexo ante os primeiros movimentos da mulher que nascia. Poderíamos dizer: a cruz estava assustada com as contorções vivas da crucificada. É que seu convencionalismo o levava a entender tudo errado.

Não o condeneis precipitadamente, leitores. Vós que lestes meus reparos sobre perversões sexuais, provavelmente haveis rido à socapa de minha ginástica intelectual bem intencionada.

Ora! Perversões são perversões! Porcarias gostosas!

O paciente, mais tímido, pensou algo igual e inverso: Nossa! Que coisas sujas me vêm à cabeça! Como posso pensar semelhantes coisas!

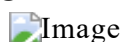
Não via Jorge — como não vêm tantos — sua *incapacidade de ser influído* pelo aqui e pelo agora, protegido que se sentia por espessa capa de pré-noções, todas discutíveis, todas excelentes para conservar intacta a múmia, para isolar o íntimo vivo, do presente que flui. Disse que não obstante sua grave problemática pessoal, Jorge tinha muito de julgamentos dignificados e decisivos sobre muita coisa. Sempre “sabia o quê pensar” disto ou daquilo. (O “Grande Espírito” — as palavras que são o lugar-comum de todos — o guiava.) Agora Jorge era desafiado, pelo seu pequeno espírito, a rever suas convicções. Ou ele descobria um novo sentido para a *fellatio* ou teria que julgar-se um “tarado” e assim viver. Na verdade, Jorge há muito havia escolhido esse caminho. De há muito tinha-se na conta de perverso, de homossexual e misógino.

Não obstante, contrariando seu modo habitual de ser, instruído pelo nosso método — o de fazer ou imaginar a sério aquilo que “nos vem” — Jorge progredia apesar seu. Não deixou de pensar o que estava em

sua mente, nem de sentir, fazer e desenhar. Pôs-se a favor de seu pequeno espírito, e este aos poucos foi se revelando maior do que parecia no começo.

A fig. 13 repete a transição da figura 9 para a 10, agora ampliada e integrada no que importa: a mão segura algo e a boca sopra. Formam-se borbulhas no líquido, do *narguilé* sai algo — vapor? — e no seio deste algo se desenha uma figurinha de lenda: a alma. Visivelmente a figura ressurreta da crucificação prévia; os mesmos braços e pernas afilados, quase a mesma atitude.

Veremos que alma, de ANIM, significa sopro, vento.



*Temos aqui representado o nascimento da alma — o início da consciência da respiração. A “coroa” da figurinha, como os rabiscos sob o vaso, novamente estão em vermelho, contrastando bem com o conjunto, todo ele azul.*

O “abraço” que iniciou toda esta série de transformações, e que representava um entrave respiratório, foi vencido. Mas foi vencido por obediência, não por oposição. A expiração é o que sucede quando alguém nos abraça com força. Ela — a que abraça — expira por nós, nos “esvazia” de ar. A oposição ao abraço é a inspiração crônica.

*O paciente tem sido inspirado continuamente, no desenho e na movimentação espontânea; tem sido levado de uma coisa a outra por um espírito — vento — “que sopra onde quer”. O paciente tem seguido esta influência interior com fidelidade modelar.*

Podemos dizer, bem simplesmente, que Jorge reconquistou a capacidade de se deixar levar, de improvisar, de ouvir seus anseios íntimos. Antes Jorge era uma soma de regras e preconceitos — provenientes do Grande Espírito — pelos quais ele procurava moldar-se. Sempre havia, no grande código, respostas feitas. Seria perigoso ouvir a própria alma — ou ocioso. Por isso, tendo-se feito inimigo do próprio espírito, Jorge terminou perseguido por este — sua personalidade segunda, seu outro eu. Acontece que o “outro eu” era sua própria individualidade. A conclusão paradoxal se impõe: o “outro”, a rigor, *era* Jorge, sempre ao lado. Quero dizer isso: o que Jorge tinha na conta de mais seu — ideais e regras e conduta consciente — na verdade era não seu; era “os outros”. Foi preciso andar um longo



caminho antes de perceber que até então vivera o personagem errado — aquilo que o “grande clamor” exigia dele. Então deixou — está deixando — de ser um personagem e começou a ser uma pessoa — gente.

Na terceira entrevista houve mais dois fatos importantes.

— Sonhei que estava com uma jovem agradável; estávamos nus e deitados, ela sobre mim. Nosso convívio era muito bom, — muito íntimo. Embora não houvesse intenção sexual imediata, havia ereção em mim. Sabe, Dr., esse sonho me fez muito bem. Diante de minhas inclinações homossexuais, este sonho foi muito bom. Acho que nunca me senti tão bem com uma mulher. Depois, ela se apoiou nos cotovelos e seus seios tocavam meu peito; era bom, mas era também aflitivo. Depois ela disse: se tão pouco como isso que estamos fazendo te faz esquecer tantas coisas más, por que evitá-lo?

Veja o leitor a excelente relação do paciente com sua respiração — com sua alma. Só no momento em que há uma aspiração mais ampla — seios que tocam seu tórax — ou quiçá uma aspiração mantida (a moça que se apoia nos cotovelos), só então o paciente se aflige. No mais, contato amplo, macio e elástico de corpos e de *tórax*, como sucede na ação real que o sonho reproduz.

— Seguindo o que sempre fizemos aqui, procurei um *narguilé*, mas não o encontrei ainda! Em lugar dele, usei um tubo de plástico e senti uma emoção muito profunda ao conseguir dirigir a fumaça de um defumador à custa de meu sopro. Sei que o fato é natural, mas mesmo assim maravilhava-me continuamente ao ver a fumaça seguir docilmente a minha vontade.

A fumaça, como os espelhos e as sombras, era o terceiro objeto de fascinação do paciente. Ele a havia desenhado inúmeras vezes. A variação de forma da fumaça — quem sou eu? — o prendia e assustava.

Agora estava aprendendo a “moldar” a fumaça, com o sopro de sua respiração. Percebia que este sopro era assaz poderoso para transformar as coisas — se inspiração houvesse.

“Eu sou aquele que transforma — o homem.”

“Eu sou aquele que se transforma — o homem.”

É hora de recordar coisas de filogênese. Nos vertebrados, a primeira forma de respiração foi a *branquial*; para executá-la o peixe deve “beber” água continuamente. Desse modo renova-se o líquido em contato com as brânquias.

Também entre os anfíbios, já dotados de pulmões, a respiração se faz, na maior parte deles, à custa de deglutição do ar; os músculos respiratórios são orofaríngeos. Peixes e anfíbios “engolem” ar...

Por isso, quiçá, suas aspirações são tão modestas... Os répteis, já capazes de aspirar o ar por expansão do tronco, têm de peculiar o fato de permanecerem a maior parte do tempo com a glote fechada.

Terão estes fatos algo a ver com Jorge e sua maneira aparentemente tão exótica de representar a respiração?

Provavelmente sim.

A estrutura da faringe e seus famosos arcos branquiais tão semelhantes na embriogênese de todos os vertebrados; a inervação desta região, igualmente arcaica, constante e facilmente homologável em todo o *filum*; enfim, o fato de nascerem os órgãos respiratórios todos e sempre da faringe; tais, tantas e tão fundamentais ocorrências, ligam indissolúvelmente ingestão, deglutição e aspiração; provavelmente são tais ocorrências os pré-requisitos necessários à aptidão fonadora do homem e a sua capacidade de verbalização, a tantos títulos notáveis, capazes de exprimir simultaneamente alma e espírito do vivo, letra e música.

Na agonia e no desespero, movem os homens os lábios, a mandíbula e a garganta, “como peixes fora da água”.

Aquela que lutava contra o espírito, centenas de vezes eu a vi tentando *engolir o ar*, enquanto seu tórax se mantinha petrificado. Vezes outras, foi necessário respirar por ela e para ela, pois a rigidez do tórax se somava ao espasmo laríngeo inacessível à vontade.

Jorge, sem ser esquizofrênico, era um moço bastante esquisito.

Conhecendo-o bem, pouco ou nada me custa acreditar fosse ele vítima de fenômenos semelhantes aos da outra paciente.

A base neuromuscular para tais sensações e representações é universal.

Esta comunidade tão difícil de desfazer, certamente contribui para o fato de Freud não separar ingestão e inalação; Luís também não

separava.

Mas há algo além das insinuações filosóficas dos desenhos.

É a boca que molda o sopro respiratório, e assim nasce a palavra — que cria, destrói e transforma.

Estes desenhos prenunciam, entre outras coisas, a compreensão do “espírito” da palavra, que é a respiração. Daí minha recordação importuna relativa ao Apocalipse.

Por mais limitada e incerta que seja, a palavra é a essência da civilização, da lei, do contrato, da promessa e da esperança.

A boca molda o espírito e assim nasce a palavra, que influi sobre o espírito.

Por isso, o paciente confundiu pênis, vagina, boca, respiração. Também o pênis cria — ao entrar em relação com a vagina — e esta é a criação primeira do homem, a mais “natural” e a mais antiga.

Ele desejou ter um pênis na boca. Ele precisava criar a palavra que anima — que vivifica. Até hoje usou todas as palavras *contra* si, homossexual, misógino, perverso, marginal, alienado. Nele falava e o condenava, pela sua voz e pela sua respiração, a voz de todos, que é voz de ninguém. Agora vai nascer sua voz e sua palavra, sua definição de si, de seu espírito.

“Quem sou eu?”

“Eu sou aquele que é.”

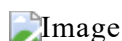
Eu me crio a cada instante — se houver inspiração. E me destruo a cada instante — se expirar de todo. Nem criação, nem destruição; transformação contínua. Basta estar vivo. Basta respirar.

Os desenhos seguintes não fazem parte da sequência, não foram desenhados em ordem e figuram aqui por incluírem símbolos especiais relativos à respiração.

O mais simples de todos é o da fig. A. O desenho representa uma crise de ansiedade, pois a respiração abdominal é, nas circunstâncias do desenho, de todo impossível. Além disso, o polegar da mão que constringe e, supõe-se, o anel de constrição máxima, se põe diretamente sobre o anel de inserções do diafragma.

 Image

Na figura B vemos confirmação de quanto dissemos sobre este caso e sobre o caso de Luís. O espírito ou a alma estão representados claramente como perfume ou odor. De um vidro de perfume (odor) emerge uma figurinha feminina na certa semelhante à que saía do *narguilé*, ainda que incompleta. O vidro de perfume está, ele também, sobre um quadrado definido, alusivo ao tapete da outra figura — talvez. Este desenho, com a tampa do vidro ao lado, nos faz pensar logo nas famosas lendas orientais com gênios todo-poderosos presos em garrafas e que, ao serem libertados, satisfaziam a um ou mais desejos do eventual libertador. Nestas lendas o fim do libertador é quase sempre mau e ele tenta aprisionar de novo o gênio dentro da garrafa. O sentido da lenda, enquanto se pode concebê-la como respiratória, é um, ou ambos, dos seguintes: respirar com força (gênio que escapa) dá muita força e nos torna capazes de realizar o que desejamos. O fundamento desta parte da lenda talvez esteja na observação de que pessoas em exercício violento respiram com força e ruidosamente. O outro sentido é que as palavras que “soltamos” podem ter um efeito incalculável, podem “realizar” nossos desejos como podem nos complicar irremediavelmente. Quantas vezes, como o libertador do gênio, desejamos todos fazer voltar nossas palavras para dentro da garrafa, isto é, do pulmão! “Vou fazer você engolir o que disse.”



Na figura C só nos importa o pequeno castelo de cartas. Como se destrói um castelo de cartas? Assoprando. Mais do que isso: se um castelo de cartas for grande ou mal construído, ele desmorona mesmo sem querer — se respirarmos descuidadamente perto dele. A figura pode, dentro desta ordem de ideias, ser compreendida como uma ordem, “respire com cuidado!” ou, mais simplesmente, como expressão do cuidado inconsciente com que o paciente respira. Ele respira sempre — sempre? — como alguém que teme desfazer um castelo de cartas. Seria fácil e tentador ver no castelo de cartas o mundo da fantasia. Mas o mundo da fantasia é feito de imagens e de sentimentos, que não parecem depender imediatamente da respiração. Já se pensarmos no castelo de cartas como representando um sistema *de ideias* ou uma filosofia de vida *verbalizada*, então podemos imaginar que a respiração possa influir sobre o castelo, pois a palavra depende da respiração.

Confirmação indireta deste modo de ver temo-lo na linha pouco compreensível que continua a frente do perfil humano que figura no desenho. É uma continuação *da frente* que parece querer incluir o castelo de cartas *na cabeça, como se ele fosse uma ideia*.

Image

Na figura D temos peixes. Õ peixe, ante apreciação ingênua, não respira. Aliás, para o primitivo, o peixe devia ser um enigma, na verdade um habitante de outro mundo, pois os seres humanos — que são vivos como os peixes — na água se afogam. O peixe pode representar aquilo que em nós ainda não respira, isto é, desejos tolhidos e palavras que não queremos ouvir ou que impedimos se formem em nós. Aliás, esta é mais ou menos a interpretação que muitas vezes se dá aos peixes quando eles aparecem em sonhos ou como símbolos culturais (Cristo era simbolizado por um peixe). Peixes são também coisas por vir, aquelas que estão se formando mas que ainda não respiram, como o feto no ventre materno, ou como os pensamentos que estão se gestando em nós e que ainda não foram dados à luz, que ainda não são claros — que ainda não foram verbalizados.

Image

Na figura E temos uma estátua (deve ser uma estátua pois que está em um nicho) e seu reflexo na água. Como pode haver respiração na estátua? No nicho? Na água? Afogamento triplo!

Não é à toa que a figurinha feminina se prepara para mergulhar; na certa vai salvar seu ídolo.

Image

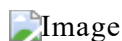
Mas o desenho tem mais. Ele é outra variante do tema “reflexão” pois a água foi o primeiro espelho que o homem conheceu, um espelho deveras natural. Mas a imagem que a água reflete muitas vezes se deforma — como a do desenho — quando a água se agita, o que não acontece com a imagem do espelho propriamente dito, aquele feito pelo homem. O espelho fabricado proporciona uma reflexão estável, digna de confiança... Já a da água é fluida, instável — não se pode contar com ela... Mas é bem capaz que a reflexão viva, que se produz na água, seja mais fiel à reflexão e à realidade do que a reflexão invariável — isto é, rígida — do espelho. O espelho reflete sempre

uma teoria, isto é, uma verdade já ultrapassada — uma imagem *fixa*. A imagem refletida pela água, como a sombra — que o paciente tanto ama — são duas representações complementares do espírito (a primeira é o vento e a respiração): são “coisas” com plena aparência de realidade, isto é, não são invisíveis como o vento. Mas são tão insubstanciais quanto ele — ou tão caprichosas. Basta entrar numa sombra maior para que minha sombra desapareça. Basta agitar a água para que a imagem refletida se desfaça. As duas são insubstanciais, as duas são intangíveis, as duas são imponderáveis e, enquanto aparências verdadeiras apenas para os olhos, comportam-se de forma radicalmente diferente das coisas materiais. São o que faltava para que o primitivo e a criança pudessem conceber a noção de espírito, que de regra é invisível, mas às vezes se faz visível — mas então é insubstancial, “não material”. As sombras e os reflexos, como os anjos, são na verdade puros espíritos... Na figura, a imagem é rígida, mas seu reflexo na água está deformado. A água está em movimento.

A água é o inconsciente, todos os livros de sonhos dizem assim, tanto os eruditos como os esotéricos.

A água é aquele lugar em nós onde a respiração não existe ou ainda não pode se fazer. Se recordamos os peixes há pouco discutidos, logo compreenderemos estas coisas. A água, ouso dizer, é quase que especificamente a representação simbólica mais comum do diafragma. No paciente há respirações — anseios — em preparação, querendo se formar. No paciente há uma alma em formação.

Na figura F temos outro objeto incompreensível de lenda oriental, o tapete voador. Como pode um objeto material permanecer e se mover por si no ar? Se conseguirmos uma percepção clara de nossa respiração tranquila, ela nos aparecerá exatamente assim, como algo “no ar”, “suspenso”. Como o pulmão pode muito bem ser comparado a uma bexiga de borracha que se enche e se esvazia “sozinha”, aí temos a imagem visual correspondente a sensações que podemos experimentar quando nos pomos a perceber a própria respiração. Daí, ainda, a sensação de *suspense* ligada a filmes; trata-se de cenas visuais capazes de *fazer parar a respiração*.



Convém assinalar esta característica da respiração. Todos os nossos movimentos, exceto os respiratórios, vão para algum objeto, estão “presos” a alguma coisa. Quando não, então estamos “presos”, seja ao solo, quando de pé, seja ao assento de uma cadeira, se sentados, seja a uma cama, se deitados. Mas sempre em contato com planos de apoio, sempre presos e “atraídos” para baixo pela força de gravitação.

A respiração se faz sem apoio nenhum, ela é de fato uma flutuação pura, uma pura onda, sem ponto ou eixo de apoio, e por isso um processo de fato “sem começo nem fim”.

O tapete voador é uma representação direta e sintética desta análise fenomenológica.

Como se não bastasse o tapete, que mais temos no desenho? Uma mulher *suspensa* de uma corda e um rosto humano a contemplar, na certa em *suspense*, os dois fatos analogamente estranhos.

Em baixo uma mesquita, com dois minaretes. Sabemos que os minaretes são altos para que os muezins, nas horas prescritas pelo ritual, possam convocar os fiéis a fazerem suas preces. Para que as vozes dos ministros do espírito possam alcançar bem longe; para que a mensagem divina possa ser transportada pelo vento...

Na figura G temos duas representações claras da respiração: cortinas, que “vivem” quando o vento as agita — como nós; e uma mulher borboleta, na certa construída para que os movimentos de voo — iguais ao da respiração — possam não só se fazer, como se fazer muito amplamente.

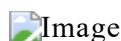
 Image

Na figura H temos a mulher voando, na certa porque adquiriu asas de borboleta... Creio que todo desenho rítmico como esse, que reproduz periodicamente a mesma forma, pode e deve ser tido como simbolizando a respiração, pela razão óbvia de que esta é o fenômeno rítmico mais perceptível e observável que todos os demais fenômenos orgânicos, e o mais vital.

 Image

A figura I ilustra o mesmo estilo com outras formas, agora de aves, o que acentua o cunho respiratório do desenho. Há também uma face com olhos esbugalhados contemplando as aves — talvez a mesma face que contemplava o tapete voador — e há duas mãos, as duas muito

estranhas, pois uma é esquelética e a outra é uma luva. Significará este desenho a incapacidade do paciente de controlar sua respiração, estando nas mãos, que não são mãos, o retrato de sua incapacidade de atuar? Por que os olhos esbugalhados? Se for verdadeiro que o paciente percebe (está vendo) sua respiração, mas não consegue controlá-la, então ele sentirá as coisas como se *outros* controlassem seu respirar e isto é muito aflitivo. Quem controla minha respiração controla minha vida. Talvez por isso as “aves” parecem morcegos. Não será este o núcleo de toda angústia?



### O ADVOGADO

**Sonhei que me prendiam por um crime. Eu não havia cometido nenhum. Na companhia de vários companheiros mal-encarados consigo fugir da prisão. Volto para minha terra e para minha casa. Meu pai diz que não adianta ter fugido; faz-se preciso regularizar a situação e passamos a combinar coisas com um velho advogado. Entre a casa dele e a minha havia um túnel e assim eu evitava ser visto. Minha fuga foi tosca. Na prisão trabalhávamos empurrando troncos ladeira abaixo a fio comprido. No fim da ladeira, ao longo da qual os troncos deslizavam, havia uma curva fechada na pista, junto à cerca. Descemos sobre um tronco e na curva fomos arremessados por sobre a cerca e fugimos.**

O advogado do sonho era uma pessoa conhecida, extremamente cacete e conservador além de todo o limite. Um velho. Apesar disso, sua relação com o paciente era, dentro das circunstâncias, a melhor possível. Manifestava por Antônio — chamemos assim ao meu paciente — muita admiração e bastante afeição.

Dou voltas ao sonho acompanhando e acompanhado pelo paciente, que é assaz sensível para estas coisas e bastante inteligente. Nada encontramos de novo na estória. Ele vive sempre assim, sentindo-se um misto de prisioneiro, criminoso e fugitivo.

É vítima sobretudo de sua razão. Sempre encontra razões para não tomar nenhuma iniciativa renovadora — quando se “decide” a fazer algo; sempre acha razões para iniciar alguma nova linha — quando está parado. Mestre em fazer e desfazer o que não está feito nem desfeito. O velho advogado do sonho é exatamente a figura adequada para



representar este seu modo de ser — uma inexistência trabalhosa, como a de todo conservador.

Aos poucos, demorando sobre o tema, apuramos semelhanças outras entre sonho de um lado, e, de outro, a voz e o dizer do sonhador.

A música de sua voz é grave, monótona, misto de sermão e lamúria (juiz e vítima). Seu modo de falar — sua sintaxe — mostra claramente a construção típica da peça advocatícia. Tudo o que ele diz é bem dito e baseia-se em fatos bem observados. Mas nunca é constatação simples e sim um sempre usar da verdade para justificar-se ou para provar inocência ante coesas de vida que *não aconteceram*. (Crime não cometido, diz o sonho — tão merecedor de prisão como um crime efetivo.)

Queixa-se Antônio amargamente — e acusa-se — por tudo quanto não fez e não faz a fim de romper com sua vida enfadonha e sem sentido. Outrossim, sua vida é, vista por fora, não apenas satisfatória, como até bem sucedida.

Nenhum prazer maior, nesta vida, do que julgar a si mesmo — nem que seja para condenar-se, aprisionar-se e fugir depois — para recomeçar tudo outra vez daí a pouco.

É dramático.

Nada como inventar engenhosas não razões para explicar lindamente fascinantes não ações.

É vertiginoso manipular o nada.

### **CONCATENAÇÃO**

**Sonhei com uma casa na obscuridade. Paredes e teto sem chão. Uma escada erguida no ar. Uma escada que em nada se apoia e em nada termina.**

**Sentada nos degraus da escada vejo com muita nitidez pessoas suspensas no teto por finíssimas linhas. São todas conhecidas, parecem mortas, bonecos, fantoches.**

**Há uma imobilidade total em suas faces, em seus corpos. Há um silêncio de vácuo, como se no ambiente não houvesse nem mesmo ar. Somente eu me movo e flutuo até os fios. Procuro algo cortante, não encontro. Então, num esforço sobrenatural, quebro com as**

**mãos as linhas, de aparência frágil, mas na verdade extremamente resistentes.**

**Em mim não existe nenhum sentimento, nenhum medo. Ao vê-las cair experimento uma imensa sensação de volúpia.**

Da escada observo as quedas até que desapareçam, num espaço infinito.

Este o sonho, conforme registrado pela própria paciente. Basta este sonho e seu relato para caracterizar o personagem, finamente vivo, agudamente intuitivo, completamente desligado das concepções e convenções comuns. Totalmente fora do mundo habitual.

Contra este fundo de personalidade podemos compreender imediatamente o sonho seguinte.

Retirava da minha boca algo que me incomodava; era uma corrente de ferro, pesada, que eu puxava a custo, não por ela.

Era longa.

Aí temos como a palavra é sentida pelo personagem vivo.

Concatenar ideias e encadear palavras. Catena significa corrente. Personagem tão capaz de perceber os inumeráveis significados das coisas, das situações e das próprias palavras, sente-se oprimida e presa ao ter que... encadear palavras apenas no sentido consagrado pelo uso e pela gramática.

As palavras lhe pesam...

As palavras a prendem.

As palavras lhe dão engulhos, nojo.

As palavras a fazem vomitar... Da boca saía a corrente.

Um sonho nos permite esclarecer o outro. O que se mantém no ar sem chão, preso por fios? Palavras — e suas ligações lógicas ou gramaticais.

O que pode ser uma escada que em nada se apoia e em nada termina? Não é a própria figuração da argumentação? Não é a concatenação rígida? De outra parte, não é a própria representação do momento intuitivo que nunca parece ter base nem propósito mas vale enquanto está aí, enquanto capta aquele momento e a verdade que naquele momento importa?

O grande espaço e o grande vazio que cercam todas as cenas do sonho só podem ser a atmosfera e o vazio pulmonar.

Uma casa sem chão — só paredes e teto. Significado: inconsciência do diafragma, que é o chão do tórax. Bem verdadeira é esta interpretação. A paciente sofria de momentos de pânico extremamente angustiosos, durante os quais seu diafragma permanecia de todo imóvel — a fim de que ela pudesse *não perceber* suas vísceras, a fim de que a força das emoções primeiras e densas não perturbasse a sutileza de sua captação intuitiva das coisas. Mas assim, imóvel, sua intuição apenas captava o pavor da morte por asfixia e o mundo era sentido como um imenso lugar de perigo e ameaça. Nada obstante, um lugar cheio de sentido e profundidade.

### **Luci**

**Sonhei que chegava perto de uma casa e entrava. Dentro havia uma mulher pobre; parecia muito preocupada com o filho doente, às portas da morte. Sabia que eu podia curar esse menino; assim o disse à mãe e depois me aproximei à cama onde estava o menino, sentando-me na borda do leito. Com as duas mãos, eu fazia um movimento rítmico sobre seu tórax, e ele vivia. Depois de algum tempo, comecei a me dar conta de que aquela situação não poderia durar muito: ainda que eu o fizesse viver desse modo, não poderia continuar fazendo assim para sempre. Entra então um homem desconhecido; diz ele também que vai salvar o menino; dirige-se para um piano e começa a tocá-lo, dizendo que a música vivificará a criança. De fato, pouco depois de iniciada a música, a criança levanta-se, perfeitamente bem, e dançamos, eu e ela. No meio da dança, quero mostrar-lhe um passo especial de samba, que ninguém sabia fazer igual, mas ao tentar fazê-lo, fico toda atrapalhada.**

Este foi o sonho. É preciso estabelecer a situação de Luci na época, a fim de colocar o sonho na devida perspectiva.

Luci estava no que poderíamos chamar “o fim da linha”. Um longo trabalho prévio, de vários anos, havia sido relativamente bem sucedido, no sentido de atenuar consideravelmente todas as maneiras, de muitos modos falsificadas, com as quais Luci chegara pela primeira vez ao consultório. Mas, ao invés de se sentir livre, ela sentia-se, agora,

apenas desalentada. No lugar dos velhos motivos que, certos ou errados, a mantinham de pé e em movimento, nada havia capaz de substituí-los, nada capaz de sustentá-la ou inspirá-la.

Não havia um estado melancólico em sentido próprio, nem se faziam notar grandes ou pequenas acusações contra si ou contra os outros. Havia, apenas, um enorme desalento. Para mim, que a conhecia de longa data, esse desalento não era nada novo, mas Luci não o percebera até então, movida que estivera por ideais, desejos ou temores relativamente superficiais que a haviam mantido distraída. Agora ela se defrontava com o desinteresse básico, situado bem no fundo de seu íntimo.

Eu poderia dizer, alegoricamente, a fim de me aproximar desde já do sonho, que Luci estava sofrendo, presentemente, de uma profunda falta de espírito. A situação preocupava-me um pouco, porque ainda via, na frente da paciente, uma apreensão perplexa que havia sido, no passado, um verdadeiro cacoete seu. Embora atenuada, a expressão ainda estava aí. Também em seus lábios havia uma velha expressão má, um certo muxoxo de pouco caso, situado sobre uma certa falta de desenho e definição. Luci era de temperamento bastante arredo, sofrendo de sensação crônica de solidão e isolamento, sentindo dificuldade muito marcada de entrar em contato vivo com as pessoas. Embora tivesse amizades e em seu passado houvesse existido alguns namoros, inclusive chegados, parece que Luci jamais havia permitido que seu espírito sofresse influência de outro espírito.

Ao longo de um trabalho paciente, minucioso e de certo modo agradável, havia se estabelecido entre mim e Luci uma relação pessoal bastante favorável, com elementos de simpatia, de respeito mútuo, de mútua admiração. Devido a esta relação, tanto seu presente quanto seu futuro não me inspiravam grandes cuidados.

Resumi para ela o que aí está e em seguida acrescentei:

— Quando se atenuam em nós os velhos hábitos, quando de algum modo perdemos o velho espírito, temos a consciência clara de que perdemos tudo. Na verdade, tendo perdido o que conhecíamos de nós, aparentemente nada mais resta. No entanto, esta hora, que é o fim, pode ser o começo. Veja bem, *pode* ser. Vezes outras, mais infelizes, é o fim mesmo.

Neste momento me detive, pensando um pouco no que Luci havia feito um mês e meio antes, quando ingerira uma dose crítica de um neuroplégico. Ela sabia que a dose não era mortal. Havia tomado o medicamento com a intenção explícita de “sumir temporariamente”, isto é, de ficar ausente do mundo o maior tempo possível. Na verdade, ficara adormecida quase 36 horas a fio. Apesar disso, ninguém veio a saber do fato, senão ela e eu!

Prossegui:

— Uma nova vida, ou um outro espírito, nós não podemos fazer ideia do que seja. Sendo novo, é desconhecido. Estamos esperando e não sabemos o quê; sentimos presença talvez, mas não sabemos quando ele virá. É difícil viver assim.

Detive-me novamente, e novamente consultei os meus botões. Pareceu-me que o menino doente do sonho, às portas da morte, era justamente a atitude emergente, ainda não percebida por Luci.

Esta atitude, comprometida pela sua descrença desamparada (representada talvez pela mulher pobre do sonho) poderia morrer antes de ter vivido. Se esta ideia tivesse algum fundamento, então a paciente, no sonho, era eu. Posso dizer que muitas e muitas vezes eu havia mantido vivo o espírito da paciente. Posso dizer, na linguagem alegórica e ao mesmo tempo concreta do corpo, que eu havia sido sua respiração, que eu havia tentado insuflar-lhe um novo espírito. Mas ainda quando esta ideia pudesse ser aceita pela paciente, eu sabia que sua descrença e sua apreensão retirariam deste pensamento muito da sua força. Luci não conseguia acreditar — talvez não o quisesse — em um novo espírito; na verdade, ela desacreditava de qualquer espírito. Era preciso, se possível, um modelo concreto para que essas coisas, atravessando as atitudes de descrença e de apreensão, tocassem diretamente os elementos mais primitivos de Luci, ao mesmo tempo mais infantis e mais vigorosos. Era preciso atingir diretamente o menino doente. A mamãe pobre (explicações já tantas vezes feitas — sobre sua descrença), antes atrapalharia.

Pensando assim, convidei Luci a representar comigo a cena do sonho. Primeiro, durante algum tempo, fiz eu o papel do menino, e ela me fez respirar. Não havia grande força nem muito jeito no seu gesto. Depois trocamos de posição e, durante dois ou três minutos, eu fiz com ela

uma espécie de respiração artificial modificada, consistindo na compressão periódica do tórax. Era minha intenção, num ato só, vivificar o menino e proporcionar à paciente a impressão concreta de um novo espírito animando o seu — um novo modelo respiratório. No intervalo destes ensaios, fazia-se muito evidente que a respiração de Luci era ampla, mas extremamente lenta e cautelosa; respirava como se cada movimento, se fosse ligeiramente desviado de sua norma, pudesse desencadear uma catástrofe.

Eu havia usado com Luci, minutos antes, uma comparação clássica. Havia-lhe dito que ela devia estar se sentindo, em parte, como Adão ao despertar. Dada a atenuação dos velhos hábitos, ela devia estar se sentindo no mundo como uma estrangeira recém-chegada, desconhecadora de tudo e incerta sobre tudo. Mas, acrescentara, era possível ver o mundo com grande encantamento também, se não houvesse apreensão (em seus olhos) e descrença (em seus lábios). Ao ouvir seu sonho, logo me pareceu que Luci, assim como o homem da cena seguinte, tinham alguma coisa de divino, desde que eram capazes de curar doenças e ressuscitar um quase morto. Era natural então se combinassem em minha mente a figura de Adão e a ideia de um poder divino. Surgia claro, como consequência, o nascimento de Adão. Não o formar do seu corpo da terra, mas sim o início da sua vida. “E Deus fez Adão do barro da terra, e a seguir soprou nas narinas de Adão, e ele começou a viver.”

Esquematizei estes fatos, sugerindo fizéssemos respiração boca a boca. Ela via entre nós confiança suficiente para que o gesto fosse compreendido exatamente com seu sentido atual; Luci aceitou e começamos. Logo de início, a sua língua fechava completamente a garganta e eu não conseguia vencer a resistência. Preveni-a do fato; ela conseguiu afrouxar esta primeira constrição e o ar entrou sibilando pelo seu pulmão. Quatro ou cinco movimentos assim me mostraram imediatamente que o ar penetrava com facilidade no peito, mas na expiração subsequente — a cargo da paciente e com bocas separadas — o ar era expelido com muita lentidão, devido ao movimento expiratório cuidadosamente dosado. Sem dizer nada, repito mais cinco ou seis respirações e detemo-nos de novo. Logo diz:

“É ruim. É horrível! Tenho a impressão de que estou aspirando o seu ar e que o senhor pode morrer com isto. Que eu estou aspirando a sua vida.”

Consigo mostrar-lhe que sua impressão não concorda com o que está acontecendo.

— Que estamos fazendo exatamente? *Eu* faço sua inspiração e você resiste um pouco — não “quer o meu espírito” ou o teme. Logo depois você o “elimina” cuidadosa e completamente.

Como se vê, esta frase inverte o sentido do sentimento: de “temo prejudicar” para a “temo ser prejudicada”.

Fazemos então mais dez ou doze respirações, agora mais desimpedidas, tanto na inspiração como na expiração; detemo-nos.

Luci parece tranquila, está séria, bastante à vontade. De minha parte, tenho a sensação de ter realizado algo importante. Devo ter me sentido um pouco Jeová!

Há um detalhe do sonho merecedor de melhor exame. Quando imitei o menino, e a paciente fez comigo aquilo que fizera com ele, Luci me mostrou que este se achava deitado sobre o lado esquerdo; ela comprimia apenas a metade direita inferior de seu tórax, ou seja, a região correspondente às seis últimas costelas. Isto me levou a pensar se Luci não apresentava uma assimetria nos movimentos respiratórios das duas metades do tórax. Não posso dizer tenha eu confirmado clinicamente esta representação do sonho. Na verdade, nem me ocorreu fazê-lo; mas em outros casos já pude observar fatos semelhantes, não só com outros pacientes, mas inclusive comigo mesmo. Ou de hábito, ou transitoriamente, respiramos com movimentos desiguais nas duas metades do tórax. Esta deformação, ou forma respiratória assimétrica, eu a acredito comum, mas não é fácil comprová-la com os olhos porque a diferença, regra geral, é pequena. Comprová-la com as mãos se faz suspeito, pois o contato das mãos com o tórax muitas vezes altera a forma respiratória.

Não estou me referindo primariamente a assimetrias respiratórias de causa orgânica, como seria um pleuris unilateral ou uma pneumonia lombar; tampouco devido a causas fisiológicas, como seria uma dor intercostal, ou uma irritação pleural. Estas que aponte, assim como as

que podem aparecer eventualmente na tuberculose, nos tumores de pulmão e em outras circunstâncias patológicas, não nos importam aqui. Das muitas vezes em que observei o fato, não me era dado atribuí-lo a nenhuma destas causas evidentes e grosseiras. Tratava-se de uma diversidade de amplitude respiratória estritamente funcional e, na definição dos antigos patologistas, *sine-materia*. Como disse, este modo respiratório pode ser ocasional, como pode ser um verdadeiro hábito. Podemos então falar, com propriedade, ainda que de modo inusitado, em uma *má postura torácica* e a conseqüente respiração desigual nos dois hemitórax.

Mas isso nos adianta tão pouco como o conceito geral de má postura, tido apenas como um vício ou mau hábito. Tenho para mim que a má postura em geral, e a torácica em particular, devem ser compreendidas à luz da noção de atitude, que tanto se refere à posição do corpo, como à posição mental, interior ou psicológica (W. Reich). Se observarmos com cuidado as pessoas, notaremos que, regra geral, os ombros não estão ao mesmo nível; se pudermos contemplar o tórax da pessoa contra um fundo quadriculado, veremos que uma metade do tórax é, geralmente, mais ampla do que a outra. Excluo evidentemente os casos nos quais a assimetria torácica se deve apenas a um hipertrofia muscular, como acontece nos esportistas que praticam exercícios de predomínio unilateral, como o tênis. Levo em conta exclusivamente as assimetrias tóraco-respiratórias posturais ou funcionais — claro.

Um exemplo nos esclarecerá a respeito de como se formam estas disfunções. Consideremos esta forma particular de desprezo, denominada usualmente “pouco caso”; a expressão característica do “pouco caso” alcança as sobrancelhas, que sobem um pouco; alcança os olhos, que habitualmente olham de cima para baixo e obliquamente; os lábios com o muxoxo característico do enjoo; a cabeça, que se inclina e gira de leve para um lado; os ombros, que se elevam e abaixam num só movimento rápido (dar de ombros). Pode existir um gesto de pouco caso, como pode existir uma expressão crônica de pouco caso. Esta expressão é habitualmente assimétrica; isto é, uma sobrancelha se eleva mais do que a outra; um dos cantos do lábio se abaixa mais do que o outro; um dos ombros se agita mais do que o outro. Pode acontecer, inclusive, apenas de um ombro mover-se. A pessoa que, dezenas, centenas, ou milhares de vezes reagir desta



maneira, pode ao cabo de alguns anos *ter esta maneira cronicamente estampada no corpo*. Este ombro mais alto pode condicionar alguma assimetria respiratória.

Escolhemos deliberadamente um exemplo bastante esquemático; na realidade, as coisas costumam ser mais complicadas do que isto, mas, para o que nos importa de momento, basta este exemplo. Com um pequeno esforço de imaginação, poderemos ver a expressão crônica de pouco caso, como muito semelhante à atitude básica de descrença, ou desinteresse diante da vida. Pouco caso quer dizer “que importa”, “não me interessa”, “não vale nada”.; depois de alguns anos podemos chegar, se a atitude se fizer preponderante, ao “nada vale nada” — nada tem sentido — o “espírito” não existe.

Admitida a correlação pouco-caso/descrença, podemos passar do exemplo genérico para Luci.

Na verdade, Luci não era apenas descrente; era também assustada e acanhada. Um dos elementos da expressão de susto é também um movimento de ombros, que se espremem. Não raro o acanhado move os ombros como se eles fossem os dois extremos de uma manivela: enquanto um sobe, o outro desce, enquanto um avança, o outro recua. Se admitirmos que também os movimentos expressivos típicos do susto e da vergonha, depois de se repetirem milhares de vezes, se transformam em atitude, então já estaremos cercado bem de perto três das atitudes mais importantes de Luci: pouco caso (e/ou descrença), medo (apreensão) e vergonha. Como se vê, várias de suas atitudes habituais convergem no sentido de dar à posição dos ombros e do tórax, uma posição assimétrica. Mas meu propósito, nesta digressão, não era tanto estabelecer as possíveis causas das assimetrias respiratórias, mas sim estimar a influência desta assimetria sobre a pessoa e seus processos mentais; isto é, como poderia se retratar na consciência esta assimetria respiratória.

A respiração desata, continuamente, sensações das quais usualmente não nos damos conta. Dentre elas, destacamos a de “ar frio” no fundo das fossas nasais, faringe e terço superior da traqueia; o ruído respiratório do ar que entra e sai pelo nariz; a sensação de movimento da laringe e das cordas vocais que mudam ligeiramente de posição com o ritmo respiratório; e principalmente as numerosas sensações

musculares (proprioceptivas) ligadas a todos os músculos interessados no movimento de expansão torácica; principalmente de expansão, pois em condições normais o movimento expiratório é bastante passivo, dependendo exclusivamente da constituição elástica do pulmão. Mas também o movimento expiratório desata sensações musculares; os órgãos sensoriais responsáveis pela propriocepção respondem tanto às contrações ativas dos músculos, quanto às suas distensões passivas. Desse grupo de sensações, as mais facilmente percebidas são as musculares. Para perceber as diferenças de temperatura e os ruídos respiratórios, é preciso concentrar-se bastante sobre eles; para sentir os movimentos respiratórios do tórax, basta que alguém nos chame a atenção para o fato, ou basta nos darmos ao trabalho de prestarmos um instante de atenção a ele.

Uma última sensação deve ser apontada, e eu a ponho fora da lista pelo seu cunho peculiar. É a sensação de “vontade involuntária” — passe o paradoxo. Se nos detemos alguns instantes a sentir os próprios movimentos respiratórios, logo nos damos conta de que eles se fazem sozinhos, mas, positivamente, não são contrários à nossa vontade. Nós afinamos ou sintonizamos com eles muito facilmente, da mesma forma como sintonizamos, por exemplo, com os movimentos da marcha. É muito grande o grau de automatismo no funcionamento destes músculos, mas é também muito peculiar a sensação de que nós “queremos” fazê-los, ou “queremos” que eles se façam, ou, muito simplesmente, estamos de acordo com que eles se façam. Basta tomar consciência da respiração, para imediatamente sentir uma certa superposição do automatismo com a vontade, do inconsciente com a consciência, do visceral com o ego. Confirmando esta sensação peculiar, ligada, do conjunto dos movimentos respiratórios, temos um outro fato, altamente característico. Basta um pequeno esforço de vontade, e podemos alterar bastante o ritmo, a profundidade ou a própria forma da respiração. Inclusive, com um pouco de treino, podemos respirar apenas com meio tórax, ou pelo menos mais de um lado que do outro. Com treino um pouco mais apurado, podemos respirar não só com a metade do tórax, mas mais com a metade inferior do que com a superior, ou vice-versa. A vontade, pois, tem uma ampla influência sobre a forma da respiração e não só sobre seu volume.

Pergunto, invertendo a frase, se a respiração não teria influência sobre a vontade? É evidente que tem. Se nos detivermos 15, 20 ou 25 segundos sobre a respiração, e se, durante este tempo, trabalharmos para que ela não se realize, logo começamos a sentir uma outra vontade diferente da nossa, que cresce muito rapidamente, e acaba superando de todo o nosso querer consciente. Nenhuma expressão mais clara, nenhuma expressão mais convincente da vontade de viver. Nenhuma sensação mais imediata de que em nós reside outra vontade — outro espírito — de muito superior ao nosso em força. Na verdade, um espírito categórico, um espírito que nos permite brincar com ele até um certo ponto, estritamente determinado, e nada além desse ponto. Além desse ponto, essa outra vontade que reside em mim, apaga a luz da consciência, com a facilidade de uma criança que apaga a luz de uma vela.

Vence o espírito inconsciente, e a vida continua, mesmo contra nossa vontade, mesmo na completa ausência do famoso “eu”.

Este espírito, pois, perdura além daquilo que nos apraz chamar de “nosso espírito”; perdura sempre, desde o primeiro grito, com o qual prenuncia sua entrada no mundo, até o último suspiro, com o qual se despede dele. Este espírito não “morre” em nenhum instante da vida. Passa a fome, a sede, o sono — ele permanece sempre. Cessa a alegria, a tristeza passa, o amor termina, desaparece o entusiasmo, surge a descrença e também ela passa; passam as convicções, os costumes, as ideias e os ideais — morrem todos os espíritos; esse não.

Usamo-lo quando falamos. Então, novamente, ele se presta a que o usemos de mil maneiras diferentes. Ele se deixa formar, deformar, transformar. Ele nos deixa inclusive a ilusão de que é nosso o espírito a animar nossas palavras, nossos são a vontade e o querer. Este espírito não se importa com as nossas ilusões; ele está sempre preocupado com uma tarefa muito mais importante — que é manter viva a vida.

Mas voltemos ao tórax que respira desigualmente. É muito provável tenha nossa respiração, habitualmente, características mais ou menos constantes, comparáveis às de nossa marcha, por exemplo. É muito provável sejam as transformações do modo respiratório, que ocorrem ao longo da vida, de desenvolvimento lento. Não duvido fosse um espirograma cuidadoso tão característico para o indivíduo, quanto sua

maneira peculiar de distribuir o peso do corpo sobre os pés, quando caminha. Seriam características funcionais da personalidade.

Não é fácil imaginar como pode agir sobre a consciência, e de que modo age sobre ela, este conjunto de sensações rítmicas, frequentemente muito constante. Ocorre-me desde já comparação entre ritmo e melodia. A respiração é um dos ritmos fundamentais a que se subordinam todos os fenômenos da consciência; a respiração, ou mais exatamente, a quantidade de oxigênio inalado a cada instante, é uma medida global bastante precisa de todos os fenômenos celulares que ocorrem em nosso corpo; um retrato da soma de nossas necessidades energéticas a cada instante. A esta luz torna-se fácil admitir que este ritmo primário deva influir sobre os fenômenos da consciência. Quando algumas de nossas atitudes características, por qualquer razão, afrouxam, e quando outras começam a moldar nosso corpo, este ritmo de fundo se altera. Muda o compasso da dança. Deve mudar a melodia, isto é, os fatos da consciência, todo este conjunto de pensamentos, mais ou menos fragmentários, ideias vagas, intenções, desejos e temores, que estão conosco sempre que estamos sozinhos, sempre que conversamos ao léu, sempre que fazemos coisas vagamente intencionais (como a maioria das que fazemos). Devemos sentir então que outro espírito — outra forma dinâmica — ensaia tomar posse de nós; é bem possível que então o velho espírito lute contra o novo. Como temos tão pouca consciência de nossas atitudes quanto da respiração, pouco ou nada percebemos das relações entre ambas. Torna-se muito provável, então, que as mudanças de atitude sejam percebidas por nós, obscuramente, apenas sob a forma de mudança de ritmo. Um pouco mais compreensivamente podem elas ser sentidas como mudança de espírito. A pessoa se dirá: “não me reconheço mais”, “não sei mais quem sou”, “não sou o que eu era”, “não sou mais a mesma”. Aquilo que era ela, passa a sentir-se então ameaçado de morte ou muito doente; era a mãe pobre do sonho. Morrendo estava o menino — não a mãe; mas pode viver a mãe quando seu filho agoniza?

A mãe pobre e a casa pobre bem podiam representar a velha atitude moribunda. Luci, enquanto figura do próprio sonho, quase taumatúrgica, certa de poder ressuscitar o menino, representava neste sonho o meu papel, isto é, a influência que eu havia tido sobre as mudanças que nela ocorreram. Digamos que Luci me imitava no sonho.

Melhor diríamos, afirmando que Luci imitava minha atitude. Sei bem o quanto me foi dado ajudar Luci a viver. Sei bem até que ponto fui, durante muito tempo, um outro espírito ao lado do de Luci, que era um espírito de receio, apreensão e descrença. Sei até que ponto meu espírito despertou, no de Luci, uma nova forma de viver. Mas Luci não sabia disso tão bem quanto eu. Por não sabê-lo, ao invés de reconhecer meu papel e aceitar minha influência, Luci imitava minha pessoa.

Podia dizer havia Luci tentado roubar meu espírito. Talvez por isso, ao respirarmos juntos, temera estar roubando minha vida. Luci não havia percebido ainda o mistério mais profundo: estava roubando a vida do seu próprio espírito com a sua apreensão e sua descrença. Seu cuidado na expiração mostrava o esforço para dominar seu íntimo; isto é, para levar seu espírito a agir de acordo com propósitos conscientes, ao invés de procurar ouvi-lo e deixar-se influir por ele na realização de suas aspirações mais fundas.

Mas o sonho logo corrige este erro. A fim de manter a vida da criança, Luci não poderia fazer mais nada. *Tendo assumido uma atitude que não lhe era própria*, ela apenas repetia mais uma vez o que havia feito muitas vezes ao longo de sua vida. As atitudes que assumimos, defensivas diante do mundo, nós as assumimos quase sempre imitando alguém que nos cerca; estas atitudes imitadas nos aprisionam. Não sendo próprias, não estando organicamente ligadas ao núcleo de nossa personalidade, mostram-se praticamente incapazes de desenvolvimento. O suporte da videira não cresce com ela. Na verdade, tais atitudes mudam, mas apenas no sentido de sofrerem reforço e confirmação cada vez maior. A pessoa se faz cada vez mais estereotipada, mais monótona e mais rígida. Luci, imitando-me, assumiu uma atitude que também não lhe era própria; daí o ver-se condenada a fazer pouco mais do que manter-se viva; isto é, a fazer a respiração artificial na criança — mais nada. Mantinha-se viva à minha custa, mas como meu espírito não era o seu, nada mais fazia além de viver vegetativamente. Apenas respirava.

Logo depois surge no sonho um homem não identificado por Luci, que eu chamo de taumaturgo, por sua ação francamente miraculosa. A criança, animada pela sua música, não precisaria de ninguém que a fizesse respirar continuamente. Luci invejou esta figura e a ela se opôs,

mas não teve meios para contrariá-la. Pergunto agora, depois de minha digressão, se o que animou a criança foi a música, ou se foi o ritmo, isto é, o novo ritmo respiratório, o novo espírito. Sinto-me justificado a pensar assim, porque a criança não apenas se animou ao ouvir a música; começou também a dançar.

Agora os papéis se invertem: a vida recém-chegada à criança através da música, alcançou Luci também — que dança com ela. De novo Luci quer roubar; quer fazer próprio o que não foi feito para ela nem com ela. Mais do que isso, bastante pretenciosa, ela julgou poder ensinar a criança a dançar. Mas ao ensaiar um velho ritmo primário — samba — Luci atrapalhou-se. Ao invés de ensinar, Luci devia aprender com a criança a participar daquela dança que nascera com a música.

Gostaria de persuadir o leitor de quanto é verdadeira esta interpretação. Muitas vezes eu vi Luci olhando para mim como se eu fosse um menino. Muitas vezes disse, bastante claramente, que a vida vivida por ela no consultório, sendo boa, era uma coisa impossível, porque o mundo lá fora era muito diferente. Mesmo *experimentando*, no convívio comigo, uma vida preferível à que experimentara até então, Luci teimava em dizer para si mesma que esta vida era impossível, que este viver era um sonho de criança; Luci queria se fazer de professora diante de mim. Por que era boa a vida no consultório? Porque no consultório havíamos conseguido um nível de sinceridade, de simplicidade e de espontaneidade que raras vezes se consegue na vida. Diante de mim, Luci alternava entre o papel de mãe triste, cujo filho está à morte (“não adianta fazer nada”) e o papel de professora capaz de ensinar como é a realidade para o aluno, de mostrar-lhe que seu viver é um sonho. Curiosa situação, certamente. Seu modo de estar e sentir-se, comigo, evidentemente era verdade, era uma experiência. O esforço de Luci, portanto, era o de *negar para si mesma* fosse possível uma vida melhor — precisamente aquela em realização! Temia mudar. E por temer mudar, desacreditava de tudo.

Pecado contra o Espírito Santo — que é Espírito ele também!

Se o leitor se recorda, retornamos ao sonho a fim de examinar o possível significado de assimetria respiratória. Se nos ativermos estritamente às figuras do sonho e se admitirmos decalquem-se estas figuras sobre sensações, principalmente musculares, provenientes do

arcabouço torácico durante a respiração, então concluiremos que Luci estava respirando principalmente com a metade direita do tórax; a metade esquerda estava relativamente imóvel, como acontecia com a do menino do sonho. Qualquer pessoa ao dormir deitada sobre o lado esquerdo do tórax respira desta maneira. Vigoraria tal disposição também durante a vida acordada de Luci? Como já disse, tendo como base a observação direta, não posso afirmá-lo; mas a maior parte do tempo em que Luci esteve diante de mim, eu a via encolhida numa direção preponderante: a do ombro direito, sempre mais alto, mais para trás e mais “espremido” que o esquerdo. Posso admitir, portanto, que sua posição de dormir não era acidental, mas obedecia à sua posição favorita durante a vida acordada. O sonho e a vida poderiam ter relação mais constante do que se imaginaria, a nos basearmos apenas no sonho relatado.

O leitor, como eu, deve estar interessado nos efeitos desta entrevista sobre a paciente. Vejamos então a entrevista seguinte, ocorrida seis dias depois.

Luci entrou, sentou-se e permaneceu silenciosa. Parecia tranquila e havia em seu rosto uma certa expressão de procura viva e atenta; procura, talvez, do modo de dizer o que experimentara. Não tentei esconder minha expectativa:

— Como vai?

— Vou bem, passei bem esta semana toda; aquele mal-estar da última vez parece ter desaparecido, quase.

Novo silêncio longo e maior impaciência minha. Pergunto:

— A respiração que fizemos aqui teve alguma influência sobre você?

— Acho que sim. Desde a hora em que saí daqui e durante todo este tempo, muitas vezes me dei conta de minha respiração; parecia-me que eu tinha dentro de mim alguma coisa do senhor. Era uma experiência peculiar, um pouco inquietante, e aquilo de seu, existente dentro de mim, parecia conter uma certa força, não sei se de luta, de rebeldia, ou alguma coisa assim.

Novamente um longo silêncio e novamente aquela expressão de concentração no rosto. Visivelmente, ela não estava nem distraída nem desinteressada. Parecia antes muito disposta a vir ao encontro da minha

impaciência; mas certamente encontrava dificuldade em exprimir algumas das coisas pelas quais havia passado.

— Dois dias depois da consulta, eu estava deitada e tive uma espécie de sonho, mas eu estava bem acordada. No entanto, as figuras que aparecerem tinham muita força sobre mim.

**Era uma fábrica e deia saíam, em filas longas, todos os operários, vestidos de preto. Eu sabia que eles estavam saindo para fazer greve. Depois apareceu outro operário, também de preto; parecia mais agitado, em comparação com os demais, e logo organizou em torno um círculo de ouvintes e começou a fazer um longo discurso de justificativa para a greve; falava continuamente, com veemência, expondo ideias de esquerda. Eu ouvia e sabia que esse homem era eu; o que ele dizia, era eu que estava dizendo — só que ele era um homem. Seu discurso me incomodava e eu me esforçava para fazê-lo parar, mas ele não parava.**

Curioso o seguinte fato: ao falar Luci da minha presença virtual em seu tórax, eu quis representar sua descrição num desenho a fim de encontrar uma forma gráfica a respeito da qual pudéssemos concordar. No quadro-negro esboçara os dois pulmões e, aproximadamente no centro da figura, havia traçado um círculo; perguntara em seguida se era mais ou menos assim seu sentir e ela havia confirmado. Como é fácil de ver, este desenho representa, sob forma de esquema anatômico, figura análoga à presente no sonho: o círculo de homens com o agitador no centro.

Quase não é preciso mostrar o paralelo perfeito entre o agitador no centro e a sensação inicial que a paciente descreveu, aquela referente a algo meu situado em seu peito, capaz de ser tido como rebeldia. Tão importante, ou mais do que isto, é o próprio personagem e o seu falar. A paciente foi muito clara a respeito; a voz, o dizer, era ela e era dela, mas estava evidentemente na figura de um homem e não obedecia à sua vontade. A relação entre respiração e palavra aparece agora com toda a sua força, e sugere algo mais. Não só eu “inspirara” a paciente, como a *obrigara a pensar pensamentos, na certa seus, mas que ela, sozinha, provavelmente nunca teria pensado.*

Esta havia sido definitivamente minha posição ao longo de todo o tratamento, desde a primeira entrevista. Lembro-me bem dela. A



paciente me havia chegado às mãos enviada por amigo comum que me fizera comentários sobre sua vida. Após poucos minutos de entrevista, havia dito a Luci mais ou menos o seguinte:

— Sinto que estou do seu lado. Você tem vivido parcialmente à margem da sociedade, não conformada com o *status quo*. Gosto de pessoas assim. Você é naturalmente uma revolucionária e eu afino bem com revolucionários.

Precisei de muitos meses de trabalho para compreender algo fundamental: Luci evidenciava claramente uma *conduta revolucionária*; apesar disso, seu pensamento era *extremamente conservador*. Posso dizer, portanto, não que infundi meu espírito em Luci, mas, antes, *que emprestei voz e dei palavras ao seu próprio espírito revolucionário*. O sonho retrata este fato com absoluta perfeição. A voz era sua, mas quem falava era o “agitador”: vozes em uníssono! Aproximando Luci de Luís, podemos dizer: Luci tampouco desejava ouvir *seus próprios* pensamentos. Precisou ouvi-los *de mim* antes de aceitá-los. Foi preciso que *minha voz* falasse os seus pensamentos!

É importante recordar também o quanto o espírito de rebelião é o contrário perfeito da descrença global. A pessoa temerosa e descrente só pode sair desta posição parálitica à custa de um movimento de revolta ou de reação. O rebelde acredita em algo que não existe — tem fé. Parece que o modelo ingênuo da respiração imposta por outrem havia desatado na paciente suas forças de reação, as quais continham um duplo significado. Primeiro, o significado comum da rebeldia: Luci estava *começando a entender a posição na qual sempre havia vivido* e estava começando a se fazer uma revolucionária consciente. Em segundo lugar, estava reagindo contra sua descrença e sua apreensão. Luci estava começando a se fazer corajosa. Dês te modo, a rebelião contra si e a rebelião contra as coisas se faziam um movimento só, forte bastante para começar a arrancar Luci do pântano de inatividade quase pastosa na qual vivera anos sem conta.

Em casa, Luci parecia conformar-se com tudo, muito além de todos os limites; de repente entrava em irritação difusa ou num emburramento solene. Luci tinha mesmo a fama de briguenta em casa, mas não o era. Era mestra na tática de luta passiva; naquele tipo de luta em que uma

pessoa deixa-se estar calada, diante da outra, com uma tremenda expressão de injustiçada. Luci não era muito de palavras violentas, muito menos de gestos decididos ou ações definitivas; apenas se irritava ou emburrava. Estas duas são as formas mais elementares de hostilidade, as mais toscas e menos diferenciadas. Já o sonho nos mostra um tipo de luta altamente organizada: temos uma greve industrial, temos um agitador servindo de chefe, chefe orientado por uma ideologia bem definida. Vê-se, pois, que a hostilidade de Luci, ou sua capacidade de reação, havia sofrido considerável moldagem ou diferenciação em relação ao seu estado original.

Além da primeira consulta, assumi inúmeras vezes a posição de revolucionário, falando, com força, de ideias novas, tentando persuadir Luci, não no sentido de trazê-la para o meu partido, mas sim no sentido *de fazê-la compreender aquilo que fazia*. Repito: Luci tinha um modo de vida bastante livre para seu sexo, sua idade e seu nível social; mas não vivia este comportamento de modo deliberado e decidido; ela sofria com ele. Todas as minhas arengas tinham como intenção precípua mostrar que as ideias tradicionais positivamente não concordavam com sua conduta; se ela quisesse, de algum modo, unificar-se, era preciso mudar seu modo de pensar. Mas um observador ingênuo facilmente poderia imaginar fosse meu trabalho uma tentativa frequente de insuflar meu espírito em Luci, de respirar por ela, de fazê-la dançar de acordo com minha música. Na entrevista, comentei ligeiramente com Luci a questão da hostilidade, do seu emburramento e da sua irritação. Ela não apreciou muito ser chamada de emburrada crônica; mas seu desgosto não chegou a perturbar nossa amizade.

— Além desta fantasia, tive um sonho também. Este era sonho mesmo.

**Estávamos eu, o senhor e minha mãe. O senhor perguntava se ela gostava de ler de bruços, apoiada nos cotovelos; ela dizia que sim. O senhor perguntava, a seguir, se, enquanto lia, ela gostava de ouvir música também; de novo ela dizia que sim, gostava de ligar o rádio quando Ha. O senhor prosseguiu perguntando se ao ouvir a música, ela sentia que dançava. Nesta hora mamãe pensou bem e disse “não, eu apenas ouço a música; não tenho vontade de dançar.” Então, o senhor concluiu: Sendo assim, não tendo vontade de dançar, caso perdido. Neste momento entra em cena uma colega**

**minha que eu acho horrorosa. Eu queria levá-la até o senhor; ela precisava muito. Enquanto nos achegávamos, ela perguntava o que era preciso fazer; eu dizia que bastava soltar-se; ela achava que então era inútil procurar auxílio, porque ela não conseguiria soltar-se.**

A leitura é o passatempo favorito de Luci. Sente-se compelida a ler — por vezes sem prazer algum — esse gênero de literatura moderna dedicado a dilacerações interiores infindas, de personagens que vivem em desacordo com os padrões tradicionais. Sempre que a sós e à vontade, Luci gosta de ler de bruços, com os cotovelos apoiados na cama. Esta posição nos lembra, desde logo, a tensão dos ombros, já insinuada no sonho do menino e agora desabrochada. Se nos pusermos nesta posição — bastante familiar — logo experimentaremos os ombros para cima, para trás e espremidos. Mas esta posição é simétrica; a do menino não era.

Dada sua conduta, dir-se-ia pudesse a leitura desses livros, de algum modo, esclarecê-la, animá-la ou justificá-la. Mas tal não acontecia. Há muitos anos Luci percorria estes livros sem encontrar repouso. Talvez por serem, em sua maior parte, desesperadores.

Mas talvez a razão seja outra: o livro também tem voz, mas sua voz é impessoal; é uma pura sequência de sinais gráficos sem o sopro vital que anima, sem respiração, sem espírito. É letra sem música. O livro nos fala de si mesmo, com a mais absoluta monotonia, com a mais completa regularidade. Naturalmente, quando lemos, emprestamos nossa voz ao pensamento escrito. Mas receio muito, ao fazê-lo possa a música da minha voz alterar o sentido do pensamento que leio; então a influência do livro se reduz. Talvez se anule. Ao pôr novas sequências de palavras dentro de uma velha pauta musical, feita pelos nossos velhos sentimentos e hábitos, as novas palavras perdem muito de sua força e de sua originalidade. Parece que se fazia necessário para Luci encontrar o pensamento morto dos livros vivendo num personagem vivo. Parece que Luci precisava de alguém para lhe dizer de viva voz, com espírito, o saber procurado e não encontrado nos livros. Não só emprestamos às frases do livro nossa entonação vocal, como, também, ao lê-lo, bem sub-repticiamente selecionamos aquilo que lemos, detendo-nos com atenção diante de pensamentos familiares e passando

por alto, quase sempre, outros pensamentos com os quais não afinamos. Por isso, uma leitura corrida pouca ou nenhuma influência tem sobre a pessoa, a não ser a de reforçar o que a pessoa já pensa. Já alguém a nos falar de viva voz, com algum calor, com viva convicção, então se faz mais difícil a seleção tendenciosa. Podemos ainda omitir um pouco daquilo que não nos interessa, mas o outro dará às coisas ênfase própria, e então ocorre um cruzamento, uma combinação ou uma oposição mais viva de intenções. Se salto uma frase distraidamente, o livro não pode me chamar a atenção; mas se estou falando com alguém, esse alguém pode protestar e me fazer recuar.

Luci, ao ler, muito frequentemente ligava rádio, e então ouvia música ao mesmo tempo que lia. Ela me informou com muita clareza a respeito. Eu lhe perguntei, seguindo o sonho, se ao ouvir música, ela sentia que dançava, e ela disse que sim. Mostrei um pouco de estranheza diante do fato de alguém ler um livro, e ter uma certa sensação de presença musical e de dança. Mas Luci limitou-se a afirmar que ela fazia, não as três, mas as duas coisas ao mesmo tempo: ler e sentir que dançava. Se acreditarmos no diálogo do sonho, então concluiremos que Luci tem salvação, porque sente a dança. Sua mãe não sentia.

Fiquei contente com o sonho e com os reparos de Luci, porque eles vieram ao encontro de uma comparação já feita por mim ao examinar o sonho do menino. Lá, por minha conta, havia distinguido na música, o ritmo e a melodia. Agora, ao interrogar Luci sobre o sonho, perguntei-lhe se “dançar” podia significar sensação de ritmo, e se “ouvir música” se identificava com aprender a melodia. Ela confirmou muito naturalmente o fato. Via-se que ela não havia usado estes termos, simplesmente porque não lhe haviam ocorrido.

Não compreendo bem como era dado a Luci realizar estas duas atividades ao mesmo tempo; mas, aceitando sua declaração, nela encontramos mais um elemento pelo qual os livros não podiam influir muito sobre Luci.

Não parece difícil estabelecer uma correlação entre este sonho e o do menino. Mas este dá um passo avante. No sonho do menino havia a respiração induzida e depois, bem depois, música a inspirar-lhe vida; neste se vê a respiração (particularmente fácil na posição de bruços

apoiada nos cotovelos) e se vê a respiração na leitura (se lembrarmos, como sempre, que a palavra é fruto da respiração). Mas desta vez, o *ritmo está junto* (na dança). Dir-se-ia que o ritmo vem animar a leitura da escrita. Podemos ver, nesta conexão curiosa, *uma verdadeira vivificação* do pensamento, ou, se preferirmos interpretação menos alegórica, podemos ver, nesta fusão, *o simples adquirir a capacidade de falar em voz alta aquilo que pensamos*. Ao emprestar ritmo e melodia ao pensamento escrito, evidentemente ele se transforma em voz falada. Contra- prova: na cena seguinte, Luci tenta *persuadir* sua companheira a cuidar de si mesma. Estava suposto no relato de Luci a ocorrência, entre ela e a companheira, de um diálogo vivo e enfático.

Podemos supor marque este sonho a morte da descrença de Luci. O agitador político do sonho anterior, com sua força de reação, marcou o fim da depressão desalentada. Nova confirmação deste modo de entender vemo-la no entusiasmo de Luci em cuidar de sua companheira. O fato de trazê-la até mim, me põe na posição do taumaturgo do sonho do menino: eu dou vida.

A mãe de Luci era, no sonho, caso perdido, porque não sentia a dança mas apenas lia e ouvia música. Faltava-lhe o ritmo. Esta figura provém certamente da mãe pobre do sonho anterior, a contemplar o filho sem ritmo respiratório. A mãe triste não dançou (não reviveu com a música); dias depois, se fez um caso perdido; ela caminhava para a morte, não o menino (na vida do sonho).

A descrença apreensiva de Luci, ao invés de ser tida como o fora até então, ao modo de uma filosofia de vida “justificada” pelos fatos, passa a ser sentida como doença a ser curada (a companheira). A descrença apreensiva de Luci era uma defesa contra a incerteza do viver e a responsabilidade de comprometer-se.

Que nos diz Luci desta amiga do sonho?

— É minha companheira de trabalho e mal consigo trabalhar a seu lado. Tem maneiras tão constrangidas que basta tê-la diante dos olhos para a gente se sentir mal. Está sempre ansiosa, queixa-se continuamente de falta de ar e tonturas, diz a todo instante que vai desmaiar ou que alguma coisa feia vai lhe acontecer; tem os olhos espantados e é muito tesa.

Não compreendo de todo esta figura do sonho; Luci não causava habitualmente a impressão de muita rigidez; parecia antes estar imersa continuamente em pixe, mas não dava a sensação de estar solidificada. Luci não comunica esta impressão imediata de ansiedade respiratória; o apreensivo, em Luci, está principalmente no sobrecenho. Dela se colhe impressão de que respira muito pouco, muito devagar e só de vez em quando. No entanto, isto não produz no observador sensação aflitiva. Mas de acordo com os relatos de Luci eu sei: tanto em momentos de exasperação ou de indignação, como em momentos de medo intenso, assim como em momentos de troca de agrados sensuais ou sexuais, aí sim, Luci se faz muito dura e reconhece muito bem o fato. Ela se endurece e se alheia consideravelmente. Mesmo tendo trabalhado bastante com esta sua maneira de reagir, Luci não tem conseguido soltar-se. Diremos então: a companheira de Luci no sonho, representava a sua reação ante sentimentos veementes ou momentos de abandono.

Como se vê, o sonho é plenamente realista. A amiga concluía ser-lhe impossível soltar-se, e isto acontece realmente com Luci.

Despida de seu manto, quiçá atraente, de desencanto amargurado, toda aquela incerteza e desamparo que residem em seu porão ameaçam invadir Luci. A amiga “vem” — não se sabe de onde.

Luci teme descontrolar-se.

A arenga do agitador a deixou agitada. Fala com veemência e responde a outra com veemência — duas vozes. Luci logo mais irá queixar-se, como a outra, de falta de ar...

Luci tem classe. Dançar talvez sim, com ritmo e harmonia. Agitar-se não — não fica bem. Agitada é a *amiga* — insuportável!

Quinze dias após a última entrevista relatada, Luci trouxe mais alguns fatos elucidativos. Por uma coincidência feliz, havia sido convidada a fazer parte de um grupo de teatro amador e representar um papel numa peça em projeto!

“Senti durante o ensaio uma completa incapacidade de controlar minha voz; percebia perfeitamente como devia estar sendo horrível o meu modo de pronunciar as frases; a voz subia quando queria e descia quando queria; por mais que eu me esforçasse mentalmente a fim de

imprimir à voz esta entonação ou aquela inflexão, a voz saía igual e monótona, ou desviava-se completamente. Escapava-me também a altura da voz; às vezes eu me surpreendia gritando sem querer; outras vezes entrava num ciclo do qual nenhum esforço conseguia tirar-me.”

Mesmo querendo bem a Luci, seu fracasso me deixou contente. Afinal conseguia fazer, para mim mesmo, que aterrissassem todas aquelas noções quase esotéricas, todas aquelas insinuações confusas, todas aquelas sugestões belas, mas vagas, feitas ao longo deste relato clínico. Aí estava, no completo descontrolo da voz, a manifestação concreta de todas aquelas considerações simbólicas. Nem Luci controlava sua voz, nem era ela apenas descontrolada, como muitos seriam levados a dizer; a voz de Luci a controlava, pois ela conseguia falar — mas não como queria. Isto quer dizer: Luci não podia controlar nem os movimentos respiratórios, nem a tensão das cordas vocais e, possivelmente, nem a articulação clara das palavras. Todo o substrato fisiológico e mecânico de sua fonação escapavam completamente ao seu controle. Poderíamos dizer, em alegoria agora clara, foi Luci, quando no ensaio teatral, tomada por um espírito completamente alheio a si mesma, um tiranete intolerante e incontrolável — como o da “outra”; um espírito, isto é, uma respiração positivamente não própria (como nos seus emburramentos e irritação).

Logo depois quis saber como era seu processo mental quando lia; havia me ocorrido que ela talvez lesse os diálogos imitando com cuidado as prováveis inflexões da voz como se estivessem sendo ditos no teatro. Depois de várias perguntas, pude persuadir-me de que o elemento verbal da leitura de Luci era marcadamente incolor e inexpressivo. Preocupava-se mais em criar a cena visual e a figura de seus personagens. A voz dos personagens dos livros não tinha individualidade e não era quase ouvida por Luci, enquanto lia. Com este elemento, creio seja fácil estabelecer uma ponte entre o caso de Luci e o caso de Luís.

Luci lutava também a fim de não dar voz a seus próprios pensamentos. Vai, nesta pequena frase um tanto enigmática, a maior parte dos numerosos e importantes segredos contidos nas inibições respiratórias.

**De outra paciente ouvi em momento inspirado: “Não tolero ouvir meus próprios pensamentos!”**

Duas entrevistas mais e Luci, de acordo com velho costume, interrompeu o tratamento *sine die*.

Voltou três meses após.

— Dr., estou muito assustada! Falando com os outros ou a sós, por vezes me vêm à mente palavras ou frases soltas muito sem sentido. Receio dizê-las.

Aconselho-a a dizê-las, sempre que as circunstâncias o permitam.

A custo o consegue e o receio pela voz interior caprichosa vai diminuindo ao longo de dois meses.

Após este tempo, volta.

— Dr., aquele namorado, sabe? Disse para ele tudo o que precisava, direito. Nunca falei assim em minha vida. Me vinham sozinhas as palavras certas, muitas delas bastante inusitadas para mim.

Diante deste relato, só me resta recordar o evangelho: “Quando estiverdes diante dos homens, não vos preocupeis com o que haveis de dizer; o Espírito Santo vos insuflará a palavra certa...”

Dois anos depois Luci volta, para mais três ou quatro conversas. Fez bastante no intervalo, iniciou e já está no fim de um novo curso, realizado com bastante interesse e sucesso. Revelou e elaborou novas aptidões, está bem mais animada e decidida. Mas o principal foi isso: na entrevista inicia e mantém comigo longa e acalorada polêmica durante a qual se mostra tomada de um forte espírito de protesto e crítica. O fato era absolutamente novo para mim. Luci fora sempre hesitante no falar, vaga, imprecisa; seu tom de voz era sempre baixo, desamparado e desinteressado.

O *seu* revolucionário começava a manifestar-se...

Muitos meses após, novo encontro.

— Dr., aqui aperta (a mão abraça a garganta). A comida não passa. De medo engulo depressa. Dói aqui (parte superior do esterno). Estou preocupada.

Logo achamos aquilo que Luci não estava conseguido engolir. Um parente próximo hospedara-se em sua casa há já bem tempinho. Velha inimizade.



— Tenho feito o possível para não dizer nada contra, para ser gentil, sabe? Quase que só nos vemos à mesa...

Há dois movimentos na garganta de Luci: as palavras que “sobem” e não são ditas, a comida que “desce” e não passa — devido à inibição da fonação. Daí os sintomas.

A conversa prossegue.

Daí a pouco vem a calhar, de minha parte, esta pergunta: “como é sua voz íntima?”

— É meio espantada com as coisas, meio crítica. Gosto dela. É minha.

Faz uma pausa e prossegue.

— Mas ninguém conhece esta voz. Nunca a digo — para fora!

### “LUTA CONTRA O ESPÍRITO MAU”

O paciente, circunspecto e empertigado, faz questão de me dar a mão; senta-se na metade anterior da poltrona, tronco bem a prumo. Olhando para a esquerda e para baixo, concentrado, começa sua queixa.

— Doutor, há um ano minha vida é um inferno. Tudo começou em março do ano passado; após um banho. Enquanto me enxugava, senti a narina esquerda tapada. Enchi bem o peito de ar e com a toalha no nariz soprei com toda força. Imediatamente depois senti que não podia mais respirar, subiu-me uma onda de calor pelo rosto e eu fui ficando desesperado...

Olha para mim. Seu fraseado, visivelmente acima de sua cultura, revela uma teatralidade de tipo concentrado; a estrutura da frase e as inflexões da voz parecera calculados para produzirem um efeito. Por isso fez a pausa e olhou para mim. Vê que acompanho interessado e sério. Gosta.

Ele não sabia o que me passava pela mente. O início de seu relato me havia feito pensar na *bastrika*, respiração hindu que facilmente produz congestão na cabeça e perda do ritmo respiratório.

Qualquer que fosse o motivo, o fato é que eu estava interessado e isso foi bom para ele. Estivesse eu despreocupado e teria achado graça na sua maneira de relatar o drama, à maneira de Buster Keaton, o cômico super-sério. Teria sido mau.

— Não sei como, voltei a respirar. Fui à cozinha, comi alguma coisa e estirei-me diante da televisão, sempre preocupado com o que

acontecera. Senti de repente algo que apertava aqui — aponta o epigastro. Não podia respirar de novo.

Faz uma pausa. Em minha mente passou o diafragma.

Ele me consultou outra vez, com os olhos. Viu que o efeito dramático havia passado; agora, eu apenas queria ouvir a continuação.

— De então para cá, não faço outra coisa senão respirar de propósito, com a impressão constante de que a respiração vai parar.

Enquanto ele dizia isso, eu olhava para seu tórax, relativamente pequeno e muito parado. Peço-lhe que se levante e tire o paletó. Confirma-se a impressão de tórax modesto. Tenho para mim que uma pessoa dada a respirar de propósito durante um ano, deveria ter um tórax de fazer inveja a um halterofilista. Algo não está certo no que o paciente diz. Convido-o a pôr o paletó e prosseguir. Ele não estranhou meu pedido; achou natural o fato de o médico examinar *in situ* sua dificuldade.

— Na mesa, doutor, queria que o senhor me visse. Cada bocado que vai à boca me assusta. Fica fazendo assim — imita — o tempo todo.

O “assim” merece descrição: o paciente abre a boca e a move como a querer respirar “comendo” o ar, comendo com lábios e boca, sem deglutir. Enquanto a boca faz “assim” *a forma do tórax permanece praticamente invariável*.

Na verdade, o paciente respira pouco, mesmo quando julga estar respirando “de propósito”. Todo seu tórax apresenta-se armado; ombros altos e para fora; coluna reta.

Digo-lhe:

— Esta parte eu compreendo um pouco. Veja.

Faço no quadro-negro o esquema da faringe.

— Quando respiramos, o ar entra pelo nariz e vai para a traqueia — conhece os nomes?

— Sim.

— Ótimo. Quando deglutimos, a comida vai da boca para o esôfago. Vê? Aponto.

— Sim.

— Aqui há um cruzamento entre a via digestiva e a via respiratória. No momento exato em que engolimos, ficamos um instante sem respirar. Caso contrário iria a comida para o pulmão.

— Sei...

Na consulta seguinte, o paciente trouxe esta explicação já elaborada em obsessão: “Sabe o que o senhor me explicou ontem, doutor, sobre a comida?” “Sim.” “Fiquei com medo. Não sei se vou morrer com falta de ar ou de fome...” Na mesa é uma tragédia, doutor... Faço assim sempre — imita.

— Não posso ficar parado, doutor, fico o tempo inteiro fazendo assim — boca de peixe; e assim — levanta-se e dá passos curtos em todas as direções, principalmente para os lados, fazendo o peso do corpo passar incessantemente de uma perna para a outra.

Seu *ballet* contínuo — mesmo quando sentado — já havia me incomodado bastante, ainda antes de ele falar no assunto, pelo seu significado de impaciência. O pior no caso não era só a impaciência; era também o esforço — igualmente contínuo e sempre mal sucedido — de controlá-la. Digamos: na respiração, como nas pernas, o paciente percebia mais o esforço de *fazer*; para o observador — para mim pelo menos — impressionava mais o esforço *de controle* na sua repetição e ineficácia permanentes.

Nesse momento da entrevista ocorreu algo divertido. Como permaneço no consultório de 7 a 9 horas por dia, não me resigno a ficar sentado o tempo todo. Frequentemente levanto-me e passeio de cá para lá. Quando estou diante de um cliente novo, explico-lhe minhas andanças em uma frase, para que a pessoa não estranhe. Assim havia feito desta vez.

Logo que o paciente, pondo-se de pé, imitou seu trocar de passos, minha liberdade garantiu a dele e daí por diante ele levantava-se — como eu — e dava livre vazão à sua inquietude de corpo.

A palestra ficou divertida, com dois andarilhos à solta numa saleta mobiliada, de 3,5 por 2,5 metros!

Propostos os sintomas pelo paciente, passei a controlar um pouco mais o diálogo, interrogando-o sobre suas condições gerais de vida.

— Trabalha?

— Sim.

— Em quê?

— Escritório.

— Vai bem?

— O trabalho sim. Eu não. O lugar é ótimo, foi arranjado por um parente, bom mesmo. Mas tenho que fazer uma força para ficar quieto!

— Há quanto tempo trabalha nesse emprego?

— **Um ano.**

— Um ano?

— Sim.

— Então sua doença começou junto com o novo emprego?

— **É... Isso mesmo, doutor! Começou uma semana depois de eu ter mudado de serviço! Não compreendo, doutor... Meu serviço anterior era péssimo. Havia o chefe de seção com uma habilidade danada de humilhar a gente e exigir um serviço de escravo. Era de morte. Às vezes eu ficava horas imaginando o que fazer com esse chefe, esmurrá-lo, esmagá-lo, estrangulá-lo... Fiquei três anos nesse lugar. E quando passei para o novo emprego, tão mais à vontade...**

O paciente ainda estava impressionado demais com seus sintomas e a situação de consulta, para dar a este fato todo seu valor. Mas não lhe escapou de todo a estranheza do mesmo.

— **E em casa? Como são as coisas em casa?**

— Bem... (volta o ator) Hoje em dia não está muito ruim. Mas, sabe, desde pequeno, a hora de comer sempre foi um suplício. As outras também. Papai é exigente. Grosseiro. Injusto. Vive gritando, exigindo, criticando. Mamãe responde pouco, muito pouco. Desde pequeno fico o tempo inteiro da comida... engolindo raiva. Ou medo. Ou os dois. Depois que cresci e comecei a trabalhar, comecei a brigar com papai. Um dia falei com ele que tudo aquilo estava errado e as coisas melhoraram um pouco. Discuti com ele em muitas outras ocasiões; mais de uma vez senti que me preparava todo para brigar, então saía às pressas — sabe, com o pai não se deve brigar, não?

— Seu pai era tão ruim como seu primeiro chefe — parece.

— É. Difícil escolher.

— Bem, acho que já entendi o grosso de sua doença, sabe? Desde pequeno você se controlou. Controlou sua raiva, seu medo, sua mágoa. E é isso que eu vejo em você. Um rapaz controlado. Todo seu jeito é medido, pensado, composto, arrumado; muitas vezes você parece um ator reproduzindo gestos e posições ensaiadas. Você sabe que é assim?

— Não sei...

O paciente está disposto a ouvir e verificar; não foge do assunto, mas o que eu lhe disse, ainda que luminosamente evidente para o observador, visivelmente não o alcançou muito.

— Vamos de outro modo. Você tem fama de rapaz muito sério, controlado, responsável, não tem?

— Isso eu tenho, sim senhor!

O caminho servia.

— Tenho, demais. Sou tão carrancudo que ninguém se faz meu amigo. Com a doença, meu jeito se fez antissocial. Não falo com ninguém, estou sempre pronto para brigar.

Também ao verbalizar sua percepção de si o paciente reconhece bem mais sua impaciência do que seu controle.

— Sua doença, que é ela? Esforço contínuo para controlar sua respiração e seus passos, certo?

— Sim!

— Controlar, veja. É difícil dizer se você sofre de muita raiva a exigir controle férreo ou de um controle férreo que o deixa enfurecido — como animal selvagem enjaulado. Basta enjaular um animal para que ele se enfureça.

Vejo que ele entende precariamente minha inversão do problema.

— Há mais. Você piorou quando seu emprego melhorou, certo?

— Certo.

— Por quê?

— Não tenho ideia. Parece bobo piorar quando se melhora.

— Parece mesmo. Acho que você piorou pelo seguinte. Em pequeno, a presença do papai foi criando em você um controle forte — isso não é

claro?

— É.

— Depois o controle foi mantido pelo chefe ruim, como se ele fosse papai. Os dois tinham certo poder sobre você, não é?

— É

— Quando você passou a ter um chefe razoável, toda a força que papai e o chefe ruim faziam para manter você controlado desapareceu. Você se sentiu livre — ou poderia ter se sentido. Em vez disso, você passou a fazer *toda* a força do controle — que se reforçou. Você ficou esmagado, oprimido e preso por esse controle *seu*. Antes você estava obrigado *por fora* a controlar-se. Agora você se controla *por dentro*. Sabe? É como se um tigre *engolisse* a jaula!

— Sei...

O paciente acompanha em parte o que lhe digo. Tem alguma dificuldade intelectual em apreender a explicação, está preso a interesses divididos que o impedem de ouvir bem; seu interesse está — posso vê-lo — em sua contínua vigilância *contra seus movimentos e sua respiração*. Parece, de fato, um animal acuado, prevenido contra tudo. Neste caso, pessoa jovem, surto neurótico recente, era muito evidente o que estou descrevendo e, se puséssemos em palavras sua atitude, ficaria assim: “Estou desconfiadíssimo “disso aqui” (o corpo) que vive fazendo coisas estranhas, exigindo de mim uma vigilância e um controle permanentes”.

— Sabe, costumamos dizer que controlar-se é uma coisa que fazemos na mente, na cabeça, com “força de vontade”. Digo a você que controle é uma coisa que fazemos com os músculos. Estou vendo você todo armado e teso — e o imito. Você está se segurando como se você fosse duas pessoas, uma inquieta, enraivecida e magoada, agitando-se continuamente como que para livrar-se — não sei do quê; a outra segurando com força a primeira, retesando-se toda para imobilizar a desesperada. Percebe?

— Acho que sim...

Seu olhar um pouco vago apreende mais e melhor o que lhe digo do que sua inteligência. Percebo que sua vigilância permanente cria nele algo semelhante a um transe hipnótico espontâneo — fixação ocular ao

vazio. Nesse estado as pessoas “ouvem” e “entendem” mais do que conseguiriam repetir se depois fossem solicitadas a fazê-lo.

Como primeira consulta pareceu-me suficiente. Acertamos detalhes de medicamentos, vi receitas anteriores — uma havia, modelo acabado de “chumbo fino”, com dezesseis medicamentos inteiramente heterogêneos, desde beladona para o estômago até testosterona; combinamos horários e preço. Pude ser enfático com o paciente, dando-lhe esperanças, já porque o essencial da neurose me aparecia de todo claro, já porque toda minha conduta durante a entrevista havia obedecido a um padrão sugestivo, algo dramático, decidido e seguro. Dependia esse modo da minha certeza prévia sobre a natureza do distúrbio; do modo do paciente — igualmente dramático, enfático e... inseguro; de seu estado de transe permanente, predisposto à sugestão; da personalidade relativamente limitada, e das circunstâncias vitais da mesma, também limitadas. Personalidade não muito elaborada, ansiosa de cura e não de explicações, apta para uma e não tão apta para as outras.

Propus uma psicoterapia breve mas intensiva e profunda em certo setor.

Assim ficamos.

Na segunda entrevista, o paciente veio bem. Gostara da primeira consulta, passara por vários períodos de tranquilidade de há muito não experimentada; adquirira certo grau de esperança e confiança. Não tem novidades a acrescentar. Proponho:

— Da outra vez ficou clara sua dificuldade respiratória. Você disse que tem que respirar sempre — e imito. Pelo que vi, você faz sempre *muita força para respirar pouco*. Vamos ver de perto sua respiração para desfazer estas dúvidas.

Vamos à outra saleta e ele deita-se no divã, de costas. Fica parado um minuto e logo:

— É ruim, Dr. Vê, minhas pernas têm que se mexer.

— Pode mexer-se à vontade.

— Não é só “lá”. É aqui também — aponta o epigastro. Incomoda.

Vi logo que seu tórax permanecia praticamente imóvel resumindo- -se o respirar a uma excursão modesta do diafragma. Seu todo mostrava-se

finamente vigilante.

— Em casa deito sempre de lado; incomoda menos.

À palpação os retos abdominais estão contraídos. Abdômen de peritonite difusa! Não há dor; apenas, “é ruim”.

— Você respira pouco com o peito. Vamos fazer uma coisa. Você vai pendurar-se a esta barra fixa (há uma no meu consultório) o tempo que aguentar; pendure-se pelas mãos, com os braços flectidos. Vamos ver se assim você, por fadiga, relaxa os ombros e depois respira melhor.

Ele obedece, um pouco hesitante. Sinto que põe em dúvida o cunho físico de seus males, e sei, também, que isso é pretexto para algo mais sério: mover o imóvel. Sei, ainda, que ele acha um pouco ridículo fazer ginástica no consultório — reação de sua fachada convencional de controle. Sei, enfim, que não lhe apraz exhibir suas forças em público — por duvidar delas.

Eu tinha elementos para interpretar estas coisas para o paciente, mas achei melhor cuidar primeiro do principal.

Ele eleva-se na barra fixa, permanece um segundo ou dois e logo desce.

— Não aguenta mais tempo?

— Aguento, Dr., mas logo que subo piora aqui — o epigastro de novo.

Basta pendurar-se a uma barra fixa para compreender o que aconteceu. Há uma tensão aumentada nos retos abdominais, a fim de que a coluna lombar não sofra uma extensão excessiva. Essa tensão abdominal bloqueava *de todo* o único *locus* respiratório do paciente — que era o diafragma. Daí o mal-estar.

Peço a ele que mesmo assim repita o exercício. Ele o faz duas ou três vezes. Depois para, de pé; começa seu *ballet* e, de olhos longe, recordando, fala:

— Sabe, Dr., aos 14 ou 15 anos quis ser lutador de boxe. Foi um sonho. Pensei e desejei ardentemente, meses a fio. Um tio disse que me ajudaria, mas não deu em nada.

— Achei!

— ?

— Seus passinhos! São de um lutador de boxe! Idênticos!



— É... Sabe, Dr., eu fazia exercícios diante do espelho seguindo minha imaginação. Assim...

E faz. Faz-se leve e ágil, move-se bem, bem integrado, harmonioso, quase musical. Empertigação e impaciência se fundem, com propriedade, numa imitação de boxe que é mais dança do que luta. Gostoso de se ver.

Mas pouco dura.

— Bobagens, Dr.!

O fato é que a bobagem lhe fez muito bem. Seu rosto parece feliz, macio, presente, bem juvenil e entusiasmado, não lhe faltando o toque melancólico que envolve todo sonho não realizado.

— Bobagem nada. Você não vê que essa é quase a solução para a sua dificuldade? Nem explodir violentamente — como você teme durante os sintomas; nem controlar-se de todo — como você tenta fazer sempre que pode. A solução é lutar — lutar bem. Você imitou bem a luta e seu rosto ficou feliz logo depois.

— O Sr. acha?

— Eu não acho. Eu vi. Olhe, você vai fazer isso em casa, sempre que se sentir mal. Você vai imitar um lutador. Far-lhe-á muito bem, garanto. Mas quero que imite mais um pouco, agora.

Ele o faz. Mas já perdeu a espontaneidade. Reitera ataques mecanicamente — sempre os mesmos. Perdeu a versatilidade.

Digo a ele o que vi. Ele concorda.

— Você ficou envergonhado por estar “fazendo de conta” diante de mim?

— Fiquei.

— Via-se. Você começou a controlar o lutador e ele virou robô. Acho que não foi vergonha não, creio que foi medo. Disse a você da outra vez que você era dois, um que queria brigar e um que segurava, lembra-se?

— Sim.

— O “outro” te segurou — agora. Veja como dá certo. O que vejo mais preso em você é o peito e a barriga. É onde passariam os braços de um amigo que o segurasse por trás, a fim de evitar que você brigasse.

Ele entrevê minha descrição, mas não a vê claro.

— **Vamos fazer.**

Agarro-o por trás e passo um braço sob seus braços e outro sobre sua barriga — firme.

— Agora imite bem a situação. Eu sou teu amigo e estou te segurando para você não brigar. Você vai forcejar para se livrar de mim e continuar a luta.

Ele o faz, timidamente primeiro, depois, animado por mim, com mais ímpeto. No fim está quase bom — e lhe digo.

Ele — descontente com o quase — enquanto veste o paletó comenta:

— O chão estava escorregadio, Dr....

— É fato. Eu pude segurar firme porque tenho sola de borracha nos sapatos; você, com sola de couro, escorrega no encerado. Não faz mal. Na próxima vez você terá sua *revanche*.

Na terceira entrevista ocorreram três coisas importantes.

Logo que me vi diante do paciente tive ímpetos de encenar um murro inesperado ao seu estômago, para ver o que ele faria.

Mas contive meus impulsos desordenados e... sentei-me, guardando a fantasia para exame ulterior.

Ele ficou de pé e, numa flagrante imitação de meus modos nas duas entrevistas prévias, esquematizou algo de sua vida no quadro-negro — desenhando.

— Eu queria ser boxeador. Mas era miúdo. Então achei que devia fazer halterofilismo primeiro, para ficar forte. Aí está.

O que aí estava era seu sentimento de inferioridade física — falso, como se verá.

Deixa o quadro-negro, retorna a seu “passo de boxeador” — meio vivo, meio harmonioso — e prossegue:

— Antes daquele serviço ruim tive outro, parecido. Aí não me revoltava contra o chefe, mas sim contra um companheiro. Uma vez discutimos feio. Ele disse coisas e eu quis bater. *Os colegas me seguraram*, dizendo que o escritório não era para isso. Deixei passar. Depois fui no reservado que era espaçoso, e esperei o outro. Ele veio. Disse que se ele era homem, repetisse o que tinha dito. Ele foi homem.

Mas enquanto falava eu estava enormemente atento a ele, estudando sua posição e a minha, seu jeito, como eu faria para alcançá-lo. Quando ele repetiu, eu já sabia direitinho o que fazer. Dei-lhe um murro “total” na boca do estômago e esperava que ele se curvasse para lhe dar outro na nuca. Mas o primeiro o jogou longe e ele bateu na parede. Depois voltou e foi feio. Fui despedido...

Deixo que o momento de reminiscência se atenua e depois comento:

— Murro no estômago. É onde você sente o pior de seus sintomas, não?

— É.

— Veja bem: você vive prevenido *como uma pessoa que teme receber a qualquer momento um soco na boca do estômago*.

— É mesmo. Estou sempre assim.

— Sempre vigilante também.

— Sempre, Dr. Também aqui com o Sr. Quando o Sr. ficou de pé, na primeira vez, eu estava sempre observando o Sr. Faço assim com todo mundo. Sempre pronto para o ataque.

— Não é bem isso. Sempre pronto para a defesa, não?

— É.

— Isso é estranho. Afinal, você sabe tão bem quanto eu que as pessoas não vivem se esmurrando a toda hora, não?

— Sei, claro.

— Será que você vive esperando sempre um ataque que você sabe improvável, ou será que vive sempre se defendendo — sem saber de quê?

— Acho que é isso...

— Também sua fantasia de luta é frequente, não? Ela apenas retrata sua defesa.

— É demais, Dr. Penso coisas horrorosas contra os outros. Cada luta bruta! O chefe, papai, qualquer um que me diz alguma coisa atravessada. Horas a fio. Esmurro, esmago, piso, chuto, amasso...

— Mas quem fica machucado é você. Durante suas crises, você disse que se sente esmagado, que teme ver seu sangue sair pela cabeça...

— É...

— Acho que as coisas começaram com papai. Na mesa. Cada vez que papai berrava ou protestava, você se encolhia para se segurar — para segurar a raiva, o pulo, o murro. Mas veja, quando eu me *encolho bruscamente*, é como se estivesse me defendendo, não de um grito, mas de um murro. Faça e veja.

Ele faz.

— É assim. Mas veja que o encolhimento brusco — bem rápido — é quase igual a um *golpe que eu dou em mim mesmo*; ao contrair a barriga com força, dou um safanão nas minhas tripas — e atrapalho minha respiração. Quando — no dia do banho fatídico — você assoou o nariz com toda força, você fez o mesmo gesto *de barriga* de uma pessoa que se encolhe bruscamente; o mesmo gesto de alguém que *se defende* de um murro na boca do estômago. Faça.

Ele faz.

— É mesmo!

— Uma coisa é o golpe rápido que nos dão ou que damos contra nós mesmos — quando encolhemos. Outra coisa é *ficar* teso defensivamente; ficar muito tempo prevenido. É sufocante. Para respirar, os pulmões precisam se encher de ar — expandir; para isso, o tórax precisa se alargar para os lados e para baixo. Se você está todo contraído em defesa, o tórax não pode se alargar — e você se asfixia, fica aflito, angustiado, desesperado.

Foi assim na terceira vez.

Disse acima que o paciente parecia ter sentimentos de inferioridade física e disse ainda que eram falsos. O paciente estava apenas amarrado pelo seu controle compulsivo. Estava com sua *liberdade de movimento* muito reduzida — principalmente a respiratória. Por isso tinha medo. Sua inferioridade era *real* mas não anatômica e sim *funcional*. Poderíamos, em paralelo com a clínica médica, chamar a essa síndrome de “síndrome funcional de redução da capacidade de movimentos e de respiração”. O indivíduo, subjetivamente, sente-se tão diminuído *em suas forças reais*, como um cardíaco ou um parético. Atribuir esse sentimento ao corpo miúdo é uma racionalização.

Nas três entrevistas seguintes ocorreram ou foram relatados episódios ilustrativos.

Na primeira, visando fazê-lo respirar, uso o método proposto por Von Meduna para tratamento das neuroses — modificado.

Peço ao paciente para adaptar hermeticamente ao nariz e à boca, com as mãos, uma sacola de plástico com mais ou menos 35 x 25 cm. Desse modo respira-se em circuito fechado; ocorre um acúmulo de CO<sub>2</sub> no sangue, sendo o CO<sub>2</sub>, sabidamente, um notável estimulante da respiração.

O paciente respira sentado. No fim de cada inspiração detêm-se alguns segundos, agita as pernas daquele jeito conhecido e a seguir expira.

O mais notável da situação foi o seguinte: o paciente conseguiu, em cada uma das três vezes sucessivas, respirar mais ou menos 15 vezes dentro da sacola. Os 15 movimentos respiratórios, se houvessem sido registrados em gráfico, ter-se-iam mostrado *muito semelhantes* entre si na frequência e na amplitude, sendo esta, sempre, notavelmente limitada. Não sei de que modo é possível tolher a tal ponto as excursões torácicas contra o poderoso efeito estimulante do CO<sub>2</sub>.

Na entrevista seguinte o paciente traz uma descoberta pessoal.

— Fui visitar um amigo cuja irmã toca piano. Animei-me a cantar e piorei de início, mas logo me senti muito bem; comecei a respirar mais aqui (o peito).

Explico-lhe que o canto exige de nós, ao mesmo tempo, maior amplitude e melhor controle respiratório.

Ainda nesta consulta o paciente refere, entre muitos sonhos confusos de briga, um mais claro.

“Talvez fosse revolução. Eu lutava contra um homem que ia me matar. Consigo desarmá-lo e fico com o revólver — não sei se era; era uma arma grande que pus ao cinto e tinha ao mesmo tempo que segurá-la e escondê-la, para que os outros não vissem.”

Ao mostrar espontaneamente como carregava a arma, faz o gesto de segurar algo contra a boca do estômago, o lugar de sua defesa.

No fim dessa entrevista, faço-o deitar-se de costas no divã; durante 3 a 4 minutos peço-lhe que respire contra a pressão firme feita sobre seu

tórax pelas minhas mãos, uma sobre o externo e a outra junto às últimas costelas.

Suas pernas se agitam a cada respiração. Após o fato, está visivelmente assustado e aliviado, ao mesmo tempo. Tenta respirar, tenta sentir-se e experimentar-se no curso de vários movimentos respiratórios. Depois comenta:

— Dr., aqui está leve! (as duas mãos sobre o epigastro). Enquanto o Sr. apertava eu sentia uma tonelada sobre mim. (A força que eu fiz não era tanta...) Agora... agora eu não sinto isso aqui: está leve...

Entendi esse relato do seguinte modo: eu o fiz multiplicar, talvez por 4 ou 5, a força muscular que ele habitualmente exercia no tórax. Ao voltar ao normal, essa musculatura, agora fatigada pelo esforço, relaxara.

*Este caso, com seu esquematismo “de livro”, nos mostra muito bem que a “atitude respiratória” (ou a atitude inibidora da respiração) compõe-se organicamente com a atitude global, sendo sempre artificial isolar uma da outra.*

A coluna vertebral é o eixo estático e dinâmico de todos os movimentos e posições do corpo; costelas e diafragma estão anatômica e funcionalmente ligados a ela. Portanto...

Podemos dizer do paciente que sofria de uma excitação crônica do sistema reticular, vivendo por isso num “alerta” permanente.

Este alerta *o jazia ver perigos* (ou ataques potenciais), em quase tudo, alimentando-se assim, em circuito fechado, a atitude de defesa/ataque.

O que ele aprendeu comigo deve ter sido o suficiente — para o momento. Não retornou após a oitava consulta. Soube por telefone que se sentia melhor e havia iniciado namoro, o que era inédito para ele.

#### SOLO E DUAS VOZES

Luís, recém-saído de um surto esquizofrênico, naquele dia entrou no consultório com maneiras, também recentes, de menino obediente, gentil e delicado.

— Como vai? — pergunto-lhe.

— Vou bem, diz ele.

Nosso diálogo é sempre bastante lento. Entre cada pergunta e cada resposta — assim como entre esta e a pergunta seguinte — decorrem muitos segundos.

— E a falta de ar? — pergunto eu.

— Senti várias vezes.

E, logo depois, com uma expressão de ligeira desconfiança e um modo de quem não gosta de falar muito no assunto, acrescenta:

— Os ruídos em minha volta muitas vezes me incomodam.

Depois da pausa habitual, volto a perguntar:

— E as palavras que se repetem na cabeça — ainda estão aí?

— Estão... Mas agora elas fazem de outro jeito.

— Qual é o jeito? — pergunto.

— Parece que alguém às vezes fala.

Sua expressão é a de quem procura caracterizar um fato muito vago.

— Falam de quê? — pergunto.

Ele hesita, escolhe e depois diz lentamente:

— Dizem que eu preciso mudar.

— Dizem? São várias vozes?

— São...!

— A voz é de homem ou de mulher? — digo eu.

— Não sei bem...

— Parece uma pessoa falando em vários tons de voz ou parecem várias pessoas falando?

— Acho que é mais o primeiro.

— A voz é de homem ou de mulher?

— Não sei.

— Você acha que essa voz é sua amiga ou sua inimiga? Ela lhe faz bem ou lhe faz mal?

— Não sei, acho que faz mal.

— A voz se dirige diretamente a você, como se fosse a outra pessoa no diálogo?

— Não, não é assim. Ela fala, só. Nem fala; vem na cabeça.

— Vá ao quadro-negro.

Ele se levanta, aproxima-se do quadro-negro e toma um giz na mão.

— Você vai tentar fazer um desenho ilustrando o seguinte título: duas vozes — a sua e a outra.

Ele hesita um quase nada e logo rabisca no quadro-negro um bonequinho humano; depois traça um risco vertical pelo meio do boneco. Olha um pouco o que fez e diz:

— É isto — uma pessoa dividida.

— Gostei do seu desenho. Mas gostaria de ampliá-lo um pouco mais.

E logo lhe pergunto:

— Como é que se forma a voz em nós?

Ele responde:

— A voz é um som.

Para um pouco e acrescenta:

— Sai da garganta.

— E qual é a força que produz o som?

— Eu acho...

Hesita. Evidentemente não tem certeza.

— O ar da respiração, não é?

— É, concorda ele.

— Muito bem. Então aqui, no canto da pedra, você vai fazer uma pessoa dividida ao meio, como se fossem duas pessoas; mas vamos representar só aquelas partes que interessam à voz. Desenhe aqui uma boca e, ao lado dela, outra boca, porque a voz sai pela boca.

Ele desenha. Depois digo-lhe:

— Logo abaixo da boca você faz um tubo de ar, tanto de um lado como de outro.

Ele faz.

— Neste tubo você vai fazer um rabisco indicando a garganta, que é onde nasce a voz.

Ele faz.



— Aqui embaixo do tubo você vai desenhar dois foles, que são os pulmões; é o ar dos pulmões que faz nascer a voz.

Ele desenha os dois foles.

Ficamos ambos contemplando o desenho algum tempo e logo me ocorre uma compreensão intuitiva da sua falta de ar. Com certo entusiasmo, digo a ele:

— Você não está vendo?

Tomo do giz, passo um risco que inclui os dois foles num só círculo e prossigo:

— Veja, nós aqui fizemos dois foles para cada tubo, mas ninguém tem dois pares de pulmões, nós temos apenas dois pulmões, que acabam num só tubo para cada pessoa. Certo?

— Certo — concorda ele.

— E então, você não está vendo? Seu pulmão tem que funcionar para produzir *duas* vozes ao mesmo tempo. Você não acha que ele vai ficar atrapalhado?

— Acho que sim.

Depois eu traço na pedra uma linha senoidal e digo:

— Olhe, esta é a sua respiração comum, que acompanha a sua voz normal.

Depois traço outra linha sinuosa, diferente da anterior e digo:

— Veja, para produzir a outra voz que vem a sua mente seria necessária *esta* respiração. Compare as duas linhas e veja se é possível fazer as duas respirações ao mesmo tempo. Mais claro: *você seria capaz de cantar a duas vozes ao mesmo tempo?*

— Acho que não — diz ele.

Continuo:

— Aí está, provavelmente, o principal de sua dificuldade respiratória. Quando a outra voz chega a sua mente, ela teria de ser falada também. Mas para a outra voz falar seria necessário combiná-la com a sua maneira habitual de falar e de respirar. Uma interfere com a outra, você perde o ritmo respiratório e não sabe mais como respirar. Na verdade, sua dificuldade não está, primariamente, na respiração. Sua dificuldade

está, antes de mais nada, nesta impossibilidade de falar duas vozes ou exprimir dois pensamentos ao mesmo tempo.

O diálogo prosseguiu e fiz a Luís uma porção de perguntas. Usando as respostas dadas e recordando fatos anteriores, pude fazer para ele o seguinte esquema:

— Parece que esta outra voz que vem a sua mente representa três coisas ao mesmo tempo: ela é um resumo das vozes de todas as pessoas que estão à sua volta e que mostram cara de protesto pelo fato de você estar sempre deitado, sem trabalhar, sem fazer coisa alguma e dando trabalho para todos. Em segundo lugar, esta voz representa também o *meu* pensamento. Muitas vezes, quando estou na sua presença, sinto-me dividido. Uma parte de mim compreende que você está doente, que você precisa ser cuidado e que é justo viva você como está vivendo. Mas outra parte de mim talvez fique um pouco invejosa da boa vida que aparentemente você está vivendo, sem obrigações, sem deveres, sem horários, sem compromissos. Enfim, esta voz representa também o pensamento de uma outra metade de você, aquela metade que acha — ela também — que você deve mudar. Você tem vivido e experimentado coisas muito difíceis e penosas nestas últimas semanas; quando sobrevêm um momento de tranquilidade, você não quer saber de nada e não quer fazer nada. Você já acha que a vida está muito boa quando ela não está ruim demais. Então você não faz nada. Vejo esta vontade na sua atitude. Você entrou aqui, hoje e outros dias, com aquele jeito de menino bonzinho que já lhe disse. Você está disposto a concordar e a ser gentil, contanto que ninguém obrigue você a nada. Não acredito que você seja uma pessoa propriamente preguiçosa; mas parece que você está assustado e faz o possível para deixar tudo como está. Não acha?

Luís, que me ouvia com atenção, concorda com um aceno de cabeça.

— Parece, então, que esta voz representa uma espécie de reação, em você, contra esta inércia, esta indolência, esta inatividade em que você se encontra. Pensando assim, digo que esta voz é uma boa voz; ela deve ser ouvida e seguida, não acha?

— Acho, diz ele.

— Então, de hoje para amanhã, você vai experimentar fazer o seguinte: sempre que sentir a perturbação respiratória, procure ficar presente a si

mesmo, procure ouvir dentro de si esta voz. Se você for ao encontro dela, creio que ela se mostrará amiga. Ao mesmo tempo, se você fizer assim, creio que sua falta de ar irá melhorar. Se você conseguir substituir o esforço impossível de falar duas vozes ao mesmo tempo, pelo trabalho de falar primeiro uma e depois a outra, então você não terá falta de ar.

Naquele dia, paramos aí.

No dia seguinte, o diálogo mostrou-se de início bastante difícil. Luís estava confuso e meio perplexo. Das muitas perguntas que lhe fiz, só consegui responder a poucas, e a estas mesmas de maneira extremamente vaga, com um monossílabo ou com duas palavras bastante enigmáticas.

Logo de início perguntei-lhe como estava sua falta de ar.

— Está bem melhor.

A seguir, perguntei-lhe:

— E a outra voz? Você procurou ouvi-la?

— Procurei, mas não adiantou muito. Quando começava a falta de ar e eu procurava ouvir a voz, ela simplesmente não aparecia ou aparecia de um jeito que eu não compreendo.

Prossegui interrogando e aos poucos ficou mais ou menos claro o seguinte: a voz havia se transformado. Ele ouvia palavras que vinham a sua mente, de uma forma ao mesmo tempo *nítida, significativa e incompreensível*. Nem vou tentar reproduzir o diálogo ocorrido entre nós e que me levou a esta conclusão, tal sua sutileza.

Estas palavras que vinham à mente de Luís haviam começado, de forma clara e incômoda, alguns dias antes. Sem querer, o paciente pensava palavras de baixo calão — o que não estava em seus hábitos. Quando estas palavras lhe vinham à mente, ele se sentia envergonhado e procurava não dizê-las; estes termos não eram dirigidos contra ele.

Em poucos dias tais palavrões foram diminuindo, em parte porque eu fiz o paciente dizê-los na consulta e isso de algum modo o aliviou; em parte porque, depois de ditos os palavrões à viva voz, pude mostrar-lhe que seu significado não tinha grande importância; *eram puras exclamações*. Valiam mais como “desabafo” — respiração veemente — do que como intenção definida.

Em dias subsequentes, em vez de virem a sua mente palavras grosseiras, começaram certos termos a repetirem-se. Ao ler qualquer texto, uma palavra salientava-se da frase e ficava se repetindo em sua mente várias vezes, não lhe sendo possível impedir esse fato. Só numa terceira etapa, que culminara na entrevista anterior, é que esta voz começara a articular palavras soltas, que pareciam fazer parte de um contexto mal ouvido, pouco mais que pressentido.

Das expressões ditas por esta segunda voz, o paciente só conseguiu recordar duas nesta segunda entrevista. A primeira foi NEGRO BANTU. Depois de algum trabalho de comentário e interrogatório, a este negro bantu veio somar-se NEGRINHA ZULU; de acordo com o paciente, estas duas palavras não se davam bem. Negrinha zulu, por sua vez, ligava-se a uma empregadinha que estava trabalhando em sua casa. Tratava-se de uma negrinha de 8 ou 9 anos; devido à pouca idade, fazia muita algazarra em casa. O paciente, com uma marcada sensibilidade para a audição, exasperava-se com esse barulho, mas não dizia nada para ninguém. Negrinha zulu, portanto, queria dizer, pouco mais ou menos, barulho, arruaça, zoada. Partindo de negro bantu, perguntei a Luís se as palavras que vinham a sua mente, não lhe pareciam linguagem de africano, isto é, um murmúrio de sons ininteligíveis, dos quais se destacavam, às vezes, fonemas melhor definidos. Perguntei-lhe, na mesma frase, se aquilo que ele ouvia não parecia quase murmúrio de floresta ou chilreio de pássaros. Luís interessou-se por estas comparações. Vi que elas estavam próximas da questão, mas não ainda sobre a questão. Aí me ocorreu uma ideia feliz:

— Será que você não ouve essas palavras como uma criança de 6 ou 8 meses ouve as palavras das pessoas em volta?

Esta ideia o prendeu. Continuei:

— Veja, parece que a criança ouve exatamente como você me diz. Ela ouve fluências sonoras mais ou menos contínuas; pela variação do som, em ritmo e modulação, a criança de algum modo “sabe” que esses sons não são simples ruídos, mas são sons *com significado*, sons que exprimem uma intenção. No entanto, ela não entende o que está ouvindo. Na verdade, ela nem separa o que está ouvindo.

Como Luís levantasse um pouco as sobancelhas, nesse momento esclareci mais para ele:

— Veja, vou escrever uma frase na pedra, sem nenhuma separação entre as palavras.

E escrevi qualquer coisa assim como “ogatonegropuloudajanelaecai”.

— Será que não é assim que você ouve estas palavras na cabeça?

Ele disse:

— Pode ser...

Chegados a este ponto, resumi a questão:

— Acho que está nascendo em você sua linguagem própria. Você está começando a ouvir palavras como uma criança, que ainda não sabe falar, ouve as palavras. Isto é, sabendo que elas têm um significado, mas não sabendo qual é este significado. Acho que até hoje você usou as palavras de um modo impessoal. Parece que você nunca pôs nas palavras que dizia quase nada de seu. Suas palavras não eram expressão da sua personalidade e de seus sentimentos; eram apenas expressão da sua inteligência e da necessidade de comunicar intenções para os outros. Agora, depois do mau pedaço que você passou, durante o qual a maior parte dos velhos hábitos se desfizeram, dir-se-ia que você está renascendo. Você sabe bem quantos indícios deste fato nós encontramos nestas últimas semanas. Primeiro, tudo morrendo pouco a pouco; depois, pouco a pouco, tudo começando a nascer de novo. Acho que agora está nascendo em você sua linguagem própria. Logo mais, acredito que você, usando palavras conhecidas, irá dizer coisas muito diferentes daquelas que dizia antes, mesmo quando usasse, então, as mesmas palavras.

Como a ideia estava clara para mim, mas, evidentemente, não estava clara para ele, fiz uma comparação:

— Veja, tanto o engenheiro como o marceneiro usam os mesmos objetos e, em parte, usam as mesmas palavras. Os dois usam esquadro, usam lápis, usam compasso, não é verdade? No entanto, para o engenheiro, compasso, régua e esquadro querem dizer “desenho de uma ideia”, ideia de uma casa, ideia de uma máquina. Para o marceneiro, esquadro, compasso e régua querem dizer: trabalho determinado para os braços. O engenheiro vê o desenho com os olhos da inteligência; com os mesmos olhos da inteligência ele vê os instrumentos de seu desenho. Já o marceneiro vê os esquadros e os

compassos como coisas que ele sente na força que faz, na energia que despende para serrar, para aplainar, para lixar, etc. Vê você que os dois usam das mesmas palavras, mas para cada um delas elas querem dizer coisas bastante diferentes. É assim que eu vejo você. Você irá continuar a usar as palavras que sempre usou, mas elas quererão dizer, para você, coisas muito diferentes daquilo que já disseram.

Para o leitor eu repito agora, como repeti para Luís, um resumo do nosso achado na segunda entrevista. Disse acima que Luís ouvia palavras nítidas, significativas, mas incompreensíveis; disse também que desse contexto emergia uma ou outra palavra que ele conseguia compreender um pouco. Se nós imaginarmos uma criança que está começando a se interessar pela linguagem, criança talvez de um ano ou ano e meio de idade, veremos que em sua mente deve ocorrer algo de todo semelhante. Certos termos mais repetidos, referentes a objetos mais conhecidos, ela os distingue certamente com clareza. Mas deve separar estas palavras de um conjunto de sons, para ela claros, enquanto sons, genericamente significativos, mas especificamente sem sentido. Algo semelhante, ainda, ocorre conosco quando aprendemos uma língua nova. Depois de estudar um certo vocabulário, lemos a lição correspondente, e a compreendemos quase inteira. Mas se passarmos a ler a página de um livro qualquer, mais adiantado, ouviremos uma série de sons mais ou menos reconhecíveis, que nos dão uma vaga sensação de dizer coisas, mas que na verdade não completam o pensamento. Dentro desse contexto vago, aquelas palavras conhecidas ressaltam espontaneamente, como rochedos sobre a água.

Eu, que não apenas *ouvi* Luís dizer, mas, ao mesmo tempo, *vi* a sua *maneira de dizer* as coisas, posso perceber, certamente melhor do que o leitor, o quanto é verídica esta aproximação.

Se repetirmos a seriação descrita para as vozes interiores de Luís, melhor aparecerá a ideia de “linguagem nascente” ou, o que dá na mesma, a hipótese de reaprendizado da palavra.

Havia primeiro palavrões, equivalentes, como vimos, a exclamações. Parece fora de dúvida tenha-se iniciado a linguagem humana, como se inicia a linguagem da criança, pelas exclamações. Nelas se revela o fundamento emocional e, ao mesmo tempo, o fundamento respiratório

da palavra. As exclamações são puras respirações audíveis; são, além disso, sinais imediatos de comoções primárias. A linguagem exclamativa é comum a todas as línguas; qualquer pessoa “compreende” exclamações, ou as “interpreta” imediatamente como sinais sonoros de medo, raiva, amor.

Mas geralmente não nos damos conta daquele outro fato: a exclamação é um respirar audível.

A correlação imediata entre *estado emocional* e *modo de respirar* é tão profunda, constante e completa, que temos dificuldade em separar uma da outra. Assinalemos e sublinhemos o fato; logo retornaremos a ele.

A segunda modificação sofrida pela voz interior de Luís foi a reiteração de palavras isoladas e sem sentido; na aparência, algo puramente mecânico. Na verdade, algo tão mecânico que já foi denominado por outros de “automatismo mental”. Em Luís podemos compreender este fato de dois modos complementares: perda do velho sentido das palavras — que assim se faziam estranhas; aquisição de novo sentido — ainda obscuro. Daí a confusão e a perplexidade do paciente — manifestas na consulta.

Pergunto-me se todas as crianças não passam por esta fase durante o aprendizado da linguagem. Dizem os linguistas — e é fácil verificar — que o aparelho fonador humano é capaz de emitir um número de sons elementares distintos, muito *maior* do que o número de sons *usados* na constituição de uma língua — de qualquer língua. Algo semelhante acontece com a *ordem* dos fonemas na palavra e a *ordem* das palavras nas frases; dentre as muitas ordens possíveis, só umas tantas são aceita e se fixam. O mundo sonoro e significativo que o homem pode criar — qualquer homem — é muito maior do que o mundo sonoro da língua que ele usa — qualquer que seja essa língua.

A criança que repete palavras isoladas “sem sentido”, estaria aprendendo — como o meu cliente — a “lista” dos fonemas *aceitos*. Estaria, ainda, aprendendo a *distinguir* estes dos muitos que “lhe vêm” à mente — e que ela emite livremente quando pequena, para gáudio dos familiares.

Toda criança de 1 a 2 anos tende a criar uma linguagem própria com neologismos, neofonemas e sintaxe “pessoal”. É nesta etapa que a criança se diverte e nos diverte, compondo “versos” soltos por

consonância pura, em completo desrespeito para com o sentido das palavras. É então que surgem neologismos onomatopaicos os mais inesperados. Algo semelhante ocorreu com Luís, quando ele falou em negro bantu e negrinha zulu.

A rigor, pois, a “voz interior” de Luís estava balbuciando.

Diga-se ainda, lembrando Freud e seu estudo famoso sobre lapsos (aí incluídos os trocadilhos), que é nesta etapa dos balbucios que nascem, por vez primeira, os trocadilhos e jogos de palavras.

Bem esclarecido o tema do reaprendizado da língua, reiteramos o tema das duas vozes — a nova e a velha. A correlação entre essas duas vozes e a perturbação respiratória parece-me imediata. Fácil se faz compreender quanto uma voz interfere com a outra, tanto na forma e ritmo da respiração, quanto na articulação da palavra. São tais e tantas as diferenças respiratórias entre duas vozes, que podemos nos perguntar, desde já, sobre as relações entre sintaxe e respiração.

Diz-se que a respiração está presente no falar, apenas na pontuação. Mas notemos que a pontuação marca o ritmo da frase e tudo o mais (fonemas, palavras, ordem) tem que obedecer a este ritmo — ou perdemos o fôlego.

Logo voltaremos a esta... música.

A redação deste caso me trouxe, enquanto o elaborava, a resposta para uma velha e importante pergunta: por que Freud não pensou na respiração?

É tão estreita no adulto a relação entre respiração e palavra, é tão íntima a associação entre o significado dos termos e a matriz sonora na qual eles estão imersos, que a imensa maioria das pessoas é praticamente incapaz de separar uma coisa da outra. No entanto, sempre que ouvimos uma audição musical, separamos com facilidade a letra da música.

Em relação à voz humana, essa distinção subsiste e tem um valor fundamental. Apenas, em nossa voz, letra e música não dependem, como na audição, a letra da voz humana e a música dos instrumentos da orquestra. *Em nós, letra e música estão sempre profundamente entrelaçadas.* Apesar disso, podemos, à custa de alguns artifícios, fazer a separação.



Ouvimos música pura nas exclamações, quando cantarolamos sem letra ou quando ouvimos uma língua desconhecida.

Outrossim, podemos perfeitamente “ouvir” a letra pura, quando lemos um escrito no qual se registra aquilo que alguém falou.

Na vida cotidiana, tanto quanto no consultório de Freud, esta distinção não foi feita. E isso quer dizer que Freud sofreu de um tipo muito particular, muito comum e muito grave de inconsciência, que consiste, precisamente, em não fazer esta separação. De regra, nós damos um valor extraordinário ao significado intelectual daquilo que nos é dito, e mal percebemos a influência da música da palavra sobre nós. No entanto, pelos nossos ouvidos entram os dois. Tenho sobejas razões para crer que, sobre nós, atuam os dois. Mas nós não separamos a ação da música da ação da letra. O leitor poderia dar-se a um pequeno exercício teatral, de consequências fecundas. Escolha uma pequena frase qualquer, que pode ser “eu te amo”, “eu te odeio”, ou “folhas verdes caindo”. Diga qualquer uma dessas frases com entonações variadas. Dita num *staccato* intenso, qualquer uma delas atuará sobre o outro como um xingamento. Dita com suavidade, num sussurro doce e musical, qualquer uma delas é sentida pelo outro como se fosse uma expressão de carinho. Dita de modo estridente, qualquer uma delas atuará sobre o outro como um grito de desespero ou de medo.

Essa distinção entre letra e música não foi feita por Freud, e, que eu saiba, por nenhum outro psicanalista. Ora, na letra da palavra está o relato de fatos, está a recordação do passado, está a comunicação descritiva do presente, está a *forma*. Na música da palavra está, cem por cento e exclusivamente, a respiração da pessoa, o *afeto*.

*A música da nossa palavra é uma expressão direta e perfeita do nosso modo de expirar.*

Na música, não mais da palavra, mas de frases mais ou menos longas ou de períodos sucessivos, então aparece não só a expiração, mas também muito da nossa maneira de inspirar; em suma, de nosso ritmo respiratório.

Nossas “aspirações”, tanto quanto nossas “inspirações”, se comunicam ao outro através de nossa música vocal.

Apesar de todos os argumentos e comparações que estou fazendo, tendentes a demonstrar a relativa independência da letra e da música na palavra, sei bem que não estou sendo muito convincente. Mais convincente serei apelando para o artifício a que acima aludi. Se transcrevermos um diálogo para o papel, então evidente e convincentemente se demonstra que a letra é uma coisa e a música é outra.

Mesmo aqui, porém, o hábito tende a atenuar nossa sensibilidade. O hábito, um mau hábito no caso, nos impede de ver a importância da distinção. O mau hábito consiste no seguinte: quando lemos

**a transcrição de um diálogo, mesmo que o façamos subvocalmente, nós damos ao que estamos lendo um ritmo e inflexões sonoras dependentes de nossa voz, e não da voz das pessoas cujo diálogo foi registrado. Mas esta transposição geralmente nos passa despercebida.**

É difícil, senão impossível, ler um trecho escrito sem emprestar -lhe voz. E de novo nos vemos atrapalhados, quando pretendemos separar a letra da música.

Resta um exemplo sugestivo. Refere-se ele aos textos escritos em linguagem jornalística ou jurídica, por exemplo. Também servem os textos técnicos. Quando lemos estes conjuntos de palavras bastante inusitadas, que se sucedem em uma ordem incomum, então nos apercebemos um pouco desta distinção fundamental. O noticiário político, com sua inacreditável ambiguidade e seus termos genéricos, ao mesmo tempo sonoros e vazios; os longos trechos da arenga jurídica, com seus arcaísmos completamente desusados na linguagem comum, não encontram em nós, com facilidade, uma voz para dizê-los adequadamente. Então aquilo aparece aos nossos olhos, se tivermos imaginação, como uma espécie de pequeno monstro pré-histórico. Bem no fundo, nós não sabemos bem o que quer dizer esta linguagem. Neste caso, sim, prepondera a letra sobre a música. Diríamos melhor, talvez: neste caso, a palavra encontra ou desperta uma música pouco familiar, uma espécie de música moderna.

Creio seja a “letra que mata” — de São Paulo — a letra sem música de voz. É a letra sem espírito — que é sopro.

No consultório, parcialmente orientado por Reich, muitas vezes procurei deixar de ouvir as palavras que o paciente dizia, para ouvir

somente a música, retrato da respiração. Adquiri uma certa habilidade na consecução desse propósito. Mas, mesmo treinando, ainda acho difícil conseguir realizar efetivamente essa distinção. Há casos extremos, fáceis de perceber — pessoas com uma voz tão estridente e irritante, que não conseguimos ouvir as palavras que elas dizem. Há pessoas de voz tão mansa e sumida, que mais nos impressiona a mansidão e o sumido da voz que a palavra.

Aqui também as crianças podem nos ajudar.

Das muitas coisas encantadoras que uma criança pode oferecer para os que lhe estão próximos, uma das mais curiosas é a “música vocal sem letra”. Bem antes de *dizer frases completas*, a criança alinha fonemas mais ou menos sem sentido em um leito sonoro (música vocal) perfeitamente definido. A criança pode repetir, dirigindo-se a si mesma, uma frase de aprovação elogiosa que mamãe terminou de dizer. Há — na vocalização *sem palavras conhecidas* — uma entonação e um ritmo de aprovação divertidamente solenes e inconfundíveis. Ao se dirigir à boneca, é fácil ver que a criança imita, com a voz, o “jeito” de zanga da mamãe; a palavra propriamente dita, contudo, é uma algaravia incompreensível.

A criança aprende primeiro o ritmo e a forma respiratória adequada às várias entonações das frases.

**Só depois vai aprendendo as palavras propriamente ditas. No que chamamos entonação (e modulação) da voz, vai o “afeto”. Dito de outro modo, é a “atitude” respiratória que molda a expressão não verbal da frase.**

**Em termos gramaticais, diremos que a criança aprende primeiro sintaxe e pontuação; depois, as palavras. Não sei de ninguém que tenha deduzido deste fato — de si evidente — a seguinte conclusão: a criança se identifica primeiro com a respiração do adulto; depois aprende suas palavras.**

Mais simplesmente, a criança *imita* primeiro a música e depois aprende a letra. (Muitas vezes fazemos assim — nós, os adultos — *quando pretendemos aprender uma canção.*) *Mais exatamente:* a criança primeiro sintoniza sua respiração com a do adulto e só depois começa a compreender o que ele quer dizer.

A criança ouve mamãe desde que nasce. Muito antes de entender ou falar palavras, ela já está, de certo modo, imitando *a respiração de mamãe*. Diria o psicanalista — se admitisse a existência da respiração — que a criança já está identificada *respiratoriamente* com mamãe (e, através da respiração, *emocionalmente* identificada com ela). Prefiro o termo sintonizada. É mais claro como descrição e é o que menos prejudica quanto ao “processo profundo” correspondente. O termo sintonização respiratória criança-mãe significa que a criança aprende inconscientemente a moldar sua forma e ritmo respiratórios, pela forma e ritmo respiratórios da mãe — pelo fato de ouvi-la falar muitas vezes.

A semelhança poderá eventualmente ser verificada objetivamente — se houver alguém interessado na questão.

Já a “identificação emocional” é uma hipótese de verificação direta impossível. Em linguagem que a etimologia confirmará amplamente, diremos que através de suas *palavras a mãe infunde na criança seu espírito* (que é sopro): mas muito antes de haver, na influência materna, o espírito do sentido das palavras, existe, desde o começo, o espírito da música vocal, que é sentimento puro — quando não é pura falta de qualquer sentimento.

Recordemos uma situação comum a fim de melhor compreendermos estas afirmações algo obscuras. Lembremos aquelas vezes em que ouvíamos pessoas falando uma língua para nós desconhecida. Então só há música. Somos então “crianças”. É fácil neste caso perceber, não o que está sendo dito, mas sim a disposição íntima — o estado de espírito daqueles que estão falando, seja seu espírito habitual (calmo, agitado, compassivo, agressivo, etc.), seja seu espírito atual (exasperação, explicação, pedido de desculpas, pergunta, etc.). Assim acontece com a criança ante a mãe.

Neste contexto facilmente se compreende o termo consagrado: a voz da consciência. Antigamente era a consciência moral, atualmente é o superego. Mas ambos “falam” de dentro. Se aprendermos, em clínica, a distinguir a voz do superego, logo veremos que sua música é diferente da música vocal que se ouve quando a própria pessoa está falando. Pelas diferenças de entonação, modulação, inflexão e ritmo da voz da pessoa, com bom ouvido para estas coisas, podemos com certa facilidade perceber “quem” está falando, a cada momento, pela boca da

pessoa. Por vezes é a mãe, outras o pai; não raro são “eles”, os outros, existindo como coletividade (senso comum, bom senso, lugares-comuns, frases feitas, enunciado de preconceitos sociais, etc.). Creio que são estas *variações sonoras* que orientam o psicanalista sensível, e não o *conteúdo* da frase.

Com algum treino conseguimos distinguir, na mesma pessoa, várias “trilhas” sonoras, conforme o assunto em discussão, a disposição de espírito ou o estado emocional. Na verdade, com um pouco de paciência podemos, na *mesma* pessoa, identificar vários *personagens vocais*, caracterizados não só pelo *modo de falar* como também pelas atitudes e pontos de vista intelectuais ou afetivos.

Passam-se as coisas como se a pessoa fosse um palco no qual *vários atores* tivessem a palavra sucessivamente.

Depois de perceber este fato nos outros, não é muito difícil descobrir que a nossa “voz interior” não é uma; são várias. Tenho para mim como evidente que cada uma destas vozes é emitida de acordo com um *padrão respiratório* característico. Vistas as coisas assim, logo compreendemos através de que veículo objetivo — a voz — se faz a comunicação *emocional* entre o paciente e um psicanalista ortodoxo. Como estes não isolaram nem se referem a uma fase respiratória no desenvolvimento da personalidade, o fator mais importante de comunicação entre paciente e terapeuta lhes passa despercebido, e então hipóteses precárias tomam o lugar de comprovações diretas. Nunca li nem ouvi de um psicanalista a descrição de seu *tom de voz* ao falar com o paciente neste ou naquele momento. Vez por outra fala-se algo sobre as qualidades da voz do paciente; mesmo aqui, porém, falha a descrição do efeito deste tom de voz sobre o terapeuta.

Vemos assim, sumária mas sugestivamente, quão fecunda é a distinção entre letra e música de voz. Ainda mais, quão fecunda a distinção entre um conteúdo intelectual (espírito, pai) e um leito emocional na voz (afeto, mãe). Enfim, ainda veremos bastante sobre a importância desta distinção na compreensão de perturbações respiratórias (angústia).

### **LUÍS PERSEGUIDO PELO ESPÍRITO**

Um ano após a fase aguda de sua moléstia e alguns meses após a entrevista registrada no 2º capítulo, Luís chegou ao consultório comendo um pãozinho; ainda segurava metade dele na mão. Ofereceu-

mo e dele comi, não só porque estava com vontade de experimentar, mas também porque me pareceu fosse hora de fazê-lo. Por duas vezes, em períodos diferentes, Luís havia feito o mesmo oferecimento e eu havia recusado.

Após dois ou três minutos de um diálogo sem maior significado, houve uma pausa mais ou menos longa e depois, muito sério, ele me perguntou: “Doutor, os espermatozoides podem estar espalhados no corpo todo?”

Eu tinha a certeza, para mim mesmo, sabia Luís a resposta literal a esta pergunta. Apesar disto, fiz-lhe uma pequena explanação — dentro de tudo o que sabemos, só existem espermatozoides nas vias genitais. A seguir manifestei minha estranheza pela sua pergunta e quis saber seu motivo.

— É porque, no tempo, em que eu estava ruim, acho que via, ou percebia, uma porção de coisas minúsculas em volta de mim, uma espécie de poeira... podiam ser espermatozoides.

Luís falou assim mesmo, vagamente, como aliás foi vago todo o diálogo que vou tentar reproduzir.

— E os espermatozoides fora de você, em volta, estavam vivos?

— Não sei, talvez. Talvez houvesse alguns vivos, outros não.

— E o pó? Que tinha a ver o pó com os espermatozoides? Era um pó de espermatozoides?

— Um pouco, quem sabe? Talvez fossem espermatozoides queimados. Sabe Dr., eu sentia no amarelo dos dedos, no cheiro das coisas, da roupa, do quarto que ficava fechado muito tempo, uma espécie de cheiro de mofo, cheiro das pessoas.

— Você acha que existe algo em comum entre os espermatozoides, o pó e o cheiro?

— Pode ser.

Não era a primeira vez que Luís passava a me relatar os fenômenos de consciência relativos ao período agudo de sua doença. Ele já o havia feito várias vezes antes, mas em todas elas era tomado pelo relato e em vez de simplesmente descrever, ele, em certa medida, revivia o que então havia acontecido.

Durante o período agudo, Luís se mantivera quase sempre silencioso. Pude me conduzir com ele nesse período, baseado quase que exclusivamente na observação de seu comportamento e expressões, assim como em raras e curtas frases ditas por ele de vez em quando. Em relatos subsequentes, então, e só então, passou ele a descrever, por partes, o que havia sentido e o que havia pensado naquele período agudo. Desta vez, como disse, era a primeira em que ele conseguia apenas relatar. Estava interessado, sério, mas não tomado pela fenomenologia patológica.

Depois de estabelecer um certo agrupamento com os espermatozoides, o pó e o cheiro, os três difusos, os três “atmosféricos”, avancei um passo:

— Olha, você está interessado em livrar-se destas ideias?

O paciente acenou que sim (nem sempre este é o caso).

— Bem, a melhor maneira de livrar-se destas ideias, que à primeira vista parecem muito descabidas, é encontrar o que possa haver de razoável nelas. Por exemplo, — continuei — entre o pó, o cheiro e os espermatozoides espalhados na atmosfera, existe algo de semelhante, como existe algo de semelhante entre estes três fatos e os gases que nós inalamos e exalamos na respiração. Na verdade, dentro do que sabe a ciência contemporânea, a única coisa nossa que se “espalha” pela atmosfera é o ar que sai de nós. Mesmo o cheiro, não o perceberíamos se não respirássemos. É o movimento do ar produzido pela respiração que atrai as moléculas odoríferas do ar, e as leva até o interior do nariz, onde o cheiro é percebido.

Murmurou, quase que para si mesmo, “eu pensei nisso também”. Logo prosseguiu mais alto:

— Acho que há alguma coisa no que o senhor está dizendo, porque naquele tempo eu tentei me asfixiar algumas vezes; quer dizer, procurava não respirar, na esperança de que estas coisas minhas não passassem para o ar, não influíssem sobre os outros. Às vezes tentei também segurar as coisas que estavam no meu estômago, apertando bem a barriga; experimentei, ainda, quando estava com vontade de urinar, não urinar. Eu não queria que saísse nada de mim; o que saía de mim se espalhava na atmosfera, podia ir muito longe e exercia influência sobre as coisas e sobre as pessoas. Todas essas coisas

parecidas com pó, que haviam saído de mim e estavam no ar, pareciam ser capazes de influir, destruir, construir. Às vezes me parecia que eu podia governar a minha influência à distância. Por exemplo: um dia eu estava vendo o sol pela janela e no momento seguinte o sol desapareceu, aparentemente obedecendo à minha vontade. Às vezes havia nuvens, tangidas pelo vento, e eu não sabia com certeza, *mas me parecia que eu podia influir sobre o vento*, fazendo-o aumentar ou diminuir, ou mudar de direção. Eu nunca sabia muito bem se eu tinha influência, ou se eu estava sendo influenciado, mas acho que eu tinha influência.

O paciente mostrava certa satisfação ingênua com estas manifestações de seu próprio poder.

Na verdade, o seu relato era muito mais vago do que esse que aí está. Tão vago que eu não saberia reproduzi-lo literalmente. Foi preciso fazê-lo mais coerente, a fim de torná-lo compreensível.

“Outras vezes, Doutor, havia um ruído distante, parecia um vento fino e, misturado com o vento, vozes que eu não distinguia bem.”

De novo comento para o paciente: “Veja que o som, do mesmo modo que o cheiro e o pó, só pode chegar até nós por intermédio do ar.”

O paciente prosseguiu, tentando descrever o temor dos outros, que então experimentava. Esse temor tinha duas raízes. Uma, muito genérica, a já apontada: tendo muita influência sobre as coisas, ele se fazia um centro de ações mais ou menos poderosas, as quais poderiam provocar nos outros uma contínua atitude de vigilância e, por vezes, uma atitude policial ou persecutória. A outra raiz, mais específica, provinha de certas ideias de infidelidade conjugal. O fato de lhe surgirem na mente, com uma força compulsiva, desejos de procurar outras mulheres, fazia com que ele se sentisse constrangido diante dos demais.

O paciente desconfiava que as pessoas em torno poderiam prejudicá-lo à custa dum veneno; este veneno, que na sua mente passou a se chamar “cicutá”, eu não pude estabelecer se era uma substância *ingerida* ou *inalada*. Quando o paciente falou em “endurecer” a boca do estômago, ele se referia a um esforço destinado a impedir a ação do veneno. Mas quando falou em deter a respiração, tinha em mente a mesma ideia. Fiquemos nesta ambiguidade, entre inalar e ingerir. Aliás, um rápido



lançar de olhos sobre uma figura anatômica, que mostre as relações entre a via aérea e a via digestiva, mostra logo o quanto elas têm de comum, e mostra ainda o fato peculiar: a via aérea, que vai das fossas nasais à traqueia, cruza a via digestiva, que vai da boca ao esôfago. Além dessa correlação alta, existe o que poderíamos chamar a correlação baixa. O movimento respiratório, principalmente do diafragma, de muitos modos se liga às sensações que provêm da região epigástrica. A sensação de plenitude do estômago, não raro perturba a respiração, tendo sido descrito, de há muito, a síndrome epigástrica, decorrente de um excessivo acúmulo de gases na câmara de ar do estômago. Essa síndrome, mais um sem-número de sensações subjetivas, experimentadas praticamente por todos, algumas vezes, estabelece uma nova aproximação entre a função respiratória e digestiva, agora “baixa”.

Estava assim mais ou menos bem elucidado que a sintomatologia do paciente no seu período agudo da moléstia tinha muito a ver com a respiração.

Voltemos um pouco ao início do diálogo. Note-se que há nele uma curiosa incoerência. O paciente me havia perguntado se os espermatozoides se espalham pelo corpo. Logo depois ele me diz que percebia espermatozoides espalhados em *torno dele*, e fora dele. O paciente não conseguia localizar até que distância se exercia esta influência; aparentemente, não havia limites. Note-se bem: a pergunta refere-se a espalhados *no corpo*; a resposta do paciente refere-se a espalhados *no mundo*. É fácil usar aqui o termo “projeção”. O paciente estaria percebendo no mundo, o que estava acontecendo com ele.

Neste sentido, a sua pergunta inicial é inteiramente cabível; existe alguma coisa muito ativa e muito “viva”, que se espalha pelo nosso corpo todo: o oxigênio. Dentro de uma analogia relativamente verídica e, ao mesmo tempo, dotada de certa beleza poética, podemos dizer que o oxigênio está para cada célula do corpo, assim como o espermatozoide está para o óvulo. É o oxigênio que, de algum modo, fecunda todas as células ou, transliterando um pouco a frase, é o oxigênio que vivifica todas as células do corpo. É o oxigênio que as faz fecundas, não só fecundas na reprodução, mas fecundas também no trabalho, assim como no próprio existir. Muito plausível, pois,

comparar a molécula de oxigênio, ou a de oxiemoglobina, ao espermatozoide.

Dirá alguém: analogia poética, plausível ou não, que tem essa analogia a ver com o paciente? Não será uma interpretação acrescentada pelo terapeuta *a posteriori* — por amor à teoria, e de todo desligada da experiência pessoal do paciente?

Vejamos: O paciente continuou sua descrição, estabelecendo um certo paralelo entre os espermatozoides do ar e o pó. Acrescentou mesmo que o pó parecia constituído, por vezes, de espermatozoides queimados. Eu pergunto se o pó e os espermatozoides queimados não têm algo a ver com o gás carbônico? Sabemos que este é o resíduo geral do catabolismo celular, uma espécie de poeira orgânica, da mesma forma que o pó é o resto de todas as destruições que ocorrem no mundo. Como argumento adicional, eu lembraria que o gás carbônico é um tóxico, é um veneno. Na verdade, *duas ou mais pessoas fechadas mim ambiente restrito — sabemos todos — envenenam-se reciprocamente*, devido ao gás carbônico que exalam.

Acrescentamos também o argumento *ad absurdum*: fora de nossa hipótese, qual outra explicação possível para a estranhíssima ideia contida nestes termos: espermatozoides *queimados*?

Outro objetante, segundo o qual só o que o paciente sabe pode influir nos seus sintomas, me perguntaria: “mas o seu paciente sabe como é a respiração, o que é o oxigênio, o que é gás carbônico”? Respondo: o paciente tem curso secundário. Mesmo sem tê-lo, poderia elaborar suas ideias alegóricas a partir de experiências comuns e universais: a respiração é o sinal mais característico do vivo; nós não podemos parar de respirar nunca; a asfixia é um momento extremamente penoso; o paciente saberia, como todos sabem, que num ambiente confinado, nós morremos por asfixia.

Mas é evidente seja o mais convincente dos argumentos aquele dado pelo próprio paciente: *com a intenção de atenuar sua influência sobre as coisas, ele procurava impedir-se de respirar*.

Vamos resumir o nosso achado explicativo até agora: o oxigênio existe espalhado pelo corpo todo; o oxigênio intervém em tudo aquilo que se cria e destrói no corpo; como consequência da influência do oxigênio, se forma o gás carbônico, produto tóxico que “flutua” no sangue como

a poeira e o cheiro na atmosfera. Podemos imaginar fosse o conhecimento, vago embora, destas coisas, aquilo que levou o paciente a elaborar e projetar estas noções, vendo todos estes fatos no mundo, ou seja, fora de si. E o oxigênio que “está dentro” não “está fora” também? A projeção, pois, de certa forma, é *verdadeira*.

Em fórmula muito simples, ao mesmo tempo clara (porque se refere à respiração) e vaga, (porque inclui muito mais) podemos dizer que o paciente temia estar vivo. Numa linguagem que vem se fazendo familiar à análise psicológica contemporânea, diríamos que o paciente tinha medo de existir. Tornemos bem explícita esta correlação — ela é, precisamente, a *força* que *produziu* a projeção. Medo de viver é igual, imediatamente, a medo de respirar; lutando contra a respiração (ensaios de asfixia, de “fechar-se” de todo, de impedir *toda* relação com o mundo), lutando contra a respiração, o paciente, na impossibilidade de impedi-la de vez, conseguiu persuadir-se de que o caso “não era com ele”. Então, como o fato subsistia apesar da negação, passou o fato a ser percebido *fora* do sujeito. “Ar de dentro” (pulmão) e “ar de fora” (atmosfera) trocaram de posição. Há peculiaridades anatomofuncionais do pulmão que facilitam esta transposição. Mais: em pequena parte, respiro “porque quero”; em maior parte, respiro “porque preciso”; sou “vítima” ou estou sujeito à “obrigação” de respirar (e de viver).

Temer a vida se faz igual a temer respirar.

Minha vontade se divide em duas: uma se nega a viver (a respirar), a outra me impele a respirar (a viver); aquela vontade, que em mim é minha, nega aquela outra vontade que, estando em mim, não se sujeita ao meu querer. Minha vontade inconsciente (de viver), negada em mim, passa a perseguir-me “de fora”.

Este esquema, de influências sutis e ambíguas, concorda de todo com os relatos do paciente, analogamente ambíguos e sutis. Se é verdade que uma parte de seus sintomas se ligava à fenomenologia respiratória, podemos estabelecer a equação que estabelecemos. O paciente temia o ar, temia a respiração, ou, numa fórmula bem mais compreensiva, temia viver; temia destruir e ser destruído, temia criar e ser criado, temia influir e ser influído. Se o paciente, temeroso de viver, se sentia por isso temeroso de respirar, então diremos que o paciente percebia

fina e agudamente sua respiração ou, quando menos, os efeitos que ela exercia sobre seu corpo. A parte referente às vozes distantes, ao ruído do vento, ao seu poder sobre o sol e as nuvens, assim como esta outra, relatada pelo paciente, de que os outros pareciam adivinhar seus pensamentos, também em relação a estes fatos a respiração pode nos auxiliar a compreendê-los. Basta refletir um pouco e lembrar a relação absolutamente essencial entre respiração e voz, para que uma parte destes sintomas se torne clara. A voz é respiração modificada, a voz é respiração audível; a voz, e isto é muito importante, pode fazer, fora de nós, algo semelhante àquilo que o oxigênio e o gás carbônico podem fazer dentro de nós. A voz cria e a voz destrói; a voz anima e a voz desanima, a voz entusiasma e a voz deprime. O modo mais evidente de influência entre os homens é a palavra e a palavra é, repito, a respiração tornada audível. A voz é respiração que ao mesmo tempo adquire e anima a forma intelectual. Por isso, talvez, o paciente temia o que pensava; por isso os seus pensamentos o assustavam; por isso ele temia que os outros soubessem e reagissem contra o seu pensamento. Era tão funda nele, no estado mórbido em que se encontrava, a noção da relação entre a respiração e a palavra, que ele não distinguia uma da outra.

Com este complemento, fazemos a ponte do subjetivo para o objetivo e compreendemos alguma coisa da projeção. O que o paciente experimentava em si era simplesmente a respiração e sua influência sobre a vida orgânica do corpo todo (“os espermatozoides se espalham pelo corpo”). O que ele via fora de si, era algo semelhante e também ligado à respiração: ele via fora de si a influência que poderia ter sobre as coisas — se falasse; a influência que seu pensamento teria sobre as coisas, se se revestisse de palavras; a influência que ele teria sobre as coisas, se o seu pensamento usasse a respiração para se fazer audível; se o vento do espírito que sopra ao longe (respiração), trouxesse consigo as palavras, agora bem formadas, que antes existiam como intenções embrionárias em sua mente (os espermatozoides *no ar*).

Então ele atuaria em volta de si, e todos os seus temores estariam amplamente justificados porque os outros — ante seus pensamentos “encarnados” em palavras — de fato estranhariam, de fato temeriam, talvez se enfurecessem, quiçá revidassem.

A esta luz, o próprio automatismo mental adquire uma outra explicação. Vai no automatismo mental um esforço violento da pessoa para que as palavras pensadas não se liguem ao sopro respiratório porque, então, elas se fazem de algum modo substanciais.

*O receio de que os outros estejam ouvindo os próprios pensamentos é uma defesa criada a fim de que os próprios pensamentos não sejam falados — ou sequer pensados!*

O automatismo mental é o limite da discrição. Todos nós tememos, muitas vezes, que os outros saibam o que nós estamos pensando. Todos nós, nestas ocasiões, mantemos as palavras da nossa mente distantes da respiração, para que o espírito, que é vento, não anime o nosso pensamento, isto é, não o faça audível. Quando o espírito anima o nosso pensamento, e as nossas palavras mentais se fazem faladas, então nós influímos sobre as coisas; então nós entramos em relação com as coisas, passamos a afetá-las e passamos a ser afetados por elas. Enquanto meu pensamento está longe da minha respiração, ele é meu; quando pensamento e respiração se ligam, ele não é mais meu, ele é do mundo, ele está no mundo. E ele tem, no mundo, aquelas propriedades que o paciente, em termos alegóricos, atribuía aos espermatozoides. Minha palavra pode criar e destruir. Minha palavra pode dar vida e pode matar. Ao outro ou a mim mesmo.

Um último argumento a favor da tese deve ser lembrado. Depois duma longa conversa com o paciente, na linha que aí está, perguntei para mim e para ele, qual a relação entre a sua pergunta inicial e o fato de eu ter comido do pão que ele trazia na mão; achamos ambos que devia haver uma relação entre as duas coisas, e a procuramos. Um pouco vagamente, a relação é esta: ao aceitar do pão, que já havia sido mordido por Luís, mostrei que não tinha nojo dele. Eu aceitava e tocava intimamente algo já tocado por ele intimamente. Desfiz, entre ele e mim, uma das barreiras mais frequentes que existe entre as pessoas. Sabemos bem que a maioria das pessoas tem um considerável nojo por tudo aquilo que foi tocado pelos outros, principalmente se foi tocado pela boca. Se se trata de peças íntimas, ou de contato com vísceras internas ou com órgãos genitais, então nem se fala. Aquilo que está contaminado<sup>14</sup> com os humores do outro”, é absolutamente “tabu” para o homem moderno. Nós não queremos mistura de “humores”. Ao

vencer esta barreira, aceitei uma relação íntima com o paciente. Creio que com isso se desfez, nele, um temor indireto.

A mais universal influência material de pessoa sobre pessoa é respiratória. Bem claramente, é o seguinte: o ar que eu inalo e exalo veio de outros e vai para outros; as moléculas de ar que entraram em meu peito ou em meu sangue, que serviram a minha vida, são devolvidas para a atmosfera sem marca nenhuma, e ninguém, absolutamente ninguém, à custa de método algum, poderá evitar de inalar o que eu inalei. Dentro da atmosfera não há propriedade particular. Na atmosfera, nós nos encontramos todos; nós nos confundimos e trocamos coisas, inevitavelmente.

Algo de todo semelhante acontece com a palavra, quando sai de nós. Já diz o ditado que “palavra e pedrada solta não volta”. O que o homem diz, atua, influi sobre os outros, ilimitável e irremediavelmente. Ao aceitar o pão, que havia estado na sua boca, fiz com que o paciente perdesse o medo de me dizer os seus pensamentos, através de suas palavras. Uma parte importante da sua doença havia consistido, vimos, no cuidado em não dizer para os outros o que pensava; na verdade, no cuidado em não dizer nem sequer para si mesmo o que estava pensando; ele não queria comunicar nada de seu íntimo a ninguém, receoso das consequências desse contato e dessa troca. Quando aceitei o objeto mais visível, que era o pão, e o contato, que através do pão se estabeleceu entre ele e mim, então ele perdeu subitamente o medo de me contaminar, de influir sobre mim com seus pensamentos e as suas palavras, por mais estranhos que fossem. Nesse momento, seu pensamento se juntou a sua respiração e ele pôde me dizer o que até então não me havia dito, e que até então temera dizer. Ao invés de *reviver* seu estado patológico — parcialmente devido e ligado a pensamentos inexpressos — ele *me falou* sobre tal estado.

Eram seus pensamentos inexpressos que o levavam a dizer coisas estranhas, isto é, alegóricas e indiretas. A inibição do *próprio* pensamento o levava, muito simplesmente, a um pensamento estranho (ou não próprio). Não próprio em duplo sentido; nem o pensamento expresso era *seu*, nem se exprimia tal pensamento *com propriedade*. Creio que muito da fenomenologia exótica do pensamento

esquizofrênico obedece a essa dupla impropriedade e provém desta fonte primeira: a inibição *da respiração*.

*Com esta inibição, a música do pensamento se faz de todo inusitada e as palavras induzidas pela música estranha são incoerentes, seja semântica, seja sintaticamente.*

Reich insistiu muito neste ponto: o esquizofrênico apresenta inibições respiratórias, ao mesmo tempo muito graves e muito desordenadas, nunca como rigidez torácica mantida ou rigidez na forma de respirar.

Estas considerações nos esclarecem, também, sobre a incerteza do paciente a respeito do veneno, se ele seria ingerido ou aspirado. Na aspiração, vai uma alusão respiratória; na ingestão, uma alusão à boca e sua capacidade de formar palavras. O paciente temia, portanto, de novo, emprestar som ao seu pensamento. Podemos dizer, indiferentemente, que o paciente receava falar para os outros, como podemos dizer que ele receava falar para si. Envenená-los ou envenenar-se.

De certo ponto de vista — vimos acima — o paciente apenas temia viver. Deste novo ponto de vista, podemos afirmar: o paciente temia dizer para os outros o que pensava, por temer ouvir dos outros o que pensariam dele, se soubessem quais seus pensamentos. Dada a forma estranha de o paciente sentir as coisas, este seu temor era de todo justificado. Ouvissem os próximos suas ideias sobre poeira, veneno, espermatozoides ou infidelidade conjugal e certamente ficariam extremamente surpreendidos; seriam incapazes de esconder sua estranheza e, possivelmente, seu horror.

Em relação ao oxigênio que se espalha pelo corpo todo, poderíamos perguntar muito ao ponto: dado que a respiração interna celular é um fenômeno bioquímico, de todo fora do alcance sensorial, como poderia o paciente perceber estas coisas, a ponto de projetá-las no mundo? Não sei responder a esta pergunta. Parece que de nossa relação com os gases atmosféricos podemos ter, com clareza, sensação dos movimentos respiratórios, mais ou menos amplos, livres ou tolhidos; podemos perceber com certa facilidade o fluxo aéreo nas vias aéreas superiores; podemos ter uma noção, por vezes viva, da circulação do sangue e das pulsações cardíacas; podemos, enfim, ter sensações difusas e vagas, de vitalidade exaltada ou de vitalidade atenuada.

Seriam suficientes estas sensações, para esclarecer as ideias que ocorreram ao paciente? Não sei. Mais viável, parece, são as reflexões que fizemos e faremos sobre o primitivo e seu modo de perceber e elaborar sua relação com a atmosfera.

Na entrevista seguinte voltamos um pouco à questão e então demos com mais um achado importante. Recordei para o paciente o quanto as pessoas são ciosas das coisas que lhes pertencem e, principalmente, das coisas usadas intimamente; em particular a comida, como havia sido o caso com o pão na entrevista relatada. O paciente aí me recordou que ele era muito desprendido em relação aos bens terrenos — e eu mesmo lhe havia dito isso várias vezes.

Eu havia recordado o episódio com a intenção de mostrar-lhe que ele tinha dificuldade em dividir as coisas; provavelmente sentia, ao repartir as coisas, que dividia a si mesmo.

Havia ilustrado minha afirmação com exemplos corriqueiros, de pessoas que têm objetos, dinheiro, trabalho, ou mesmo outras pessoas às quais estão ligadas; quando essas pessoas se vêem obrigadas ou são levadas a dividir o que é seu, muitas vezes hesitam diante do fato, por um vago sentimento muito primitivo, de que ao dividir as coisas que lhes pertencem, elas estão dividindo o seu próprio mundo íntimo. Estão desagregando-se. Quando o paciente, aceitando seu receio de desagregação em relação às coisas, apontou ao mesmo tempo para seu desprendimento, percebi que minha explicação permanecia válida, mas num sentido bem diferente do original.

Eu lhe disse:

— Dos bens materiais que nos são necessários para a vida, o ar é o primeiro no tempo, e o mais importante de todos, continuamente. No entanto, o ar é uma coisa que existe à vontade, para todos, e por isso o ar não causa divisão, nem dissensão, nem oposição entre as pessoas. Já quando os bens necessários, ou convenientes à vida, estão numa forma concentrada, como acontece com os objetos e com os alimentos, então surge a oposição.

Com isto, o paciente concordou facilmente. Então avancei mais:

— Você não gosta, você se ressent, e provavelmente você teme a oposição dos demais. Você não quer, não gosta, ou não sabe brigar. Por



isso você se mostra desprendido das coisas, a fim de não suscitar dissensões, divisões e oposições.

Luís aceitou meus comentários; ele sabia das muitas vezes que havíamos focalizado a questão — de outros ângulos.

À descrição feita, convém acrescentar mais alguns fatos esparsos, ocorridos ou relatados por Luís em outras ocasiões.

Havia em Luís um temor moderado, mas persistente e desagradável, ligado a algo imponderável que “emanaria” dele. Por vezes era — dizia-me — definitivamente mau cheiro; vezes outras era apenas “exalação desagradável” ou “emanação” — sem especificações. Nunca senti nenhum odor forte emanando de Luís.

Desagradáveis — isso sim — eram suas palavras em certas ocasiões; duras, intolerantes, tendenciosas; para dizê-lo bem dito, eram palavras francamente “envenenadas”, palavras inspiradas pelo pior espírito possível e animados dos mais “malcheirosos” sentimentos imagináveis.

Luís não raro lia, horas a fio, qualquer coisa que estivesse ao seu alcance, ignorando, durante a leitura, todas as suas obrigações, das mais mezinhas às mais importantes. Ao terminar de ler, mal sabia o que havia lido. Luís “punha na cabeça” as palavras de fora — escritas — a fim de não ouvir as palavras que lhe viriam “de dentro” se sua mente estivesse desocupada.

É fácil de ver que, neste ponto, Luís tinha muito pouco de original! Prova indireta deste modo de entender o fato, temo-la no seguinte: após longas horas de leitura, Luís dormia; muitas vezes, porém, tais horas terminavam com uma cena doméstica deprimente, gerada por aquele mau espírito há pouco lembrado.

Três meses depois, por conta própria e sem lembrar sequer destas explicações, Luís apresenta interpretação paralela para estas leituras a esmo.

— Ao tempo de minha doença parecia-me que os outros podiam ouvir meus pensamentos. Por isso lia qualquer bobagem só para ter esta certeza: enquanto lia as bobagens impressas elas seriam meu pensamento e só elas seriam ouvidas pelos outros. Assim perdia — um pouco — o medo de trair-me.

Mais uma explicação complementar cabia para o caso.

Durante o período agudo de sua moléstia, havia em Luís fundas suspeitas de que alguém instalara um aparelho em sua cabeça — um cientista alemão, parece. Através do aparelho Luís se fazia porta-voz — ou até alto-falante! — para frases e ideias não suas, mas, sim, do dono do aparelho. Luís podia opor-se um quase nada a essa apropriação de seu cérebro. Ler era um dos modos de lutar contra. Enquanto lia não podia ser influído a distância.

Com um pouco de imaginação — não muita — podemos passar desta fenomenologia esquizofrênica para seus equivalentes normais.

As pessoas são porta-vozes bastante inconscientes da educação recebida, dos preconceitos de seu mundo. Enquanto repetem quanto ouviram de seus maiores, as pessoas se mostram, inclusive, de funcionamento assaz “automático”, como se na cabeça de cada um houvesse sido implantado um aparelhinho... Proposta a situação de sempre, lá surge o comentário de sempre.

Ler coisas à beça, sem escolha e de regra sem atenção, substitui um aparelho por outro. Além disso a leitura — se leitura for — nos garante contra nossos próprios sentimentos. Assim diminui o risco de falarmos o que pensamos — e os outros podem continuar em paz.

Luís gaguejava às vezes.

Ele mesmo ligou seu gaguejamento às duas vozes em luta. Quando agitado sentia claramente a inquietude aqui (peito), o peso aqui (fronte) e a confusão aqui (garganta).

“Ficava pronto para explodir” — e às vezes explodia mesmo... “Ao tentar pensar por minha conta, a cabeça começava a doer imediatamente. Basta deixar de pensar, basta ler coisas bobas ou repetir frases feitas e a dor melhora...”

Pouco antes da entrevista das duas vozes, Luís fez o seguinte relato: “às vezes vou crescendo, me expandindo e 'sutilizando. Tenho medo de não saber até onde sou eu... É como o vento. Está em tudo. É tudo. Sou eu. Vivo no ar (e desenha no quadro-negro um boneco-balão, flutuando torto no ar). Preciso amarrar-me”.

Vive “reunindo-se”, isto é, sempre vigiando e tentando catalogar seu sentir e seu pensar, qual pastor arrebanhando ovelhas.

Comento para ele, transliterando suas afirmações: você não tem sensação de limites estáveis, capazes de definir uma forma. Aparentemente nada te “contém”. Teu “eu” não “está dentro” de nada.

O pulmão não é um órgão, mas um lugar; o ar do pulmão está dentro ou fora do corpo? Sou eu que faço o pulmão se expandir ou é o ar que expande o pulmão?

Estes comentários do paciente têm valor peculiar não só pela sua clareza em relação à tese defendida como, principalmente, porque foram feitos *antes de acharmos a explicação para os distúrbios respiratórios descritos*.

Os comentários meus, postos em parágrafo bem separado dos demais, foram acrescentados muito *depois* das confissões do paciente e não foram ditos para ele na ocasião (nem para mim meu espírito havia falado ainda)...

Um último reparo, genérico, referente à linguagem habitual do paciente.

Desesperadora!

— Como vai?

— Bem. Mas aqui (garganta) ... soltando.

Ou:

— Mau. Aqui (ombros)... prendendo.

Ou:

— Regular. Correndo.

— O quê?

— Ideia. Aqui (cabeça).

Seu pensamento — o melhor! — é sempre definição de uma *sensação de movimento presente*, mais nada.

O esquizofrênico não sabe nem de onde vem nem para onde vai uma ação, não sabe quem ou o que a produz, tampouco para que ela existe ou porque está aí.

É puro fenomenologista.

Para ele não há sujeito nem objeto.

A seu modo sábio, o esquizofrênico apresenta a realidade como ação e processo, não como coisa e objeto.

A realidade para ele é feita de confluências numerosas, resultantes de influências inúmeras...

Tem razão Mestre Jung: a esquizofrenia acontece quando ideia muito grande nasce em cabeça não tão grande assim.

Não posso me furtar de apontar a raiz imediata deste sentir e deste falar.

Esta raiz é a propriocepção. Se estou “pronto para correr” ou “preparado para correr” a sensação imediata seria, quando posta em palavras: corro ou correndo.

Se a ação preparada *não se faz*, subsiste a sensação de *continuidade da ação preparada mas não realizada*. A ação potencial se “eterniza”, “fico fazendo interminavelmente” a ação feita.

Isso porque a atitude é *ativamente* composta e mantida, contendo, inerentemente, a ação específica.

Um corredor, instantes antes do tiro de saída, sente-se como o esquizofrênico: “correndo”.

Para este nada é; tudo *está acontecendo* — sempre.

Pergunto: fosse Luís *dizer* estas coisas para alguém, qual a resposta?

Pior: soubesse Luís *com clareza* estas coisas — ouvisse Luís seu próprio pensamento — que faria ele logo depois?

Por isso Luís lutava contra o próprio espírito, o qual era, como já dizia S. Tomás, “ato puro”...

Após a entrevista do pão, pensei coisas bonitas que vou tentar resumir aqui.

Melhor se esclarecerá meu pensamento, se partirmos de uma pequena ficção histórica. Vamos admitir — é plausível — que os homens divinizaram, desde o começo dos tempos, aquelas substâncias que são necessárias à vida. Sabemos bem de inúmeros rituais referentes à alimentação; sabemos bem de inúmeros rituais referentes à reprodução. Mas os rituais referentes à respiração parecem faltar completamente. De outra parte, é incontestável que o próprio homem primitivo sabia disso: que o ar é o mais necessário dos elementos que sustentam a vida.

Como sabia o primitivo deste fato?

— Pelo ato da respiração — exclusivamente.

Sabia da importância fundamental dessa ação; devia ele sentir-se, em seus momentos filosóficos, extremamente perplexo quanto à importância dessa função, porque ela se faz com o “nada”. O ar é invisível, sem forma e sem substância; na verdade, ante uma apreciação ingênua das coisas, o ar “não existe”.

Mas é tudo para a vida.

Vai aqui o paradoxo de toda verdade religiosa: “aquilo que não existe” é o fundamento de tudo o que existe. Vai aqui, também, o fundamento de toda hipótese e de toda teoria: o invisível e o informe — a ideia — é a “lei” e o princípio de tudo o que acontece. A palavra — respiração sonora que se forma e passa — contém em si todas as coisas.

Dar nomes, a primeira função da inteligência (definição, conceito) consiste em “soprar o espírito” do homem sobre as coisas, dando-lhes, assim, vida “espiritual” (como Jeová a Adão).

Como explicar, então, a ausência da ritualização e da divinização do ar?

Na verdade, o ar está no começo da ideia de Divindade. O ar, o *spiritus*, é tanto o vento que sopra e que se move fora do homem, como o vento que o homem move inalando e exalando ao respirar. O espírito é aquilo que anima e sustenta a vida. Entre o ar — ilimitado — e a vida, existe uma fina correlação *formal*, além da correlação de existência; o protoplasma vivo, em sua forma primeira que é a ameba, tampouco tem forma; é deste amorfo, avivado pelo oxigênio, que nascem todas as infindáveis formas dos seres vivos.

Dizia-se na Bíblia, com grande severidade: “Não façais imagens de Deus.” Quer isto dizer: não se atribua poder a nenhuma forma definida, porque o poder ilimitado está no ar e no protoplasma, que não têm forma nem definição.

Em tudo que se segue, recorde o leitor a etimologia da palavra “respiração”, e sua ambiguidade.

Se examinarmos algumas das propriedades do ar, veremos que elas mantêm um impressionante paralelo com algumas noções clássicas da teologia sobre a divindade. Antes de mais nada, o ar é invisível, é um

“puro espírito” como Deus. Depois o ar está em todo lugar, fora de nós, dentro de nós, em volta de nós, acima de nós, como Deus. O ar é aquilo que sustenta a chama da vida, como Deus. O ar é o princípio primeiro de tudo aquilo que em nós acontece, como Deus. O ar, sustentando todas as funções que ocorrem em nós, pode ser chamado, alegoricamente, de Onipotente. É ele que faz tudo, como Deus. O único atributo divino que não parece estar contido no ar é a onisciência. No entanto, se lembrarmos que é do ar exalado que depende a palavra humana; se lembrarmos, como sabemos hoje, o quanto é importante o oxigênio para as funções cerebrais, estando o cérebro tão perto do espírito quanto se supõe, então diremos: inclusive a “omnisciência” depende do ar.

Mais: é muito provável que a primeira linguagem surgida no mundo fosse a linguagem dos gestos, captada pelos olhos. Mas a linguagem que os olhos compreendem depende pouco ou nada do aprendido, da tradição ou da cultura.

A compreensão dos olhos é incondicionada ou “natural”.

É natural para os olhos humanos — ou para os olhos simplesmente — ver figuras e atribuir-lhes sentido. Quanto à palavra — diferentemente do gesto — não basta surja ela espontaneamente — como som. É preciso *seja ela aceita por duas ou mais pessoas* antes de se fazer palavra. A palavra é a origem tácita do contrato!

Por isso falamos na origem convencional do *sentido* das palavras. Do sentido e não do som — note-se.

Dada esta relação amplamente convencional da palavra com o objeto, então podemos ver, na sua origem, muito da origem do próprio espírito — um som audível com um sentido.

Parece da própria essência do espírito esta capacidade de criar um mundo de sinais em correspondência com o mundo dos objetos e processos. E sinais comunicáveis, isto é, que reúnem as pessoas na convenção comum.

Abstrair, generalizar, analisar, integrar são operações feitas primeiro com os sinais. Depois, muitas vezes, torna-se possível realizar operações *análogas* com as coisas e fenômenos.

Não duvido pressentisse o primitivo a analogia primeira: era o mesmo o ar que agitava as árvores e o ar a agitar-se em seu peito — ou agitado pelo seu peito.

Não duvido que o primitivo pressentisse a íntima semelhança entre a voz que saía de seu peito, o gemido do vento e o tonitruar do trovão. Não duvido estivesse o próprio relâmpago incluído na noção de vento. Foi esta, com certeza, a base primeira para a primeira projeção do homem, ou talvez, para sua primeira identificação, ao sentir que o espírito, isto é, o vento invisível que movia as coisas, era o mesmo espírito invisível que movia a ele.

Qual o mais poderoso dos dois espíritos? O de dentro ou o de fora? É muito provável que o primitivo nem sequer se propusesse esta pergunta, ao sentir que os dois eram um.

De que *modo* eram um?

No *ato* respiratório, único elemento claramente perceptível, tanto objetiva como subjetivamente, em todo este vasto edifício de intuições primárias.

Mais fiéis aos fatos, diremos que o vento de fora e o vento de dentro se faziam um no *ritmo* respiratório, que é de inalação e exalação alternante; no primeiro tempo o “espírito de fora vem para dentro”; no segundo tempo, “o de dentro sai para fora”.

Este é o protomodelo do processo psicológico de identificação/projeção. Num primeiro movimento o espírito “do mundo” se faz “meu”; no segundo, o “meu” espírito “sai” de mim, se faz mundo.

Diferentemente do que sucede com a nutrição, o que entra e o que sai, na respiração, são *idênticos* aparentemente; isso justifica a *confusão* entre os dois espíritos, e que jamais poderia acontecer com o alimento (identificação) e as fezes (projeção).

Dado, enfim, que no ar atmosférico não existem diferenças perceptíveis, então compreendemos porque “participamos todos do mesmo espírito”.

Tanto quanto o ato respiratório, precisamos considerar a “vontade” que o determina, a fim de bem compreender a identificação- -projeção. Esta vontade é habitualmente inconsciente mas facilmente se faz consciente ante o menor obstáculo à respiração; ela se faz consciente *com*

*angústia*, sempre. É sempre angustiosa a sensação de falta de ar. Proponho seja definida a angústia como o afeto experimentado quando se compromete nossa relação com o “espírito cósmico” — a atmosfera. Nesta hora nosso “espírito profundo” — vontade de respirar — emerge com força irresistível procurando, em defesa da vida, restabelecer sua relação com o espírito “universal” do qual a vida depende.

É preciso então, *antes de mais nada*, restabelecer o ritmo respiratório, recompor a *forma* desta relação. Sem esta harmonia *não pode* haver paz. Sem ela, o espírito fica dividido (conflito).

Ao elaborar depois os primeiros balbucios da linguagem, então se fez possível ao primitivo comunicar seu espírito com outro espírito. E mais íntima se fez, então, a ligação entre a noção de espírito e a respiração.

Mais do que isso, o espírito, que é ar, reúne as pessoas. O ar existe em todo o lugar, é facilmente acessível para todos, e não produz dissenção entre os homens. Todos podem respirar à vontade e não é preciso lutar uns contra os outros para conseguir o ar. Por isso esse espírito é de união. Esta propriedade particular da respiração não tem paralelo em nenhuma outra função biológica, quer se refira ela a alimentos, objetos, a pessoas, armas, ou ao que seja. Basta que surja uma porção de substância material significativa para dois ou mais homens, para surgir a oposição e a possibilidade de luta, de ódio, de destruição e de morte. Os homens podem brigar, e já brigaram inúmeras vezes, pelo alimento, pelo amor, pela riqueza, pelo calor, pelo bem-estar, pelo abrigo. Mas os homens não brigam uns com os outros a fim de conseguir ar. Por isso o espírito primitivo é de União. Bem podemos aqui acrescentar, aos atributos metafísicos de Deus, seus atributos morais. O ar, como o sol, serve aos bons e aos maus, sustenta a vida dos dignos e dos indignos, dos belos e dos feios, dos fortes e dos fracos.

Mesmo se buscássemos um pouco além, veríamos que o ar e o sol se completam; se é verdade que todo calor que nos anima, vem, em última análise, do Sol, a verdade é que este calor não poderia ser atualizado sem a respiração. Não fossem as combustões orgânicas e o imenso potencial de calor acumulado pelo Sol na Terra, não poderia ser aproveitado pelo ser vivo. Conheceria o primitivo, esta relação? Pouco provável, mas possível. Que meios teria o primitivo para pressentir a relação entre o ar e o Sol? Tinha um, muito simples: perceber que os



cadáveres ficam frios. Quem não respira esfria; o calor existente no corpo, tão semelhante ao calor proveniente do Sol, depende do ar para existir; ou persistir.

Aceita esta relação, então encontraremos logo inúmeros rituais religiosos ligados à respiração: todos aqueles referentes ao Sol e ao fogo.

O comer separa os homens. Onde há alguma comida, sem abundância, podem ocorrer os piores conflitos humanos; certamente muitas vezes ocorreram conflitos assim. Mesmo onde há abundância há luta, porque, mais fundo e mais genérico do que a fome, existe no homem o desejo de possuir e acumular — primeira defesa do homem contra a incerteza do viver. Temeroso de que lhe falte o essencial, o homem se apropria do supérfluo, matando e morrendo por ele.

A comida deve ser procurada onde existe, mas o ar está em todo o lugar e não é preciso lutar por ele. Mais do que isto: se é verdade que os homens, antes de serem agricultores foram caçadores, então a vida do homem dependia dos outros animais. Para comer era preciso matar; para viver, não, bastava respirar.

A criança enquanto mama não “mata” ninguém — bela inspiração para a Psicanálise; belo fundamento, também, para o que a seguir se afirma. A primeira forma de alimentação dos mamíferos não implica em morte do alimento.

Bem pode ser o dogma da transubstanciação do Cristianismo um retrato da alimentação, idealizado no sentido de ser ela concebida como a respiração.

Quando Cristo, na Hóstia, se dá a todos os cristãos, Ele está de algum modo imitando o ar e o Sol. É mentira dizer que o alimento dividido serve para muitos. Na verdade, o alimento dividido não alimenta ninguém. Mas o ar pode sofrer, sem menoscabo, quantas divisões quisermos. Por isso, talvez, no próprio Sacramento da Comunhão esteja representado, numa forma inferior, uma forma superior. O espírito que reúne os homens na alimentação é um espírito de força de vontade, isto é, onde houver pouca comida, é preciso que os homens contratem e façam a divisão, e combinem a divisão, para que possam todos subsistir, apesar da pouca comida. Já em relação ao ar, essa

dificuldade não existe. Para respirar não é preciso contrato; *não é* da respiração que nasce o dever, a obrigação e o poder.

Voltando ao lactante, agora nos é dado ver nele o duplo espírito ou o duplo impulso que nos governa a todos os homens: comunhão (ar), oposição (leite). Um é o “alimento” que pode se dividir sem diminuir — o ar; outro é o alimento que, ao se dividir, se reduz. O primeiro nos reúne, o segundo nos separa e opõe uns aos outros.

“Amadurecer” consiste em se fazer mais “espiritual”, isto é, mais respiratório e menos oral ou nutritivo.

Amadurecer consiste em aprender a dividir-se sem perder a integridade; em poder desejar, amar e dar-se a muitas coisas e pessoas, sem temer perder-se — sem conflito.

Como se vê por essas insinuações, a noção de espírito antecede a noção de alimentação. Em termos de psicologia dinâmica, diríamos, precede a fase respiratória à fase oral.

Existiria o pensamento humano sem a palavra humana? Provavelmente não. Pergunto depois, existiria a palavra humana sem a respiração? Certamente não.

Pouco mais adiante, nesta entrevista, Luís nos trouxe novo fato curioso. Por volta dos 11 anos, por vezes inquietava-se na hora de dormir. Quando isso acontecia, Luís recorria a um meio infalível de tranquilização: deitado de costas, procurava prestar atenção exclusivamente ao ruído do ar em sua passagem pelo nariz. Ouvindo esse ruído e procurando fazê-lo o mais regular possível, ele aos poucos se tranquilizava e daí a instantes era tomado pelo sono.

Presente exclusivamente à respiração, Luís nada mais via nem ouvia; seu corpo parecia-lhe muito leve, quase inexistente. Eu lhe disse que nessa hora ele se sentia um puro espírito, isto é, apenas um sopro, um “ato puro” de relação com o Grande Espírito...

De vários outros modos o primitivo podia perceber a importância e as características particulares da respiração humana — e do espírito.

Um deles, eram os estertores da morte. Sabemos que a maior parte das pessoas que sofrem agonia prolongada respiram de um modo ruidoso, bastante aflitivo e impressionante. Provavelmente reside neste fato a raiz da ambiguidade da palavra “expiração”, que significa tanto o

movimento de exalação do ar, como o momento da morte. É provavelmente sobre esta base que se construiu a expressão “último suspiro”. Corre entre povos primitivos, e mesmo entre alguns povos civilizados, a noção de que a alma deixa o corpo com o último movimento respiratório. Este último movimento é quase sempre muito evidente, talvez por ser mais veemente, talvez porque, depois dele, nenhum outro sobrevêm quando, antes, tantos havia quantas as ondas do mar.

Se na praia subitamente cessassem as ondas, que sentiríamos nós?

Havia ainda os casos de asfixia, ligados, seja a uma obstrução fortuita das vias respiratórias, seja a um ferimento de caça ou de guerra nessa mesma região, seja, enfim, a moléstias cardíacas ou pulmonares que certamente existiam naquele tempo. Todos podiam ver, nesses casos, o quanto a interrupção da nossa relação com a atmosfera é penosa, sofrida e rapidamente mortal. Poucas mortes nos afligem tanto quanto a morte por asfixia, quando temos a infeliz oportunidade de presenciá-la. Quando falta o espírito, a morte é rápida e a morte é impressionante. O mesmo não se dá quando falta a comida; neste caso o corpo lentamente se desfaz, inspirando, talvez, antes compaixão do que horror. A morte respiratória é horrorosa em sentido próprio; é talvez o próprio horror.

Havia depois o afogamento, tão rico de significado simbólico.

Já não tão antiga, existia a noção de que os sentimentos mais fortes do homem estavam no coração. Pergunto se esta atribuição era exata ou se era apenas aproximada. É preciso levar em conta que as pulsações cardíacas, ainda que possam ser percebidas, quase sempre o são duma forma muito atenuada; ao passo que os estertores, as agonias e as angústias respiratórias são fáceis de perceber; mais do que isso, é difícil não percebê-las. Eu me pergunto então se a força dos sentimentos fortes, que era atribuída ao espírito, não estava indissolúvelmente ligada à respiração e ao ar. Daí teria nascido, com facilidade, a noção de força de espírito.

Enfim, havia a voz humana e suas propriedades tão sugestivas; talvez se diga melhor, no nosso contexto, do grito humano; o grito humano comove profundamente. Podemos ouvir um grito mesmo quando não vemos nada, quando a escuridão é completa; podemos ouvir um grito

mesmo quando, entre nós e aquele que grita, existe um obstáculo que a vista não consegue atravessar. Mais uma vez se impunha, assim, a noção de espírito *invisível*. A voz é levada de um para outro através de alguma coisa que não se vê. O significado caminha através do invisível. Através do invisível caminha também a emoção, a comoção, o alerta, o horror, a tristeza e quanto mais. É um espírito que se comunica a outro espírito, sem ser visto por ele. Certamente todos conhecem a deliciosa e peculiar intimidade que pode estabelecer-se entre duas ou mais pessoas, quando dormem no mesmo quarto, ao falarem entre si estando a luz já apagada. Somos todos, então, puras vozes. Puros espíritos. Também podemos ouvir o outro quando estamos de olhos fechados, como podemos, hoje em dia, ouvi-lo pelo telefone. Quantas vezes ouvimos, então, aquilo que em presença jamais havíamos percebido.

Creio que é dessas experiências, a maior parte delas elementares e universais, que nasceu o relato legendário tão frequente do Deus que se manifesta apenas como uma voz que fala. Uma voz sem figura, sem substância — um puro espírito. A voz humana, caminhando através da atmosfera, é um puro espírito. Em linguagem mais moderna, talvez mais exata, e nem por isso menos sugestiva, diríamos que a voz é um processo que influi sobre processos, ao invés de ser uma coisa a influir sobre coisas. A voz é uma experiência desincorporada.

E agora podemos voltar a Freud e compreender um pouco de alguma coisa muito estranha que ele fez. Freud procurava quase deliberadamente não ver os seus pacientes, mas apenas ouvi-los. Sabemos bem da situação psicanalítica clássica na qual o médico pouco vê e mal vê o paciente, durante a entrevista psicoterápica. Não tem justificativa esta situação, de modo algum. Não é razoável que se procure *não ver o* objeto que procuramos compreender; dentro do absurdo, porém, existe alguma sabedoria.

Mas a sabedoria escondida gerou uma ignorância manifesta: a palavra, que é tão vital para o processo psicanalítico, jamais recebeu dos próprios psicanalistas um exame adequado. A palavra foi atribuída quase que exclusivamente à boca e, no melhor dos casos, comparada à alimentação. Não digo que isto seja errado, mas isto me parece imensamente incompleto, porque a palavra, se tem a forma da boca,

tem a força do espírito, isto é, tem a força da respiração a animá-la. Freud, atendo-se à forma da palavra, não percebeu a respiração que animava esta forma; em toda a sua teorificação do homem, não se sabe para que serve a respiração, nem passou pela sua mente, ou pela de seus continuadores, a ideia que ora propomos, de definir uma fase respiratória no desenvolvimento do ser humano. Freud, como os primitivos, começou pelo alimento, admitindo sem discussão que a vida era comer. Digo eu, em contrário, que a vida antes de mais nada é respirar. Freud, como os primitivos, não percebeu claramente o espírito que o animava. Pensou bem infantilmente, e permaneceu bem infantilmente, com aquilo que se podia ver com os olhos, tocar com as mãos, morder com a boca; Freud, parece, nunca pensou no espírito invisível; na verdade, Freud, parece, não gostava de pensar no espírito. Freud não sabia que respirava; Freud não sabia que tinha um espírito a animá-lo. Freud gostava de pensar que seu espírito era sua inteligência, e não percebeu, na palavra, o espírito a animá-la. Freud mal compreendeu a forma do espírito, e jamais entendeu a força do espírito. Por isso a Psicanálise tem tanto de verbalismo vazio. A alma da Psicanálise é a interpretação. Por não considerar a respiração, a Psicanálise nunca pôde explicar porque a palavra influi sobre a mente. Porque um espírito influi sobre outro espírito.

Seu principal instrumento é seu maior mistério.

A Psicanálise nega o espírito: não tem consciência de si.

## V — ETMOLOGIA:

### AS RAÍZES DO SIGNIFICADO

Resumo: neste capítulo examinaremos muitas raízes etimológicas ligadas com fatos respiratórios ou com fatos psicológicos. Verificaremos que as correlações entre as duas séries são insuspeitadamente frequentes; que o número destes termos é enorme.

Inserimos na exposição vários casos clínicos, para tornar a leitura mais amena, para aprofundar ou esclarecer a análise etimológica, para confirmar um tipo de argumento pelo outro e vice-versa...

Movido pelo interesse que sempre tive pela etimologia, procurei as raízes primárias relativas à respiração e, bastante inesperadamente, caiu-me do céu abundante safra de sugestões fascinantes. Na etimologia encontrei correlações sobremodo significativas e numerosas entre a série restrita de palavras que usamos para caracterizar fenômenos respiratórios, e uma série enorme de termos, empregados muitas vezes em cada página e em todas as páginas dos textos de Psicologia.

O melhor prefácio que posso antepor a esta digressão fui encontrá-lo na Enciclopédia Britânica. Lá, no início da explanação sobre o verbete *Respiração*, redigido por esse mestre da fisiologia respiratória que é Barcroft, encontramos a seguinte frase... inspirada:

**a noção de vida liga-se tão intimamente à de respiração, que o próprio termo expiração passou a significar a extinção da vida, e o termo inspiração, a elevação da vida a níveis sobre-humanos.**

Nossa digressão baseia-se no *Dicionário de Raízes e Cognatos da Língua Portuguesa*, de Carlos Goês, terceira edição, 1945. Será maçante para o leitor acompanhar todas as correlações que iremos apontando. Mas a paciência terá seu prêmio. Citaremos as várias raízes etimológicas importantes, às vezes reproduzindo literalmente o dizer do autor, às vezes acrescentando comentários nossos.

Na página 225 encontramos a primeira raiz SPIR, “anel”, do grego “speira”. Exemplos: espiral e espirilo.

Esta não é a raiz de RESPIRAR, mas tenho boas razões para crer sejam ambas aparentadas, ou de significado muito semelhante.

**Na página 226, encontramos a segunda raiz SPIR, “que sopra”. Do verbo latino “spiro, are”. Esta é a raiz de inspirar, expirar, respirar, aspirar, conspirar, suspirar.**

Note-se desde já, como o fez Barcroft, o quanto vários desses termos são ambíguos, sendo empregados indiferentemente para caracterizar certas fases da respiração e certos movimentos psicológicos. Em particular a inspiração, ato de admitir ar no pulmão é, ao mesmo tempo, o ato que leva ao poeta e ao profeta a palavra musical ou a intenção divina. Analogamente com aspiração; ato de inalar o ar e nome genérico de quantas esperanças e desejos habitam o coração dos homens.

Expirar é morrer.

No termo *respirar* vejo parentesco com a *espiral*. Podemos, com facilidade, entender esta palavra de duas maneiras: respirar — re-spirar — pode significar *soprar de novo*, como pode significar um movimento *que se repete continuamente, uma espiral*.

*Conspirar* não é palavra comum em Psicologia, mas dela se usa muito um cognato: perseguição. Não me refiro apenas ao delírio persecutório, que existe, às vezes, nas moléstias mentais mais graves; refiro-me também ao termo como o emprega a Psicanálise. Diz esta que a vivência persecutória é comum a todos nós, em certa medida. Aqueles que nos perseguem, na realidade ou na fantasia, *conspiram contra nós*, isto é, *respiram juntos* contra nós. Torna-se difícil aqui, de novo, saber se há apenas um sincronismo de anseios ou de aspirações naqueles que nos perseguem, ou se entre eles existe também a combinação das palavras, dos sinais, dos avisos e dos motivos; isto é, lidamos de novo com a distinção sempre fluida entre letra e música.

*Suspirar*, enfim. Suspirar é uma palavra que enganaria a qualquer incauto. À primeira vista entenderíamos o prefixo *su* no sentido de subir, superior, para cima. Mas, na verdade, acompanhando a grafia explícita do termo, como a vemos no dicionário — sub-spir-ar — notamos que *su* proveio de *sub*, sendo que o *b* foi suprimido. Portanto, suspirar significa *respirar pouco, respirar tolhido*. Na verdade *sub-respirar*. Suspira o deprimido, no qual *toda* vitalidade está atenuada. O termo, pois, caracteriza um sintoma da depressão e, alegoricamente, a “falta de espírito” então reinante.

**A segunda família de palavras derivadas da raiz SPIR é espírito. Segundo o dicionarista, espírito significava originariamente, sopro. E o mesmo dicionarista nos convida a confrontar o termo com ANIM, o que faremos logo mais.**

Noto de passagem, novamente, a raiz SPIR referida a espírito e referida a espiral. Creio que existe em todos nós a noção de que o espírito nos “eleva”; faz parte de todas as doutrinas filosóficas e religiosas a noção de que o espírito progride como uma espiral contínua.

O segundo reparo refere-se ao termo *espirituoso*. Espirituosa é a pessoa que nos faz rir. Pergunto novamente: o espirituoso é assim chamado porque suas palavras têm espírito, ou porque estas palavras comunicam espírito, isto é, sopro, isto é, risada? O riso é, visivelmente, um sopro audível, evidente, por vezes estrondoso.

O riso é um dos fenômenos mais inexplicáveis do homem, quando se procura descobrir para ele qualquer utilidade biológica.

Koestler (V. infra), mostra com felicidade a relação íntima entre riso e descoberta (científica, filosófica, etc.)<sup>17</sup>.

É muito oportuna, a esta luz, a ambiguidade do termo espírito quando empregado, de outro lado, no sentido de “cheio de espírito” e de outro lado, no sentido de “espirituoso”.

Não sei se a descoberta nos faz rir ou se o riso nos faz descobrir.

**Levado pelo dicionarista, procuramos a raiz ANIM, encontrando-a na página 22. ANIM, sopro, hálito. Raiz latina, oriunda do hebraico.**

Um primeiro grupo de palavras se deriva dessa raiz, todo ele significativo para o biólogo e para o psicólogo. É dela que se origina *ânimo, animar*; em outra linha, *animal*. Como se vê, aquilo que anima é um sopro. Quer isto dizer, muito simples e obviamente, que viver é respirar. *Animo, animus e anima* são termos centrais na psicologia de Jung. Todos são sopro. Um segundo grupo de palavras se deriva desta raiz por prefixação: *desânimo, desanimado, inânime, exânime, animadversão*. Exânime, inânime e desanimado são palavras não muito usadas na linguagem psicológica, porque foram substituídas, quase que totalmente, pelo termo *depressão*. Mas a sinonímia é evidente. E logo veremos, inclusive, que o termo *depressão* se liga, ele também, à



respiração. Enfim, o termo animadversão; este também não é frequente, mas não me parece difícil considerá-lo sinônimo de oposição, antipatia ou hostilidade. Animadversão seria, portanto, um voltar o próprio sopro contra alguém ou alguma coisa; soprá-lo, simplesmente. Numa gênese certamente mais fina, poderíamos também imaginar que animadversão, sinônimo genérico de antipatia, significa respirar diferentemente, discordância respiratória, sopros heterogêneos. De novo retorna a ambiguidade: serão duas pessoas que respiram de maneira desigual, ou duas pessoas que falam linguagem diferente? Impossível distinguir.

A raiz **ANIM** corrompeu-se em **ALM** e assim nasceu a palavra alma, o termo almejar e o termo desalmado.

Alma é sopro, ela também. Almejar é igual a respirar; é igual, certamente, a desejar. Desalmado é aquele que não respira. Para quem conheça as descrições clínicas de Reich, sobre os indivíduos orgulhosos e impassíveis, que são, precisamente, os mais “desalmados” de todos, esta sinonímia etimológica se faz de todo evidente. O orgulhoso, antes de sufocar os outros, sufocou a si mesmo; ele é literalmente desalmado, isto é asfixiado. Faz parte essencial da atitude do orgulhoso o peito *sempre* inflado; faz parte de seus hábitos mentais, tanto quanto de seus hábitos físicos, não ceder, não se abandonar. Como a expiração é um movimento, de regra, passivo, psicologicamente de abandono, o orgulhoso *expira* mal. Assim se sufoca ele, cronicamente.

Ainda dentre os derivados desta raiz tão rica, outro existe, muito sugestivo. É *unânime*. Literalmente, uma só respiração, um sopro só. Para quem tenha assistido a um jogo de futebol — ou a qualquer outro grande espetáculo popular — o significado etimológico de unânime se faz de todo convincente. Os “Ah!” e “Oh!” de... animação ou de... desânimo, perpassam como vagas imensas pela grande arena. O gol, então! Pessoas tidas como as mais civilizadas, tampouco fogem à unanimidade, no espetáculo tido como superior. Então são “Bravos”, “Bis” e “Encore” as exclamações que substituem os “oh!”, “ah” e “gol”. Mas tanto para-o povo como para as elites, a união no mesmo espírito — unanimidade — atua com a mesma força. Hurra! (Até os ingleses têm seus momentos de fraqueza!).

SPIR seria uma raiz já derivada de outra, mais antiga, SP, que espera, **do latim SPES, EI, origem dos termos esperar, desesperar, esperança, desespero (pág. 323).**

Esperar, pois, seria anterior a respirar. Antes que sopro e espírito, a vida seria esperança. Se temermos nos perder nestas alturas pouco consistentes, nas quais ligeiros sons significam grandes coisas, podemos recordar os estudos recentes de neurofisiologia, sobre o sistema reticular do mesencéfalo. Este sistema responde pela sensação de alerta, de alarma ou de vigilância. A esperança é isto, estar pronto, estar presente. No mundo ocidental, em particular, a espera é, para quase todos, um desespero.

Enquanto esperamos que aconteça uma coisa determinada, a vinda de alguém, um certo resultado no trabalho, um certo salário, não percebemos mais nada.

Já em algumas filosofias orientais, a vida se confunde simples e diretamente com a espera, no sentido de estar o indivíduo sempre pronto, sempre presente a cada momento que flui.

Estar vivo é estar alerta, vigilante. Para nós, esperar é perder tempo. Enquanto esperamos nada fazemos, nada acontece — assim pensamos. Implícita nas palavras há bem outra linguagem. Esperar quase se confunde com respirar. Eu diria que esperar confunde-se com reesperar. Nesta transliteração estou supondo que a vigilância do homem deve ser tão permanente quanto sua respiração. Quando assim acontece, cada momento que flui é vivo, é rico, é significativo. É uma inspiração. É a realização de uma aspiração. Talvez seja também uma expiração, porque o momento seguinte é outro, outra a inspiração, outra a aspiração. Então morre — então expira — a inspiração prévia.

Em italiano há um ditado que eu ouvia em pequeno. Traduzido, seria assim: enquanto respiro, espero.

Não esqueçamos de desesperança e desespero. Em sentido etimológico, desespero quer dizer disritmia respiratória, desordem na respiração, caos na esperança, perda da atitude unificada, coerente e polarizada da espera. Perda, ainda, da vigilância, ausência do presente.

Mas se é verdade que SP — esperança — talvez esteja na raiz e por isso seja anterior a SPIR — vento — parece mais verdadeiro ainda,

mediante análise dos sons, que SP represente um verdadeiro resumo do movimento respiratório completo. Se pronunciarmos com vagar o som sibilante de *S*, logo seguido do som labial explosivo de *P*, teremos em duas letras, isto é, em dois sons, condensados, os movimentos da inspiração e da expiração. SP — um peito humano que se enche e se esvazia de ar; enche-se num movimento longo e suave, envazia-se num movimento rápido, por vezes explosivo. Para o leitor cético, sugiro que ouça alguém que dorme com respiração sonora (sem ressonar). Neste caso o SSS-P pode ser ouvido *diretamente*. É possível que SP seja uma raiz onomatopaica baseada primariamente num movimento respiratório elementar. Dele — do movimento — proveio o espírito, dele nasceu a aspirai. ela — a palavra — é o vento agitado pela respiração do vivo, vento movido pela respiração do homem.

Diz a Bíblia que após ter feito Adão do barro da terra, Deus insuflou-lhe ar nas narinas e ele viveu. Se procurarmos compreender o relato tradicional do Cristianismo à luz da embriologia, então diremos que o homem, ao respirar por vez primeira, adquire *seu* espírito — que é sopro. Só então passa a circular pelo seu corpo o *seu oxigênio* — seu ar. Não só o ar é seu — antes era da mãe; a ação que se executa é sua também. E só agora é sua — antes não era.

A primeira ação do neonato é a respiração — ou o grito — que é também a sua primeira... expiração, primeiro sinal de que *morreu o feto* e nasceu o homem. A “dependência” mais urgente do feto é a respiratória. Sem o “espírito” da mãe, a criança morre em poucos instantes. Como Adão, que foi feito do barro da terra, assim o feto, antes de nascer, é feito de carne materna. Só ao nascer, só ao começar a respirar é que o homem vive — ele, ele mesmo. Nasce o indivíduo. Antes não era um indivíduo, era algo unido à mãe, indissolúvel e organicamente unido a ela. Só depois ele se separa. E quando se separa ou, o que dá na mesma, quando respira se separa.

Agora, já com espírito de brinquedo procurei, depois de ANIM, as raízes etimológicas de alguns sinônimos para as ações respiratórias. O que me ocorreu primeiro foi *inalar*, sabidamente sinônimo de inspirar. Como todo sinônimo, este não é perfeito. Falamos, frequentemente, de inalar o ar, mas o termo usa-se com mais propriedade quando inalamos

algo diferente do ar. Inalamos a fumaça do cigarro ou inalamos medicamentos. Mesmo assim, fui ao dicionário.

**O termo vem de HAL, sopro, odor. Daí proveem hálito, exalar, inalar. Corrompe-se a mesma em HEL, dando então anelo.**

De novo se vê a relação entre “desejo” e respiração (anelo, velho termo meio esquecido); entre respiração e odor (exalar), associação que exploramos a fundo no caso de Luís.

Logo depois, levado pelas palavras aspirar e almejar, praticamente sinônimas em relação ao termo “anseio”, procurei este no dicionário e novas surpresas apareceram.

**Na página 23 está ANX — vide ANG. Fomos então a ANG, apertar, arrochar. Raiz latina. Dela provém angusto (estreito) e seus derivados — angústia, angustiosos, etc.**

Como segunda família derivada temos *ângulo*, algo que se fecha, algo que se aperta — e fere. A terceira família derivada organiza-se em torno do termo *angina*, arrocho da garganta.

Ligado a ANG existe uma outra palavra que nós não usamos, mas que convém examinar de perto.

**É a palavra anguino. Diz o dicionário, entre parênteses, que o termo é relativo a cobra, provindo do latim ang-(u)-is, originalmente “o que estrangula”, donde, por extensão, a cobra.**

Aqui lidamos novamente com uma espiral, e com uma espiral que aperta. Esta semelhança de significados entre palavras nos esclarece centenas, dezenas ou milhares de sonhos que todos já tiveram ou terão um dia com cobras, aquilo que aperta, aquilo que estrangula — angústia.

A explicação desse parentesco etimológico, vamos encontrá-la, bastante simples e clara, na organização de nossa musculatura.

**Toda a musculatura do tronco envolve nossas vísceras como um grande manto contrátil, capaz de se constringir sobre e contra as vísceras. Passam-se as coisas como se as nossas vísceras representassem nosso íntimo e como se nossos músculos fossem aquilo que pode apertar o íntimo. O mesmo acontece entre o útero e o feto. O útero constringe o feto, o comprime e aperta.**

Logo veremos mais correlações significativas nessa linha. Encerrando o estudo da raiz ANG, diz o dicionarista que a mesma pode corromper-se em ANX, como se vê em ânsia, ansiedade e, certamente, anseio.

Anseio é, pois, um desejo “que aperta”, um desejo sofrido, talvez um desejo preso. Talvez uma... inspiração impedida. A correlação entre angústia e anseio de um lado, e, de outro, almejar e aspirar, encontra uma explicação notavelmente convincente e ingênua, que pode ser vista melhor da seguinte forma: posso amarrar com força minha perna, meus braços ou minha frente, e este arrocho ou este aperto em certas partes do corpo não tem grande importância vital, ou, quando menos, não tem grande urgência vital. Mas o aperto sobre ou contra a respiração é imediatamente sentido como ameaça direta à vida — angústia. Talvez esteja contido no significado das palavras que toda aspiração contida se transforma num arrocho, isto é, em ansiedade. Novamente Reich pode nos esclarecer muita coisa. Podemos concluir de todos os seus estudos que a ansiedade é, primariamente, isto mesmo; a contenção, a inibição ou a oposição a uma aspiração. A clínica, de sua parte, nos oferece diariamente exemplos e ilustrações para este mesmo princípio.

Angústia é sinal de alguma coisa que desejamos mas não fazemos — como já o dizia Freud; ansiedade é sinal de uma respiração tolhida — duas frases sinônimas.

Se não combinarmos adequadamente Freud e Reich, jamais compreenderemos a profunda intuição contida na etimologia do termo angústia. Além de bem combinar ambos, é preciso — acima de tudo — *ver e sentir o que acontece com nosso corpo e com nossa respiração quando estamos angustiados.*

São os músculos respiratórios em *preparação tensa*, ou é uma desorganização *visível* dos movimentos respiratórios que nos aperta quando estamos ansiosos. É a caixa pulmonar que não se expande, que se expande insuficiente ou inadequadamente, a causa próxima de qualquer ansiedade. Somos *nós* que *nos* asfixiamos — assim diria o nosso psicanalista. Mais clara, mais demonstrável e algo estranhamente, digo eu, como aprendi de Reich:

*Na angústia é nosso tórax que se fecha sobre e contra o pulmão, é nosso tórax que não “quer” ou não consegue respirar.*

## ENQUADRAMENTO

— Você parece mal. Triste. Vontade de chorar?

— Sim.

Lívia, 27 anos, veio ao grupo pela primeira vez. Já a conheço de entrevista particular.

É profissional liberal, inteligente, dedicada e séria. Morena e solteira, vive com a família. Tem um irmão com lesão cerebral o qual, desde que nasceu, vem absorvendo o melhor das atenções da mãe. Lívia tem por isso sido mãe suplementar para três irmãos menores. Parece ter sido particularmente capaz nesta função.

— Não aguento mais ser mãe e compreender. Meu último namorado, que eu aguentei, compreendi e apoiei durante meses, me disse domingo passado que me achava ótima, divina e formidável mas que não sentia nenhuma atração sexual por mim. E não é o primeiro, sabe? Gostaria que fosse o último...

Lívia chora, pouco e mal. Seus olhos exprimem quase desespero mas sua boca é firme, quase cruel. Cruel contra Lívia — ou contra as lágrimas de Lívia.

— Choro um pouco às vezes. Não adianta nada. Continuo mal e vazia. Só lágrimas. Tenho vergonha de soluçar. Os outros ouviriam minha tristeza...

— Você é mãe demais.

— Eu sei. Todos me dizem isso. Eu também.

— É preciso mudar, matar a mãe.

— Eu sei. Já tentei me fazer de dura e não ligar e exigir. Depois de cinco minutos volto atrás, peço desculpas e faço o dobro.

— É difícil matar a mãe. Talvez não seja nem conveniente. Veja. Afinal, é bom ser capaz de compreender e ajudar. O mal não está em fazer estas coisas boas, mas sim em fazer só assim e sempre assim — com todos. Uma boa mãe sabe dar e fazer na hora certa, como sabe — ou aprende — a negar e exigir em outro momento. Há mães que conservam os filhos a vida toda — justamente as que aceitam e compreendem incondicionalmente. Há mães que ajudam o filho a crescer — as que sabem exigir certa espécie de reciprocidade. Isto é

importante. Você tem muito de mãe mesmo, e querer acabar com isso é impossível. O problema não é deixar de ser mãe, mas sim fazer-se mais do que mãe.

Outro tema se propõe no silêncio que se estabelecera após nosso diálogo e Lívia permanece quieta o resto da sessão.

Na reunião seguinte, logo no começo, o tema de Lívia retorna à minha mente e não consigo afastá-lo. Vários assuntos e momentos se sucedem, mas o tema continua vivo em mim.

Há uma pausa e eu digo para Lívia:

— Venha para o quadro-negro.

Ela vem.

— Desenhe uma mãe.

Ela hesita, demora, mas por fim desenha, depressa, um rosto de mulher, com pescoço e ombros, e logo “fecha” o desenho naquilo que seria o “v” do decote anterior.

A figura fica, assim, *sem tórax*.

— Como se faz para matar uma mãe? — pergunto a Lívia.

**Ela sabe o que quero dizer. Entende que a estou convidando a desenhar uma figura em correspondência com seu problema.**

Lívia não gosta da ideia. Olha para mim algo zangada e não consegue fazer nada.

Aguardo um pouco e retorno.

— Se você fosse matar alguém, de que modo o faria?

Lívia hesita de novo, procura mentalmente e por fim diz:

— Bonde.

— O quê? Jogar alguém embaixo de um bonde?

— Não.

— Empurrar?

— Não. Sempre que fico com raiva digo mentalmente “tomara que essa pessoa ficasse debaixo de um bonde!”

— Apenas ficasse?

— É.

— Você nem empurra nem faz nada — só deseja.

— É isso.

— Você não é muito feroz, não?

— Não. Não consigo ser.

— Mas com você mesma consegue.

— Se consigo não percebo.

— Bem. Vamos usar o que temos. Desenhe um bonde.

Ela desenha, à esquerda da figura da mãe, pequeno, distinto, elétrico, com alavanca na direção certa.

— Já é alguma coisa. Você desenhou o bonde andando — ou dirigido — para a figura da mãe.

— Eu sei. Fiz de propósito.

— Ganhando coragem?

Lívia não liga para minha impertinência e continua contemplando o que desenhou.

Não vejo como continuar a cena e digo-lhe que volte para seu lugar — se quiser.

**Ela volta. Tem bem claro para si meu desencanto e a noção de uma cena importante que ficou parada no meio.**

— Acho que não tem jeito mais. Me acostumei assim, estou enquadrada nesse papel e nessa função. Enquadrada demais. Nem tenho vontade de sair.

**Quando Lívia disse a palavra “enquadrada” algo surgiu em minha mente e eu soube na hora de que modo poderíamos matar a mãe de Lívia.**

— Volte ao quadro.

Ela volta.

— Vamos enquadrar a mãe. Faça uma moldura em torno de seu desenho.

Ela faz um quadrado amplo de um risco só.

— Agora vá fazendo riscos adjacentes aos que definem o quadro, sempre um risco por dentro do outro.



Ela começa a espessar a moldura devagar, com cuidado e riscos finos (poderia ter usado o giz deitado contra o quadro-negro e assim apressado o trabalho de preencher a moldura desenhada).

Quando a moldura já contava com cinco ou seis traços, Lívia diz:

— Estou me sentindo mal.

— Como?

— Aflita.

— Continue um pouco mais e quando ficar intolerável pode parar.

Lívia prossegue e faz mais três traços em cada lado da moldura. Detêm-se. Está pálida. Vai para seu lugar e senta-se. Uma vez sentada Lívia recosta-se no banco, mantém-se um instante mais composta e depois, em câmara lenta, seus joelhos se separam, seus braços caem inertes ao lado do corpo, sua cabeça pende e todo seu tronco vai se inclinando para um lado. Sua face está amarela e seus olhos fechados. Desmaiou. Ajudo-a a deitar-se. Seu pulso é filiforme mas já ao deitar não estava de todo inconsciente. Está flácida por inteiro, mas o seu tórax permanece armado e rígido como o de militar em posição de sentido.

### **O quadro!**

**A moldura que poderia matar a mãe é esta. Enquadrado o tórax, a pessoa morre de asfixia!**

Lívia não está respirando a não ser por ligeiros movimentos de diafragma.

Procuro ajudá-la a respirar comprimindo o tórax, mas ele resiste mais. Sua palidez é impressionante e seu pulso quase imperceptível.

Pinço seu nariz com minha mão direita e faço respiração boca-a-boca. Depois de dez ou doze movimentos percebo que Lívia está conseguindo controlar um pouco a respiração, que se mostra mais livre.

Deixo-a em paz, aguardo um pouco e tento esclarecer para o grupo o que aconteceu. A sequência foi, tão clara que bastam explicações sumárias.

Lívia continua deitada, ainda bastante pálida, mas está ouvindo e interessada.

Faço-lhe perguntas. Ela nunca desmaiou nem teve ataques em sua vida. Não tem quase noção de inibição respiratória. Só às vezes sente o peito um pouco apertado. Também não percebeu que havia parado de respirar momentos antes de desmaiar.

Qual seria a expressão mais consciente desta morte da mãe — ou de Lívia? — por enquadramento? Mais precisamente: de que modo a mãe em Lívia estava matando Lívia? Por asfixia crônica, sabemos. Mas como experimentaria Lívia este fato — se é que o percebia?

Poderia percebê-lo na própria inibição respiratória, como também na sequência de seus pensamentos mentalmente verbalizados. Ao lado de quem quer que fosse, Lívia era logo tomada pela mãe que tudo compreende. Ouvia o outro e, como toda mãe incondicional, não fazia juízos sobre o outro — nada pensava sobre o que estava ouvindo, a fim de não perturbar, não contrariar ou não ferir o “filhó”. Mantinha-se mentalmente em silêncio.

Mantinha-se, mais do que isso, suprimindo ativamente seus pensamentos de um lado, a fim de não romper o laço maternal; de outro lado punha seu pensamento — suas palavras — ao serviço do filho, despersonalizando-se neste ato e fazendo sua a respiração do outro. Sua respiração desaparecia junto com seus pensamentos. Para ser mãe incondicional é preciso não ter nenhum juízo e nenhum pensamento ou posição própria. Caso contrário desaparece a incondicionalidade da aceitação.

Por aí se demonstra que toda mãe que é apenas mãe e sempre mãe não pode existir.

Aconselho Lívia a fazer asfixia controlada, segundo técnica a ser vista em outros casos deste livro.

Uma companheira de grupo pergunta se a repetição do desenho, em casa, não poderia ser igualmente útil. Claro que seria. É um excelente meio de ensaio com risco calculado.

Em reunião de grupo de estudos um colega me pergunta por que a respiração boca-a-boca.

Porque a apneia de Lívia me inspirou cuidados e porque lembrei — bem vagamente — o caso de Luci, e me pareceu que o ato teria valor simbólico além de seu valor fisiológico.

Na terceira reunião de grupo, Livia diz como passou. Desde a hora do grupo anterior sentiu-se como que gripada, com dores de corpo, dor de cabeça e sensação de febre — mas sem febre de termômetro. Passou a semana toda com vômitos e diarreia. Não sonhou.

Não compreendo bem o que aconteceu com ela e lhe digo. Parece clara a existência de um grande movimento psicossomático de reorganização de atitudes (dores de corpo) e cujo sentido geral parece ser “livrar-se de uma porção de coisas íntimas ou internas” (diarreia e vômitos).

Falo-lhe do sentido simbólico da respiração boca-a-boca: “insuflar um novo espírito”, como Jeová a Adão. Resumo para o grupo o caso de Luci: ela exibia uma conduta mais desenvolvida, realista e decidida do que sua conversa faria supor. Era revolucionária de fato e conservadora de direito — ou de conversa.

Claro, dirão, todos nós mentimos sobre o que fazemos e ninguém diz mesmo o que faz. Aprendemos desde cedo que fazer pode — mas escondido. Em público e de conversa só se faz e só se fala do que pode, do que é permitido. (Em meus termos: repetimos todos a voz do coro e nesta repetição o mantemos vivo, fazendo de nosso pensamento um ato coletivo).

Bem sei que é assim, mas no caso de Luci havia uma diferença de certa importância. Para mim ela dizia a verdade de seus atos, e, portanto, diante de mim, não era muito plausível ou compreensível que ela defendesse, na conversa, posições e opiniões gerais, retrógradas e em discordância com seus atos.

Luci não vivia se queixando do que havia feito, ou mostrando desejos de deixar a vida que vivia. Nada disso. A dissociação entre o agir e o fazer era completa, isto é, Luci estava tão convicta de seu agir como de seu pensar.

Todos nós sofremos de uma dissociação grave entre o que aprendemos da conversa dos outros e o que aprendemos de nossa experiência não verbal de vida. Desde pequenos ouvimos, de todas as instâncias ditas pedagógicas, uma porção de regras e “verdades” altamente discutíveis, que apesar disso nos são apresentadas como verdades sagradas. Elas têm a seu favor a adesão pública de quase todos, que repetem as mesmas coisas. Estas “verdades” e regras influem bastante sobre nós. Ao mesmo tempo vamos vivendo, sentindo, vendo, experimentando,

gozando e sofrendo em nossa pele uma porção de episódios, personagens, situações. Todos nós temos, baseada nesta experiência vivida, uma certa filosofia de vida, mais ou menos inconsciente, pois temos medo de ouvir a voz de nossa experiência. **Com demasiada frequência ela contradiz a papagaiada que ouvimos todo dia em torno de nós e dentro de nós. Receamos nossa verdade porque ela diverge da opinião coletiva — e segui-la nos levaria para a solidão. Tememo-la também porque nossa experiência, como nosso estilo, são absolutamente únicos e então, se a seguirmos, nos faremos solitários, não só porque nos afastamos de todos, como também porque jamais nos será dado encontrarmo-nos com o outro — se o outro implicar em identidade de pensamento.**

— Assim acontecia com Luci. Assim acontece com você. O “espírito novo”, que eu insuflei em você, duvido muito que seja novo, como duvido muito que seja meu. Apenas pus você em contato com sua experiência não verbal de vida, aquela que é mais sua, que não depende do ouvir os outros, nem de responder a eles, aquela que é na certa a essência dura de nós mesmos, a inegável e a indestrutível. É aquela que discorda sempre do que “devíamos” ser, pois o dever enquanto regra geral é de todo impossível. O dever é tão absurdo em cada caso concreto e em todos os casos concretos como a estatística é inútil para o caso particular. Não sabedoria nem retidão geral. A mãe desenhada no quadro-negro era a alma; a moldura espessa e sufocante era a retidão geral.

**Mas, de mim para mim, pensei mais.**

**Freud falava muito da fase oral. Devia falar da fase verbal, e então muito do que ele disse ganharia, não só em clareza, como em verossimilhança.**

**É verbal quase todo o “ensinamento” que recebemos do mundo e moldar-se por esse ensinamento — ou, apenas, por palavras — é perder-se no coletivo, é “viver de acordo com o superego”.**

**Consciente quer dizer, acima de tudo, verbal; inconsciente significa principalmente não verbal, sensação corporal, percepção de tons, de luzes, de formas que não têm nome.**

**“Spiritus” — vento — não é principalmente palavra, mas sim direção invisível. O modelo do vento a soprar sobre árvores, velas e**

**coisas — que ele move — é bem o modelo para a noção de espírito, o qual é isso exatamente: direção determinada por uma força invisível.**

**Quando alguém sente o vazio respiratório vivamente, como Luci e Livia, então e assim se põe em contato com sua essência (vazio) não verbal, vazio e essência que são condição necessária para toda palavra, isto é, vazio que é a origem de todo pensamento pessoal, vazio que é o começo obrigatório de toda determinação .**

**Como raiz de todo análoga à anterior (ANG), consideremos esta outra, STRING, que aperta. Do verbo latino stringo, are.**

**Dela provém restringir, restringir, assim como estrito e restrito, constrição e restrição.**

Vemos de novo que algo aperta quando somos restringidos, quando é estrita a autoridade, quando é restrita a liberdade. Quem nos impõe moldes, fórmulas ou princípios, nos “*aperta*” — nos angustia. Porque o “aperto” da lei é comparado ao abraço — vá lá que seja — de uma cobra (Anguino)? A lei pode nos apertar desse modo? Certamente não. A restrição só pode nos angustiar, pois, quando desperta em *nós* algo que *nos aperta*. A psicofisiologia da angústia nos esclarecerá satisfatoriamente a questão. Mas há um exemplo popular — experiência de todos — que é oportuno recordar, como prefácio à questão. Quando pequenos dizíamos — depois também — na iminência da evacuação: “estou apertado”. O modelo cólon-musculatura perineal é, a seu modo, muito simples; por isso mesmo elucida bastante a relação impulso- -inibição ou desejo-resistência. É a musculatura visceral involuntária, obediente aos apetites profundos, aquilo que se propõe, a tese; é a musculatura do assoalho pélvico, voluntária, obediente aos ditames das conveniências e dos hábitos adquiridos aquilo que se opõe, a antítese. Não “estou apertado”, “estou me apertando”, estou contraindo *meus* músculos *contra* um movimento intestinal.

Com certa facilidade podemos passar da evacuação tolhida ao vômito tolhido e daí para o riso contido, o choro inibido, a raiva controlada e o amor “recolhido”.

A maior virtude de Reich foi precisamente a de mostrar a semelhança básica entre os pares desta série.

O impulso é sempre um movimento visceral, uma disposição humoral ou um reflexo neurológico; a resistência, “aquilo que aperta”, é sempre um conjunto de tensões musculares. O problema não consiste tanto em demonstrar o fato, quanto em adquirir aptidão para vê-lo acontecendo em outros ou para percebê-lo ocorrendo em nós mesmos. Freud e seu método cultivaram em todos — inadvertida mas eficazmente — o hábito maléfico de ouvir demais e de ver de menos. Não é fácil opor-se a este hábito de tão vetusta memória e tão de acordo com o mais querido hábito da Humanidade: falar, falar, falar...

Aos poucos, minha curiosidade foi se ampliando. Depois de descobrir que angústia é arrocho, logo me ocorreu que todos os angustiados do mundo se dizem oprimidos, oprimidos, deprimidos.

Então fui procurar a raiz correspondente e encontrei, na página 269, PREM, fazer pressão. Derivado do verbo latino *premo, ere*.

Diante dessa raiz novamente me propus a alternativa que acabei de expor. Fazer pressão moderada sobre uma parte qualquer do corpo, quase nunca é um fato vital (ou mortal) para nenhum de nós e para nenhum animal. Mas premir o tórax ou oprimir a respiração é imediatamente perigoso. Em segundo lugar, ainda quando os fenômenos de pressão ocorram nos três estados da matéria, é inegável sejam eles mais evidentes nos gases. Enfim, tosse, espirro, e o próprio riso ou choro, oferecem aos homens, desde o começo dos tempos, a noção de pressão intrapulmonar (sem contar as dispneias de origem orgânica, asma, pneumonia, tuberculose, etc.)

Por estes três motivos, creio que PREM se referia, primária — ainda que não exclusivamente — a gases e respiração. Desta raiz se derivam, entre outras, reprimir, suprimir, impressão, expressão, imprimir, oprimir, depressão, pressa.

*Está aí metade dos principais termos empregados em psicologia dinâmica, a começar pelo famosíssimo recalque, o qual, na linguagem dos mais eruditos, se chama repressão ou supressão. Repressão quer dizer apertar de novo, ou fazer pressão de novo. Suprimir quer dizer fazer pressão para baixo. Logo nos vêm à mente as duas frases freudianas clássicas: o inconsciente faz pressão contra a consciência, que o reprime continuamente; o inconsciente tende sempre a emergir e a consciência deve suprimi-lo sempre.*

Que espécie de pressão pode ser esta?

É evidente que nós não reprimimos um impulso empurrando-o com a mão para baixo. Mesmo porque baixo e alto, em toda a teorificação psicodinâmica, é alguma coisa que não tem sentido físico. Mas se é verdade que todo desejo ou todo anseio produzem uma aspiração, torna-se fácil imaginar que toda repressão implica numa restrição respiratória. Esta verdade, contida na etimologia, foi ricamente explorada por Reich, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista clínico e terapêutico. É expressão literal — de Reich que não existe nenhuma repressão psicológica, sem alguma espécie de distúrbio ou perturbação respiratória.

O termo oprimir está no estandarte de todos os movimentos sociais contemporâneos. Os senhores oprimem os escravos. Os escravos vivem asfixiados pela opressão dos senhores. E por aí afora, o *slogan* vai se repetindo em mil variações.

É sempre impedir de respirar. De ninguém ouvi que os patrões impedem os servos de desejar. Fala-se muito nas *aspirações* das massas e na opressão dos poderosos. Este fraseado panfletário é tido como analógico, pura força de... expressão; tenho para mim que nele se contém núcleo de verdade literal.

Depressão significa, pouco mais ou menos, esmagamento, o que concorda com a atitude geral do deprimido e com sua respiração tarda e difícil.

Pressa é, em certo sentido, sinônimo de tensão, o termo mais usado atualmente no mundo.

Enfim, “tive uma impressão” é a frase mais lida em todos os textos de psicoterapia do mundo. O que é que impressiona o terapeuta? É a expressão do paciente. Que fazem os dois? Serão um locomóvel com dois cilindros, conjugados de tal forma que quando o gás se expande em um deles comprime-se no outro?

A música da voz é uma expressão no sentido mais puro e literal da palavra; ela provém do ar “premidado para fora”.

A voz, uma vez emitida, faz “pressão para dentro” (impressão) no ouvinte. O processo expressão-impressão é, pois, quase instantâneo. Tudo isso é óbvio. Menos óbvia é a influência das características não

verbais da voz e, inclusive, a interferência, retratada no diálogo, entre os ritmos e formas respiratórias dos dois interlocutores. Aí é que se mostra válida a comparação com o duplo cilindro. Vejamos como isto acontece clinicamente.

### **TEU ESPELHO — O OUTRO**

— Como vai?

— Não muito bem. Estou hoje com uma bola aqui (epigastro). De tanto o senhor insistir sobre a respiração acho que estou ficando sugestionada...

A paciente respira mal quase sempre. Sempre que aponto o fato, ela reage com notável ceticismo. Não crê possa haver relação entre suas “más ideias” (sic) e sua má respiração.

Silencia um instante e logo recomeça o diálogo, meio absorta.

— Na vinda, dirigindo o automóvel para cá, atravessei três sinais fechados...

Acorda ao som da própria voz e logo pergunta, ansiosa:

— O senhor às vezes atravessa sinal fechado?

Silencio uns instantes, ponderando, *e quando vou começar a falar*, ela interfere precipitadamente:

— O senhor nunca faz isso, não? O senhor nunca atravessa sinal fechado, não é?

Senti-me eu tolhido na respiração, quando ela cortou a pausa com sua afirmação; tive que ouviria quando já estava preparado para responder, isto é, quando já havia inspirado para dar som a minha voz. E mantive-me em inspiração, com a respiração parada, enquanto ela falou.

— Sabe, doutor — continuou ela, sem descontinuidade alguma — percebi que estou fazendo isso muitas vezes, com muita gente.

— Isso o quê?

— Pôr minha palavra na boca do outro; responder pelo outro a pergunta que eu faço...

— Certo. Muito certo. Agora que ouço você descrever o fato, dou-me conta de tê-lo presenciado e sofrido inúmeras vezes.

— Por que, doutor? Será para ouvir o que eu desejo?



— É possível... Mas olhe, quando você me atalhou, eu fiquei uns instantes sem respirar. Será que você, desse modo, não está *produzindo no outro* — em mim — a mesma falta de respiração de que você sofre e cuja presença, hoje, estava tão viva na forma de bola “aqui”?

A paciente não responde. *Eu ainda estava no meio da frase* e ela já havia se levantado — *chorando* — e se dirigira para a janela, a fim de disfarçar as lágrimas.

**Silêncio. Algo não estava certo no que fora dito, uma vez que a referência à respiração — tenho de mim para mim — havia sido a desencadeante do choro. Ela estava com a respiração presa — “boia” na boca do estômago — a fim de conter o choro.**

**Por mais que deseje, no momento, mostrar-me compassivo e compreensivo, não o consigo. Estou firmemente decidido a encontrar o que faltava.**

Ignoro seu choro e prossigo.

— Olhe, você não procura ouvir o que deseja. *Você procura uma condenação. Você pôs na minha boca as palavras “o senhor não faz isso, não”?* Isto é, *você acha que eu não faço o mesmo erro que você fez hoje, avançando o sinal fechado.*

Ela ouve, apesar do choro, e está — como eu há pouco — em busca de algo.

— Tem mais. Todo seu modo — vejo agora — é o de alguém que se sente sempre errada. Um pouco furtiva, meio encolhida, quase esgueirando-se, sempre com modos de quem está pronta para pedir desculpas pelo que faz, pelo que pensa, pelo que é...

A paciente ouve-me, de novo absorta, apesar das lágrimas.

— Sabe, doutor, ontem fiz uma tolice daquelas! Quis forçar a aproximação de duas pessoas que me são queridas, sabendo que elas não se entendem. Brigaram — eu sabia que iam brigar. A culpa foi toda minha. Sou uma estúpida...

Faço um interrogatório pormenorizado sobre o fato relatado. Torna-se logo evidente que os dois outros interessados haviam sido os principais responsáveis pelo atrito e pelo próprio encontro.

**Este fato liga-se a inúmeros outros semelhantes, cujos detalhes prefiro omitir. Com isso perde-se perspectiva, mas o ponto que me**

importava esclarecer — referente à respiração — já está esclarecido. Lá está, bem claro, o jogo expressão-impressão; lá está, bem clara, a “análise da transferência respiratória”.

**Como age esse tipo de explicação?**

**Age de modo tão simples que se faz difícil compreendê-lo.**

**Ao apontar verbalmente para uma posição incômoda de corpo, que está sendo inconscientemente mantida, logo o paciente se faz capaz de influir sobre ela. Sendo incômoda, basta percebê-la para que ela tenda a se desfazer. Incômoda quer dizer, neurologicamente, mal coordenada, mal composta: POR ISSO COM TENDÊNCIA INERENTE A DESFAZER-SE.**

**Freud exprimia este fato dizendo:** o pré-consciente faz pressão sobre a consciência.

**Enquanto há tensões musculares — inconscientes para a pessoa — esta se sente vítima de constrangimentos, amarras, compressões, opressões. Quando a pessoa se dá conta dessas tensões, sente-se, no mesmo ato da percepção, senhora, ativa, agente.**

**Este é o modo natural de funcionamento da propriocepção, a qual é sensação e, no mesmo ato, elemento central do controle muscular.**

**Note-se o quanto essa inversão na posição do “eu” — de paciente a agente — inverte a colocação da pessoa na situação.**

No caso houve um efeito paradoxal — quando posto em termos de avaliações comuns.

A paciente, que inicialmente estava “controlando-se” (aparentemente estava sendo agente), de repente se pôs a chorar, “descontrolando-se” (portanto, em aparência se fez passiva). Mas se não nos deixarmos influir por avaliações comuns, diremos assim: de início, a paciente estava *sendo controlada* por suas inibições; depois estas inibições *se desfizeram* e a paciente *ficou livre*, fez o que precisava fazer, integrou sua expressão ao seu sentir.

A melhor prova, a favor desse modo de entender, está na descoberta feita — em forma alegórica — pela própria paciente: ela tende a reproduzir no outro aquilo que a governa — inibição respiratória. Ela “projeta”, isto é, procura não apenas ver (como se diz habitualmente)

mas principalmente *criar* no outro o mesmo conjunto de forças que a moldam ou tolhem.

Se bem compreendido, este é um excelente método, de fato experimental, de resolver as próprias dificuldades. A projeção é sempre “pedagógica”.

Aliás, ao freudismo falta a consideração da *ação*, absorvido que está, todo ele, na *compreensão* dos fatos. Por isso o conceito de projeção freudiano é somente intelectual: o paciente “vê” em torno aquilo que nega em si.

Não apenas vê, acrescento eu, como também *tende a criar, influenciando eficientemente*. Ele tenta envolver o outro continuamente, tanto para dominá-lo como pela esperança de que o outro não entre no jogo — o que o libertaria.

O problema clínico e humano está muito mais em *perceber* esse modo de influência, e para isso “o outro” é absolutamente essencial. Sem o outro a pessoa não consegue “analisar-se” eficientemente, isto é, *produzir* no outro um efeito semelhante ao que ela está sentindo.

1) a projeção seria um “olhar-se ao espelho” — para ver-se no outro.

2) se esse processo de “reflexão” não se completa, a pessoa não se *divide* e por isso não pode *recompôr-se* — criar outra síntese. Então ela *se compõe com o outro*, o que gera um elo compulsivo, necessário.

*A dissociação é o processo estruturalmente inverso — funcionalmente complementar — da integração*. Sem um não há o outro. A transferência é, em parte, um dissociar-se para reintegrar-se.

Havia na paciente “um anseio contido” que era, ao mesmo tempo e num ato só, disfunção respiratória e vontade de chorar. A função respiratória é essencialmente rítmica; qualquer posição estável de tórax perturba esse ritmo e transforma o anseio em ansiedade. Bem podemos dizer que ansiedade é um desejo insaciado ou um anseio insatisfeito.

Se visualizarmos bem um *ritmo estavelmente perturbado*, entenderemos intuitivamente a ansiedade. Por exemplo, *uma ave com a asa ferida*, ainda capaz de voar, mas voando mal.

A paciente estava, pois, com uma disritmia respiratória. Ao interromper minha resposta, ela perturba o *meu* ritmo respiratório, ao mesmo tempo que me atribui — aflitivamente — uma condenação. Quero dizer que

era aflitivo — precipitado — seu modo de dizer-me “o senhor não faz assim, não”?

Ao me tolher — minha respiração para — ela se liberta, fala apressado, expira precipitadamente.

Se em vez de perceber a relação respiratória, eu tivesse respondido ao diálogo verbal, então estaríamos fazendo um diálogo *inconsciente* de *anseios*. Haveria em mim “desejo de” (anseio) consolar, criticar, interpretar, “analisar”. Haveria nela “desejo de” (anseio) ser castigada, amparada, esclarecida, apoiada. Se, como fiz, volto-me e faço-a voltar-se para a respiração, cessa a perturbação do ritmo e vem o choro.

Empreguei o termo “desejo de” segundo a fórmula aceita em psicodinâmica. Anseio é mais certo.

Na vigência de uma dificuldade respiratória, a primeira coisa a fazer e a mais importante aqui e agora é desfazer esta dificuldade. Nenhuma perturbação psíquica ou somática é tão urgentemente importante quanto a respiração tolhida.

Isto quer dizer: pare o leitor de respirar e eu o desafio a fazer ou pensar o que quer que seja após dez segundos dessa parada — continuando a parada.

Por isso ficamos ambos, eu e ela, ansiados ou ansiosos. Fosse eu consolá-la, criticá-la, ampará-la ou analisá-la e nada disso seria “desejo de”; tudo seria “desejo *tolhido de*”, perturbado pela inibição respiratória. Por isso eram anseios, os meus e os dela, não desejos.

Anseios são desejos que não respiram bem.

Note-se que o choro é uma das variantes normais — ainda que incomum — dos ritmos respiratórios. É semelhante ao ritmo da gargalhada, ao respirar resfolegante do esforço e outros. Claro que a respiração tem muitos ritmos e não um só.

O que perturbava o ritmo respiratório da paciente? O estar preparada.

Preparada para quê? Para defender-se *de acusações* do superego, da voz “íntima”. Somaticamente, as acusações levam o acusado a “sentir-se diminuído”, isto é, levam-no a uma hipertonia global em flexão, resposta muscular inconsciente e involuntária cujo sentido primário é: “reduzir o próprio volume ao mínimo a fim de reduzir a probabilidade de ser ferido”.

Esta reação pode evoluir para um encolhimento corporal progressivo até o “senti-me *esmagado* pela acusação”, “fui reduzido a minha expressão *mais simples*”, “fiquei aniquilado”, “tive uma vontade enorme de sumir”; ou pode, por vezes, estimular a resposta inversa, o ataque incoercível. Agora o indivíduo se expande, “cresce”, “agiganta-se contra o oponente”.

Como se vê, minha paciente estava ansiada (contida) também por isso, por ficar *no meio* da resposta à acusação. Deixar-se esmagar tê-la-ia levado a uma crise aguda de ansiedade ou de depressão (depressão é sinônimo, etimologicamente, de esmagamento). Reagir a levaria a uma crise de fúria. Ela ficava no meio, preparada para ambas e não realizando nenhuma. *Sempre* preparada — porque o acusador usual, sendo sua voz íntima, a acompanhava sempre.

*Sua preparação e sua voz íntima alimentavam-se reciprocamente, mantinham-se uma à outra.*

Ao passar para mim sua preparação, ela chora; ao me “armar” ela se desarma. Enquanto eu me integro, ela se desagrega — ou flui.

Meu preparo a desarmou: entenda-se “armar” e “desarmar” no sentido mais elementar, como se arma e desarma uma tenda de praia ou um guarda-chuva.

*Em vez de julgar sua ação, eu apontei para sua atitude — a que continha o ritmo respiratório.*

Acho que esta é a essência de toda “interpretação” terapêutica eficaz.

Corresponde, mais ou menos ingenuamente, a um golpe de jiu-jitsu. Neste, o mestre quase não vê *o ato* agressivo preparado pelo aluno, mas vê ou procura sentir a *preparação* do aluno para o ato agressivo; procura sentir e atuar sobre ela, sobre a preparação. Quando esta passa por um momento crítico de equilíbrio precário, então o mestre atua, levemente, desequilibrando de vez o adversário. Sabedoria ou ironia oriental, o fato é que jiu-jitsu significa “arte suave”!

Em meu diálogo com a paciente foi assim: primeiro nos abordamos e ela preparou um “golpe”; em vez de me defender deste, eu a desequilibrei e ela “caiu” — se desfez, chorou. Permaneci de pé e isso foi importante.

O Dr. Bachir Aidar iniciou, entre nós, a análise psicológica dos modos de o paciente praticar esportes. Foi dialogando com ele e seus colaboradores que esta comparação com o jiu-jitsu ganhou forma em minha mente — e aqui ficam meus agradecimentos.

Nas “lutas” — preponderantemente verbais — que as pessoas travam a todo instante, há sempre a abordagem e o esforço para “vencer” o outro, derrubá-lo. Até aí, nada de mais e nada de mal. Que vença o mais forte ou o mais hábil, pois esta é a lei, a lição e a técnica natural do aperfeiçoamento. Se não lutamos ou não somos vencidos, não podemos saber da existência de nada melhor — e estagnamos. Esta é a tragédia de todo conformismo que não luta; é a comédia de todo orgulho que “explica” a derrota sempre como “culpa dele” — e se afasta.

O mal da luta está na exploração do vencido. Esse o arcaísmo a vencer. É maduro gozar a vitória e alegrar-se com a própria força; é pueril diminuir o vencido. Ao fazê-lo, nos elevamos artificialmente — porque nossa vitória não nos convenceu — e não repousamos em nossa aptidão, porque não acreditamos nela.

Nem convém descer até o vencido, a fim de não glorificar a derrota; tampouco convém agradecer-lhe por nos ter permitido evidenciar nossa força — ele logo abusaria de nossa gratidão, apelando para o ambíguo direito do menos apto.

Mas podemos muitas vezes estender-lhe a mão para que ele se ponha novamente de pé e recomece a lutar; podemos também — é a essência do cavaleiro andante — apontar para ele o momento, o movimento e o mau jeito que o fizeram cair. Educar o inimigo nos obriga a cuidar de nosso próprio progresso.

É essencial que o paciente perceba e reconheça nossa força, nossa disposição inflexível para vencê-lo, nossa aptidão e nosso treino. É preciso, ainda, comunicar ao paciente nosso respeito hipotético a ele: nossa convicção de que ele *é capaz* — até prova convincente em contrário — de lutar bem e, em princípio, de nos vencer.

Vai aqui, em forma filosófica e alegórica, um resumo do que poderíamos chamar análise e educação da hostilidade. Estes são os usos legítimos da hostilidade: firmar-se contra ou opor-se ao que não nos convém, tentar impor o que nos parece bom, conseguir o que nos é

necessário, defender o que amamos. Essas coisas desejáveis são obtidas com aquela técnica dura que apontamos.

Não quero que o paciente me respeite porque sou médico, porque tenho “técnica” e conhecimento, porque vou “curá-lo”. Quero que o paciente perceba, tão logo quanto possível, que toda relação pessoal admite uma tendência à comunhão e outra à competição, que há sempre amor e ódio entre as pessoas. Os dois são essenciais. A educação do ódio é o que examinamos resumidamente.

O caso exposto poderia ser considerado muito artificial — ou raro — por todos aqueles que não prestam atenção a estas coisas.

Mas ele não é uma coisa nem outra.

Lembro bem a consulta feita com um casal maduro. ela era imperativa, autoritária e tenaz; falava contínua e incoercivelmente. A cada poucos instantes apelava para o marido e quando este abria a boca para falar, ela falava por ele. Permaneceram assim mais de meia hora. Esta era a técnica pela qual a esposa sufocava o marido. Ele retratava as inibições respiratórias dela — justamente aquilo que a mantinha falando o tempo todo.

Tratei longamente do filho desta mulher, um rapaz muito bem dotado de inteligência e caráter, mas- que se mostrou incapaz, durante muitos anos, de acertar o passo na vida.

Pouco a pouco, a partir da adolescência, foi se afastando de toda atividade útil ou preparatória, deu-se a várias “manias” esportivas (halterofilismo, judô, barra fixa, caratê), devorou livros de conteúdo psicológico e terminou praticamente fechado em seu quarto o dia todo, qual monge budista.

Falhou muitas vezes em sair de casa — mesmo com a ajuda dos pais.

Após poucos dias de afastamento voltava, não sem antes telefonar para a mãe, aflito, às duas ou às três da manhã, para saber se ela estava bem...

Orgulhava-se muito de sua boa capacidade respiratória e com frequência dizia para si mesmo: “respiro muito bem”.

Falo claro com ele. Por que não vai para a Índia, já que deseja vida monástica? Que pretende fazer?

Ele está tão perplexo quanto eu, mas tenta uma e muitas vezes explicar o que sucede.

Em certa hora chegamos quase juntos à mesma conclusão: as palavras que Jaime diziam eram dele, mas o tom de voz, a sintaxe e o próprio estilo eram de sua mãe. “Já faz tempo que eu percebo que em minha cabeça todo é falado com a jeito da mamãe. Meu pensamento é ela. Tudo o que eu digo para mim mesmo digo usando o jeito dela.”

Mas isto nos dá uma solução! Pare de pensar e de falar — assim você matará sua mãe dentro de si — sufocada! Mas cuidado, ao sufocar mamãe quem vai sentir falta de ar é você.

Assim se esclarecia o medo de Jaime de que sua mãe estivesse passando mal à noite. Se ela passasse mal ele estaria ameaçado...

Por isso ele se dizia tantas vezes que sua respiração era ótima; porque ela, de regra, não era sua.

Mas se Jaime conseguisse obedecer meu conselho ao pé da letra e de uma só vez, ei-lo a sentir-se sem espírito, sem pensamento e sem atividade alguma, porque sua principal atividade era pensar, ler e falar, era ser sua mãe — era ser palavra.

Seu treinamento em lutas, nas quais ele era ótimo, poderia ser compreendido como preparação para lutar contra sua mãe — ainda que sua mãe fosse invencível. Na verdade a única maneira de vencer sua mãe seria afastar-se dela. Mas ao afastar-se, ele temia por ela — e ela passava mal e tinha crises.

Como fazem dois irmãos siameses presos pelo tórax? Podem viver separados?

Desse modo ficava demonstrado que a respiração do rapaz ocorria como se fosse feita pela sua mãe.

Este é um exemplo e um modelo do que podemos denominar dependência respiratória, a mais fundamental das dependências. Rompê-la é sentido pela pessoa como morte por asfixia e, ao mesmo tempo, com ausência total de ideias (de palavras), a respiração e a verbalização da pessoa se modelam por outrem.

## **O SUBMARINO**

— Doutor, li um de seus folhetos sobre respiração; mas não encontrei em mim nada semelhante. Acho que minha respiração não tem muito a



ver com minhas dificuldades.

— Mas como! Não foi você mesmo, há duas entrevistas atrás, quem trouxe para nossa discussão o problema de sua voz?

— Bem... Mas era uma questão de falar...

— E o falar não terá nada a ver com a respiração? Você queixou-se de sua voz — parece sempre cansada; os outros dizem que você fala baixo. De sua parte, você também descreveu seu modo de dizer em termos de quem “fala para dentro”. De minha parte acrescento: você fala como se a pontuação do seu discurso estivesse errada. Sua voz às vezes faz reticências, exclamações ou ponto e vírgula fora do lugar.

— É. Mas também acontece ao contrário, grito quase sem querer, a voz sai muito forte, às vezes esganiçada. Só percebo ter gritado, depois que vejo a cara dos outros. Quando dava aulas era tido como um professor bravo. No entanto, sei bem quanto sou compreensivo e camarada. Demorei muito tempo até perceber de onde provinha esta fama. Provinha da voz forte e às vezes descontrolada.

Silenciamos um pouco e passo a olhar com redobrada atenção para a região oral do paciente. Seus lábios são antes flácidos; o queixo tende para certa imobilidade tensa; suponho algo semelhante na língua, pois sua palavra flui ligeiramente empastada; logo, a voz provém de órgãos articuladores de mobilidade ao mesmo tempo limitada e pouco viva. Nada obstante, sua dicção habitual é clara, isto é, não há palavras nem sílabas “engolidas” ou suprimidas. O dizer é inteiro, mas ligeiramente borrado.

Depois de observá-lo alguns instantes, tento imitar nos meus lábios, queixo e língua, a visível ou suposta posição das partes correspondentes do paciente.

Tenho plena noção de estar fazendo caretas. Ato contínuo acho graça nas minhas caretas, pela seriedade com que as havia feito, ignorando de todo a presença do paciente.

No entanto, este havia arremetido, por conta própria, numa certa recordação da qual logo falaremos. Dado o interesse divergente, entre nós ocorreu um desencontro e eu acabei rindo.

A seguir explico-lhe o motivo do meu riso e o chamo de “cara de pau” por não ter rido com minha careta. Imediatamente o paciente confirma:

— Mas eu acho! Acho mesmo que eu tenho cara de pau. Todo mundo acha. Eu acho graça nas coisas mas não rio. Às vezes também acho tudo muito triste mas não choro.

— E a origem desta maneira de ser? Papai?

— Com certeza! Além de tudo o que já lhe contei, ouça mais esta: certo dia estávamos brincando e um de meus irmãos — não me lembro mais por que — soltou uma sonora gargalhada. Daí a instantes, papai entra na sala muito sério, põe-se diante do garoto e dá-lhe uma bofetada na cara, dizendo-lhe: “na minha casa ninguém ri desta maneira”.

Assim era o pai deste moço; dentre meus clientes, nunca me foi dado conhecer um pior, um tirano realmente violento, pusilânime e arbitrário ao mesmo tempo.

Dentre as múltiplas influências exercidas por este pai sobre este filho, destaco, de momento, a seguinte: cansado, envergonhado e humilhado pelas contínuas “cenas” paternas, meu cliente se fez um rapaz sobremodo sério e comedido, abominando qualquer espécie de expansão afetiva. Prima pela discricção, pelo comedimento, pela marcada inibição de qualquer espécie de expansão emocional.

Nossa conversa sobre seu modo de falar, descrita até aqui, enquadra-se perfeitamente dentro deste contexto mais amplo: limitação das expansões ou das expressões afetivas, ao mínimo.

O paciente não se dera conta de minha careta, por estar recordando para mim, naquele momento, fato já relatado por ele em entrevista anterior.

Por volta dos nove ou dez anos de idade, o menino ficava ofegando audível e penosamente, sem nenhuma razão aparente.

O fato era ostensivo, incomodando as pessoas mais próximas, que se afastavam ou solicitavam da criança se afastasse delas.

Após muitos meses, este sintoma foi gradualmente desaparecendo, sem nenhum tratamento ou medida específica. Não havia outro sinal de moléstia torácica.

— Além de todos esses sintomas respiratórios, você não lembra o sonho contado por você hoje mesmo?

— O sonho?

— Sim, o sonho. Moças japonesas nadando numa piscina, assustadas devido a uma espécie de chuva de óleo sobre a água, a qual chuva ameaçava asfixiar as moças mergulhadoras.

— Sim, o sonho era assim.

— Não é evidente seja respiratório o temor de asfixia?

— É...

— Além disso, você já sonhou duas vezes com gente decapitada, estando a cabeça aqui e o corpo ali; *o corpo num caixão*. Posso dizer a você, dentro de analogia sugestiva, seja sua voz puramente cerebral, isto é, não proveniente do tórax. A respiração a animar sua voz é muito fraca, você pronuncia muito bem as palavras, mas elas não têm força; tampouco têm música; antes, a música de sua voz é bastante inexpressiva, sem modulação. Posso dizer, sempre analogicamente, seja sua voz sem espírito. Isto é, voz de cabeça separada do corpo. O corpo dentro de um caixão — a outra figura do sonho — não pode respirar bem; o caixão limita os movimentos e, além disso, o ar dentro dele vicia-se depressa. Você fala como se sua cabeça estivesse separada do peito. Posso dizer ainda que seu comportamento também é “sem espírito”, isto é, constantemente amável, tolerante e anuente.

A seguir, recomendei ao paciente seguisse o sonho, isto é, fizesse, duas ou três vezes ao dia, pequeno exercício de asfixia voluntária prolongada. Este exercício se mostra útil para grande número de pessoas. Confortavelmente recostada, a pessoa detém completamente a respiração. Depois de alguns segundos, em crescendo a vontade de respirar, a pessoa resiste até o limite do possível e a seguir respira um pouco, alcançando o tolerável, mas sem inalar de todo o ar desejado. Logo para de novo.

O ciclo repete-se durante três a cinco minutos.

Indivíduos mais sensíveis ao próprio corpo facilmente conseguem respirar *contínua* mas *insuficientemente*, alimentando durante minutos a sensação de asfixia moderada.

O efeito final é o mesmo, podendo ser decomposto e descrito em 3 itens distintos: primeiro levar a respiração à consciência do paciente; segundo, levar o paciente à sensação de controle respiratório; terceira,

levar o paciente a vencer parte da apreensão sentida por todos ante a ansiedade.

Este tipo de exercício tem vantagem considerável sobre outros que visam a maior amplitude ou frequência respiratória. Praticamente todas as pessoas sofrem de *inibições* respiratórias; ninguém, que eu saiba, respira *mais eficientemente* por hábito neurótico. Digamos ainda de outro modo: todo mau hábito neurótico relativo à respiração é restritivo e nunca expansivo. O indivíduo pode ter o tórax expandido, mas seu *movimento* respiratório é limitado na amplitude, ritmo ou forma. Quando rápida (crises histéricas) a respiração é rara.

Dado este fato, *ao solicitarmos do paciente tolha este a própria respiração, nós o pomos em contato direto e imediato com as suas inibições respiratórias*. Ele não só pode senti-las, como, no mesmo ato, *delas se apropria à custa de um exercício de vontade*. Tal ato é fácil de fazer, apto a ser descrito em termos simples e refere-se a uma noção de vontade de todo clara.

O último elemento importante do exercício é este: como acontece com inibições respiratórias inconscientes, também durante o exercício tolhemos os movimentos respiratórios a ponto de ficarmos aflitos ou asfixiados. Deste modo nasce muitas vezes a ansiedade em nós, como vimos. No caso do exercício, imitamos bastante bem um processo psicofisiopatológico, *mas agora temo-lo inteiro em nossas mãos. Não somos vítimas de um processo inconsciente, mas agentes de uma inibição voluntária*,

Com este conselho terminamos a hora.

A entrevista seguinte, devido a um atraso do paciente, durou apenas 15 minutos. Não obstante, o paciente trouxe um sonho bastante curioso — e oportuno! Solicitei dele a fineza de descrevê-lo por inteiro.

Na vez seguinte recebi a encomenda. Ao mesmo tempo Ricardo confessou, com um misto de bom humor, pedido de desculpas e malandragem inocente, *sua incapacidade de fazer o exercício* recomendado por mim. O mal-estar era demasiado e por demais exasperante.

Na verdade, *o exercício era jeito o tempo todo por ele: inadvertidamente*. Dito de outro modo, Ricardo vivia asfixiando-se

continuamente sem perceber. Por isso reagiu tanto. Foi como pedir a um aleijado que brincasse de aleijado.

Aqui está o sonho redigido por ele; sublinhei os trechos mais sugestivos e acrescentei, entre parênteses, comentários curtos, preparatórios em relação ao exame subsequente.

Encontro-me no interior de um submarino (respiração limitada) em companhia de várias pessoas, e algumas são conhecidas. O submarino sofreu algumas avarias e encontra-se profundamente submerso, sem possibilidade de ser socorrido e salvo (inibição respiratória inconsciente e por isso inacessível). Todos nós, tripulação e passageiros, estamos inteiramente informados e esclarecidos que não existe nenhuma possibilidade de salvação, pois, inclusive, o rádio de bordo está avariado (voz baixa e pouco modulada) e não há possibilidade de comunicação com o mundo exterior.

Apesar da sentença mortal não existe nenhum sinal, a bordo, de pânico, atitudes histéricas, possessas, desesperadas (inibição de expressões afetivas).

Há um clima de tensão, desespero sardo e ansiedade. Todos caminham e trocam Impressões sobre o fim que se aproxima, inexorável.

No casco do submarino existe uma grande janela por onde entra uma luz diáfana, através da qual nós “vemos” perfeitamente o mundo exterior, de terra firme; ruas, casas, pessoas que passam, outras paradas, algumas conversando, etc. Esta visão apresenta-se com as características próprias do embaçamento e esfumaçamento que ocorre quando estamos dentro d’água com os olhos abertos. Vez por outra, inexplicavelmente, surgem pessoas, “sapos” palpiteiros — que, pondo-se em contato conosco, nos animam e advertem que a salvação está próxima, pois elas ao saírem (?) do submarino providenciarão os socorros necessários para o salvamento da nave. Todos se animam com estas intervenções ocasionais porém repetidas. No entanto, eu esclareço os companheiros que estas promessas são impossíveis e absurdas, e liquido o assunto com uma pergunta que gela o ambiente e permanece no ar sem resposta. “Vocês se esquecem de que estas pessoas estão também aqui dentro e que, portanto, não poderão sair?” Se algum dos presentes contesta, eu apresento o argumento final, “se elas saírem nós também poderemos nos safar deste submarino”.

À medida em que o tempo passa, torno-me uma espécie de intermediário entre o capitão e os passageiros. Ele, em voz baixa, segreda-me os informes sobre a situação desesperadora em que nós nos encontramos, e que não apresenta, apesar dos esforços, nenhuma probabilidade de salvamento. Em certo momento, eu lhe ofereço pilhas para tentar fazer o rádio funcionar. Ele agradece, mas objeta que as pilhas de nada adiantariam, pois em virtude da posição e profundidade em que nos encontramos, a pressão submarina (?) impede a transmissão de mensagens; ele confessa que o rádio funciona, mas que ninguém pode nos ouvir (falta de pressão aérea para tomar audível a voz).

Em seguida, prevendo o fim que se aproxima, pois vamos morrer asfixiados por falta de ar, o capitão me confia uma caixa de comprimidos, com a recomendação de só entregar um a cada passageiro, e de só fazer a entrega quando solicitado. Antes de entregar o comprimido, eu devo advertir que a pessoa, dentro de 24 horas seguintes, a qualquer momento, cairá no sono e daí passará para a morte. Um dos casais a quem entrego, por solicitação, duas drágeas, diz estar tranquilo (?) pois vai se trancar no camarote e terão, portanto, ao seu dispor maior quantidade de ar; declaram-se igualmente prevenidos, pois dispõem de enorme quantidade de víveres (que me são exibidos) para enfrentarem os próximos dias, mas ao mesmo tempo, tomam as duas drágeas e as engolem, apesar de estarem por mim esclarecidos sobre seus efeitos letais. Eu também tomo uma drágea, parece-me que simultaneamente com o casal amigo. Após a ingestão do comprimido o estado de ansiedade e preocupação transforma-se num estado de pânico, com a aproximação da hora final. Maior é ainda a minha dúvida sobre a oportunidade da ingestão do comprimido, em virtude de, logo após tê-lo ingerido, surgirem indícios claros e veementes de que a salvação e o içamento do submarino é questão de horas, pois um dos “sapos” conseguiu trazer socorro e com um imenso e longo anzol o submarino será retirado do fundo do mar. Eu tenho a impressão de que minha angústia e desespero é ainda maior pelo fato de eu me considerar pessoalmente responsável de outras pessoas terem tomado as drágeas letais” (difusão do pessimismo e da depressão).

**Há ainda a observar: primeiro, o fato de que, por vezes, durante o sonho, eu me encontro talvez fora do submarino, pois tinha visão total dele; segundo, o fato de o submarino não apresentar nenhum aspecto tétrico ou desagradável aos meus olhos, até pelo contrário, era uma visão agradável e em certos momentos esta imagem do submarino mais me parecia sugerir a ideia, quase concreta, de pênis gigante sem ser aterrador; terceiro, parece terem ocorrido cenas coloridas no sonho, especialmente no que se refere aos víveres e às visões do mundo exterior, através da grande janela do submarino; quarto, o sonho foi continuado, isto é, repetiu-se, inclusive após eu ter levantado, na madrugada, e em seguida voltado a dormir.**

Eu não saberia, nem pretendo, entender este sonho todo e cada uma de suas partes.

Aponto desde já para o evidente paralelo entre as alusões reiteradas ao rádio e aos cochichos entre Ricardo e o capitão, de um lado; de outro, os comentários feitos durante a entrevista, relativos à voz de Ricardo.

Interrogatório direto e solicitação de associações livres de ideias, em torno de todos os fatos, objetos e personagens do sonho, nada trouxeram de muito elucidativo.

Deixei o sonho e a entrevista redigidos ao modo como os apresentei até agora, e só voltei a tentar compreendê-los dois meses depois.

Sublinhamos de início o mais evidente: o maior perigo, no sonho, é a morte por falta de ar; no centro do sonho, pois, estão inibições respiratórias, tingindo de angústia todo o longo episódio.

Os submarinos não parecem ter para Ricardo nenhum atrativo, ou despertar nenhum horror peculiar. A escolha da figura do sonho não mantém paralelo algum com ideias havidas ou alimentadas por ele em sua vida acordada. O sonho *escolheu* o submarino, certamente porque este representa muito bem a principal dificuldade do paciente — não percebida por ele: supressão respiratória considerável.

Em torno desta supressão, e tão evidente ou mais do que ela, o silenciamento da voz (do próprio espírito). Fala-se no começo do sonho a respeito de um rádio avariado: o capitão “segreda em voz baixa”, para Ricardo, todos os detalhes da tragédia inevitável; a seguir,

Ricardo oferece pilhas a fim de pôr o rádio em ação mas não adianta, “a pressão submarina tornaria impossível a captação de mensagens emitidas pelo rádio”... Impossível fazer chegar, onde quer que seja, qualquer pedido de socorro.

Sei bem qual o significado deste rádio: bem poderíamos dizer, pondo um pouco de graça onde ela não cabe, fosse Ricardo pobre mas orgulhoso. Não obstante dificuldades numerosas de caráter, de matrimônio e de vida, Ricardo não conseguia pedir auxílio de modo convincente.

De seu estilo de ser fazia parte integrante peculiar teimosia e peculiar orgulho por este mesmo estilo de ser... Dizendo, embora com seriedade, de seus propósitos relativos a outro modo de vida, mostrava-se Ricardo, de outra parte, profundamente dubitativo sobre se seria possível vida melhor.

Ricardo não pedia socorro de modo convincente.

Ricardo silenciava seu desespero e este, como se lê no sonho, manifestava-se antes como “tensão, desespero surdo e ansiedade”, e jamais — jamais! — sob forma de “pânico, atitudes histéricas, possessas, desesperadas”... Neste trecho vemos bem até que ponto o comedimento de Ricardo estava enraizado; mesmo adormecido, nele operava este treino para a discrição.

Não só encontrava-se amordaçado, em Ricardo, seu espírito mais profundo — a necessidade de salvação — quanto vigorava em Ricardo um falso espírito polêmico, em aparência lógico, mas, na verdade, insensato.

Muitas vezes durante a entrevista, vi-me perplexo diante de sua argumentação. Sirva de exemplo a discussão onírica.

Segundo o relato, no submarino apareceram, de modo inexplicável, alguns indivíduos vindos de fora, chamados de “sapos” pelo sonhador. Estes indivíduos traziam, para tripulantes e passageiros do submarino, esperança de salvação. No entanto, Ricardo, ao invés de alegrar-se com esta expectativa, fazia-se porta-voz do pessimismo e da fatalidade — com evidente prazer! “Demonstrava” a completa impossibilidade de *estarem no barco pessoas de fora*, contrariando, neste ponto, *toda a evidência disponível*.



Entenda bem, leitor: aceitando o sonho como plena realidade — é assim que nos sentimos dentro dele enquanto dura — a evidência imediata diria a Ricardo o seguinte: há pessoas de fora no barco; portanto, é possível a comunicação entre o barco e o mundo exterior ou a superfície. No entanto, Ricardo, no sonho, preocupava-se em demonstrar para si mesmo, e para os demais, o quanto eram “ilusórias” as pessoas vindas de fora. Mesmo tendo-as sob os olhos ele dizia, como se costuma dizer das girafas, serem elas impossíveis...

De modo igual argumentava ele na vida acordada. Tudo aquilo apto a trazer-lhe alguma esperança, algum alento ou estímulo, era, com notável regularidade, destruído ou anulado à custa de argumentação pseudorrealista e pseudológica, em cuja manutenção e defesa não só Ricardo se esmerava, como mantinha-se de todo irreduzível.

Era impossível mostrar, para o naufrago, a possibilidade de uma esperança.

Queria o naufrago salvar-se? Ou não?

Sob este ângulo, o sonho mostra-se notavelmente paradoxal: o submarino, à toda luz, mostrava-se como ataúde de Ricardo; no entanto, visto por fora, o submarino apresentava forma semelhante à de pênis gigante! Como pôde aquele órgão, tido, tradicionalmente, como figuração mais imediata e concreta da vida, funcionar como ataúde?

A mesma linha de desespero alimentado e defendido aparece, mais explícita, no final do sonho: *após* ter ingerido os comprimidos do sono e da morte, Ricardo vem a saber da possibilidade de salvação, a qual, visivelmente, já estava contida e era aparente no início do sonho, precisamente nos personagens vindos de fora. O sonho diz: você anestesia sua esperança!

Ricardo quer morrer.

Asfixiado?

Consideremos os comprimidos do sono e da morte.

Ricardo mostrava-se vítima, com muita frequência, de crises de fadiga, depressão e sonolência, agudas, inesperadas e persistentes, capazes de perturbar consideravelmente sua atividade cotidiana. O paralelo entre este sintoma e os comprimidos do sonho são evidentes.

Bem mais tarde pôde Ricardo perceber seu desejo, se não de suicídio, pelo menos de desistência. Desde muito pequeno Ricardo resistiu demais, primeiro a seu pai, depois a si mesmo; ao mesmo tempo que resistia, ao longo de muitos anos, inclusive à sua esposa, ia Ricardo gestando e cultivando em si imensa vontade de desistência.

Não só um, mas muitos comprimidos de sono e de morte tomou Ricardo em sua vida.

Outro ângulo poderia ser comentado, ao lado de nosso tema primário: a grande janela, através da qual era possível ver o mundo exterior.

Através de vidro.

Ricardo sofria de peculiar falta de contato com as coisas; com frequência eu o percebia olhando para mim sem me ver.

Em momentos numerosos e não muito curtos, sofria Ricardo de falhas nos processos mentais; ao mesmo tempo, em seu rosto surgia expressão particularmente vazia e estúpida. Entre Ricardo e o mundo, com frequência se interpunha vidro, e o mundo esfumava-se e se fazia vitrina sem sentido, mundo de casas inacessíveis, de ruas distantes e gente sem propósito.

Não era muito diferente a filosofia de Ricardo sobre o mundo; “tudo existe, as coisas talvez sirvam, mas não são para mim, eu estou longe, eu estou fora, eu não mereço — sei lá”!

Com o correr do tempo Ricardo começou a... emergir. Pôde reconhecer, dito de outro modo, a profundidade e amplitude de sua tristeza. Dois meses após o sonho, era evidente para ele sua persistente e veemente vontade de chorar; mas Ricardo não conseguia chorar.

O choro aparecia como acentuada conjuntivite — dita alérgica! E muito antes de surgirem as lágrimas, surgiam espirros em sucessão interminável, deixando Ricardo quase esgotado. Não eram muito diferentes, os espirros, daquele ofegar de infância, mostrando-se capazes, tanto os espirros quanto o ofegar, de incomodar assaz aos circunstantes!

Dois meses após o sonho, muito trabalhamos eu e Ricardo no sentido de conseguir lhe fosse dado chorar. Pudesse Ricardo pôr para fora de si toda a água nele contida, e então lhe seria dado... sair do submarino.

Isto é: fosse dado a Ricardo chorar desimpedidamente, e deixaria ele de sufocar-se.

Os exercícios de asfixia voluntária — reiniciados —• continuavam a ser feitos por ele, mesmo a contragosto.

Perguntei-lhe certa vez se percebia semelhança entre a sensação experimentada durante estes exercícios e quaisquer outras já sofridas por ele. No momento, Ricardo não soube responder, mas daí a pouco lhe ocorreu, com força de convicção, o quanto seus espirros e seu lacrimejar, ligados a forte congestão das fossas nasais, *concorriam e contribuía* ambos para *acentuada dificuldade respiratória*, de todo involuntária, claro.

Não só na parte superior das vias respiratórias vivia ele sufocado, pela frequência do espirro e pela obstrução das fossas nasais; vivia ele asfixiado também pela pouca amplitude e pela insuficiente força dos movimentos respiratórios — como transparecia na voz.

Tenho para mim poucas dúvidas estivessem estas duas formas de autoasfixia resumidas, no sonho, sob forma de “vida dentro do submarino chegando ao fim”.

Meses após esta entrevista, tendo o paciente lido o relato supra, acrescentou-lhe outro dado valioso.

Certa ocasião consultou médico famoso, o qual, ante suspeita de disfunção tireóidea solicitou determinação do metabolismo basal.

Por três vezes foi o paciente ao laboratório, por três vezes submeteu-se ao exame, por três vezes o técnico brigou com ele e das três vezes o gráfico respiratório “ficou horrível”. Ora, o paciente é homem cordato, disciplinado e inteligente; fez a prova muito a sério e com plena consciência de estar cumprindo fielmente as exigências feitas pelo técnico. A conclusão é simples e clara: Ricardo não percebe e mal controla sua respiração — que é péssima!

Dois meses após o sonho do submarino, Ricardo relatou este outro:

**Era carnaval. Havia uma moça no hospital e eu havia terminado de operá-la — eu era o médico, definidamente. A fim de garantir o bom sucesso da operação, era imperativo ficasse a moça no mais absoluto repouso. A fim de realizar este propósito, mandei embuti-la na parede. Via-se perfeitamente na parede o sinal de reboque**

**novo. Depois, sem transição clara, a moça já falava comigo, protestando um pouco contra aquele tratamento; sobre o reboque novo da parede, estavam esculpido alguns rostos humanos.**

Na noite deste sonho, conjuntivite e obstrução nasal se faziam sentir de maneira acentuada e persistente.

O dia do sonho fora um domingo, ao longo do qual, durante a maior parte do tempo, Ricardo fizera — em seus termos — um *flashback* de sua vida.

Surpreendera-o o quanto havia suprimido de si mesmo e o quanto se deixara suprimir pelas circunstâncias e personagens de sua vida.

Dentro destes reparos, faz-se claro o significado da moça operada; clã é a soma das inclinações e anseios pessoais bloqueados pelo paciente. Muito claro fosse ele o próprio médico operador, pois de algum modo havia sido ele quem se condenara à operação (sempre mutilante) e em seguida à imobilidade completa (seu comedimento e discricção). Atua como médico por julgar entrever, dentre seus desejos não realizados, alguns tidos por ele mesmo como acentuadamente mórbidos; quem contribui para a mutilação do que se mostra doentio é médico — evidentemente!

O paciente não se dava bem conta de todo orgulho contido nesta função usurpada de médico; implicava ela em julgamento contra si, em apreciação de si à luz de olhos e julgamentos alheios; implicava ela, ainda, em certo halo de heroísmo social, por mutilar Ricardo em si mesmo aquilo que, supunha ele, era doentio e antissocial. Antissocial e doentio havia sido o mais social e “certo” de seus antepassados: o pai.

Com senso de contraste e impiedosa precisão, o sonho diz a verdade: “Era carnaval!”

Todo este jogo de boas intenções e de bons propósitos de um bom rapaz, bem educado, disposto a mutilar-se para todo o sempre a fim de salvar a sociedade de seus maus impulsos “era carnaval”!

O carnaval do sonho aparecia, na vida acordada, sob dupla forma, objetiva e subjetiva. Quando atraído, interessado ou surpreendido pelo que quer que fosse, surgia, no rosto de Ricardo, sorriso ambíguo — “sorriso de sátiro” — misto de desprezo, constrangimento e desejo. Em

sua mente surgia pensamento paralelo ao riso depreciador ou grotesco em relação ao objeto, fato ou pessoa capazes de despertar o riso.

“Que palhaçada!” — essa a frase mais comum de Ricardo ao comentar a insensatez do mundo. Diante do próprio choro emergente, põe-se Ricardo com o mesmo riso: “Sou um-palhaço — choro sem ter por quê.”

E não chora!

Palhaço não chora!

Convidado algumas vezes a concentrar-se sobre as figuras de sua fantasia, Ricardo via então numerosos diabinhos a rir de tudo e de todos.

Nada de surpreendente morassem nele alguns diabinhos salutares, capazes e dispostos a pôr um grão de sal e outro de pimenta sobre as ilusões tácitas do bom rapaz!

Pedimos a Ricardo a fineza de ler estas páginas a fim de aprovar sua publicação e verificar sua autenticidade.

Disse-nos ele, depois, de certa estranheza sua referente às reflexões propostas (nem todas lhe haviam sido comunicadas). Particularmente em relação aos “diabinhos”, acentuou Ricardo seu cunho pouco humorístico; eram crus e pornográficos, sempre dispostos a surgir e comentar ocorrências da forma mais grotesca possível.

Não eram “diabinhos” nem bem-humorados.

Registro a correção, mas assinalo a validade da interpretação básica. No diálogo usual, mesmo sobre delicados temas sexuais ou fortes sentimentos hostis, Ricardo mantém excelente compostura e limpidez verbal — o “rapaz correto”. Podem os demônios não serem engraçados, mas certamente complementam este modo de Ricardo. Trazem para a boca do rapaz correto, todos os termos do moleque desabrido e cru; todos os termos e todo o moleque fortemente suprimido por papai.

Poucos dias após a leitura, Ricardo nos trouxe vários dados a mais, muito claros, colhidos por ele ao longo do último intervalo entre consultas.

— Doutor, meus demônios, quando me dou ao trabalho de procurar vê-los, estão se esfumando; antes eram muito nítidos, tanto na forma

visual quanto nos dizeres. Agora, não. A voz dos diabinhos já me impressiona menos — os pensamentos, sabe? Parecem-me, estes pensamentos, vozerio indistinto de multidão. Quando uma frase me vem à mente, não me choca mais a forma crua; aceito a ideia e esqueço o palavreado. Tenho sentido em minha face algo das faces antes vistas por mim, em fantasia. Ah! Mais uma. Tenho roncado valentemente ao dormir — a ponto de acordar com meu próprio rressonar! O senhor entende isso?

— Não.

Mais ou menos oito meses após este sonho, Ricardo passou, por conta própria, a tomar aulas particulares de empostação da voz, com professora famosa. Ela lhe diz muitas coisas, em parte iguais às ditas por mim. Nos primeiros quinze dias de aula, diárias, Ricardo sonha.

**O sonho refere-se a uma cobra, é muito movimentado e agitado. Ao longo de todo sonho brinco imprudentemente com ela e os outros me previnem do perigo de minhas brincadeiras. Por fim eu a mato e corto em pedaços. Quando menos espero, um dos pedaços, o da cabeça, salta ao meu pescoço e lá se fixa em uma dentada mortal.**

Ao apontar espontaneamente para o lugar onde a cobra havia se fixado, Ricardo põe o dedo ligeiramente à esquerda do pomo de Adão.

O outro sonho foi assim:

**Um homem feio, rude, barbudo e mal cuidado. Dizem “ele está nu.” Procuro ver seu pênis, mas não vejo. A cena é confusa. Logo depois vejo: o pênis, flácido, está pendurado ao pescoço como um berloque de colar.**

Parece evidente refiram-se estes dois sonhos à consciência da garganta. No primeiro caso, inicia-se na garganta um envenenamento mortal.

Muito sumariamente, poderíamos traduzir este trecho do sonho assim: as aulas de empostação vocal estão *matando o velho espírito* de Ricardo, o qual, sabemos, é tanto conteúdo intelectual quanto forma sonora. Dito de outro modo, ao mudar a entonação vocal, muda o significado da frase dita. Mudando a música da voz, Ricardo via mudar seu espírito. O velho sentido das palavras estava ameaçado de morte.

Depois da morte, a vida — assim diz o paradoxo.

O sonho seguinte marca de algum modo um nascimento ou uma promessa de nascimento; no mesmo lugar onde previamente havia se instalado a morte, agora se instala aquele que é um símbolo natural de poder criador.

Eu compreendo bastante bem por que o pênis estava como que preso a um barbante, qual berloque de colar. O paciente estava fazendo *exercícios deliberados* destinados a modificar sua fonação. Ele estava tentando, na linguagem da alegoria, *criar deliberadamente* um novo espírito. Por isso a ligação do pênis com o pescoço não era direta nem orgânica.

Consubstanciando esta interpretação do sonho, havia numerosos fatos sugestivos. Ainda quando não faltassem a Ricardo argumentos nem palavras, seu falar fora sempre desalentado, pouco ou nada convincente, falar de acusado, de réu confesso.

Ricardo movia-se agora cada vez com maior desembaraço e melhor decisão. Aprendia pouco a pouco a se impor e a opor-se quando necessário. Perdera muito do seu modo que era quase sempre este: peço desculpas porque estou vivo, porque estou aqui, porque sou eu.

Continuemos com a etimologia.

Depois de considerarmos a expressão, a impressão e a depressão, parece oportuno considerar mais algumas palavras, antes populares do que eruditas, empregadas em contexto paralelo. São elas: expandir, explodir e desabafar. Faz parte da linguagem cotidiana dizer que *explodimos*, naqueles momentos em que exprimimos com força aquilo que sentimos. Dizemos também de pessoas *expansivas*, e não dizemos, mas poderíamos dizer, de pessoa compressivas (inibidas e inibidoras).

Desabafar, por sua vez, já se fez termo universalmente aceito, tendo passado para a linguagem erudita sob a forma de ab-reação.

**Na página 30 do dicionário encontramos BAF — raiz onomatopaica, em bafo, baforar, bafejar, etc.**

Como vemos, nesse ponto o dicionário não nos ajuda muito. Parece implícito que a ação imitada pela raiz refere-se à respiração. Seria um suspiro com os lábios ligeiramente contraídos. É assim, pelo menos, que fazemos sempre que queremos exprimir alívio, como, por exemplo, ao terminar um serviço. Mais do que o dicionário erudito, nos ajuda

aqui o significado comum da palavra. Desabafar é, por exemplo, abrir uma panela de pressão. Desabafar, portanto, é “soltar pressão”.

Está implícito na linguagem psicológica que este ato não é um simples ruído; supõe-se que ele se acompanhe de palavras, palavras ditas com força. Digamos, numa linguagem divertida, que desabafar é provocar um pequeno ciclone, ou um pequeno tufão, tanto significativo quanto aéreo. Costuma-se dizer que o alívio conseqüente a um desabafo decorre primariamente do *conteúdo* daquilo que foi dito. Tenho para mim, baseado numa observação clínica, por vezes minuciosa, que o desabafo alivia *porque permite à respiração retornar ao seu ritmo desimpedido*, quando antes ela estava bastante *tolhida*. Sabemos todos que, na eminência de um desabafo ou de uma ab-reação, a pessoa se mostra tensa, e se estivéssemos acostumados a observar estas coisas veríamos que a pessoa está com a respiração fortemente contida. O indivíduo, na eminência de ab-reagir, está de regra em apneia quase completa, e assim já está há muitos segundos e, por vezes, há alguns minutos. É clássica a cena do indivíduo que ouve uma série de desaforos e não diz nada, mas contrai-se todo. Depois ele desabafa de volta, “diz tudo o que lhe vem à mente”. Eu me pergunto, muitas vezes, se o importante é dizer ou se o importante é gritar, respirar com força. Clinicamente, muitas vezes passei pela situação de ver o cliente na eminência de um desabafo. Por vezes, aconteceu que um simples grito ou vários gritos intensos — ruídos completamente sem sentido — aliviavam consideravelmente a tensão pré-existente. Depois de algumas experiências assim, *aquilo que a pessoa diz* no momento de desabafar me parece cada vez menos importante.

### **Explodir provém de PLAUD, bater com as mãos ou com as asas.**

Novamente um ruído intenso que, num caso de explosão psicológica, evidentemente não é feito nem com as mãos nem com as asas — mas com a boca mais a expiração. É feito em voz alta, com voz alta, pela voz alta.

Consideremos, enfim, expandir. O dicionário, na página 234, assinala duas raízes possíveis; como veremos, o sentido de uma se completa pelo da outra.

A primeira é PAND, curvo. Do latim pandus, a, um. Em pando, igual a enfunado, inflado, como por exemplo, velas pandas. A seguir, de novo



PAND, estender. Do verbo latino pando, ere. Em expandir, expansão, expansivo.

Expansiva, pois, é uma pessoa que se infla facilmente. Eu pergunto: o que, no corpo, pode inflar-se? A resposta é unívoca: o pulmão ou o tórax. Só esta parte do corpo é capaz de realizar esta ação: o pulmão ou o tórax. De um modo imperfeito, os braços também podem expandir-se (abrir-se), em parte as pernas (idem), talvez a cabeça (dorsiflexão).

Mas, se cuidarmos dos termos, só o movimento respiratório é expansivo em sentido próprio. Portanto, pessoa expansiva é aquela que respira bem.

Estas as correlações mais diretas entre termos psicologicamente significativos e palavras usualmente empregadas quando se descreve a respiração. Mas além das correlações etimológicas diretas, encontrei várias outras indiretas.

**Certamente derivando da famosa raiz SP, existe a raiz SPOND, que promete, donde propósito, donde vontade. Exemplos: responder, esponsais, responsável, espontâneo.**

Não vou examinar toda essa série de termos, significativos dentro de qualquer contexto psicológico. Vou apenas assinalar, além da evidente relação de origem entre as duas raízes, sua relação de significado.

Entre esperar e prometer, a relação é imediata; podemos dizer que jamais esperamos aquilo que não foi prometido, linguagem abundantemente usada pela Escritura Sagrada e confirmada pelo linguajar cotidiano. Não digo que a relação seja universalmente válida, mas ela é bastante frequente.

Mais do que isso: tenho para mim que se o homem não tivesse, no mais fundo de si mesmo, a convicção de que existe uma promessa para ele, não esperaria. Para aqueles que não gostam de uma linguagem finalista, posso formular o argumento ao contrário, dizendo: o homem que espera encontrar sempre, porque esperar não é apenas aguardar que aconteça, é intimar que aconteça. E todo desejo humano, suficientemente tenaz e profundo, termina por se realizar, atuando sobre o entorno, atuando sobre o próprio sujeito, impondo-se. Por isso eu acho que SPOND está ligado a SP.

**Na página 250 encontramos a raiz PHREM — espírito. Do grego, frené. Exemplos: frenesi, esquizofrênico e frênico, isto é, o músculo diafragma.**

Que este músculo tão peculiar do corpo humano fosse chamado diafragma, compreende-se sem mais, desde que ele divide a grande cavidade do tronco em duas subcavidades, a torácica e a abdominal. O nome, nesse caso, estaria descrevendo uma das funções do órgão. Mas que a este músculo se lhe tenha dado o nome de frênico, já não compreendo mais.

Por que ligaram o músculo ao espírito tão diretamente que uma só palavra designa a ambos? Mistérios, certamente!

**Muito curiosa a versão latina deste fonema: FREN, em latim significa freio, como se vê em infrene, soffrear, freio e frear.**

Será o espírito que “freia” os instintos — como querem todos, ou será a respiração? Será bom se o leitor recordar bem este comentário quando examinarmos a raiz TEN.

**Na página 259 do dicionário encontramos PNE, que respira, donde que sopra, donde vento. Daí vem dispneia, pneumonia, pneumático e possivelmente pulmão.**

Para nós, pneumático lembra imediatamente automóvel. Mas para os gregos havia o homem pneumático, oposto ao homem sárquico. Este era o homem da carne, aquele o do espírito. Como se vê, os gregos estavam filosoficamente bem orientados, mas não sabiam Fisiologia. Também o homem da carne vive do espírito, isto é, respira.

**Outra correlação que me encantou foi a que se refere à raiz PHYS. O dicionário aponta duas raízes homógrafas; na primeira, à página 251, se diz: PHYS, relativo à natureza. Do grego, phus-in, natureza, e este de phu-ein, produzir. Exemplos: física, fisionomia, fisiologia, metafísica, neófito. Até aí não se**

vê a respiração. Mas a seguir está PHYS, vento, ar. Também usado na acepção de fole ou bexiga.

Em Medicina emprega-se o termo “enfisema” para caracterizar o estado do pulmão quando ele se vê transformado patologicamente numa série de vesículas. Achei notavelmente sugestivo que duas raízes homógrafas tivessem acepção tão lata e tão afim. Torna-se difícil,

diante de ambas, distinguir aquilo que é relativo à natureza, relativo à produção viva e relativo ao vento. Não digo que essa correlação seja clara; ela me parece apenas bastante sugestiva.

### **A MENINA, A ASMA E A Balsa**

Sonhei que formandos da minha turma de escola precisavam de uma balsa a fim de transporem um braço de mar.

Peço emprestada uma balsa (!).

Vou experimentá-la e me aproximo de sua borda, na qual existe uma grade de ferro. Ao agarrar-me a ela, percebo que ela balança. Estou de pijama e ao afastar-me da grade percebo que me sujei de graxa.

A sonhadora tem 17 anos.

Quando silenciosa, chama a atenção nela, antes de mais nada, o olhar. A moça é morena, seus olhos são extremamente expressivos. Olhos aveludados, escuros, profundos. Todo seu rostinho, antes miúdo, é notavelmente belo. Sob a forma delicada, existe uma expressão de intensidade contida, muito atraente.

De outra parte, suas maneiras são todas as de uma senhora digna e respeitável.

O grupo, do qual ela faz parte, concorda amplamente com esta descrição sumária.

Já quando a moça abre a boca e começa a falar, a impressão muda radicalmente.

Sua voz, tendendo para estridente, é tensa; a moça marca firmemente a acentuação das palavras, fala em frases geralmente curtas, nove vezes em dez afirmando um lugar-comum.

É enfática, incisiva, intolerante e sentenciosa. Quando seus lugares-comuns despertam discussão no grupo, a moça vai-se fazendo veemente, fala alto, marca a acentuação das palavras cada vez mais, acentua esta marcação com os gestos; inflama-se toda na defesa dos seus “princípios” e visivelmente não quer, não gosta e se defende quando a contestam. Mais do que isso, vê-se claramente que lhe é quase intolerável ouvir pareceres divergentes dos seus.

Alguns exemplos de suas teses básicas poderão esclarecer um pouco mais esta descrição.

“Só admito casamento de uma mulher com um homem de caráter, absolutamente seguro de si, perfeitamente capaz de sustentar e amparar esposa e filhos.”

“É claro e evidente que os homens têm que ter ampla experiência sexual antes do casamento. As mulheres, jamais.”

“As mães têm que se sacrificar incondicionalmente pelos filhos — é lógico!”

E assim muitas outras.

O grupo visivelmente intimida-se com a aparente segurança da moça; mas como dentre seus participantes alguns existem, animosos, muitas vezes a discussão estala e o grupo vira um pandemônio. A moça, incapaz de esclarecer mais as suas afirmações ou fundamentá-las melhor, limita-se a repetir incansavelmente, cada vez mais alto, os pequenos e grandes versículos do seu “livro do coro”.

Ao ouvir da moça o seu sonho eu o entendi instantaneamente. A moça é levada por algo extremamente pesado — uma balsa.

O peso das opiniões coletivas...

Apoiada por essa massa colossal, a moça sente-se reassegurada contra as incertezas do viver, representadas, no sonho, pelas águas, as ondas, a flutuação.

Como é por demais evidente *no seu comportamento em grupo*, fala pela boca da moça a voz do coro — literalmente. A respiração da moça, sua inspiração, seus anseios, não são seus.

A moça é asmática.

A voz do coro, ao mesmo tempo em que usa de sua respiração e sua voz para exprimir-se, não tem a mínima consideração pela moça, e tende, ante a menor veleidade, a sufocá-la impiedosamente.

A moça está literalmente possuída pelo espírito de todos — o maior de todos os demônios dentre aqueles capazes de possuir o ser humano.

Além do mais, a moça é líder na sua classe e presidente da comissão organizadora das atividades e festejos da formatura! É claro que o porta-voz da opinião pública é, ao mesmo tempo, o líder natural do povo!

Bem podemos imaginar sejam as flutuações da água, no sonho, (inteiramente insensíveis para quem está na balsa) representação de movimentos respiratórios contidos no corpo da sonhadora.

Sejamos mais explícitos: a respiração, de muitos modos ondula, em sua sucessão rítmica de expansão e deflação. O indivíduo vítima de um acesso asmático sente as paredes de seu tórax acentuadamente enrijecidas, pelo esforço em ampla medida involuntário, da luta contra o espasmo da musculatura bronquial. O tórax rígido é a balsa, dentro da qual as ondulações do mar são quase imperceptíveis. Ao acordar dele a moça estava com o acesso em pleno decurso. O sonho todo é representação de um acesso asmático.

Quando “pedimos emprestado” à voz popular sua sabedoria milenar, o ato é simples e fácil: basta repetir as palavras de todos (pedir a balsa emprestada). Sempre quando falamos as palavras de todos, sentimos que estamos falando coisas sérias, de peso (ou ponderáveis), coisas graves (isto é, pesadas). Ficamos solenes e lentos como uma balsa.

“Peço emprestada uma balsa.” Ao ouvir esta frase, achei muita graça. Parece evidente, para mim, a imensa puerilidade nela contida. A sonhadora fala de uma balsa, esse monstro de ferro, pesado, de movimentos lentos, feita para carregar coisas já em si bastante pesadas; a moça fala em pedir emprestada uma coisa destas como quem pede emprestado um lápis, uma borracha ou uma folha de papel. Ainda bem que a seguir a moça não se pôs no timão da mesma balsa. Ainda bem! O sonho, sob certos aspectos bastante mentiroso, é honesto, pelo menos neste ponto: a moça reconhece que a balsa emprestada a leva.

Uma das mentiras sérias do sonho é, justamente, a frase pueril relativa ao pedir emprestada a balsa. A moça jamais seria capaz de reconhecer, em público, que ela estava sendo levada pela opinião de outros. A moça tinha para si mesma, com mais absoluta certeza, que as frases comuns, repetidas a todo instante, eram a mais pura expressão do seu mais autêntico pensamento. Neste sentido o sonho é mentiroso, mas, no mesmo ato, ele se faz indescritivelmente pueril. Deste modo se torna manifesta a mentira da situação sem que a sonhadora o perceba. O sonho mais uma vez retorna à verdade: ao aproximar-se da borda e ao pôr à prova o cordão de segurança que circunda a balsa, a sonhadora constata que este cordão de segurança... não é seguro. Vai neste detalhe

revelador a incerteza da moça em relação à segurança a ela emprestada pelos grandes princípios coletivos. A terceira demonstração da mentira vai no traje da sonhadora. Um pijama. Não sei entender com clareza este detalhe, mas parece fora de dúvida que o traje é muito inadequado para a situação.

Como pode uma pessoa tão jovem deixar-se possuir até este ponto pelo espírito de todos?

A asma da jovem vem de mui tenra idade (4 anos).

A moça está identificada com sua mãe. Esta é uma mulher madura, notavelmente enérgica, trabalhadora, capaz e eficiente. Tendo-se separado, há vários anos já, de seu marido, sustentou sozinha a casa com vários filhos, e presta a todos e a cada um deles ampla assistência pessoal. É uma mulher de muitos modos notável, embora nela também se veja, com extrema clareza, a compulsividade e a extraordinária veemência no falar. Também a mãe é de grandes afirmações enfáticas e incisivas.

Se aprofundarmos um pouco mais, veremos, na separação dos pais, causa adicional para este modo de ser da moça.

O distanciamento entre seus pais criou, principalmente para a mãe, uma situação delicada. Uma mulher separada é certamente vigiada com cuidado excepcional pelos parentes, vizinhos e conhecidos. Todos sabem que uma mulher separada mais facilmente cederá a tentações do que uma mulher casada. Qualquer ato menos regular, praticado por uma mulher separada, certamente será notado de imediato, e de imediato comentado por muitas pessoas. Dir-se-ia que a sociedade, ao ver que alguém quase foge de seu controle, redobra este controle. Deste modo se compreenderia, com certa facilidade, a rigidez de princípios da mãe, imediatamente comunicada, esta rigidez, à filha jovem. A mãe é certamente pessoa dada a grandes sermões enfáticos, muito semelhantes àqueles que a filha faz para o grupo todo!

~ Enfim, se quisermos alcançar aquele que parece ser, a meus olhos, o plano mais profundo, esbarramos com algo essencial e não circunstancial. Para mim, basta ver os olhos da moça para depreender de sua notável sensibilidade. Personagem assim, em nosso mundo de trogloditas, certamente expor-se-ia a lacerações quiçá irremediáveis se saísse pelo mundo exibindo, experimentando e usando esta

sensibilidade. É preciso, sem dúvida, sobre esta camada sensível, construir uma casca o mais rígida possível. Casca de ferro — uma balsa...

É preciso conter com força todos os anseios — sufocar todos os desejos.

É preciso ser asmático!

Abaixo as ondas!

Viva a balsa — salvação de todos nós.

Continuemos com o dicionário.

**Na página 322 encontramos “SO — PR; a propósito de soprar e seus cognatos, vide SU-3”. Na página 331, fomos procurar SU—/, voz onomatopaica em sussurro, insuflar. Variante: SÓ, em soprar em seus derivados. O dicionarista fica por aí.**

**Mas por curiosidade e por acaso, fui ler as demais raízes SU e com surpresa encontrei: SU — de si, relativo a si próprio. É a origem do pronome SE e suas variações, si, sigo; raiz também do adjetivo possessivo SEU.**

Novamente nos defrontamos aqui com uma correlação que me parece enormemente sugestiva, ainda que obscura. De que forma uma raiz onomatopaica nascida do vento passou a designar os pronomes mais importantes do mundo, assim como os adjetivos mais fundamentais para a natureza humana, eu não sei compreender, mas o fato me parece sobremodo importante.

Deixem-me repetir e ampliar: SU, relativo a si mesmo, é uma *raiz universal* (sânscrito SVA), homógrafa e homófona à onomatopeia que engendrou insuflar e sopro. Bem ponderadas as coisas, a relação perde muito de sua estranheza. Se viver é respirar, e se o respirar começa com o nascimento, então “eu” e respiração começam juntos. Antes de nascer “eu” sou ela — a mãe. Depois de nascer, “Deus” insufla ar em mim e eu... começo. A primeira coisa que fazemos, “relativa a nós mesmos”, é um sopro.

Talvez se possa dizer ainda que a respiração é um ato reflexivo. Eu respiro para mim. Eu ponho o ar para dentro. É algo que vem de fora em direção ao meu interior. Talvez eu possa dizer depois que o ar é

meu. Torno próprio o que era de todos — o ar atmosférico. Meu ato respiratório *individualiza* algo extremamente genérico: o ar.

De uma paciente em surto definitivamente esquizofrênico, com tendência a interpretação delirante, ouvi dois relatos espantosos. Em certa ocasião disse-me ela: “menina ainda, durante meses respirei pouco e vivi muito assustada com a ideia de que, se todos respirassem muito, acabar-se-ia o ar do mundo e todos morreriam”.

Em outra ocasião: “já maiorzinha, eu treinava tenazmente respirar pouco, antevendo a possibilidade de ser posta numa câmara de gás”.

É claro nestes reparos a noção de que o ar é uma propriedade comum, da qual nos beneficiamos todos. O segundo relato da paciente já implica num início de elaboração delirante, como é fácil de ver.

Os psicanalistas, mestres em comparações engenhosas, descreveram muitas maneiras de confusão entre o eu e o não-eu. Incorporação, introjeção, identificação e outras.

Mas a Freud escapou esta maneira singular de apropriação, presente na respiração. Qual o paralelo mental deste processo fisiológico? Ao mesmo tempo, como podemos compreender o medo de respirar desta paciente? Como *angústia persecutória* por excelência, a primeira e a mais irremediável, fundamento de todas as demais, angústia de ser *eu* e de ter algo *meu*. Pondo este temor em palavras — e lembrando que as palavras jamais retratarão satisfatoriamente tal nível de experiência interior — diríamos: *todo* mundo é meu inimigo *íntimo*; somos todos parte de um grande todo — a atmosfera: ou vivemos todos do mesmo espírito — o ar.

Convém dizer que essa paciente não é a mesma cujo caso se relata adiante, no fim deste capítulo.

— Na escola aprendemos que Deus está em toda parte. Deve ser como o ar que a gente respira — conjecturou Túlio. Tu vês, a gente pode estar na rua, no quintal, em casa, sempre tem ar para respirar. Se não tivesse a gente morria.

— E se não tivesse Deus?

— A gente morria também.

Fiquei pensativa. Túlio insistiu.

— Ninguém pode passar um minuto sem respirar. Experimenta.



Eu tapava o nariz e prendia o ar nos pulmões. Mas não tinha a noção de um minuto: para mim era a fração indivisível do tempo.

— Olha, fiquei um minuto — e o coração batia acelerado.

— Não. Não ficaste nada. Só apertaste o nariz e a boca, mas respiraste pelas orelhas.

Eu experimentava outra vez. Mas o minuto era invencível.

— E se a gente ficasse em minuto sem Deus?

— O mundo acabava.<sup>18</sup>

Já de todo fascinado e muito contente com meus achados etimológicos, a favor das ideias que estavam em minha mente, certamente me excedi na busca. O leitor terá a paciência de acompanhar-me.

Pus-me a pensar um dia que o termo *tensão* deveria ter algo a ver com respiração. Ainda quando nos seja dado experimentar tensão muscular em qualquer parte do corpo, parece-me evidente que a expansão torácica, na inspiração forçada, é a mais evidente de todas as tensões. O arcabouço osteoarticular do tórax comporta-se exatamente como o conjunto de varetas de um guarda-chuva. Acontece que o “pano” desse guarda-chuva são músculos tensos. No tórax, devido a esta particular anatomia, a tensão se faz particularmente sensível. Inclusive indivíduos pouco dados ou inaptos em captar tensões musculares, não conseguem deixar de perceber esta, quando a apontamos.

Atente bem o leitor para estas coisas. A comparação com o guarda-chuva, não obstante sua clareza, é extremamente enganadora quando consideramos as sensações internas e os processos dinâmicos correspondentes. No guarda-chuva, é o movimento do cubo dos raios ao longo do cabo que põe em tensão os raios flexíveis e estes distendem o pano. O pano, pois, é inteiramente passivo. Na respiração é precisamente o “pano” (músculos respiratórios), que armam as “varetas” (costelas) em torno do cabo (coluna), ampliando assim o arcabouço osteoarticular do tórax; o que sentimos, pois, na inspiração forçada, é primariamente a tensão *ativa* dos músculos respiratórios; em segundo lugar a posição forçada mas passiva do arcabouço.

A análise destes pormenores tem por função orientar o leitor no mundo das sensações internas, que são o fundamento primário de quase tudo o que está sendo afirmado.

Procurei então no dicionário a raiz da palavra tensão. Em vez de uma, encontrei duas. Duas raízes tão importantes que não vou comentá-las por extenso. Escolhi apenas alguns termos mais pertinentes.

**Na página 339, encontrei TEN, “que segura”, donde, “que possui”. Do verbo latino, tenso, ere.**

Lembra-se o leitor de infrene? Dentre os exemplos dados pelo dicionarista, encontramos tenor (tenor significa que dura ou continua — diz-se da voz). Mais adiante encontro contínuo e depois sustentar, conter, suster, deter. Se nos... detivermos um instante sobre estes termos, é fácil intuir sua correlação respiratória. Digamos, de momento, que suster ou deter a respiração é segurar a respiração, donde possuir o ar. Da mesma raiz se deriva *contente*. Sabemos bem até que ponto o indivíduo contente pode ser qualificado de expansivo, isto é, de peito inflado, de respiração fácil.

O indivíduo que está detendo alguma coisa — ou contendo-se — como acontece quando assistimos ou lemos uma estória de *suspense*, é um indivíduo que mal respira.

Quando temos de despender um esforço máximo, com plena presença, é fatal a detenção respiratória. Outrossim sabemos — lembremos de novo os filmes de *suspense* — que uma vez cessada a tensão, a primeira coisa que fazemos é respirar ou suspirar profundamente. Não digo que a respiração detenha todas as coisas. Digo apenas que em todas as ações e momentos importantes, a respiração se detém — parada e tensa.

*Aquilo que subjetiva ou somaticamente, nós mais esperamos, quando a ação importante está em curso, é que ela termine a fim de podermos respirar de novo.* Lembremos o caso da acusada.

A segunda raiz é TENO, que se estende ou se projeta. Uma das palavras derivadas é tenda.

Não é preciso quase imaginação alguma para comparar o tórax, a caixa torácica e o seu jogo músculo-articular, com uma tenda que se arma e desarma.

Também como palavras derivadas encontramos: entender, atenção, detento, intenção, tentar, atentar, intentar. Em todas estas palavras está implícito o significado básico “em tensão”. Repitamos: nenhuma

tensão estável no corpo nos incomoda, a menos que ela se refira à respiração. O indivíduo tenso em alguma região do corpo ligada à respiração, no mesmo ato que está tenso — atento — está respirando menos ou respirando mal. Outrossim, dissemos há pouco que em toda atitude de *intenção*, de atenção e outras semelhantes, o sinal fisiológico mais característico é a parada da respiração em posição de inspiração. Ainda dentro deste grupo encontramos ostentar; o peito inflado é típico da atitude de ostentação, semelhante à do orgulho. A “tenda torácica” alcança, na ostentação, sua extensão máxima, semelhante à cauda de pavão aberta...

Que o leitor inclua estas duas raízes num contexto só. Aliás, mediante análise de atitudes, podemos mostrar que *cada uma destas duas raízes qualifica um de dois significados complementares inerentes a toda atitude de tensão*.

Um arqueiro é um belo e simples modelo de tensão, tanto na atitude quanto no instrumento. Um instante antes de disparar o arco ele está se “contendo” (sustendo ou detendo a tensão do arco e a própria, uma em função da outra); ao mesmo tempo ele está atento e intencionado. Reparará o leitor que neste exame de alternativas (que não são alternativas) usamos, na primeira, palavras derivadas da primeira raiz TEN, e, na segunda, termos provenientes da segunda raiz TEN. Qual das duas descrições é “certa”? Não se trata de uma só ação apreciada de dois modos diferentes?

Esta é uma propriedade comum a todas as atitudes tensas. **Todas** das **implicam em conter a si, às próprias forças, e ao mesmo tempo esse conter-se é preparar-se (pre-tend-er — preparar)**.

À luz deste exame, a respiração, ainda que integrada à atitude global, mostra-se, contudo, o fator mais crítico na permanência da mesma. Daí as interpretações sugeridas.

Isolar a respiração da atitude global, como ensaiamos fazer, é um artifício. É preciso incluir o tórax e suas tensões no quadro mais amplo que é a atitude corporal. Dentro desta ampliação, sustentamos nossa análise e reafirmamos: as raízes de “tensão” têm, na certa, relação importante com a respiração.

**Na página 247, encontramos PET — voar, donde dirigir-se rapidamente. Desta raiz surgem competir, repetir, pedir, apetite,**

## **ímpeto, perpétuo, petulante, propício.**

Como se vê, nova série de termos psicologicamente muito significativos, particularmente competir, pedir e apetite. Os três se derivam de PET — voar. O dicionarista não assinala o fato, mas a mim pareceu plausível fosse PET uma raiz derivada ou homóloga do grego PTER — asa, a qual teria passado para o latim sob a forma PECT — peito.

Melhor se fundamenta esta hipótese se considerarmos a palavra “perpétuo” — também derivada de PET. Como pode a raiz que designa voo ou “dirigir-se rapidamente” — ações inerentemente limitadas — figurar neste sinônimo de eternidade? Já a respiração dura tanto quanto a vida; é um “bater de asas” e um “dirigir-se” permanente. Se PET estiver próximo de PECT — peito — então todos os termos derivados se fazem relativamente claros; é noção popular antiga e persistente aquela que supõe residam os sentimentos humanos no *peito*. Competir significaria então luta firme e decidida; alternativamente, comparação entre a força dos sentimentos que movem um e outro dos contendores. Repetir passa etimologicamente a significar: apelar insistentemente para os sentimentos de outro (re-pecto) ou mostrar reiteradamente os próprios sentimentos.

Propício estaria muito próximo de pedir (pro-pecto). Apetite e ímpeto seriam quase sinônimos; sentimento forte. Mas deixem-me insistir. O que sei de etimologia vai pouco além do dicionário citado.

Outrossim há outras aproximações entre asa e peito, ou respiração.

**Consideremos AL, sovaco, axila (do grego mal-e). Desta raiz provém ala (asa) alar (adjetivo: com forma de asa), depois alacre, originalmente ágil, veloz, depois vivo, esperto, e, por fim, jovial.**

Já dissemos algo sobre o riso e a respiração, ao considerar o termo “espirituoso”.

**PLAUD, bater com as mãos ou com as asas. De plaudō, ere.**

Em derivação integral temos aplaudir, depois, por modificações sucessivas, aplauso, plausível, explodir e explosão.

Dos termos citados só me importa explodir — que já vimos. Temos, em explosão, um “bater de asas”, comparação certamente muito forçada — mas feita pelo próprio dicionarista.

*Todas as correlações entre asa, voo e respiração ganharão em plausibilidade se compararmos os movimentos de voo aos movimentos respiratórios, ambos ligados ao tórax, ambos rítmicos e simétricos, de expansão e compressão alternante.*

### **DE COMO UM LOUVA-A-DEUS QUASE ESTRANGULADO SE TRANSFORMOU EM PEQUENO POLEGAR**

Em reunião de grupo psicoterápico, jovem mulher relata certo sonho, o qual, eliminados alguns pormenores inexplicáveis e aparentemente sem relação com nosso tema, rezaria aproximadamente assim.

**Encontrava-me numa rua perto de minha casa; esvoaçando no meio da rua, mas quase sem sair do lugar, havia um bichinho todo verde, mais ou menos grande, com o pescoço comprido e uma cabeça redondinha. Logo abaixo da cabeça havia um barbante amarrado, um barbante desse que se usa em padaria, em forma de fita. Eu me sentia muito aflita pelo bichinho e desejosa de socorrê-lo. Depois, sem transição nítida, via-me entrando no que parecia ser uma grande biblioteca. Nela, sentada no chão, havia uma menina lidando com livros, tentando pô-los embaixo de uma mesinha. Fui ter a seu lado e então, enquanto ajoelhada sob a mesinha, vi diante de mim aquilo que eu sabia ser o bichinho mas, agora, ele mostrava carinha de criança com cabelos compridos e alguma sujeira no rosto, Ele falou comigo uma porção de coisas e eu respondi para ele uma porção de coisas, mas não sei o que nós dissemos; logo ao acordar, quis lembrar o diálogo mas não consegui.**

Peço à moça desenhe no quadro-negro o bichinho com a qual havia sonhado; em poucos traços, firmes e bem definidos, ela reproduz a figura do sonho. Tratava-se, com grande probabilidade, de um louva-a-deus.

Ao descrever, no grupo, a cena do bichinho amarrado pelo barbante, a paciente quase reexperimentava a ansiedade sofrida durante o sonho.

O grupo reunia-se pela quinta vez.

A moça do sonho parecera-me, desde a primeira reunião, espírito talvez mais simples que as demais; receara eu, dado seu apego familiar acentuado, sua evidente aparência muito bem educada (de acordo com

os padrões comuns), dadas as suas reiteradas afirmações relativas ao muito que pretendia aprender em psicoterapia a fim de aperfeiçoar-se (*sic*); por esses e outros fatos, a moça me parecera mau risco e temera eu se fizesse ela entrave ao progresso do grupo. Mas já após duas ou três reuniões, havia-me impressionado de outro modo, e bem melhor, o aspecto sério da moça, seu evidente interesse por tudo quanto ia acontecendo, sua disposição, ao mesmo tempo flexível e tenaz, de cooperar, e o bom acompanhamento do qual ela se mostrava capaz, em relação ao diálogo e às explicações feitas em grupo.

O grupo, aliás, mostrou-se excepcionalmente feliz desde a primeira reunião. Éramos eu e mais quatro moças entre 20 e 30 anos de idade, as quatro visivelmente interessadas em fazer alguma coisa consigo mesmas. Desde a primeira reunião, o diálogo havia sido vivo, fácil, interessante e produtivo. Desde a primeira reunião, assuntos delicados e explicações algo inesperadas para leigos, já haviam sido esboçados ou propostos.

A jovem do sonho acompanhara os fatos, como disse, com muita atenção e uma compreensão da qual, inicialmente, eu não a julgara capaz; mas parecia-me evidente houvesse ela mais sentido do que compreendido. Sentido, antes de mais nada, minha liberdade de expressão, assim como a liberdade de expressão onírica das outras jovens do grupo.

Para surpresa sua, na terceira reunião já trazia sonhos quando, antes, raramente lembrava-se de algum.

Neste seu sonho (acima relatado) está claramente descrito acentuado entrave respiratório situado na altura da garganta (o barbante amarrando o louva-a-deus), entrave notavelmente aflitivo para a sonhadora; entrave mais tarde vencido, no próprio sonho, ao ocorrer o diálogo entre ela e o Pequeno Polegar.

Mas — parece-me evidente — a paciente ainda não estava pronta para ouvir e dizer seus próprios pensamentos na vida acordada. Foi-lhe dado desimpedir a própria garganta e foi-lhe dado falar genuinamente consigo mesma no sonho; mas ao acordar, o diálogo havia-se evolado.

Note-se o paralelo entre a figuração deste sonho e conhecida expressão popular: “falar com o dedo mindinho”. Pode dar-se, inclusive, seja a estória do Pequeno Polegar variante desta analogia. Lembremos bem o

quanto o Pequeno Polegar era astuto, sábio e tagarela. O quanto, dito de outro modo, pequena vozinha mostrava-se regente da orquestra...

Aliás, a personagem em questão era de vários modos ingênuo. É bem possível ocorresse nela, com excepcional pureza, processo semelhante àquele capaz de gerar estórias de crianças e expressões populares.

Mas o sonho diz mais. Havia menina em biblioteca. Aí estava, com toda certeza, a sabedoria dos séculos e dos antepassados, resumida e concentrada em um só aposento.

A paciente havia sido muito clara quanto a seus propósitos dentro da psicoterapia: queria aprender a distinguir o bem do mal a fim de realizar um e evitar o outro! Já a menina do sonho pensava de modo diferente pois, segundo descrição complementar, ela parecia estar pondo livros embaixo da mesa — não na estante. Dir-se-ia quiçá estivesse a menina guardando ou escondendo os livros, suprimindo assim a sabedoria tradicional a fim de que o novo espírito pudesse emergir e falar na mente da sonhadora.

Ainda um detalhe deve constar: a figurinha final — embora apresentando aparência humana — era não só do tamanho do grande inseto, como também pairava no ar. Quando lembramos a identidade entre espírito e vento, nada vemos de surpreendente nesta imagem; temos nela, muito claramente, *a própria figura da voz*. A voz nasce da laringe, pequeno órgão humano composto de cartilagens semirrígidas e um número considerável de pequenos músculos, ligados, de muitas maneiras diferentes, a estas cartilagens; à laringe se segue a traqueia. Ante apreciação ingênuo, facilmente poderíamos comparar este conjunto a um inseto.

Para quem conheça a anatomia e a *sensação* da laringe e traqueia, a comparação desta parte de nosso corpo com um inseto surgirá como de todo cabível. As cartilagens dessa região comportam-se — analogicamente — como as placas quitinosas dos insetos.

Qual o vento capaz de fazer voar este “inseto”? O vento respiratório. A força capaz de animar a palavra é a mesma capaz de fazer vibrar a laringe.

É muito possível estivesse a paciente, no sonho, ouvindo a própria laringe e complementando, mais ou menos intencionalmente, sua

função, acrescentando, à vibração (inseto!) produzida na laringe pelo ar respiratório, a articulação da palavra feita na boca (ou na mente).

Esclareço. Queixava-se a paciente de considerável incapacidade de falar; suponho ocorresse no sonho, primeiro, exaltação da consciência de inibição laríngea (barbante) logo seguida de afrouxamento; este afrouxamento favoreceu o longo diálogo significativo com o Pequeno Polegar. Dormindo, pôde a paciente falar — simplesmente (narcoanálise espontânea!).

Disse há pouco havia a paciente se impressionado — suponho — com *minha* liberdade de expressão verbal; julguei importante este fato em relação ao sonho. Vendo-me falar à vontade, seguindo inspiração do momento, traçando analogias improvisadas, teria a sonhadora aprendido a primeira regra da sabedoria: fale as coisas como elas vêm à mente, não se preocupe inicialmente com a gramática, tampouco com a lógica. Fale livremente.

Não duvido muito fosse este o estímulo mais evidente para o sonho; este pressuposto ganha evidência se considerarmos a dificuldade de verbalização da paciente, dificuldade proveniente do receio, não da ignorância; do medo de errar ou parecer inadequada, não da incultura.

Alguns sábios estultos dirão na certa que este sonho está cheio de alusões sexuais perversas.

A libélula seria o pênis, pois “paira no ar” (ereção), tem “cabelos compridos” e é “sujo” (na segunda cena do sonho).

Quem pensa assim que explique assim.

### **O AMANTE INVISÍVEL**

No mesmo dia, no mesmo grupo, outra jovem mulher sonha assim:

**Sonhei que eu ia para um hotel de estação de veraneio acompanhada de um homem. Chegamos ao hotel, arrumamos nossas coisas no quarto; falávamos continuamente; inclusive, chegamos a despertar suspeitas da dona do hotel.** Mas em nenhum momento do sonho eu vi o homem que me acompanhava (**grifo meu**).

A paciente, neste dia, manifestava algo bastante significativo para mim — e algo facilmente perceptível: sua voz subia e descia, vibrava, soava mais clara num ponto, ou mais aguda, mais grave em outro. Previamente sua voz era afanosamente emitida: não só havia



modulação limitada como preponderava laconismo quase monossilábico.

Quando eu a conhecera, alguns meses antes, além da perturbação de verbalização, havia suspiros frequentes e contínua opressão torácica. Na entrevista durante a qual o sonho foi relatado, mostrava-se a paciente bastante espontânea, ao mesmo tempo séria e tranquila.

Quatro dias antes da reunião do grupo, havíamos tido entrevista particular, durante a qual nos esforçáramos a fim de bem definir nossos sentimentos recíprocos.

Ela começara dizendo de seu desagrado pela minha atitude habitual de “gozação” em relação a seus relatos e sua presença.

Eu a tratava com certa benevolência paternal, e com alguma superioridade divertida.

Reconhecido tal estado de coisas e dada sua esperança —• explícita — de se fazer respeitar por mim, eu lhe propus conquistasse ela tal respeito, crescendo. Em algum lugar de si mesma, meu desafio ecoou — eu sei.

Tal diálogo, direto, sincero e aberto, não estava, certamente, nos hábitos da paciente; tal diálogo se fez, para ela, modelo de um novo tipo de relacionamento, comigo primeiro, consigo mesma depois.

Ela encontrou e começou a elaborar um novo tipo de diálogo com seu próprio espírito. Dito de outro modo: a pessoa, durante o sonho, estava “falando consigo mesma” e aprendendo nova linguagem, isto é, compreendendo — e amando — sua “voz íntima”. Por isso não via seu amante.

Nada obstante, mostrava-se ela, ao mesmo tempo, receosa do espírito tradicional, representado pela dona do hotel. Bem sabemos, ainda quando esta afirmação pareça bastante engraçada, o quanto os donos de hotéis são guardiões da decência e da moralidade pública! A dona do hotel é a voz de todos.

Não nego a provável relação desta voz com minha influência sobre ela. Mas se nos ativermos aos fenômenos respiratórios e vocais, o sonho se torna imediatamente compreensível, sem que se faça necessário praticar violências contra os fatos da vida e do sonho, para explicações

tão deselegantes quanto inoperantes — como é regra na interpretação dita freudiana dos sonhos.

Se considerarmos que respirar é agitar o vento, encontramos nova semelhança entre respirar e voar. Se é verdade que não vivemos *no* ar (voando), é verdade que vivemos *do* ar e, ainda, se não vamos através do vento (como a ave), fazemos o vento vir até nós.

Já ouvi um número considerável de sonhos e vi um grande número de desenhos onde aves, voos, anjos, asas e aviões representavam a respiração.

“Voo do espírito” é comparação tradicional. Conhecemos a águia como figuração do Espírito Forte dos romanos, americanos, alemães e outros.

Ave voa.

Ave voa no ar.

Ave vive no invisível — e nele se move.

Ave sem ar não voa.

Mais precioso é o ar para a ave do que para mim.

Sem ar nós morreremos — eu e ela.

Mas sem ar ave não é — não tem sentido.

Por isso ave (pomba) é Espírito Santo — inspiração ideal.

Palavra também vive de ar e no ar. Só no ar.

Sem ar não há som.

Por isso palavra igual a ave.

Por isso anjo — que tens asas e voa, como a palavra — significa mensageiro (em grego).

A ave, como a palavra, vive do invisível; foram ambas feitas para ele.

Não se esqueça o fato anatômico fundamental: a cintura escapular, raiz dos braços e das asas, é parte integrante do tórax.

O exame da raiz seguinte nos leva das asas para as velas — e as pétalas, velas infladas como o peito que aspira, pétalas que se abrem lentamente de botão a flor, como tórax que se expande. PAND — lembra-se, leitor? As flores se expandem como as velas pandas e os peitos arfantes.

Sonhei. Estava na sala de visitas de meu apartamento, com meu amigo Edmundo. Há na sala duas janelas iguais, ambas com cortinas de renda, ambas na mesma parede. O vento agita as cortinas, que tendem a sair pela janela afora. Seguro urna, mas a outra sai. Agora não são mais cortinas mas velas de um veleiro — de náilon. Meu amigo procura ajudar-me — ou assim parece. Com um ancinho — Instrumento que se usa para pegar cabos e velas soltas em um veleiro — ele tenta trazer a cortina para dentro da sala. Ao tentar, rasga a vela com um longo talho horizontal.

O sonhador, bem sucedido na vida a custa de esforços sem conta e de uma disciplina férrea, há poucos dias comprou um veleiro — sonho de sua vida (o pai era marinheiro... Tem sentido — fino que é — a sutil mudança a ocorrer em velhos amigos, vários deles ricos de berço, quando ele de berço era modesto.

Aí está o sonho.

Carlos — chamemo-lo assim — está em franca e plena expansão... de vida. Alguns amigos estranham e perturbam esta expansão.

Carlos também. É do tipo que planeja alcançar um certo ponto mas não planeja o que fazer quando o ponto for alcançado. Chegando ao ponto ele não sabe bem o que fazer.

Anseio contido. Expansão perturbada. É isso. O sonho é isso. Duas janelas e duas cortinas, uma em cada janela.

Dois pulmões dentro da caixa torácica — ela também, como as duas janelas — feita de duas metades iguais.

Um dos pulmões o próprio paciente controla. O outro precisa ser controlado pelo amigo. O paciente não confia — não se dá inteiro — ao movimento expansivo.

No caso, a psicologia é fácil. Um dos princípios do paciente — que tem vários princípios, que é inteligente, lógico e realista — é este: jamais confiar incondicionalmente. Todos buscam a própria vantagem e simplesmente não podem fazer de outro modo. Não são maus nem traidores; são apenas eles mesmos e são apenas assim.

O sonhador também — claro (assim pensa *ele*). Mas segundo penso eu, o sonhador é também artista (note-se a beleza plástica e a síntese intelectual elegante que o sonho faz); é também um bom sujeito —

apesar seu; é mais idealista, mais generoso e mais humano do que convém aos seus planos de sucesso. Por isso ele contém — até fere — a própria expansão.

Tem medo de ser bom.

Então explica tudo com a inveja dos amigos.

Bobo.

Talvez receie — quem sabe — ser levado longe demais por seus sonhos.

O barco era um sonho.

Depois aconteceu.

Não dá medo?

E se outros sonhos começarem a acontecer — onde vamos parar?

É mais prático — dizem até que é sábio — conter os próprios anseios.

É mais sábio transformar desejos em angústias. É mais “real”!

Viva a sabedoria!

Na letra *F* do dicionário encontramos três raízes FL. Vale a pena citar as três, certamente relacionadas pelo som, que é idêntico, e provavelmente relacionadas com o significado.

**A primeira raiz FL significa sopro dos ventos, como vemos em insuflar e flato. A segunda raiz FL significa bater, ferir e dela se derivam aflito, conflito. A terceira raiz FL enfim, significa flor, como vemos em florir, floresta, florada, etc.**

Como nasceu a segunda, bater, ferir, eu não sei.

Quis que ela constasse aqui, porque, de algum modo, ela deve ligar-se ao sopro dos ventos e, de outra parte, liga-se a duas palavras por demais usadas na psicologia contemporânea, aflito e conflito. Poderia essa raiz ser de origem essencialmente marítima ou náutica? Nos primitivos como nos atuais barcos a vela (FL — sopro dos ventos) não só o barco batia e feria-se contra a água, movido pelo vento, como feriam-se os homens e eram batidos os homens dentro do barco que o vento agitava.

Não será intuitiva a semelhança entre o barco agitado e tórax agitado — ambos pelo vento?

A esta altura talvez o leitor comece a admirar demais minha imaginação. Em defesa do que disse, lembro o seguinte: as três raízes etimológicas existem e me parece descabido, em princípio, atribuir ao mesmo som sentidos totalmente desligados.

Depois, bater e ferir são momentos dramáticos, momentos que tendem a ser lembrados por todos. A batida e o ferimento produzidos por objetos movidos pelo vento; mais do que isso, a simples existência do fato (objetos bem concretos e pesados movidos por “força invisível”), tais fatos deviam impressionar demais a nossos tataravós. Nada mais parecido com os castigos de Jeová, que uma

tempestade no mar ou uma árvore que desaba sobre alguém, derrubada pelo vento. Nada mais misterioso e imprevisível que a ação do ar invisível.

“O espírito sopra onde quer.”

O grande Espírito — de todo invisível — escolhe suas vítimas e as executa. Ante este reparo — mais poético do que lógico — talvez o leitor se incline um pouco mais para o meu lado. A poesia e a mitologia — sabemos — estão mais próximas da origem das coisas do que a ciência ou a filosofia.

Afora o apelo poético, outro par de raízes existe, em certo paralelismo com este. Trata-se de PELL, “dirigir a palavra”, do latim. Dela nascem apelo, interpelar, apelido, etc., e de outra raiz PELL significando bater, chocar. Proveniente dela temos impelir, compelir, repelir, propelir e mais. De sua corruptela PULS nasceu pulso, expulso, impulso, etc.

Sabemos que a palavra, tanto quanto ou mais do que a ação, apela, impele, repele, expulsa, impulsiona, etc. Sabemos que o vento tanto insufla e inflaciona quanto convulsiona (conflito) e pressiona (aflito).

Clareza pouco maior obtê-la-emos adiante, ao discutir o falar e o fazer.

Depois das aves, das velas e das flores, que falta?

Segundo Jung, psique, em grego, significa alma e também borboleta.

Para mim é demasiadamente estranho essa dupla significação, tão díspar, do mesmo termo. Mas se observarmos de novo a respiração humana, será relativamente fácil estabelecer uma semelhança de forma entre o adejar do peito quando respira e o adejar de uma borboleta no

vento. Nem é muito diferente o que nos passa pela mente quando nosso pensamento “borboleteia” de cá para lá e de lá para cá.

Além disso, como vimos, é muito grande a relação entre o vento e as asas. Não é verdade que nos seja dado voar no ar, como as aves e as borboletas. Mas é inteiramente verídico que o ar voa para dentro de nós quando respiramos.

A diferença é exatamente a que existe entre as asas do avião e as hélices.

A asa arrastada através do vento sustenta o avião no ar. As pás da hélice, agitando com violência o vento, levam o avião através do ar. Podemos dizer que a asa é levada pelo ar. Podemos dizer que a hélice traz o ar para o avião.

Voo e respiração.

— Não gosto do vento de agosto. Na verdade, não gosto de nenhum vento. Sempre que sinto vento no meu corpo, eu gostaria que o vento fosse gente, para eu poder agarrar ou bater nele. Doutor, o senhor sabe como as borboletas me impressionam. Qualquer figura de borboleta prende minha atenção. Já sonhei com borboletas; já desenhei borboletas. Será que existe alguma relação entre uma coisa e outra?

— Parece que sim. Você gostaria de ver o vento sob figura de gente a fim de poder *alcançá-lo com as mãos*; convenhamos em que uma figura humana é representação muito imprópria do vento. Proponho a você que encontre para o vento outra representação, menos imprópria.

A paciente reflete uns instantes e depois diz: — me veio à mente uma libélula; o senhor sabe o que é libélula? aquela de asinhas rígidas, que se encontra perto dos lugares onde há água?

— Sei. Mas parece que você *não* achou para o vento uma forma *que pudesse ser manipulada*; você achou uma forma que é *capaz de manipular o vento* — a libélula. Você inverteu o problema.

Logo percebi que Violeta não conseguia fazer a diferença, outrossim tão evidente. Como de costume, *ela estava sendo levada pelos seus pensamentos* e o que eu dizia era ouvido apenas a meias.

— Será que eu sou parecida com uma borboleta?

— Acho que não! Você demonstra no seu agir uma persistência e uma tenacidade nada semelhante ao zigzague imprevisível e caprichoso

da borboleta. Mas — hesitei uns instantes enquanto uma ideia se fazia clara em minha mente — mas *sua conversa* se parece demais com o borboletear duma borboleta. Você, quando começa a expor um assunto, perde facilmente a noção de rumo, entra por uma colateral, acrescenta um detalhe irrelevante, faz um comentário ao lado, retorna ao tema, muda de novo. Sabe? Para mim, que ouço você falar, a comparação entre o curso de sua palavra e o voo de uma borboleta é muito convincente. Já a libélula que você lembrou, parece representar um outro lado de você, mais próximo do seu comportamento. A libélula tem um voo muito veloz; faz um círculo no ar, uma curva complicada, e logo paira bastante tempo completamente imóvel, para daí a pouco partir num outro círculo. Neste sentido, a libélula representa bastante bem alguma coisa sua. Considerado ingenuamente, o voo da libélula parece ao mesmo tempo *teimoso e impulsivo*. *Teimoso quando ela para, impulsivo quando ela se translada*. Parece que a libélula, a fim de poder haver-se com o vento, acabou em parte se fazendo semelhante a ele. Sua conduta se parece muito com o voo da libélula.

Silenciamos.

— Olhe, valia a pena você tentar um desenho no qual aparecesse uma figura ao mesmo tempo libélula e borboleta.

— Como se fosse um híbrido de libélula e borboleta?

— Isto mesmo. Se há alguma verdade em nossa comparação, o ensaio de reunir uma borboleta e uma libélula representaria uma síntese de sua conversa e de sua conduta.

O trecho de consulta foi esse.

A paciente sofria de distúrbios respiratórios intensos que se manifestavam de três maneiras diferentes.

Primeiro, numa loquacidade por vezes incontrolável, importuna e perniciososa. Em paralelo com esta loquacidade manifesta, havia uma voz interior igualmente loquaz e inconsequente. A paciente, diante de qualquer fato vivido ou sofrido, passava a comentá-lo mentalmente numa forma desordenada, quase sempre adversa a si mesma, quase sempre cheia de juízos depreciativos em relação a si, quase sempre cheia de dúvidas e incertezas penosas. Mas devo dizer: tanto a voz interior como a exterior *não eram a da paciente*; estas duas vozes —

na verdade eram uma só — antes de mais nada discordavam bastante da conduta da pessoa; em segundo lugar, eram marcadamente adversas à própria paciente. Não é muito razoável supor possa uma pessoa usar seus pensamentos de modo tão contrário aos próprios interesses, inclusive tão contrário à própria integridade mental e física. Estas características da voz indicam, para mim, *que a paciente controlava tão pouco sua fala quanto seus pensamentos*. A paciente era, positivamente, levada pelas suas palavras, e nesse sentido, a comparação com a borboleta é muito exata. Naturalmente, quem leva a borboleta é o vento. Se a borboleta representava a voz, então o vento era sua respiração. E eram os anseios contidos nessa respiração que inspiravam as palavras em sua mente, não obstante discordarem da conduta, tais palavras influíam sobre esta conduta, complicando-a, tornando-a difícil, incerta e penosa.

A segunda manifestação deste distúrbio respiratório eram os frequentes sintomas precordiais da paciente, muito semelhantes a angina de peito, mas sem substrato orgânico. Diante de qualquer emoção violenta ou contrariedade, a paciente imediatamente sentia dores no precórdio, opressão torácica, palpitações, sensação de peito “explodindo” ou, ao contrário, sensação de peito completamente preso, “fechado”.

Esta opressão torácica, a paciente já a havia representado uma vez, em desenho, sob a forma de uma panela de pressão.

Enfim, havia mais um sinal clínico desta dificuldade respiratória; era a atitude habitual da metade superior do tórax e dos ombros. Os ombros mostravam-se sempre postos um pouco para trás, um pouco para cima e um pouco espremidos. Sinteticamente: posição de ombros de um lutador prestes para o ataque ou para a defesa.

Diante destas características clínicas, perfeitamente observáveis, todo o curioso diálogo em torno da libélula e da borboleta se substancializa consideravelmente.

Não seria fácil encontrar exemplo mais feliz da correlação entre o sopro de fora, que é o vento, e o sopro de dentro que é a respiração. Tampouco se encontraria exemplo mais feliz da relação tão íntima *entre o sopro de dentro e o espírito de dentro, que é o pensamento expresso na palavra*.

Voltemos às palavras.



Haurir é uma vetusta palavra, sinônimo erudito de inalar. Que diz Goes a respeito?

**HAUR, tirar para fora. Raiz latina. Vê-se em haurir, exaurir, inexaurível. Corrompe-se em Haust, dando então hausto, exausto, etc.**

Veja o leitor a importância dos nossos comentários à mecânica do guarda-chuva.

O sábio dicionarista *inverteu totalmente o sentido da raiz* ao defini-la, como o fazem todos os meus clientes ao me definirem o sentido da própria respiração. Dizem eles — muitos — estarem enchendo o pulmão quando o estão esvaziando e vice-versa; dizem eles — confusão mais sutil — estarem enchendo o peito quando estão “chupando a barriga” (isto é, esvaziando o pulmão); dizem estar esvaziando o peito quando estão estufando a barriga (isto é, expandindo o pulmão).

Pior: pouquíssimas pessoas *tem sensação clara* do processo respiratório; creem muitos, tacitamente (nunca pensaram no caso), que de algum modo é um inexistente sopro de ar atmosférico a força a estufar passivamente o pulmão, em analogia ingênua e *invertida* com o ato de encher uma bola de borracha fina. Esta

analogia ingênua — e invertida — foi para todo o sempre consagrada por Adão, *que recebeu nas narinas o sopro de Jeová*.

Poucos *sentem* o esforço muscular do tórax como *agente* da expansão pulmonar e, por isso, agente da “in-flação” do pulmão, de seu enchimento por aspiração.

Não estranhemos, pois, a confusão do preclaro dicionarista. HAUR não é tirar para fora, como diz ele, é pôr para dentro — aspirando. Haurir e hausto são sinônimos de *inspiração*. Nem se dá conta o dicionarista das contradições contidas no seu verbete. A ser verdadeira sua descrição, exaurir significaria “extrair o que está fora!” Algo semelhante (difícil até de imaginar) valeria para exausto e inexaurível. Evidente que exausto significa “sem nada mais que possa ser retirado” ou, mais simplesmente, vazio. Por sua vez inexaurível quer dizer “que não se consegue esvaziar” — com o sentido do movimento invertido pelo prefixo “in” (no caso, de negação).

O Dr. Goês me desculpará a brincadeira. Quis apenas aproveitar a deixa para sublinhar o quanto as pessoas sentem, concebem e enunciam mal os fatos referentes à respiração. Isto me importa — muito.

Já vimos bastante sobre a respiração pura — sobre o vento.

**Transitando do vento para a música e para a letra, detenhamo-nos sobre estas duas curiosas raízes CAN. A primeira é grega, de Kanon; significa lei e dela surgiram cânone e canônico. A segunda, latina, de can-o-ere, significa cantar; de sua forma pura nasceu canora; transformada em CANT deu canto e cantar; de CANÇ nasceu canção e ... caçoada.**

Comecemos de trás para diante. De caçoada a cânone vai muita diferença — mas talvez haja semelhança também. Crianças, principalmente quando em grupo, tendem a caçoar *em coro* no triplo sentido de *todas juntas*, em *voz cantada* e tendendo a *compor um verso* com o xingamento. Este verso é geralmente de pé quebrado mas a frase musical subjacente é de fato uma frase — conjunto de sons que tem uma certa unidade melódica. Enfim, é regra o xingamento cantado referir-se a uma óbvia diferença entre a vítima e o grupo, seja uma diferença ocorrida *ad hoc*, (perder a corrida, errar no brinquedo), seja uma diferença permanente (gordura, uso de óculos, defeito físico, jeito, ou o que seja).

“João-é-boo-bo”

“Qua-tro-ô-lho”

“Goor-do”

E assim por diante.

(Ajude, leitor, leia estas frases ao modo como você as dizia.)

O cânone é formalmente semelhante.

— Geralmente está redigido em “versículos”.

— Geralmente é enunciado com sonora solenidade ou, de fato, cantado (Pajés, magos, advogados, Conselheiros Acácios...)

Geralmente representa a unanimidade do grupo contra o excepcional.

No cânone, tanto quanto na caçoada, está acentuado o elemento musical da voz — a forma respiratória.

Não raro, em ambos se procura, mais do que a sequência lógica, o acordo da letra com a música; alegoricamente, o acordo entre o *logo* e a *fisis*, a harmonia entre os sinais cabalísticos (palavras) e seu fundo instintivo-emocional. Entre o símbolo e a força que o criou e sustenta, símbolo, outrossim, que manifesta, aplica e modela a força que o gerou.

A fim de bem apreciar estas afirmações é preciso lembrar as fórmulas de encantamento dos pajés, assim como a tradição oral dos povos primitivos, ou as profecias primitivas. Todas são obscuras, incoerentes e fragmentárias quando apreciadas pelo seu conteúdo lógico; mas de muitos deles se evola certa harmonia profunda, inerente à música e ao ritmo das palavras.

Os hindus, mestres na introspecção *que visa a influir* sobre as ocorrências interiores — e não na introspecção apenas descritiva — de há muito ensaiaram modos *para tornar mais audível* a respiração a custa de fonemas “sem sentido”, destinados apenas a caracterizar modos harmoniosos — integrados — de respirar.

São tantos os músculos a intervir na respiração e articulação da palavra que seu controle voluntário individualizado — depois conjugado — é uma tarefa sem esperanças. Falando no limite de 180 palavras por minuto, executamos 500 movimentos diferentes com a língua.

Mais fácil é achar sons em torno dos quais o processo se organize espontaneamente.

Como muitos são os “bons” modos de respirar e como não há um modo de respirar bom para tudo, muitas são as sílabas e as frases “mágicas”; isto é, os sons capazes de harmonizar a consciência (presente na articulação da palavra) e o inconsciente (presente no sopro e na música).

O hindu está certo quando *não* dá valor significativo a tais fonemas.

Nós e nossos antepassados (até Freud) erramos *ao nos ocuparmos demais com o sentido intelectual da algaravia*; mais importante é a harmonia. Sabemos cientificamente, mas não sabemos praticamente do valor da respiração.

Apesar de todo nosso “realismo”, a cantoria do pajé nos impressiona mais do que ao hindu — e nos impressiona absurdamente. *Não há*

sentido *no que ele diz*. É preciso ouvir a música.

Já vimos, a respeito destes primórdios da palavra, a raiz SU.

**Vejam a raiz HOM, gênero humano, do latim.**

**Homo.**

Dela provêm homem, homenagem, humano, desumano, **humanitário**, etc.

O que me chamou a atenção para esta raiz foi sua *identidade* com a “sílabas mística” dos hindus: Hom.

Segundo eles, a correta pronúncia deste som, após treinamento infundável, traria para o iniciado algo de transcendente.

Não creio que em hindu HOM signifique homem. Como pôde este fonema, gerado independentemente em duas culturas tão diferentes e significando coisas diferentes; como pôde ele terminar designando a mesma *entidade* profunda e incompreensível?

Não se ligarão o HOM latino e hindu ao AMEM hebraico?

“Hom” poderia estar ligado ao “Hum”, exclamação comum capaz de exprimir admiração, semelhante a um suspiro de prazer ou gozo — aquilo que se sente ante harmonia grande.

Só há uma hipótese para explicar o fato: *este som manifesta um modo de respirar inerentemente significativo*. Como a respiração é comum a todos os homens (a fonação também), a hipótese se faz plausível. O significado convencional do som por vezes não importa.

A Linguística se beneficiaria demais se melhor considerasse a respiração, não só como ocorrência fisiológica, mas também como fato *inerentemente significativo*; o som seria um retrato da respiração e esta um retrato da disposição profunda da personalidade. É com tal ideia em mente que faço esta apresentação etimológica.

É terreno comum ao linguista e ao psicólogo esta região, na qual da *respiração nasce a palavra* — e com ela o significado; com o significado nasce a inteligência — ou uma certa forma de inteligência.

Não se surpreenda, pois, o leitor, com minha ginástica explicativa. “No começo” tudo está misturado, é vago, sugestivo e ambíguo.

Subsiste porém, contra toda minha exposição, uma objeção sem resposta: por que seriam diferentes para os vários povos os fonemas

designativos do *mesmo* fato interior?

Todos os fonemas ligados à respiração têm algo a ver com a noção de vento. Mas para denominar o vento, os gregos dizem *anemos*, os latinos dizem *spiritus* e os judeus dizem *cutim*. Retornaremos.

Voltemos a CAN. Entre o cânone e a caçoada existe o canto, a forma quase pura de “música” da voz; aqui também, como na arenga do pajé, *o que se diz* não é muito importante.

O canto, mais do que a prosa, comunica estados interiores. Com um pouco de atenção ouviremos no canto (e na música), muito mais do que na prosa, as expressões primeiras do homem, o choro, o gemido, o lamento; ou o riso, o contentamento, a alacridade; também o rugido, o rosnar, o resfolegar; enfim, o arrulho, o sus- suro e quanto mais.

Respiração sonora — eis a música.

Reafirmemos: busca-se na canção (tanto quanto no cânone e na caçoada), uma correspondência harmoniosa entre música e letra, entre corpo e espírito; tenta-se unificar aquilo que habitualmente existe dividido.

**Veja-se como atua este princípio na raiz CREP, estalar, produzir som.**

Logo vemos o significado da raiz em crepitar e estrépito. Mas onde está ele em increpar, discrepar e decrépito? Eu crepito? Sou fogueira?

Pessoas exasperadas mostram uma respiração inquieta e “angulosa”. *Seu dizer retrata essa inquietude* e se faz increpação.

A palavra estala, moldada pelos ângulos bruscos da respiração (“ângulos bruscos” quer dizer: se fizessemos na ocasião um registro gráfico dos movimentos respiratórios da pessoa, obteríamos uma linha irregular angulosa e de alta frequência).

Aqui as correntes se dividem. Aqueles dispostos a excluir a individualidade humana nas coisas do homem, diriam assim: *ouvindo* uma fogueira crepitar, o homem associaria calor e destruição com esse ruído; ao sentir-se “quente” e disposto a destruir, o homem *imita* com a voz o crepitar da fogueira.

Na associação ruído-calor-destruição já vai algo do homem. Mas o circuito ainda funciona de algum modo automaticamente.

Minha descrição é algo diferente (sem excluir a prévia): agitado por vários impulsos incoordenados (raiva), todo o corpo oscila irregularmente, a respiração com ele. Este *modo* respiratório encontra, no *ruído* crepitante, uma forma adequada de exprimir-se. Respiração e voz podem entrar em correspondência e gerar uma unidade funcional.

De CREP resta decrépito, sem ruído; ainda aqui vale algo da respiração. O “ruído” mais característico do homem é a voz.

Decrépito significa, pois, sem voz — respiração fraca. Pesa também o sentido alegórico — talvez. O velho “não tem voz” ante os mais jovens, ninguém ouve mais seus conselhos.

**Passemos à CLAM. A primeira raiz é grega, significando gritar, como se vê em clamor, clamar, exclamar, proclamar, reclamar. Corrompe-se em CHAM, donde então chamar. A segunda é um advérbio latino, significando oculto ou escondido. Daí clandestino.**

**Vale a pena examinar conjuntamente a raiz de gritar. O dicionário aponta GR-IT- e não a define. Nem diz ele tratar-se de raiz onomatopaica — o que é evidente.**

A palavra grito é pura sonorização de uma expiração forçada com a glote tensa, inicialmente fechada. Clamor é o grito de muitos. Exclamar é um grito menos agudo (em A ou em O ao invés de em I).

Clamar é gritar, com algo menos de tensão nas cordas vocais, com respiração menos veemente e mais prolongada, e com esboços de articulação na voz. O puro sopro respiratório começa a moldar-se.

Proclamar é dizer gritando (e impondo; a força do grito reforça a lei...) no dizer vai a palavra, no gritar a música. Reclamar é protestar gritando.

Mas o que me prendeu nesta raiz foi a comparação entre a primeira e a segunda de suas acepções. Não obstante sua origem diferente (grego-latim) há algo de sugestivo na oposição entre elas. CLAM-1 é tornar manifesto pelo som e CLAM-2 é precisamente o oposto de tornar manifesto: é esconder.

**Melhor se evidenciará o paradoxo com o exame de CAL (provavelmente anterior a CLAM). CAL-1 significa abaixar, arriar, como se vê em calar e caluda.**

O dicionarista não assinala o que nos importa: CAL-1 é *baixar a voz* — respirar com cautela.

CAL-2 **significa chamar, convocar, isto é, elevar a voz, respirar ampla e fortemente.**

Temos aí o mesmo paradoxo notado entre CLAM-1 e 2, manifestar com força e esconder.

CAL-2 sofreu várias alterações. De CIL surgiu concílio e reconciliar. Reconciliar significaria então: conseguir unanimidade — conseguir uma só voz — sincronismo respiratório. Em CLÃ se vê melhor que CLAM seja derivada; de CLÃ nasceram grandes termos: aclamar, exclamar, proclamar (todas já vistas).

Sempre pensei estivesse a palavra *claro*, de algum ou de muitos modos ligada aos olhos. O contrário de claro não é escuro ou obscuro — e escuro não se refere a trevas e à morte?

No entanto, claro se liga ao ouvido — aos sons — à palavra.

Situação clara é situação *bem dita*. Afirmação clara é sinônimo de ... bom português.

Só quando o percebido é *bem dito* deixa ele o mundo das sombras e adquire dimensão especificamente humana.

Agora talvez possamos compreender o clandestino — que é oculto. Basta aprofundar um pouco o exame da relação entre o que é visto (ou experimentado) e o que é dito. Olhos e ouvidos são os sentidos mais discriminativos do homem, capazes de perceber maior número de sinais. Nossos “anseios profundos”, nós os denominamos assim, por serem, precisamente, vagos, “obscuros”, indefinidos. A todos agradaria tornar claro o obscuro, discriminar o indiscriminado, definir o indefinido, “resolver” ou decompor o global; a todos agradaria, senão por espírito de curiosidade, então pelo alívio de ver atenuadas ou afastadas as sombras que nos envolvem, tantas e tão assustadoras.

Exprimir as coisas através dos olhos levou os homens para a pintura e, depois, para a escrita. Mas a representação visual será para sempre individual — exceto quando se faz sinal abstrato e convencional.

Representar as coisas pelos sons levou os homens para o ritmo, depois para a música e enfim para a palavra — tão próxima da respiração.

A respiração está entre as vísceras e o cérebro. Pulsa como o coração e reptá como os intestinos e os genitais; mas é de algum modo voluntária e pode variar consideravelmente de forma e ritmo; a voz a retrata finamente. Ouvindo a própria voz o homem ouve a si mesmo.

Leitor, você já ouviu a própria voz? Falo de ouvir simplesmente, sem complicações nem pressupostos. É muito estranho. Demais.

Por isso preferimos *pensar no que falamos em vez de ouvir nossa voz — e nossos pensamentos*. Porque nossos pensamentos — de todos, não só dos doentes mentais — são “falados” em nossa mente, “nos vêm”, como nos vem, pronta e integrada, a marcha ou a deglutição — basta “querer”. A vontade, que existe, apenas aperta um botão; o resto acontece “sozinho”.

As coisas que *ouvimos* dentro de nós — nossos pensamentos — quase nunca são nossas. O espírito que insufla pensamentos em nossa mente é muito semelhante ao aparelho neuromuscular que produz, mantém e regula nossa respiração. Esta — como o pensamento — *pode* ser voluntária, mas geralmente não é. Nossos pensamentos “nos vêm” quase como a respiração. Frequentemente “vêm” sem que os chamemos ou procuremos. Podem surgir inclusive por força própria e *contra* nossa vontade grandes e pequenos pensamentos que preferiríamos não pensar. Dir-se-ia que um mau espírito insufla maus pensamentos à nossa consciência...

Prossigamos com as raízes etimológicas. Cada fonema é um modo respiratório elementar: deve ter seu significado subjetivo tanto quanto objetivo. Nasceu o fonema não só para caracterizar coisas e processos exteriores como também, *ao mesmo tempo*, para caracterizar *nossa maneira de estar, sentir e... respirar* diante do processo ou da coisa. Isso é verdade — eu creio. Mas evidenciar esta verdade não é fácil.

**Já que falamos em voz de dentro, examinemos VOC, som da voz humana. Do latim. Há derivados fáceis de compreender: vocal (depois vogal), vocalização, convocar (reunir pela voz), invocar, provocar (desafiar com a voz).**

Mas há outras menos simples. Evocar é recordar.

**Diz a etimologia que nós recordamos as coisas falando-as à custa de uma voz (interna, supõe-se) que soa de novo. É o passado que fala**



### **em nós. O velho espírito...**

Há também *irrevogável*: aquilo que não pode ser desfeito porque já foi vocalizado. Neste termo se confundem falar e fazer.

**Algo semelhante ocorre com a raiz F, latina, de F-ari, ter a faculdade de falar. Deia provém infante, infantil, infância e ... infantaria.**

O sentido destes termos é “o que ainda não fala” (quanto às crianças); ou “o que não pode falar” (no que se refere ao soldado; esta segunda versão — já se vê — não é de Goês, mas minha...) Há outras belas palavras nesta família: afável, “aquele que consente que se lhe fale”; inefável, eufemismo, blasfêmia, profecia.

Não só palavras dela decorrem, como outras raízes também, particularmente FAC, raiz de fato e fazer.

Aí está a confusão entre falar e fazer. Na boca dos insensatos esta confusão responde por muito do que a Humanidade tem de mais tolo, estúpido, errado e inconsequente

Mas a confusão — expressa na etimologia — precisa ser vista mais de perto.

O conjunto muscular responsável pela palavra articulada parece mais complexo do que o conjunto muscular responsável pelos movimentos finos da mão, ainda quando toda comparação, neste campo, se arrisque a não ter sentido algum. Lembremos que para falar não basta o controle laríngeo e bucal; é preciso também o controle respiratório.

Aceitando-se sejam os fundamentos neuromotores de uma função mais complexos que os da outra, daí se deduziria devessem os seres humanos começar a falar mais tarde do que começam. Além disso, o comando da mão não parece mais necessário para a vida do que o controle vocal? No entanto, muito antes de estar plenamente funcionando o comando da mão (e seu controle visual), já está funcionando satisfatoriamente a verbalização. Estas, mais a posição ereta, são as três principais aquisições do ser humano — quando comparado com os animais. As três respondem, provavelmente, devido a sua complexidade, pela prolongada duração da maturação humana: posição ereta, fala, mão versátil.

Dos dois aos quatro anos a boca, enquanto parte do aparelho digestivo, enquanto zona de prazer e de conhecimento, *vai cedendo lugar muito rapidamente para a boca enquanto parte essencial do aparelho fonador*. Nesta época ela se faz, a rigor, *parte do aparelho respiratório* e a ele se integra. Para esta integração concorre a preparação prévia, o período expressivo não articulado, durante o qual, sem palavras, a criança influi sobre os próximos, apenas com a música vocal, e os próximos já influíam sobre a criança através do mesmo instrumento.

Quando Freud nos falou da fase oral, nunca assinalou com a devida ênfase esta transição funcional. É a encarnação do verbo.

Não se trata de um pormenor. A palavra é constituinte fundamental e específico da personalidade humana.

Apelemos de novo para as raízes.

**OR, boca, do latim OS, Gris. Dela nascem oral, oralmente, etc.**

Mas dela nascem também — aqui vai a mudança funcional e o mistério: oração, oráculo, adorar (e outros).

Vê-se logo a acentuada mudança no plano dos significados — certamente retrato da mudança funcional.

**Há mais: outra raiz OR existe, significando nascer. Também do latim, ORIOR, IRI. É possível tenha uma provindo da outra.**

Mas a definição do dicionarista — nascer — é muito imprópria. Vejam-se as palavras derivadas: oriente, orientar, desorientar, oriundo, origem e primórdio. Note-se: o “nascer” contido em **OR-2** nada tem a ver com o nascer elementar, biológico; não há, dentre os derivados, nenhum termo referente ao sexo, à cópula, aos filhos, à semente, fruto ou o que seja,

Todos eles são bastante abstratos quando se referem a nascimento (oriundo, primórdio, origem, oriente). Mais; alcançam logo depois este conceito fundamental: orientação. Vale a pena meditar sobre estas relações.

Que espécie de *orientação* pode estar ligada à boca? Que *nasce* dela?

A palavra.

“No princípio era o verbo e o verbo se fez carne.”

São João me perdoará a transliteração: no princípio era o vento, depois o vivente deu forma ao vento.

Assim nasceram oração e adoração.

No princípio o homem respirava; depois, com a substância da respiração — que é o vento invisível — o homem “fez” a palavra, moldou o sopro e inventou a canção. Da oração e do cântico se fez a Lei — o Cântico.

Espero que o leitor esteja tão perplexo — e tão maravilhado — quanto eu estou.

Mas substancieemos um pouco mais esta tessitura diáfana e fluida. Estará demais a palavra *fluida* na frase supra?

**Vejamos a raiz VERS, que verte ou se desloca, diz Goês; na verdade, que verte ou flui seria bem mais exato.**

Daí nasceu verso. Quer o dicionarista que verso tenha sido, no início, sulco, depois traço, e enfim linha (escrita, supõe-se, ainda quando o dicionarista não o diga).

É bem de gramático esta! Qualquer poeta sabe que só é verso aquilo que verte e flui, com ou sem linha escrita. É verdade que o verso se verte num sulco •—• o ritmo. Mais nenhum outro.

Também conversar vem de verter; no diálogo há um duplo verter, recíproco, de pensamento sim, mas sobretudo de espírito e de música — ou não há diálogo.

Universo — da mesma raiz — é certamente o poema de Deus, vertido e fluindo eternamente — como a respiração, que flui em ondas infindas — como o mar.

**Eu não disse na ocasião, mas há duas raízes HAL; a primeira gerou anelo; a segunda significando mar.**

Belas coisas nascem da boca dos homens — quando o espírito a anima.

Na boca do homem o vento se faz luz — e ouro. Não estranhe esta frase, leitor. Leia.

**AUR, brisa, vento brando; deia nasceu aura.**

**Mas há outra raiz AUR, agora significando ouvido, orelha, com quatro variantes: AUD deu auditivo, auditório; OUV deu ouvir, ouvido; AUS (forma primitiva) deu auscultar; OR deu orelha.**

**E mais outra raiz AUR existe, geralmente sob a forma OUR, donde proveio ouro e dourado.**

**Nem aqui termina o poema. Idêntica a AUS (raiz primitiva de AUR-2) outra existe, grega, significando brilhar, queimar. Deia nasceu Aurora (originalmente a divindade que presidia o romper do dia).**

De novo o claro aplicado à palavra e ao espírito.

Estranha música, realmente líquida.

A cada instante nos parece que uma verdade pura vai emergir e permanecer; no instante seguinte ela cintila e mergulha.

Deixem-me repetir. O estudo das raízes verbais é um estudo de coisas primitivas, indiferenciadas e, por isso, ambíguas. Não espere o leitor nenhuma fórmula final para esta digressão. Ela é apenas sugestiva e não pretende ser mais do que isso.

Há mais brisas por conhecer.

**AO, soprar, agitar o ar. Aparece, alterada, em ave e seus derivados; em auspício (avis-spicere, “adivinhação do futuro através do voo das aves”), augúrio (avis-gurere, como acima), inaugurar.**

Que belo ramalhete.

Por que os homens acharam que o voo das aves poderia dizer algo sobre seu próprio destino ou escolha?

Não seria uma obscura intuição, análoga à que estamos perseguindo desde o começo, segundo a qual ave e voo se ligam à respiração e esta ao espírito e aos anseios humanos?

O voo da ave no ar é como o curso do pensamento na respiração.

Já vimos que esta hipótese — vaga certamente — é indispensável para o etimologista, tais e tantas as correlações dentro deste conjunto.

**Há mais. Corruptela de AO é AV (que deu ave); há mais raízes AV, algumas das quais convém conhecer.**

**Uma delas significa antepassado, ascendente, como se vê em avô, avoento e atávico, o triunvirato que encarna o “velho espírito”.**

**A outra, logo corrompida em AUD, significa tentativa, tendo gerado audácia. Não é difícil filia-la, significativamente, à última e**

**mais sugestiva das raízes AU; de Av-eo, latim. Na origem ela queria dizer “movimento de asa, aceno”; subseqüente- mente passou a significar desejo vivo ou estar em boa disposição.**

Dela provêm ávido e avidez. Sua origem é provavelmente exclamativa, o clássico “Ave”, tanto dos romanos quanto dos Evangelhos.

Para ser completo, resta mais uma raiz relativa a vento.

**É VENT, latina, origem de vento, ventar, ventilar.**

Mas há mais duas raízes homógrafas e homófonas.

A primeira significa ventre, tendo gerado ventral, ventrículo e ventríloquo.

Não parece difícil relacioná-la com a primeira. A respiração tanto move o tórax, quanto o ventre; classicamente, mais a este do que àquele. O ventre, pois, seria a sede do vento.

**A terceira raiz VENT responde por ventura, venturoso, bem-aventurado. Curioso que esta raiz é derivada de outra, VEN, originalmente graça, alegria. Dela provêm vénus, venusto, venéreo, assim como venerar, venerável e venerando.**

Atrás deixamos dois fios soltos que convém retornar e desenrolar mais.

Um era a complexidade e a maturação relativamente rápida do aparelho fonador. O outro era a função da boca como principal órgão da articulação da palavra. Lá havíamos afirmado que muito rapidamente a função nutritiva da boca era sobrepujada (mas não excluída, é claro) pela função verbal. Dissemos que esta alteração funcional levava a boca a fazer parte do aparelho respiratório. Estas são expressões enfáticas mas inexatas.

A laringe, órgão que *produz* o som da voz, não é específica do homem. A capacidade de produzir sons e de fazê-los variar existe na imensa maioria dos animais.

Para gerar a palavra é preciso o sopro pulmonar, a palheta ou vibrador laríngeo e *a boca humana*; é preciso também o cérebro humano e sua capacidade não só de discriminar objetos e sinais, como de responder com versatilidade.

A versatilidade *motora* do homem não mereceu até hoje a atenção devida. Dela decorre a capacidade de criar respostas diferentes, o que

é, provavelmente, a essência da famosa criatividade humana. Se a área da projeção cortical motora da laringe, língua, istmo das fauces, faringe e lábios do homem não tivesse a extensão que tem, provavelmente não falaríamos. Creio que existem, mas pessoalmente não conheço, estudos comparativos relativos à extensão dessa área no homem e nos animais.

Outro fato deve ser lembrado: a real mas obscura influência cortical sobre a respiração. Sem um controle por vezes finíssimo da respiração, a voz e a palavra humana não seriam o que são. Aqui, analogamente, não sei se existem estudos comparativos.

Este controle é duplamente difícil, porque o tom da palavra exige controle fino da respiração, como se vê bem nos cantores; difícil, ainda, porque este controle não pode ignorar as exigências do corpo em relação ao oxigênio. Enquanto falamos ou cantamos, precisamos respirar certo (para falar e cantar) e precisamos respirar o suficiente (para não entrar em asfixia).

Para os animais, com um número limitado de “fonemas”, o problema é relativamente simples. Para eles vale o que tantas vezes afirmei: a voz é apenas forma audível de respiração — quase.

Para o homem — agora vem a afirmação exata que corrige as prévias — para o homem *a palavra é uma função sem órgão específico*.

Ela está *entre* o aparelho digestivo (boca) e o respiratório. De novo esbarramos com algo aparentemente “imaterial” ligado à respiração e à palavra, novo argumento a favor da noção de espírito como algo não substancial. A voz é algo “*sine matéria*” já porque nasce “do ar” já porque não tem órgão próprio. É um *processo puro*.

Creio que estas reflexões — assaz simples e isentas de dúvidas — reafirmam a deficiência freudiana.

No exame da chamada “fase oral” deveríamos decompô-la assim:

- 1) Fase respiratória, com expressão emocional vocal não verbal. (Fase “mágica” pois nela o desejo do sujeito atua *diretamente* sobre o mundo e por vezes influi sobre o mundo.)
- 2) Fase oral nutritiva.
- 3) Fase de verbalização, que integra as duas anteriores (fase mágica — emocional, isto é, magia da palavra).

Desde os seus primórdios a palavra é um sinal altamente “voluntário”. Menos discriminada é a música da palavra, moldada, provavelmente, por influências extracorticais, “profundas”. A palavra depende da boca; a música, da respiração.

Aqui está uma pequena razão para a maturação precoce do aparelho fonador: a respiração está aí desde o começo; a boca é educada desde cedo pela sua participação na alimentação.

Já as mãos — de educação igualmente difícil — não tem nem tal fundamento nem tal exercício necessário. Aliás, é fascinante observar crianças de 3 a 4 meses brincando de mexer as mãos e de olhar para elas. Estranho, porque o gesto “não serve para nada” e porque é espontâneo no mais puro sentido da palavra.

O mesmo não se dá com a boca e com a própria garganta, quer enquanto funcionam na sucção e deglutição, quer enquanto choram, riem ou gritam. Nos dois casos sabemos que a atividade tem um certo propósito — e não estranhemos tanto.

Outro fato que merece atenção é este: praticamente todos falam durante a *expiração*. No entanto, todos *podemos* falar durante a *inspiração* (com voz alterada, rouca e pouco modulada, devido ao inusitado do processo. É plausível que com exercício se consiga bem mais).

O fato me prendeu devido a palavras sobejamente repetidas neste capítulo: *inspiração*, *anelo*, *aspiração* e *anseio*.

Todas qualificam movimentos interiores obscuros — mas muito importantes — e, ao mesmo tempo, o movimento de *inalação do ar*.

O que “*inspira*” ao poeta *dir-se-ia ser o ar que ele aspira*.

Vai aqui novo elemento para definir certo processo psicológico em paralelo com o processo respiratório — problema atrás proposto. Chamemo-lo, segundo os termos disponíveis e consagrados, *o processo de inspiração*, isto é, a voz que fala “para dentro”.

*Dir-se-ia* que nossos antepassados, *ignorando de onde lhes vinham a palavra e o pensamento*, atribuíram ao “invisível” (o ar) *a propriedade de trazer até eles o pensamento e a palavra*.

No momento seguinte — *expiração* — o “espírito” inalado “insuflava” pensamentos à mente e palavras à boca. O amante invisível!

Que o espírito invisível (ar) era “vital” eles o sabiam — os mortos não respiram. Nada de estranhar, pois, atribuísem os homens, ao mesmo vento invisível que lhes sustentava a vida, a propriedade, igualmente maravilhosa, de lhes trazer pensamentos à mente — ou palavras aos lábios.

Em raros momentos — e felizes — dizemos a frase certa, de modo certo, na hora certa.

Percebemos então, se finura houver, e honestidade, o que dissemos: compreendemos em ato a verdade *em nós nascida*, mas não *feita* por nós.

É preciso relembrar a importância da inspiração e dos inspirados na história da Humanidade a fim de bem avaliar a importância deste processo. É preciso reconhecer — e isto é bem mais difícil — o valor da inspiração na vida de todos e de cada um de nós, a fim de sentir a importância deste processo.

Quase sempre roubamos o espírito, tendo como “feitos por nós” pensamentos que na verdade “nos vieram” à mente — na hora oportuna.

Dizemos hoje não acreditar muito em inspiração. A fim de provar nossa descrença, passamos a chamar “nossos” aos pensamentos que nos vêm!

Denomina-se usualmente intuição ao processo de inspiração; os psicanalistas usam muito, para caracterizá-lo, a expressão *insight*. Ach chamava a este processo, com grande felicidade, “Vivência do Ah!” Não escapou ao experiente investigador dos processos intelectuais mais finos da personalidade sua correlação com a respiração. No “Ah” vai o começo de uma expiração; sabemos todos que antes desta expiração houve uma inspiração (real, respiratória), muito peculiar, seguida de uma pausa igualmente significativa.

Atento, entender, conter — lembra-se, leitor?

Ainda falta algo à etimologia dos termos mediata ou imediatamente ligados à respiração.

Faltam os termos que se referem a calor, chama, fogo — talvez a luz, brilho.

Quando dizemos a chama da vida, a chama do amor, amor ardente, inflamado de ódio, rubro de raiva, quando falamos duma afeição cálida



ou mesmo em calor humano, estamos nos referindo a uma imediata sensação de calor e, implicitamente, àquilo que é seu principal agente — o oxigênio. Falamos, portanto, de respiração. *A vida é um processo de combustão organizada.* A combustão viva, diferente das combustões que ocorrem no mundo da matéria inanimada, se faz sempre dentro de limites bastante estreitos de temperatura, que no homem oscilam aproximadamente entre 35° e 40°. Nós não queimamos como uma vela ou como gasolina, as quais, ao queimarem-se, aquecem rápida e violentamente o ambiente onde se queimam. No corpo, o calor é liberado muito cuidadosamente, numa série considerável de etapas encadeadas. Esta mágica muito peculiar ao ser vivo, de queimar-se aos poucos sem consumir-se no próprio calor, se faz à custa de sistemas bioquímicos numerosos e delicados, que atuam em cada célula viva e em todas as células vivas. Como todas as células vivas queimam devagar a própria substância, a fim de obterem energia para a realização de suas funções, todas as células vivas, ao absorverem o oxigênio do sangue, influem sobre a respiração. Esta se faz portanto medida rigorosa e precisa, seja da necessidade de oxigênio do corpo a cada instante, seja da soma das combustões orgânicas em curso (metabolismo basal).

Todas e cada uma das células do corpo intervém na respiração.

O segundo fato, bem conhecido, mas nem sempre bem avaliado, é que toda substância viva liberta energia, isto é, queima-se, não apenas para existir ou sobreviver, mas queima-se também para fazer-se.

É à custa de óxido-reduções em cadeia que a célula viva não apenas faz aquilo que precisa, como faz a si mesma, ao mesmo tempo, em processos finamente encadeados, coordenados e reversíveis.

Enfim, é da combustão da própria substância e da ressíntese da própria substância, feitas à custa dessa combustão, que a substância viva não só subsiste e sobrevive, como vai criando continuamente novas formas de substância e de existência.

No homem, este fato se faz particularmente evidente no córtex cerebral. É lá, segundo tudo indica, que se realiza o principal das novas sínteses, das novas maneiras de ser, de atuar, de existir. Não deve ser simples coincidência que a córtex cerebral seja, no corpo humano, a região mais sensível à falta de oxigênio.

Além das analogias familiares citadas, sobre calor, recordemos duas das raízes já examinadas.

**A primeira é da família AUR (ou AUS); dela provêm aura, orelha, ouro e aurora. Na última, aurora, a raiz AUS significa queimar, brilhar (em paralelo com OUR de ouro e dourado e com AUR de auréola). Por sua vez, à raiz CAL (da qual nascem clamar e claro), soma-se outra raiz CAL, também latina, da qual provêm calor, cálido e quente (cal-ente).**

**Encerremos este apêndice com a citação de FOC, lume, lareira, lar. Dela nasceu foco, originalmente o lume da lareira do lar; a lareira era o lugar do calor e da luz — da combustão servindo para aquecer os próximos e para orientar os extraviados. Corrompida em FOG, desta raiz nasceram fogo, fogueira e fogão — o fogo doméstico.**

Parece oportuno lembrar que a primeira forma de energia natural conquistada pelo homem foi o fogo.

Muito provável, ainda, que esta conquista, a primeira no tempo, tenha sido também, globalmente, a primeira em importância — até nossos dias. Nenhuma deu ao homem tanto poder, pela razão evidente de ser o calor o maior agente conhecido de transformação das coisas. Nada se assemelha mais à aptidão humana de criar (na verdade, de transformar) do que a ação do fogo.

Até onde nos é dado saber, os animais não controlam voluntariamente a respiração. O controle do fogo exterior tem para mim um evidente paralelo com o controle da respiração — controle que determina a soma das combustões orgânicas a cada instante, ao mesmo tempo em que é determinado por elas.

**Enfim, vimos que a palavra não poderia ter nascido antes do controle voluntário da respiração; a palavra depende do uso não respiratório da respiração. O fogo da fogueira e do fogão — analogamente — são uso não tempestuoso do relâmpago.**

De há muito a Humanidade elaborou o ritual do fogo perpétuo, de conservação da chama. Provavelmente este rito foi, no princípio, uma necessidade fundamental. Não sabendo *criar* o fogo — tão importante — o homem o conservava ciosamente. Mas para aqueles que só

consideram as necessidades imediatas pergunto: e depois, por que as vestais, a chama dos antepassados no lar, a chama olímpica? Por que chama de entusiasmo e chama da vida? É provável que todo emprego simbólico do fogo dependesse de uma obscura intuição radicada na respiração. Os mortos, que não respiram, esfriam.

Deve ter surpreendido ao primitivo a *duração* do fogo em relação à *substância consumida*. Um pau de lenha queima longamente — esta a impressão ingênua. Não me peça o leitor: longamente em relação a que tempo? Não sei; mas é longamente.

Não era pois só a substância material que se consumia. Antes, algo invisível a animava — é tão viva a chama — enquanto a substância se consumia.

Assim o homem, sua vida, seu espírito e sua morte.

#### **FUTEBOL INTELECTUAL**

**Do alto de uma muralha maciça, de bruços, contemplo o brinquedo de alguns homens muito fortes e grandes — parecem gigantes.**

**Chutam bola, bola comum, de futebol.**

**Na planície onde eles se movem há muitas casas espalhadas, de teto bem oblíquo, casas de estilo tradicional europeu.**

**A cada chute bem dirigido uma casa é atingida e se esboroa. Os jogadores exultam e eu também rio muito contente.**

**Gozo conscientemente da segurança de minha posição sobre a muralha indestrutível, mas uma bolada a atinge e ela começa a fender-se, a ceder... Acordo assustada.**

Este sonho foi sonhado pela esposa de um artista, sendo ela mesma uma intelectual acostumada a presenciar grandes tertúlias em sua casa, na qual se reuniam frequentemente estudantes, professores e autores para debater temas de atualidade.

Nas discussões, grandes concepções intelectuais ultrapassadas — as casas tradicionais europeias — eram derrubadas impiedosamente pelos gigantes... intelectuais.

Por que explicação tão esdrúxula?

Por causa da bola, que é semelhante à palavra.

Quando vazia, a boia é uma coisa sem forma nem definição. Cheia *de ar* — como a forma verbal quando *a enche* o sopro respiratório — a bola se faz esférica (a forma perfeita dos antigos filósofos!), perfeitamente definida e consistente: um conceito!

Além disso, de que outro modo compreender o sonho?

As velhas concepções tradicionais já de algum tempo vinham ruindo para a paciente, principalmente as relativas à família. Ruíam de fato. Os gigantes intelectuais que frequentavam sua casa na certa explicavam para ela seu destino...

A paciente diverte-se bastante com suas visitas e seus chutes intelectuais espetaculares. Por motivo de temperamento e história pessoal, a paciente tinha aos homens em bem pobre conta; na verdade, os desprezava profundamente — e sabia disso. Daí a forma do sonho, todo ele uma caricatura da “força da inteligência” e uma solene gozação a respeito das verdades tradicionais (casas que caem pelo impacto de uma bola de futebol!)

No entanto, não falta à sonhadora sensibilidade para apreciar um espetáculo intelectual, nem imaginação para transformá-lo em um espetáculo futebolístico...

Ela — a sonhadora — via-se no alto de uma muralha, invulnerável. Do alto de seu orgulho, certamente, orgulho capaz de fazê-la sentir-se muito superior ao futebol inconsequente destes intelectuais ridículos e pretensiosos, convictos de estarem a “demolir” grandes verdades à custa de chutes...

Chutar, sabemos, significa, popularmente, opinar sem fundamento suficiente.

Mas um chute alcança a muralha.

O meu.

Há tempos já, só falo quando tenho o que dizer. Só falo assim quando estou pensando assim — e vice-versa.

Minha sinceridade tocou-a, comprometendo ao mesmo tempo toda a atitude por ela edificada contra o homem.

**QUANDO O VENTO NÃO SOPRA ONDE QUER...**<sup>19</sup>

— **Sonhei. Começou a chover e eu me refugiei sob ú'a máquina de costura... Aqui está ruim (aponta a boca do estômago). Queria pôr para fora.**

— É difícil pôr pra fora; é você, são suas entranhas. Será que é tão ruim, mesmo?

— É.

— Acho que não pode ser. Se você põe um sapato apertado e o pé dói, você diz que o pé é ruim?

Ela não diz nada. Está com um curioso jeito de menina teimosa que vê as coisas mas não quer reconhecer o erro. Algo perplexa, também. E interessada.

— Por doer, nós achamos que o pé é ruim. Mas ruim mesmo é o sapato apertado.

Ela faz uma pergunta com o olhar.

— Eu sei. Aqui na barriga não parece ter sapato apertando. Mas tem. Você está dura aqui (barriga) e aqui (tórax). Você está respirando pouco. Todo o seu tronco parece uma caixa dura com entranhas apertadas dentro. Você não sente... a máquina de costura sob a qual você está — lembra o sonho? “Você”, no seu sonho, seu “eu”, é isso aí que incomoda, dentro da barriga. Por fora tem tábua e ferro — apertando. Por isso é ruim. Por causa da caixa fechada. Quer ver?

Ela está deitada; eu ao lado.

Aproximo a mão de seu epigastro, com os dedos dispostos em garra. Ela recua, em sobressalto, e diz:

— Não! o polvo... o polvo...

E fica toda tesa, prevenida.

Digo eu:

— O polvo... Claro que ele se contorce às vezes. Você o fecha numa caixa. Ele se convulsiona e você se assusta (o polvo era uma das figuras de seu susto). Aqui há uma caixa — e aponto o epigastro e o tórax; com uma chaminé — e aponto o trajeto da traqueia. O polvo está dentro... Vez por outra você fecha o alto da chaminé e o polvo, temeroso, se agita.

Volta a seu rosto o ar de menina teimosa — e de desafio; seu desafio me diz que eu estou afirmando coisas sem nexos.

— Sabe qual é a abertura da chaminé?

Ela faz que não com a cabeça.

— Que é isto? — pergunto.

— O nariz.

— Para que serve?

— Para nada.

— Posso fechá-lo, então?

E vou fazê-lo.

— Não.

— Ué! Se não serve para nada, tanto faz deixá-lo aberto como fechado.

Ela está assustada, temendo que feche mesmo suas narinas. E enraivecida. Parece agora uma menina que defende um segredo — desconfiada.

— Vou mostrar para você que as narinas servem para alguma coisa.

Acendo um fósforo e achego-o às suas narinas, com cuidado. Eu esperava que o fluxo de ar fizesse tremer a chama.

Havia esquecido a teimosia da menina.

Quando cheguei o fósforo a seu nariz, ela visivelmente controlou a respiração (controlou mais, seria certo), fazendo-a quase nula.

Desisti dessa prova. Acendi outro fósforo e aproximei-o do meu nariz. Ao mesmo tempo, tomei a não dela e a coloquei sobre o meu epigastro. A chama oscilava, meu peito movia-se e ela... olhava sem interesse. Estava distraída. Um pouco amargurada. A menina teimosa havia se retirado.

Ela disse, como quem revela afinal o segredo, ao ver que era inútil querer guardá-lo mais:

— Eu sei que tem vento. Eu sei. Desde menina que eu aprendi a segurar o vento...

— Por quê?

— Porque se eu não seguro é ruim.

— Sempre?

— Sempre.

— Não pode ser. Muitas vezes você veio aqui bem mal. Sempre que conseguimos libertar o vento, você saiu daqui menos mal, ou boa de todo.

Ela ouve, meio interessada, mas ainda distante.

— Você não gosta de dançar?

Seu rosto se anima e ela afirma que sim com ênfase.

— Sempre que você dançou aqui, seu peito se soltava como vela de barco. Enfunada. Arfante...

O argumento acertou em cheio. Ela está interessada (dançar, no caso, era movimentação espontânea — técnica de Reich.).

— Sempre que você dançou, respirou bastante. Da última vez, a dança foi bonita, você respirou como nunca e no meio da dança você disse, com determinação e contentamento: “Estou perdendo o medo do vento.” Será que respirar é sempre ruim?

Ela está hesitante. Continua amargurada. E prevenida.

Apesar de tudo, seu tórax está finamente controlado, como se ela fizesse e desfizesse *por querer* cada movimento respiratório.

— Só à respiração você prestava atenção?

— Só.

— Mais nada?

— Mais nada.

— Por quê?

— Já disse. Era ruim se eu não segurasse.

— A respiração?

— Sim.

Ligeiramente irritada. Meu questionar era intencionalmente irritante.

— Mentira. Controlando a respiração você regula seus sentimentos e todos os apegos com o mundo. Não é assim?

— Não. É só a respiração.

— Olhe. Acho que você não fez um bom negócio. Em criança você segurava o vento a fim de se magoar menos, não sofrer demais, não reagir em excesso. Depois que você se acostumou a segurar o vento, aqueles sentimentos pungentes e penosos desapareceram. Se isso fosse tudo, eu concordaria com você e diria: continue a segurar o vento, se é que isso faz você menos infeliz e afasta complicações. Mas não foi assim. Seus sentimentos se atenuaram e, no lugar deles, pouco a pouco, foram surgindo aquelas coisas estranhas, amorfas e apavorantes, que trouxeram você aqui, até mim. Segurando o vento você não fez bom negócio. Os sentimentos não morreram, mas transformaram-se em monstros, polvos, “eles”, a cobra e tantas outras coisas que fascinam e assustam você.

Agora ela está muito séria, e, aos poucos, em seu rosto se estampa uma tristeza harmônica — de certo modo bela — que se aprofunda pouco a pouco e logo alcança a plena expressão de desamparo. Um gesto seu de mão leva minha mão até a sua.

É uma criança profundamente triste, que menos triste se sentiria se houvesse alguém a seu lado.

Com o rosto e mão, amolece o corpo também. A paciente abandona-se à mágoa, numa atitude frouxa, apesar disso bem composta e íntegra, diferente de todos os seus estados prévios de hipotonia, que faziam dela uma pasta amorfa e sem consistência.

O abandono, porém, não dura mais de um minuto. Logo sua mão se crispa e foge da minha. Um instante de hesitação perplexa e, antes que a paciente se dê conta do que faz, seu corpo deitado no divã gira com violência para mim e suas mãos juntas atacam meu rosto. Ataque quase sem forma, mas animado de fúria e violência cega. Não é um tapa nem um soco. Seria a agressão de uma criança de 5 ou 6 meses.

Machuca-me sob o olho esquerdo.

Mas desta vez não me perdi — houve outras. Seguro rapidamente suas mãos, com força; logo as solto porque, nesse momento, a paciente caiu em si e reassumiu o controle.

— Por que fez isso?

— ?

— Raiva de mim?



— Não.

— Eu sei que não foi. Foi porque você soltou o vento.

— ?

— No momento de tristeza — quando você viu um pouco que segurar seus sentimentos era ruim — nesse momento você soltou o vento. Por um minuto você deixou seu corpo em paz, respirando como ele queria. Mas sob a mágoa estava a raiva e quando o vento soprou livre, o fogo acendeu-se e você... queimou-me. Por isso você segura o vento. Desde criança. Para conter seus sentimentos. Estava tudo no seu sonho. A chuva era a mágoa — gotas de chuva, lágrimas... A raiva é a máquina — você me atacou mecanicamente. Antes do ataque você “ficou sob a máquina”, isto é, encolhida e imóvel — catatônica.

Ainda há mágoa no rosto da paciente, com alguma perplexidade. Mas já se pode ver nele um brilho de compreensão.

Na entrevista seguinte, após um demorado silêncio durante o qual nos olhamos nos olhos, digo a ela:

— Hoje seu rosto está bom. Mas vejo nele algo que até hoje me escapou. Muitas vezes me pareceu, enquanto nos fitávamos, que você estava olhando *para mim*. Na verdade você não estava me olhando como eu estou olhando para você agora, com meus olhos convergindo para os seus olhos. Você olhava aparentemente através de mim; na verdade, estava olhando para si, para seu íntimo, atenta como alguém que espera a repetição de uma cólica. Entende o que eu digo?

— Sim.

Mais do que o monossílabo, falava a expressão de seu rosto. Curiosa expressão. Perplexa e surpresa, como quem diz: “Mas só agora ele percebe isto? Pensei que sempre houvesse visto!” Logo acrescentou, pondo a expressão fisionômica em palavras:

— Estou sempre assim. Vivo assim.

— A que você está sempre atenta?

— Aqui (aponta o peito). Ao vento. Desde pequena quase não percebo outra coisa.

Muitos meses após ocorreu outro episódio significativo.

Inúmeras vezes lidamos com seu pescoço. Quase no fim deste trabalho com tensões musculares locais, em determinada entrevista ela começou a mover deliberadamente o pescoço — previamente rígido — tateando até atingir uma determinada posição na qual se imobilizou. Sob inspiração de um caso de Reich eu lhe disse após uma pausa longa:

— A enforcada...

Ela, antes perplexa com a própria posição, agora se mostrou preocupada. Imitei sua atitude e depois passei um cordel em seu pescoço para que ela experimentasse plenamente o significado de sua atitude.

Contrariamente à minha expectativa, meu gesto não a assustou. Havia mesmo certo ar de triunfo em seu rosto, enquanto eu sustinha e apertava o cordel. Mas ela não conseguia falar — e a tensão do cordel nada tinha a ver com seu silêncio.

Desisti do cordel e passei a imitar um estrangulador.

Nada aconteceu.

Mantive o gesto e intensifiquei a força.

Ainda o ar de triunfo passivo, do escravo que não grita de dor sob o chicote para “não dar gosto” ao agressor — orgulho do que aguenta, bem diferente do orgulho do atacante ativo. Intensifiquei ainda mais o gesto, começando a interferir com a respiração que passou a ofegar no peito e a sibilar na garganta.

O orgulho da vítima durou um pouco mais e logo se resolveu em uma luta viva, destinada a livrá-la do “agressor”: a luta mais viva e melhor organizada que eu vira na paciente até então.

Intervalo de silêncio — e descanso — ofegante (dois minutos). Volto a “estrangulá-la”. Repete-se a defesa, agora pronta. Repetimos o ciclo mais uma vez e sossegamos ambos — definitivamente.

Explico: “Você se deixou sufocar a vida toda. Deixou-se asfixiar. A posição que você assumiu espontaneamente mostra que você terminou pondo-se do lado do agressor; na verdade, assumindo este papel ante si mesma. “Eles” — certas figuras vagas, encarnação de seu temor — a querem matar, o que é ruim; mas *you* *wants* *to* *be* *murdered* — o que é pior ainda. Melhor morrer como vítima do mundo cruel do que lutar contra “eles”. Melhor ser vítima inocente do que assassino...\_

Esperei. Vi que ela estava compreendendo mas tinha objeções. Tranquila e séria.

— Que acha?

— Nada.

Examino de novo seu pescoço — nuca, esternocleidomastoideo, região submandibular, infra-hióidea. Tudo rígido. Olho para ela meio desorientado. Contava encontrar estas regiões relaxadas.

A custo ela resmoneia:

— “Eles” pensam que vão me estrangular, mas eu sei resistir. “Eles” não conseguirão!

Faz-se luz em meu espírito e retornei veemente:

— Sua bocó! Débil mental! Você não percebe?

— ?

— Você não vê que ao se defender deles, endurecendo o pescoço — para que “eles” não te entremangulem — você está fazendo exatamente o que “eles” querem? Não percebe que no seu orgulho bobo de resistir a “eles” e provar que “eles” não conseguem te suprimir, você estrangula a si mesma e os deixa sem emprego?

— ?

— Meu Deus! Você é uma pasmada sem remédio! Solte essa garganta! (Comecei a ajudá-la passando a mão em seu pescoço, em movimentos mistos de carícia e massagem.) Solte! Respire! *“Eles” são teus músculos contraídos de medo.* Olhe aqui. Veja! Arpejava os esternocleidos e a traqueia. Sente?

— Um pouco.

— Sinta mais, veja, solte.

Ela soltou um pouco mais — não tudo, porém. Pudemos conversar razoavelmente. Entendeu bem o que eu lhe disse. Mas não de todo, pois sua propriocepção — percepção de si — era a coisa mais precária que vi até hoje.

Essa a consulta, bastante fiel no essencial, inclusive quando se refere à minha linguagem desabrida e à “técnica” algo violenta, que lhe fazia bem, quando oportuna.

(Ela precisava perder o medo das atitudes veementes e, como me dissera muitas vezes, eu era seu “espelho”: tudo o que começava a acontecer com ela, ela via primeiro em mim. *Eu* ficava logo “meio esquisito”...)

A ordem dos fatores, quando “explicamos” nossos mal-estares, não raro se decalca sobre a da paciente e é exatamente o contrário da real.

**No caso: “fico com o pescoço duro para que eles não consigam me sufocar”. Realidade: Eles são a tensão dos músculos do pescoço e é esta tensão que a sufoca, chegando inclusive a impedir a fala.**

Muitas e muitas vezes, além destas, lidamos com sua respiração impossível. Vezes sem conta eu a via praticamente imóvel, o corpo inteiro parado e rígido, o tórax duro como uma caixa de madeira. A muito custo e de muitos modos conseguíamos, trabalhando juntos, fazê-la respirar um pouco mais ou um pouco melhor.

Ao longo deste trabalho, frases soltas eram ditas por ela, perguntas soltas eram feitas por mim.

Das muitas conclusões parciais, às quais íamos chegando passo a passo, uma delas foi-se salientando — pouco a pouco. Só pouco a pouco podia a conclusão fazer-se clara, tão estranha era ela, aquela verdade contida nos monossílabos grunhidos, nos olhares desconfiados da paciente, em sua oposição ao próprio respirar.

A conclusão era esta: “Muitas vezes não deixo meu peito livre, porque se eu for apanhada desprevenida, alguma coisa insuflará ar em mim até fazer com que meus pulmões estourem.”

Talvez me seja dado simplificar e esquematizar este caso, excessivamente longo, do seguinte modo.

Todos os movimentos involuntários da paciente — instintivos, reflexos ou automáticos — encontravam mediatamente em sua vontade, na sua capacidade de fazer movimentos intencionais, uma oposição instantânea. A esta oposição instantânea eu chamo de vontade da paciente, não porque ela fizesse o movimento por querer em sentido próprio, mas sim porque seu “eu” sintoniza fácil e prontamente com esta vontade.

Em certos momentos — provavelmente na iminência de explosões emocionais — a respiração da paciente tendia, como a de todos nós,

nestas circunstâncias, a se fazer mais ampla e mais profunda, à custa de processos reflexos bem conhecidos, cujo ponto crítico se encontra em área cerebral pré-frontal.

Esta agitação torácica — assim o fato seria experimentado e sentido pela paciente — assustava demais a paciente, a qual temia, acima de tudo, explodir.

Sim, explodir.

Mas não se trata de uma explosão pulmonar, e sim de uma explosão de ira, de fúria, de destruição, de choro, de desespero ou de fuga desabalada.

A paciente aprendera, por conta própria, e desde muito cedo, a exercer um controle férreo sobre si mesma.

Fossemos nós descrevê-la dentro da tipologia de Jung e na certa a colocaríamos entre os tipos introvertidos acentuados, com predomínio forte da intuição sobre todos os demais processos psicológicos. A intuição introvertida trazia para esta jovem mulher, partindo das pessoas ou de si mesma, impressões estranhíssimas, com as quais desde muito cedo ela não sabia o que fazer. Daí seu controle férreo.

Bem podemos, neste caso, dizer que o espírito da paciente era sua intuição. Bem podemos dizer, havia a paciente treinado a resistência, furiosamente, ao próprio espírito, a bem próprio e alheio.

Sua doença, resultado de uma excessiva oposição a si mesma, estava longe de ser um absurdo — como à primeira vista poderia parecer. Fosse ela dar livre curso às palavras que lhe vinham à mente ao perceber certas coisas em si ou nos outros; fosse ela dar-se livremente aos impulsos que experimentava dentro de certos lugares, ou diante de certos personagens, e ei-la tida, indubitavelmente, como alienada completa.

Teria sido necessário em sua vida um parente de excepcional sensibilidade e rara coragem para que suas manifestações pudessem, de algum modo, ser acolhidas ou compreendidas. Teve um pouco do que precisava — mas não o suficiente.

Posso bem imaginar os pais desta estranhíssima criatura a olharem, perplexos, para a menina capaz de dizer e de fazer coisas tão

inesperadas.

Assim postas as coisas, podemos concluir, retificando a frase da paciente: “Se eu não controlar minha respiração — se eu não contiver meu pulmão — então meu pulmão me fará explodir.”

Esse temor era verdadeiro.

É preciso resistir ao espírito — que sopra onde quer.

(Depois, eu que me arranje como puder!)

O espírito sopra sempre em lugares tão estranhos, em horas tão impróprias — e com que força!

Não pode faltar à nossa explicação quanto já dissemos sobre a inconsciência de todos em matéria de respiração. Não percebendo com clareza seu esforço respiratório, tendendo continuamente a *resistir a ele*, parece-me fácil imaginar pudesse a paciente temer a força do vento (igual e contrária ao esforço continuamente feito por ela).

Contra toda nossa digressão etimológica pode-se levantar objeção parcial de monta.

Valem tais correlações apenas para o português, suas línguas irmãs e sua língua mãe (o latim)?

Passo a palavra a Jung.

“Os nomes dados pelas pessoas à própria experiência não raro se mostram muito reveladores. Qual a origem da palavra *seele*? Como o termo inglês *soul*, provém do gótico *saiwala* e do velho germânico *saiwalo*, relacionando-se ambas, etimologicamente, com o grego *aiolos*, de movimento rápido, veloz, iridescente. O termo grego *psyche* significa também borboleta. *Saiwalo*, de outra parte, liga-se ao velho eslavônico *sila*, isto é, “força” (*strenght*).

Estas correlações lançam luz sobre o sentido original da palavra *soul*: força que move, isto é, força de vida.

As palavras latinas *animus* — espírito — e *anima* — alma, são idênticas ao *anemos* grego — vento. A outra palavra grega para vento, *pneuma*, também significa espírito.

No gótico encontramos a mesma palavra em *us-anan*, soprar, com o equivalente latino *anhelare* — ofegar (*to pani*).

No velho germânico alto, Espírito Santo foi vertido para *atum*, respiro (*breath*).

Em arábico, vento é *rih* e *ruh* é alma, espírito.

A palavra grega *psyche* mostra conexões semelhantes; relaciona-se com *psychein* — respirar, *psychos* — fresco, *psychoros* — frio e *physa* — fole.

Estas conexões mostram claramente como em latim, grego e arábico os nomes dados à alma relacionam-se com a noção de ar em movimento, “o hálito frio dos espíritos”.<sup>20</sup>

## PENSAMENTO DE DESPEDIDA

### SENTIDO UNIVERSAL E SINGULAR DA PALAVRA

Entre palavra e expressão não-verbal vigoram relações de Forma/Fundo. Por isso a palavra pode ser ao mesmo tempo sempre a mesma e sempre diferente; *sempre o mesmo* é seu sentido conforme ele vem definido no dicionário (e enquanto lido por ninguém...); *único*, de acordo com a situação na qual a palavra é dita, de acordo com a pessoa que a diz, de acordo com o modo como ela é dita — tom de voz, sorriso, gesto, olhar, atitude. Por isso, só por isso e só assim a palavra consegue gozar destas propriedades à primeira vista contraditórias: universalidade e singularidade.

O teórico da linguagem erra ao considerar a palavra “em si”. Nenhuma palavra existe em isolamento, sem contexto, sem voz que a diga ou sem consciência que a pense. O mesmo se diga do processo intelectual subjacente à palavra, a abstração. Tampouco esta é perfeita, tampouco esta isola certo objeto ou certo aspecto da

realidade de modo completo. O que de fato se faz, ao abstrair, é colocar mentalmente certo objeto ou certo aspecto da realidade *em outro contexto* ou “fundo”, diferente do usual. Neste contexto novo o objeto abstraído — a ideia — apenas aparece *de outro modo*, certamente em nova função e com outro sentido; mas este sentido é tão relativo quanto o original, tão dependente do novo contexto (outras palavras) como o anterior dependia das coisas próximas.

Para ilustrar estas considerações assim como para aprofundá-las, proponho dois modelos experimentais.

Tomemos de uma palavra ou de uma frase e escrevamo-la com diferentes tipos, tamanhos e cores de letras; estas variáveis estão em correspondência com os elementos para-verbais da palavra. Coloquemos depois esta palavra ou frase em posições diferentes sobre o plano de uma folha de papel e variemos também a esta no tamanho, na forma, na cor; teremos deste modo um análogo da situação, assim como — literalmente — da “posição” da palavra nesta situação.

O outro modelo refere-se à interpretação de desenhos. Trata-se de colocar a mesma figura, mas com dimensões variáveis, em vários lugares de uma cena; subsequentemente, em várias cenas.



## **O MÁGICO E O LÓGICO**

Pensamento mágico é o pensamento antiestatístico.

Na maior parte das vezes, quando dizemos que algo é lógico, racional, real ou objetivo, estamos apenas afirmando que o objeto ou o processo ao qual nos referimos é o mais frequente.

Podemos afirmar, tomando como base verificações cuidadosas e bem quantificadas, como se faz em trabalhos científicos, como podemos — e mais vezes este é o caso — estar nos referindo seja ao que todo mundo faz ou diz, seja à nossa experiência pessoal. Mas subsiste a noção: sensato e racional é o mais frequente.

O lógico é o preponderante, o mais comum, o usual, o conhecido.

Já vimos bem: lógico é o re-conhecido, aquilo que se conhece *outra* vez, o que se repete. Quanto mais conhecido, mais repetido e vice-versa.

Com a repetição, o conhecido passa a hábito e o mais frequente se faz estrutura. É sobre esta estrutura ou contra este fundo que o novo surge enquanto novo. Só em função do conhecido ele pode ser de algum modo reconhecido...

Mágico é o contrário do estatístico; pensamento mágico é o oposto do pensamento lógico, pelo método da negação da tese.

O indivíduo e o momento, enquanto únicos, imprevisíveis ou inesperados, são o antilógico por excelência.

Neste sentido, só o mágico é real...

Só se alcança alguma medida da própria individualidade enquanto se consegue deixar de ser lógico.

O indivíduo — criador do novo — posto ante o momento — o novo pronto a acontecer — só ele faz a tessitura concreta do universo e só ele é a realidade primeira.

## **DIALÉTICA ESSENCIAL**

Talvez o processo dialético fundamental do homem e, portanto, do universo conhecido seja o solilóquio. Falar sozinho talvez seja dialogar com o universo — literalmente.

Assim: como para todos os animais, o comportamento humano é regido pela percepção de diferenças que atuam como sinais. Mas além das

diferenças que atuam sobre todos os animais, atuam sobre o homem as diferenças que ele mesmo inventa e propõe — os símbolos propriamente ditos. Para todos os seres vivos o mundo é um conjunto de sinais: para o homem o mundo é um conjunto de sinais mais um conjunto de símbolos. Dizer que o homem é um animal simbólico define muito bem a essência deste animal tão peculiar. Animal simbólico quer dizer animal que *é* símbolo — algo sem nenhum sentido inerente e por isso capaz de significar tudo, bastante indeterminado para se fazer todas as coisas, capaz de tudo transformar realizando os símbolos que concebe — sinais das coisas por vir — e depois vendo, no símbolo já feito coisa, um novo símbolo...

O homem: promessa pura, sempre promessa, nada mais que promessa.

O homem é o mais analítico e o mais discriminativo dos seres conhecidos; o mais capaz de diferenciar-se ilimitadamente, o mais sensível às diferenças dos fatos entre si e das coisas entre si.

Mais: a palavra, apanágio exclusivo desta promessa sem fim, só pode ser usada quando se refere a coisas ou processos sensivelmente iguais ou muito semelhantes; caso contrário ela não teria sentido. A palavra só serve e só pode servir para caracterizar regularidades, constâncias, repetições. Portanto, tudo quanto pode ser posto em palavras — filosofia, ciência, razão, lógica — *é extrato do contrário das diferenças* > às quais o homem é tão sensível.

Ao se definir o homem perde-se.

Mas logo se encontra, em nova diferença percebida, estímulo para a formação de outro símbolo, semente de um novo mundo. Às vezes ele percebe a diferença no instante seguinte, às vezes um milênio depois. Que importa? Ele não caminha sempre? Um dia chegará.

Quando e enquanto diferenças e semelhanças brincam dentro de nós, nós falamos sozinhos. Cada semelhança é uma palavra. Logo o “outro” aponta uma diferença. O outro, isto é, as coisas, o mundo, a experiência prévia, o agora, as vísceras, as estreias, o mar, as flores, principalmente o outro...

O diálogo é eterno.

Mas não façamos confusão.

O mundo é igual, eu sou a diferença.

O mundo é a palavra, eu sou o silêncio.

Se for assim, então sou eu.

Se for ao contrário, então sou mundo.

O melhor é alternar — dançar.

“Eu sou o Verbo, que dançando e brincando fez todas as coisas. Aquele que não dançar não saberá o que está sendo feito.”<sup>21</sup>

\* \* \*

NOTA: Se o leitor gostou de Jorge e quiser saber mais sobre ele, inclusive esclarecimentos sobre numerosos detalhes aqui registrados sem explicação — procure “O Corpo e a Terra”, estudo nosso publicado na *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, n.ºs 1, 2, 3 de jan.-set.; 1961, ano VII. págs. 211 a 346.

## Notas

[←1]

Ver *Casos Clínicos*, cap. IV, pág. 279.

[←2]

Ver cap. V, "Etimologia".

[←3]

E. Fromm, *La mission de Sigmund Freud*, Fondo de Cultura Económica, México — B. Ayres, 1960, pág. 27 e segs.

[←4]

*Reich speaks of Freud*, editado por M. Higgins e C. M. Raphael, Noonday Press, N. Iorque, 1967.

O livro é em forma de diálogo e modificamos ligeiramente o estilo e a ordem a fim de não precisar incluir material demasiado e inoportuno.



[←5]

Ver *Casos Clínicos*, cap. IV, pág. 279.

[←6]

Ver *Casos Clínicos*, cap. IV, pág. 248.

[←7]

*Memories, dreams, and reflections of C. G. Jung*, recorded and edited by Aniela Jaffe  
(Collins and Routledge & Kegan Paul, London, 1963).

[←8]

Numinoso — termo de Rudolph Otto (em *Ideia do Sagrado*), para o inexprimível, misterioso e assustador diretamente experimentado e pertencendo apenas à divindade (do “Dicionário” contido no mesmo livro de Jung).

[←9]

Ver cap. V, “Etimologia”, pág. 392.

[←10]

Ver *Casos Clínicos*, cap. IV Pág. 337.

[←11]

Ver Cap. V, “Etimologia”, pág. 356.

[←12]

*Histologia*, Edição Guanabara Kogan S.A., Rio de Janeiro, 1967, páginas 704 e seguintes.



[←13]

*Physiologia Aplicada* (Patologia Funcional, S. Wright, Ed. M. Marin, Barcelona, 1956).

[←14]

*El Psiquismo Fetal*, A. Rascovsky, Ed. Paidós, B. Ayres, 1960.

[←15]

Ver Capítulo V, “Etimologia”, onde consta um resumo do caso. O caso completo está na *Revista de Psicologia Normal e Anormal*, nº 3/4, de jun./dez. de 1955 e nº 1, de jan./mar. de 1956: Interpretação Psicofisiológica do símbolo “Água”.

[←16]

V. cap. V, “Epidemiologia”, pág. 392.

[←17]

A. Koestler, *The Act of creation*, Laurel Edition, 1967, N. York.

[←18]

*Sangue sem Dono*, Carmem da Silva — Ed. Civ. Bras. S. A., 1964, Rio de Janeiro, págs. 6-7.

[←19]

Este caso, estudado com maior amplitude, foi publicado na *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, Ano I, julho, 10 de 1955, vols. 3-4, págs. 490-503 e Ano II, jan.-março, 1956, vol. I, págs. 76-102, “Interpretação Psicofisiológica do Símbolo “Água”.

[←20]

VIII Volume dos *Collected Works* de C. G. Jung, 1.<sup>a</sup> Edição, página 345, § 663-4, Rutledge and Kegan Paul, Londres, 1960.



[←21]

De um Evangelho Apócrifo, em *Mysticism*, E. Underhill, E. Noonday Press, N. York, 1955, pág. 234, em rodapé.